



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

ZORAIDE MAGALHÃES FELÍCIO

ENTRE O GALEGO E O PORTUGUÊS BRASILEIRO:
O LÉXICO DA MARGEM DO RIO GRANDE NA REGIÃO OESTE DA BAHIA

CUIABÁ
2025

ZORAIDE MAGALHÃES FELÍCIO

ENTRE O GALEGO E O PORTUGUÊS BRASILEIRO:
O LÉXICO DA MARGEM DO RIO GRANDE NA REGIÃO OESTE DA BAHIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos de Linguagem na área de Concentração de Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida

Cuiabá
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

F314e Felício, Zoraide Magalhães.

Entre o galego e o português brasileiro: [recurso eletrônico] : o léxico da margem do rio Grande na região oeste da Bahia. / Zoraide Magalhães Felício. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 460 f., pdf). -- 2025.

Orientador: Manoel Mourivaldo Santiago Almeida.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Cuiabá, 2025.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Galego. 2. Português brasileiro. 3. Léxico. 4. Dialectologia Pluridimensional Dimensional. 5. Variação linguística. I. Almeida, Manoel Mourivaldo Santiago, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: ENTRE O GALEGO E O PORTUGUÊS BRASILEIRO: O LÉXICO DA MARGEM DO RIO GRANDE NA REGIÃO OESTE DA BAHIA

AUTORA: DOUTORANDA ZORAIDE MAGALHÃES FELÍCIO

Tese defendida e aprovada em 17 de dezembro de 2025.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. DOUTOR MANOEL MOURIVALDO SANTIAGO ALMEIDA (PRESIDENTE BANCA/ORIENTADOR)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT

2. DOUTOR LUCAS SANTOS CAMPOS (MEMBRO EXTERNO)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB

3. DOUTORA MARIA CÂNDIDA TRINDADE COSTA DE SEABRA (MEMBRO EXTERNO)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

4. DOUTORA MARIA JOSÉ BASSO MARQUES (MEMBRO EXTERNO)

INSTITUIÇÃO: SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO – SEDUC/MT

5. DOUTORA MARIA DO SOCORRO VIEIRA COELHO (MEMBRO EXTERNO)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES

6. DOUTORA CAROLINA AKIE OCHIAI SEIXAS LIMA (SUPLENTE)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT

7. LÍVIA CAROLINA BAENAS BARIZON (SUPLENTE)

INSTITUIÇÃO: COOPERATIVA EDUCACIONAL DE LENÇÓIS PAULISTA - COOPERELP

Cuiabá-MT, 17 de dezembro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Usuário Externo**, em 18/12/2025, às 18:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Santos Campos, Usuário Externo**, em 18/12/2025, às 20:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cândida SEABRA registrado(a) civilmente como MARIA CANDIDA TRINDADE COSTA DE SEABRA, Usuário Externo**, em 19/12/2025, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DO SOCORRO VIEIRA COELHO, Usuário Externo**, em 19/12/2025, às 13:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria José Basso Marques, Usuário Externo**, em 19/12/2025, às 14:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **8754783** e o código CRC **3800E157**.

À minha mãe e a todas as mulheres de minha família que vieram antes de mim e que, com suas lutas cotidianas, abriram caminho para que eu trilhasse um percurso diferente do delas.

A meu pai João Felício, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela saúde, força, sabedoria e persistência para concluir este trabalho.

Aos meus anjos de luz, pela presença constante em todos os momentos.

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pela licença concedida para fazer o doutoramento;

A Jacques, por tudo que é impossível enumerar.

A Gustavo e Samuel, por tudo o que me ensinam todos os dias;

A Ros'elles Magalhães Felício, leitora desta tese desde sempre.

Aos meus irmãos, sobrinhos e cunhadas pela atenção, carinho e torcida.

Aos alunos e ex-alunos, minha gratidão pelas trocas.

À Dona Ezir Magalhães Pinto pelas orações diárias.

Ao Professor Doutor Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida pela orientação desta tese e pelo constante incentivo;

Às Professoras Doutoras Maria Cândida Costa Trindade de Seabra, Maria do Socorro Vieira Coelho, Maria José Basso Marques, Livia Carolina Baenas Barizon e Carolina Akie Ochiai Seixas Lima e ao Professor Doutor Lucas Campos, por aceitarem constituir a banca examinadora.

Às colegas e amigas Adriana Aparecida da Silva e Priscila Ferreira Alécio, pelas trocas acadêmicas e afetivas durante as aulas do doutorado e durante a escrita deste texto;

Aos informantes de Angical, Barra, Barreiras, Cotegipe e Santa Rita de Cássia, pela receptividade e empatia durante as entrevistas.

À Telma Rocha dos Santos, Eliana Guedes Fernandes, Diolindo Romeiro Rabelo, Creuza Magalhães da Silva, Dejailson Batista de Oliveira e Marizete Teixeira de Araújo, anjos colocados no caminho para mediar o contato entre a pesquisadora e os informantes.

Ao Professor Rodrigo dos Santos Ferreira, pelo auxílio tecnológico de sempre.

À Jessica dos Santos Cavalcante, pela atenção e auxílio constantes.

Ao Matheus Ricardo Bárbaro Ribeiro, pela construção do mapa da rede de pontos investigada.

Ao Professor Thiago Alves França, por assumir minhas disciplinas na UNEB, para que eu pudesse cursar o doutorado.

Ao colegiado de Letras da Uneb, Campus IX, na pessoa da professora Erica Neitzke, pelo auxílio e zelo de sempre.

À região oeste da Bahia, em especial a Barreiras, pela acolhida afetuosa há 29 anos;
À minha cidade, Coração de Jesus (MG), para onde sempre volto com sede de suas
águas.

Aos colegas e amigos barreirenses, por tudo.

[...] A parteira espera sem pressa, espera sem fazer esforço; espera como quem espera a primavera apesar do outono que envelhece; espera sem forçar a barra (encontro do rio Grande com o rio São Francisco em Barra); sem querer usar a força do fórceps; sem querer meter os pés pelas mãos (as águas claras e barrentas dos rios não se misturam) sem querer ser, sendo, entretanto, de uma multidão sua mãe de criação (Nascimento, [2022?], p. 74).

RESUMO

A origem românica comum do galego e do português brasileiro facilita a realização de um estudo lexical envolvendo essas duas línguas. Com base nessa premissa, desenvolve-se a presente tese cujo objetivo geral é apontar características semântico-lexicais compartilhadas entre lexias galegas e as coletadas no português brasileiro falado na região oeste da Bahia. Nesse sentido, busca-se analisar aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias registradas no Atlas Linguístico Galego (ALGa), volume VII, “O ser humano II”, e as unidades lexicais coletadas no português falado no oeste baiano, para identificar tendências ou de manutenção ou de desuso dessas lexias. A pesquisa aborda as seguintes questões norteadoras: se os falantes da região oeste da Bahia utilizam lexias registradas no galego; se as lexias galegas usadas nessa região estão dicionarizadas, ou podem ser consideradas neológicas; quais outras variantes lexicais, além das galegas, são empregadas pelos falantes locais; qual a influência das dimensões diatópica, diageracional, diastrática e diassexual na utilização das lexias galegas e de suas variantes; e quais fatores influenciam a manutenção ou o desuso dessas lexias. A metodologia inclui, além das pesquisas bibliográfica, documental, qualitativa e quantitativa, abordagens teórico-metodológicas que abarcam a Dialectologia Pluridimensional e Relacional e da Lexicologia. A coleta de dados se faz por meio de um questionário semiestruturado semântico-lexical composto por 122 questões aplicadas a informantes residentes nos municípios de Angical, Barra, Barreiras, Cotegipe e Santa Rita, situados na bacia do Rio Grande e integrantes da rede de pontos pesquisada. Oito informantes de cada localidade participam da pesquisa, totalizando quarenta participantes. A análise considera as categorias–dimensões pluridimensionais diageracional, diassexual, diastrática e diatópica. Os resultados confirmam, por um lado, um léxico patrimonial comum de 61% entre o galego e o português brasileiro, e por outro revelam que os conjuntos de lexias estabilizadas, com tendência à manutenção e em processo de estabilização representam 64,5% do total, em contraste com 30% das lexias com tendência de desuso. As lexias com baixa frequência de uso somaram 5,5%. A partir desses achados conclui-se que tanto jovens quanto idosos da região oeste da Bahia utilizam lexias comuns aos sistemas galego e português brasileiro, sendo a manutenção dessas formas observada entre homens e mulheres.

Palavras-chave: galego; português brasileiro; léxico; dialectologia pluridimensional; variação linguística.

ABSTRACT

The common Romance origin of Galician and Brazilian Portuguese facilitates the development of a lexical study involving these two languages. Based on this premise, the present dissertation aims to identify shared semantic-lexical characteristics between Galician lexemes and those collected from the Brazilian Portuguese spoken in the western region of Bahia. In this regard, the study seeks to analyze common semantic-lexical aspects between the lexemes recorded in the Atlas Lingüístico Galego (ALGa), Volume VII, within the semantic field “The Human Being II,” and the lexical units collected from the Portuguese spoken in western Bahia, in order to identify tendencies toward either maintenance or disuse of these lexemes. The research addresses the following guiding questions: whether speakers in western Bahia use lexemes recorded in Galician; whether the Galician lexemes used in this region are included in dictionaries or may they be considered neologisms; which other lexical variants local speakers use, besides the Galician ones; what influence the diatopic, diagerational, diastratic, and diasexual dimensions exert on the use of Galician lexemes and their variants; and which factors contribute to the maintenance or disuse of these lexical forms. The methodology includes bibliographic, documentary, qualitative, and quantitative research, as well as theoretical and methodological approaches encompassing Pluridimensional and Relational Dialectology and Lexicology. To collect data we use a semistructured semantic-lexical questionnaire consisting of 122 questions administered to informants residing in the municipalities of Angical, Barra, Barreiras, Cotegipe, and Santa Rita—located in the Rio Grande basin and forming part of the surveyed network. Eight informants from each locality participated, totaling forty participants. The analysis considers the pluridimensional diagerational, diasexual, diastratic, and diatopic dimensions. The results, on the one hand, confirm a shared lexical heritage of 61% between Galician and Brazilian Portuguese; on the other, reveal that the sets of stabilized lexemes—those tending toward maintenance or in the process of stabilization—represent 66% of the total, compared with 30% of lexemes showing a tendency toward disuse. Low- frequency lexemes represent 5,5%. These findings lead to the conclusion that both younger and older speakers in western Bahia use lexemes common to the Galician and Brazilian Portuguese systems, with the maintenance of these forms observed among both men and women.

Keywords: galician, Brazilian Portuguese, lexicon, multidimensional dialectology, linguistic variation

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparação entre as línguas indo-europeias	33
Quadro 2 - As famílias linguísticas proto-indo-europeia	34
Quadro 3 - Dimensões e parâmetros da Dialectologia Pluridimensional e Relacional.....	76
Quadro 4 - Dimensões e parâmetros pluridimensionais considerados nesta tese.....	83
Quadro 5 - Descrição dos grupos de informantes.....	102
Quadro 6 - Ficha dos informantes	103
Quadro 7 - Modelo de planilha de dados de pesquisa	106
Quadro 8 - Modelo da ficha lexicográfica.....	107
Quadro 9 - Fontes Lexicográficas consultadas.....	108
Quadro 10 - Modelo da ficha lexicográfica preenchida	110
Quadro 11 - Campo semântico: A Família	115
Quadro 12 - Campo semântico: A vida em sociedade	118
Quadro 13 - Campo semântico: As ocupações e os ofícios.....	120
Quadro 14 - Ficha lexicográfica 1 - lexia ‘ família’	121
Quadro 15 - Ficha lexicográfica 2 - lexia ‘parente’.....	121
Quadro 16 - Ficha lexicográfica 3 - lexia ‘antepassados’	122
Quadro 17 - Ficha lexicográfica 4 - lexia ‘esposa’.....	122
Quadro 18 - Ficha lexicográfica 5 - lexia ‘esposo’	123
Quadro 19 - Ficha lexicográfica 6 - Lexia ‘pai’	123
Quadro 20 - Ficha lexicográfica 7 - lexia ‘madrasta’	124
Quadro 21 - Ficha lexicográfica 8 - lexia ‘padrasto’	124
Quadro 22 - Ficha lexicográfica 9 - lexia complexa ‘filho mais velho’	125
Quadro 23 - Ficha lexicográfica 10 - lexia complexa ‘filho mais novo’.....	125
Quadro 24 - Ficha lexicográfica 11 - lexia complexa ‘filho de mãe solteira’	126

Quadro 25 - Ficha lexicográfica 12 - lexia ‘órfão’	126
Quadro 26 - Ficha lexicográfica 13 - lexia ‘irmã’	127
Quadro 27 - Ficha lexicográfica 14 - lexia ‘irmão’	127
Quadro 28 - Ficha lexicográfica 15 - lexia composta ‘meia irmã’	128
Quadro 29 - Ficha lexicográfica 16 - lexia composta ‘meio irmão’	128
Quadro 30 - Ficha lexicográfica 17 - lexia ‘tataravô’	129
Quadro 31 - Ficha lexicográfica 18 - lexia ‘avô’	129
Quadro 32 - Ficha lexicográfica 19 - lexia composta ‘tio-avô’	130
Quadro 33 - Ficha lexicográfica 20 - lexia ‘neto’	130
Quadro 34 - Ficha lexicográfica 21 - lexia ‘tio’	131
Quadro 35 - Ficha lexicográfica 22 - lexia ‘sobrinho’	131
Quadro 36 - Ficha lexicográfica 23 - lexia ‘sobrinha’	132
Quadro 37 - Ficha lexicográfica 24 - lexia composta ‘primo segundo’	132
Quadro 38 - Ficha lexicográfica 25 - lexia ‘nora’	133
Quadro 39 - Ficha lexicográfica 26 - lexia ‘genro’	133
Quadro 40 - Ficha lexicográfica 27 - lexia ‘sogro, sogra’	134
Quadro 41 - Ficha lexicográfica 28 - lexia ‘compadre, comadre’	134
Quadro 42 - Ficha lexicográfica 29 - lexia ‘madrinha’	135
Quadro 43 - Ficha lexicográfica 30 - lexia ‘padrinho’	135
Quadro 44 - Ficha lexicográfica 31 - lexia ‘afilhado’	136
Quadro 45 - Ficha lexicográfica 32 - lexia ‘noivo, noiva’	136
Quadro 46 - Ficha lexicográfica 33 - lexia ‘enxoval’	137
Quadro 47 - Ficha lexicográfica 34 - lexia ‘dote’	137
Quadro 48 - Ficha lexicográfica 35 - lexia ‘casar’	138
Quadro 49 - Ficha lexicográfica 36 - lexia ‘amigados’	138
Quadro 50 - Ficha lexicográfica 37 - lexia ‘pessoas’	139
Quadro 51 - Ficha lexicográfica 38 - lexia ‘vizinho’	139

Quadro 52 - Ficha lexicográfica 39 - lexia ‘pobre’	140
Quadro 53 - Ficha lexicográfica 40 - lexia ‘mendigo’	140
Quadro 54 - Ficha lexicográfica 41 - lexia ‘esmola’	141
Quadro 55 - Ficha lexicográfica 42 - lexia ‘rico’	141
Quadro 56 - Ficha lexicográfica 43 - lexia ‘roubo’	142
Quadro 57 - Ficha lexicográfica 44 - lexia ‘ladroa’	142
Quadro 58 - Ficha lexicográfica 45 - lexia ‘ladrão’	143
Quadro 59 - Ficha lexicográfica 46 - lexia ‘trabalhar’	143
Quadro 60 - Ficha lexicográfica 47 - lexias ‘ajudar, acudir, socorrer’	144
Quadro 61 - Ficha lexicográfica 48 - lexia ‘acólito’	145
Quadro 62 - Ficha lexicográfica 49 - lexia ‘sacristão’	145
Quadro 63 - Ficha lexicográfica 50 - lexia ‘tenente’	146
Quadro 64 - Ficha lexicográfica 51 - lexia ‘parteira’	146
Quadro 65 - Ficha lexicográfica 52 - lexia ‘médico’	147
Quadro 66 - Ficha lexicográfica 53 - lexia ‘curandeiro’	147
Quadro 67 - Ficha lexicográfica 54 - lexia ‘capador’	148
Quadro 68 - Ficha lexicográfica 55 - lexia ‘vaqueiro’	148
Quadro 69 - Ficha lexicográfica 56 - lexia ‘capataz’	149
Quadro 70 - Ficha lexicográfica 57 - lexia ‘lavrador’	149
Quadro 71 - Ficha lexicográfica 58 - lexia ‘peão’	150
Quadro 72 - Ficha lexicográfica 59 - lexia ‘carpinteiro’	150
Quadro 73 - Ficha lexicográfica 60 - lexia ‘fiadeira’	151
Quadro 74 - Ficha lexicográfica 61 - lexia ‘tecedeira’	151
Quadro 75 - Ficha lexicográfica 62 - lexia ‘costureira’	152
Quadro 76 - Ficha lexicográfica 63 - lexia ‘sapateiro’	152
Quadro 77 - Ficha lexicográfica 64 - lexia ‘cesteiro’	153
Quadro 78 - Ficha lexicográfica 65 - lexia ‘telheiro’	153

Quadro 79 - Ficha lexicográfica 66 - lexia ‘carreteiro’	154
Quadro 80 - Ficha lexicográfica 67 - lexia ‘gaiteiro’	154
Quadro 81 - Ficha lexicográfica 68 - lexia ‘ferreiro’	155
Quadro 82 - Ficha lexicográfica 69 - lexia ‘ferrador’	155
Quadro 83 - Ficha lexicográfica 70 - lexia ‘lenhador’	156
Quadro 84 - Ficha lexicográfica 71 - lexia ‘toneleiro’	156
Quadro 85 - Ficha lexicográfica 72 - lexia ‘afiador’	157
Quadro 86 - Ficha lexicográfica 73 - lexia ‘pescador’	157
Quadro 87 - Ficha lexicográfica 74 - lexia ‘caçador’	158
Quadro 88 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 04	167
Quadro 89 - Respostas por insistência e por sugestão à questão 09.....	174
Quadro 90 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 10	180
Quadro 91 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 11	191
Quadro 92 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 19	200
Quadro 93 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 24	208
Quadro 94 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 40	218
Quadro 95 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 42	225
Quadro 96 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 51	232
Quadro 97 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 55	240
Quadro 98 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 60	248
Quadro 99 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 65	255
Quadro 100 - Repostas por insistência e respostas por sugestão à questão 67.....	264
Quadro 101 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 18	272
Quadro 102 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 59	279
Quadro 103 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 66	289
Quadro 104 - Repostas por insistência e por sugerência à questão 03	298
Quadro 105 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 05	305

Quadro 106 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 17	312
Quadro 107 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 33	320
Quadro 108 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 34	330
Quadro 109 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 46	338
Quadro 110 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 53	346
Quadro 111 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 54.....	354
Quadro 112 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 56	362
Quadro 113 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 61	371
Quadro 114 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 08	377
Quadro 115 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 28	383
Quadro 116 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 35	391
Quadro 117 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 39	401
Quadro 118 - Distribuição de respostas espontâneas iguais ao ALGa	404
Quadro 119 - Respostas espontâneas, por insistência e por sugestão.....	413

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Hispânia com as províncias de Citerior e Ulterior de 197 a.C.....	36
Mapa 2 - Subdivisão da Hispânia	37
Mapa 3 - Organização Provincial da Hispânia durante a Romanização.....	37
Mapa 4 - Península Ibérica	39
Mapa 5 - A rede de pontos pesquisada	53

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Exemplo da cartografia linguística do ALGa - A.....	47
Imagem 2 - Exemplo da cartografia linguística do ALGa - B.....	48
Imagem 3 - Espaço variacional e disciplinas da variação	73
Imagem 4 - O sistema em cruz proposto por Thun (2010).....	85
Imagem 5 - Sistema, Norma e Fala	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Surgimento das localidades investigadas na pesquisa	54
Tabela 2 - Questão 04 : Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional.....	164
Tabela 3 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 04.	166
Tabela 4 - Questão 09: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional.....	171
Tabela 5 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 09	173
Tabela 6 - Questão 10: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia, conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional.....	178
Tabela 7 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 10.	178
Tabela 8 - Questão 11: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional.....	185
Tabela 9 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 11	189
Tabela 10 - Questão 19: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	196
Tabela 11 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 19	198
Tabela 12 - Questão 24: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	205
Tabela 13 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 24	207
Tabela 14 - Questão 40: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	214
Tabela 15 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 40	216
Tabela 16 - Questão 42: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	223
Tabela 17 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 42	224
Tabela 18 - Questão 51: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	230

Tabela 19 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 51	231
Tabela 20 - Questão 55: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional	237
Tabela 21 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 55	238
Tabela 22 - Questão 60: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional	244
Tabela 23 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 60	246
Tabela 24 - Questão 65: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional	252
Tabela 25 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 65	253
Tabela 26 - Questão 67 - Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional	261
Tabela 27 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 67	262
Tabela 28 - Questão 18: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional	269
Tabela 29 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 18	270
Tabela 30 - Questão 59: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional	276
Tabela 31 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 59	277
Tabela 32 - Questão 66: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional	285
Tabela 33 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 66	287
Tabela 34 - Questão 03: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional	294
Tabela 35 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 03	296

Tabela 36 - Questão 05: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	302
Tabela 37 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 05	304
Tabela 38 - Questão 17: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	309
Tabela 39 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 17	310
Tabela 40 - Questão 39: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	317
Tabela 41 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 33	319
Tabela 42 - Questão 34 - lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	326
Tabela 43 - Questão 46 - Tabela 42 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 46.....	335
Tabela 44 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 46	336
Tabela 45 - Questão 53: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional.....	343
Tabela 46 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 53	344
Tabela 47 - Questão 54:lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	351
Tabela 48 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 54	352
Tabela 49 - Questão 56: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	360
Tabela 50 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 56	361
Tabela 51 - Questão 61: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional.....	368
Tabela 52 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 61	369

Tabela 53 - Questão 08: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional.....	375
Tabela 54 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 8376	
Tabela 55 - Questão 28: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional.....	381
Tabela 56 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 28	382
Tabela 57 - Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme a e dimensão diassexual (M – F), a dimensão diastrática (Ca - Cb) e a dimensão diageracional (GI - G II) e a questão 35	389
Tabela 58 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 35	390
Tabela 59 - Questão 39 – Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional.....	397
Tabela 60 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 39	399
Tabela 61 - Distribuição Percentual das Respostas Espontâneas com alta frequência de uso	406
Tabela 62 - Distribuição Percentual das Respostas Espontâneas com baixa frequência de uso	407
Tabela 63 - As lexias pesquisadas, a frequência de uso da GI e GII e tendência	419

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Registro das lexias nos dicionários consultados	158
Gráfico 2 - Ocorrências das variantes para a Questão 4: Como se denomina a pessoa do sexo feminino com quem o homem está casado?	163
Gráfico 3 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 4: Como se denomina a pessoa do sexo feminino com quem o homem está casado?	163
Gráfico 4 - Ocorrências das variantes para a Questão 9: Como se denomina o filho mais velho de um casal, ou o que nasceu primeiro?	170
Gráfico 5 - Dimensão diatópica e a Questão 9: Como se denomina o filho mais velho de um casal, ou o que nasceu primeiro?	170
Gráfico 6 - Ocorrências das variantes para a Questão 10: Como se denomina o filho mais novo de um casal?.....	177
Gráfico 7 - A dimensão diatópica e a Questão 10: Como se denomina o filho mais novo de um casal?	177
Gráfico 8 - Ocorrências das variantes para a Questão 11: Como se denomina o filho de mãe solteira?.....	183
Gráfico 9 - A dimensão diatópica e a Questão 11: Como se denomina o filho de mãe solteira?	184
Gráfico 10 - Ocorrências das variantes para a questão 19: Como se denomina qualquer irmão de um avô?.....	194
Gráfico 11 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 19: Como se denomina qualquer irmão de um avô?	195
Gráfico 12 - Ocorrências das variantes para a Questão 24: Como você denomina os filhos dos primos de um pai ou de uma mãe? Também se aplica aos filhos dos tios e tias da mãe ou do pai.	203
Gráfico 13 - A dimensão diatópica e a Questão 24: Como você denomina os filhos dos primos de um pai ou de uma mãe? Também se aplica aos filhos dos tios e tias da mãe ou do pai. ..	204
Gráfico 14 - Ocorrências das variantes para a questão 40:.....	211
Gráfico 15 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 40: Como é o nome que é dado a alguém que pede comida para viver?	212
Gráfico 16 - Ocorrências das variantes para a questão 42: Como se denomina a pessoa que possui muito dinheiro e muitos bens?	221
Gráfico 17 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 42: Como se denomina a pessoa que possui muito dinheiro e muitos bens?	222

Gráfico 18 - Ocorrências das variantes para a questão 51: Como se denomina a pessoa do sexo 227	227
Gráfico 19 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 51: Como se denomina a pessoa do sexo feminino que faz parto sem ter estudado para isso? 228	228
Gráfico 20 - Ocorrências das variantes para a questão 55: Como se denomina o cuidador de gado bovino? 234	234
Gráfico 21 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 55: Como se denomina o cuidador de gado bovino?.....235	235
Gráfico 22 - Ocorrências das variantes para a Questão 60: Como se denomina a mulher que se dedica a fiar?.....243	243
Gráfico 23 - Dimensão diatópica e a Questão 60: Como se denomina a mulher que se dedica a fiar? 243	243
Gráfico 24 - Ocorrências das variantes para a Questão 65: Como se denomina a pessoa que faz telhas? 251	251
Gráfico 25 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 65: Como se denomina a pessoa que faz telhas? 252	252
Gráfico 26 - Ocorrências das variantes para a questão 67: Como se denomina a pessoa que toca gaita?.....258	258
Gráfico 27 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 67: Como se denomina a pessoa que toca gaita?.....259	259
Gráfico 28 - Ocorrências das variantes para a Questão 18: Como você denomina o pai de qualquer um pai ou mãe?.....267	267
Gráfico 29- Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 18: Como você denomina o pai de qualquer um pai ou mãe? 268	268
Gráfico 30 - Ocorrências das variantes para a Questão 59: Como se denomina a pessoa que trabalha com madeira tanto na construção civil como na fabricação de móveis? 274	274
Gráfico 31 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 59: Como se denomina a pessoa que trabalha com madeira tanto na construção como na fabricação de móveis?.....275	275
Gráfico 32 - Ocorrências das variantes para a Questão 66: Como se denomina a pessoa que trabalha fazendo transporte de cargas para outras pessoas? 282	282
Gráfico 33 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 66: Como se denomina a pessoa que trabalha fazendo transporte de cargas para outras pessoas?.....283	283
Gráfico 34 - Ocorrências das variantes para a Questão 3: Como se denominam familiares de uma pessoa que viveram num tempo passado? 292	292

Gráfico 35 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 3: Como se denominam os familiares de uma pessoa que viveram num tempo passado?	293
Gráfico 36 - Ocorrências das variantes para a Questão 5: Como se denomina a pessoa do sexo masculino com quem a mulher está casada?	301
Gráfico 37 - A dimensão diatópica e Questão 05: Como se denomina a pessoa do sexo masculino com quem a mulher está casada?.....	301
Gráfico 38 - Ocorrências das variantes para a Questão 17: Como você denomina o pai de um bisavô ou de uma bisavó?.....	308
Gráfico 39 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 17: Como você denomina o pai de um bisavô ou de uma bisavó?	308
Gráfico 40 - Ocorrências das variantes para a questão 33: Como você denomina o conjunto de roupas e complementos necessários que os noivos organizam quando se casam?	315
Gráfico 41 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 33: Como você chama o conjunto de roupas e complementos necessários que os noivos organizam quando se casam?	316
Gráfico 42 - Ocorrências das variantes para a questão 34: Como você chama o conjunto de bens ou dinheiro que, ao casar a família da mulher oferece para o casal?	323
Gráfico 43 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 34: Como você chama o conjunto de bens ou dinheiro que, ao casar a família da mulher oferece para o casal?	324
Gráfico 44 - Ocorrências das variantes para a questão 46: Como se denomina a ação de você desenvolver uma atividade que requer esforço com o objetivo de produzir algo ou de conseguir um resultado determinado?.....	333
Gráfico 45 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 46: Como se denomina a ação de você desenvolver uma atividade que requer esforço com o objetivo de produzir algo ou de conseguir um resultado determinado?	334
Gráfico 46 - Ocorrências das variantes para a questão 53: Como se denomina a pessoa que se dedica a curar doenças de outros sem ser médico?	341
Gráfico 47 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 53: Como se denomina a pessoa que se dedica a curar doenças de outros sem ser médico?.....	341
Gráfico 48 - Ocorrências das variantes para a questão 54: Como se denomina a pessoa que capta animal?	349
Gráfico 49- Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 54: Como se denomina a pessoa que capta animal?.....	350
Gráfico 50 - Ocorrências das variantes para a questão 56: Como se denomina a pessoa que comanda um grupo de trabalhadores numa fazenda?	357

Gráfico 51- Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 56: Como se denomina a pessoa que comanda um grupo de trabalhadores numa fazenda?	358
Gráfico 52 - Ocorrências das variantes para a Questão 61: Como se denomina a pessoa que tece ou faz peças de roupas tecidas?	365
Gráfico 53- Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 61: Como se denomina a pessoa que tece ou faz peças de roupas tecidas?	366
Gráfico 54 - Ocorrências das variantes para a Questão 8: Como se denomina o homem que não é pai biológico dos filhos de sua mulher?.....	374
Gráfico 55 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 8: Como se denomina o homem que não é pai biológico dos filhos de sua mulher?	375
Gráfico 56 - Ocorrências das variantes para a Questão 28: Como você denomina os pais da pessoa que foi batizada na igreja católica?	379
Gráfico 57 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 28: Como você denomina os pais da pessoa que foi batizada na igreja católica?	380
Gráfico 58 - Ocorrências das variantes para a questão 35: Como se denomina a ação de contrair matrimônio?.....	386
Gráfico 59 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 35: Como se denomina a ação de contrair matrimônio?	387
Gráfico 60 - Ocorrências das variantes para a questão 39: Que nome é dado a alguém que não tem muita comida e nem muitas posses?.....	394
Gráfico 61 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 39: Que nome é dado a alguém que não tem muita comida e nem muitas posses?	396

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ADDU	Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay
ALEA	Atlas Linguístico y etnográfico de Andalucía
ALF	Atlas Linguistique de la France
ALGa	Atlas Linguístico Galego
ALGR	Atlas Línquístico Guaraní-Románico
ALIB	Altas Linguístico do Brasil
ALMA	Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata
ALMRP	Atlas linguístico de los Mennonitas Rioplatenses
ALPI	Atlas Linguístico da Península Ibérica
ALPR II	Atlas Lingüístico do Paraná II
Ca	Classe Social de Escolaridade Alta
Cb	Classe Social de Escolaridade Baixa
DM	Dialetologia Monodimensional
DPR	Dialetologia Pluridimensional e Relacional
GI	Geração I
GII	Geração II
HARAS	Home Adulto, Rurícola, Analfabeto e Sedentário
NORM	Nom-Mobile, Older Rural Male
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PIE	Proto-Indo-Europeu
RAG	Real Academia Galega
RE	Resposta Espontânea
RI	Resposta por Insistência
ROM	Rural Old Man
RSA	Resposta Sugerida Aceita
RSNA	Resposta Sugerida Não Aceita
TLPGP	Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português Considerando a dimensão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	28
2	ARGUMENTAÇÃO TEÓRICA	32
2.1	Contextualização da pesquisa.....	32
2.1.1	<i>O método histórico - comparativo.....</i>	<i>32</i>
2.1.2	<i>Relevância histórica do galego</i>	<i>35</i>
2.1.3	<i>O galego-português</i>	<i>40</i>
2.1.4	<i>Atlas linguístico do galego</i>	<i>43</i>
2.1.5	<i>O português brasileiro.....</i>	<i>48</i>
2.1.5.1	<i>Investigações sobre a língua portuguesa falada na região oeste da Bahia</i>	<i>50</i>
2.2	Pontos de rede investigados	53
2.2.1	<i>Barra</i>	<i>55</i>
2.2.2	<i>Cotegipe.....</i>	<i>56</i>
2.2.3	<i>Angical.....</i>	<i>57</i>
2.2.4	<i>Santa Rita de Cássia.....</i>	<i>57</i>
2.2.5	<i>Barreiras.....</i>	<i>58</i>
2.3	Fundamentação conceitual	59
2.3.1	<i>Breve histórico da dialetologia</i>	<i>59</i>
2.3.2	<i>Da dialetologia monodimensional à dialetologia pluridimensional e relacional.....</i>	<i>63</i>
2.3.3	<i>A constituição das análises e formas de registros da metodologia pluridimensional e relacional.....</i>	<i>74</i>
2.4	Dimensões e parâmetros na dialetologia pluridimensional e relacional.....	76
2.4.1	<i>Dimensão diatópica</i>	<i>77</i>
2.4.2	<i>Dimensão diastrática</i>	<i>77</i>
2.4.4	<i>Dimensão diassexual</i>	<i>79</i>
2.4.5	<i>Dimensão dialingual</i>	<i>80</i>
2.4.6	<i>Dimensão diafásica</i>	<i>81</i>
2.4.7	<i>Dimensão diarreferencial.....</i>	<i>81</i>
2.4.8	<i>Dimensão diarreligiosa</i>	<i>83</i>
2.4.9	<i>Dimensão diamésica</i>	<i>83</i>
2.5	A técnica dos três passos da DPR: perguntar, insistir e sugerir.....	87
2.6	Lexicologia	88
2.7	Sistema, norma e fala	95
2.8	Categorias: tendências à manutenção e ao desuso	98
3	METODOLOGIA.....	99
3.1	<i>Tipologia da pesquisa</i>	<i>99</i>
3.2	<i>Etapas metodológicas seguidas durante a pesquisa de campo</i>	<i>100</i>
3.3	<i>Rede de pontos</i>	<i>100</i>
3.4	<i>Perfil dos informantes</i>	<i>101</i>
3.5	<i>Instrumentos de coleta de dados</i>	<i>104</i>
3.6	<i>Coleta de dados.....</i>	<i>105</i>
3.7	<i>O tratamento e a organização dos dados.....</i>	<i>105</i>
3.8	<i>Procedimentos éticos da pesquisa</i>	<i>112</i>
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	113
4.1	<i>Apresentação das lexias comuns entre o galego e o português falado na região oeste da Bahia</i>	<i>113</i>

4.2	As fichas lexicográficas	121
4.3	Banco de dados	159
4.4	Análise do banco de dados semântico-lexicais do Português falado na região oeste da Bahia.....	161
4.4.1	Dimensão diageracional.....	162
4.4.1.1	Questão 4 - Lexia 'esposa'	162
4.4.1.2	Questão 9 - Lexia complexa 'filho mais velho'	169
4.4.1.3	Questão 10 - Lexia complexa 'filho mais novo'	176
4.4.1.4	Questão 11 - Lexia complexa 'filho de mãe solteira'	182
4.4.1.5	Questão 19 - Lexia composta 'tio-avô'	194
4.4.1.6	Questão 24 - Lexia composta 'primo segundo'	203
4.4.1.7	Questão 40 - Lexia 'mendigo'	210
4.4.1.8	Questão 42 - Lexia 'rico'	220
4.4.1.9	Questão 51 - Lexia 'parteira'	227
4.4.1.10	Questão 55 - Lexia 'vaqueiro'	234
4.4.1.11	Questão 60 - Lexia 'fiadeira'	242
4.4.1.12	Questão 65 - Lexia 'telheiro'	250
4.4.1.13	Questão 67 - Lexia 'gaiteiro'	257
4.4.2	Dimensão diassexual.....	266
4.4.2.1	Questão 18 - Lexia 'avô' (formas familiares).....	266
4.4.2.2	Questão 59 - Lexia 'carpinteiro'	274
4.4.2.3	Questão 66 - Lexia 'carreteiro'	281
4.4.3	Dimensão diastrática	292
4.4.3.1	Questão 3 - Lexia 'antepassados'	292
4.4.3.2	Questão 5 Lexia 'esposo'	300
4.4.3.3	Questão 17 - Lexia 'tataravô'	307
4.4.3.4	Questão 33 - Lexia 'enxoval'	314
4.4.3.5	Questão 34 - Lexia 'dote'	322
4.4.3.6	Questão 46 - Lexia 'trabalhar'	332
4.4.3.7	Questão 53 - Lexia 'curandeiro'	340
4.4.3.8	Questão 54 - Lexia 'capador'	348
4.4.3.9	Questão 56 - Lexia 'capataz'	356
4.4.3.10	Questão 61 - Lexia 'tecedeira'	364
4.4.4	Dimensão diatópica.....	373
4.4.4.1	Questão 8 - Lexia 'padrasto'	373
4.4.4.2	Questão 28 - Lexia 'compadre/comadre'	379
4.4.4.3	Questão 35 - Lexia 'casar'	386
4.4.4.4	Questão 39 - Lexia 'pobres'	393
4.5	Considerações sobre as questões sem significância estatística	403
4.5.1	Lexias de uso categórico na região oeste da Bahia	404
4.5.2.1	Variantes lexicais com alta frequência de uso.....	405
4.5.2.2	Variantes lexicais com baixa frequência de uso.....	407
4.6	Tendência de uso das lexias pesquisadas	419
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	423
	REFERÊNCIAS	428
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	442
	APÊNDICE B - Questionário semântico-lexical.....	444
	APÊNDICE C - Ficha do informante	457

1 INTRODUÇÃO

O processo de constituição da Língua Portuguesa, como se entende hoje, é resultado de diferentes acontecimentos históricos: a romanização da Península Ibérica, a dialeção do Latim, a invasão germânica e a árabe, a reconquista da Península até a formação de Portugal e sua expansão marítima (Melo, 2020). Dentre esses acontecimentos, destacam-se a batalha pela romanização, por meio da qual os romanos, na luta pelo poder, por terras e prestígio, conseguiram levar o Latim a muitos locais, influenciando a cultura, política e a língua do povo colonizado e à sua dialeção, uma vez que o povo conquistado adotava essa língua como se sua fosse e nela interferia, provocando mudanças. A junção da língua do conquistador e a dos conquistados resultou no surgimento de outras línguas.

Nesta perspectiva, destacam-se duas línguas: o Galego e o Português. Ambas fazem parte do conjunto das línguas românicas, também conhecidas como neolatinas, que surgiram das mudanças ocorridas no Latim vulgar levado à Península Ibérica. Neste contexto, pode-se inferir que o ponto convergente entre essas duas línguas seja o Latim, instituído pela romanização.

As línguas Galega e Portuguesa já foram uma única língua. Os primeiros escritos em Português surgiram no século XIII. Conforme Teyssier (2007), “nessa época, o português não se distingue do galego, falado na província (hoje espanhola) da Galícia. Essa língua comum - o galego-português ou galaico-português - é a forma que toma o latim no ângulo noroeste da península ibérica” (Teyssier, 2007, p. 3). O período galego-português proposto por Pilar Vasquez Cuesta (Silva, 2015) está registrado na cronologia da história da Língua Portuguesa e, nesta, estão registrados os textos da lírica trovadoresca contemplados no cancioneiro medieval.

Depois de muitas batalhas, com a independência de Portugal, o Galego-português foi se aproximando do sul e absorvendo os falares moçarábicos, recebendo influências e perdendo algumas características, até se tornar língua-comum e oficial do reino. Dessa forma, o Galego-português do norte do Ninho deu continuidade à sua história. Atravessado pelo castelhanismo, que reduziu seus movimentos, passou a ser usado por uma população crescentemente bilíngue, e foi se distanciando da linguagem sul-minhota. O que até o século XIII era a mesma língua, no século XVI transformou-se em duas línguas diferentes, dois codialetos, o Português e o Galego (Melo, 1981).

No que concerne à expansão marítima, vale ressaltar que, após a formação de Portugal, entre os primeiros portugueses a chegarem ao Brasil, estavam os imigrantes portugueses mais abastados que aqui se fixaram principalmente em Pernambuco e na Bahia. Vieram para explorar

a produção de açúcar, atividade mais rentável da colônia nos séculos XVI e XVII. Estavam em busca de investimentos lucrativos. Já entre 1701 e 1850, a origem socioeconômica dos imigrantes nessa fase de transição foi contrastante: aportaram no Brasil não apenas imigrantes de elite, mas também minhotos pobres, expulsos de sua terra natal (a região do Minho), devido à falta de trabalho (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2025b).

A origem românica do Galego e do Português brasileiro possibilita investigações sobre aspectos comuns às duas línguas. Dentre elas destacam-se o estudo de Barizon (2021), cujo objetivo foi discutir pontos de convergência semântico-lexicais entre as lexias encontradas nas falas de indivíduos do interior do estado de São Paulo, região do Médio Tietê, e as do Galego registradas no Atlas Linguístico Galego (ALGa), volume V, campo semântico *O ser humano* (García *et al.*, 2005); a pesquisa de Santos e Paim (2016), sobre a variação semântico-lexical das denominações para “calvo” nas áreas galega e baiana; a investigação dos pontos de convergência entre as variantes lexicais de cartas que se referem à área dos olhos presentes no volume V do ALGa (García *et al.*, 1977), no Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR) (Aguilera, 1994) e no Atlas Lingüístico do Paraná II (ALPR II) (Altino, 2005), proposta por Aguilera e Silva (2015).

Foi diante desse contexto que surgiu a proposta desta tese que buscou encontrar semelhanças nos aspectos semântico-lexicais entre unidades lexicais registradas no ALGa, volume VII *O ser humano II* (Blanco; Garcia; Fernández, 2020) e as lexias encontradas no Português falado na região oeste da Bahia. Esta proposta se reveste de ineditismo, dado o fato de não terem sido encontrados estudos que retratassem essas duas línguas, dentro do recorte temático e teórico-metodológico proposto nesta tese, e que respondessem às seguintes questões:

- a) os falantes da região oeste da Bahia trazem, em seu linguajar, lexias registradas no Galego?
- b) as lexias do Galego utilizadas nessa região estão dicionarizadas ou podem ser consideradas neológicas?
- c) além das lexias do Galego, quais são as variantes lexicais utilizadas pelos falantes dessa região?
- d) qual é a extensão da influência das dimensões diatópica, diageracional, diastrática e diassexual na utilização de lexias do Galego e de suas variantes lexicais nessa região?
- e) quais fatores influenciam a utilização de lexias do Galego por falantes dessa região e que demonstram tendência à manutenção ou ao desuso?

Para responder a essas questões, foram levantadas as seguintes hipóteses:

- a) considerando o parentesco entre o Galego e o Português Brasileiro, pode-se inferir que falantes jovens e idosos da região oeste da Bahia trazem em seu vocabulário lexias registradas no volume VII do ALGa *O ser humano II*.
- b) considerando o papel que a dimensão diassexual ocupa nos trabalhos de Dialetologia, acredita-se que o sexo feminino, neste estudo, seja responsável pela tendência à manutenção de lexias galegas no falar dos moradores da região oeste da Bahia.
- c) considerando a rede de pontos investigada, a expectativa deste estudo é a de que a utilização de lexias do Galego seja maior no ponto de rede 2 (PR2Barra), uma vez que esse ponto de rede é um dos primeiros municípios surgidos na região.

Isso posto, definiu-se o objetivo geral para esta tese: Analisar aspectos semântico-lexicais semelhantes entre as lexias registradas no ALGa - volume VII, *O ser humano II* e as encontradas no português falado na região oeste da Bahia.

Com base neste objetivo, definiram-se os objetivos específicos:

- a) analisar os falares dos informantes da região oeste da Bahia, considerando as dimensões da Dialetologia Pluridimensional e Relacional: diageracional, diassexual, diastrática e diatópica.
- b) apresentar um quadro do léxico relacionado ao volume VII “O ser humano II”, nos campos semânticos “A família”, “A vida em sociedade” e “As ocupações e ofícios”, representativo do Português falado na região oeste da Bahia, nos municípios de Angical (PR1), Barra (PR2), Barreiras (PR3), Cotegipe (PR4) e Santa Rita de Cássia (PR5).
- c) apontar, por meio de uma análise comparativa, aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias registradas no ALGa, volume VII, “O ser humano II” e aquelas observadas no Português falado na região oeste da Bahia.
- d) mostrar as tendências à manutenção dessas lexias ou ao seu desuso.
- e) montar um banco de dados semântico-lexicais do Português Brasileiro falado na região oeste da Bahia - uma contribuição para os estudos da Língua Portuguesa falada no Brasil.

Para responder aos questionamentos feitos anteriormente, esta tese se estrutura em cinco (5) capítulos, a saber: no capítulo 1, a Introdução, apresenta-se o objeto de estudo,

contextualizando-o historicamente, e posicionando o galego e o português na história da língua portuguesa do Brasil. Ainda, levantam-se as hipóteses da investigação, definem-se os objetivos, geral e específicos a serem alcançados com a tese, e, finalmente, apresenta-se a estrutura da tese.

No capítulo 2, Argumentação Teórica, contextualiza-se a pesquisa, discorrendo-se sobre o método histórico-comparativo, a relevância do galego ao longo de sua história, o galego-português, o Atlas Linguístico Galego (ALGa), Português Brasileiro e os pontos de rede investigados. Discorre-se, ainda, sobre a origem da Dialetologia, discutem-se as características da Dialetologia Monodimensional e da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, a constituição das análises e formas de registros na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, suas dimensões e parâmetros e a técnica dos 3 passos: perguntar, insistir e sugerir (Thun, 2010). Expõem-se, ainda, as concepções de Lexicologia; a tríade sistema, norma e fala; as categorias de análise: tendência à manutenção ou ao desuso das lexias encontradas.

No capítulo 3, Metodologia, descrevem-se os procedimentos metodológicos, a tipologia da pesquisa, as etapas da pesquisa de campo, a rede de pontos investigada, o perfil dos informantes, os instrumentos de coleta de dados, o tratamento e a organização dos dados que compõem os *corpora* da pesquisa.

Nas seções do capítulo 4, no qual se se procede às análises dos dados que compõem os *corpora* da pesquisa, são apresentadas as lexias registradas no ALGa, Volume VII, *Ser Humano II* e as coletadas entre os falantes da região oeste da Bahia para os campos semânticos: “Família”, “A vida em sociedade” e “As ocupações e os ofícios”, destacando, ainda, as lexias comuns aos dois idiomas, apresentam-se os registros lexicográfico e etimológico e os sinônimos das lexias comuns em dicionários galegos, portugueses e brasileiros em fichas lexicográficas produzidas para essa análise.

Apresenta-se o banco de dados constituído pelas variantes proferidas pelos informantes nas respostas espontâneas e as questões que se mostraram com diferenças estatisticamente significativas relacionadas à influência das dimensões diageracional, diassexual, diastrática e diatópica nas escolhas lexicais dos informantes. Discorrem-se, também, as respostas às questões que não sofreram influência dessas dimensões. Mostra, este capítulo, ainda, a técnica dos três passos: perguntar, insistir, sugerir e a tendência de uso das 74 lexias pesquisadas no que concerne à manutenção ou ao desuso dessas lexias.

No capítulo 5, tecem-se as Considerações Finais, durante as quais são revisitadas as análises feitas, apresentam-se e discutem-se os resultados, mediante narrativa comparativa, e se confirmam ou se refutam as hipóteses inicialmente levantadas para este estudo.

2 ARGUMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, antes de se abordar a fundamentação conceitual propriamente dita que respaldou, embasou e deu suporte à escrita desta tese, faz-se necessário, contextualizar a pesquisa, descrevendo o método histórico comparativo de estudo de uma língua, mostrando a relevância e a constituição histórica do Galego, e descrevendo a criação do Atlas Linguístico Galego.

Descrevem-se, ainda, as características da língua galego-português, do português brasileiro e a rede de pontos pesquisada. Versa-se também, sobre a fundamentação conceitual, tratando da origem da dialetologia, das especificidades da Dialetologia Monodimensional e da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, da constituição das análises e formas de registros na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, de suas dimensões e parâmetros e da técnica dos 3 passos. Por fim, apresentam-se, as concepções de Lexicologia, a tríade: sistema, norma e fala e as categorias de análise: as tendências à manutenção, ou ao desuso das lexias encontradas.

2.1 Contextualização da pesquisa

2.1.1 O método histórico - comparativo

A busca incessante pela “maternidade” do Português, seja ele Europeu (PE) ou o Português Brasileiro (PB), exige uma pesquisa que deve se iniciar pela Linguística Histórica, a partir do seguinte questionamento: qual a origem da Língua Portuguesa?

Esta empreitada remonta à observação curiosa de viajantes, escritores e estudiosos sobre possíveis semelhanças entre o Latim e o Grego. Essa curiosidade foi esmaecendo, à medida que crescia o fascínio pelas línguas do Oriente que se tornaram conhecidas no ocidente europeu, em razão dos contatos provocados pelos movimentos expansionistas (Basso; Gonçalves, 2014).

No século XIX, esse trabalho - antes especulativo -, passou a organizar as línguas em famílias, objetivando a aproximação de línguas aparentadas e a busca pela reconstituição de línguas ancestrais, por meio do método histórico-comparativo. Conforme Basso e Gonçalves (2014), ao longo dessas descobertas, foi observada a existência de uma família de línguas das Índias a Portugal.

A partir do método histórico-comparativo foi possível identificar que o Latim e o Sânscrito possuíam traços convergentes, fato que sugeria uma origem comum. Assim, a língua,

que por suposição deu origem ao Latim, ao Grego, ao Sânscrito, ao Proto-germânico e a outras foi denominada Proto-Indo-Europeu (PIE). Embora sua existência não tenha sido atestada de forma direta, ou melhor, não se tenha conseguido recompor essa língua primitiva, da qual se originaram muitas outras línguas faladas na Europa e na Ásia, estudos feitos por Franz Bopp, no século XIX, evidenciaram, utilizando o método da gramática comparada, as relações linguísticas parentais das línguas indo-europeias e provaram, por meio do estudo comparativo de elementos fonéticos, morfológicos e sintáticos das variadas línguas indo-europeias, a existência do PIE (Hauy, 1989), conforme ilustra o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Comparação entre as línguas indo-europeias

Português	pai	mãe	irmão	Lobo
Latim	pater	mater	frater	Lupus
Grego Antigo	pater	meter	phrater	Iykos
Sânscrito	pitar	matar	bhrater	Vrkas
Espanhol	padre	madre	hermano	lobo
Francês	père	mère	frère	Loup
Inglês	father	mother	brother	wolf
Alemão	Vater	Mutter	Bruder	Wolf
PIE	*ph _a tér	*méh _a ter	*bhréh _a ter	*wlk ^w os

Fonte: Basso e Gonçalves (2014, p. 25).

No Quadro 2, apresentam-se as principais famílias linguísticas originadas do proto-indo-europeu. O símbolo (f) indica que não há mais falantes nativos dessas línguas, tratando-se, por isto, de uma língua morta.

Quadro 2 - As famílias linguísticas proto-indo-europeia

(f) Ramo anatólico	(f) assírio, (f) hitita	
Ramo helênico	(f) grego antigo	Grego moderno
Ramo indo-iraniano	persa, (f) sânscrito	
Ramo itálico	(f) latim	francês, romeno, italiano, português, espanhol etc.
Ramo céltico	galês, gaélico irlandês, gaélico escocês, bretão	
Ramo balto-eslavo	(f) antigo prussiano, proto-eslavo	letão, lituano, russo, tcheco, polonês, ucraniano, croata etc.
Ramo germânico	(f) protogermânico	islandês, norueguês, sueco, alemão, inglês, holandês, faroês etc.
Ramo armênico		arménio
(f) Ramo tocário		
Ramo albanês		albanês

Fonte: Basso e Gonçalves (2014, p. 25).

Analisando os quadros, pode-se inferir que o indo-europeu - pelo contato com outras línguas - subdividiu-se em vários ramos. O ramo de maior relevância e pertinência para esta tese é o itálico de onde se originaram o latim, língua falada inicialmente na região do Lácio na Península Itálica, que deu origem às línguas românicas que se conhecem hoje: o romeno, o italiano, o sardo, o reto-românico, o occitano, o francês, o catalão, o espanhol, o galego e o português (Ilari; Basso, 2014).

Cumprir registrar que o termo românico está intrinsecamente relacionado à România, território onde os romanos, dado o seu poderio político e econômico espalhavam uma língua espontânea, essencialmente falada, que se estabelecia nas negociações mercantis. Esta língua, por seu caráter vernacular, ficou conhecida como Latim vulgar, que, no século IX d.C, evoluiu para o Romance, o que gerou as línguas românicas. Este estágio não provocaria o desaparecimento do latim, mas, sua manutenção para surgimento das línguas novilatinas

(Coutinho, 1976).

A lexia Romance serviu para diferenciar os sintagmas povos da România de povos Bárbaros, como informa Ilari (1999):

Sobre *romanus* formou-se o advérbio *romanice*, “à maneira romana”, “segundo o costume romano”, e a expressão *romanice loqui* se fixou para indicar as falas vulgares de origem latina, em oposição a *barbarice loqui*, que indicava as línguas não românicas dos bárbaros, e a *latine loqui* que se aplicava ao latim culto da escola. Do advérbio *romanice*, derivou o substantivo *romance*, que na origem se aplicava a qualquer composição escrita em uma das línguas vulgares (Ilari, 1999, p. 50).

Convém destacar que na România, onde se estabeleceu o Latim vulgar, outra variante latina se fazia presente concomitantemente: o Latim Clássico, utilizada por Cícero e Virgílio em suas obras literárias e em documentos oficiais. Era a língua que as pessoas cultas conheciam e falavam. Já o Latim vulgar, também denominado proto-romance, foi considerado uma língua eminentemente popular falada pela camada plebeia da sociedade romana (Ilari, 2018).

Conforme Ilari (1999, p. 61), “a grande diferença entre as duas variedades do latim não é cronológica (o latim vulgar não sucedeu ao latim clássico) nem ligada à escrita senão social”. Foram duas culturas que conviveram em Roma. De um lado, tinha-se uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, constituída por patrícios, e do outro, uma classe social propensa a sofrer influências e composta por plebeus. O que se destacou nesse movimento foi a estabilidade do latim clássico e a inovação constante do latim vulgar.

Essa inovação fazia do latim vulgar uma língua viva, passível de mudanças, apontando, assim, para a sua heterogeneidade, como observa Williams (1973):

O latim como língua viva estava sujeito a constantes modificações. Enquanto a língua das classes cultivadas (o latim clássico) se tornava cada vez mais uniforme sob a influência estabilizadora da cultura e do aprendizado, a língua do povo (o latim vulgar) se tornava cada vez mais diversificada na medida em que se disseminava com a expansão do vasto Império Romano. O latim clássico se tornava uma língua morta, enquanto o latim vulgar se desenvolvia nas chamadas línguas neolatinas ou românicas (Williams, 1973, p. 15).

2.1.2 Relevância histórica do galego

Considerando a relevância da romanização, o latim foi levado à Península Ibérica pelos romanos, no século III a. C. , durante a segunda Guerra Púnica¹ (149-146 a.C.). Houve três

¹ Houve três Guerras Púnicas nos séculos III e II a.C. entre Roma e Cartago, região no norte da África, hoje Tunísia.

Guerras Púnicas que duraram de 264–241 a.C. e só terminaram em 19 a. C. Quando os romanos chegaram à Península Ibérica encontraram outros povos - celtas, iberos, púnico-fenícios, lígures, gregos e outros grupos, obviamente, com culturas e línguas diferentes (Cunha; Cintra, 2017). O contato dessas línguas com o latim provocou para ambos conquistados e conquistadores mudanças linguísticas, culturais e políticas. Importa salientar que, dos povos conquistados na Península Ibérica, apenas os bascos não adotaram o latim como língua de uso próprio.

O processo de romanização não se deu de maneira uniforme. Inicialmente a Hispânia foi dividida em duas províncias: Hispânia Ulterior, “Hispânia mais distante”, e Hispânia Citerior, “Hispânia mais próxima”, conforme mostra o Mapa 1:

Mapa 1 - Hispânia com as províncias de Citerior e Ulterior de 197 a.C.



Fonte: (División, [...], 2025).

Sob o império de Augusto, (27 a.C. a 14 d.C) (Iberian [...], 2025) houve uma nova reorganização. A Hispânia Ulterior foi subdividida em duas províncias, a Lusitânia, ao norte, e a Baética, ao sul.

A palavra púnica era o nome com o qual os romanos se referiam aos cartagineses, descendentes dos fenícios. (Houaiss; Villar; Franco, 2025).

Mapa 2 - Subdivisão da Hispânia



Fonte: (División, [...], 2025).

Posteriormente, a Hispânia Citerior foi transformada na província Tarraconensis e separou-se da província da Gallaetia (Basso; Gonçalves, 2014).

Mapa 3 - Organização Provincial da Hispânia durante a Romanização



Fonte: (División, [...], 2025).

Tal tripartição administrativa empreendida pelos romanos procurou atender a certas distinções étnico-culturais básicas das populações nativas. A Lusitânia, hoje Portugal, apresentava aspectos étnicos, culturais e linguísticos próprios (Câmara Júnior, 1979).

Após esse delineamento, a romanização se fez de maneira célere e completa mais no Sul que no Norte. Especificamente, os *gallaeci*, moradores da zona mais setentrional, em comparação a outros povos, conseguiram conservar por mais tempo elementos da própria cultura (Teyssier, 2007). Foi neste local que, séculos mais tarde, surgiria o galego-português.

No final do século IV d.C., depois de pacificada a Península, mediante a imposição das leis, da organização política e social e da cultura romana, com o latim vulgar predominando sobre as outras línguas, chegam à Península Ibérica os povos germânicos. Alamanos invadem a Lusitânia e a Cartaginense, suevos e vândalos ocupam a Galícia e a Bética (Cardeira, 2006). Porém, na segunda metade do século V, os suevos foram dominados pelos visigodos que mantiveram o domínio sobre a Galícia e toda a Península. Foram dois séculos e meio de dominação desses povos germânicos, e os visigodos não se preocuparam em impor sua língua, pelo contrário, adotaram o latim imposto pelos romanos com sensíveis alterações (Coutinho, 1976).

No século VII, a Península volta a ser alvo de invasão, desta vez pelos árabes – os mouros, entre 711 e 1492, que iniciaram a conquista pelo norte da África e dominaram o reino visigótico por sete anos.

Os mouros não eram apenas árabes, mas, em sua maioria, mulçumanos berberes do Norte da África (atual Marrocos, Argélia e Tunísia), uma elite árabe que liderava politicamente e militarmente. Portanto, uma mistura de povos sob a influência do Islã. Eles conquistaram a maior parte da Península, com exceção de uma pequena região ao norte que seguiu professando o cristianismo.

Nesse período, o árabe foi adotado como língua oficial, mas o povo vencido continuou a falar o *romance*, o latim vulgar já modificado (Cunha; Cintra, 2017). Embora os mouros professassem uma religião diferente da cristã, permitiam que as pessoas subjugadas professassem sua fé e seguissem seu próprio evangelho (Cardoso; Cunha, 1978).

As características divergentes dos romances peninsulares foram mais bem percebidas durante o domínio dos mulçumanos. Conforme Cunha e Cintra (2017, p. 18), foi “na região que compreendia a Galiza e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho, que se constituiu uma unidade linguística particular que conservaria relativa homogeneidade até meados do século XVI – o galego-português”. Registre-se que esta é uma das variedades linguísticas que tem sua gênese atrelada ao latim e associada a outros substratos (a língua dos povos conquistados), superstratos (influência da língua dos conquistadores) e adstratos (língua de conquistados e conquistadores ocorrendo concomitantemente, tal como a língua árabe que exerceu domínio no vocabulário da língua latina) encontrados nas conquistas.

Uma pequena comunidade de cristãos isolados no norte da Península constituiu um núcleo de resistência aos mouros.

A partir do ano 1000, houve um lento, contínuo e, conforme os historiadores contemporâneos, irrefreável processo de reconquista cristã, durante o qual o poder dos cristãos do Norte foi se ampliando para o Sul. Nesse processo, em desfavor do império islâmico, os cristãos levaram consigo a língua latina cristã que foi se mesclando com o latim *moçárabe*, termo que designa cristãos que viveram em territórios dominados pelos árabes, e que significa arabizado. Nota-se neste ponto, o prenúncio de uma nova fase linguística. Como os cristãos foram recuperando territórios perdidos, foi possível a criação de um novo mapa geopolítico. Foram criados, então, os reinos de Leão, Castela e Aragão (Coutinho, 1976), conforme o Mapa 4, a seguir.

Mapa 4 - Península Ibérica



Fonte: (Melo, 2020).

Durante o século XI, a reconquista progrediu em direção ao sul. O rei Fernando I dividiu o reino entre seus filhos. A região de Castela coube a Sancho II, a região de Leão a Afonso VI e a região de Galiza (Galícia) foi destinada a Garcia I. Assim, durante o período de 1065 a 1090, a Galícia tornou-se um reino independente, comandado por Garcia I, cujos limites ultrapassavam as margens do rio Douro ao sul e se estendiam por terras que hoje são asturianas, leonesas e também de Zamora (Árean-García, 2011). Porém, de forma estratégica, Afonso VI proclamou-se rei de Castela e, em seguida, apoderou-se também do reino da Galiza sob a alegação de que a reunificação dos reinos os fortaleceria.

Em poder dos três reinos e obstinado a efetivar a reconquista, Afonso VI se associou a nobres da França, dentre esses Dom Henrique de Borgonha e Dom Raimundo. O primeiro foi um dos cavaleiros que se destacaram nas batalhas da reconquista ao lado do rei. O monarca concedeu-lhe a mão de sua filha D. Teresa. O segundo, Dom Raimundo, também agraciado pelo seu feito na batalha, recebeu como esposa a outra filha, Urraca.

Nesta ocasião, o rei dividiu a região galega em duas partes. A região localizada ao norte do rio Minho foi doada a filha Urraca e ao seu marido para governarem a Galiza, em 1090. Ao sul do rio Minho, a região denominada Condado Portucalense, foi entregue a Tereza e seu esposo Dom Henrique de Borgonha. Esta decisão promoveu uma desagregação na política, cultura e língua da região, como se pode ver, a seguir.

A luta pela expulsão dos mouros continuou. Enquanto o condado de Galícia ia perdendo sua vitalidade política com a ascensão do poder de Castela, o Condado Portucalense obtinha cada vez mais sucesso em suas batalhas e ampliava seu território rumo ao sul (Saraiva, 1999). Porém, com o falecimento de Dom Henrique e dada pouca idade do único filho do casal - Dom Afonso Henriques -, D. Teresa passou a governar. Todavia, não tendo sido este governo aceito, / em 1139, após a batalha de Ourique, seu filho Dom Afonso Henriques proclama-se rei de Portugal em 1143 (Coutinho, 1976).

Naquele momento, essa região já possuía muitos territórios conquistados, enquanto a Galícia, sob o domínio do rei de Leão, passou a ser integrada ao território castelhano, atualmente Espanha. Ao se separar do reino de Leão para se tornar independente, Portugal separou-se também da Galícia, que continuou anexada ao país vizinho - reino de Leão -, ao reino de Castela e, por fim, ao reino da Espanha. Para Teyssier (2007, p. 25), “a fronteira, que no século XII isolou a Galícia de Portugal, estava destinada a ser definitiva”.

2.1.3 O galego-português

A língua que se destacou e se propagou no período da reconquista e na formação da Galícia e de Portugal (séculos XII a XIV) foi o galego-português nascido no norte da Península Ibérica, que, já no século XIII, conheceu feição literária e veio a ter, mesmo em Castela, primazia como língua poética (Melo, 1981). Esta veia poética foi representada pelos Cancioneiros da Ajuda, da Vaticana e da Biblioteca Nacional de Lisboa. Estes cancioneiros foram divididos em categorias poéticas: as cantigas d’amigo, as cantigas d’amor, as d’escarnio e as de mal dizer. Além desses, documentos oficiais e particulares como o testamento de Afonso II, datado de 1214, e a prosa literária foram escritos no galego-português (Teyssier,

2007).

Assim, com Portugal independente, o galego-português foi se ampliando em direção ao sul. Neste caminho, absorveu falares moçárabicos e, concomitantemente, absorveu sua influência, perdendo algumas características e ganhando outras, até construir sua identidade linguística, tornando-se língua comum e oficial do reino. Neste interim, a língua do norte da Península Ibérica construiu sua história, porém, o castelhano foi invadindo e ocupando o espaço antes destinado somente ao galego. A população se tornou bilíngue, o que gerou um afastamento da língua utilizada no sul. Assim, uma mesma língua falada por todos até o século XII, dividiu-se em duas diferentes línguas no século XVI, o português e o galego (Melo, 1981). Vale ratificar que entre os séculos XV e XVI,

a língua galega perde sua posição como língua de prestígio, a sua forma escrita deixa de ser encontrada, o galego sobrevive exclusivamente no ambiente oral, usado pelas camadas menos favorecidas da sociedade como agricultores, pescadores e artesãos; a este período quase ágrafo, entre o século XVI e a primeira metade do XIX, dá-se o nome de “séculos escuros” (Rocha; Back, 2024, p.7).

Enquanto o português ampliava sua extensão territorial e se tornava a expressão de um povo em expansão política, econômica e cultural, o galego se transformava em expressão coloquial de um povo reprimido pelo domínio castelhano e sofria influências desse domínio e de outras diversas línguas trazidas pela peregrinação a Santiago de Compostela em sua constituição, a saber: o catalão, o provençal, o francês e outras (Árean-García, 2011).

Foi somente em meados do século XIX que se observou uma nova fase da língua galega denominada “rexurdimento”, com a qual os escritores voltaram a produzir literatura. Foi um movimento importante para o povo galego que, logo depois, seria reprimido pela ditadura no século XX, durante a qual ficou proibida a utilização, no território, de qualquer outra língua, que não o castelhano.

No final do século XX, em 1978, foi aprovada a Constituição espanhola e em 1980, o Estatuto de autonomia da Galícia. Tais movimentos proporcionaram mudanças como a criação da Xunta de Galícia e a lei de normalização linguística, consoante apregoa Monteagudo (2002):

O Estatuto consagrou a cooficialidade do galego e do castelán, e proclamou o primeiro ‘lingua propia’ de Galicia, en termos similares ós estatutos das outras dúas ‘nacionalidades históricas’ recoñecidas na Constitución española. A Lei de normalización lingüística (LNL) de 1983 obriga, mediante mandato imperativo, ó Goberno autónomo e ás demais institucións de Galicia a promover o uso oficial e público do idioma galego (Monteagudo, 2002, p. 11).

A oficialidade da língua galega trouxe consigo a questão do resgate da identidade galega. Foram muitos anos de opressão, pois, ficara proibido se expressar em galego, e aqueles que o falavam eram estigmatizados.

Depois de muitos desafios,

a redemocratização (da Galícia) trouxe consigo a oportunidade de revitalização e reconhecimento da língua, promovendo sua inclusão no sistema educacional e a busca por sua padronização, o que representa um importante marco na preservação e promoção da identidade cultural galega (Rocha; Back, 2024, p.17).

Nesse contexto, a normatização desempenhou um importante papel no resgate da autoestima dos galegos. Esta padronização foi evidenciada em duas tendências: a reintegracionista, defensora da proximidade entre o galego e o português, por terem a raiz linguística comum, e a autonomista defensora de uma autonomia política do idioma galego, porém, basicamente, com o sistema ortográfico do espanhol (Lagares, 2011). Ao abordar as tendências da normatização galega, Lagares (2011), se posiciona do seguinte modo:

[...] a reivindicação política da língua galega, que considero não apenas legítima como necessária, pode muito bem se acompanhar de uma maior abertura cultural ao português, numa estratégia que fomente a comunicação para além das fronteiras políticas e que ofereça aos falantes a inserção num contexto plurilíngue mais amplo, a partir de sua própria variedade linguística (Lagares, 2011, p. 189).

Dessa forma, o autor sugere possibilidades de estabelecimento de relação entre o português e o galego, objetivando romper obstáculos políticos e geográficos, proporcionar intercâmbios e possibilitar ao idioma galego vivenciar sua importância histórico-cultural. Nesse sentido, cabe salientar que nesta tese também se objetiva demonstrar o elo existente entre o galego e o português brasileiro.

Pelo contexto histórico já descrito nesta tese, pode-se inferir que o galego possui características linguísticas mais conservadoras. Isto, talvez, se deva à posição geográfica da região ou a uma menor influência externa, o que, conseqüentemente, pode deixar vislumbrar a manutenção linguística, especialmente em regiões rurais, enquanto o português foi influenciado por diversas línguas (Barizon, 2021).

Assim, em Portugal, único território que não foi dominado pelos reinos de Leão e Castela, foi desenvolvida a língua portuguesa que se expandiu por meio das grandes navegações, que alcançaram a Índia em 1498, promoveram a chegada dos europeus na América

em 1.492, à China em 1513 e ao Japão em 1543 (Faraco, 2019).

A língua portuguesa trazida ao Brasil durante a colonização e a língua galega falada na Galícia “são, atualmente, portanto, ramos cujo tronco se desenvolveu a partir de uma mesma raiz” (Souza, 2012, p. 30), qual seja o latim vulgar com associação de elementos pré-romanos e árabes.

Por essa razão, o ponto de partida desta tese consiste em um estudo comparativo dos aspectos semântico-lexicais compartilhados pelas lexias registradas no ALGa, volume VII, *O ser humano II*, e aquelas observadas no português falado na região oeste da Bahia.

2.1.4 Atlas linguístico do galego

O ALGa é um projeto desenvolvido pelo Instituto da Língua Galega, sediado na Universidade de Compostela, para descrever a riqueza da variação geográfica do galego moderno. O objetivo deste projeto era suprir a falta de material necessário para estudar detalhada e criteriosamente a língua galega viva, uma vez que somente 52 localidades da região da Galícia foram incluídas no ALPI. O propósito mais importante era a coleta de dados que permitisse qualquer tipo de pesquisa filológica, conforme Garcia *et al.* (1977).

Considerando que “a língua é um sistema em constante fervura, e no seu seio estanse a cozer sem pausa cambios en tódolos niveis: fonolóxico, morfolóxico, sintáctico, semântico” (Garcia *et al.*, 1977, p. 8), os pesquisadores do ALGa objetivaram coletar dados e produzir um atlas em um período determinado e menor possível para registrar a língua naquele momento. A razão da elaboração do atlas na década de 1970 foi que a Galícia vivia um período de grande instabilidade e muitas pressões, e estas eram de origem externa e interna. A externa é advinda da influência do castelhano, por meio da comunicação social - rádio, televisão e imprensa; e a pressão interna que tem como causa a transição da economia agrícola para a industrial. Tudo isso gerou mudanças linguísticas. Muitas palavras não mais usadas pelos falantes começaram a desaparecer do léxico galego. Devido a todos esses acontecimentos, os pesquisadores viram a necessidade de documentar essa língua.

Assim, entre 1974 e 1977, Blanco, Garcia e Fernández (2020), pesquisadores do Instituto da Língua Galega, realizaram pesquisa *in loco* em 167 pontos do domínio linguístico (152 na Galiza, 08 na comunidade de Castilha e Leão e 07 em Asturias).

Um questionário de 2.711 questões foi preenchido, com uma média de 4.000 formulários recolhidos por localidade. A elaboração do questionário foi uma proposta do Departamento de Geografia Linguística da Universidade de Madri. Com esse material foi criado

um banco de dados com quase meio milhão de registros, incluindo o texto com as respostas e informações complementares. Este banco de dados engloba as seguintes áreas de estudo: I- Fonética, II- Morfologia, III- Sintaxe e IV- Léxico.

Desse material coletado, foi construído o ALGa com 7 volumes já publicados, quais sejam:

- a) volume I, Morfologia Verbal (1990);
- b) volume II, Morfologia Não Verbal (1995);
- c) volume III, Fonética (1999);
- d) volume IV, Léxico - Tempo atmosférico e cronológico (2003);
- e) volume V Léxico - O ser humano (I) (2005);
- f) volume VI, Terra, plantas e árvores (2015); e
- g) volume VII, Léxico - O ser humano (II) (2020).

Esse atlas foi concebido e desenvolvido como um atlas linguístico do tipo tradicional (Blanco; Garcia; Fernández, 2020).

Ressalte-se que o volume VII: *Léxico - O ser humano II* reúne informações correspondentes às respostas dadas a perguntas relacionadas à família, às relações de parentesco, à vida em sociedade e a certos ofícios. As seções do questionário em que se encontram essas perguntas são as seguintes: “a casa e as ocupações domésticas (1827-2064), a família e a vida humana (2350-2491), o mundo espiritual (2492-2524), os ofícios (2573-2706) e as pesas e medidas (2707-2711)” (Blanco; Garcia; Fernández, 2020, p. 9). O volume VII é um complemento do volume V. *Léxico - O ser humano I* que mostra todas as particularidades do corpo humano.

O volume em estudo foi concebido e construído por Rosario Álvarez Blanco, Francisco Dubert García e Xulio Souza Fernández e contém 294 mapas elaborados a partir das informações coletadas por meio dos questionários cujos temas se relacionavam à família, idade das pessoas, vida em sociedade, às medidas de peso, às ferramentas de trabalho e aos ofícios.

Para esta tese, o foco incide no nível lexical, em específico, o volume VII, *Léxico - O ser humano (II)*. Foram utilizadas as questões que constam nas seções: 1. “A família” (da questão 01 a 40); 2. “A vida em sociedade” que foi subdividida por esta pesquisadora em 2.1 Relacionamentos (da questão 41 a 56) e 2.2 Pessoas e ações (da questão 57 a 71), totalizando a segunda seção com 31 questões, e a seção 3: “As ocupações e ofícios” (da questão 72 a 122) com 51 perguntas. No cômputo geral, 122 perguntas fizeram parte do questionário aplicado aos

falantes da região oeste da Bahia (Apêndice B).

Os entrevistadores do ALGa, no entanto, nem sempre conseguiram encontrar o informante que consideravam ideal: com pouca ou nenhuma escolaridade, natural do local pesquisado, que não tivesse participado do serviço militar, não tivesse viajado para locais diferentes e que falasse com espontaneidade. Em cada entrevista, havia um informante principal e outros secundários que prestavam auxílio no preenchimento das respostas que continham lacunas. Isso ocorreu, principalmente, nas perguntas que solicitavam respostas referentes a um léxico mais especializado, como o trabalho agrícola, o trabalho no moinho, as ferramentas de algum trabalho, o tear e outros.

Em outras situações, como havia muitas perguntas a serem feitas, os inquiridores dividiam o questionário entre um par de informantes principais, por não poderem atender apenas a um indivíduo durante dois ou três dias previstos para o término da aplicação do questionário. Em função disso, também foram feitas entrevistas coletivas com vários informantes. Ao considerar a fala de um informante secundário, o objetivo do inquisidor era a comprovação de alguns fenômenos fonéticos, tais como a despalatização do /s/, já detectados nas falas de alguns informantes jovens, mas ausentes na fala de idosos.

Em relação à faixa etária, a preferência era por informantes com mais de 30 anos, no entanto, as pessoas com idade próxima aos 60 anos eram prioridade, por, supostamente, serem falantes de um galego puro, sem influências. Apesar dessas preferências e prioridades, se, no momento da entrevista, estivesse no local, um jovem com menos de 30 anos, suas respostas eram catalogadas e separadas das respostas do informante principal.

A maioria dos informantes do ALGa era de homens, nascidos e residentes permanentes em aldeias do meio rural. O tipo de informantes selecionados coincide com o que os estudos dialetológicos identificam como NORM (*Nom-Mobile, Older Rural Male*). Uma informação constante no primeiro tomo do ALGa afirma que vinte por cento dos informantes são mulheres (Blanco; Garcia; Fernández, 2020). Tanto homens quanto mulheres tinham que ser, necessariamente, lavradores, ou pessoas que trabalhassem em outras atividades, entendessem da lida com o gado, cultivo da terra, carpintaria, tecelagem e outros, pois a maior parte do questionário se referia ao léxico da agricultura e da pecuária (Garcia *et al.*, 1977).

Uma preocupação dos inquiridores foi utilizar sempre a língua galega em toda a aplicação do questionário.

A técnica utilizada consistiu em fazer as perguntas de forma direta, ao mesmo tempo em que se mostrava, caso necessário, a imagem ou as partes de algum objeto sobre o qual se destinava a pergunta. Quando se referia a partes do corpo, apontava-se para a parte do corpo

cujo nome se queria saber. Se o objetivo fosse nomear os reflexos de tossir, rir ou soluçar, essas ações voluntárias eram externadas por meio de gestos e ações demonstrativas. Em outros momentos, fazia-se uso de perguntas indiretas nas quais os inquiridores davam uma definição de algo e solicitavam sua lexia correspondente. Em alguns momentos, inquiridor interferia no processo, acrescentando informações ao conceito, ou reformulando a pergunta, para que não houvesse manipulação das respostas do informante.

A organização e aplicação das perguntas seguiu o princípio dos campos semânticos, ou seja, uma abordagem de assuntos similares e próximos, e contou com os seguintes materiais de apoio:

- a) livros com ilustração de insetos e pássaros;
- b) álbum com fotos e desenhos de diferentes equipamentos de fazendas e de diferentes profissões;
- c) um álbum de plantas, além de um livro de ervas e plantas.

Mesmo com esses materiais, em determinados momentos, foi necessário ir além da imagem e descrever características para a consecução das respostas. A dificuldade dos informantes em associar a imagem à realidade concreta, especialmente em relação às plantas, fez com que os inquiridores fizessem um herbário para complementar as fotos e os desenhos.

O registro das respostas era feito ao lado da pergunta correspondente. Quando o informante dava várias respostas, usava-se um símbolo para as formas mais recorrentes. Também, havia símbolos diferentes para designar as respostas dos idosos, dos jovens, de homens e mulheres. Em relação à transcrição foi usado o alfabeto fonético ALEA, com acréscimos de símbolos que nele não constavam. Os inquiridores disseram que tentaram registrar foneticamente as respostas, do melhor modo possível (Barizon, 2021; Garcia *et al.*, 1977).

A edição de cada volume do ALGa oferece um mapa correspondente à resposta de cada uma das perguntas do questionário. Acompanha cada mapa uma legenda para a interpretação dos dados. As respostas são agrupadas de acordo com critérios de frequência de uso, conexão etimológica ou motivação, entre outros. Além das legendas, há, ainda, notas que explicam todas as informações complementares: fonética, fraseológica, semântica, gramatical, uso etc. Se houvesse um número grande de informações com complexidade maior, os dados poderiam ser distribuídos em dois ou mais mapas (Villar; Rañ; Amado, 2015).

Considerando o volume eleito para esta tese - Volume VII *O ser humano II* - apresenta-se a exemplificação da cartografia presente neste volume. Este contém 294 mapas elaborados a partir da informação recolhida por meio do questionário aplicado. Esta informação recolhida para cada uma das variáveis lexicais analisadas é apresentada em um mapa, sempre acompanhado de uma página de comentários localizada à direita do mapa, contém a legenda com as correspondências dos símbolos utilizados, as notas que fornecem informações sobre a procedência dos materiais e outros comentários explicativos sobre os dados representados no mapa. Localizado à esquerda da página, está o mapa, conforme mostram a Imagem 1 e a 2, a seguir.

Imagem 1 - Exemplo da cartografia linguística do ALGa - A
ATLAS LINGÜÍSTICO GALEGO

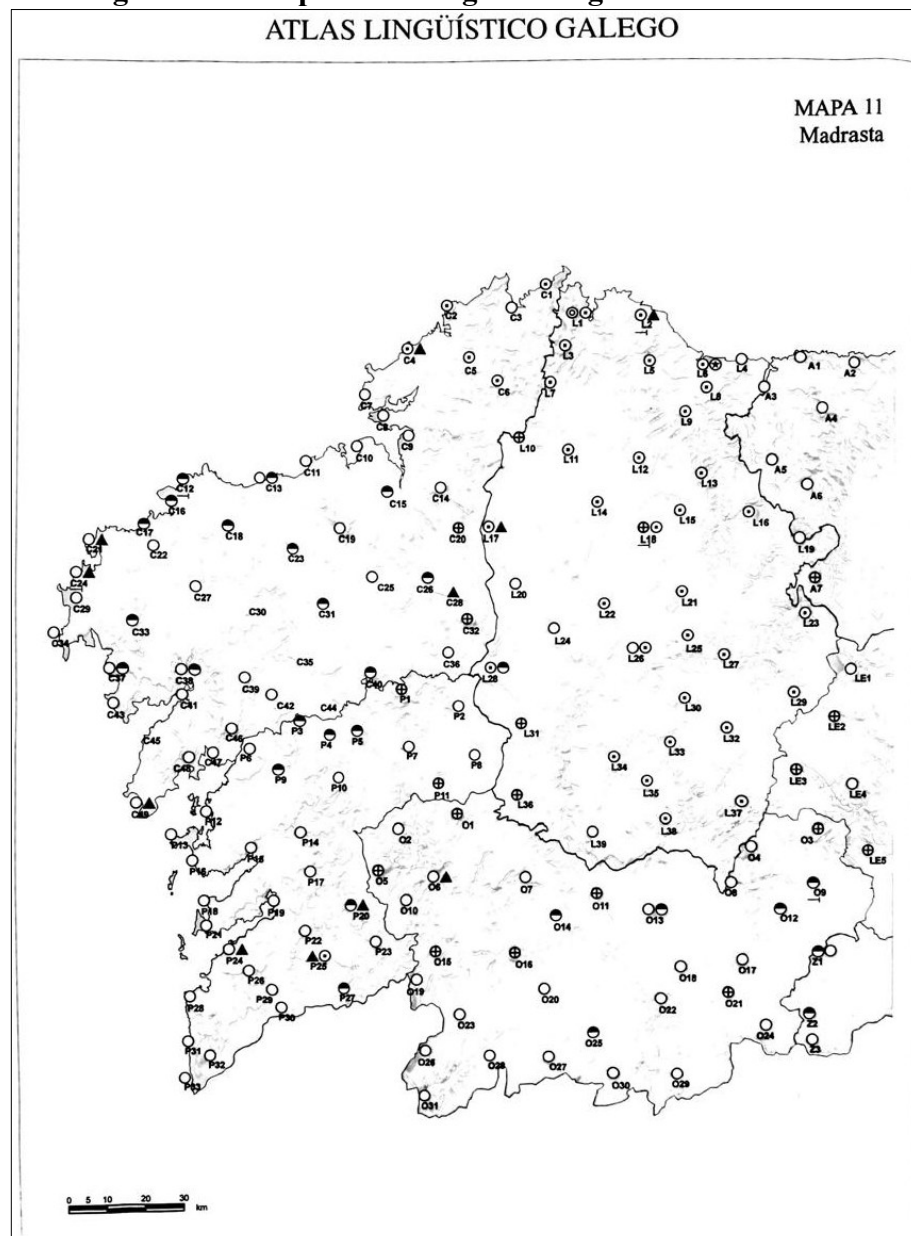
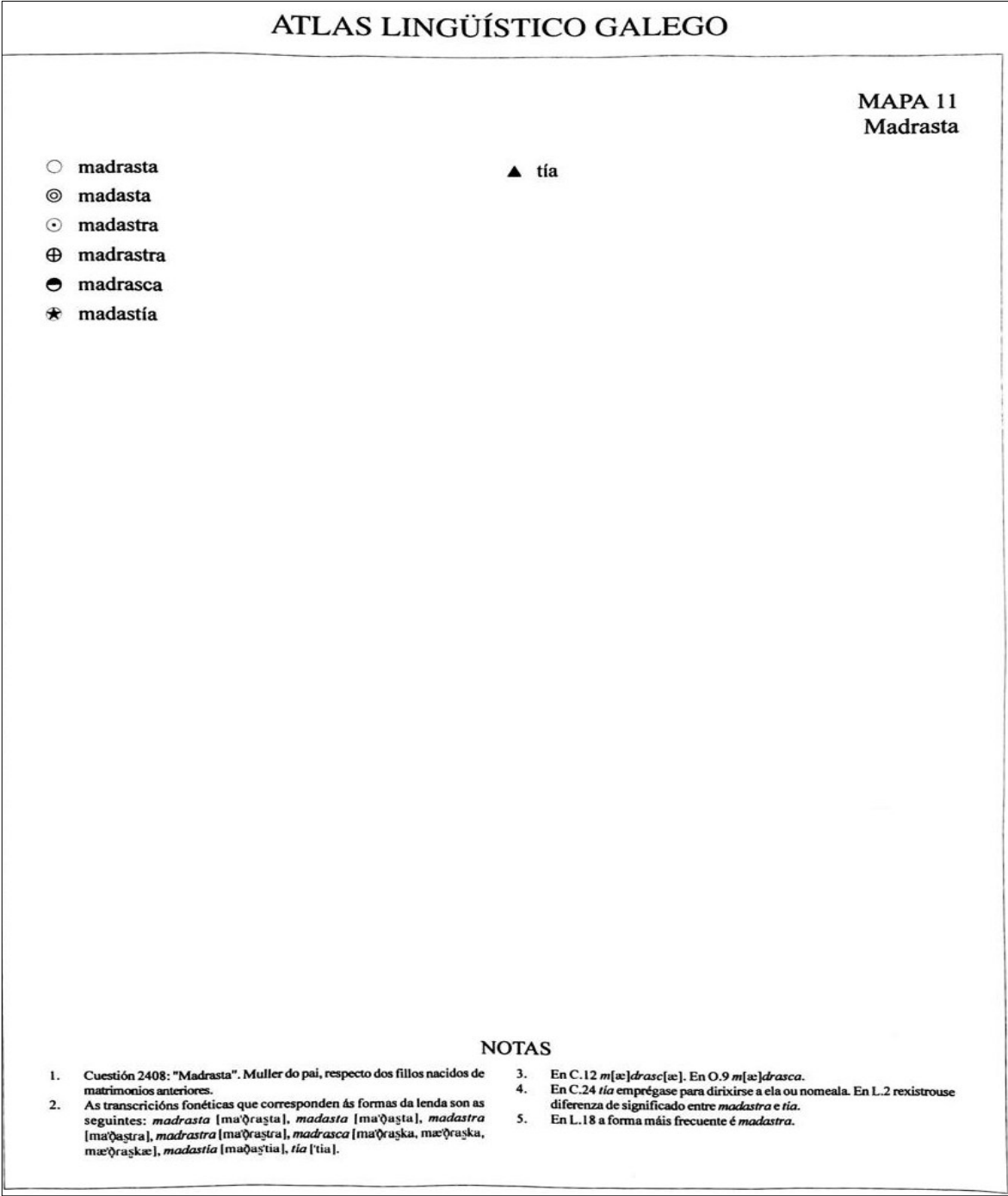


Imagem 2 - Exemplo da cartografia linguística do ALGa - B



Fonte: (Blanco; Garcia; Fernández, 2020).

2.1.5 O português brasileiro

A Língua Portuguesa foi formada pelas transformações ocorridas com o latim desde a invasão da Península Ibérica, e durante todo o processo de contato entre diferentes línguas e povos com a expansão do império romano. Essa nova língua, depois de várias mudanças, foi trazida ao Brasil e levada a outros continentes, no período das Grandes Navegações ocorridas

no final do século XV e no início do século XVI. Tais navegações iniciaram, efetivamente, a colonização portuguesa em 1532.

Ao chegar ao Brasil, a língua portuguesa entrou em contato com povos que falavam outras línguas, sejam, as línguas indígenas. Quando da chegada dos portugueses, havia entre 1 e 6 milhões de indígenas que já moravam no Brasil, tendo à sua disposição cerca de 300 línguas usadas para a comunicação. Essas línguas eram estruturadas por dois grandes troncos linguísticos: o macrotupi e o macrojê, cada qual com suas famílias, línguas e dialetos e mais vinte línguas isoladas não classificadas em tronco. Dessas 300 línguas, sobreviveram cerca de 160 (Castilho, 2010).

Ao aportarem no Brasil, os portugueses se deparam com essa diversidade linguística. Tal fato, de certa forma, foi responsável para que algo fosse empreendido para que se estabelecesse a comunicação com os indígenas. Essa realidade proporcionou, no primeiro momento, a utilização de gestos, sinais e, posteriormente, uma adequação linguística, quando os portugueses foram incorporando palavras indígenas ao seu vocabulário. Isso foi fundamental para dar início à comunicação e colocar em ação os objetivos de colonizar.

As línguas indígenas foram usadas para a catequese católica. Devido a isso, os portugueses adotaram, ainda no século XVI, a política de usar a língua geral. A adoção de uma língua geral, no contexto da colonização, demonstrou a imposição de uma única língua em detrimento das outras para o contato com os colonizadores. Essa estratégia negou a diversidade linguística e cultural dos vencidos no processo e se constituiu como forma de dominação (Ilari; Basso, 2014).

A criação das línguas gerais no Brasil foi facilitada, uma vez que as línguas nativas pertenciam, em sua maioria, ao tronco tupi e apresentavam relativa uniformidade. Uma dessas línguas foi a língua geral paulista falada na região sudeste e a outra a amazônica, ou o *nheengatu*, falada no norte do país (Castilho, 2010; Ilari; Basso, 2014). Vale ressaltar que o uso da língua portuguesa falada foi primeiramente imposto nas áreas canavieiras de Pernambuco e da Bahia. Nas outras áreas, era predominante o uso da língua geral (Oliveira, 2009).

Para completar este multilinguismo já observado pelo contato das diversas línguas indígenas, dos anos de 1538 a 1855, chegaram ao Brasil cerca de 18 milhões de escravizados negros que passaram a conviver com uma pequena população branca e com 6 milhões de indígenas. Esses escravizados africanos integravam duas culturas: a cultura do banto e a sudanesa, o que contribuiu expressivamente para a cultura local tanto quanto para a formação linguística, especificamente, na construção do léxico (Barizon, 2021). Ao chegarem ao Brasil, os africanos trouxeram consigo várias línguas africanas, dentre essas a língua banto, jeje-mina,

nagô-iorubá e hauçá. A prova da influência das línguas africanas no português são as mais de trezentas palavras africanas que foram incorporadas ao português brasileiro (Castilho, 2010).

Teyssier (2007), ao descrever a situação linguística do Brasil no século XVIII, afirma:

Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum (Teyssier, 2007, p. 94).

Vale ressaltar que, por muito tempo, o português e a língua geral tupi conviveram como línguas de comunicação. O tupi foi usado pelos bandeirantes em suas expedições, pelas famílias portuguesas e pelos indígenas, enquanto o português era usado nas escolas. Em meados do século XVIII, a língua geral entra em decadência, devido à chegada de muitos imigrantes portugueses em busca de ouro e diamantes, à proibição oficial do uso da língua geral, à obrigatoriedade do uso da língua portuguesa e à expulsão dos jesuítas que, de certa forma, protegiam a língua geral (Teyssier, 2007).

Observe-se, então, que durante o período da colonização, a matriz do povo brasileiro foi se constituindo por meio de três etnias: os indígenas, os portugueses e os africanos. Isso pressupõe que o contato linguístico entre eles fez emergir a língua portuguesa brasileira que, em cada região do país, apresenta-se com suas singularidades linguísticas.

2.1.5.1 Investigações sobre a língua portuguesa falada na região oeste da Bahia

A região oeste da Bahia já foi objeto de estudos linguísticos, buscando, principalmente, resgatar o contexto multilinguístico já observado no período da colonização com a presença de indígenas e africanos nessa região.

Nesse sentido, a pesquisa de Brito, Cangirana e Assis (2022), *Os povo fabrica os remédio: padrões de concordância verbal e nominal no Português Popular de Rio das Rãs* analisou a influência dos fatores sociais no uso da regra de concordância verbal e nominal no português popular falado na comunidade quilombola Rio das Rãs localizada no município de Bom Jesus da Lapa. Rio das Rãs é a primeira comunidade no Brasil a ser reconhecida como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares (1996).

A análise dos fenômenos variáveis na pesquisa se baseou nos fundamentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

A pesquisa de Cangirana e Gonçalves (2022) intitulada *Eles viu x eles viram: a relação entre as redes sociais e a marcação de concordância em P6 em rio das rãs*, também foi realizada na mesma comunidade. As autoras buscaram examinar o impacto das redes sociais na utilização da concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos habitantes da comunidade. O estudo se baseou nos princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

Souza (2022) desenvolveu a pesquisa *Quer que eu falo/fale: variáveis sociais e o uso do subjuntivo no português em comunidades quilombolas do oeste da Bahia*, cujo objetivo foi a descrição e análise do comportamento do fenômeno variável do modo subjuntivo no português rural das comunidades quilombolas de Montevidinha e de Rio das Rãs. Esta pesquisa também se fundamentou nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

O trabalho denominado *O português do oeste baiano: constituição de corpus em Santa Maria da Vitória*, desenvolvido por Silva *et al.* (2021), foi realizado na comunidade urbana de Santa Maria da Vitória e na comunidade rural quilombola Montevidinha. O objetivo foi contribuir para as pesquisas sociolinguísticas no Brasil, ao salientar reflexões sobre a formação sócio-histórica do português brasileiro, descrever e analisar a diversidade sociolinguística, ao mesmo tempo que descreveu e explicou a variação e mudança nas estratégias de relativização, um fenômeno que distingue o português brasileiro do português europeu.

A região oeste também já foi estudada sob outras perspectivas, como a de França e Barreto (2019): *Enveredando pelo léxico: algumas incursões sobre a causa mortis presentes em livros de óbitos novecentista do oeste da Bahia*, que se propôs a analisar o léxico das *causae mortis* registrada no Livro de Óbito de Santa Rita de Cássia (BA), lavrado no século XIX. Tal estudo mostra como a palavra é uma ferramenta indispensável para salvaguardar a memória linguística, social e cultural de uma determinada localidade. Além disso foi elaborado um glossário das *causae mortis* encontradas na pesquisa feita em edições filológicas do documento em voga, como edições facsimilar e semidiplomática. A pesquisa analisou também as *lexias* que nomeavam as doenças apontadas pelos vigários-escrivães da época.

Ramos (2004), no trabalho intitulado *Preliminares de um estudo linguístico e histórico da toponímia baiana o caso da região econômica oeste I e II*, expôs parcialmente a fundamentação de uma pesquisa linguística e histórica acerca da toponímia municipal baiana na parte I e, na parte II, apresentou a evolução histórica da toponímia municipal do oeste da

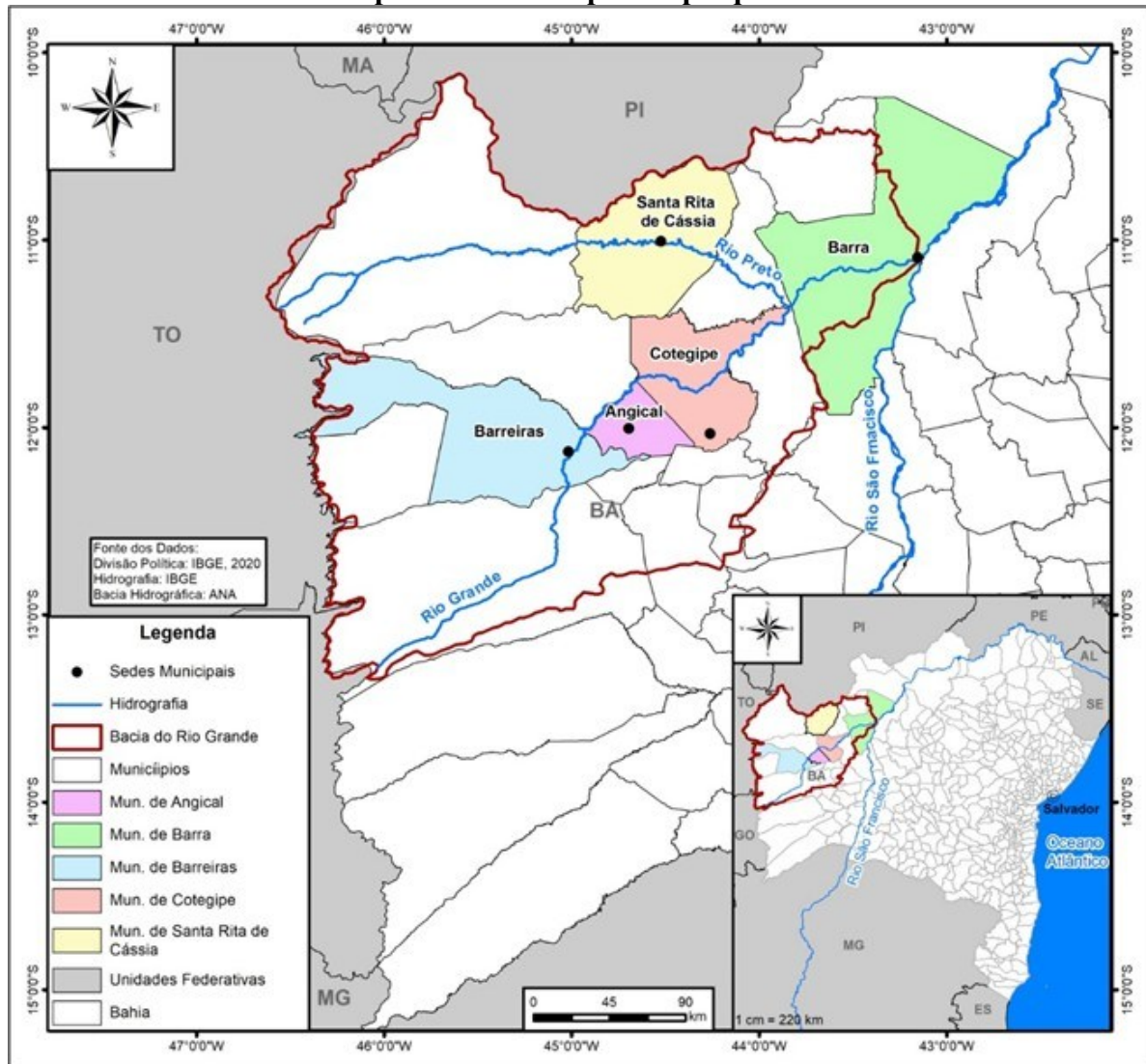
Bahia, relacionando o nome atual de cada município com sua história. Ambos os textos foram recortes da tese de doutoramento do autor sobre a toponímia baiana.

E, por fim, a pesquisa de Felício (2021) que objetivou descrever e analisar as estratégias discursivas de negação utilizadas nos falares do oeste baiano. O destaque desse estudo foi a lexia *nunca* com uma semântica ainda fora da pauta das análises linguísticas contemporâneas e a dimensão argumentativa que envolve o processo da negação.

Embora os falares dessa região já tenham sido estudados sob diferentes perspectivas, não se encontrou nas pesquisas realizadas nenhuma que focalizasse esses falares em uma perspectiva dialetológica pluridimensional, como se propõe nesta tese: analisar aspectos semântico-lexicais semelhantes entre as unidades lexicais registradas no *Atlas Linguístico do Galego*, volume VII, *O ser humano II* e as lexias encontradas no português falado na região oeste da Bahia, de forma a mostrar a tendência à manutenção ou ao desuso de lexias do português brasileiro relacionadas às lexias galegas. Por inferir que há aspectos semântico-lexicais comuns entre o Galego e o Português Brasileiro, é que se optou pelo título desta tese “Entre o galego e o português brasileiro: o léxico da margem do Rio Grande na Região Oeste da Bahia”.

2.2 Pontos de rede investigados

Mapa 5 - A rede de pontos pesquisada



Fonte: Elaborado pelo geógrafo Matheus Ricardo Bárbaro Ribeiro, 2024.

O Território Bacia do Rio Grande fica localizado no extremo oeste da Bahia (Mapa 5 acima) e é composto por 14 municípios, dentre esses Barra, Cotegipe, Angical, Santa Rita de Cássia e Barreiras, cidades onde foi coletada parte dos dados linguísticos desta tese. Esses municípios foram escolhidos por serem os mais antigos e por terem surgido diretamente relacionados aos rios, dado que foi às margens do Rio Grande, em meados de 1600, que navegantes começaram a se estabelecer, implantaram suas fazendas de gado e começaram a investir na agricultura.

Esses relatos evidenciam a importância dos rios para a região oeste, uma vez que o Rio Grande, como o maior afluente do rio São Francisco na Bahia, permitiu a expansão do

agronegócio, um intenso desenvolvimento e dinamismo econômico, o que possibilitou ao oeste baiano se tornar a região produtora mais importante do Matopiba².

Na Tabela 1, a seguir, estão registrados os cinco pontos de rede investigados nesta tese. Esses pontos estão organizados conforme o século de seu surgimento (Barros, 1920; Ferreira, 1958a, 1958b), o povoamento (data do mais antigo para o mais recente) e população estimada, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024a, 2024b, 2024c, 2024d, 2024e).

Tabela 1 - Surgimento das localidades investigadas na pesquisa

Surgimento	Localidades	Povoamento	População estimada 2022
Século XVII	Barra	1670	51.092
	Cotegipe	1820	13.063
	Angical	1821	13.732
	Santa Rita de Cássia	1840	27.390
	Barreiras	1881	159.734

Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de dados de Barros (1920), Ferreira (1958) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024a, 2024b, 2024c, 2024d, 2024e).

O surgimento de toda a região oeste da Bahia, especificamente dos municípios supracitados, é antigo. Todas as vilas, freguesias e todos os povoados fundados nos sertões da Bahia se originaram da ação dos sertanistas que se deslocaram do litoral para o centro, em busca de ouro, diamantes e lucros na criação e na venda do gado. Sabe-se que D. João de Lencastro, o Governador Geral do Brasil, pelos fins do século XVII, para fazer face às constantes invasões dos acoroazes e mocoazes³, “erigiu não só o arraial de índios⁴ mansos, de que surgiu a atual cidade de Barra, bem como os de Pilão Arcado e Campo Largo. Foi este último o ponto originário do município de Cotegipe” (Ferreira, 1958a, p. 199).

Barros (1920), em sua obra *Bandeirantes e sertanistas bahianos*, informa:

A colonização da parte ocidental do rio São Francisco, na região que vai de Casa Nova a Remanso, a Pilão Arcado, Barra do Rio Grande, Santa Rita do Rio Preto, Campo Largo, Angical, Santa Maria da Vitória, Sant' Ana dos

² Região formada pelo estado do Tocantins e partes dos estados do Maranhão, Piauí e Bahia, onde ocorreu forte expansão agrícola a partir da segunda metade dos anos 1980, especialmente no cultivo de grãos. O nome é um acrônimo formado pelas siglas dos quatro estados (MA + TO + PI + BA) (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2025).

³ Indígenas dizimados durante o período colonial.

⁴ O termo foi mantido tal qual na citação, mas nesta tese a opção é pelo termo “indígena”.

Brejos, Barreiras, Correntina, e rio Carinhanha, obedeceu nos séculos 17 e 18 à orientação das Casas da Torre e da Ponte (Barros, 1920, p. 311).

As afirmações de Ferreira (1958a) e Barros (1920) demonstram que toda a rede de pontos considerada nesta tese foi erigida no século XVII.

2.2.1 Barra

A origem do município da Barra remonta ao século XVII, especificamente ao ano 1670, quando um curral da Casa da Torre, de Dias D'Ávila, foi construído próximo ao rio Grande, no ponto onde suas águas se encontram com as do rio São Francisco, e, a partir disso, nasceu a Fazenda da Barra do Rio Grande do Sul. Mais tarde, os padres vieram à região, com o intuito de catequizar os indígenas que viviam naquelas terras, o que levou à construção da Capela de São Francisco das Chagas, da Barra do Rio Grande do Sul. Assim, a fazenda cresceu e tornou-se um arraial (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024b).

Por deliberação do Rei de Portugal, Dom José I, o arraial passou à povoação em 1698. Após a assinatura da Carta Régia pelo então governador geral do Brasil, Dom João de Lencastro, a localidade ficou oficialmente conhecida como Povoação de São Francisco das Chagas, da Barra do Rio Grande do Sul. A povoação cresceu em virtude da chegada de novos moradores vindos de outras partes do país e até do exterior e, em 1752, transformou-se na Vila de São Francisco das Chagas, da Barra do Rio Grande do Sul. Nessa época, a população era composta por vaqueiros, lavradores, pescadores, produtores de rapadura, de cachaça e caixeiros viajantes. A economia era gerada pela criação de animal bovino, pela lavoura e pelo beneficiamento de carnes e peixes.

A vila de São Francisco das Chagas, da Barra do Rio Grande do Sul, esteve subordinada ao estado de Pernambuco, e depois a Minas Gerais, por mais de setenta anos. Foi somente em 1827, após a Independência do Brasil, que o Imperador Dom Pedro I inseriu à Província da Bahia à Comarca do Rio São Francisco com sede na Vila da Barra. Naquela época, a comunicação com outras localidades se dava através de uma linha de correio que funcionava com homens viajando a pé carregados de malas de correspondências, que passavam pela vila três vezes por mês.

A situação melhorou em 1902, quando o vapor Saldanha Marinho começou a trafegar frequentemente entre Pirapora (Minas Gerais) e Juazeiro na Bahia, passando, assim, pela Vila da Barra. A vila passou à condição de cidade em 16 de junho de 1873, com a denominação

Cidade Florescente da Barra do Rio Grande. No mesmo ano, o nome foi reduzido para Barra do Rio Grande e, em 1931, passou a ser somente Barra (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024b).

Em divisão administrativa, do ano de 1911, o município era constituído de 4 distritos: Barra do Rio Grande, Brejo do Buriti, Icatu e Igarai. Esses distritos sofreram mudança em suas denominações: Buriti teve seu topônimo alterado para Buritirama; Icatu passou a denominar-se Ibiraba e Igarai passou a chamar-se Igarité.

Em divisão territorial, datada de 1950, o município é constituído de 5 distritos: Barra, Buritirama, Ibiraba, Igarité e Piragiba, e, em divisão territorial datada de 2003, o município é constituído de 3 distritos: Barra, Ibiraba e Igarité, permanecendo, assim, em divisão territorial datada de 2014. A mesorregião de Barra é o Vale São-Franciscano da Bahia; a região intermediária é Irecê e a região de influência é Barreiras - BA (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024b).

2.2.2 *Cotegipe*

Primitivamente, a região que hoje é o município de Cotegipe, era habitada pelos indígenas Acroá, e seu povoamento iniciou-se na primeira metade do século XVII, quando aventureiros procedentes da Província de Pernambuco se fixaram à margem do Rio Grande e passaram a desenvolver a agropecuária. Tempos depois, devido a uma grande cheia do rio, eles deixaram o local, se estabeleceram no Alto do Umbuzeiro e, ali, fundaram um povoado. Em 1820, o município foi criado com a denominação Campo Largo, e cinco anos depois, teve o nome alterado para Barão de Cotegipe, em homenagem a João Maurício Mariani Vanderlei, o Barão de Cotegipe, nascido em Barra do Rio Grande (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024d).

No ano de 1883, foi desmembrado da antiga vila de Barra do Rio Grande (mais tarde, Barra), e em 1931, o município denominado Barão de Cotegipe foi extinto, tendo seu território sido anexado ao Município de Angical. Em 1933, foi elevado novamente à categoria de município com a denominação Cotegipe e desmembrado de Angical. Em divisão administrativa, referente ao mesmo ano, o município aparece constituído de 3 distritos: Cotegipe, Campo Largo e Gerais de Cariparé, e, em divisão territorial, em 1988, o município é constituído de 3 distritos: Cotegipe, Jupaguá e Taguá, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024d).

2.2.3 *Angical*

Foi sob a égide de uma poderosa tutela feudal que o município de Angical surgiu. Como já mencionado, a colonização dessa área do Rio São Francisco seguiu a orientação da Casa de Torre e da Ponte, nos séculos XVII e XVIII.

No início do século XIX, as terras denominadas Brejo do Angical (devido à existência de grandes matas de angico, cercadas de brejos) passaram a pertencer aos irmãos Almeida: José Joaquim de Almeida, Joaquim Herculano de Almeida e Manuel Frederico de Almeida, sendo o primeiro o principal fundador do município de Angical. Eles eram descendentes de uma ilustre família de Portugal e possuíam grande quantidade de escravizados que se dedicavam à cata de diamantes nos boqueirões da Chapada Diamantina, depois empregados em construção de barragens, na produção da lavoura e na criação de gado (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024a).

Em razão da riqueza da qual desfrutavam, esses pioneiros construíram grandes residências. Ergueram, em 1810, a primeira igreja, ornada de objetos de ouro e prata. Em 1821, foi erigida a freguesia com a denominação Sant'Ana do Sacramento do Angical. Com a assinatura da Lei Áurea, em 1888, a Abolição da Escravatura interferiu contundentemente na organização econômica dessa família, o que fez com que alguns de seus membros se mudassem para o Rio de Janeiro e fossem vendidas suas propriedades.

Em 5 de julho de 1890, o então governador do Estado, Marechal Hermes Ernesto da Fonseca, assinou o ato que elevou a freguesia à categoria de vila, inaugurada em 2 de janeiro de 1891, com o nome de Santana do Angical. O território foi, então, desmembrado do antigo Município de Campo Largo, atual Cotegipe. Por Lei Municipal de 20 de fevereiro de 1891, Angical teve subordinado, como seu Distrito de Paz, o de Barreiras. No entanto, pela Lei Estadual de 6 de abril do mesmo ano, desligou-se Barreiras de Angical. Em divisão administrativa, referente ao ano de 1911, o município aparece constituído de quatro distritos: Angical (ex Santana do Angical), Brejo Velho, Buritisinho e Missão de Aricobé. Em divisão territorial, datada de 2001, o município é constituído de dois distritos: Angical e Missão de Aricobé, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024a).

2.2.4 *Santa Rita de Cássia*

Primitivamente, a região era habitada pelos indígenas Guerém, e o território integrava o sertão de Pernambuco. Seu povoamento teve início em meados do século XVII, quando colonos

portugueses ali se estabeleceram e desenvolveram o cultivo da cana-de-açúcar e se dedicaram à criação de gado. Desse povoamento inicial, formou-se o arraial Santa Rita do Rio Preto.

Em 1804, criou-se a Freguesia de Santa Rita do Rio Preto e o povoado tornou-se ponto de convergência de tropas provenientes do Piauí, norte de Goiás e do sul do Maranhão. Em 1840, o município foi criado com a denominação Vila de Santa Rita do Rio Preto, tendo seu topônimo alterado para Rio Preto, em 1931, para Ibipetuba, em 1943 e, pela Lei Estadual de 1957, passou a denominar-se Santa Rita de Cássia, em homenagem à padroeira Santa Rita de Cássia. No decorrer de sua história, o município teve seu território desmembrado para formar o município de Formosa do Rio Preto, em 1961 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024e).

Nos quadros de apuração do Recenseamento Geral de 1920, o município aparece com 2 distritos: Santa Rita do Rio Preto e Formosa. Em divisão administrativa, referente ao ano de 1933, o município - já denominado Rio Preto - é constituído de 3 distritos: Rio Preto, Formosa e Mansidão. Em divisão territorial datada de 1963, é constituído de 2 distritos: Ibipetuba e Mansidão. Em divisão territorial de 1979, é constituído por 2 distritos: Santa Rita de Cássia (antes Ibipetuba) e Mansidão. Em divisão territorial de 1988 o município é constituído de 2 distritos: Santa Rita de Cássia e Malhada Grande, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024e).

2.2.5 Barreiras

As terras do atual município de Barreiras pertenciam à sesmaria de Antônio Guedes de Brito, o fundador do Morgado da Casa da Ponte. No século XVII, as terras dedicadas à lavoura e criação foram vendidas a José Alves Martins, Domingos Afonso Serra e outros. Domingos Afonso Serra construiu a Fazenda Tapera, a qual, após sua morte, foi inventariada e vendida a diversos, quando, acredita-se, surgiram as primeiras moradias (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024c).

Em 1850, o barqueiro Plácido Barbosa, que morava junto ao porto, em terreno da Fazenda Malhada, juntamente com seu patrão, Francisco José das Chagas, se desempenhava a receber e descarregar as barcas, cujas mercadorias fazia seguir para localidades vizinhas em tropas de animais. A partir disso, seguiu-se, lentamente, uma fase de progresso até o ano de 1880, ano em que a povoação era um lugarejo com apenas 20 casebres de taipa ou adobe. Foi devido à abundância de mangabeiras, árvore de cuja seiva se faz a borracha, que uma nova atividade econômica se desenvolvia, um fator definitivo de crescimento. Assim, o pequeno

povoado começou a progredir mais rapidamente e a obter, em 1881, a criação de sua freguesia, que passou a ser distrito de paz do município de Angical, dez anos depois. Em 1891, pela Lei Estadual, o município foi elevado à categoria de vila com a denominação Barreiras, e em 1902, adquiriu foros de cidade, uma vez que já possuía mais de seiscentos e trinta casas e dois mil e quinhentos habitantes.

Em divisão administrativa, referente ao ano de 1911, o município aparece constituído de 4 distritos: Barreiras, Santana, São Desidério e Várzeas, permanecendo assim em divisão territorial até 1933. Em divisões territoriais datadas de 1936 e 1937, o município aparece constituído de 8 distritos: Barreiras, Bonfim, Palmares, Rio Branco, Santana, São Desidério, Sítio Grande e Várzeas. Alguns nomes sofreram mudanças: Bonfim recebeu a denominação Boa Sorte, Rio Branco passou a se chamar Barrocas e Santana Catão (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024c).

No período de 1939 a 1943, o município passa a ser constituído de 7 distritos: Barreiras, Barrocas (antes Rio Branco), Boa Sorte (antes Bonfim), Catão (antes Santana), São Desidério, Sítio Grande e Várzea. Pela Lei Estadual de 1962, é desmembrado do município de Barreiras o distrito de São Desidério e Sítio Grande, para constituírem o novo município de São Desidério. Pela mesma lei, o distrito de Catão é desmembrado do município de Barreiras, e elevado à categoria de município com o nome de Catolândia, assim como os distritos de Tapiracanga e Várzeas, para constituírem o novo município nomeado de Baianópolis. Em 1963, o município é constituído distrito sede, permanecendo assim em divisão territorial datada de 2014 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024c).

2.3 Fundamentação conceitual

Os estudos dialetológicos concebem a variação da língua em espaços territoriais. Nesta seção, descreve-se o percurso da Dialetologia Monodimensional até a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, teoria usada como referencial nesta tese. Trata, ainda, da Lexicologia, também utilizada para subsidiar as análises propostas das noções de sistema, norma e fala e das categorias de análise: tendências à manutenção e ao desuso.

2.3.1 Breve histórico da dialetologia

O termo Dialetologia, por vezes usado como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que descreve comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que

uma língua se diversifica no espaço e estabelece seus limites, como informam Dubois *et al.* (2007).

Por bastante tempo, Dialetoлогия significou resgate da história de uma língua, em que o objeto de estudo, “o dialeto, era visto como uma espécie de remanescente vivo de eras passadas” como se fosse “um depósito valioso de informações, acerca de estágios mais antigos da língua e de seus falantes em uma determinada área ou nação” (Altenhofen, 2006, p.159). Neste contexto, é possível observar que os estudos linguísticos desenvolvidos no século XIX, traziam em sua essência uma investigação empírica de cunho dialetológico por meio do método histórico-comparativo.

O estudo linguístico desenvolvido no século XIX incorporou a visão histórica e a comparação dos dados, dando origem à Linguística histórica. Por meio do método-histórico comparativo, os estudiosos começaram a se interessar pela mudança das línguas e pelo percurso histórico das formas linguísticas e os seus possíveis vínculos. Até o final daquele mesmo século, essa metodologia foi considerada modelo para o estudo científico da linguagem em uma perspectiva diacrônica. Isso só foi possível com a utilização de textos antigos escritos, objetivando conseguir uma forma linguística original, conforme Faraco (2005). Em suma, buscavam a língua primitiva indo-europeia que originou todas as línguas.

Paralelas a esses estudos comparativos, havia duas teorias: a que analisava a língua sob um viés biológico, considerando-a um organismo natural, e a outra que postulava ser a fala humana um produto meramente mental. Ambas restringiam o estudo de uma língua aos estudos da Fonética. Do confronto dessas duas abordagens surgiu um grupo de linguistas chamado de neogramáticos.

Esses linguistas se contrapuseram aos estudos comparativos que procuravam encontrar a língua primitiva indo-europeia. Para eles, “era necessário estudar as línguas vivas atuais e os dialetos, o que propiciaria observar com facilidade o elemento psíquico da língua, pois são falados em nosso tempo” consoante o dizer de Romano (2014, p. 139).

Esse grupo de estudiosos era vinculado à Universidade de Leipzig (Alemanha) e considerava a Fonética imprescindível para o estudo histórico da linguagem. Afirmavam eles que

[...] todas as mudanças fonéticas são explicadas por leis que não permitem exceção, leis estas regulares que atingem todas as palavras da língua. Para os neogramáticos, o que não podia ser explicado pelas leis explicava-se por analogia, ou seja, tinham uma concepção mecânica e ao mesmo tempo psíquica da língua. Em outras palavras, na linguagem humana atuam duas forças: uma psíquica (analogia) e outra de natureza física ou mecânica (as leis fonéticas) (Romano, 2014, p. 140).

A pressuposição teórica importante desse estudo linguístico era a regularidade das mudanças linguísticas. Justificavam essa ideia, utilizando a reconstituição da história das línguas, por meio das mudanças ocorridas nas formas e nos significados das lexias. Porém, essa técnica não contemplava as exceções que insistiam em ocorrer nessa regularidade e que, de certa forma, comprometiam esse estudo.

Para tentarem resolver a questão das exceções, os neogramáticos instituíram a noção de lei fonética. Isso significou um princípio de regularidade, ou seja, “o mesmo fonema, num contexto fonético dado, sofre na mesma língua, e durante um certo período, a mesma mudança em todas as palavras da língua em questão” (Dubois *et al.*, 2007, p. 359), constituindo assim, a imutabilidade dessa lei.

A instituição das leis fonéticas pelos neogramáticos foi imprescindível para o início da sistematização dos estudos dialetológicos, o que, de certa forma, também influenciou o estudo desenvolvido pelos neogramáticos. Houve estudos para provar a limitação da lei, mas, também investigações para mostrar como os dialetos poderiam fornecer evidências sobre a mudança linguística, uma vez que eles seriam o estágio mais atual da família indo-europeia (Robins, 1979). Com esses estudos, observou-se a variação entre as línguas advindas das regras de mudança, o que, concomitantemente, suscitou o interesse por se estudarem os diferentes dialetos da época.

O foco direcionou-se para os usos orais da língua e isto possibilitou iniciar um método de coleta sistemática de dados advindos de diferenças dialetais: a chamada geografia linguística.

A não aceitação do conceito das leis fonéticas fez com que linguistas, por meio de estudos empíricos, principalmente os dialetológicos, mostrassem que uma unidade sonora poderia mudar de uma palavra para outra, “o que significa que a expansão das mudanças é lenta, progressiva e diferenciada tanto no espaço geográfico quanto no interior do vocabulário, sendo isso decorrência de as condições de uso, em que cada palavra se encontra, não serem idênticas” (Faraco, 2004, p. 38). Nesse sentido, pode-se citar o estudo do austríaco Hugo Schuchart (1842-1927), que se opôs ao conceito de lei fonética, quando enfatizou as diversas variedades de fala observadas em qualquer comunidade, e salientou que essas variedades eram condicionadas por fatores como gênero, idade e nível de escolaridade. Já se percebe, então, um afastamento do tratamento imanetista da mudança linguística para “um tratamento em que o contexto social e cultural da língua é visto como condicionante básico da variação e, dentro dela, a mudança” (Faraco, 2004, p. 39).

Não há como negar a contribuição da neogramática para os estudos da linguagem. Foi a oposição a esse viés historicista que favoreceu outras abordagens do estudo linguístico. Pode-

se comprovar pelas pesquisas já consultadas que os estudos dialetais já faziam parte do método diacrônico, pois, de acordo com Iordan (1962), antes dos neogramáticos, Ascoli já havia estudado os dialetos italianos. Dessa forma, conforme Iordan, foi Ascoli “quem criou a Dialetologia italiana, dando-lhe foros de verdadeira ciência, devendo, por conseguinte, ser considerado o fundador da dialectologia românica em geral”.

Outro ponto interessante em Ascoli é que ele acreditava que a observância dos fenômenos linguísticos em uma língua viva fornecia dados seguros que poderiam levar a estados anteriores de qualquer língua à sua transformação, enquanto o inverso nem sempre era possível (Iordan, 1962, p. 33).

Os estudos efetivos norteados pela Dialetologia tiveram início no século XIX. Para complementar e para fins de compreensão dessa informação, é preciso atentar para o contexto da época. Não havia interação entre as áreas de estudo, devido a uma enorme distância de uma região para a outra, o que causava um isolamento provocado pelas poucas estradas, que resultava em dificuldade de comunicação e pela não existência de recursos tecnológicos. Tudo isso desenvolveu uma preocupação em documentar os diferentes estágios da língua, para que eles não se perdessem no curso da história (Cardoso, 2001).

Nesta fase inicial, constam dois projetos que instituíram as primeiras e principais diretrizes da investigação dialetológica:

- a) Deutscher Sprachatlas (Atlas da Língua Alemã- DAS - 1888-1923);
- b) Atlas Linguístico da Alemanha - do alemão Wenker e o
- c) Atlas Linguistique de la France (ALF - 1902-1910) do suíço Jules Gilliéron (Thun, 2010).

Tanto Wenker quanto Gilliéron objetivavam resgatar dados e documentos dos diferentes estágios de suas línguas. Eles produziram registros da fala, quando não havia estudos aprofundados referentes à língua falada. Tais registros foram representados por meio do atlas linguístico, enfatizando o aspecto diatópico e identificando o dialeto de uma determinada área. George Wenker, com o objetivo de registrar os dialetos alemães, por volta de 1877, enviou um questionário, por correspondência, com 40 frases escritas em alemão padronizado, para que fossem traduzidas para os dialetos locais. Quarenta mil, setecentas e trinta e seis (40.736) localidades foram contempladas, o que gerou um total de quarenta e quatro mil, duzentos e cinquenta e uma (44.251) respostas coletadas entre professores e alunos dos locais pesquisados (Cardoso, 2001, 2010). É preciso salientar que, mesmo sem controlar variáveis sociais como

faixa etária e sexo, esse trabalho foi considerado a primeira entrevista dialetal. O autor produziu de forma artesanal mais de mil e quinhentos (1500) mapas repletos de detalhes geográficos, dando ênfase à separação das fronteiras, o que foi considerado um marco para a cartografia linguística. Com esse trabalho, abriu-se o caminho para a pesquisa diatópica.

Diferentemente de Wenker, que coletou os dados de forma indireta, Jules Gilliéron realizou sua coleta *in loco* (Cardoso, 2001). O objetivo de Gilliéron era registrar a fala dos camponeses, antes que a urbanização atingisse os rincões franceses. Edmond Edmont, parceiro de Gilliéron na pesquisa, visitou seiscentos e trinta e nove (639) pontos franceses de inquérito e aplicou um questionário com mil e novecentas (1900) perguntas, o que resultou em mil novecentos e vinte (1920) mapas. Para Cardoso (2001), a principal contribuição metodológica de Guilléron

reside no fato de basear-se na documentação *in loco*, no caso específico, recolhida por um único e exímio documentador, Edmond Edmont. As variáveis sociais, embora sejam depreensíveis a partir do exame do perfil dos informantes, não comparecem registradas nas cartas e, também, não foram programaticamente definidas. Assim, observa-se que as idades se estendem dos 15 aos 85 anos; a presença de informantes do sexo feminino é bastante reduzida e, conseqüentemente, assimétrica em relação ao número de informantes do sexo masculino; e, finalmente, o nível de escolaridade vem a ser identificado por dedução das categorias de informantes – os que têm profissão que supõe instrução secundária e aqueles cuja ocupação indica a necessidade apenas de instrução primária (Cardoso, 2001, p. 28).

Os dois trabalhos, não obstante suas limitações, demonstram que era possível documentar fatos linguísticos em distintas regiões e interrelacioná-los. Em que pese a valiosa contribuição desses trabalhos, é preciso evidenciar que ambos enfatizavam apenas uma dimensão - a diatópica - ou seja, a localidade. A construção do Atlas Linguístico da França por Gilliéron e Edmont teve o mérito de marcar o início da aplicação do método da Geografia Linguística com rigor científico (Cardoso, 2001). Era o início da Dialectologia Monodimensional e a consolidação de uma nova metodologia de coleta de dados, a Geografia Linguística (Chambers; Trudgill, 2004).

2.3.2 Da dialetologia monodimensional à dialetologia pluridimensional e relacional

Para que se possa conhecer a origem da Dialectologia Pluridimensional e Relacional, (DPR), nesta seção, proceder-se-á a uma breve explanação sobre as teorias que fundamentaram a concepção deste recente estudo.

Os estudos dialetológicos são estruturados por ciências que estudam a linguagem sob a ótica da variação. Incluem a Dialetologia com sua metodologia, a Geolinguística, e a Sociolinguística. Por mais que tenham em comum a variação linguística, algumas diferenciações são perceptíveis.

Dialetologia vem do grego antigo *διάλεκτος*, *dialektos*, "fala", "dialeto", e *-λογία*, *-logos*+ *ia*, é o estudo científico dos dialetos linguísticos, que investiga as variações dos idiomas com base, primordialmente, na distribuição geográfica e nas características a ela relacionadas. Procede à descrição comparativa dos diferentes sistemas ou dialetos nos quais uma língua pode se diversificar no espaço geográfico que ocupa, demarcando-lhe os limites (Dialetologia, 2024). Tal informação também está presente em Thun (2010, p. 507), quando afirma que “de acordo com a ampla e antiga definição de *dialekto*, consideramos a dialetologia a ciência geral da variação linguística”⁵ (tradução nossa).

Como informa Pop (1950), os dialetos se tornaram objeto da atenção dos linguistas no final do século XVIII. Entretanto, foi no século XIX que se começou a “traçar com eficácia os rumos do novo ramo dos estudos da linguagem, a dialetologia com o que concebe, com seu método específico, a geografia linguística ou a geolingüística” (sic), como afirma Cardoso (2010, p. 35).

A Dialetologia Monodimensional (DM) ou Dialetologia Tradicional Espacial ou Areal origina -se do conceito de dialeto, que pode ser compreendido como uma variedade falada em uma determinada região, com traços mais conservadores e mais próximos da cultura e da forma linguística do local pesquisado. A comprovação disso pode se dar pela “noção de dialeto-base (ou basileto), depurado de qualquer influência da norma padrão (*standard*), dominar por muito tempo o foco de interesse dos estudos dialetológicos” (Borella, 2014, p. 36).

A Dialetologia Tradicional ou Monodimensional objetivava investigar as variações ocorridas no interior de cada comunidade linguística pesquisada, priorizando os aspectos geográficos, mas não levando em consideração os aspectos sociais. A Dialetologia Tradicional consistia no estudo de formas linguísticas proferidas, predominantemente por informantes denominados H.A.R.A.S., sigla que, segundo o perfil adotado em atlas linguísticos, significa homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário (Zágari, 2013, p. 52), NORMs – sigla para Homens Rurais, Mais Velhos e Sedentários, - (*Non-mobile, Older, Rural, Male*) (Chambers; Trudgill, 2004, p.29) ou Homem mais velho da zona rural *Rural*

⁵In accordance with the wide, antique definition of *dialekto*, we consider dialectology the general science of linguistic variation(Thun (2010, p. 507).

Old Man (ROM) (Trudgill, 1983, p. 33).

Dessa forma, considerar um informante com essas características seria acreditar que teriam contato com um dialeto arcaico, supostamente livre de contato, ou melhor dizendo: original. O pressuposto era de que o dialeto com tais características somente poderia ser abstraído do vocabulário de homens, idosos, com moradia permanente na zona rural. Nessa perspectiva, Chambers e Trudgill (2004) apontam:

A consistência na escolha de informantes ao longo da história da geografia dialetal se justifica de forma bastante clara. Os informantes deveriam ser topoestáticos simplesmente para garantir que a sua fala seja característica da região em que vivem. Eles devem ser mais velhos para refletir a fala de uma época passada [...] deveriam ser rurais, presumivelmente porque as comunidades urbanas envolviam demasiada mobilidade e fluxo. E deveriam ser masculinos porque nas nações ocidentais, o discurso das mulheres é considerado mais consciente de si e de classe do que o dos homens (Chambers; Trudgill, 2004, p. 30, tradução nossa).⁶

O interessante desta pesquisa dialetológica é que apenas uma única entrevista com um único falante em uma comunidade linguística investigada era suficiente para se obter um resultado relevante.

Outro dado considerável advindo do trabalho de Gilliéron é o célebre ideal da “foto instantânea sem retoques”. Não era permitido ao “informante mais do que uma só resposta a cada pergunta e não se admitia, em absoluto, a mobilização de sua competência metalinguística em forma de comentários” como argumenta Thun (2009, p. 534). O modelo tradicional da Dialectologia Areal focalizava apenas uma impressão estática do momento linguístico vivenciado por uma única geração de falantes de uma única classe social. A dimensão contemplada era somente a diatópica nesta fase.

Mesmo com restrição, vários estudiosos afirmam que tal procedimento foi de extrema relevância, pois, à época, registrou dados imprescindíveis, estruturados em forma de atlas linguísticos, como o do *Atlas Linguistique de la France*.

Neste contexto, Isquierdo e Romano (2012) ratificam que o nascimento da dialetologia se deu por meio da monodimensionalidade, uma vez que a prioridade era a

⁶ The motivation for so consistent a choice of informants throughout the history of dialect geography seems clear. The informants should be nonmobile simply to guarantee that their speech is characteristic of the region in which they live. They should be older in order to reflect the speech of a bygone era; Kurath says, ‘Since most of the [Type i] informants... are over 70 and not a few over 80, it would seem that we shall be able to establish the regionalism of the pre-industrial era of New England’ (1949: 27). They should be rural presumably because urban communities involve too much mobility and flux. And they should be male because in the western nations women’s speech is considered to be more self-conscious and class-conscious than men’s;

diatopia, o objeto de investigação. Para isso, as falas coletadas em áreas rurais eram as selecionadas e a preferência era por informantes homens de vida sedentária, idosos, analfabetos nascidos e residentes na mesma localidade. Foi uma tendência surgida no despontar da dialetologia, em meados do século XIX, mas, também, uma reação ao movimento dos neogramáticos, em relação à regularidade e à uniformidade das alterações fonéticas que ocorrem em toda língua.

As pesquisas sobre os falares regionais ganharam destaque na Dialetologia Monodimensional. Vários trabalhos foram desenvolvidos sob seu respaldo. Todavia, o próprio processo dinâmico que envolve os estudos sobre a língua indicava a importância do espaço geográfico para se compreender a diversidade linguística dos falantes, porém, também, sinalizava para os aspectos negativos de uma investigação limitada ao cunho diatópico. Críticas feitas por linguistas estruturalistas e sociolinguistas indicavam discordância quanto ao número e ao perfil dos informantes selecionados para a coleta de dados, mesmo tendo a Dialetologia Monodimensional alcançado prestígio pelo seu método de investigação linguística – Geografia Linguística.

Radtke e Thun (1996, p. 26) argumentam que a crítica que se faz aos postulados teóricos da Dialetologia em geral, e também à Geografia Linguística Românica, é baseada no argumento de que essas disciplinas se distanciaram da realidade. Não se ocuparam do mundo moderno das cidades, da mobilidade populacional e dos meios de comunicação de massa. Devido a isso, foram superadas por ciências como a Sociolinguística, a Pragmática, a Psicolinguística, a Linguística de Contato e a investigação da oralidade e a expressão escrita. Para concluir, afirma-se que a Geografia Linguística havia se tornado uma “disciplina obsoleta”.

Os autores contemporizaram, afirmando que essa generalização exclui a possibilidade de, no futuro, as ciências mencionadas anteriormente se utilizarem dos frutos da Geografia Linguística, uma das disciplinas mais empíricas da Linguística Descritiva. Os frutos dessa Geografia Linguística se tornaram realidade. Hoje há vários trabalhos que usufruem desta teoria/metodologia que se expandiu e incorporou novas dimensões de análise, como os *Atlas Lingüístico de Contacto em el Rio de la Plata* que incorpora projetos parciais como o *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*; o *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR)* e o *Atlas Lingüístico de los Mennonitas Rioplatenses (ALMRP)* (Thun, 2005, p. 69).

Apelos diretos e indiretos à pluridimensionalidade foram mencionados por Thun (2005). Como exemplo, pode se citar o programa delineado por Tomás Navarro Tomás, diretor do *Atlas Lingüístico da Península Ibérica (ALPI)* -, no *Prólogo à Segunda Edição*, Río Piedras, 1996 no

texto Español em Puerto Rico:

Está por realizar el plan ideal, que abarque el estudio del español de toda la isla, en sus centros urbanos y en sus barrios campesinos, y señale sus distintos niveles entre ancianos, adultos y jóvenes, entre personas instruidas, semicultas e iletradas, y entre hombres y mujeres. La fisonomía, las tendencias, la vitalidad y la firmeza o inseguridad de la lengua hay que buscarlas en la entrelazada comunicación y convivencia de esos grupos Sociales (Tomás *apud* Thun, 2005, p. 65).

O pressuposto básico desse programa era que o estudo da língua precisava considerar outras dimensões e outros parâmetros, como, por exemplo a dimensão diatópica (o ambiente rural e urbano, centro e bairros) e a dimensão diastrática (nível de escolaridade, faixa etária e sexo). Assim, seria possível compreender melhor a variação linguística, estabelecendo comparações entre as diferentes gerações e “analisar o *status* que tem a variação na fala dos grupos e dos indivíduos” (Margotti, 2004, p. 87).

Outro exemplo de apelo indireto à pluridimensionalidade estava no *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía* (ALEA), obra de referência para outros atlas regionais. Seu autor introduziu nos trinta pontos urbanos, as *encuestas multiples* (Thun, 2005, p. 65) e distinguiu o modo de falar de homens e mulheres, com faixas etárias e níveis socioculturais diferentes. Isso foi colocado como notas marginais em alguns mapas. Com tais exemplos, ficou evidente a necessidade e a urgência de se associarem outras dimensões que pudessem contemplar, efetivamente, a variação linguística ao estudo monodimensional da língua.

Contrário à análise que se restringia ao recorte a favor da dimensão diatópica, Blanch se pronuncia da seguinte forma: “se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais quanto das sociais, tanto no eixo horizontal quanto no vertical” (Blanch, 1978, p. 2 *apud* Margotti, 2004, p. 84).

Vale resgatar neste ponto, que a suposta crise da Geolinguística, mencionada anteriormente, somente seria superada quando a Geografia Linguística, ou Geolinguística, se tornasse “a ciência da variação” (Thun, 1996, p. 31). Para isso, urgia ampliar dimensões e parâmetros da análise para que contemplassem a modernidade da sociedade.

O turbilhão de movimentos tais como o mal-estar em relação à restrição extrema a poucos tipos de dimensão, ao perfil dos informantes e a tantas críticas feitas por linguistas estruturalistas e sociolinguistas, fez surgir uma metodologia fundamentada em variáveis sociais com possibilidade de interferência no uso da língua e na própria dinâmica da língua. Assim, começaram a surgir os primeiros sinais da pluridimensionalidade.

Uma nova abordagem para o estudo da língua surge na década de 1960, a Sociolinguística Variacionista. Seu precursor, William Labov, partia do pressuposto de que era possível “estabelecer uma relação de causa e efeito” a partir da “covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais” (Dubois *et al.*, 2007, p. 561). Entretanto, a variação investigada era aquela existente dentro de uma comunidade linguística particular, já que esta indica pressões sobre o uso, no dizer de Mollica (2007):

A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido de que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis (Mollica, 2007, p. 9-10).

Afirma Labov (2008, p. 21) que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade onde ela ocorre”. Desse modo, a Sociolinguística controlava as categorias sociais clássicas como faixa etária, escolaridade e sexo, “tendo em vista que a estratificação social representada por esses fatores está relacionada às características da comunidade de fala em estudo” (Felicio, 2021, p.81). Tais fatores são sempre analisados na perspectiva da existência de determinada variação na fala de um grupo de indivíduos.

Ressalte-se, diante do exposto, que tanto a Dialetoлогия Tradicional ou Monodimensional quanto a Sociolinguística têm seu foco na variação linguística. No entanto, esta última associa o estudo da língua a fatores linguísticos e extralinguísticos, já a primeira associa esse estudo à questão do espaço geográfico. Entretanto, ambas possuem sua restrição e sua importância, como postula Thun (2009):

A verdade é que a Geografia Linguística e a Sociolinguística compartilham da mesma origem. Uma e outra provêm da Dialetoлогия entendida antigamente como ciência da variação em geral. Deve-se aceitar a crítica da Sociolinguística, mas é necessário assinalar também seu ponto fraco. Se a Dialetoлогия monodimensional, e com ela a Geolinguística tradicional, podem-se considerar como má sociolinguística porque reduzem a variação vinculada à estratificação social, à variação que se dá num estrato só, a sociolinguística é também uma má dialetoлогия porque reduz a variação diatópica à variação de um só ponto (Thun, 2009, p. 536).

A Dialetoлогия Tradicional e a Sociolinguística estudam a diversidade dos usos da língua, todavia cada uma atribui particularidades ao seu objeto de estudo. Assim, teóricos da

área reconheceram que somente a representação geográfica de variação de uma língua, ou apenas os parâmetros sociais, observados em poucas localidades da rede de pontos, não bastariam para uma compreensão da diversidade linguística (Felício, 2023). Desse entendimento, surgiu a necessidade de se estabelecer uma metodologia que satisfizesse os estudos de variação linguística, associando a variação espacial às variáveis sociais.

Considerando essa perspectiva, pode-se perceber que a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional esteja se beneficiando das contribuições sociolinguísticas, especificamente, no âmbito dos aspectos extralinguísticos. Porém Cardoso e Ferreira (1994) demonstram que

A Dialetoologia já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo etc. A Dialetoologia, portanto, já há muito tempo usava de recursos interpretativos que passaram a ser posteriormente definidos como da sociolinguística (Ferreira; Cardoso, 1994, p.18).

Pode-se inferir dessa informação que, provavelmente, as autoras estejam se referindo aos primeiros trabalhos de Wenker e Gilliéron, porque mesmo de forma não sistematizada, era possível detectar nos dados coletados aspectos sociais como faixa etária e sexo.

Corroborando a ideia de Cardoso e Ferreira (1994), Callou (2010) argumenta que, mesmo sem serem sistematizados, os aspectos sociais sempre permearam os estudos dialetais, porém, foi somente com o advento da sociolinguística laboviana, na década de 1960, que passaram a ser correlacionados. A autora admite, então, que a “Sociolinguística nasceu [...] dentro da Dialetoologia: são, assim, Dialetoologia e Sociolinguística duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas sim se encontram e se complementam” (Callou, 2010, p. 35).

Assim, o que se percebe é a limitação individual de cada um dos métodos. Todavia, juntos podem se tornar uma exímia metodologia de análise da variação linguística. Como bem pontua Thun (1998),

a dialetoologia areal, embora tradicionalmente monodimensional, não o é por necessidade intrínseca, o que a torna uma forma limitada de sociolinguística (e pragmática). Por sua vez, a sociolinguística, tradicionalmente multidimensional, mas pouco atenta à dimensão espacial, constitui uma dialetoologia igualmente limitada (Thun, 1998, p. 702, tradução nossa)⁷.

⁷ La dialetoologia areal, monodimensional por tradición mayoritaria, pero no por necesidad intrínseca es una sociolinguística (y pragmática) limitada. La sociolinguística, multidimensional por tradición, pero reacia al espacio, es una dialectología limitada.

Elas se complementam, pois de fato não há mais possibilidade de estudar a linguagem de uma comunidade linguística sem considerar os fatores sociais como faixa etária, sexo, nível de escolaridade, profissão.

No final do século XX, estudiosos buscaram elucidar esse impasse, promovendo uma espécie de fusão entre a Dialetologia Monodimensional e a Sociolinguística, por meio do modelo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Como esclarece Thun (1998):

A Dialetologia e a Sociolinguística, disciplinas historicamente separadas, convergem em uma geolingüística ampliada que pode ser apropriadamente chamada de "Dialetologia Pluridimensional" (DP) e que é definida como parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades por um lado e falantes pelo outro (Thun, 1998, p. 704, tradução nossa).⁸

Consoante Marques e Santiago-Almeida (2020), o objetivo dessa nova fusão era suprir as lacunas existentes entre as abordagens. Isso, porque o novo modelo permitiria analisar diversas variáveis extralingüísticas em várias localidades da rede de pontos da pesquisa, tendo em vista a sua tridimensionalidade, pois associava a superfície da Dialetologia Tradicional e o eixo vertical da Sociolinguística, permitindo, portanto, análises mais amplas.

Nesse contexto, vale ressaltar as principais características desta nova abordagem de estudo sobre a variação linguística que tem como premissa básica combinar aspectos geográficos com aspectos sociais. As primeiras características notáveis são:

- a) a ampliação do campo de análise, englobando novas dimensões à dimensão diatópica da Dialetologia Monodimensional, aspecto a ser abordado à frente com mais detalhes;
- b) a variação linguística antes observada somente no espaço, passa a conter outras variáveis extralingüísticas;
- c) a forma de manifestação linguística dos falantes passa a ser considerada;
- d) o aumento do número de informantes, não apenas um, como na abordagem anterior. As entrevistas podem ser feitas com mais de um informante ao mesmo tempo, ou serem aplicadas aos informantes individualmente;
- e) a focalização não só no dialeto *Standard*, mas também nas variedades *substandard* e nas variedades linguísticas de contato entre duas ou mais línguas;

⁸ La Dialectología y la Sociolingüística, disciplinas históricamente separadas confluyen en una geolingüística ampliada que puede llamarse oportunamente "Dialectología pluridimensional" (DP) y que se define como parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y los hablantes por el otro lado.

- f) a admissão de sugestão/sugestão por parte do entrevistador, após a resposta espontânea do informante. Fica estabelecido da seguinte forma, no momento da aplicação do questionário, que se pergunte primeiro, insista em seguida sobre outras formas de nomear e, por último, o entrevistador sugere;
- g) a ampliação das possibilidades de análise dos dados, tais como a nanocronologia, a micronologia, mesocronologia e a macronologia, em relação à cronologia temporal nos atlas linguísticos;
- h) a alteração no tratamento cartográfico dos dados.

Os registros são feitos a partir de uma série de fotos do comportamento linguístico individual e sequências de fotos que registrem a interação linguística de um grupo de indivíduos. Esta técnica pode ser comparada com a cronofotografia e é diferente da fotografia instantânea da Dialetologia Areal (Thun, 2010).

Ainda sobre a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, Thun (1998) elucida:

[...] o espaço variacional da Dialetologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais (Thun, 1998, p. 706).

Neste sentido, essa abordagem compreende uma série de dimensões que a caracterizam, ainda, como pluridimensional, a saber:

- a) dialingual (variação produzida pela coexistência de duas línguas);
- b) diatópica (variação atribuída à distância espacial entre os grupos de informantes);
- c) diastrática (variação que se deve à distância social entre os grupos, ou seja estratificação sociocultural);
- d) diageracional (variação linguística entre as faixas etárias);
- e) diáfásica (variação observada entre os estilos da leitura, das respostas às perguntas do questionário e da conversa livre);
- f) diatópico-cinética (comparação entre o comportamento linguístico dos grupos estáveis com o falar de alguns grupos geograficamente móveis);

- g) diassexual (variação entre a maneira de falar de homens e mulheres);
- h) diarreferencial (contraste entre a fala sobre o mundo extralinguístico com a manifestação metalinguística da consciência linguística dos informantes);
- i) diarreligiosa (confissões religiosas dos informantes) e a
- j) diamésica (coleta de dados falados e dados escritos) (Altenhofen; Thun, 2016; Thun, 2000, 2005).

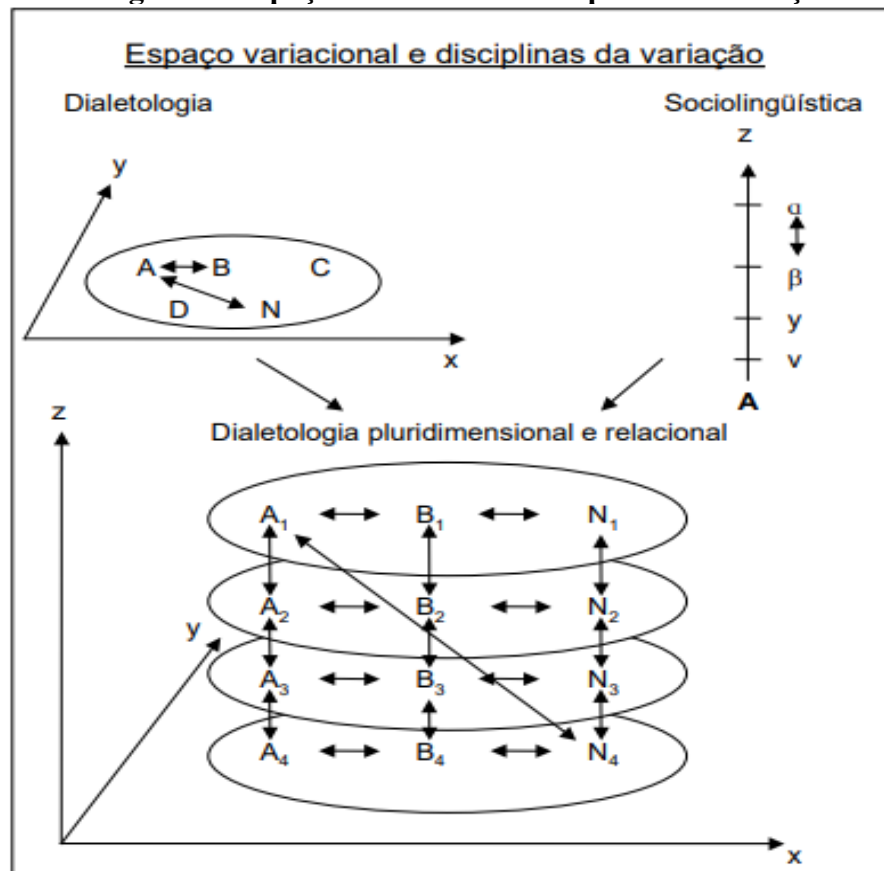
Essas dimensões são abordadas detalhadamente em uma próxima seção.

Para demonstrar as dimensões envolvidas no modelo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, que reúne a estrutura variacional e as disciplinas da variação, apresenta-se a seguir o esquema delineado por Thun (2005), em que se observa, na parte superior do quadro, à esquerda, a Dialetologia Monodimensional que age no eixo superficial e focaliza a escolha de apenas um tipo de sujeito, em diversas localidades da rede de pontos pesquisada, para ser entrevistado. Enquanto à direita, a Sociolinguística, que atua no eixo vertical, salienta diversas variáveis que podem ser analisadas em apenas um local da área pesquisada. Observa-se, na parte inferior do quadro, o modelo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, emergido pela integração entre as disciplinas da Dialetologia Monodimensional e da Sociolinguística. Conforme Thun (2005), tal modelo

Analisa relações de todos os tipos, não só as que unem os pontos da mesma superfície ($A \leftrightarrow B$) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo ($\alpha \leftrightarrow \beta$), mas estuda também o vínculo entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de uma outra superfície ($A1 \leftrightarrow B2$ e $A2 \leftrightarrow B2$) e as relações entre pontos diagonais ($A1 \leftrightarrow B2$). (Thun, 2005, p. 68).

Dessa forma, este novo modelo se aproxima mais do ideal de uma descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico e de sua relação com os falantes.

Imagem 3 - Espaço variacional e disciplinas da variação



Fonte: (Thun, 2005, p. 67).

Com esse arquétipo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, pode-se obter uma série de análises, abrangendo as que correlacionam dados de uma mesma base comum e aquelas que reconciliam aspectos díspares em uma visão diagonal. O termo relacional remete à ideia de se apresentarem inúmeras possibilidades de comparação entre as várias dimensões da língua.

Considerando o exposto sobre a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, esta tese propõe, reiterar-se, um estudo sobre o Português Brasileiro falado, com vistas a analisar aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias do Galego, registradas no Atlas Linguístico do Galego, volume VII, *O ser humano II* e as unidades lexicais encontradas no Português falado na região oeste da Bahia, com o intuito de apontar as tendências à manutenção, e ao desuso dessas lexias, considerando os seguintes municípios localizados na bacia do Rio Grande:

- a) Angical;
- b) Barra;
- c) Barreiras;
- d) Cotegipe e;
- e) Santa Rita de Cássia.

2.3.3 A constituição das análises e formas de registros da metodologia pluridimensional e relacional

Como mencionado anteriormente, a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional faz parte da ciência geral da variação linguística. Assim sendo, o ponto de partida de sua análise está associado ao mesocosmo - eventos da linguagem acessíveis aos falantes, ou melhor dizendo, que fazem parte da experiência comum a todos. É na trilha dessa observância, que se iniciam os estudos dos fenômenos do microcosmo - os aspectos fônicos, semânticos e sintáticos de uma área geográfica maior, o macrocosmo. Apesar da preferência pela escala macrocósmica, as análises desenvolvidas pela Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional podem ser desenvolvidas em macrozonas, mesozonas e microzonas, como ratifica Thun (1998):

Dentro desta ciência geral (“linguística variacional”), a dialetoлогия pluridimensional corresponde à parte que se estende ao espaço tridimensional. Não deixa de ser uma geolingüística, porque a dialetoлогия pluridimensional não pode renunciar à variação diatópica e nem à superfície bidimensional. Seu campo predileto são a superfície e o espaço suficientemente grandes para que apareçam todas as interrelações. Mas, esta preferência pela macroanálise não exclui a possibilidade que a dialetoлогия pluridimensional trabalhe em escala menor (em mesozonas e microzonas) (Thun, 1998, p. 704, tradução nossa)⁹.

Outra questão relevante na análise da variação linguística envolvendo a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional é o fator tempo, que age em prol da mudança na língua. Neste interim, Thun (2009) aponta as 4 (quatro) subdivisões de eixo temporal nos trabalhos desenvolvidos pela Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional:

- a) nanocronologia;
- b) microcronologia;
- c) mesocronologia; e
- d) macroconologia.

⁹ Dentro de esta ciencia general («lingüística variacional»), a la dialectología pluridimensional le corresponde la parte variación que se extiende al espacio tridimensional. Non deja de ser una geolingüística, porque la dialectología pluridimensional no puede renunciar a la variación diatópica y a la superficie bidimensional. Su campo predilecto son la superficie y el espacio lo suficientemente grandes para que aparezcan todas las interrelaciones. Pero esta preferencia por el macroanálisis no excluye la posibilidad de que la dialectología pluridimensional trabaje en menor escala (en mesozonas y microzonas).

A nanocronologia mostra enunciados falados por um informante em um estilo contínuo. São detectados sempre em um mesmo estilo de coleta não podendo haver interrupção alguma no momento da coleta, nem por terceiros, nem pelo próprio informante. Os dados para as análises nanocronológicas podem ser coletados em três instâncias: nas respostas ao questionário, nas leituras e nas conversas com o entrevistador e com outros entrevistados, como esclarece Thun (2009):

Assim, a leitura contínua da parábola do filho pródigo, que nos faz o informante, suas respostas às perguntas do questionário e a conversa que mantêm com o pesquisador ou com outro informante, são enunciações que podemos submeter à análise nanocronológica. [...]. Depois, na hora da confecção dos mapas, entram em ação a microcronologia, e a mesocronologia que tomam conta das gerações (Thun, 2009, p.539 540).

Este autor exemplifica a nanocronologia com a palatalização em *tia/dia* em falas de informantes.

A microcronologia, por seu lado, desenvolve sua análise em um campo mais abrangente que o da nanocronologia. Ela mostra o modo de falar de um informante, enfatizando aspectos fonéticos diferenciados em uma conversa livre, durante a leitura e nas respostas espontâneas associadas aos comentários metalinguísticos, bem como considera a frequência desses sons diferentes. Por meio dessa análise microcronológica, é possível verificar fenômenos linguísticos como a despalatalização, também nomeada *yeismo*. Como exemplo, cite-se o uso de ([ʎ > j]) que varia conforme o estilo da coleta.

Por sua vez, a mesocronologia apresenta um campo produtivo na Dialetologia Pluridimensional e Relacional (DPR). Ela combina variáveis linguísticas e extralinguísticas entre diferentes grupos sociais, salientando as categorias idade, sexo, nível de escolaridade e estrato social, convivendo ao mesmo tempo. Por meio dessa associação, existe a possibilidade de se vislumbrar o trajeto de uma possível mudança linguística, que pode ser observada pelo tempo aparente de Labov (2008).

Para exemplificar essa análise, Thun (2009) fornece o caso do afrolusismo *çaçula*¹⁰, tão usual no Brasil e observado no norte do Uruguai, na pesquisa empreendida pelo ADDU-Norte.

¹⁰ A *lexia* afrolusismo *çaçula* designa formas linguísticas, traços culturais afro-lusitanos mais recentes, possivelmente remanescentes ou simplificados em relação a variantes mais antigas do português afro-influenciado. Ao mencionar que é “tão usual no Brasil e observado no norte do Uruguai”, Thun provavelmente está se referindo aos traços do português popular falado em regiões de contato histórico entre comunidades afrodescendentes e lusófonas — isto é, formas linguísticas com herança africana, como construções sintáticas, fonéticas ou lexicais, que persistem e se manifestam também fora do Brasil, em zonas fronteiriças (Ferreira, 2010).

E, por último, na macroconologia, é possível observar o trajeto de mudanças linguísticas por meio da fala de informantes que representam gerações que não mantiveram contato com outros falantes ou, ainda, pela possibilidade de entrevistar um mesmo informante em períodos distintos. Labov (2008) chamou esta metodologia de tempo real.

Dessa forma, pode se identificar duas metodologias para a coleta de dados: “Pela repetição sucessiva do mesmo tipo de coleta de dados no mesmo grupo (análise painel - *panel analysis*) ou pela comparação de duas séries de materiais que pertencem a períodos diferentes, mas que recolhem em um mesmo momento presente” (Thun, 2009, p. 542).

Considerando as informações supracitadas sobre cronologia, é pertinente observar que as análises microcronológicas e mesocronológicas podem ser feitas apenas na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, enquanto a Dialetologia Monodimensional só consegue realizar as análises nanocronológicas e macrocronológicas. Porque o referencial teórico desta tese se fundamenta na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, sua análise é a mesocronológica.

2.4 Dimensões e parâmetros na dialetologia pluridimensional e relacional

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional se diferencia da Dialetologia Monodimensional por ampliar seu campo de atuação agregando diferentes dimensões extralinguísticas à dimensão diatópica.

Na sequência, apresentam-se as dimensões associadas aos parâmetros considerados na análise pluridimensional (Quadro 3).

Quadro 3 - Dimensões e parâmetros da Dialetologia Pluridimensional e Relacional

Dimensões	Parâmetros
1. Diatópica	Topostático
2. Diatópico- cinética	Topostático/ topodinâmico
3. Diastrática	Classe alta/Classe baixa
4. Diageracional	Geração II/Geração I
5. Diassexual	Mulheres/Homens
6. Dialingual	Duas ou mais línguas
7. Diafásica	Respostas, leituras e conversas livres
8. Diarreferencial	Fala objetiva/ metalinguística
9. Diarreligiosa	Tipos de religião
10. Diamésica	Modalidades falada e escrita

Fonte: Adaptado de Thun e Altenhofen (2016, p. 375; Thun, 2000, 2005).

2.4.1 Dimensão diatópica

Esta dimensão, também intitulada areal, estrutura-se em torno dos estudos referentes aos diferentes dialetos distribuídos em áreas espaciais ou geográficas. Pode ser considerada a base de todo estudo dialetológico, uma vez que a variação linguística no espaço geográfico sempre foi considerada uma ferramenta para visualizar a relação entre a ocorrência de uma variante associada a um falante em uma localidade específica. De acordo com o esclarecimento de Cardoso (2010),

[...] o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para a outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história (Cardoso, 2010, p. 15).

A dimensão diatópica leva em conta a localização dos informantes em um determinado espaço físico. Eles são classificados como topostáticos e topodinâmicos. Os topostáticos deveriam possuir domicílio fixo, ter vivido toda a sua vida em um mesmo local, ser filho de pessoas da mesma comunidade e as esposas deveriam também ter nascido e serem criadas na região (Thun, 1996).

Na ausência de informantes que atendessem a esses critérios, nos estudos desenvolvidos à época, houve certa flexibilização para compor o perfil dos informantes, tal como aconteceu na construção do ADDU. Assim, para se tornar um informante topostático o informante, reiterasse, precisava ter passado pelo menos a metade de sua vida em uma mesma localidade, mas, obrigatoriamente, os últimos cinco anos, como esclarece Thun (1996).

Já o informante topodinâmico se caracteriza pela mobilidade, se movimenta de um local a outro por diversas finalidades. À semelhança do que ocorreu com o informante topostático, houve também flexibilidade dos critérios para o informante topodinâmico no ADDU. Para ser considerado como tal, o informante deveria apresentar uma mobilidade relativa, residindo de dois a cinco anos em um novo lugar. Esse informante topodinâmico se inclui na dimensão diatópica cinética.

2.4.2 Dimensão diastrática

Esta dimensão se leva em conta a fala de informantes de contextos socioculturais diferentes. De acordo Thun (1996), a dimensão diastrática é determinada pelo nível de

escolaridade. Assim, se pode comparar a fala de informantes da classe alta (Ca) que têm um alto nível de escolaridade, com os informantes de classe baixa (Cb) com um baixo nível de escolaridade, como esclarece Thun (1996):

Ao parâmetro diastrático se aplica o critério da escolaridade formal. O grupo sociocultural baixo (abreviado como classe baixa = Cb) é composto por aqueles cujo nível de escolaridade varia de zero ao segundo ano de qualquer tipo de educação pós-primária. Os informantes com mais escolaridade se enquadram no grupo sociocultural não baixo (abreviado como classe alta = Ca) (Thun, 1996, p. 212, tradução nossa).¹¹

2.4.3 Dimensão diageracional

A dimensão que focaliza a variação de uma língua conforme a faixa etária de seus informantes é nomeada diageracional. Assim, a metodologia da DPR classifica seus informantes em grupos denominados geração I – os jovens - e geração II - os idosos.

Grande parte dos trabalhos que utiliza a dimensão diageracional divide seus informantes em dois grupos etários. No ADDU, o parâmetro diageracional é constituído do grupo de jovens entre 18 e 36 anos - o grupo I, e o grupo dos idosos, de 60 anos ou mais - o grupo II. No Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), há dois grupos: o I composto de jovens entre 18 e 36 anos e o grupo II, de idosos com idade acima de 55anos. Já no Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), os informantes são divididos em duas faixas etárias: o grupo I com falantes entre 18 e 30 anos e o grupo II com falantes entre 50 e 65 anos. Fica claro, pois, que a escolha da faixa etária depende dos objetivos do estudo, como esclarece Tavares de Barros (2019):

A delimitação das idades dos entrevistados é dada de acordo com o contexto extralinguístico da região geográfica explorada. Em muitos casos, há uma relação estreita com a escolaridade dos jovens informantes, o que às vezes, obriga os geolinguistas a alterar os critérios de seleção dos informantes, alterando assim os critérios de idade para encontrar informantes de um determinado grupo geracional em todos os estratos socioculturais (Tavares; Barros, 2019, p. 62, tradução nossa)¹².

¹¹ El parâmetro diastrático se aplica el criterio de la escolaridad formal. El grupo sociocultural bajo (abreviado como clase baja= Cb) está integrado por aquellos cuyo grado de escolarización va desde cero hasta el segundo año de cualquier tipo de formación posterior a la primaria. Los informantes con más formación entran en el grupo sociocultural no bajo (abreviado como clase alta= Ca).

¹² La delimitación de las edades de los entrevistados se da según el contexto extralingüístico de la región geográfica explotada. En muchos casos hay una relación estrecha con la escolarización de los informantes jóvenes, lo que obliga, a veces a los geolingüistas, a alterar los criterios de selección de informantes, alterando así los criterios de edad para encontrar informantes de un determinado grupo generacional en todos los estratos socio culturales.

A combinação da dimensão geracional com a diatópica, conforme Thun (1996), satisfaz uma velha aspiração da Geolinguística de ter uma diacronia visível nos mapas diatópicos. Para o autor, se há uma cartografia clara, a variação diageracional mostra o tempo visível, porque conseguirá evidenciar a convivência de gerações. Sua relevância está no fato de ela permitir a observância das mudanças linguísticas de uma geração à outra.

2.4.4 Dimensão diassexual

A dimensão sexual sempre foi e continua sendo importante para os estudos dialetológicos. Isso fez com que homens e mulheres se tornassem objeto de documentação, como esclarece Cardoso (2010). Porém, de acordo com Castro *et al.* (2016),

A dialetologia e a geolinguística têm tradicionalmente estudado essa dimensão de forma superficial, na qual a ênfase tem sido de forma superficial, insistindo na suposta existência de um caráter de mudança, retenção ou inovação no “comportamento linguístico” (especialmente das mulheres em relação aos homens; isto é, como uma espécie de desvio, mesmo que parcial, do padrão normal, que, como na linguagem, é o masculino) ” (Castro *et al.*, 2016, p. 54-55 *apud* Tavares de Barros, 2019, p. 63).

Para compreender melhor a variação da fala entre homens e mulheres, buscou-se a perspectiva da Sociolinguística, uma vez que ela possui uma sistematização dessa dimensão. Tal visão mostrou que as mulheres utilizam a variante de mais *status* que os homens (Chambers; Trudgill, 2004; López-Morales, 1993; Moreno-Fernandez, 2009; Trudgill, 1983).

Outra questão que merece salientar é que, em tempos passados, uma polêmica foi estabelecida a respeito do caráter arcaizante ou inovador da fala das mulheres, o que provocou opiniões diversas e divergentes. Manuel Alvar concluiu que o arcaísmo ou inovação da fala das mulheres não dependia tanto do sexo, mas do tipo de vida que se leva em cada lugar (Moreno-Fernandez, 2009). Dessa forma, observa-se que a dimensão diassexual estabelece relação com a classe dos falantes que envolve categorias como idade, profissão, contatos e outros. Ratifica essa ideia, a afirmação de López-Morales (1993):

Em sua essência, as diferenças dialetais entre homens e mulheres resultam de um conjunto definido de atitudes: são socialmente diferentes porque, embora estejamos longe (pelo menos nas comunidades ocidentais) de nos movermos dentro de limites fixos e inflexíveis, são diferentes os padrões educacionais e distintos os papéis de ambos os sexos (López-Morales, 1993, p. 126, tradução

nossa)¹³.

Assim observa-se um ampliar dessa dimensão, o que a torna ainda mais relevante para o estudo da variação linguística.

2.4.5 Dimensão dialingual

Como o próprio nome indica, esta dimensão envolve a relação entre duas ou mais línguas faladas pelos informantes das regiões pesquisadas, podem ter falantes monolíngues, bilíngues ou plurilíngues. O objetivo é levantar e comparar as variedades linguísticas dos diferentes grupos em contato, bem como entender todo o processo linguístico na fala dos informantes.

Nessa direção, de acordo com Borella (2014)¹⁴,

A atenção a essa dimensão faz-se necessária sobretudo nas regiões fronteiriças e em locais em que há a presença de grupos falantes de línguas minoritárias, como é o caso do hunsriqueano, abordado na presente Tese. Entrevistas feitas nas línguas faladas na região pesquisada ajudam a compreender a relevância de cada uma das línguas no multilinguismo local e no repertório do falante. No projeto ALMA-H, os informantes fazem a leitura da ‘Parábola do Filho Pródigo’ em hunsriqueano, português, espanhol e alemão-padrão. A partir dessas leituras, pode-se verificar o nível de conhecimento/proficiência do informante nas respectivas línguas de seu repertório, isto é, seu grau de bilinguismo e as transferências interlinguísticas observadas (Borella, 2014, p. 50).

A análise dessa dimensão permite estudar todo e qualquer dialeto, seja ele padrão ou não, e o contato entre eles, como esclarece Radtke e Thun (1996):

O parâmetro contatual é uma dimensão independente. Seu estudo abre um novo caminho que conduz através de todos os planos das variedades, desde o idioleto, através da desdialetoalização (Entdialektalisierung), da regionalização e da formação de uma *Koiné* da ou entre falas de grupos, até o contato entre línguas comuns (Radtke; Thun, 1996, p. 38-39, tradução nossa)¹⁵.

¹³ En el fondo, las diferencias lectales entre hombres y mujeres surgen de un conjunto definido de actitudes: son diferentes socialmente porque, aunque estemos lejos (al menos en las comunidades occidentales) de movernos dentro de límites fijos e inflexibles, son diferentes los patrones educativos y distintos los papeles asignados a ambos sexos.

¹⁴ Sabrina Gewehr Borella, às vezes citada como Gewehr-Borella ou Borella (2014) docente da (Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em sua tese intitulada: *Tu dampém fala assim? : macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*.

¹⁵ El parâmetro contatual é uma dimensão independente. Su estudio abre um nuevo camino que conduce a través de todos los planos de las variedades, desde el idioleto, a través de la desdialetoalización, de la regionalización e

Tal afirmação demonstra o contrário do que propunha a Dialetologia Monodimensional, que objetivava coletar o dialeto puro.

A importância de uma análise contatual se mostra significativa nos estudos dialetológicos atuais, uma vez que a modernidade nas sociedades, a mobilidade humana e os meios de comunicação de massa foram os responsáveis por estabelecer novos contatos linguísticos e revitalizar outras variedades linguísticas até então secundárias.

2.4.6 Dimensão diafásica

Esta dimensão está intrinsecamente associada ao uso que o informante faz da língua na interação com outras pessoas. Está relacionada aos diferentes estilos, “que são formas específicas de interações linguísticas configuradas pelas tradições sociais” (Thun, 2010, p. 508), durante as quais se coletam dados de pesquisa. Assim, o falante, a depender do contexto, das pessoas e do momento em que acontece a interação, faz opção por um registro ou por outro, elegendo uma performance linguística do momento da comunicação.

Os estilos mais usados em estudos dialetológicos são a conversa livre, as respostas a perguntas de questionário e a leitura de um texto. Há na coleta desses dados uma escala de espontaneidade em que os dados são mais ou menos monitorados pelos informantes. A conversa livre é o menos monitorado, ou seja, é o estilo mais espontâneo; as perguntas do questionário possuem uma escala média de espontaneidade e, por último, a leitura, a mais controlada. Tais estilos são mais observáveis em fenômenos fonéticos (Radtke; Thun, 1996). Ainda, conforme Thun (2010), é mais adequado observar a variação diafásica a partir do mesmo informante. Este parâmetro é tão importante quanto complexo, esclarecem Radtke e Thun (1996). Nesta tese, esta dimensão não é sistematicamente considerada na análise de dados.

2.4.7 Dimensão diarreferencial

Diferentemente da Dialetologia tradicional, o método aplicado pela Dialetologia Pluridimensional e Relacional atenta para a coleta sistematizada de comentários metalinguísticos dos informantes e para a observância de suas atitudes linguísticas. Isso faz parte da dimensão diarreferencial. Os dados dessa dimensão são coletados por meio da fala objetiva e da fala metalinguística. O falante manifesta sua percepção sobre a natureza de sua

de la formación de una Koiné entre hablas de grupos, hasta el contacto entre lenguas "comunes".

própria linguagem. Isso ocorre, porque na metodologia adotada, os informantes são levados a proferir não só uma resposta espontânea à pergunta feita, mas, a fornecer outras variantes que façam parte da sua cultura local, seja relembrando, buscando em sua memória, seja por sugestões aceitas emitidas pelo entrevistador. Isso só foi possível a partir da inovação utilizada no projeto ALMA-H, a técnica de três tempos: perguntar, insistir e sugerir na coleta de dados.

Nesse sentido, Thun (2010) esclarece:

Nossos atlas pluridimensionais dão mais um passo. Depois de ter registrado todos os elementos que o informante responde espontaneamente, propomos ao falante formas ouvidas noutros grupos ou zonas. Se estas sugestões forem recebidas positivamente, aparecerão no mapa como “sugestões aceitas”. Isto significa que são consideradas como formas passivamente conhecidas. O método da sugestão, que está sempre subordinado à obtenção de respostas, leva em conta a função da memória humana e fornece informações importantes sobre o progresso da mudança linguística, em dois sentidos: a generalização de novas formas e o desaparecimento progressivo de elementos (Thun, 2010, p. 510, tradução nossa)¹⁶.

A aplicação dessa técnica de três passos se realiza pela:

[...] pluralidade simultânea, presença de vários informantes pertencentes ao mesmo grupo, a qual oportuniza a discussão entre eles, o diálogo com o pesquisador e comentários metalinguísticos, a pluralidade sucessiva que consiste em aplicar partes do questionário com um mesmo perfil e a pluralidade de várias vias, em que o questionário é aplicado a todos os informantes separadamente (Marques, 2022, p. 80).

A técnica dos três passos associada à pluralidade simultânea, ou à pluralidade de várias vias, possibilita uma representação mais numerosa dos dados, devido à possibilidade de registros convergentes, divergentes e variantes nas respostas dadas pelos informantes, demonstrando uma visão ampliada da fala de determinado local e, concomitantemente, uma possível visualização de mudanças linguísticas.

¹⁶ Our pluridimensional atlases take one more step. After having registered all the elements the informant answers spontaneously, we propose to the speaker forms heard in other groups or zones. If these suggestions are received positively, they will appear in the map as “accepted suggestions”. This means that they are regarded as passively known forms. The suggestion method, which is always subordinated to the elicitation of spontaneous answers, takes into account the function of the human memory and furnishes important information about the progress of linguistic change, in two senses: the generalisation of new forms and the gradual disappearance of elements.

2.4.8 Dimensão diarreligiosa

Desde a constituição do ALMA, a dimensão diarreligiosa passou a ser observada em muitos estudos. O foco de tal dimensão é mostrar a variação da língua por meio da confessionalidade dos informantes. Em outras palavras, ela mostra a importância da fé religiosa no uso de uma língua. Wiese (2005) “defende que, pelas suas características individuais de cultivo de fé, as religiões possuem uma estrita relação com a língua, seja como meio de comunicação, seja como meio de expressão de fé” (Wiese, 2005 *apud* Wehrmann, 2016, p. 67).

Pode-se perceber a influência da religião na variação de um fenômeno linguístico em Horst (2014), quando realizou uma análise da fala de informantes evangélicos luteranos. Ela chegou à seguinte conclusão: os informantes da geração II trazem marcas do alemão-padrão em seu linguajar, devido ao contato com a língua *standard* em suas vivências religiosas. Na análise de dados desta tese, esta dimensão não é considerada sistematicamente.

2.4.9 Dimensão diamésica

É a variação que ocorre nas modalidades fala e escrita. O termo diamésica está relacionado etimologicamente a noção de vários meios, neste caso, dois códigos diferentes: a fala e a escrita.

No que tange à fala, observa-se que sua produção é uma atividade espontânea, com improvisos, e passível de variação em diferentes níveis, enquanto a escrita é uma atividade não espontânea, formal, monitorada, com o objetivo de que prevaleça a variedade padrão da língua. Essa dimensão não é contemplada na análise desta tese.

Diante do exposto, vale apontar as dimensões e os parâmetros adotados para a análise nesta tese, conforme se ilustra no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 - Dimensões e parâmetros pluridimensionais considerados nesta tese.

Dimensões	Parâmetros
Diatópica	Rede de pontos: zona urbana Angical, Barra, Barreiras, Cotegipe, Santa Rita de Cássia Falantes topostáticos
Diageracional	GI: Geração de jovens 18-40 anos GII: Geração de idosos a partir de 50 anos
Diassexual	Homem Mulher
Diastrática	Estratos sociais/ escolaridade Classe baixa: analfabeto até ensino fundamental (CbGI e CbGII) Classe alta: Ensino médio até ensino superior (CaGI e CaGII)

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Por considerar diversas dimensões, a metodologia da DPR promove um aumento considerável no número de dados. Contrário à Dialetologia Monodimensional, que se contenta com apenas um informante, a Dialetologia Pluridimensional e Relacional se propõe a registrar, em cada localidade, a fala de quatro grupos, o que, conseqüentemente, quadruplica os dados (Thun, 2000). Dessa forma, esse aumento de informações requer uma cartografia que represente, condizentemente, as informações advindas dos dados e, concomitantemente, evite a acumulação dessas informações em apenas um mapa. Para resolver esta questão, o mesmo autor sugere que a organização de dados variacionais seja feita em “séries temáticas de mapas comentados”. E, complementa, afirmando que é “graças à técnica da série, que se pode aliviar os mapas da carga de informação, muitas vezes, pesada demais, e reparti-la sobre vários mapas, enfocar aspectos que se revelam importantes ou, pelo contrário, sintetizar a informação em mapas distintos” (Thun, 2000, p.19).

Thun (2000) ainda observa que, para se obter uma melhor visualização dos dados, é possível organizar uma série de mapas, relacionando as variáveis mais relevantes, como as dimensões diageracional e diassexual, por exemplo, pela ordem dos mapas. Como esclarece Tavares de Barros (2019), esta série de mapas representa uma sequência de fotografias tiradas do fenômeno linguístico escolhido. O número de fotos geradas por este método contrasta com a foto única “instantânea e sem retoques” do método francês¹⁷.

A organização da série de mapas é dividida em três fases:

- a) a arealização (simples e complexa);
- b) a desarealização; e
- c) a rearealização (simples e complexa).

A arealização corresponde à passagem da superfície bidimensional ao espaço linguístico tridimensional. Trata-se da associação entre a diatopia e as outras dimensões sociais. O tipo simples da arealização se estrutura em um mapa que representa apenas um único perfil de informante entrevistado em todo o espaço geográfico pesquisado, sendo mais requisitado pela Dialetologia Monodimensional. Já a arealização complexa representa a pluridimensionalidade dos dados e a relação estabelecida entre eles. Nesta abordagem, multiplica-se o número de grupos de informantes, antes apenas um, na Dialetologia Monodimensional, que passa a formar

¹⁷ Esta serie de mapas representa una serie de fotografias disparadas hacia el fenómeno lingüístico elegido. La cantidad de fotos generadas por esa concepción se contraponen a la única foto "instantánea y sin retoque" del método francés.

quatro grupos. Os 4 grupos são representados em mapa, por meio de um sistema de cruz na Dialetologia Pluridimensional e Relacional que faz parte da cartografia linguística, e permite visualizar diversas dimensões de variação linguística, tais como a diatópica (localização geográfica), diastrática (variáveis sociais), diageracional (faixa etária), o que possibilita uma análise mais completa da variação (Imagem 4).

Imagem 4 - O sistema em cruz proposto por Thun (2010)



Fonte: (Thun, 2010, p. 509).

Para uma melhor compreensão do sistema em cruz, mostrar-se-á como ele foi inserido no ADDU. Os quatro lados da cruz representam os 4 (quatro) grupos pesquisados em cada ponto de rede. Na parte superior, à esquerda da linha horizontal, estão os informantes da geração mais velha (GII, a partir de 50 anos), e, à direita, os informantes da geração mais nova (GI, entre 18 e 40 anos). Essas gerações possuem nível sociocultural mais alto (Ca - maior nível de escolaridade). Na parte inferior, à esquerda, está a geração II dos informantes a partir de 50 anos (GII) e à direita, geração dos informantes mais novos (18 - 40 anos, GI) e todos com o nível sociocultural mais baixo (menor nível de escolaridade Cb). Conforme Thun (2010), a presença sistemática da cruz em toda rede de pontos implica, cartograficamente, a sobreposição de quatro (4) mapas em um só.

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional tem preferência pelos mapas de arealização completa, porém, também faz uso do mapa de arealização simples. A depender do objetivo, é justificável o mapa somente diatópico. Os mapas do espaço linguístico ou pluridimensional e o da superfície linguística ou monodimensional subdividem-se em fenotípicos e quantitativos.

Para Thun (2000), o mapa fenotípico significa “o que aparece”, sem ser medido quantitativamente. Esse mapa conhece apenas os resultados “sim” e “não”, ou seja, presença ou ausência de um fenômeno, e lembra o binarismo presente nos mapas monodimensionais que

se satisfazem com poucas informações, sem diferenciações qualitativas nem quantitativas. Com todas essas características, o mapa monodimensional fenotípico se constitui como um ponto de partida para melhores e mais completas representações linguísticas. A inovação pode ser a quantificação dos mapas monodimensionais.

Na segunda fase, a desarealização, os mapas fenotípicos podem se tornar e os mapas pluridimensionais devem se tornar quantitativos. Os mapas pluridimensionais devem trazer histogramas que demonstrem a “distribuição quantitativa dos fatos históricos por tipos de subzonas (no caso do mapa fenotípico monodimensional), ou por variáveis como grupo standardizado, estilo” (Thun, 2000, p. 194). Isso pode ser exemplificado pela variação observada na fala dos grupos de classe social diferenciada, ou nos grupos de diferentes faixas-etárias dos informantes. Assim, nesta fase, é imprescindível o uso de gráficos para mostrar com detalhes o aspecto quantitativo dos dados coletados.

A última fase é representada pela rearealização simples e pela composta. Conforme Thun (2000, p. 194), “em princípio, cada grupo (parâmetro, dimensão ou combinação de variáveis) pode possuir uma arealidade individual”. Para clarear esta arealidade, utilizam-se mapas poligônicos, ou seja, aqueles que “projetam gradações de distribuição de um comportamento linguístico pelo conjunto da área, preenchendo também os vazios entre os pontos em particular (Altenhofen, 2017, p. 3) e, concomitantemente, salientam a arealidade de um grupo (ou de um parâmetro) e se estruturam como um caso de rearealização simples. Enquanto a rearealização complexa se constitui como uma etapa subsequente da série que mostra um mapa de concentração constituído por mapas poligônicos individuais, representando os quatro grupos standardizados, como já observado no sistema de cruz. Neste caso, o objetivo é a sobreposição desses mapas poligônicos individuais para mostrar “as zonas de maior e de menor presença de fenômenos linguísticos em questão” (Thun, 2000, 195).

Para complementar e ampliar a visualização do contínuo da variação, Thun (2010) apresenta outros tipos de mapas, como: o analítico pontual, o de isoglossas, o poligonal e o simbólico de pontos. O mapa analítico pontual é usado comumente em atlas da língua românica e apresenta formas legíveis para todos os pontos de rede pesquisado. Todavia, o espaço disponível dificulta a integração de variantes no local pesquisado, e a outra limitação é a não visualização de configurações como zonas e linhas, principal vantagem dos atlas geofísicos.

Tanto o mapa de isoglossas quanto o mapa poligonal se encaixam melhor no ideal cartográfico de visualizar claramente as configurações linguísticas. Porém, não são adequados para o trabalho com dados complexos. Já o mapa simbólico pontual se apresenta como um meio-termo entre as lacunas dos outros mapas já mencionados. Faz uso de todo detalhamento

do mapa analítico pontual, preenche as lacunas deixadas pelo mapa de isoglossas e do mapa poligonal, e utiliza a clareza das informações, associados outros detalhes considerados importantes.

Conforme Thun (2010), o mapa simbólico de pontos é a preferência da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, uma vez que é permite visualizar configurações com símbolo devidamente escolhido, qual seja o círculo (U) e apenas uma forma de preenchimento, com um quarto (T), dois quartos (W), três quartos (R) e quatro quartos (Q) (círculo todo preenchido). Associado ao círculo vazio, esse método produz cinco símbolos que expressam a variação. Essa simbologia, de certa forma, evita a sobrecarga visual. Esse mapa permite a integração de constelações de dados mais complexos e uma representação detalhada e específica dos fenômenos linguísticos pesquisados.

Nesta tese, não foram utilizados os mapas concebidos pela Dialetologia Pluridimensional e Relacional, mas eles constituíram elementos de extrema relevância para o desenvolvimento deste trabalho, as dimensões diatópica, diageracional, diastrática e diassexual, o sistema de cruz com os seus grupos socioculturais CaGI /CaGII e CbGI / CbGII, e a técnica dos três passos, da qual trata a seção a seguir.

2.5 A técnica dos três passos da DPR: perguntar, insistir e sugerir

A metodologia da DPR se diferencia da DM, sendo uma de suas principais diferenças o fato de a Dialetologia Pluridimensional e Relacional não aceitar apenas a primeira resposta espontânea. Pelo contrário, deseja conhecer o repertório linguístico dos falantes, do uso ativo, ao conhecimento passivo e ao desconhecimento das formas lexicais utilizadas.

É interessante evidenciar que a metodologia tradicional realizava a coleta de dados sem retoques, como pode ser observado nas entrevistas realizadas para a constituição do ALF, e que considerava somente a primeira resposta.

A abordagem pluridimensional e relacional, inspirada pela proposta de Ravier (1965 *apud* Thun, 2010), incorporou a sugestão nas entrevistas, como pode ser observado na seguinte estrutura de investigação: inicialmente, a pergunta do questionário em questão é feita, por exemplo: Como se denomina a mulher que é relacionada a outras pessoas por laço de sangue? Depois de efetuada a pergunta, aguarda-se a resposta espontânea. No segundo momento, o entrevistador insiste com o entrevistado se ele não conhece outras formas de responder à pergunta. E, por último, o entrevistador sugere outras possibilidades de formas não mencionadas até então, mas já ditas por outras pessoas em outros locais. As respostas

espontâneas para Thun (2009, p. 538) são como “representantes de formas linguísticas ativamente disponíveis e as sugestões aceitas como formas já ouvidas ou lidas pelo informante, mas só passivamente disponíveis

A utilização da técnica de três passos propicia o estudo do contínuo variacional, representado pelo uso ativo de uma forma por meio da resposta espontânea (RE), obtenção de respostas por insistência (RI), o conhecimento passivo de uma forma, quando for aceita uma sugestão (RSA), bem como o seu desconhecimento ao não aceitá-la (RNSA). Essa metodologia, de acordo Thun (2010), está sempre subordinada à obtenção de respostas espontâneas, considera a função da memória e fornece informações importantes sobre o progresso da mudança linguística, tanto no sentido da generalização de novas formas, quanto no desaparecimento de outras.

Vale mencionar que este procedimento é um dos principais responsáveis por registros mais detalhados de formas lexicais em fase de desaparecimento, como também se registram lexias inovadoras que ampliam o repertório linguístico dos falantes (Tavares de Barros, 2019). Assim a DP, associada à Lexicologia e a Lexicografia, permite o estudo de cada forma lexical observada nas entrevistas.

2.6 Lexicologia

Um princípio já reconhecido nos estudos linguísticos é que o léxico de uma língua incorpora as tradições, crenças, estruturas organizacionais, os artefatos e outros elementos da sociedade que o utiliza. Com uma sensibilidade acentuada às condições prevalentes nessa sociedade, o léxico responde às transformações que nela ocorrem, passando por modificações em um processo dinâmico caracterizado pelo não uso de certas lexias e pelo surgimento de outras. Em geral, nenhuma sociedade opera em completo isolamento: existem interações constantes com outras sociedades, e esse interagir serve como incentivo para transformações culturais que, por sua vez, promovem alterações na língua.

Importante também registrar que o léxico se constitui como elemento basilar desta tese e que, portanto, é, pois, imprescindível proceder à sua definição e considerar sua delimitação no estudo linguístico.

Biderman (2001a p. 13) considera que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. Isso é fundamental para a compreensão do léxico, pois, ao nomearem os seres e os objetos, os falantes de uma determinada língua também os caracterizam. Esta nomeação da realidade pode ser entendida como a primeira etapa do

percurso científico do espírito humano para conhecer o universo.

Murakawa e Nadin (2013, p. 8) esclarecem que “desde o princípio de nossa história, tivemos a necessidade de nomear o mundo que nos circunda, [...] dar nomes a tudo o que está a nossa volta, como plantas, animais, instrumentos de trabalho, entre tantas outras coisas”. Ao nomear e caracterizar tudo que está a sua volta, as pessoas estabelecem uma relação estreita com a cultura. Isso é perceptível, quando se observam ideias e pensamentos de uma pessoa de uma determinada comunidade linguística.

Esta notável capacidade humana de utilizar um sistema de signos para articular ações e manifestar processos cognitivos continua despertando o interesse dos pesquisadores. Notavelmente, esse fenômeno, embora simples, engloba uma complexa interação de signos que entrelaçam dimensões linguísticas e culturais. Esse mecanismo linguístico capacita os falantes a firmar sua existência no mundo, por via das narrativas culturais, que incluem crenças, costumes, práticas religiosas e tradições. A propagação da língua e cultura é impulsionada pelo uso da língua, facilitada pelo sistema linguístico que Coseriu (1979, p. 61) define como “um conjunto de vias fechadas e abertas [...]”.

Conforme postulado por Costa e Isquerdo (2013, p. 133), “a língua reflete aspectos da identidade de um grupo, uma vez que exprime suas ideias e retrata aspectos de sua realidade”. Está sujeita a transformações, influências externas e adaptação conforme as exigências de seus falantes. A língua admite variação e, com ela, podem-se delinear os contornos de uma comunidade linguística. Todo esse processo só é possível pela observância do léxico da língua.

É preciso salientar, no entanto, que o léxico é constituído por uma estrutura interna ímpar, na qual seus elementos constituintes se interconectam e interrelacionam, integrando formas e significados, ou seja, os signos linguísticos utilizados nos processos de comunicação nas modalidades oral e escrita.

Para corroborar essa premissa, Vilela (1994) ratifica que o léxico:

[...] é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber lingüístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo (Vilela, 1994, p. 6).

Quando se estuda o léxico, pode-se inferir que a língua e a cultura estão intrinsecamente associadas.

Ainda neste contexto, Barbosa (1996) assevera que:

O léxico, cujas formas, exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código linguístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura – no sentido antropológico –, sua civilização. Compreende-se, pois, que uma alteração das unidades desse inventário, seja reflexo, não raras vezes, de alterações culturais (Barbosa, 1996, p. 120).

Complementando o exposto, Vilela (1997) ainda lembra que:

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralingüística interiorizada no saber de uma dada comunidade lingüística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade lingüística comunicam entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado (= shared knowledge) (Vilela, 1997, p. 31).

Por sua vez, Biderman (2001) postula que

O léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos e categorias para gerar novas palavras (Biderman, 2001a, p.14).

Considerando as ideias de Vilela (1994, 1997), Barbosa (1996) e Biderman (2001a), pode-se dizer que os estudos sobre o léxico concebem a língua como um instrumento de comunicação de uma comunidade linguística específica. Para tanto, formas linguísticas são organizadas dentro de um sistema e materializam o pensamento. Por seu lado, o léxico, parte essencial de uma língua, se constitui pelas inúmeras lexias que integram e expressam o rico patrimônio sociocultural da comunidade falante de um determinado lugar.

Como bem afirma Biderman (2001a, p. 14), “[...] o universo conceptual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema ordenado e estruturado de categorias léxico-gramaticais. As palavras geradas por tal sistema são rótulos através dos quais o homem interage cognitivamente com seu meio.” É nesse processo que se constroem histórias individuais e coletivas de famílias, de grupos profissionais, religiosos, esportistas e que se delineia o repertório lexical de um povo (Coelho, 2019).

Diante do exposto, pode-se inferir que o sistema lexical de uma região se constitui como o “[...] somatório de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico de sua língua” (Biderman, 2001 a, p. 179), e são os responsáveis por ampliar o léxico com as influências advindas do convívio em sociedade, da cultura local ou de outras.

O léxico de uma língua natural se torna relevante para a humanidade por facilitar a transmissão eficiente, a assimilação e a preservação do conhecimento. Pode ser estudado sob diferentes perspectivas, quais sejam, a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia, ciências se complementam, mas o objeto de estudo, a metodologia e a perspectiva teórica são diferentes.

A Lexicologia é uma ciência antiga cujos objetos de estudo e de análise são a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Consoante Vilela (1994), essa ciência:

[...] não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico, mas sim fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua. A sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma (Vilela, 1994, p. 10).

Diante disso, pode-se inferir que a Lexicologia é “a ciência do léxico de uma língua”. As unidades lexicais, ou palavras da língua, fazem parte de uma estrutura subsidiada pelos eixos sintagmático e paradigmático. Nesses eixos, reside a grandeza das redes semântico-lexicais nas quais o léxico se fundamenta, “evidenciando como a palavra inserida numa cadeia paradigmática se articula em combinações sintagmáticas, gerando um labirinto infundo de significações linguísticas” (Biderman, 2001a p.164).

Concomitantemente, a Lexicologia prioriza o relacionamento do léxico com os demais subsistemas da língua, afetando, especialmente, a análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações. Ainda assim, a Lexicologia “pode incluir a etimologia, a formação de palavras, a importação de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, mas, tem uma ligação especial com a semântica” (Vilela, 1994, p.10), pois considera a dimensão significativa das palavras, uma vez que essas unidades lexicais revelam culturas, ideologias e subjetividades.

Em se tratando da estrutura do léxico, a Lexicologia tem se ocupado da formação de palavras. Um destaque é dado aos estudos da criação lexical, ou melhor, dos neologismos. De forma geral, as línguas vivas possuem em sua estrutura ferramentas que propiciam aos falantes

a possibilidade de usar unidades lexicais até então não utilizadas. A esse “processo de criação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo” (Alves, 2004, p. 5).

Os principais tipos de neologismos são: o fonológico, sintático, semântico, o por empréstimo e o por conversão. Todos eles são frutos dos diversos processos de formação de palavras, quais sejam, a derivação prefixal, a sufixal, a parassintética, a regressiva e a conversão. Essa é uma área profícua da Lexicologia.

A Lexicologia também permite investigar, de forma criteriosa e detalhada, o estudo do léxico, da estrutura e formação do vocabulário em campos semânticos. Para melhor se compreender isso, Biderman (1996, p. 32) chama a atenção para a seguinte distinção: “léxico é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; vocabulário é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades”. O uso de uma unidade lexical em contextos diferentes possibilita sua utilização em campos semânticos¹⁸ diversos.

Ressalte-se que o termo “palavra”, objeto de estudo da lexicologia, não obteve unanimidade entre os estudiosos do léxico, devido à complexidade de seu conceito. Assim, muitas outras acepções para “palavra” surgiram, quais sejam: *lexia*, *lexema* ou *item lexical*.

Pottier, Audubert e Pais (1975) definem *lexia* como “uma unidade lexical memorizada”. Ainda explicam que quando o falante profere os sintagmas: “quebrar o galho”, “Nossa Senhora!”, “Pelo amor de Deus!”, “Nota promissória” [...] não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira o conjunto de sua memória lexical, da mesma forma que “banco” e “livro” [...]” (Pottier; Audubert; Pais, 1975, p. 26-27).

Nesta perspectiva, os autores distinguiram as *lexias*:

- a) *lexias* simples: ‘árvore’, ‘saiu’, ‘entre’, ‘agora’;
- b) *lexias* compostas: ‘primeiro-ministro’, ‘mata-burro’, ‘guarda-chuva’, ‘mata-borrão’, ‘guarda-roupa’;
- c) *lexia* complexa estável: ‘a punhaladas’, ‘ponte elevadiça’, ‘estado de sítio’, ‘mesa redonda’, ‘recém-nascido’, ‘mortalidade infantil’, ‘uma estação espacial’, ‘cidade universitária’;
- d) *lexias* textuais: o provérbio ‘quem tudo quer, tudo perde’ (Pottier; Audubert; Pais, 1975). Muitos estudiosos optaram pelo termo *lexia* cunhado por estes autores.

¹⁸ Toda palavra abrange uma série de significações, às vezes muito extensa. Aos vocábulos que integram essa rede damos o nome de campo semântico dessa palavra (Biderman, 2001a, p.193).

Com mais abrangência, Welker (2004) apresenta a acepção de lexema ou item lexical na visão de Schwarze e Wunderlich (1985, p. 9):

Os elementos ou unidades do léxico são chamadas de lexemas ou itens lexicais [...]. Via de regra, o lexema pode ser identificado como palavra. Porém, não há critérios independentes de alguma teoria para determinar, sem deixar dúvidas, o que seja uma palavra [...]. Pode-se também considerar como lexemas aqueles afixos que têm um significado próprio ou preenchem uma função na formação das palavras (por exemplo des-, -ável); da mesma forma, sintagmas inteiros serão considerados lexemas quando possuem um significado idiomático (não transparente) (Welker, 2004, p. 21).

Considerando o exposto, ratifica-se a opção para o uso do termo lexia e unidade lexical nesta tese.

A outra ciência que também faz parte dos estudos lexicais é a Lexicografia. É considerada a ciência do dicionário e o seu objeto de estudo é a “análise da significação das palavras” (Biderman, 2001a, p.17). Ainda pode ser definida como a disciplina que se concentra nas “técnicas do labor dicionarístico” (Isquerdo; kriegler, 2004, p.12), trabalho que inclui estudos e análises de dicionários existentes e da teoria e dos métodos para a sua construção e estruturação, bem como para a produção de vocabulário fundamental, técnico-científico, especializado e a elaboração de glossários.

Conforme Barbosa (1995), o dicionário de uma língua objetiva reunir o maior número possível de lexemas e apresentar, para cada um, vocábulos que indiquem suas diversas acepções. O vocabulário fundamental

Procura reunir os elementos constitutivos da intersecção dos conjuntos vocabulários de uma comunidade ou de um segmento social, elementos esses que são selecionados pelo duplo critério de alta frequência e distribuição regular entre os sujeitos falantes-ouvintes envolvidos (Barbosa, 1995, p. 11).

É tarefa do vocabulário representar o conjunto de lexemas de um tipo de discurso determinado, como o religioso, o político, o dos esportes, entre outros. Os vocabulários técnico-científico e o especializado reúnem lexemas de uma comunidade específica ou de um segmento social. Essa seleção é feita por meio dos critérios de alta frequência e distribuição regular entre os envolvidos. O léxico se desdobra em vocabulários que se realizam em atos de fala. Por seu turno, o glossário se estrutura em torno do resultado do levantamento dos lexemas retirados de um texto manifestado.

É interessante ratificar que o léxico de uma língua representa, de forma singular, um patrimônio cultural, pois, o linguajar das pessoas reflete a maneira como é estruturado o mundo em seu entorno. Neste caso, cabe destacar a importante contribuição da Dialetoлогия às ciências do léxico. Isso pode ser confirmado no dizer de Isquierdo (2007): “os atlas linguísticos fornecem dados concretos sobre o léxico regional e muitos deles são acompanhados de glossários que reúnem as variantes lexicais documentadas e mapeadas por meio de cartas linguísticas” (Isquierdo, 2007, p. 196).

E, por fim, a Terminologia definida como “uma teoria de referência, ou seja, uma correlação entre a estrutura geral do conhecimento e o código linguístico correspondente” (Biderman, 2001a, p.19). Para Barbosa (1992, p. 5), “terminologia é um conjunto de palavras técnicas ou científicas [...] que constituem o vocabulário específico de uma ciência, de um pesquisador ou grupo de pesquisadores, ou de uma área de conhecimento”. A percepção dos conceitos anteriores permite concluir que a Terminologia atribui nomes aos conceitos e atua diretamente nos conceitos dos termos específicos em um processo denominado onomasiológico.

Já a Lexicografia se orienta em uma direção contrária, iniciando sua investigação por meio da entrada de dicionário, ou denominação, traçando suas características funcionais e semânticas em um processo chamado semasiológico. Percebe-se, também, uma relação entre o vocabulário e a terminologia, uma vez que o vocabulário associado aos vocábulos, elementos que o compõem, definem uma norma linguística qualquer. Desse ponto de vista, conforme Barbosa (1992, p.155), “o vocabulário de uma ciência ou tecnologia define sua terminologia”.

Em se tratando de obras lexicográficas, Krieger (2014) pontua:

Por tudo que representam, as obras lexicográficas monolíngues consistem em pilares essenciais à análise da identidade das sociedades, das culturas e das ideologias que os léxicos recortam e projetam. E o fazem no seu modo dinâmico, heterogêneo e particular de denominar o que o homem conceitua, identifica, descobre, cria e quer dizer (Krieger, 2014, p. 333).

Como observado, há várias teorias que estudam o léxico, porém cada uma com sua especificidade. Neste interim, o conceito de léxico pode variar. Pode ser definido como um conjunto: de palavras de uma língua, das palavras dicionarizadas de uma língua, ou de termos técnico-científicos. A palavra, apesar de sua imprecisão conceitual, ocupa uma posição central no campo linguístico. Ela é articulada pelos elementos de ordem fônica, morfológica, semântica e gramatical, conforme Krieger (2006). Na verdade, o estudo do léxico permite análises múltiplas em diversos e distintos níveis da língua.

Portanto, estudar o léxico de uma língua é “enveredar pela história, pelos costumes, hábitos e pela estrutura de um povo, partindo de suas lexias” (Abbade, 2006, p. 213).

Nesta tese, o objetivo é analisar aspectos semântico-lexicais semelhantes entre as unidades lexicais encontradas no português falado na região oeste da Bahia e as lexias do Galego, registradas no Atlas Linguístico do Galego, volume VII, *O ser humano II*, de forma a mostrar as tendências à manutenção e ao desuso de certas lexias do português brasileiro relacionadas às lexias galegas.

2.7 Sistema, norma e fala

Esta tese fundamenta-se, também, nas acepções coserianas sobre sistema, norma e fala. Para Coseriu (1979), o sistema se estrutura:

Como possibilidades de coordenadas que indicam caminhos abertos e caminhos fechados: pode ser considerado como conjunto de “imposições”, mas também, e talvez melhor, como conjunto de liberdades, pois que admite infinitas realizações e só exige que se afetem as condições funcionais do instrumento linguístico (Coseriu 1979, p. 74).

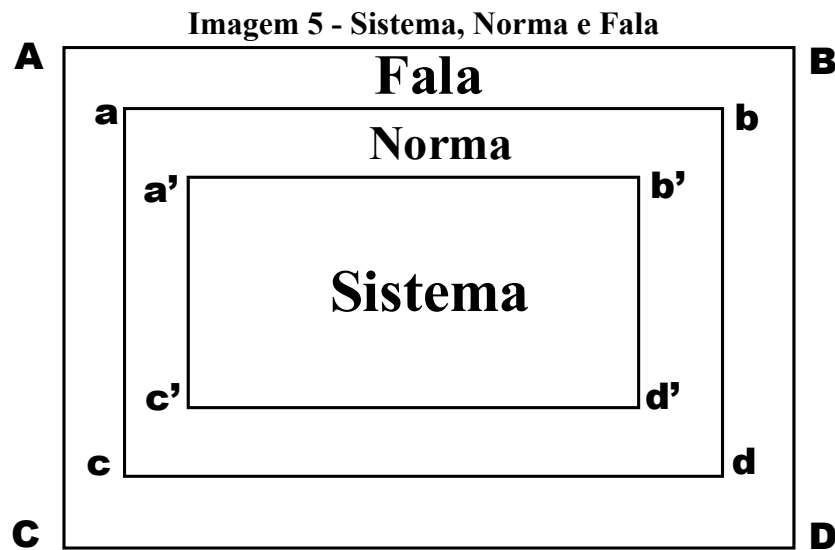
Da definição de Coseriu (1979), pode-se inferir que o sistema não é somente um conjunto estático de limitações e imposições prescritivas como parece, mas é também movimento, dinamismo que possibilita ao falante usar as unidades da língua, como também criar outras unidades possíveis com a permissão desse sistema. Enfim, o sistema se caracteriza pelo equilíbrio constante entre prescrições e liberdades (Cristianini, 2007).

A norma, para Coseriu (1979), representa uma abstração, isto é, podem-se diferenciar registros na fala: “os limites do registro não são indiferentes, mas, ao contrário, bem determinados, e caracterizam a individualidade de cada língua: o italiano tem um campo de entonação de duas oitavas; o espanhol ‘é apenas uma oitava (**norma**)’” (Coseriu, 1979, p. 56).

Ainda que, às vezes, não seja perceptível, há uma diferença em cada língua, o que é normal para cada falante local. A manifestação da norma se dá por meio de padrões de uso, da forma como os falantes fazem uso do sistema para a comunicação. Convém salientar que a norma é prescritiva, com estrutura já estabelecida e imposta por questões socioculturais e com variação linguística de uma comunidade pesquisada para outra.

Para esse autor, a fala é um ato individual, próprio de cada falante. Este pode escolher o modo de falar, bem como repetir e criar palavras dentro do sistema. Para possibilitar melhor compreensão desses conceitos – sistema, norma e fala – Coseriu (1979) propôs o seguinte

esquema:



Fonte: (Coseriu, 1979, p. 72).

Como se pode perceber, nas palavras do autor, “o quadro maior A-B-C-D representa o falar efetivamente comprovado (*wirkliches, Sprechen, Gespräch*)¹⁹, isto é, os atos linguísticos concretamente registrados no próprio momento de sua produção”. No quadro do meio a-b-c-d é possível observar a norma, considerada como “primeiro grau de abstração”, ou seja, só é falado aquilo que já está manifestado dentro de uma sociedade “repetição de modelos anteriores” (Coseriu, 1979, p. 73). O quadrado menor a’-b’-c’-d’ representa o sistema:

O sistema (Das Sprachsystem), contém apenas que a norma é forma indispensável, oposição funcional, tendo-se eliminado pela nova operação abstrativa tudo aquilo que na norma é simples hábito, simples tradição constante, elemento comum em todo o falar da comunidade considerada, mas sem valor funcional, ou seja, em última análise, uma espécie de “acompanhamento” sempre presente no falar, mas não essencial no que se refere às oposições significativas fundamentais que asseguram seu funcionamento como instrumento cognitivo e comunicativos (Coseriu, 1979, p. 73).

Para este autor, o sistema permite criar, dentro dos limites da língua, que é a norma, e vai variar de acordo com cada comunidade com suas condições culturais e sociais, tendo em vista a relação existente entre o sistema e a norma.

A norma abrange fatos linguísticos efetivamente realizados e existentes na tradição, ao passo que o sistema é uma técnica aberta que abrange

¹⁹ -*wirkliches, Sprechen, Ggespräch* são termos alemães para: real, falar e diálogo, respectivamente

virtualmente também os fatos ainda não realizados, mas possíveis de acordo com as mesmas oposições distintivas e as regras de combinação que governam o seu uso (Coseriu, 1980b, p. 123).

O processamento de unidades lexicais é feito pelo sistema, “um conjunto de vias fechadas e vias abertas [...]” (Coseriu, 1979, p. 61). Nada é criado na língua que não seja antes permitido pelo sistema. Por outro ângulo, é possível perceber, por meio da norma, que os falantes se reconhecem como membros de uma mesma comunidade linguística, uma vez que são ressaltadas as formas semelhantes de falar.

Assim, pode-se considerar a possibilidade de existência de várias normas em uma comunidade linguística. Tais normas podem se dar no plano horizontal, empreendidas por normas regionais, ou no plano vertical, empreendidas por questões sociais e culturais de cada comunidade pesquisada. Tal feito não se observa no sistema que é único na comunidade linguística. Como visto, a combinação de sistema, norma e fala é imprescindível para o estudo da língua. Para a definição ou análise de cada um desses elementos, será sempre preciso considerar a oposição e a relação entre eles.

Associado à questão qualitativa já mencionada da norma, surge o seu aspecto quantitativo, duplicidade ratificada por Barbosa (1989) como:

[...] uma norma de grupo de indivíduos, por exemplo, se define de um ponto de vista, como conjunto de modelos de realizações concretas, e, de outro, como o conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes [...] (Barbosa, 1989, p. 573).

Esta tese compartilha da concepção de norma como uma realização coletiva, estabelecida em modelos concretos e fixados na fala da comunidade, mas, também, pela sua condição de se manifestar pela alta frequência e distribuição regular (Augusto, 2012; Cristianini, 2007).

Dessa forma, cumpre ainda esclarecer que, nesta tese, quando se considerar uma lexia em distribuição regular, consta que ela foi usada pelos informantes em toda a rede de pontos pesquisada. Conforme Figueiredo Júnior (2022, p. 319) “norma (linguística) é a forma que ocorre em distribuição diatópica regular (i.e., ocorre em todas as localidades de uma dada rede de pontos) e com frequência relativa superior a cinquenta por cento entre as demais covariantes válidas”. Nesta tese optou-se por considerar “norma linguística” a partir de 50% das ocorrências das lexias.

2.8 Categorias: tendências à manutenção e ao desuso

Associadas aos princípios da Dialectologia Pluridimensional e Relacional, da Lexicologia e das noções de sistema, norma e fala, foram também utilizadas nesta tese três categorias: a análise semântico-lexical, a tendência à manutenção e tendência ao desuso, nos moldes propostos por Moraes (2016) e Barizon (2021).

Detecta-se a tendência à manutenção, quando ocorre um maior reconhecimento da unidade lexical no grupo I (informantes entre 18 e 40 anos). Se o inverso ocorrer, isto é, caso o reconhecimento das lexias for maior entre os informantes da grupo II (50 anos em diante), considera-se, então, uma tendência ao desuso. A tendência ao desuso também pode ser verificada em casos nos quais os informantes sinalizam que conhecem a unidade lexical, mas dela não fazem uso (Moraes, 2016).

Esse critério é usado nesta tese para demonstrar se as lexias registradas no ALGa e encontradas entre os falantes da região oeste da Bahia ocorrem com mais frequência na fala do grupo da geração I, ou seja, no grupo dos mais jovens, ou na fala do grupo da geração II, no grupo dos idosos.

Nesta tese, considera-se, ainda, o papel que a dimensão diasssexual desempenha nos trabalhos de Dialectologia. Assim, é possível cruzar dados relacionados à faixa etária e ao sexo, objetivando identificar se são os homens ou as mulheres os responsáveis pela tendência à manutenção ou ao desuso de lexias galegas no falar dos moradores da região oeste da Bahia.

Discorrida e discutida a fundamentação teórica desta tese, no capítulo 3, a seguir, descrevem-se a metodologia, os procedimentos metodológicos e as técnicas empregadas para se desenvolver esta investigação.

3 METODOLOGIA

O objetivo deste capítulo é apontar as escolhas metodológicas feitas para desenvolver esta tese, sempre com o suporte da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional e da Lexicologia.

Inicia-se a descrição com a tipologia da pesquisa, os objetivos específicos da metodologia e, em seguida, apresenta-se a seleção das comunidades pesquisadas, a dos informantes, do instrumento da coleta de dados, o tratamento e a organização dos dados, a tabulação e o tratamento estatístico dos dados, e os procedimentos éticos.

3.1 Tipologia da pesquisa

Para se alcançarem os objetivos definidos para esta tese, utilizaram-se as pesquisas bibliográfica, documental, de campo. A associação de elementos qualitativos e quantitativos possibilitou ampliar a obtenção de resultados em abordagens investigativas, proporcionando ganhos relevantes para a pesquisa (Dal-Farra; Lopes, 2013).

Esta pesquisa não se concentrou apenas em investigar, mas, também, em analisar e descrever aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias registradas no ALGa, volume VII, *O ser humano II'* e as unidades lexicais observadas no português falado na região oeste da Bahia, com o intuito de mostrar as tendências à manutenção, ou ao desuso de certas lexias do português brasileiro relacionadas às galegas.

As pesquisas bibliográfica e de campo proporcionaram um percurso metodológico adequado ao propósito selecionado. Com a bibliográfica reviu-se de forma crítica a literatura pertinente ao tema em questão, em livros, artigos científicos, teses, dissertações, anais de encontros científicos, periódicos de indexação e resumos (Gil, 2017; Lakatos; Marconi, 2003; Pizzani *et al.*, 2012), mostrando as diferentes perspectivas dos autores e proporcionando reflexões sobre a temática pesquisada. Esse tipo de pesquisa contribuiu para a identificação de possíveis lacunas, para a compreensão e análise do conhecimento construído e serviu à contextualização da pesquisa.

Na pesquisa documental, procedeu-se à análise de documentos oficiais (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 2024, 2025, entre outros) pertinentes ao funcionamento da língua portuguesa do Brasil e aqueles atinentes aos fatos históricos das regiões e à população estudadas.

Já a pesquisa de campo objetivou estudar detalhadamente e explorar as questões propostas, em uma realidade específica (Gil, 2017). Essa pesquisa foi utilizada para a obtenção

de informações e conhecimentos acerca da questão em estudo, para a qual se busca a resposta, para verificar se a hipótese do trabalho se comprovou empiricamente, ou foi refutada, ou ainda para a descoberta de novos fenômenos (Prodanov; Freitas, 2013).

Objetivando coletar dados consistentes na pesquisa de campo, foram observados fatos e fenômenos linguísticos ocorridos de forma espontânea nas comunidades pesquisadas, por meio de entrevistas individualizadas durante as quais um questionário foi aplicado para captar a nomeação de determinadas relações estabelecidas nessas comunidades.

3.2 Etapas metodológicas seguidas durante a pesquisa de campo

Para o desenvolvimento da metodologia, foram construídas as seguintes etapas:

- a) adaptação do questionário semântico-lexical do ALGA para a coleta de dados;
- b) aplicação do questionário;
- c) coleta de dados do Português falado na região oeste da Bahia, por meio do questionário semântico-lexical do ALGA aplicado aos sexos masculino e feminino, em duas faixas etárias (geração mais idosa (GII) (a partir de 50 anos - CaGII) e a geração mais nova (GI), entre 18 e 40 anos - CaGI), em 05 pontos de rede na região oeste da Bahia: Angical, Barra, Barreiras, Cotegipe e Santa Rita de Cássia;
- d) constituição de um banco de dados semântico-lexicais com os dados coletados do português falado na região oeste da Bahia;
- e) sistematização dos dados coletados para efetuar o tratamento estatístico;
- f) desenvolvimento da análise.

3.3 Rede de pontos

A seleção da rede de pontos, reitere-se, foi feita considerando um dos afluentes do rio São Francisco, o rio Grande, recurso hidrológico da região oeste da Bahia. Os pontos de rede investigados fazem parte da bacia hidrográfica do rio Grande e foram escolhidos sob o critério de suas origens serem datadas do século XVII. São estes os municípios: Angical, Barra, Barreiras Cotegipe e Santa Rita de Cássia, conforme Mapa 5, na seção 2.2 Pontos de rede investigados.

A seleção da rede de pontos está associada ao objetivo geral desta tese, qual seja, analisar aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias registradas no ALGa, volume VII, *O ser humano II* e as unidades lexicais observadas no Português falado na região oeste da Bahia, com o propósito de mostrar as tendências à manutenção ou ao desuso de certas lexias do português brasileiro relacionadas às lexias galegas.

3.4 Perfil dos informantes

Para definir o perfil dos informantes, nesta tese considerou-se o método da Dialectologia Pluridimensional e Relacional. Foram selecionadas as seguintes dimensões: a diatópica (rede de pontos: Angical, Barra, Barreiras Cotegipe e Santa Rita); a diassexual (homens e mulheres de perfil topostático), a diageracional (grupo I de jovens entre 18 e 40 anos) e o grupo II de adultos mais velhos a partir de 50 anos), e a diastrática (estrato social: classe baixa, Cb: baixa escolaridade e classe alta Ca: alta escolaridade). Esta divisão em classes pode ser melhor compreendida pelo sistema de cruz já descrito anteriormente, e apresentado no Quadro 6.

Em cada ponto de rede pesquisado foram entrevistados quatro grupos de informantes diferenciados pelos critérios da dimensão diageracional. O primeiro grupo com os informantes de geração mais idosa (GII) (a partir de 50 anos - CaGII), o segundo grupo com informantes da geração mais nova (GI) (18 - 40 anos - CaGI) ambos com o nível sociocultural mais alto (maior nível de escolaridade). O grupo 3, geração II constituída por informantes a partir de 50 anos (CbGII) e, por último, o grupo 4, a geração dos informantes mais novos (18-40 anos - CbGI). Os grupos 3 e 4 possuem nível sociocultural mais baixo (menor nível de escolaridade).

Para delineação do perfil do participante desta tese, foram utilizados os seguintes critérios descritos no Quadro 5, que se segue.

Quadro 5 - Descrição dos grupos de informantes

Classes	Crítérios estabelecidos
CaGII	GII a) Um homem e uma mulher a partir de 50 anos. b) Nascidos na localidade, ou que viveram $\frac{3}{4}$ da vida neste local, que não fixaram domicílio em outro lugar e não tenham se ausentado nos últimos cinco anos. c) Ca - classe (sociocultural alta) com ensino médio completo e/ou superior completo ou não.
CaGI	G1 a) Um homem e uma mulher de 18 a 40 anos. b) Nascidos na localidade, ou que viveram $\frac{3}{4}$ da vida neste local, que não fixaram domicílio em outro lugar e não tenham se ausentado nos últimos cinco anos. c) Ca - classe (sociocultural alta) com ensino médio completo e/ou superior completo ou não.
CbGII	G II a) Um homem e uma mulher a partir de 50 anos. b) Nascidos na localidade, ou que viveram $\frac{3}{4}$ da vida neste local, que não fixaram domicílio em outro lugar e não tenham se ausentado nos últimos cinco anos. c) Cb - classe (sociocultural baixa) analfabeto ou até ensino fundamental completo.
CbGI	G1 a) Um homem e uma mulher de 18 a 40 anos. b) Nascidos na localidade, ou que viveram $\frac{3}{4}$ da vida neste local, que não fixaram domicílio em outro lugar e não tenham se ausentado nos últimos cinco anos. c) Cb - classe (sociocultural baixa) analfabeto ou até ensino fundamental completo.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Araújo (2023), Figueiredo Júnior (2019), Marques (2022), Tavares de Barros (2019), e Thun (1996, 1998).

Assim, foram entrevistados oito informantes em cada ponto de rede, o que formou um *corpus* com 40 (quarenta) informantes, 20 (vinte) homens e 20 (vinte mulheres), conforme Quadro 6. Todos os informantes são topostáticos, ou seja, todos com moradia fixa na região oeste da Bahia.

Quadro 6 - Ficha dos informantes

Pontos	Informantes	Nome completo	Escolaridade	Idade	Sexo
Angical	1	JLSP	CaGI	39	M
	2	EBRC	CaGI	23	F
	3	JMSS	CbGI	37	M
	4	RSS	CbGI	37	F
	5	ROS	CaGII	50	M
	6	AMSF	CaGII	56	F
	7	VBC	CbGII	59	M
	8	DNS	CbGII	68	F
Barra	1	JRS	CaGI	32	M
	2	MRMS	CaGI	39	F
	3	ASS	CbGI	39	M
	4	MRLS	CbGI	30	F
	5	EBO	CaGII	53	M
	6	MRCC	CaGII	65	F
	7	APS	CbGII	61	M
	8	AFR	CbGII	88	F
Barreiras	1	TCS	CaGI	24	M
	2	ATAF	CaGI	34	F
	3	EMJ	CbGI	39	M
	4	BRL	CbGI	27	F
	5	SRPD	CaGII	63	M
	6	IPA	CaGII	81	F
	7	LIS	CbGII	68	M
	8	VLPS	CbGII	74	F
Cotegipe	1	PJGAB	CaGI	35	M
	2	JKCS	CaGI	26	F
	3	DPX	CbGI	40	M
	4	JSS	CbGI	38	F
	5	MASO	CaGII	51	M
	6	MCR	CaGII	61	F
	7	JLM	CbGII	85	M
	8	JPS	CbGII	64	F
Santa Rita de Cássia	1	MVCS	CaGI	26	M
	2	LD	CaGI	39	F
	3	MCB	CbGI	40	M
	4	RSS	CbGI	29	F
	5	JPRM	CaGII	61	M
	6	DTA	CaGII	96	F
	7	OFG	CbGII	74	M
	8	JGC	CbGII	74	F

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Ainda sobre os informantes, convém salientar que todos foram entrevistados pela pesquisadora que desenvolveu esta tese. Foi construída uma rede de apoio que contou com alunos e ex-alunos, amigos e conhecidos para auxiliarem na triagem dos informantes e, assim, facilitar os contatos necessários para o agendamento das entrevistas, o que tornou o trabalho viável e prazeroso. Isso promoveu uma aproximação amigável e respeitosa.

Todas as entrevistas foram feitas nos locais sugeridos pelos informantes, como a casa ou o local de trabalho. Foi adotado o procedimento da pluralidade sucessiva dos informantes, ou seja, as entrevistas foram individuais.

3.5 Instrumentos de coleta de dados

A coleta de dados foi fundamentada no ALIB - (Cardoso *et al.*, 2014), considerando a ficha do informante (Apêndice C) e o questionário semântico-lexical (Apêndice B).

A ficha de informante foi um instrumento importante, uma vez que documentou dados de identificação pessoal, registro de domicílios atual e anteriores com respectiva indicação de tempo de permanência em cada um deles, o nível de escolaridade e a profissão, a religião e os contatos com meios de comunicação e opção de lazer. Houve, ainda, algumas informações complementares como a postura do informante no momento do inquérito, a espontaneidade da elocução e a descrição do ambiente onde ocorreu o inquérito, aspectos relevantes para o trabalho desenvolvido.

Para a construção desta tese, reitere-se, os dados foram coletados nas entrevistas durante as quais se aplicou o questionário semântico-lexical do ALGa. O volume VII, *Léxico - O ser humano (II)* foi selecionado e foram utilizadas as questões que constam nas seções: 1. “A família” (da questão 01 a 40); 2. “A vida em sociedade”, subdividida pela pesquisadora em 2.1 Relacionamentos (da questão 41 a 56) e 2.2 Pessoas e ações (da questão 57 a 71), totalizando a segunda seção com 31 questões, e a seção 3: “As ocupações e ofícios” (da questão 72 a 122) com 51 perguntas. No cômputo geral, 122 perguntas fizeram parte do questionário aplicado e o tempo de duração dessa aplicação foi, em média, de uma hora e meia. Justifica-se a escolha dessas perguntas por elas fazerem parte da cultura dos informantes da região oeste da Bahia e da cultura galega. Não seria interessante estabelecer comparação entre elementos que não estivessem associados às culturas pesquisadas.

Alguns informantes da geração I demonstraram uma certa impaciência em relação ao número de perguntas. Porém, ao finalizarem o preenchimento das respostas, demonstraram certo contentamento em responder a todas elas. Já na geração II, os informantes sempre tinham algo a acrescentar, como histórias relacionadas às perguntas, o que fez com que o tempo da entrevista sempre fosse alongado com conversas e narrativas interessantes de se ouvirem.

Algumas perguntas causaram constrangimento tanto nos informantes da geração I como nos da geração II. Registre-se, para exemplificar o fato, a seguinte questão: como se denomina o filho de mãe solteira? As respostas para esse questionamento foram, muitas vezes, evasivas,

rápidas, ou tratadas como desconhecidas, demonstrando um certo temor por respondê-las. Atenta a esses constrangimentos, a pesquisadora deixou os informantes confortáveis para respondê-las ou não.

3.6 Coleta de dados

Os dados foram coletados, no primeiro momento, como mencionado, por meio de uma conversa livre (entrevista), quando foi registrado o perfil dos informantes, sua localidade, religião, moradia etc., no preenchimento da ficha do informante. No segundo momento, houve a leitura do termo de consentimento e a assinatura desse documento. Em seguida, foram aplicadas questões que abarcaram aspectos semântico-lexicais da língua que constavam no questionário de base onomasiológica do ALGa.

Essa etapa transcorreu assim: a entrevistadora fornecia o conceito e solicitava a lexia que designava tal conceito, como se pode verificar na Questão 01: como se denomina um conjunto de pessoas reunidas por laço de sangue, que pode ser constituído por pai, mãe e filhos? Ou por filhos e pai? Ou por mãe e filhos? Quando os informantes não compreendiam o questionamento, a entrevistadora dava exemplos para facilitar o entendimento.

Todas as 122 (cento e vinte e duas) perguntas foram retiradas do ALGa e aplicadas por meio da técnica dos três passos, já tratada no capítulo 2, 2.2, Fundamentação conceitual.

Esta metodologia consistia em perguntar e aguardar a primeira resposta espontânea, em seguida, insistir para observar se o falante conseguia buscar a lexia na memória, e nomear o que foi perguntado com outras formas, ou seja, são as respostas por insistência. Após esse momento, a entrevistadora sugeriu outras formas ditas por outros informantes, e a forma selecionada pelo ALGa, como a prevista para a resposta no momento de aplicação do questionário na Galícia, uma vez que aquela forma era a que permitia apontar a similaridade entre as duas línguas.

O questionário semântico-lexical foi aplicado durante as entrevistas que ocorreram sempre entre o informante e a entrevistadora. Todas as respostas foram arquivadas em um gravador de voz do aparelho celular Samsung A-54. As entrevistas com aplicação de questionário ocorreram entre janeiro e julho de 2024.

3.7 O tratamento e a organização dos dados

Após a coleta de dados pela técnica dos três passos e a gravação das entrevistas, o primeiro procedimento foi transcrever as entrevistas por meio do *software* de transcrição de

áudio *transkriptor*, as quais foram conferidas individualmente por meio da (re)audição das gravações. Em seguida, todos os dados foram tabulados em planilhas do *Excel Microsoft* (versão 2013), com o objetivo de gerar tabelas com dez colunas, como no exemplo a seguir.

A primeira coluna com o número do ponto de rede, a segunda indicando a numeração do informante por ponto de rede, a terceira com as iniciais dos nomes dos informantes, a quarta com a informação sobre os grupos sociais, a quinta identificando a idade dos informantes, a sexta identificando os informantes pelo sexo, e as outras mostrando a Resposta Espontânea (RE), a Resposta por Insistência (RI), a Resposta Sugerida Aceita (RSA) e a Resposta Sugerida Não Aceita (RSNA).

Quadro 7 - Modelo de planilha de dados de pesquisa

Questão 1: Como se denomina um conjunto de pessoas reunidas por laço de sangue, que pode ser constituído por pai, mãe e os filhos? Ou por filhos e pai? Ou por mãe e filhos?									
Pontos	Inf.	Nome	Grupo	Idade	sexo	RE	RI	RSA	RSNA
01	01		CaGI						
01	02		CaGI						
01	03		CbGI						
01	04		CbGI						
01	05		CaGII						
01	06		CaGII						
01	07		CbGII						
01	08		CbGII						

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Após o preenchimento dessas tabelas com as respostas espontâneas dadas às 122 questões, estabeleceu-se o seguinte critério avaliativo: as lexias utilizadas como respostas pelos falantes da região oeste da Bahia deveriam corresponder àquelas lexias registradas como entrada no ALGa (Blanco; Garcia; Fernández, 2020). Após a aplicação desse critério, chegou-se ao total de 74 questões, cujas respostas apontaram aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias encontradas nos falares da região oeste da Bahia e as lexias do Galego.

Concluída a etapa das transcrições e identificadas as lexias comuns às duas línguas, foram organizadas 74 fichas lexicográficas, por ordem das perguntas no ALGa, contendo informações e descrições, conforme modelo a seguir, no Quadro 8.

Quadro 8 - Modelo da ficha lexicográfica

Ficha (Número da ficha)	
Questão	
Resposta em Português	Número de ocorrências
Registros Lexicográficos	
1. Dicionário Real da Academia Galega (RAG) 2. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e português 3. Bluteau: 4. Corominas e Pascual: 5. Cunha: 6. Aurélio: 7. Houaiss:	
Observação:	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Sobre a ficha apresentada:

- a) o primeiro item é o número da ficha;
- b) no item questão, apresenta -se a questão do ALGa numerada. Logo abaixo, a resposta espontânea dada pelos informantes da região oeste da Bahia, com o número de ocorrências;
- c) em relação ao Registros Lexicográficos, optou-se por evidenciar como a lexia é descrita em cada obra. Quando a lexia não for registrada em alguma dessas obras, indica-se n/e (não encontrado);
- d) o último item – observações – é destinado ao registro da lexia no Galego quando esta for diferente no Português.

Cumprе salientar que não foram transcritas todas as acepções trazidas pelas obras lexicográficas da lexia em estudo, mas somente a acepção cuja semântica estivesse aliada ao contexto desta tese.

A elaboração e apresentação dessas fichas lexicográficas permitem o registro de informações relevantes para análises posteriores. Por meio desta estratégia metodológica, foi possível verificar se as lexias em tela foram ou não dicionarizadas por um ou mais autores, ou

por nenhum deles, o que auxiliou a análise dos dados.

Não obstante os trabalhos sobre o léxico trazerem as informações somente em fichas lexicográficas, a opção desta tese é apresentar as fichas lexicográficas em formato de quadro.

Com os *corpora* definidos, a etapa seguinte foi a pesquisa sobre a existência das lexias coletadas em fontes lexicográficas galegas e portuguesas. Para esta finalidade, foram selecionadas (Quadro 9) as seguintes obras lexicográficas:

Quadro 9 - Fontes Lexicográficas consultadas

Língua Galega
ÁLVAREZ, Rosario (coord.): Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega, 2025. GONZÁLEZ González, M. (dir.). Dicionario da Real Academia Galega. A Coruña: Real Academia Galega, 2025.
Língua Portuguesa
BLUTEAU, Raphael. Vocabulário portuguez e latino: aulico, anatomico, architectonico, bellico: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. v. 8. COROMINAS, Joan; PASCUAL José A. Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico. Madrid. España: Editorial Gredos, 1984. CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2010. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2025

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As obras lexicográficas galegas e portuguesas consultadas e utilizadas nesta tese são obras relevantes para o estudo linguístico. A opção pelo Dicionário da Real Academia Galega (DRAG) foi feita por ser ele um dicionário que estabelece a norma da língua galega, no que se refere ao léxico. Nele, se concentra a grafia padronizada de quase 60.000 lexias, com seus significados, além de informações importantes sobre pronúncia, propriedades gramaticais, sinonímia e antonímia, registro e outros dados úteis para o uso da língua.

Já o Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português foi escolhido por ser uma base de dados lexical que permite o acesso rápido e fácil à informação contida em obras sobre o léxico do Galego, do Português Europeu e do Português do Brasil. É um projeto executado pelo Instituto da Língua Galega na Universidade de Santiago de Compostela, com a colaboração de universidades portuguesas e brasileiras.

O Vocabulario Portuguese e Latino (1712-1721) foi selecionado por ser uma obra relevante para estudos mais aprofundados sobre a lexicografia portuguesa, sendo reconhecida como referência pelos estudiosos da área (Souza, 2014).

A opção pelo Diccionario crítico etimológico castellano e hispânico deveu-se ao fato de ele ser considerado uma obra de vanguarda em estudos lexicográficos e etimológicos das línguas românicas (Agusti, 2000). A escolha pelo Dicionário etimológico da Língua Portuguesa de Antonio Geraldo da Cunha deu-se pela necessidade de se esclarecer a etimologia das lexias encontradas e apontar a data aproximada de sua entrada no Português.

No que tange aos dicionários brasileiros, foram selecionados:

- a) Novo dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, por ser um dicionário brasileiro padrão reconhecido, e por contemplar um grande repertório lexical com muitos brasileirismos. Embora contenha limitações, apresenta abonações de obras variadas, exemplos da língua falada e escrita e clareza em suas definições (Souza, 2014);
- b) Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Antônio Houaiss; Mauro Villar; Francisco Manoel de Mello Franco, por ser o mais completo dicionário brasileiro e sempre atualizado, e por trazer, de forma sistematizada, o registro da palavra, sua etimologia, datação e ainda locuções que envolvem a palavra em voga e informações gramaticais e usos específicos e regionais.

Ao identificar tais lexias nesses dicionários, foi possível mostrar aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias galegas e as do Português brasileiro.

Ressalta-se, não obstante os dados terem sido coletados por meio da aplicação do questionário semântico-lexical através de respostas espontâneas, as características da oralidade ou mesmo variações linguísticas individuais não foram consideradas nesta tese. A transcrição grafemática realizada, considerou a ortografia atualizada.

Apresenta-se, a seguir (Quadro 10), uma dessas fichas preenchidas.

Quadro 10 - Modelo da ficha lexicográfica preenchida

Ficha 1:	
Questão 1: Como se denomina um conjunto de pessoas reunidas por laço de sangue, que pode ser constituído por pai, mãe e os filhos? Ou por filhos e pai? Ou por mãe e filhos?	
<i>Família</i>	33 ocorrências
Registros Lexicográficos 1. Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo feminino. 1 <i>Conxunto de persoas unidas por lazos directos de parentesco, especialmente o constituído polo pai, a nai e os fillos. Fundar unha familia. Son cinco de familia.</i> 2. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: sf Conxunto de persoas unidas por lazos directos de parentesco, especialmente o constituído polo pai, a nai e os fillos. 3. Bluteau: As peŝoas de que ŝe compoem huma caŝa, pays, filhos, & domeŝticos. <i>Familia</i>, Fem. Cic. 4. Corominas e Pascual: tomado del lat. <i>famīlĭa</i> 'conjunto de los esclavos y criados de una persona', 'familia', derivado de <i>famŭlus</i> 'sirviente', 'esclavo'. 1.^a <i>doc.</i>: Berceo. 5. Cunha: sf. 'grupo de pessoas do mesmo sangue'. 6. Aurélio: [Do lat. <i>familia</i>.] S.f. 1. Pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. 7. Houaiss: s.f. 1. núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que ger. compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária e estável. 1.1 grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. O pai, a mãe e os filhos). 1.2 grupo de pessoas que têm uma ancestralidade comum ou que provêm de um mesmo tronco. 1.3. pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou pela adoção.	
Observação: No Galego, <i>familia</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Depois da transcrição, da tabulação dos dados, da consulta às obras lexicográficas para a análise feita por meio das fichas, foi conduzida uma análise estatística descritiva e inferencial, com ênfase em testes de associação entre variáveis categóricas.

Inicialmente, os dados foram organizados em tabelas de contingência, com cada linha representando uma categoria de resposta (por exemplo, "marido", "esposo") e cada coluna uma categoria da variável preditora (como "Alta" ou "Baixa" escolaridade). As frequências absolutas e relativas (em percentuais) foram calculadas para cada célula da tabela, permitindo a visualização da distribuição das respostas, segundo os grupos analisados. Este tipo de tabela é amplamente utilizado na estatística aplicada, para resumir a relação entre duas variáveis categóricas (Agresti, 2007).

Em seguida, aplicou-se o teste do “qui-quadrado de independência (χ^2)” para verificar a presença de associação estatisticamente significativa entre as variáveis. Esse teste avaliou se a distribuição das frequências observadas em uma tabela de contingência difere

significativamente daquela que seria esperada sob a hipótese nula de independência entre as variáveis (Mchugh, 2013). O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$).

Para tabelas com frequências esperadas inferiores a 5 — especialmente em tabelas 2x2 ou com pequenos efetivos — utilizou-se o “teste exato de Fisher”, mais adequado para esses casos, por não depender da aproximação qui-quadrado, e fornecer resultados mais precisos em amostras pequenas (Kim, 2017).

Apenas os cruzamentos com valor de p inferior a 0,05 foram considerados para a descrição interpretativa e representação gráfica, o que não impediu que os dados que não apresentassem significância fossem discutidos. Todas as análises foram realizadas com o software R (versão 4.3 ou superior), utilizando os pacotes *tidyverse*, *janitor*, *gt*, *readxl* e *ggplot2*, para a manipulação dos dados, de testes estatísticos, da construção de tabelas e das visualizações gráficas (Mangiafico, 2016). Vale salientar que o teste estatístico foi aplicado somente para as respostas espontâneas.

Para esta tese, cumpre salientar que a utilização do teste qui-quadrado identificou diferenças significativas somente em 30 questões, ou seja, somente para as lexias dadas em resposta a essas questões é que houve influência das dimensões da Dialetologia Pluridimensional e Relacional eleitas para esta tese: diageracional, diassexual, diatópica e diageracional.

Ainda que 44 lexias não tenham sido estatisticamente influenciadas pelas dimensões de análise eleitas para esta tese, todas as lexias foram descritas, demonstrando os três passos da coleta de dados: perguntar, insistir e sugerir. Destacou-se também a frequência de uso de cada lexia de forma geral, em toda a rede de pontos pesquisada e ainda foram trazidas informações sobre tais lexias. Por fim, foram demonstradas as tendências à manutenção ou ao desuso.

Quanto à tendência ao desuso ou à manutenção dessas lexias, foram adotados os seguintes critérios de análise, a seguir.

- a) será considerada tendência à manutenção, quando a maior recorrência da lexia for verificada na geração I;
- b) será considerada tendência ao desuso, quando a maior recorrência da lexia for verificada na geração II;
- c) será considerada tendência à estabilidade, quando nas gerações I e II, a frequência de uso for a partir de 50%;
- d) será considerada estável, quando a frequência de uso nas gerações I e II forem iguais;

- e) será considerada baixa ocorrência, quando a soma das frequências de uso nas duas gerações for abaixo de 25%.

3.8 Procedimentos éticos da pesquisa

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFMT), por meio da Resolução 510/2016 do CNS, portando o seguinte número no CAAE 59087822.5.0000.5690 e o parecer nº: 5.489.77. Associado a isso, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para assegurar o esclarecimento quanto aos riscos de origem psicológica, intelectual e emocional aos informantes desta pesquisa. O termo foi lido por todos e explicado pela entrevistadora, durante a coleta de dados, e depois, assinado por cada informante.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo foi estruturado em seis seções. Na primeira, são apresentadas as lexias registradas no ALGa, Volume VII, *Ser humano II* e as lexias coletadas entre os falantes da região oeste da Bahia para os campos semânticos: “Família”, “A vida em sociedade” e “As ocupações e os ofícios”, destacando as lexias comuns nos dois idiomas.

Na segunda seção, apresentam-se os registros lexicográfico e etimológico e os sinônimos dessas lexias comuns em dicionários galegos, portugueses e brasileiros, em fichas lexicográficas produzidas para a análise.

Na terceira seção, apresenta-se o banco de dados constituído pelas variantes faladas pelos informantes nas respostas espontâneas.

Na quarta seção, apresentam-se as questões cujas lexias foram influenciadas pelas dimensões diageracional, diassexual, distrática e diatópica, conforme os testes estatísticos realizados. Ao final da análise estatística de cada lexia, apresentam-se as respostas por insistência (para obtenção de respostas adicionais espontâneas) e as respostas por sugestão (para obtenção de formas aceitas ou rejeitadas), a fim de ratificar a presença de lexias do Galego no Português Brasileiro falado na região oeste da Bahia.

Na quinta seção, são apresentadas e discutidas as questões que não sofreram influência das dimensões diatópica, diassexual, diastrática e diageracional, conforme a análise estatística realizada.

A sexta seção mostra a tendência das 74 lexias pesquisadas, em relação ao futuro, no que concerne às tendências à manutenção ou ao desuso, relacionada às lexias de entrada do ALGa.

4.1 Apresentação das lexias comuns entre o galego e o português falado na região oeste da Bahia

Para o desenvolvimento desta tese, conforme já mencionado, foram selecionadas 122 questões do ALGa. Vale ressaltar que o volume VII do ALGa, *O ser humano II*, é composto de 294 mapas que correspondem a 294 questões. Dessas 294 questões, foram selecionadas 122 que, após a observação, levou à conclusão de que eram as que mais se aproximavam da cultura da região oeste da Bahia. Essas foram aplicadas aos falantes da região oeste da Bahia, por meio de um questionário, utilizando a técnica dos três passos propostas por Thun (2010).

Sobre as respostas dadas às 122 questões, aplicou-se o seguinte critério: as lexias utilizadas como respostas pelos falantes da região oeste da Bahia deveriam corresponder às lexias registradas como entrada no ALGa (Blanco; Garcia; Fernández, 2020). Conforme já mencionado neste capítulo 4, chegou-se ao total de 74 questões.

Nos Quadros, a seguir, a primeira linha identifica o campo semântico em estudo: “Família”, “A vida em sociedade” e “As ocupações e os ofícios”. Nas linhas seguintes, divididas em três colunas, apresentam-se as questões aplicadas aos falantes da pesquisa – elaboradas a partir das questões presentes no ALGa –, as lexias de entrada no ALGa e as lexias registradas na região oeste da Bahia, levantadas por meio da aplicação do questionário semântico-lexical.

O Quadro 11, a seguir, traz as lexias do campo semântico “Família”. Das 40 questões aplicadas, 31 apontam aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias encontradas nos falares da região oeste da Bahia e as lexias do Galego.

Quadro 11 - Campo semântico Família: A família

1. Campo semântico Família		
Questões	Lexias de entrada no ALGa²⁰	Lexia registrada na região oeste da Bahia RE
1.Como se denomina um conjunto de pessoas reunidas por laços de sangue, que pode ser constituído por pai, mãe e os filhos? Ou filhos e pais? Ou mãe e filhos?	Família	Família
2.Como se a pessoa do sexo masculino que é ligada a outra pessoa por laço de sangue?	Parente (masculino)	Parente
3.Como se denominam os familiares de uma pessoa que viveram num tempo passado?	Antepassados	Antepassados
4.Como se denomina a pessoa do sexo feminino com quem o homem está casado?	Esposa	Esposa
5.Como se denomina a pessoa do sexo masculino com quem a mulher está casada?	Esposo	Esposo
6.Como se denomina o homem que gera filhos biológicos?	Pai	Pai
7.Como se denomina a mulher que não é mãe biológica dos filhos de seu marido?	Madrasta	Madrasta
8.Como se denomina o homem que não é pai biológico dos filhos de sua mulher?	Padrasto	Padrasto
9.Como se denomina o filho mais velho de um casal, ou o que nasceu primeiro?	Filho mais velho	Filho mais velho
10.Como se denomina o filho mais novo de um casal?	Filho mais novo	Filho mais novo
11.Como se denomina o filho de mãe solteira?	Filho de solteira	Filho de mãe solteira
12.Como se denomina a pessoa de menor idade que os seus pais faleceram? Ou só o pai, ou só a mãe faleceu.	Orfo	Orfão
13.Em relação aos filhos, como se denomina a filha dos mesmos pais que tem mais filhos ou é só filha do mesmo pai ou da mesma mãe?	Irmã	Irmã
14.Em relação aos filhos, como se denomina o filho dos mesmos pais que tem mais filhos, ou é só filho do mesmo pai ou da mesma mãe?	Irmão	Irmão
15.Como se denomina uma menina que possui somente o mesmo pai ou a mesma mãe que outra pessoa?	Meia irmã	Meia Irmã
16.Como se denomina um menino que possui somente o mesmo pai ou a mesma mãe que outra pessoa?	Medio irmão	Meio Irmão
17.Como você denomina o pai de um bisavô ou de uma bisavó?	Tataravó	Tataravô
18.Como você denomina o pai de qualquer um pai ou mãe? (avô) formas familiares.	Avó. (formas familiares)	Avô
19.Como você denomina qualquer irmão de um avô?	Tio avó	Tio-avô
20.Em relação aos avós, como se denomina o filho do filho ou da filha de alguém?	Neto	Neto

²⁰ As lexias retiradas do ALGa como respostas às questões foram transcritas nesta tese tal qual aparecem naquele atlas.

21.Como você denomina o irmão do pai ou da mãe de uma pessoa?	Tío	Tio
22.Como você denomina o filho de um irmão ou de uma irmã?	Sobriño	Sobrinha
23.Como você denomina a filha de seu irmão ou de sua irmã?	Sobriña	Sobrinho
24.Como você denomina os filhos dos primos de um pai ou de uma mãe? Também se aplica aos filhos dos tios e tias da mãe ou do pai	Primo segundo	Primo segundo
25.Como você denomina a mulher que se casou com seu filho?	Nora	Nora
26.Como você denomina o homem que se casou com sua filha?	Xenro	Genro
27.Como você denomina o pai e a mãe de uma esposa/o?	Sogro, sogra	Sogro, sogra
28.Como você denomina os pais da pessoa que foi batizada na igreja católica?	Compadre, comadre	Compadre, comadre
29.Como você denomina a mulher que na religião católica, batiza alguém?	Madriña	Madrinha
30.Como você denomina o homem, na religião católica, que batiza alguém?	Padriño	Padrinho
31.Como uma madrinha e um padrinho denominam a pessoa que foi batizada por eles?	Afillado	Afilhado

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

O Quadro 12, a seguir, traz as lexias do campo semântico “A vida em sociedade”. Das 31 questões aplicadas, 16 apontam aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias encontradas nos falares da região oeste da Bahia e as lexias do Galego.

Quadro 12 - Campo semântico: A vida em sociedade

2. Campo semântico: A vida em sociedade

Questões	Lexias de entrada no ALGa	Lexia registrada na região oeste da Bahia
1.Como você denomina o homem e a mulher que namoram, usam aliança na mão direita e têm a intenção de se casarem?	Noivo, noiva	Noivo, noiva
2.Como você denomina o conjunto de roupas e complementos necessários que os noivos organizam quando se casam?	Enxoval	Enxoval
3.Como você denomina o conjunto de bens ou dinheiro que, ao casar a Família da mulher oferece para o casal?	Dote	Dote
4.Como se denomina a ação de contrair matrimônio?	Casar	Casar
5.Como se diz quando duas pessoas moram e convivem como marido e esposa e não oficializaram a união?	Vivir amigos	Amigos
6.Como se denomina indivíduos da espécie humana?	Pessoa	Pessoas
7.Como se denomina a pessoa que mora próxima a sua casa?	Veciño	Vizinho
8.Que nome é dado a alguém que não tem muita comida e nem muitas posses?	Pobres	Pobres
9.Que nome é dado a alguém que pede comida para viver?	Mendigos	Mendigo
10.Como se denomina o que é dado a alguém que não tem meios próprios para viver?	Esmola	Esmola
11.Como se denomina a pessoa que possui muito dinheiro e muitos bens?	Rico	Rico
12.Como se denomina o ato de alguém pegar algo de outra pessoa que não é seu?	Roubo	Roubo
13.Como se denomina a mulher que retira algo de outra pessoa sem a devida permissão?	Ladroa	Ladroa
14.Como se denomina a pessoa do sexo masculino que retira algo de outra pessoa sem a devida permissão?	Ladrón	Ladrão
15.Como se denomina a ação de você desenvolver uma atividade que requer esforço com o objetivo de produzir algo ou de conseguir um resultado determinado?	Traballar	Trabalhar
16.Quando o/a vizinho /a pede socorro, o que você faz?	Axudar, acudir, socorrer	Ajudar, acudir, socorrer

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

O Quadro 13, a seguir, traz as lexias do campo semântico “As ocupações e os ofícios”. Das 51 questões, 27 apontam aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias encontradas nos falares da região oeste da Bahia e as lexias do Galego.

Quadro 13 - Campo semântico: As ocupações e os ofícios

3. Campo semântico: As ocupações e os ofícios

Questões	Lexias de entrada no ALGa	Lexia registrada na região oeste da Bahia
1.Como se denomina a pessoa que não é padre, habitualmente um rapaz que ajuda o sacerdote nos ofícios religiosos?	Acólito	Acólito
2.Como se denomina a pessoa adulta que limpa, abre e fecha a igreja e ajuda o sacerdote em suas tarefas?	Sancristan	Sacristão
3.Como se denomina o oficial abaixo do capitão?	Tenente	Tenente
4.Como se denomina a pessoa do sexo feminino que faz parto sem ter estudado para isso?	Parteira	Parteira
5.Como se denomina a pessoa que estudou para tratar as pessoas doentes?	Médico	Médico
6.Como se denomina a pessoa que se dedica a curar doenças de outros sem ser médico?	Curandeiro	Curandeiro
7.Como se denomina a pessoa que capta animal?	Capador	Capador
8.Como se denomina o cuidador de gado bovino?	Vaqueiro	Vaqueiro
9.Como se denomina a pessoa que comanda um grupo de trabalhadores numa fazenda?	Capataz	Capataz
10.Como se denomina a pessoa que trabalha na lavoura?	Labrador	Lavrador
11.Como se denomina a pessoa que na construção civil realiza trabalhos não especializados?	Peón	Peão
12.Como se denomina a pessoa que trabalha com madeira tanto na construção como na fabricação de móveis?	Carpinteiro	Carpinteiro
13.Como se denomina a mulher que se dedica a fiar?	Fiadeira	Fiadeira
14.Como se denomina a pessoa que tece ou faz peças de roupas tecidas?	Tecedeira	Tecedeira
15.Como se denomina a pessoa do sexo feminino que faz ou conserta roupas?	Costureira	Costureira
16.Como se denomina a pessoa faz ou conserta sapatos?	Zapateiro	Sapateiro
17.Como se denomina a pessoa que faz e vende cestos ou cestas, objetos feitos com o mesmo material, como por exemplo palha de buriti, capim dourado etc.?	Cesteiro	Cesteiro
18.Como se denomina a pessoa que faz telhas?	Telleiro	telheiro
19.Como se denomina a pessoa que trabalha fazendo transporte de cargas para outras pessoas?	Carreteiro	Carreteiro
20.Como se denomina a pessoa que toca gaita?	Gaiteiro	Gaiteiro
21.Como se denomina a pessoa que trabalha com ferro e outros metais?	Ferreiro	Ferreiro
22.Como se denomina a pessoa que ferra animais?	Ferrador	Ferrador
23.Como se denomina a pessoa que corta a lenha?	Leñador	Lenhador
24.Como se denomina a pessoa que faz barril de madeira para se guardar por exemplo cachaça?	Toneleiro	Toneleiro
25.Como se denomina a pessoa que amola instrumentos que cortam?	Afiador	Afiador
26.Como se denomina a pessoa que pesca por prazer?	Pescador	Pescador
27.Como se denomina a pessoa que sai a procura de animais à noite ou de dia por prazer ou para a sobrevivência?	Cazador	Caçador

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

4.2 As fichas lexicográficas

Apresentadas as 74 lexias comuns ao Galego e ao Português falado na região oeste da Bahia, seguem as 74 fichas lexicográficas utilizadas para a análise. Essas fichas foram organizadas por ordem das perguntas no ALGa, conforme informado no capítulo 3, Metodologia.

Quadro 14 – Ficha lexicográfica 1 – lexia ‘ família’

Questão 1: Como se denomina um conjunto de pessoas reunidas por laço de sangue, que pode ser constituído por pai, mãe e os filhos? Ou por filhos e pai? Ou por mãe e filhos?	
<i>Família</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 33
Registros Lexicográficos	
Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo feminino. 1 Conxunto de persoas unidas por lazos directos de parentesco, especialmente o constituído polo pai, a nai e os fillos. <i>Fundar unha familia.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: sf. Conxunto de persoas unidas por lazos directos de parentesco, especialmente o constituído polo pai, a nai e os fillos. Bluteau: As peñoas de que se compoem huma cafa, pays, filhos, & domesticos. <i>Familia</i>, Fem. Cic. Corominas e Pascual: NR Cunha: sf. ‘grupo de pessoas do mesmo sangue’. Do lat. <i>familia</i>. Aurélio: [Do lat. <i>familia</i>.] Sf. 1. Pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Houaiss: substantivo feminino. 1 núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que ger. compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária e estável. 1.1 grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. O pai, a mãe e os filhos). 1.2 grupo de pessoas que têm uma ancestralidade comum ou que provêm de um mesmo tronco.	
Observações: No Galego, <i>familia</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 15 - Ficha lexicográfica 2 - lexia ‘parente’

Questão 2: Como se denomina a pessoa do sexo masculino que é ligada a outra pessoa por laço de sangue?	
<i>Parente</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 29
Registros Lexicográficos	
Dicionário Real da Academia Galega (RAG): adxectivo. Que está unido a outro mediante unha relación de parentesco. <i>Ese é parente meu por parte do meu home.</i> Tamén substantivo: <i>Viñérono ver uns parentes da Arxentina.</i> SINÓNIMOS achegado, familiar. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: adx. O que ten parentesco cunha persoa a partires do primeiro grado. Bravo 1984:148 Bluteau: Termo relativo, que se diz de todos os ascendentes, ou descendentes da mesma familia, por linha reta, ou collateral. Corominas e Pascual: n/e. Cunha: s2g. ‘pessoa que, em relação a outra(s), pertence à mesma família, quer pelo sangue, quer pelo casamento. Do lat. <i>parēn -ēntis</i>. Aurélio: [Do lat. <i>parente</i>, ‘pai’, ‘mãe’ (no pl., ‘os pais’).] Adj. 4. Que tem parentesco. 5. Que pertence à mesma família. Houaiss: substantivo de dois gêneros 1 pessoa ligada à outra por consanguinidade. [...]	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 16 - Ficha lexicográfica 3 - lexia ‘antepassados’

Questão 3: Como se denominam os familiares de uma pessoa que viveram num tempo passado?

Antepassados

Ocorrências na região oeste da Bahia: **14**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** Familiar que viviu nun tempo anterior. *Os meus antepasados son de aquí.*
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m Todo aquel qu' existiu antes d' aora. VázquezS 1986:100.
3. **Bluteau:** Os q viviaõ nos seculos pallados.
4. **Corominas e Pascual:** n/e.
5. **Cunha:** “antepassados” aparece na lexia “avó/avô”: “No plural, o voc. ocorre também como sinônimo de ‘antepassados’, como no port. atual [...]”
6. **Aurélio:** [Part. De *antepassar*.] **2.** Que viveu antes: *famílias antepassadas; parentes antepassados. S. m. 3.* Ascendente, especialmente o que é anterior aos avós: *Ele tem um antepassado índio.*
7. **Houaiss:** substantivo masculino **3.** ascendente, esp. o que é anterior aos avós.

Observações: No galego, *antepasados*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 17 - Ficha lexicográfica 4 - lexia ‘esposa’

Questão 4: Como se denomina a pessoa do sexo feminino com quem o homem está casado?

Esposa

Ocorrências na região oeste da Bahia: **31**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** Persoa unida a outra por matrimonio con respecto a esta.
Os novos esposos marcharon de lúa de mel.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** n/e.
3. **Bluteau:** A que eflá a palavrada, para cafar. *Sponfa, & Cic.*
4. **Corominas e Pascual:** (ESPOSO, del lat. sPONSUS” prometido”, participio de SPONDERE prometer”. 1ª. doc.: esposa, Cid.)
5. **Cunha:** “esposa” vem de “esposar” – *vb.* ‘unir em casamento’. Do lat. *spō(n)sāre* || **esposa** XIII. Do lat. *spōnsa -ae*.
6. **Aurélio:** [Do lat. *sponsa*.] **S. f. 1.** Mulher que está prometida para o casamento; noiva.
7. **Houaiss:** substantivo feminino **1** mulher prometida; noiva.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 18 - Ficha lexicográfica 5 - lexia ‘esposo’

Questão 5: Como se denomina a pessoa do sexo masculino com quem a mulher está casada?

Esposo

Ocorrências na região oeste da Bahia: **28**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** Pessoa unida a outra por matrimonio con respecto a esta.
Os novos esposos marcharon de lúa de mel.
Agardava a chegada do esposo. SINÓNIMOS home, marido.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. Namorado.
3. **Bluteau:** Apalavrado para cafar. *Spõfus, i. Mafc. Cic.*
4. **Corominas e Pascual:** del. lat. SPŌNSUS ‘prometido’, participio de SPONDERE ‘prometer’.
5. **Cunha:** “esposo” vem de “esposar” – vb. ‘unir em casamento’. Do lat. *spō(n)sāre* || **esposo** | XIV, *sposo* XIII | Do lat. *spōnsus* -ī.
6. **Aurélio:** [Do lat. *sponsu.*] **S. m. 1.** O que prometeu casar ou está para casar; noivo.
7. **Houaiss:** substantivo masculino **1** aquele que prometeu se casar; noivo.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 19 - Ficha lexicográfica 6 - Lexia ‘pai’

Questão 6. Como se denomina o homem que gera filhos biológicos?

Pai

Ocorrências na região oeste da Bahia: **40**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo masculino. Home ou animal macho que tivo un ou máis fillos, en particular con respecto a estes.
É pai de cinco fillos.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. Home ou animal macho com respecto ós seus fillos. *Seu pai tiña unha fábrica.*
3. **Bluteau:** *Pay.* Aquelle, que com virtude generativa deu vida natural a alguém.
4. **Corominas e Pascual:** “pai” vem de “padre” – del lat. PATER, -TRIS, íd. *1.ª doc.:* Orígenes 1100, *BHisp.* LVIII 362; 1132 [Oelschl.]; *Cid*, etc.) [...] En algunas partes tiene gran extensión la forma vulgar *paire*, [...] de ahí la forma hipocorística abreviada *pay* [...] o *pae*, con su diminutivo *paíto* [...] El gall. port. alteró *padre* y *madre* en *pai*, *mai* (seguramente por influjo de la pronunciación infantil).
5. **Cunha:** sm. ‘genitor, progenitor’ | *pay* | Do lat. *pater patris* (lat. *patre*- > port. *padre* → *pade* → *pae* → *pai*).
6. **Aurélio:** [Do lat. *pater*, pelas f. *padre* e *pae*.] **S. m. 1.** Homem que deu ser a outro; homem que tem um ou mais filhos; genitor, progenitor. **3.** Animal do sexo masculino que gerou outro.
7. **Houaiss:** substantivo masculino **1** homem que gerou um ou mais filhos; genitor, progenitor.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 20 - Ficha lexicográfica 7 - lexia ‘madrasta’

Questão 7: Como se denomina a mulher que não é mãe biológica dos filhos de seu marido?

Madrasta

Ocorrências na região oeste da Bahia: **28**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo feminino. Muller do pai, respecto dos fillos que este leva ao matrimonio.
A madrasta coida delas como das súas propias filas.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** sf. Muller do pai, [respecto dos fillos que este leva ao matrimonio]; sf. O nome que se dá a muller quando se casa com um homem que ficou viúvo, em relação aos filhos deles.
3. **Bluteau:** A mulher, cujo marido tem filhos do antecedente matrimonio. *Noverca, e. Fem. Cic.*
4. **Corominas e Pascual:** “madrasta” vem de “madre” – del lat. MATER, MATRIS, íd. 1.^a doc.: orígenes del idioma (doc. de 1074, Oelschl., etc.) [...] DERIV. *Madrasta* [Berceo].
5. **Cunha:** “madrasta” vem de “mãe” – sf. ‘mulher que deu à luz um ou mais filhos.’ [...] | *mae* XII, *mãy* XIII etc. | Do lat. *mater -tris*. **madrasta** XIII. Do lat. *matrasta*.
6. **Aurélio:** [Do lat. *matrasta* < lat. *mater*, ‘mãe’.] **S. f. 1.** Mulher casada, em relação aos filhos que o marido teve de matrimônio anterior.
7. **Houaiss:** substantivo feminino **1** mulher em relação aos filhos anteriores do homem com quem passa a constituir sociedade conjugal.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 21 - Ficha lexicográfica 8 - lexia ‘padrasto’

Questão 8: Como se denomina o homem que não é pai biológico dos filhos de sua mulher?

Padrasto

Ocorrências na região oeste da Bahia: **34**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo masculino. Marido da nai, respecto dos fillos que esta leva ao matrimonio.
O padrasto quéreo coma se fosse fillo seu.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** sm. Marido da nai, [respecto dos fillos que esta leva ao matrimonio]; Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha.
3. **Bluteau:** O segundo marido, que em razão dos filhos do primeyro matrimonio, que se chamão enteados, se chama padraſto, por succeder ao pay. *Vitricus, i. Masc.*
4. **Corominas e Pascual:** “padrasto” vem de “padre” [...] DERIV. *Padraſtro* [J. Ruiz], del lat. vg. PATRASTER, -TRI.
5. **Cunha:** “padrasto” vem de “pai” – sm. ‘genitor, progenitor’. **padrasto** XIII. Do lat. *patraster -rī*.
6. **Aurélio:** [Do lat. vulg. *Patraſtru*, com dissimilação.] **S. m.** Indivíduo que ocupa o lugar de pai em relação aos filhos que sua mulher teve de casamento anterior. [Fem.: *madrasta*.]
7. **Houaiss:** substantivo masculino. Homem em relação aos filhos anteriores da mulher com quem passa a constituir sociedade conjugal.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 22 - Ficha lexicográfica 9 - lexia complexa ‘filho mais velho’

Questão 9: Como se denomina o filho mais velho de um casal, ou o que nasceu primeiro?	
<i>Filho mais velho</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 15
Registros Lexicográficos 1. Dicionário Real da Academia Galega (RAG): n/e. 2. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: n/e. 3. Bluteau: n/e. 4. Corominas e Pascual: n/e. 5. Cunha: n/e. 6. Aurélio: n/e. 7. Houaiss: n/e.	
Observações: No galego, <i>fillo mais velho</i>. No Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português consta <i>fillo vello</i>: Hijo mayor. Prado 1971:51. Ao que indica que a denominação permite a compreensão de que seja o filho mais velho.	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 23 - Ficha lexicográfica 10 - lexia complexa ‘filho mais novo’

Questão 10: Como se denomina o filho mais novo de um casal?	
<i>Filho mais novo</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 06
Registros Lexicográficos 1. Dicionário Real da Academia Galega (RAG): n/e. 2. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: n/e. 3. Bluteau: n/e. 4. Corominas e Pascual: n/e. 5. Cunha: n/e. 6. Aurélio: n/e. 7. Houaiss: n/e.	
Observações: No galego, <i>fillo mais novo</i>. Não foi encontrado registro desta lexia complexa no RAG, mas consta no Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português como <i>fillo novo</i>: Hijo menor (Leis 1969:54) e <i>fillo novo</i>: Hijo pequeno (Prado 1971:51). Ao que indica que se pode entender que significa o filho mais novo ou o filho menor de alguém.	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 24 - Ficha lexicográfica 11 - lexia complexa ‘filho de mãe solteira’

Questão 11: Como se denomina o filho de mãe solteira?

Filho de mãe solteira

Ocorrências na região oeste da Bahia: **10**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** n/e.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** loc s O que ten unha muller sen estar casada. Louredo 2012.
3. **Bluteau:** n/e.
4. **Corominas e Pascual:** n/e.
5. **Cunha:** n/e.
6. **Aurélio:** n/e.
7. **Houaiss:** n/e.

Observações: No galego, *fillo de solteira*. Consta também no Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português, *fillo de moza solteira*: loc. O qu' è fillo dunha mullèr solteira. VázquezS 1986:103, *fillo de moza* o Hijo de una mujer soltera. Baamonde 1977:99 e *fillo de nai* Fillo de nai, fillo feito tras da silveira, fillo da ighlesia, fillo de porta aberta. Fillo de nai solteira. Álvarez 1974:77.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 25 - Ficha lexicográfica 12 - lexia ‘órfão’

Questão 12: Como se denomina a pessoa de menor idade que os seus pais faleceram? Ou só o pai, ou só a mãe faleceu?

Órfão

Ocorrências na região oeste da Bahia: **22**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** [orfo]: adjetivo 1. Que sendo menor de idade perdeu a seus pais ou a un deles.
A película trataba de dous irmáns orfos.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** Aquele que não tem pai e nem mãe.
3. **Bluteau:** Pupillo, que perdeu o pay, ou mãy, ou que não tem pay, nem mãy. Orfaõ de pay. *Patre orbatus*. Orfaõ de pay, e mãy. *Utroque parente orbatus*.
4. **Corominas e Pascual:** tomado del lat. órphus y éste del gr. dppos (U óppwe) id. 1.4 doc.: Lope (cita de Pagés); Acad. 1914 o 1399.
5. **Cunha:** *adj. sm.* ‘que perdeu os pais’ [...] Do lat. tardio *ōrphānus* -a, deriv. do gr. *orphanós*.
6. **Aurélio:** [Do gr. *orphanós*, pelo lat. tard. *orphanu*.] **Adj.** 1. Que perdeu os pais ou um deles.
7. **Houaiss:** adjetivo 1 que perdeu o pai e/ou a mãe.

Observações: No galego, *orfo*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 26 - Ficha lexicográfica 13 - lexia ‘irmã’

Questão 13: Em relação aos filhos, como se denomina a filha dos mesmos pais que tem mais filhos ou é só filha do mesmo pai ou da mesma mãe?

Irmã

Ocorrências na região oeste da Bahia: **38**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** [irmá]. Persoa que, respecto doutra, é filla dos mesmos pais ou só do mesmo pai ou da mesma nai.
Ten catro irmáns e el é o mais vello.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** NR
3. **Bluteau:** [IRMAN]. Irmaã. Filha, nascida do mesmo pay, & Mãy, que outra filha, ou filho. *Soror, is. Fem. Cic.*
4. **Corominas e Pascual:** “irmã” vem de “irmão”, que vem de “*hermano*” – del lat. GERMĀNUS íd., abreviación de FRATER GERMANUS ‘hermano de padre y madre’ [...] *germà* (fem. *germana*).
5. **Cunha:** “irmã” vem de “irmão” – *sm.* ‘filho dos mesmos pais ou de um deles apenas’ || **irmã** | *jirmaa* XIII, *irmãa* XIII, *irmana* XIII etc. Do lat. *germāna*.
6. **Aurélio: S. f.** Filha do mesmo pai e da mesma mãe, ou só do mesmo pai (irmã consanguínea) ou só da mesma mãe (irmã uterina), em relação a outro(s) filho(s).
7. **Houaiss:** substantivo feminino **2** aquela que, em relação a outrem, é filha do mesmo pai ou da mesma mãe [...].

Observações: No galego, *irmá*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 27 - Ficha lexicográfica 14 - lexia ‘irmão’

Questão 14: Em relação aos filhos, como se denomina o filho dos mesmos pais que tem mais filhos, ou é só filho do mesmo pai ou da mesma mãe?

Irmão

Ocorrências na região oeste da Bahia: **39**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** [irmán] Persoa que, respecto doutra, é filla dos mesmos pais ou só do mesmo pai ou da mesma nai.
Ten catro irmáns e el é o mais vello.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m O próprio filho da mãe de leite e a criança que ela amamenta.
3. **Bluteau:** [IRMAO. Irmao.] Termo relativo entre dous varoens, fillhos dos mesmos pays, ou fo do mesmo pay, ou fo da mesma mãy.
4. **Corominas e Pascual:** “irmão” vem de “*hermano*” – del lat. GERMĀNUS íd., abreviación de FRATER GERMANUS ‘hermano de padre y madre’, donde GERMANUS tiene su sentido propio y habitual de ‘verdadero, auténtico’. *1.ª doc.: iermano*, doc. de 938, Glosas de Silos; *ermano*, doc. de 1127, *Cid*, etc. (Oelschl.) [...] Sólo en la Península Ibérica fué completo el triunfo de este vocablo, cuyo descendiente es de uso general, no sólo en el Centro, sino en el Oeste (port. *irmão*, gall. *irmán* y en el este (cat. *germà*) [...].
5. **Cunha:** *sm.* ‘filho dos mesmos pais ou de um deles apenas’ | XIII, *ermano* XIII etc. | Do lat. *germānus*.
6. **Aurélio:** [Do lat. *germanu*.] **S. m.** Filho do mesmo pai e da mesma mãe, ou só do mesmo pai (irmão consanguíneo) ou só da mesma mãe (irmão uterino), em relação a outro(s) filho(s).
7. **Houaiss:** substantivo masculino **1** aquele que, em relação a outrem, é filho do mesmo pai e da mesma mãe [...].

Observações: No galego, *irmán*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 28 - Ficha lexicográfica 15 - lexia composta ‘meia irmã’

Questão 15: Como se denomina uma menina que possui somente o mesmo pai ou a mesma mãe que outra pessoa?

Meia irmã

Ocorrências na região oeste da Bahia: **06**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** NR
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** NR
3. **Bluteau:** NR
4. **Corominas e Pascual:** NR
5. **Cunha:** NR
6. **Aurélio:** [Do f. de *meio* + *irmã*.] **S. f.** Filha só do mesmo pai, ou só da mesma mãe, em relação a outro(s) filho(s) destes.
7. **Houaiss:** substantivo feminino. Irmã só por parte de pai ou de mãe; irmã unilateral.

Observações: No galego, *media irmá*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 29 - Ficha lexicográfica 16 - lexia composta ‘meio irmão’

Questão 16: Como se denomina um menino que possui somente o mesmo pai ou a mesma mãe que outra pessoa?

Meio irmão

Ocorrências na região oeste da Bahia: **06**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** “medio irmán”, de “irmão” - [irmán] Pessoa que, respecto doutra, é filla dos mesmos pais ou só do mesmo pai ou da mesma nai.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** loc. Persoa con respecto a outra, que ten o pai ou a nai común pero non os dous.
3. **Bluteau:** n/e.
4. **Corominas e Pascual:** n/e.
5. **Cunha:** n/e.
6. **Aurélio:** [De *meio* + *irmão*.] **S. m.** Filho só do mesmo pai, ou só da mesma mãe, em relação a outro(s) filho(s) destes.
7. **Houaiss:** substantivo masculino. Irmão só por parte de pai ou de mãe; irmão unilateral.

Observações: No galego, *medio irmán*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 30 - Ficha lexicográfica 17 - lexia ‘tataravô’

Questão 17: Como você denomina o pai de um bisavô ou de uma bisavó?	
<i>Tataravô</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 23
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): [tataravó, tataravoa] substantivo. Pai ou nai dun bisavó, con respecto a unha persoa. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: n/e. Bluteau: n/e. Corominas e Pascual: n/e. Cunha: Tretavô 1899, tataravô 1844 Aurélio: s.m. Variação de tretavô. Houaiss: s.m. mesmo que tretavô.	
Observações: No galego, <i>tataravó</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 31 - Ficha lexicográfica 18 - lexia ‘avô’

Questão 18: Como você denomina o pai de qualquer um pai ou mãe? (avó) formas familiares.	
<i>Avô</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 23
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): [avó, avoa] substantivo. 1. Pai ou nai dos pais dunha persoa. As historias que contam os avós sempre resultan divertidas. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: Os pais de seus pais. Bluteau: [AVO. avô.] O pay, ou a mãy d’aquelles, que tem filhos. <i>Avus, i. Masc. Cic.</i> Corominas e Pascual: “avô” vem de “<i>abuela</i>” (avó). DERIV <i>abuelo</i> [<i>abolo</i> IC55], el lat. vg. AVIO-LUS se sacaría posteriormente del femenino, pues los diminutivos en -OLUS sólo podían formarse de simples en -IUS, -EUS, y el masculino correspondiente a AVIA era AVUS en latín [...]. Cunha: sm. ‘o pai do pai ou da mãe’. Do lat. vulg. <i>aviölus</i> (do fem. <i>aviöla</i>). Aurélio: [Do lat. <i>aviolu</i>.] S. m. 1. O pai do pai ou da mãe. Houaiss: substantivo masculino 1 o pai do pai (avô paterno) ou da mãe (avô materno) de um indivíduo.	
Observações: No galego, <i>avó</i> (formas familiares).	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 32 - Ficha lexicográfica 19 - lexia composta ‘tio-avô’

Questão 19: Como você denomina qualquer irmão de um avô?	
<i>Tio-avô</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 09
Registros Lexicográficos 1. Dicionário Real da Academia Galega (RAG): o RAG direciona tio-avó para o verbete tio – S. Irmán ou irmá do pai ou da nai dunha persoa. <i>É tía miña por parte de meu pai.</i> 2. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: n/e. 3. Bluteau: n/e. 4. Corominas e Pascual: n/e. 5. Cunha: n/e. 6. Aurélio: S. m. Irmão do avô ou da avó. 7. Houaiss: substantivo masculino. Irmão do avô ou da avó em relação aos netos destes.	
Observações: No galego, <i>tío avó</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 33 - Ficha lexicográfica 20 - lexia ‘neto’

Questão 20: Em relação aos avós, como se denomina o filho do filho ou da filha de alguém?	
<i>Neto</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 39
Registros Lexicográficos 1. Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo. Fillo dun fillo dunha persoa. 2. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: s. m. O fillo do fillo ou da fila dunha persoa. 3. Bluteau: Filho do filho, ou da filha. <i>Nepos, otis. Masc.</i> 4. Corominas e Pascual: l’“neto” vem de “<i>nieta</i>”, del lat. vg. NĚPTA (lat. NĚPTIS) ‘nieta’, ‘sobrina’. <i>1.ª doc.:</i> doc. de 1124 (Oelschl.) [...] La mayor frecuencia del masculino <i>nieto</i> en fuentes medievales [<i>nepto</i>, doc. de 1022; <i>nietu</i>, 1062, etc.; Oelschl.; Berceo, ms. bíblico del S. XIII I-1-8, J. Ruiz, etc.; Cej. VI, § 77] se explica por la mayor importancia del varón en genealogías, herencias y generalmente en la vida oficial de aquel tiempo; pero en realidad <i>nieto</i> se sacó secundariamente de <i>nieta</i>; [...] En latín, el masculino era NEPOS, -ŌTIS, y el femenino NEPTIS; ambos reunían las acs. ‘nieto, -a’ y ‘sobrino, -a’; esta última ac. se conservó en navarro-aragonés hasta el S. XV. 5. Cunha: <i>sm.</i> ‘descendente, filho do filho ou da filha em relação aos pais destes’. Forma masculina de <i>neta</i> neta <i>sf.</i> Do lat. vulg. <i>nĕpta</i>, de <i>neptis</i> (relacionado com <i>nepōs nepōtis</i> ‘neto’). 6. Aurélio: S. m. Filho de filho ou de filha, em relação aos pais destes. 7. Houaiss: substantivo masculino 1 filho de filho ou de filha em relação aos avós; filhos de um descendente de primeira geração.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 34 - Ficha lexicográfica 21 - lexia ‘tio’

Questão 21: Como você denomina o irmão do pai ou da mãe de uma pessoa?	
<i>Tio</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 39
Registros Lexicográficos 1. Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo. Irmán ou irmá do pai ou da nai dunha persoa.É tía miña por parte de meu pai. 2. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: s.m. 1. O irmão do pai ou da mãe. 3. Bluteau: irmão do pay. Irmão da mãy. 4. Corominas e Pascual: TÍO y TÍA, del latín tardío THĪUS, THĪA, y éstos del gr. θεῖος, θεῖα, íd. 1.^a doc.: 2.^a mitad S. X, Glosas Silenses. 5. Cunha: sm. ‘irmão dos pais, em relação aos filhos destes’. Do lat. tard. <i>thūs</i>, deriv. do gr. <i>theíos</i>. 6. Aurélio: [Do gr. <i>theíos</i>, pelo lat. tard. <i>thiu</i>.] S. m. 1. Irmão dos pais, em relação aos filhos destes. 7. Houaiss: substantivo masculino 1 irmão do pai ou da mãe em relação aos filhos destes.	
Observações: No galego, <i>tío</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 35 - Ficha lexicográfica 22 - lexia ‘sobrinho’

Questão 22: Como você denomina o filho de um irmão ou de uma irmã?	
<i>Sobrinho</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 40
Registros Lexicográficos 1. Dicionário Real da Academia Galega (RAG): [sobrinõ] substantivo. Fillo ou filla dun irmán ou irmá. <i>Ten seis sobriñas e dous sobriños.</i> 2. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: s.m. 1. Com respecto a unha persoa, o fillo de seu irmán ou de súa irmá. 3. Bluteau: O filho do irmaõ. <i>Fratris filius, ii. Masc.</i> O filho da irmã. <i>Sororis filius, ii. Masc.</i> 4. Corominas e Pascual: SOBRINO, del lat. SOBRĪNUS, que designó en latín al hijo del primo y a los primos segundos o más alejados; cuando, para precisar el sentido de CONSOBRĪNUS ‘primo’, se dijo en España CONSOBRINUS PRIMUS ‘primo hermano’ (de donde el cast. <i>Primo</i>) [...] Lo propio cabe decir de J. Ruiz, de J. Manuel y de textos de todas las épocas (« s., <i>hijo de hermano</i>: nepos » Nebr.). 5. Cunha: sm. ‘filho de irmão ou irmã, ou de cunhado ou cunhada XIV, <i>sobrynno</i> XIII, <i>sobrão</i> XIII etc. Do lat. <i>sōbrīnus</i>. 6. Aurélio: [Do lat. <i>sobrinu</i>, ‘primo’; ‘filho do primo’.] S. m. Filho de irmão ou irmã, ou de cunhado ou cunhada. 7. Houaiss: substantivo masculino 1 filho de irmão ou irmã, ou de cunhado ou cunhada.	
Observações: No galego, <i>sobriño</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 36 - Ficha lexicográfica 23 - lexia ‘sobrinha’

Questão 23: Como você denomina a filha de seu irmão ou de sua irmã?	
<i>Sobrinha</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 40
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): [sobriña] substantivo. Fillo ou filla dun irmán ou irmá. <i>Ten seis sobriñas e dous sobriños.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: NR Bluteau: A filha do irmão, ou da irmã. Corominas e Pascual: “De hecho el mozárabe, que refleja el uso del romance incipiente del período godo, empleó <i>šubrīna</i> en el sentido de ‘prima’ (no sabemos si prima hermana, segunda o de que grado), según nos lo enseña el Códice Canónico Eucurialense de 1049 (Simonet, p. 601).” Cunha: “sobrinha” vem de “sobrinho” – <i>sm.</i> ‘filho de irmão ou irmã, ou de cunhado ou cunhada sobrinha <i>sobrinna</i> XIII Do lat. <i>sōbrīna</i>. Aurélio: n/e. Houaiss: feminino de sobrinho 1 filha de irmão ou irmã, ou de cunhado ou cunhada.	
Observações: No galego, <i>sobriña</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 37 - Ficha lexicográfica 24 - lexia composta ‘primo segundo’

Questão 24: Como você denomina os filhos dos primos de um pai ou de uma mãe? Também se aplica aos filhos dos tios e tias da mãe ou do pai.	
<i>Primo-segundo</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 10
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): o dicionário RAG direciona para o verbete “primo” – substantivo 2 Fillo ou filla dun tío ou dunha tía. <i>Por parte do pai tem moitos primos.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: 1. Los primos del padre o de la madre son tíos segundos, y los hijos de los tíos segundos son primos segundos. 2. loc. O fillo dun primo. Bluteau: n/e. Corominas e Pascual: n/e. Cunha: n/e. Aurélio: n/e. Houaiss: substantivo masculino 4 indivíduo, em relação aos filhos e filhas de seus tios ou tias 6 filho de primo ou prima da mãe ou do pai de um indivíduo, em relação a este.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 38 - Ficha lexicográfica 25 - lexia ‘nora’

Questão 25: Como você denomina a mulher que se casou com seu filho?	
<i>Nora</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 40
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo feminino. Muller do fillo ou da filla respecto dos pais do cónxuxe. <i>O outro día atopei a túa nora.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: s.f. Muller do fillo dunha persoa com respecto a esta. Bluteau: A mulher do filho. <i>Nurus, us. Fem. Cic.</i> Corominas e Pascual: “nora” vem de “nuera” – del lat. vg. NÖRA, que substituyó el lat. cl. NŪRUS, - ŪS, íd. <i>1.ª doc.</i>: doc. de 979 (Oelschl). [...] Walde-H. y otros prefieren explicar NÖRUS y luego NÖRA por uma contaminación de SÖCRUS (luego SÖCRA) ‘suegra’, quizá ayudada por NÖVIA ‘novia’. Cunha: <i>sf.</i> ‘a mulher do filho em relação aos pais dele’. Do lat. vulg. *<i>nōra</i> (cláss. <i>nŭrus</i>). Aurélio: [Do lat. vulg. <i>nora</i>; fem. de <i>genro</i>] <i>S. f.</i> A mulher do filho em relação aos pais dele. Houaiss: substantivo feminino 1 mulher que se casa com um dos filhos de uma pessoa, em relação a essa pessoa.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 39 - Ficha lexicográfica 26 - lexia ‘genro’

Questão 26: Como você denomina o homem que se casou com sua filha?	
<i>Genro</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 40
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo masculino. Home da filla ou do fillo respecto dos pais do cónxuxe. <i>Aínda non coñezo o teu xenro.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: s.m. O marido dunha muller em relación cos pais dela. Bluteau: Cafado com a filha, de quem ficou seu sogro, ou sogra. <i>Gener, i. Masc. Cic.</i> Corominas e Pascual: NR Cunha: <i>sm.</i> ‘o marido da filha em relação aos pais da mesma’ XIII, <i>genro, jenro</i> XV Do lat. <i>genĕrum</i>. Aurélio: [Do lat. <i>generu.</i>] <i>S. m.</i> O marido da filha em relação aos pais dela. [Fem.: <i>nora.</i>]. Houaiss: substantivo masculino. Homem que se casa com um dos filhos de uma pessoa, em relação a essa pessoa.	
Observações: No galego, <i>xenro</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 40 - Ficha lexicográfica 27 - lexia ‘sogro, sogra’

Questão 27: Como você denomina o pai e a mãe de uma esposa/o?

Sogro, sogra

Ocorrências na região oeste da Bahia: **40**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo. O pai ou a nai do cónxuxe.
Meu sogro tolea polo neto máis pequeno.
Miña sogra sempre quere que os fillos vaian xantar com ela os fins de semana.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** **Sogro:** s.m. Pai do marido com respecto á esposa; ou pai da esposa, com respecto ó marido. **Sogra:** Mai respecto do home ou muller da fila ou do fillo.
3. **Bluteau:** SOGRO. O pay da mulher, ou do marido. *Socer, focer. Masc. Cic.* SOGRA. A mãy da mulher, ou do marido. *Socrus, us. Fem. Cic.*
4. **Corominas e Pascual:** SUEGRA, del lat. vg. SÖCRA id., que substituyó el clásico SÖCRUS, -ŪS; em cuanto a *suegro*, em lugar de proceder directamente del lat. SOCER, -ĒRĪ, se derivó del femenino correspondiente, empleado con mayor frecuencia. *1.ª doc.:* orígenes (doc. de 1156, Oelschl., donde se citan formas semi-latinas *socra* 1030 y *sogra* 1148).
5. **Cunha:** **sogro sm.** ‘pai do marido, em relação à mulher, ou pai da mulher, em relação ao marido’ XIII. Voc. criado a partir de *sogra* || **sogra** XIII. Do lat. vulg. *sōcra* (por *sōcrus* -us).
6. **Aurélio:** **sogro S. m.** Pai do marido, em relação à mulher, ou da mulher, em relação ao marido. **Sogra:** [Do lat. vulg. *socra*, que substitui o lat. cláss. *socrus*, *sogra*.] **S. f.** Mãe do marido, em relação à mulher, ou mãe da mulher, em relação ao marido.
7. **Houaiss:** **Sogro:** substantivo masculino **1** pai do marido em relação à esposa deste, ou pai da mulher em relação ao marido desta. **Sogra:** Substantivo feminino **1** Mãe do marido em relação à mulher deste ou mãe da mulher em relação ao marido.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 41 - Ficha lexicográfica 28 - lexia ‘compadre, comadre’

Questão 28: Como você denomina os pais da pessoa que foi batizada na igreja católica?

Compadre, comadre

Ocorrências na região oeste da Bahia: **36**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** **compadre:** substantivo masculino. **1** Padriño dunha persoa con relación aos seus pais ou á madriña.
Ou, Ramiro!, saúde a teu compadre. **Comadre:** substantivo feminino. **1.** Madriña dunha persoa con relación ao padriño ou aos pais desta.
A madriña do meu fillo é miña comadre.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** **compadre:** s.m. Padriño dunha persoa [com relación ós pais ou á madriña da mesma]. **Comadre:** sf Madriña dunha persoa [com relación ó padrinho ou ós pais desta].
3. **Bluteau:** **compadre.** O companheiro da madrinha de hum menino na pia do baptifmo. **Comadre.** A companheyra do padrinho de hum menino na pia do baptifmo.
4. **Corominas e Pascual:** “compadre” vem de “padre” – *Compadre* [cuémpadre, Berceo, *Mil.*, 575 I, com acentuación latina conservada; *compadre*, ms. A, Nebr., etc.], del lat. CŌMPĀTER, -PĀTRIS, id., conservado en todos los romances de Occidente [...]. Já a lexia “comadre” vem de “madre” – del lat. MATER, MATRIS, id. *1.ª doc.:* orígenes del idioma (doc. de 1074, Oelschl., etc.) *Comadre* [J. Ruiz; Nebr.: «c., madre con otra»] del lat. tardío COMMĀTER id., derivado común a todos los romances de Occidente.
5. **Cunha:** **compadre sm.** ‘padrinho de um neófito em relação aos pais dele. Do lat. *compā- trem.* **Comadre sf.** ‘madrinha, em relação aos pais do neófito’. Do lat. *commāter - ātris.*
6. **Aurélio:** **compadre** [Do lat. *compatre*.] **S. m. 1.** Padrinho de um neófito em relação aos pais dele. **Comadre:** [Do lat. tard. *commatre*.] **S. f. 1.** Madrinha, em relação aos pais do neófito.
7. **Houaiss:** **compadre:** substantivo masculino. **1** padrinho de uma pessoa, em relação aos pais desta. **Comadre:** substantivo feminino **1** madrinha de uma pessoa em relação aos pais desta.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 42 - Ficha lexicográfica 29 - lexia ‘madrinha’

Questão 29: Como você denomina a mulher que, na religião católica, batiza alguém?	
<i>Madrinha</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 39
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): [madríña] substantivo feminino 1 Muller que presenta a quen recibe o sacramento da confirmación, do matrimonio, da orde ou, particularmente, do bautismo, así como a quen fai os votos de relixiosa. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: s.f. 1. Tratamento que se dá à testemunha do baptismo. Bluteau: MADRINHA da pia. <i>Que puerum de sacro fonte fufcipit.</i> Os Authores Ecclesiasticos, lhe chamão <i>Matrina</i>. Corominas e Pascual: “madrinha” vem de “madre”: – del lat. MATER, MATRIS, íd. <i>1.ª doc.:</i> orígenes del idioma (doc. de 1074, Oelschl., etc.) [...] <i>Madrina</i> [Berceo]. Cunha: “madrinha” vem de “mãe” – <i>sf.</i> ‘mulher que deu à luz um ou mais filhos’ [...] <i>mae</i> XII, <i>mãy</i> XIII etc. Do lat. <i>mater -tris</i> madrinha. Do lat. med. <i>*matrīna</i>, dimin. de <i>mater</i>. Ocorre <i>madrina</i> no lat. lusitânico do séc. XII. Aurélio: [Do lat. <i>*matrina</i>, dim. Afetivo de <i>mater</i>, ‘mãe’.] S. f. 1. Mulher que serve de testemunha em batizados, crismas e casamentos, e que assim fica sendo chamada, em relação ao neófito ou à pessoa que se crisma ou casa. Houaiss: substantivo feminino 1 mulher que apresenta alguém (ger. criança) para ser batizado [...]	
Observações: No galego, <i>madríña</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 43 - Ficha lexicográfica 30 - lexia ‘padrinho’

Questão 30: Como você denomina o homem, na religião católica, que batiza alguém?	
<i>Padrinho</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 40
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): [padriño] substantivo masculino. Aquel que presenta a quen recibe o sacramento da confirmación, do matrimonio, da ordenación e, por excelencia, do bautismo. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: s.m. 1. Tratamento que se dá ao testemunha do baptismo. Bluteau: Aquelle que faz o officio de pay, & impoem o nome nos Sacramentos do Bautifmo, & Confirmação. Corominas e Pascual: “padrinho” vem de “padre” – del lat. PATER, -TRIS, íd. <i>1.ª doc.:</i> Orígenes 1100, <i>BHisp.</i> LVIII 362; 1132 [Oelschl.]; <i>Cid</i>, etc.) [...] <i>Padrino</i> [<i>Cid.</i>], del lat. vg. PATRĪNUS. Cunha: “padrinho” vem de pai – <i>sm.</i> ‘genitor, progenitor’ padrINHO XIV, <i>padrão</i> XIII Do lat. <i>*patrīnus</i>. Aurélio: [Do lat. vulg. <i>*patrinu</i>, dim. de <i>pater</i>, ‘pai’.] S. m. 1. Testemunha de batismo, casamento, duelo etc. Houaiss: substantivo masculino 1 homem que apresenta alguém para o batismo ou crisma, com o compromisso implícito de provê-lo do necessário na falta dos pais.	
Observações: No galego, <i>padriño</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 44 - Ficha lexicográfica 31 - lexia ‘afilhado’

Questão 31: Como uma madrinha e um padrinho denominam a pessoa que foi batizada por eles?
Afilhado Ocorrências na região oeste da Bahia: **40**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo. Pessoa que recebeu o batismo, en relación cos seus padriños.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. Como lle cham’ o padriñ’ ó pequeno que bautiza.
3. **Bluteau:** AFILHADA, & afilhado no sacramento do Bautifmo [...] apadrinhado por alguém.
4. **Corominas e Pascual:** NR
5. **Cunha:** “afilhado” vem de “filho -a” – *sm. f.* ‘indivíduo em relação aos pais, descendente’ XIII. Do lat. *filius filia* || **Afilhado** 1813.
6. **Aurélio:** [De *a*² + *filho* + *-ado*¹.] **S. m. 1.** O homem em relação a seu padrinho e/ou a sua madrinha. **Afilhada** [Fem. de *afilhado*.] **S. f.** A mulher em relação a seu padrinho e/ou a sua madrinha.
7. **Houaiss:** substantivo masculino **1** aquele que recebe o batismo ou confirmação em relação a seu padrinho e/ou madrinha.

Observações: No galego, *afillado*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 45 - Ficha lexicográfica 32 - lexia ‘noivo, noiva’

Questão 32: Como você denomina o homem e a mulher que namoram, usam aliança na mão direita e têm a intenção de se casar?

Noivo, noiva

Ocorrências na região oeste da Bahia: **36**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** noivo, noiva: substantivo. Pessoa que acaba de casar ou que vai casar proximamente.
Os noivos están de lúa de mel em Italia.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** **novio, -a:** s.m./f. 1. Novio, persona recién casada o próxima a casarse.
3. **Bluteau:** NOIVA. A que de prefente fe cafa, ou que está caçada de pouco. *Nova nupta, & Fem. Terent.* NOIVO. Cafado de pouco [...] O esposo da noiva. Os Castelhanos lhe chamão *Novio*, & segundo Cobarruvias aos noivos este nome lhes dura até que acaba o pão da voda. *Novus maritus. Terent. Maritus recens. Plin.*
4. **Corominas e Pascual:** “noivo/noiva” vem de “nuevo”: del lat. NŎVUS, -A, UM, íd. *1.ª doc.:* Orígenes del idioma (doc. de 1044 [Oelschl.], *Cid*, etc.). *Novio -a* [‘recién casado’, Berceo; ‘prometido’, J. Ruiz; Cej. VI [...], de NŎVIUS derivado de NOVUS, em latín [...] indoeuropeo NEU-I-OS ‘nuevo’ [...] el port. *noivo*.
5. **Cunha:** **noiva:** *sf.* ‘prometida, aquela que vai casar’ | *novia* XIII, *novya* XVI | Do lat. *nupta* ‘esposa’, com provável influência do adjetivo *nova*, de que resultaria um lat. **novia*. Para Cunha, a lexia “noivo” vem de “noiva” – **noivo** | *novio* XIII.
6. **Aurélio:** **noivo:** [Do lat. **novius* (< lat. *novus*, ‘novo’), atestado como antr. no S. da Itália.] **S. m. 1.** Aquele que vai casar, que fez promessa solene de casamento. [Sin., p.us.: *prometido*.] **2.** Indivíduo recém-casado. **Noiva** [De noivo (q.v.).] **S. f.** Fem. de *noivo*. [Sin.: *prometida*.]
7. **Houaiss:** **noivo:** substantivo masculino. **1** indivíduo que está para se casar, que se comprometeu matrimonialmente com (alguém); futuro esposo. **2** indivíduo que se casou há pouco tempo, recém-casado. **Noiva:** substantivo feminino. **1** mulher recém-casada **2** mulher, ger. jovem, que mantém compromisso de casamento com um homem; prometida.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 46 - Ficha lexicográfica 33 - lexia 'enxoval'

Questão 33: Como você denomina o conjunto de roupas e complementos necessários que os noivos organizam quando se casam?

Enxoval

Ocorrências na região oeste da Bahia: **12**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo masculino. **1** Conxunto de roupas, mobles etc., que hai nunha casa, en particular o que os noivos levan ao matrimonio.
Está a facer sabas e manteis para o enxoval.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. Conjunto de peças de roupa, louças e mobiliário que as raparigas e os rapazes levam quando casam.
3. **Bluteau:** Toda a roupa branca em folha, para o uso de qualquer mulher, que toma estado. *Nova supellex lintea, ou lintearia. Supellex, Etilis. Fem.* Não se diz fô dos moveis. Cicero diz *Verborum supellex*, o mesmo diz, *Vit & supellex*, As coufas necessárias para a vida.
4. **Corominas e Pascual:** *AJUAR*, del ár. *suwâr* íd. *1.ª doc.: Cid (axuar)*. Também arag. ant. *axovar* 'heredad que la esposa recibe de sus ascendientes'; port. *enxoval*, cat. *eixovar* [1139, M. P., *Oríg.*, 61].
5. **Cunha:** *sm.* 'conjunto de roupas e de certos complementos, em geral úteis, de quem se casa [...] | *axuar* XV, *enxoual* XVI | Do ár. *aš-šuuār*.
6. **Aurélio:** [Do ár. *aš-šiwār*, 'utensílios'; 'mobiliário'.] **S. m.** Conjunto de roupas e de certos complementos, em geral úteis, de quem se casa [...]
7. **Houaiss:** substantivo masculino **1** conjunto de roupas e acessórios de quem se casa, seja do vestuário, seja para o serviço de casa.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 47 - Ficha lexicográfica 34 - lexia 'dote'

Questão 34: Como você denomina o conjunto de bens ou dinheiro que ao casar-se, a família da mulher oferece para o casal?

Dote

Ocorrências na região oeste da Bahia: **15**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo masculino. **1** Diñeiro ou bens que levaba unha muller cando casaba [...]
O mellor dote foi para a fila máis vella.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. **1.** Dinheiro ou bens que os pais dão aos noivos.
3. **Bluteau:** Segundo Acron interprete de Horacio, deriva-se do verbo Latino *Do*, & *Dote he Dom*, que se faz à mulher que casa. Ou segundo Molina, Tom. 2. Just. he o q̄ se dá, ou promete ao marido, para sustentar a mulher, os filhos, a família & mais encargos do matrimonio.
4. **Corominas e Pascual:** DOTE, tomado del lat. *dōs, dōtis*, 'dote que aporta la desposada', [...] derivado de *dare* 'dar'. *1.ª doc.: docte*, princ. S. XV, *Canc.* de Baena, W. Schmid; *dote*, APal., 120d, 122b; Nebr. (Sobre a lexia ser feminino ou masculino – "Como femenino se halla en textos más latinizantes (APal., ley de 1534 en la N. Recopil. V, ii, 1) [...] El masc. se debe a influjo de *don*. En la ac. traslaticia 'prendas, cualidades', *dotes* es hoy femenino.")
5. **Cunha:** *sm.* 'bens que leva a pessoa que se casa'. Do lat. *dōs -tis*, de *dāre*.
6. **Aurélio:** [Do lat. *dote*.] **S. m. 1.** Conjunto de bens que leva a pessoa que se casa. **2.** Bens que a mulher recebe de ascendentes ou de terceiros ao casar-se.
7. **Houaiss:** substantivo masculino **4** conjunto de bens que a mulher, ou alguém por ela, transfere ao marido para que o ajudem no prover aos encargos do matrimônio [...].

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 48 - Ficha lexicográfica 35 - lexia ‘casar’

Questão 35: Como se denomina a ação contrair contrair o matrimônio?	
<i>Casar</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 23
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): verbo transitivo. 1 Unir en matrimonio [dúas persoas]. <i>Casáraos o xuíz de paz. Casounos o tío, que é cura.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: v. 1. Acto polo que um home e unha muller contraem matrimonio. Bluteau: Unir pelo vinculo conjugal. <i>Aliquem matrimonio com aliquâ cõjungere. (go, xi, Et um.)</i> Corominas e Pascual: int. o refl. ‘contraer matrimonio’, tr. ‘unir en matrimonio’, derivado antigo <i>CASA</i> con el sentido primitivo de ‘poner casa aparte’ <i>1.ª doc.</i>: 1058, Oelschl. Cunha: “casar” vem de “casa” – <i>sf.</i> ‘morada, vivenda, residência, habitação’ XIII casAR vb ‘unir por casamento’ XIII. Aurélio: [De <i>casa</i> + <i>-ar²</i>.] <i>V. t. d.</i> 1. Unir por casamento; matrimoniar: <i>O padre casou-os numa cerimônia simples.</i> Houaiss: verbo 2 t.d.bit.int. e pron. (<i>prep.: com</i>) unir(-se) por matrimônio; formar uma família, com ou sem cerimônia religiosa ou civil.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 49 - Ficha lexicográfica 36 - lexia ‘amigados’

Questão 36: Como se diz, quando duas pessoas moram e convivem como marido e esposa, mas/não oficializaram a união?	
<i>Amigados</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 18
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): Amigar: [Dúas persoas] facer vida de matrimonio sen estaren legalmente casadas. <i>Abandonou o seu marido e amigouse cun antigo noivo.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: [estar amigados]. Estar amancebados, vivir maritalmente fuera del matrimonio. Bluteau: [AMIGARSE]. Tomar amifade illicita. <i>Vid.</i> Amancebarfe. Se <i>Amigou</i> com este Pero Lobo em muito segredo. Miscellan. de Leitão, pag. 576. Corominas e Pascual: “amigados” vem de AMAR, del lat. AMARE <i>íd. 1.ª doc.</i>: Cid. [deriva] <i>Amigo</i> [Cid], de AMĪCUS <i>íd</i>; [...] <i>amigar</i> [S. XVI]. Cunha: Em Cunha, não consta a lexia “amigados”, mas “amigar”, que vem de “amigo” – <i>adj. sm.</i> ‘companheiro’ XIII. Do lat. <i>amīcus</i>. Posteriormente, aparece a lexia “amiga” – <i>sf.</i> ‘[...] concubina’ XIII. Do lat. <i>amīca</i>. Em seguida, aparece a lexia “amigAR” XVII. Aurélio: [Part. De <i>amigar</i>.] <i>Adj.</i> Amasiado, amancebado. Houaiss: adjetivo. Que se amigou; amasiado, amancebado.	
Observações: No galego, <i>vivir amigados</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 50 - Ficha lexicográfica 37 - lexia ‘pessoas’

Questão 37: Como se denominam os indivíduos da espécie humana?	
<i>Pessoas</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 14
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo feminino. 1 Indivíduo da espécie humana. <i>Todos os homes e mulleres somos persoas. Persoas, animais e cousas. Xoán é boa persoa.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: [persona] sf Indivíduo da espécie humana. Bluteau: NR Corominas e Pascual: NR Cunha: [pessoa] sf. ‘homem ou mulher’ XIV, <i>persoa</i> XIII, <i>pessoa</i> XIII, <i>persôa</i> XIV Do lat. <i>pērsōna</i> -ae. Aurélio: [Do lat. <i>persona</i>.] S. f. 1. Homem ou mulher. Houaiss: substantivo feminino 1 Indivíduo considerado por si mesmo; ser humano, homem ou mulher.	
Observações: No galego, <i>persoa</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 51 - Ficha lexicográfica 38 - lexia ‘vizinho’

Questão 38: Como se denomina a pessoa que mora próxima à sua casa?	
<i>Vizinho</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 40
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): adxectivo 1 Que está ao lado ou a pouca distancia. <i>Os países veciños.</i> SINÓNIMO próximo. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: adx. Dise do que está a pouca distancia de alguén. Bluteau: VISINHO, ou Vizinho. Meu viñinho. Aquelle que vive perto de minha cafa. Aquelle que mora na mesma rua, ou no mesmo bairro, que eu. Corominas e Pascual: de <i>vecino</i>, del lat. VĪCĪNUS íd., derivado de VĪCUS ‘bairro’, ‘pueblo, villorio’. <i>1.ª doc.: bicino</i>, <i>2.ª</i> mitad S. X, Glosas de Silos; <i>becino</i>, 1090 (Oelschl), etc. <i>Vezino</i> se encuentra desde Berceo (<i>Mil. 320d</i>, etc.) y es la grafía corriente em la Edad Media (APal. 10b, 87b, 208b, 393b; v. <i>de barrio</i>: vicinus Nebr.). Desde el principio aparece con las dos acs. principales ‘cada uno de los que tienen casa y lugar en un pueblo’ [...] y ‘el que vive en la proximidad de outro’. Cej. IV. Cunha: <i>adj. sm.</i> ‘que está ou mora perto’ <i>uezño</i> XIII, <i>vezño</i> XIII etc. Do lat. <i>vīcīnus</i>. Aurélio: [Do lat. <i>vicinu</i>, ‘da aldeia’.] Adj. 1. Que está próximo; vicinal. 2. Que mora perto. Houaiss: adjetivo 1 que está a uma pequena distância; próximo. 2 que mora ou se localiza perto.	
Observações: No galego, <i>veciño</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 52 - Ficha lexicográfica 39 - lexia ‘pobre’

Questão 39: Qual é o nome que é dado a alguém que não tem muita comida e nem muitas posses?
Pobre Ocorrências na região oeste da Bahia: **21**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** adxectivo **1** Que carece do necesario para vivir ou que non ten máis ca o estritamente necesario.
É unha asociación dedicada á axuda da xente pobre. unha casa pobre.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** a. Que carece do necesario para vivir ou que non ten máis có estritamente necessário.
3. **Bluteau:** O que não he rico. O que não tem o necessário [...] *Vid.* Pobreza. *Inops, opis, omn. gen. Pauper, eris, omn. gen. Cic. Pauperior, & pauperrimus* se achão em Plauto.
4. **Corominas e Pascual:** del lat. PAUPER, -ĒRIS, íd. *1.ª doc.:* orígenes del idioma (doc. de 1200, Oelschl.; Berceo, etc.) [...] el cast. y el port. *pobre*.
5. **Cunha:** *adj.* 2 g. ‘que não tem o necessário à vida’ | XIII, *probe* XIII etc. | Do lat. *pauper - ěris*.
6. **Aurélio:** [Do lat. *paupere*.] *Adj.* 2 g. **1** Que não tem o necessário à vida. **2.** Cujas posses são inferiores à sua posição ou condição social.
7. **Houaiss:** adjetivo de dois gêneros **1** desprovido ou mal provido do necessário; de poucas posses; que não tem recursos próprios.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 53 - Ficha lexicográfica 40 - lexia ‘mendigo’

Questão 40: Como é denominada a pessoa que pede comida para viver?

Mendigo

Ocorrências na região oeste da Bahia: **19**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** Persoa que pide esmola para poder vivir.
Os mendigos van durmir baixo da ponte.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** [vendigo] s.m. Mendigo; pessoa que anda a pedir esmola.
3. **Bluteau:** Pedinte. *Mendicabulum, i. Neut. Plaut. Mendicus, i. Masc. Cic.* Segundo S. Ifídoro, *Mendicus* vem de *Manu dicus*, porque antigamente os que mendigavam, não pediam falando, mas sem abrir a boca, abrião a mão; & com acção manifestavão a sua necessidade.
4. **Corominas e Pascual:** del lat. MENDĪCUS íd. *1.ª doc.:* Berceo [...] pudo contribuir a ella la relación con *mendigar* [...] DERIV. *Mendiguez* [Nebr.]. *Mendigar* [Berceo], de MENDICARE íd.; *mendigante* o *mendicante*; cat. *mendicant* sust. m. ‘mendigo’ port. y gall. *mendicante* íd. (Castelao 213.3).
5. **Cunha:** “mendigo” vem de “mendigar” – vb. ‘pedir esmola’ XIII. Do lat. *mendīcāre* || [...] **mendigo** XIII. Do lat. *mendīcus*.
6. **Aurélio:** [Do lat. *mendicu*.] *S. m.* Aquele que pede esmola para viver; mendicante, pedinte, esmoleiro: “E o mendigo da aldeia, o velho cego, / Sobre o duro grabato, em choça humilde, / Achou a paz.” (Alexandre Herculano, *Poesias*, p. 116.)
7. **Houaiss:** substantivo masculino. Indivíduo que pede escolas, que vive da caridade alheia.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 54 - Ficha lexicográfica 41 - lexia 'esmola'

Questão 41: Como se denomina o que é dado a alguém que não tem meios próprios para viver? <i>Esmola</i>	
Ocorrências na região oeste da Bahia: 14	
Registros Lexicográficos	
Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo feminino. Aquilo que se lles dá aos que non teñen medios propios para vivir. <i>Hai ordes relixiosas que só viven da esmola.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: [limorna] s.f. O que se da ós pobres que veñen pedir. Bluteau: Efmola. (Geralmente fallando) O que fe dá a hum pobre para remediar a sua pobreza. Corominas e Pascual: de <i>Limosna</i>, del antiguo <i>alimosna</i>, descendiente semiculto de <i>elimosýna</i> pronunciación usual del lat. <i>eleemosýna</i> íd., tomado del gr. ἐλεημοσύνη 'piedad, compasión', 'limosna' (derivado de ἐλεεῖν 'compadecerse'). 1ª doc.: <i>almosna</i>, doc. de Tórtoles, a. 1200 (Oelschl.). [...] De la forma antigua <i>esmolna</i> salen el verbo <i>esmolnar</i> en una CEsc. (R. Lapa, 145.1) y <i>esmolnador</i> 'que da muchas limosnas' (Ctgs. 254.18), pero ya <i>esmolar</i>, 'pedir limosna' en otra (78.18); cf. gasc. <i>amouinà</i> 'pedir limosna'.— En la ed. Cunha: sf. 'óbolo, auxílio, amparo' -lla XIII, <i>esmolna</i> XIII etc. Do lat. <i>eleēmosýna</i> (> <i>elmosna</i> > <i>esmolna</i> > <i>esmonla</i> > <i>esmolla</i> > <i>esmola</i>). Aurélio: [Do lat. <i>eleemosyna</i> < gr. <i>eleemosýne</i>, 'compaixão', 'piedade'.] S. f. 1. O que se dá aos necessitados, por caridade ou filantropia; óbolo, espórtula. 2. Auxílio, amparo, socorro; benefício. Houaiss: substantivo feminino 1 dádiva caridosa feita aos pobres; óbolo 2 ato de auxiliar, de prestar ajuda; socorro.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 55 - Ficha lexicográfica 42 - lexia 'rico'

Questão 42: Como se denomina a pessoa que possui muito dinheiro e muitos bens? <i>Rico</i>	
Ocorrências na região oeste da Bahia: 35	
Registros Lexicográficos	
Dicionário Real da Academia Galega (RAG): 1 Que posúe moito diñeiro ou moitas propiedades. <i>É de familia rica.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: adx. e s. 2. Rico, que ten moitos cartos [dinheiro] ou moito capital. Bluteau: Derivão alguns este nome do Hebraico, Rich, que val o mesmo que vaidade; porque de ordinario os Ricos tem muyta. Outros derivão <i>Rico</i> do Alemão Reich, que val o mesmo q̃ Forte, poderoso, & segundo Gigeio, o Alemão <i>Reieti</i> se deriva do Arabico <i>Rik</i>, que quer dizer <i>Força, Poder</i>. Corominas e Pascual: del gót. REIKS 'poderoso' (pron. <i>rīks</i>). 1ª doc.: <i>Cid</i>. Desde el principio aparece con el sentido de 'acaudalado' [que possui muitos bens ou riquezas; rico, endinheirado]. [...] Pero además tiene otros, desde los orígenes, que pueden ser por lo menos tan primitivos y que pueden ejemplificarse en la noción del <i>rico omne</i> 'individuo correspondiente a la primera clase de la nobleza' (ya <i>Cid</i>, etc.). Luego el sentido podía ser también 'poderoso' y 'noble' [...]. Cunha: adj. 'que possui muitos bens ou coisas de valor' 'que tem riquezas' XIII. Do gótico <i>reiks</i> 'poderoso'. Aurélio: [Do gót. <i>reiks</i>, 'poderoso'.] Adj. 1. Que possui muitos bens; que tem riquezas. Houaiss: adjetivo e substantivo 1 que ou aquele que possui muitos bens, muito dinheiro e/ou muitas coisas de valor.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 56 - Ficha lexicográfica 43 - lexia ‘roubo’

Questão 43: Como se denomina o ato de alguém pegar algo de outra pessoa e que não é lhe pertence?

Roubo

Ocorrências na região oeste da Bahia: **33**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo masculino. Acción e efecto de roubar, de apropiarse de algo que lle pertence a outro.
O que me queres cobrar e um roubo.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** [Robo] s.m. Acción y efecto de roubar. “Roubar” significa – v. Apropriarse do que non é dun.
3. **Bluteau:** A coufa roubada. *Furtum, i. Neut. Res furto fubduEta. Vid. Furto. O roubar. Latrocinium, i. Neut. Cic. Latrocinatio, onis. Fem. Plin. Alieni detraEtio. Cic. 3. Offic. Alieni ademptio. Ex Cic. pro Dom.* (A’ obra do ladrão publico chamamos *Roubo*.
4. **Corominas e Pascual:** “roubo” vem de ROBAR, del lat. vg. RAUBARE, común a los principales romances de Occidente, tomado del germ. RAUBÔN ‘saquear’, ‘arrebatar’, ‘robar con violencia’. *1.ª doc.: Cid. [...]* < cat. *robatori* ‘robo’. *Robo* [Berceo; J. Ruiz, etc.].
5. **Cunha:** “roubo” vem de “roubar” – *vb.* (Jur.) subtrair (coisa alheia móvel) para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resitir’ XIII. Do germ. *raubōn* || **roubo** XIII. Deverbal de *roubar*.
6. **Aurélio:** [Dev. de *roubar*.] **S. m. 1.** Ato ou efeito de roubar. **2** Aquilo que se rouba. “Roubar” significa [Do germ. *rauben*, ‘arrebatar’, ‘roubar’, pelo lat. vulg. *roubare*.] **V. t. d. 2.** Furtar, subtrair (coisa alheia): *O gatuno roubou as joias.*
7. **Houaiss:** substantivo masculino **1** ação ou efeito de roubar. **2** apropriação indébita de bem alheio.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 57 - Ficha lexicográfica 44 - lexia ‘ladroa’

Questão 44: Como se denomina a mulher que retira algo de outra pessoa sem a devida permissão?

Ladroa

Ocorrências na região oeste da Bahia: **01**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** adxectivo e substantivo feminino. Persoa que se apodera do que non é seu.
Entráronlles os ladróns na casa e roubáronlles todo.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** Vem de “ladrón” [ladrão] – s. e adx. Persona que còlle o que non è dela. O feminino è ladroa.
3. **Bluteau:** não apresenta a lexia “ladroa”, mas “ladra” – Mulher que rouba.
4. **Corominas e Pascual:** Não apresentam a lexia “ladroa”, mas *ladra* ‘ladrona’, que vem de *ládrōn* [ladrão] – ‘guardia de corps, mercenario’, ‘bandido, forajido, ladrón en cuadrilla’.
5. **Cunha:** “ladroa” vem de “ladrão” – *sm.* ‘aquele que furta ou rouba’ || **ladroA** XIII.
6. **Aurélio:** ladroa (ô) **Adj. (f.) S. f.** V. *ladra* (1 e 2): Ladra: [Fem. de *ladro*³] **Adj. (f.) 1.** Diz-se de mulher que furta ou rouba. **S. f. 2.** Mulher ladra. [Sin., nessas acepções: *ladrona, ladroa*.]
7. **Houaiss:** (*sXIII cf. RLor*) *ortoépia:* ô. Substantivo feminino. Mulher que furta ou rouba, que se apodera de bem alheio; ladra, ladrona.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 58 - Ficha lexicográfica 45 - lexia 'ladrão'

Questão 45: Como se denomina a pessoa do sexo masculino que retira algo de outra pessoa sem a devida permissão?

Ladrão

Ocorrências na região oeste da Bahia: **38**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo. Pessoa que se apodera do que non é seu. Entráronlles os ladróns na casa e roubáronlles todo.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s. e adx. Persona que còlle o que non é dela.
3. **Bluteau:** [LADRAÕ] Deriva-fe do Latim *Latro*, & antigamente *Latrocinari* era o mefmo que *Militar*, ou *guerrear*, [...] & assim supponho, que os soldados antigos eram grandes ladrões; [...] Ladrão de thefouro, ou dinheiro publico. *Peculator*, is. *Masc. Cic.* Ladrão, apanhado com o furto na mão. *Manifestarius fur. Plaut.*
4. **Corominas e Pascual:** [LADRÓN] del lat. LATRO, -ŌNIS, 'guardia de corps, mercenario', 'bandido, forajido, ladrón en cuadrilla'. *1.ª doc.*: origenes del idioma (*Cid*, etc.); General en todas las épocas; *Cej.* VII, § 13; ast. *lladrón* (V), gall. *ladrón* (Castelao 224.18).
5. **Cunha:** *sm.* 'aquele que furta ou rouba' | XVI, *ladron* XIII, *ladrom* XIII etc. | Do lat. *latro -ōnis*.
6. **Aurélio:** [Do lat. *latrone*.] *Adj.* 1. Que furta; ladro. 2. *P.ext.* Que resulta de roubo, de furto.
7. **Houaiss:** adjetivo e substantivo masculino 1 que ou aquele que furta, rouba, se apodera do alheio; furtador.

Observações: No galego, *ladrón*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 59 - Ficha lexicográfica 46 - lexia 'trabalhar'

Questão 46: Como se denomina a ação de você desenvolver uma atividade que requer esforço com o objetivo de produzir algo ou de conseguir um resultado determinado?

Trabalhar

Ocorrências na região oeste da Bahia: **21**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** [traballar] Verbo intransitivo. 1 [Alguén, algo] realizar unha actividade que require máis ou menos esforzo co fin de producir algo ou de conseguir un resultado determinado.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** v.2. Exercer uma actividade, um ofício.
3. **Bluteau:** querem alguns, que feja corrupto do verbo antiquado *Trebelhar*, ou do Castelhana também antigo, *Trebejar*, que (segundo, Cobarruvias) *es bolver las cofas de una parte para otra, y occuparse en concertarlas; todos los que no estan ociosos, dezimos, que travajan* [...].
4. **Corominas e Pascual:** [trabajar] del lat. vg. TRĪPALIARE 'torturar', derivado de TRĪPALĪUM 'especie de cepo o instrumento de tortura', compuesto de TRES y PALUS por los tres maderos que formaban dicho instrumento [...] de la idea de 'sufrir' se pasó a 'esforzarse' y 'laborar' *1.ª doc.*: Berceo. Muy común ya en este autor, especialmente como verbo reflexivo y con el sentido de 'esforzarse', 'procurar (algo)' (*Mil.*, 797b, 829b; *Duelo*, 199, 201; etc.); *trabajar en esto* 'esforzarse por ello' en *Fn. Gonz.*, 70c.
5. **Cunha:** *vb.* 'ocupar-se em algum mister' 'exercer seu ofício' XIII. Do lat. vulg. *trīpālīāre* 'torturar', derivado de *trīpālīum* 'instrumento de tortura composto de três paus'; da idéia inicial de 'sofrer', passou à de 'esforçar(-se), lutar, pugnar' e, por fim, 'trabalhar'.
6. **Aurélio:** [Do lat. vulg. *tripaliare*, 'martirizar com o *tripalium*' (instrumento de tortura), pela f. *trebalhar*.] *V. int.* 1. Ocupar-se em algum mister; exercer o seu ofício; aplicar a sua atividade. [Sin. (gir.): *batalhar*.] 2. Esforçar-se para fazer ou alcançar alguma coisa; empregar diligência, trabalho; lidar, empenhar-se.
7. **Houaiss:** verbo 1 *t.i. (prep.: em)* ocupar-se em algum ofício, profissão ou atividade 2 (*sXIII*) *t.i.int. prep.: em*) empenhar-se, esforçar-se para executar ou alcançar alguma coisa; empregar diligência e trabalho.

Observações: No galego, *traballar*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 60 - Ficha lexicográfica 47 - lexias ‘ajudar, acudir, socorrer’

Questão 47: Quando o/a vizinho/a pede socorro, o que você faz?

Ajudar, acudir, socorrer

Ocorrências na região oeste da Bahia: **23, 04, 07**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** [axudar] verbo transitivo. 1 Dar a [unha persoa] aquilo que necessita. **Acudir:** verbo intransitivo 1 [persoa] ir ou chegar em auxilio de alguén. **Socorrer:** verbo transitivo. Prestar socorro a [alguén].
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** [axudar] v.i. [Algo, alguén] prestar apoio para lograr um obxectivo. **Acudir:** v. Ir ou chegar en auxilio [de alguén]. **Socorrer:** v.t. Socorrer, acudir em axuda; prestar ajuda; auxiliar.
3. **Bluteau:** **ajudar:** auxilio. Socorro. *Auxilium, ij. Neut. Adjumentum, i. Neut. Adjutorium, ij. Neut.* **Acudir:** ajudar a alguém. *Alicui adjuEtozem Venire. Cic. Prebere se adjuEtozem. Alicujus. Cic.* **Socorrer:** ajudar, acudir, dar socorro, particularmente quando se acode com toda a presteza.
4. **Corominas e Pascual:** **ajudar:** NR; **acudir:** sacado, com cambio de prefijo, del antiguo *recudir* ‘resurtir al paraje de donde se salió’, ‘responder’, ‘recurrir (a alguien)’, ‘concurrir (a um lugar)’ y éste del lat. RECŪTĒRE, ‘rechazar’, ‘hacer resurtir’, derivado de QUATĒRE ‘sacudir’. **Socorrer:** vem de VALER, del lat. VALĒRE ‘ser fuerte, vigoroso, potente’. *1.ª doc.: 1097 (Oelschl.), Cid, etc. [...]* Muchas de las acs. secundarias aparecen desde la época arcaica, p. ej. ‘socorrer’ en Berceo, *Mil.*, 845d, 862a; etc. Comp. Cej. VII. [...] DERIV. *Valía* [...] ‘socorro, favor, ayuda’.
5. **Cunha:** **ajudar:** vb. ‘auxiliar, colaborar’ XIII. Do lat. *adjūtāre*. **Acudir:** vb. ‘vir em socorro de, acorrer XIII. Da antiga forma *recudir* (do lat. *recūtēre*), freqüente no port. med., com troca de prefixo. **Socorrer:** vb ‘defender, proteger, auxiliar’ | XIII, *subcorrer* XV. Do lat. *succurrēre*.
6. **Aurélio:** **ajudar:** [Do lat. *adjutare*.] *V. t. d. 1.* Dar ajuda a; auxiliar. **2.** Socorrer; favorecer. **Acudir:** [Do ant. *recudir*, do lat. *recutere*, ‘rechaçar’.] *V. t. d. 1.* Acorrer, ir em socorro, defesa ou proteção de; socorrer; auxiliar. **Socorrer:** [Do lat. *succurrere*.] *V. t. d. 1.* Defender, proteger, auxiliar, ajudar.
7. **Houaiss:** **ajudar:** 1 *rg.mt. (prep.: a, em)* prestar socorro, assistência a (alguém ou a si mesmo); dar ajuda; auxiliar. **Acudir:** 1 verbo *t.d.int.* Pôr-se à disposição de ou estar disposto a auxiliar; atender. 2 verbo *t.d.,t.i.int. (prep.: a); p. ext.* Servir a ou ter utilidade para; favorecer (alguém em dificuldade); auxiliar, ajudar, socorrer. **Socorrer:** v.t.d. Prestar ajuda a (alguém) que está em perigo; acudir, salvar.

Observações: No galego, *axudar*, acudir, socorrer.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 61 - Ficha lexicográfica 48 - lexia ‘acólito’

Questão 48: Como se denomina a pessoa que não é padre, habitualmente um rapaz, que ajuda o sacerdote nos ofícios religiosos?

Acólito

Ocorrências na região oeste da Bahia: **01**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** Pessoa laica ou que recebeu as quatro ordens menores e que ajuda no altar ao sacerdote.
O acólito tocou a campainha cando o sacerdote alzou o cáliz.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** NR
3. **Bluteau:** NR
4. **Corominas e Pascual:** tomado del lat. tardío *acolythus*, también *acólūthus*, íd., y éste del gr. ἀκόλουθος ‘compañero’. 1.^a doc.: 1192 (doc. mozárabe).
5. **Cunha:** *sm.* ‘aquele que acompanha e serve aos superiores, auxiliar, ajudante’ XVI. Do lat. ecles. *acolyt(h)us*, deriv. do gr. *akólouthos*.
6. **Aurélio:** [Do gr. *akólouthos*, pelo lat. ecles. *acolythu*.] **S. m. 1.** *Ecles.* Aquele que recebeu a ordem do acolitatto. **2. Rel.** Aquele que acompanha e serve, na Igreja Católica, aos ministros superiores. **3.** Aquele que acompanha, que ajuda; ajudante, assistente. [Cf. *acolito*, do v. *acolar*.]
7. **Houaiss:** substantivo masculino. 1 ECLES. Sacerdote da Igreja católica que recebeu o grau mais elevado das ordens menores. 2 *p.ext.*; ECLES. Na Igreja católica, ministro que acompanha e auxilia o celebrante e conduz os atos litúrgicos.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 62 - Ficha lexicográfica 49 - lexia ‘sacristão’

Questão 49: Como se denomina a pessoa adulta que limpa, abre e fecha a igreja e ajuda o sacerdote em suas tarefas?

Sacristão

Ocorrências na região oeste da Bahia: **05**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** [sancristán] substantivo. Pessoa que ajuda ao cura nas suas tarefas e se encarga do mantimento da igreja.
Aquel día, o sancristán esquecérase de apagar as candeas.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** Pessoa que ajuda o padre ou toma conta da igreja.
3. **Bluteau:** [SANCRISTAÕ] O que tem à sua conta os paramentos de hũa Igreja, & tudo o que se guarda numa Sancristia. *Sacrarii cuftos, odis. Maçc.* Chamavão os antigos Romanos ao guarda, ou Thefourero de qualquer dos seus Templos, que responde ao que chamamos Sancristão, *AEditimus*, ou *Aedituus*, *genit. AEditimi*, & *AEditui*. *Cic. Plaut. Sacrarii tutor*, ou Curator. Ex Livio, & Cicero. *Vid. Sacristão.*
4. **Corominas e Pascual:** *sacristán* [sacristão] vem de “sacre” – del lat. SACER ‘sagrado’.
5. **Cunha:** “sacristão” vem de *sacra sf.* (Rel.) cada um dos três quadros que contém o texto da parte fixa da missa, e que eram colocados sobre o altar, para ajudar à memória do celebrante XVI. Do lat. *sacer -cra -crum* || [...] **sacristão** | *sancristan* XIII, *sacristan* XV | Do lat. med. *sacristanus*.
6. **Aurélio:** [Do lat. *sacristanu*.] **S. m. 1.** Homem encarregado da arrumação e guarda da sacristia. **2.** Aquele que se emprega habitualmente nos arranjos duma igreja, em ajudar à missa, etc. [Var., ant. e pop.: *sancristão*. Sin., deprec.: *escorropicha-galhetas* e *sacrista*. Fem. *sacristã*; pl.: *sacristãos* e *sacristães*.]
7. **Houaiss:** substantivo masculino. 1 empregado que tem a seu cargo a limpeza, a ordem e a guarda de uma igreja, esp. da sacristia. 2 o que ajuda à missa e auxilia o sacerdote nos ofícios divinos.

Observações: No Galego, *sancristan*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 63 - Ficha lexicográfica 50 - lexia ‘tenente’

Questão 50: Como se denomina o oficial abaixo do capitão?	
<i>Tenente</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 09
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo 1 Oficial de rango inmediatamente inferior ao de capitán. <i>Tenente de infantaria.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: [Teniente] grao militar. Bluteau: Antigamente se dava este titulo aos Ricos homens, & valia o mesmo que Senhor, ou Governador, a cujo cargo estava a defesa de lugar próprio, ou cometido. [Tenente de Mestre de Câpo General]. Cabo de guerra, a quem toca distribuir ou pessoalmente, ou por Sargêtos mores, as ordens, que lhe der o Mestre de Campo General. Corominas e Pascual: “tenente” vem de TENER, del lat TĒNĒRE ‘tener asido u ocupado’, ‘mantener’, ‘retener’. <i>1ª doc.:</i> med. S. X, Glosas Emilianenses. Cunha: “tenente” vem de “ter” – <i>vb.</i> ‘estar na posse de’ ‘possuir, haver’ XIII, <i>teer</i> XIII etc. Do lat. <i>tēnēre</i> tenENTE <i>sm.</i> ‘substituto de um chefe na ausência deste’, ‘posto da hierarquia militar’ XV. Do fr. (<i>lieu</i>)<i>tenant</i>. Aurélio: [Do lat. <i>tenente</i>, ‘que segura, ocupa (um lugar)’; f. red. De <i>lugar-tenente</i> (q. v.)] S. m. 1. <i>Ant.</i> Substituto de um chefe na ausência deste. 2. V. <i>hierarquia militar</i>. 4. Militar que detém a posição hierárquica de tenente. Houaiss: substantivo de dois gêneros 1 aquele que substitui um chefe na ausência deste 4 no Exército, patente imediatamente inferior à de capitão.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 64 - Ficha lexicográfica 51 - lexia ‘parteira’

Questão 51: Como se denomina a pessoa do sexo feminino que faz parto sem ter estudado para isso?	
<i>Parteira</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 35
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo feminino 2 Muller sen título profesional que asistía nos partos. <i>Noutroora, a parteira era a que axudaba ás mulleres a dar a luz.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: s.f. Muller que se dedica a axudar a da-la luz ás outras mulleres. Bluteau: A comadre que ajuda a parir. <i>Obstetrix, icis. Fem. Terent.</i> Corominas e Pascual: “parteira” vem de “parir” – del lat. PARĒRE ‘dar à luz’, ‘producir, proporcionar’. <i>1ª doc.:</i> Orígenes del idioma (Glosas Silenses, <i>Cid</i>, etc.). Deriv. <i>Parición</i> ‘parto’ > <i>parto</i> > <i>partera</i> > port. <i>parteira</i>. Cunha: “parteira” vem de “parto” – <i>sm.</i> ‘ação de parir’ XIII [<i>vb.</i> ‘dar à luz, expelir do útero, gerar’]. Do lat. <i>partus</i> partEIRA XIV. Aurélio: [De <i>parto</i> + <i>eira</i>.] S. f. 1. Mulher que, sem ser médica, assiste a parto, ajudando ou socorrendo parturiente. [Sin.: <i>obstetriz</i> e (fam.) <i>comadre, madama</i>.] Houaiss: substantivo feminino 1 mulher que não é médica, mas assiste e auxilia as parturientes; obstetriz.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 65 - Ficha lexicográfica 52 - lexia ‘médico’

Questão 52: Como se denomina a pessoa que estudou para tratar as pessoas doentes?	
<i>Médico</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 30
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo 2 Pessoa que rematou a carreira de medicina e obteve o título correspondente. <i>Pedir vez para para ir ao médico.</i> (Medicina – substantivo feminino. Ciência que tem por objecto curar e previr as enfermidades.) Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: 1. s.m Persona que se dedic’a curar enfermos. 2. Formado em medicina. Bluteau: Aquelle que sabe e professa a arte da Medicina. [...] <i>Medicus, i. Masc. Cic. Clinicus, i. Masc.</i> que he tomado do Grego, & ulado por Marcial, propriamente quer dizer Medico, que visita doentes, entrevados na cama. Adjectivo. Coufa de Medico, ou quem tem virtude medicinal, ou que applica remedios. <i>Medicus, a, um.</i> Corominas e Pascual: tomado del lat. <i>mēdicus</i> íd., derivado de medēri ‘cuidar’, ‘curar’, ‘medicar’. <i>1ª. doc.: APal. 28d, 115d, 142d, 270d; Nebr.</i> Cunha: <i>sm.</i> ‘aquele que é diplomado em Medicina e a exerce, clínico’ XV. Do lat. <i>mēdicus</i>. Aurélio: [Do lat. <i>medicus, a, um e mēdicus, i.</i>] S. m. 2. Aquele que está habilitado a exercer a medicina. (Medicina – [Do lat. <i>medicina.</i>] <i>S. f.</i> 1. Arte e ciência de evitar ou curar doença, ou paliar seu(s) efeito(s).) Houaiss: substantivo masculino. MED 1 aquele que se formou em medicina e pode exercê-la. (Medicina – substantivo feminino 1 MED conjunto de conhecimentos relativos à manutenção da saúde, bem como à prevenção, tratamento e cura das doenças, traumatismos e afecções, considerada por alguns uma técnica e, por outros, uma ciência.)	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 66 - Ficha lexicográfica 53 - lexia ‘curandeiro’

Questão 53: Como se denomina a pessoa que se dedica a curar doenças de outros sem ser médico?	
<i>Curandeiro</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 14
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo. Pessoa que se dedica a curar sem ser médico nem ter conhecimentos científicos de medicina. <i>Vai onda o curandeiro a que che dea um remedio.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: s.m. Curandero, persona que sin ser médico se dedica a curar utilizando medios no científicos. Bluteau: NR Corominas e Pascual: “curandeiro” vem de “cura” – ‘cuidado’ ant., ‘assistencia que se da a un enfermo’, del lat. CŪRA ‘cuidado, solicitud’ [...] <i>curandero</i>. Cunha: “curandeiro” vem de “cura” – <i>sf.</i> e <i>m.</i> ‘assistência a um doente’ XIV. Do lat. <i>cūra</i> curandEIRO <i>sm.</i> ‘aquele que cura por meio de rezas ou feitiçarias’ <i>curadeiro</i> 1858 Do lat. <i>curand(u)</i>, gerundivo de <i>cūrāre</i>, + -EIRO. Aurélio: [De <i>curando</i> (< <i>curar</i> + -ando) + -eiro.] S. m. 1. Aquele que cura; indivíduo que se atribui (ou a quem é atribuída) a função, capacidade, poder ou conhecimento para curar. 2. Aquele que cura sem título nem habilitações, em geral por meio de rezas e feitiçarias. Houaiss: adjetivo e substantivo masculino 1 que ou quem procura tratar e curar doentes sem habilitação médica oficial [...].	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 67 - Ficha lexicográfica 54 - lexia ‘capador’

Questão 54: Como se denomina a pessoa que capa animais?

Capador

Ocorrências na região oeste da Bahia: **09**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo. Pessoa que por ofício se dedica a capar animais. *O capador viña polo caminho tocando o chifre.*
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** persona que se dedica a castrar animales.
3. **Bluteau:** Obs.: não no sentido de ser uma pessoa, mas um instrumento pastoril para tanger aqueles que costumavam ir às vilas caparem os porcos.
4. **Corominas e Pascual:** “capador” vem de “capón” – del lat. vg. CAPPO, -ŌNIS, íd. (lat. CAPO, -ŌNIS), *1.ª doc.: Apol.; Cortes de 1268 [...]* La ac. ‘golpe que se da en la cabeza con el nudillo del dedo mayor’ [Nebr.: «capon: golpe del dedo; talitrum»], *capón de ceniza* ‘golpe que se da en la frente en algunos juegos, con un trapo atado, lleno de ceniza’ [Covarr.], se explicará por un simbolismo de este juego. Deriv. *Capona > capar > capador.*
5. **Cunha:** “capador” vem de “capão” – *sm.* ‘galo castrado’ XIII. Do lat. *cappō -onis* (cláss. *cāpō -ōnis*).
6. **Aurélio:** [De *capar* + *-dor*.] **S. m. 1.** Indivíduo que capa. **2.** Aquele que tem a profissão de castrador. [Sin. ger.: *capadeiro, castrador*.] (capar – [Do lat. vulg. *cappare*.] **V. t. d. 1.** Extrair ou inutilizar os órgãos da reprodução de (um animal – nos machos, os testículos; nas fêmeas, os ovários)).
7. **Houaiss:** adjetivo e substantivo masculino. Que ou aquele que capa; castrador.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 68 - Ficha lexicográfica 55 - lexia ‘vaqueiro’

Questão 55: Como se denomina o cuidador de gado bovino?

Vaqueiro

Ocorrências na região oeste da Bahia: **33**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo **3** Pastor de gando vacún. **4** Pessoa que trata con gando vacún.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s. Guarda ou condutor de gado.
3. **Bluteau:** Pastor de gado grosso, como vacas, boys. *Bubulcus, ci. Masc. Cic. Armentarius, ii. Masc. Varro.*
4. **Corominas e Pascual:** “vaqueiro” vem de “vaca” – del lat. VACCA íd. *1.ª doc.: baca, 931 (Oleschl.) [...]* Hay muchos usos figurados; ‘cada una de las hojas de acebo con que juegan los muchachos emparejándolas a modo de yuntas’ ast. (V); *en vaca* arg. ‘en sociedad’ (*M. Fierro* II, 4148), etc. DERIV [...] *Vaquero* [J. Ruiz; «bubulcus» Nebr.].
5. **Cunha:** “vaqueiro” vem de “vaca” – *sf.* ‘a fêmea do touro’ XIII. Do lat. *vacca*. [...] **vaquEIRO** | *-eyro* XIII.
6. **Aurélio:** [De *vaca* + *-eiro*.] **S. m. 1.** Guarda ou condutor de vacas, ou de qualquer gado vacun.
7. **Houaiss:** substantivo masculino **2** indivíduo que pastoreia o gado vacum.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 69 - Ficha lexicográfica 56 - lexia ‘capataz’

Questão 56: Como se denomina a pessoa que comanda um grupo de trabalhadores numa fazenda?
Capataz Ocorrências na região oeste da Bahia: **04**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo masculino **1** Pessoa que tem ao seu cargo dirigir o traballo dun grupo de obreiros.
O que dá as ordens é o capataz.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. Chefe de um grupo de trabalhadores durante as ségadas.
3. **Bluteau:** Vid. tom. 2. do Vocabulário. Para dar a esta palavra alguma etymologia, eu a derivara do Grego *Catipano*, vocabulo, do qual ufavaõ os Byzantinos, para significar as pessoas, que mandavaõ, e eraõ superiores a outras;
4. **Corominas e Pascual:** derivado del lat. *caput* ‘cabeza’, pero la formación no es clara; quizá tomado de oc. ant. *captàs*, caso sujeito de *captan* ‘capitán’, de um oc. ant. *capetàs* o *capatàs*, caso sujeto correspondiente al fr. ant. *chevetains* ‘jefe’. *1ª doc.: 1525-47, Sánchez de Badajoz.*
5. **Cunha:** sm. ‘chefe de um grupo de trabalhadores braçais’ XVII. Do cast. *capataz*, deriv. do lat. *caput* ‘cabeça’, mas a formação não é clara; talvez derive do prov. *captàs*, caso sujeito de *captan* ‘capitão’, ou de um prov. *capetàs*, caso sujeito correspondente ao a. fr. *chevetains* ‘chefe’.
6. **Aurélio:** [Do esp. *Capataz*.] **S. m. 1.** Chefe de um grupo de trabalhadores braçais. **2. Bras.** Administrador de fazenda ou estância.
7. **Houaiss:** substantivo masculino. **1** indivíduo que chefia grupo organizado de trabalhadores.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 70 - Ficha lexicográfica 57 - lexia ‘lavrador’

Questão 57: Como se denomina a pessoa que trabalha na lavoura?

Lavrador

Ocorrências na região oeste da Bahia: **25**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo. Pessoa que se dedica ao cultivo da terra.
Os labradores organizáronse nunha cooperativa.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** indivíduo que lavra ou cultiva a terra.
3. **Bluteau:** Aquelle que cultiva terras proprias, ou alheyas.
4. **Corominas e Pascual:** “lavrador” vem de “labor” – del lat. LABOR, -ŌRIS, ‘fatiga’, ‘trabajo’, ‘tarea’. *1ª doc.: labor*, doc. de 1030; Cid; Berceo; etc. [...] DERIV. [...] *labrador* [Berceo].
5. **Cunha:** Para Cunha, a lexia “lavrador” vem de “labor, lavor” – sm. ‘trabalho, faina’ | *lauor* XIII, *labor* XVI | Do lat. *labor -ōris* ‘dor, fadiga experimentada na realização de um trabalho’ || [...] **lavrADOR** XIII. Do lat. *laborator -ōris*.
6. **Aurélio:** [Do lat. tard. *laboratore*.] **Adj. 1.** Que lavra a terra, ou que serve para lavar. **2.** Aquele que trabalha na lavoura; agricultor.
7. **Houaiss:** adjetivo e substantivo masculino **1** que ou o que lavra terra própria ou de outrem; lavorador.

Observações: No Galego, labrador.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 71 - Ficha lexicográfica 58 - lexia ‘peão’

Questão 58: Como se denomina a pessoa que, na construção civil, realiza trabalhos não especializados?

Peão

Ocorrências na região oeste da Bahia: **01**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo 1 Persoa que realiza traballos non especializados.
Dous peóns facían e carrexaban a masa.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. Persoa non especializada e que realiza um traballo simple.
3. **Bluteau:** *Piaõ*. Homem do povo. Homem plebeo, que não tem officio algum militar, nem civil [...].
4. **Corominas e Pascual:** NR
5. **Cunha:** Para Cunha, a lexia “peão” vem de “pé” || ApeAR || ApeonADO || ApeZINHAR || DESpeAR || ESpeZINHAR || peanha || peanho || **peão** sm. ‘trabalhador rural’ ‘operário’ | *peon* XIII, *peõ* XIV, *pions* pl. XV etc. | Do lat. *pedo* -ōnis.
6. **Aurélio:** [Do esp. plat. *Peón*.] **S. m. 7. Constr.** Servente de obra.
7. **Houaiss:** 6 trabalhador de estradas de rodagem, estradas de ferro e outras obras de engenharia civil 6.1 servente de obra.

Observações: No galego, *peón*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 72 - Ficha lexicográfica 59 - lexia ‘carpinteiro’

Questão 59: Como se denomina a pessoa que trabalha com madeira, tanto na construção, como na fabricação de móveis?

Carpinteiro

Ocorrências na região oeste da Bahia: **20**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo 1 Persoa que ten por oficio traballar a madeira, que fai útiles de madeira, particularmente para a construción.
Encargueille ao carpinteiro unhas portas novas para a casa.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s. Persoa que tem por oficio traballar a madeira, que fai útiles de madeira, particularmente para a construción.
3. **Bluteau:** CARPENTEIRO, ou Carpinteiro. Official, que faz obras lizas de madeira. *Materiarius, ij. Masc. Plaut. Lignarius, ij. Masc. Tit. Liv. lib.35.cap.41. ex. recensione Gruteri. Tignarius faber. Masc. Cic.*
4. **Corominas e Pascual:** CARPINTERO, del antiguo *carpentero* por influjo de *pintar*; *carpentero* viene del lat. CARPENTARIUS ‘carpintero de carretas’, derivado de CARPENTUM ‘carro’, palabra latina de origen céltico. Para la solución de las dificultades fonéticas que presenta el vocablo en céltico, vid. Bolelli, *It. Dial.* XVII, 177. 1.^a doc.: *carpentero*, 1209; *carpintero*, h. 1300, *Gr. Cong. de Ultr.*; Nebr.
5. **Cunha:** sm. ‘ant. construtor de carros’ ‘artífice que trabalha com madeira, em obras grosseiras’ XV. Do lat. *carpentarius* -ī ‘construtor de carros’, de *carpentum* ‘carro’, de origem celta.
6. **Aurélio:** [Do lat. *carpentariu*]. **S. m. 1.** Artífice que trabalha em obras grosseiras de madeira. [*Sin. bras.: carapina, carpina. Cf. marceneiro.*]
7. **Houaiss:** substantivo masculino 1 artesão que trabalha com madeira, montando esp. obras pesadas, como estruturas, vigamentos, tabuados etc.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 73 - Ficha lexicográfica 60 - lexia ‘fiadeira’

Questão 60: Como se denomina a mulher que se dedica a fiar?	
<i>Fiadeira</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 13
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo feminino. Muller que se dedica a fiar. <i>As fiadeiras xeralmente traballaban nas súas casas.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: Muller que tem por ofício fiar. Bluteau: FIADEIRA. Molher, que vive de fiar. Corominas e Pascual: NR Cunha: “Fiadeira” vem de “fio” – <i>sm.</i> ‘fibra extraída de plantas têxteis. Do lat. <i>fīlum</i> -i fiAND.EIRA XVI. Aurélio: Fiadeira [Alter. de <i>Fiadeira</i>, poss. com infl. do esp. <i>hilandera</i>.] S. f. 1. Mulher que se ocupa em fiar; Fiadeira. Houaiss: substantivo feminino. Mulher que se ocupa da fiação; Fiadeira.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 74 - Ficha lexicográfica 61 - lexia ‘tecedeira’

Questão 61: Como se denomina a pessoa que tece ou faz peças de roupas tecidas?	
<i>Tecedeira</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 06
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo feminino. Muller que ten por ofício tecer ou facer tecidos para pezas de roupa. <i>Encargoulle unhas sabas de liño á tecedeira.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: sf. Muller que tem por ofício tecer ou facer tecidos para pezas de roupa. Bluteau: A mulher, que faz teas. <i>Textrix, icis. Fem. Tibull.</i> Corominas e Pascual: “tecedeira” vem de <i>TEJER</i>, del lat. <i>TĒXĒRE</i> íd. <i>1.ª doc.: texer</i>, Berceo. [...] DERIV. <i>Tejedera</i>. Cunha: “tecedeira” vem de “tecer” – <i>vb.</i> ‘entrelaçar regularmente os fios de’ XIV, <i>texer</i> XIII, <i>teixer</i> XIV Do lat. <i>tēxĕre</i> tecED.EIRA XIV. Aurélio: [De <i>tecer</i> + <i>-deira</i>.] S. f. Fem. de <i>tecedor</i>. <i>Tecedor</i> [De <i>tecer</i> + <i>-dor</i>.] Adj. 1. Que tece pano. Houaiss: substantivo feminino 1 m.q. tecelã. Tecelã – artesã que trabalha em tear, que tece panos; teceloa, tecedeira.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 75 - Ficha lexicográfica 62 - lexia ‘costureira’

Questão 62: Como se denomina a pessoa do sexo feminino que faz ou conserta roupas?	
<i>Costureira</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 39
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo feminino. Muller que fai ou arranxa pezas de roupa. <i>Leville o abrigo á costureira para que me cosera as costuras.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: Muller que fai ou arranxa pezas de roupa. Bluteau: Molher, que cofe costura branca em almofada. <i>Mulier linte & vestis opifex, icis. Fem.</i> Corominas e Pascual: “costureira” vem de “coser” – del lat. CONSŪĒRE ‘coser una cosa con otra’, derivado de SUERE ‘coser’. <i>1.ª doc.: doc. vascongado de 1179; Berceo. [...] cosdura < cordura <, conservada em. oc. ant. y. mod.; de cordura con disimilación deriva el ast. cordurera ‘costurera’ [...].</i> Cunha: “costureira” vem de costura <i>sf.</i> ‘ato, efeito, arte ou profissão de coser’ XIII, <i>cus-</i> XIII Do lat. vulg. <i>consūtūra</i> costurEIRO <i>sm.</i> ‘homem que se ocupa em trabalhos de costura’ -ra <i>f.</i> Aurélio: [De <i>costura</i> + -eira] S. f. 1. Mulher que se ocupa em trabalhos de costura. Houaiss: feminino de costureiro 1 que ou o que costura 2 que ou aquele que atua profissionalmente na costura (roupa, tecidos diversos etc.).	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 76 - Ficha lexicográfica 63 - lexia ‘sapateiro’

Questão 63: Como se denomina a pessoa que faz ou conserta sapatos?	
<i>Sapateiro</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 40
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): [sapateiro] substantivo 1 Persoa que fai, amaña ou vende zapatos. <i>Voulle levar as botas ao sapateiro para que lles bote unhas solas novas.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: s.m. Aquel hñme que se dedic’a a facer ou arreglar sapatos. Bluteau: [ou çapateyro] Official, que faz sapatos. <i>Sutor, oris. Mafc. Calceolarius, ii. Mafc. Plaut.</i> Corominas e Pascual: “sapateiro” vem de <i>zapato</i> [sapato], del mismo origen incerto que el port. <i>sapato</i>, cat. y. oc. <i>sabata</i> ‘zapato’, fr. <i>savate</i>, it. <i>ciabatta</i> ‘zapato viejo’, vasco <i>zapatu</i> y ár. vulgar <i>sabbât</i> ‘zapato’; [...] DERIV. [...] <i>zapatero</i> [sabataír, doc. mozár. toledano de 1162, Gnz. Palencia, n.º 69; <i>zapatarius</i>, 1124, V. arriba; <i>çapatero</i>, J. Ruiz, J. Manuel, Nebr., etc.; [...] <i>zapatera</i> [‘mujer del zapatero, o mujer que hace zapatos’ [...]. Cunha: “sapateiro” vem de sapato <i>sm.</i> ‘calçado, em geral de sola dura, que cobre o pé’ <i>ça-</i> XIII De origem duvidosa, talvez do turco <i>çabata</i> sapatEIRO 1813. Aurélio: [De <i>sapato</i> -eiro.] S. m. 1. Aquele que fabrica, vende ou conserta calçados. Houaiss: substantivo masculino 1 indivíduo que fabrica, vende ou conserta calçados.	
Observações: No galego, <i>zapateiro</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 77 - Ficha lexicográfica 64 - lexia ‘cesteiro’

Questão 64: Como se denomina a pessoa que faz e vende cestos ou cestas, objetos feitos com o mesmo material, como por exemplo palha de buriti, capim dourado etc.?

Cesteiro

Ocorrências na região oeste da Bahia: **02**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo. Pessoa que fai ou vende cestos ou cestas e outros obxectos de vimbio.
Encargoulle un paxe ao cesteiro.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. Homem que faz os cestos de vime.
3. **Bluteau:** Official, que faz cestos. *Ciftarum artifex, icis.*
4. **Corominas e Pascual:** “cesteiro” vem de “cesta”, del lat. *cīsta* íd. 1.^a doc.: J. Ruiz, 1174b. Conservado también en port. e it. *cesta*, auv., lemos. *cesto*, gasc. *tisto*, alem. *kiste*, ingl. *chest*, escand. ant. *kista*, irl. med. *ciste*, comp. el diminutivo cat. *cistell(a)* [...] DERIV. *Cesto* ‘cesta de forma diferente’ [Berceo] [...] *Cestero*.
5. **Cunha:** “cesteiro” vem de *cesta sf.* ‘receptáculo feito de verga, fibra etc., entrançada, que serve para guardar ou transportar roupa, alimentos etc.’ XVII. Do lat. *cista*, deriv. do. gr. *kístē* ‘cesto’ || **cestEIRO** 1813.
6. **Aurélio:** [De *cesta* ou *cesto* (ê) + *-eiro*.] **S. m. 1.** Aquele que faz e/ou vende cestas ou cestos.
7. **Houaiss:** substantivo **1** aquele que trabalha na atividade cesteira. Adjetivo **2** relativo a cestaria <comércio c.> <juncos c.>

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 78 - Ficha lexicográfica 65 - lexia ‘telheiro’

Questão 65: Como se denomina a pessoa que faz telhas?

Telheiro

Ocorrências na região oeste da Bahia: **04**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo. Pessoa que fabrica ou vende tellas. *Encargoulle ao telleiro unhas telas iguais ás que lle romperan.*
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** NR
3. **Bluteau:** NR
4. **Corominas e Pascual:** “telheiro” vem de *TECHO*, del lat. *TĒCTUM* íd., derivado de *TĒGĒRE* ‘cobrir’, ‘ocultar’, ‘proteger’, 1.^a doc.: doc. de 1205, Oelschl.; Berceo, etc. [...] DERIV. *Techar* [APal.: «la paja con que *techan* las casas pagizas» 471b; «t. casa: teco» Nebr.]; [...] *Teja* [1219, F. de Guadalajara, Oelschl.; APal. 107d, etc.; «t. de barro: tegula» Nebr.], de *TĒGŪLA* íd., derivado de la misma raíz latina; *tejado* [«t. o techo» Nebr.; 1399, Gower, Conf. del Amante, 172]; [...] *Tejero* [Nebr.] [telheiro – fabricante de telhas].
5. **Cunha:** “telheiro” vem de *telha sf.* ‘peça, em geral de barro cozido, usada na cobertura de edificios | XIV, *tela* XIII etc. | Do lat. *tēgŭla* || **telhEIRO** 1813.
6. **Aurélio:** [De *telha* + *-eiro*.] **S. m. 1.** Fabricante de telhas.
7. **Houaiss:** substantivo masculino **1** fabricante de telhas.

Observações: No galego, *telleiro*.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 79 - Ficha lexicográfica 66 - lexia ‘carreteiro’

Questão 66: Como se denomina a pessoa que trabalha fazendo transporte de cargas para outras pessoas?

Carreteiro

Ocorrências na região oeste da Bahia: **03**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):**
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s. Pessoa que tem como ofício transportar en carro mercadorías diversas.
3. **Bluteau:** NR
4. **Corominas e Pascual:** de “carro”, del lat. CARRUS íd., de origen galo. *1.^a doc.:* Berceo. [...] *carretero* [1157: Oelschl.].
5. **Cunha:** “carreteiro” vem de **carro** *sm.* ‘veículo de transporte terrestre’ XIII. Do lat. *carrus* || **carreteIRO** *sm.* ‘condutor de carro ou carreta’.
6. **Aurélio:** [De *carreta* + *-eiro*.] **S. m. 2.** *Bras.* Proprietário de caminhão que efetua transporte de cargas para terceiros; transportador rodoviário de cargas.
7. **Houaiss:** substantivo masculino **2** proprietário de caminhão que transporta carga sob encomenda.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 80 - Ficha lexicográfica 67 - lexia ‘gaiteiro’

Questão 67: Como se denomina a pessoa que toca gaita?

Gaiteiro

Ocorrências na região oeste da Bahia: **29**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo. 1 pessoa que toca a gaita. *Hoxe vai actuar un grupo de gaiteiros.*
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. Persona que toc’ à gaita.
3. **Bluteau:** o que toca gaita de folle. *Utricularius, ij. Mafc. Sneton.* Derivafe do Francez *Gay*, que quer dizer, *Alegre*.
4. **Corominas e Pascual:** “gaiteiro” vem de “gaita”, probablemente del gót. GAITS ‘cabra’ porque el fuelle de la gaita se hace de un pellejo de este animal. *1.^a doc.:* med. S. XII. [...] *Gáita* como nombre de una especie de clarinete [...], pasó al turco *gaida* ‘flauta de pastor’ [...]. DERIV. *Gaitero* [h. 1400, Glos. del Escorial]; [...]. De la popularidad alcanzada en el árabe magrebí dan pruebas los derivados actuales *gáyyat* ‘tocar la gaita’ y *gayyât* ‘gaitero’.
5. **Cunha:** “gaiteiro” vem de **gaita** *sf.* ‘flauta reta de folha-de flandres ou de bambua’ ‘pífaro, realejo’ | 1500, *gayta* XVI | De origem obscura || **gaitEIRO** | XVII, *-eyro* 1500.
6. **Aurélio:** [De *gaita* + *-eiro*.] **S. m. 1.** Tocador de gaita; gaitista.
7. **Houaiss:** para esse sentido, a lexia é “gaitista” – adjetivo e substantivo de dois gêneros. Que ou aquele que toca gaita.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 81 - Ficha lexicográfica 68 - lexia ‘ferreiro’

Questão 68: Como se denomina a pessoa que trabalha com ferro e outros metais?

Ferreiro

Ocorrências na região oeste da Bahia: **29**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo. **1** pessoa que ten por oficio traballar o ferro e outros metais.
Cada día hai menos ferreiros.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s. Pessoa que ten por oficio traballar o ferro e outros metais.
3. **Bluteau:** [...] que lavra o ferro para suas necessidades [...].
4. **Corominas e Pascual:** Deriv. Herrar [ferrar, h. 1300, Gr. Cong. de Ultr. 616; J. Ruiz, 300a, 614c; etc.](...) Herrero [f-, doc. de 937, Oelschl. ;
5. **Cunha:** “ferreiro” vem de **ferro** *sf.* ‘metal maleável e tenaz, de numerosas aplicações na indústria e na arte’ XIII. Do lat. *ferrum* -i || **ferrEIRO** XIII.
6. **Aurélio:** [De *ferro* + -eiro.] **S. m. 1.** Artífice que trabalha em ferro.
7. **Houaiss:** substantivo **1** artefício do ferro.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 82 - Ficha lexicográfica 69 - lexia ‘ferrador’

Questão 69: Como se denomina a pessoa que ferra animais?

Ferrador

Ocorrências na região oeste da Bahia: **09**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo. Pessoa que ten por oficio ferrar as cabalarías ou outros animais.
Levaron as bestas ao ferrador.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. Pessoa que ten por oficio ferra-las bestas e outros animais.
3. **Bluteau:** [ferrador] official, que prega ferraduras às bestas. *Solearum equimarum faber, bri. Masc.*
4. **Corominas e Pascual:** NR
5. **Cunha:** “ferreiro” vem de **ferro** *sf.* ‘metal maleável e tenaz, de numerosas aplicações na indústria e na arte’ XIII. Do lat. *ferrum* -i || **ferrADOR** XIII.
6. **Aurélio:** [De *ferrar* + -dor.] **S. m. 1.** Indivíduo cuja profissão é ferrar cavalgadas, etc.
7. **Houaiss:** adjetivo e substantivo masculino. Que ou o que ferra. **1** diz-se de ou indivíduo que tem por oficio a ferragem de animais.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 83 - Ficha lexicográfica 70 - lexia ‘lenhador’

Questão 70: Como se denomina a pessoa que corta a lenha?	
<i>Lenhador</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 15
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): NR Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: NR Bluteau: NR. (não consta “lenhador”, mas “lenheiro” – aquele que vai ao mato cortar a lenha. <i>Lignator, is. Masc.</i>). Corominas e Pascual: “lenhador” vem de <i>leña</i>, del lat. LĪGNA, plural de LĪGNUM ‘madero, leño’, ‘madera’. <i>1.ª doc.</i>: Berceo; doc. de 1215 (Oelschl) [...] Éste, lat. LĪGNUM, ha dado el cast. <i>leño</i> ‘trozo de árbol cortado’ [...]. DERIV. <i>Leñador</i> [h. 1400, glos. del Escorial y de Toledo, «que va por leña: <i>lignator</i>», Nebr.]. Cunha: “lenhador” vem de <i>lenha sf.</i> ‘porção de madeira para queimar’ 1813. Do lat. <i>ligna</i>, nom. pl. de <i>lignum</i> -i ‘pau, lenho’. O voc. port. deve, contudo, ser bem mais antigo, tendo em vista encontrar-se em textos do latim lusitânico a forma <i>lenia</i> lenhADOR XVII. Do lat. <i>lignātor -ōris</i>. Aurélio: [Do lat. <i>lignatore</i>.] S. m. 1. Cortador ou rachador de lenha. [Sin.: <i>lenheiro, mateiro</i> e (no S.) <i>lenhateiro</i>.] Houaiss: substantivo masculino 1 indivíduo cuja função é derrubar árvores com o auxílio de machados ou serras 2 aquele que colhe lenhas nos matos e/ou racha troncos para fazer lenha.	
Observações: No galego, <i>leñador</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 84 - Ficha lexicográfica 71 - lexia ‘toneleiro’

Questão 71: Como se denomina a pessoa que faz barril de madeira para se guardar, por exemplo, cachaça?	
<i>Toneleiro</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 01
Registros Lexicográficos Dicionário Real da Academia Galega (RAG): substantivo 2 Pessoa que constrúe, amaña ou vende toneis, cubas, pipas etc. <i>O toneleiro botoulle as doelas de castiñeiro á pipa.</i> Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: NR. O que existe é “tanoeiro”: Às pipas e toneis, são-lhe apertados os arcos e substituídas aquelas aduelas que se tenham deteriorado. Este trabalho cabe a um <i>tanoeiro</i> ou ao próprio lavrador quando para isso seja competente. Bluteau: direciona para a lexia “tanoeiro” – oficial, que faz toneis, pipas, barrís, & c. <i>Doliarius, it. Mafc.</i> Corominas e Pascual: “tanoeiro” vem de “tonel”. Tomado del fr. ant. <i>tonel</i> íd (hoy <i>tonneau</i>), diminutivo de <i>tonne</i> ‘tonel grande’, y éste del lat. tardío TŪNNA íd., tomado del célt. TUNNA ‘piel’, de donde ‘odre’ y después ‘cuba’. <i>1.ª doc.</i>: <i>Lucano</i> de Alfonso X (Almazán); med. S. XIV. [...] <i>tonelcynno</i> ya aparece en el S. XIII en las <i>Cantigas</i> (23.3), y <i>tanoeiro</i> ‘tonelero’ en 1318 en Mestre Giraldo. Cunha: “toneleiro” é o mesmo que “tanoeiro”, que vem de <i>tona sf.</i> ‘casca, película’ XV. Do lat. tard. <i>tunna</i>, de origem céltica tanoEIRO sm. ‘aquele que faz e/ou conserta pipas, cubas, barrís etc.’ 1813. Aurélio: [De <i>tonel</i> + <i>-eiro</i>.] S. m. Tanoeiro. Tonel [Do fr. ant. <i>tonel</i>, atual <i>tonneau</i>.] S. m. 1. Vasilha grande para líquidos, formada de aduelas, tampos e arcos. Tanoeiro: [De <i>tanoa</i> + <i>-eiro</i>] S. m. 1. Aquele que faz e/ou conserta pipas, cubas, barrís, dornas, tinhas, etc.; toneleiro. Houaiss: substantivo masculino. M.q. tanoeiro (no sentido de ‘aquele que fabrica’). 1 aquele que fabrica tonéis, pipas, barrís etc.; toneleiro.	
Observações:	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 85 - Ficha lexicográfica 72 - lexia ‘afiador’

Questão 72: Como se denomina a pessoa que amola instrumentos que cortam?

Afiador

Ocorrências na região oeste da Bahia: **05**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo **2** Persoa que ten como profesión ou oficio o de afiar.
Son famosos os afiadores de Ourense.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. Aquel que se dedic’a filar ferramentas de corte.
3. **Bluteau:** aquelle, que numa pedra dá o fio as facas, navalhas & c.
4. **Corominas e Pascual:** n/e.
5. **Cunha:** “afiador” vem de **fio** sm. ‘gume de instrumentos cortantes’ XIII. Do lat. *filum* -i || **AfiADOR** XVIII.
6. **Aurélio:** [De *afiar* + -dor.] **Adj. S. m.** Que, ou aquele que afia; amolador.
7. **Houaiss:** adjetivo e substantivo masculino. Que ou o que afia; amolador.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 86 - Ficha lexicográfica 73 - lexia ‘pescador’

Questão 73: Como se denomina a pessoa que pesca por prazer?

Pescador

Ocorrências na região oeste da Bahia: **37**

Registros Lexicográficos

1. **Dicionário Real da Academia Galega (RAG):** substantivo **2** Persoa que pesca por afección no mar ou no río.
Á noiteña hai moitos pescadores no peirao.
2. **Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português:** s.m. O profissional de pesca [ou] Persoa que pesca de xeito non profesional, isto é, os afeccionados ou os mariñeiros xubilados [aposentados].
3. **Bluteau:** [pescadôr] o que tem por officio pelcar. *Piscator, is. Masc.*
4. **Corominas e Pascual:** “pescador” vem de *PEZ*, del lat. *PĪSCIS* íd. *1.ª doc.*: orígenes del idioma (Berceo, etc.). DERIV. *Pescar*, del latino *PĪSCARE* íd.; *pesca* [...], *pescador* [Apol.].
5. **Cunha:** “pescador” vem de **pescar** vb. ‘apanhar na água um peixe’ ‘conseguir ardilosamente’ XIII. Do lat. *piscāre* || **pescADOR** XIII. Do lat. *pīscātor* -ōris.
6. **Aurélio:** [Do lat. *piscatore*.] **Adj. 1.** Que pesca. **2.** Pesqueiro.
7. **Houaiss:** adjetivo e substantivo masculino **1** que ou aquele que pesca.

Observações:

Fonte: Elaborado pela autora.

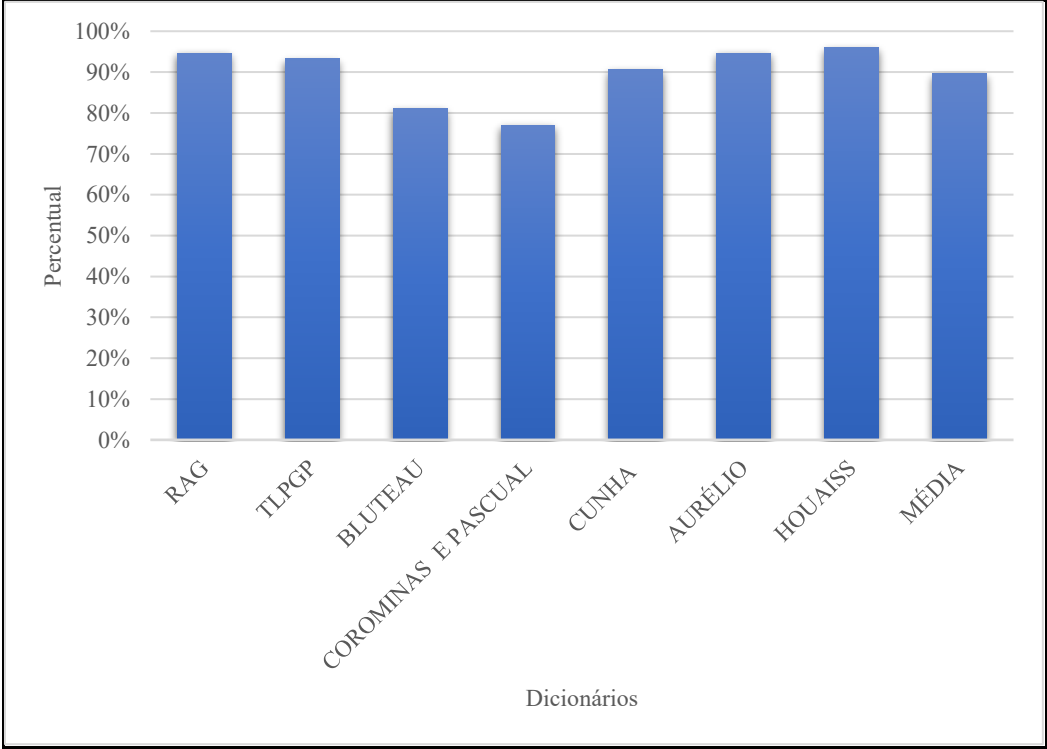
Quadro 87 - Ficha lexicográfica 74 - lexia ‘caçador’

Questão 74: Como se denomina a pessoa que sai a procura de animais à noite ou de dia por prazer ou para a sobrevivência?	
<i>Caçador</i>	Ocorrências na região oeste da Bahia: 40
Registros Lexicográficos 1. Dicionário Real da Academia Galega (RAG): n/e. 2. Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: n/e. 3. Bluteau: [caçadôr] o que se occupa em caçar. <i>Venator, oris. Maſc. Cic.</i> 4. Corominas e Pascual: “caçador” vem de <i>CAZAR</i> [caçar], del lat. vg. CAPTIARE íd., derivado de CAPĒRE ‘coger’ (part. CAPTUS) [que significa “capturar”] <i>1.ª doc.: Cid. [...] DERIV. [...] cazador [caçador ya 1256, Aben Ragel, Libro Conplido, 87b; h. 1275, 1.ª Crón. Gral. 12b12.].</i> 5. Cunha: “caçador” vem de caçar vb. ‘perseguir animais’ ‘procurar, buscar’ XIII. Do lat. vulg. <i>captiāre</i> (cláss. <i>captāre</i>) caçADOR XIII. 6. Aurélio: [De <i>caçar</i> + <i>-dor.</i>] <i>Adj.</i> Que caça. S. m. 2. Aquele que caça, que exercita a caça. 7. Houaiss: adjetivo e substantivo masculino 1 que ou o que pratica a caça.	
Observações: No galego, <i>cazador</i> .	

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a apresentação e análise das fichas lexicográficas, a seguir, apresenta-se o Gráfico 1 com o percentual de registros das lexias, em cada um dos dicionários consultados.

Gráfico 1 - Registro das lexias nos dicionários consultados



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados do Gráfico 1 mostram, em percentuais, a dicionarização das lexias tanto nos dicionários do Galego, quanto nos dicionários de Língua Portuguesa. O fato de todas as lexias aparecerem registradas em, pelo menos um dicionário, indica que nenhuma delas se configura como um caso de neologismo.

As 74 lexias analisadas em cada uma das fichas - resultado da comparação entre as lexias do Galego e aquelas coletadas na região oeste da Bahia – anunciam a comprovação da primeira hipótese levantada para este estudo: considerando o parentesco entre o Galego e Português Brasileiro, pode-se inferir que os falantes desta região trazem em seu vocabulário lexias registradas no ALGa.

4.3 Banco de dados

O questionário semântico-lexical aplicado aos informantes na rede de pontos composta pelos pontos de rede Angical (PR1), Barra (PR2), Barreiras (PR3), Cotegipe (PR) e Santa Rita de Cássia (PR5) levantou, além das lexias comuns entre o Galego e o Português falado na região oeste da Bahia, variantes lexicais para cada uma dessas lexias. Nesta tese, variantes lexicais são concebidas como cada forma diferente de se representar, em um mesmo contexto, um mesmo valor significativo ou funcional, independentemente de as alterações na forma terem origem fonética, fonológica, morfológica, sintática ou discursiva (Tarallo, 2001).

Assim, para cada uma das 74 questões do questionário semântico-lexical foram identificadas diferentes formas de responder à questão. Essas formas, denominadas variantes lexicais, constituem o Banco de Dados Semântico-Lexicais do Português Falado na região oeste da Bahia, um dos objetivos desta tese. Esse banco de dados segue apresentado em seus referidos campos semânticos.

Para o campo semântico “A família”, emergiram as lexias: família, parente, união, irmão, pai, primo, sobrinhos, tio, antepassados, ancestrais, avós, bisavós, defuntos, falecidos, familiares, finados, gerência, idosos, esposa, casada, dona de casa, esposo, casado, companheiro, homem, marido, madrasta, mãe, próprio nome, tia, companheira, enteada, padrasto, filho mais velho, primeiro filho, primogênito, filho mais novo, filho do meio, caçula, filho de mãe solteira, bastardo, enteado, filho, filho de chocadeira, filho de fulana, filho de rapariga, mãe solo, órfão, adotados, filhos sem pai, guri, sem pai e sem mãe, só no mundo, irmã, filha só de mãe ou filha só de pai, irmã da mesma mãe e do mesmo pai, irmão da mesma mãe e do mesmo pai, meia irmã, irmã materna ou paterna, irmã paterna, irmã por parte de mãe/pai, irmã postiça, irmão de criação, meio irmão, irmão postiço, irmão materno ou paterno, tataravô,

avô, bisavô, tetravô, vovô, meu avô, vô, tio, tio-avô, neto, bisneto, tio, sobrinho, sobrinha, primo primeiro, primo segundo, primo terceiro, tio, nora, genro, compadre/comadre, madrinha, comadre, padrinho, afilhado.

Para o campo semântico “A vida em sociedade”, obtiveram-se as seguintes lexias: noivo/noiva, cônjuge, esposa, marido e mulher, namoro de compromisso, enxoval, arrumação, casa, chá de panela, chá de casa nova, festa, móveis, preparação, roupa de casamento, terno, dote, ajuda, buffet, cama, dinheiro, doação, gado, herança, panela, presente, casar, enlaçar, jurar, trocar aliança, unir, amigados, acasalados, ajuntados, amancebados, amasiados, convivem maritalmente, namorados, união estável, unidos, pessoas, amigos, casal, família, fuleiros, gente, homens e mulheres, quengas/raparigas, seres humanos, vizinho/vizinha, pobre, baixa renda, coitado, desabrigado, despossuído, fraco, humilde, indigente, mendigo, necessitado, passa fome, quebrado, sem condições, esmoler, morador de rua, necessitado, pedinte, precisado, esmola, ajuda, alimento, almoço, caridade, comida, doação, lanche, migalhas, presente, rico, abastado, afortunado, milionário, roubo, furto, pegar sem autorização, precisão, usurpar, ladroa, caloteira, ladra, ladrona, rata, ladrão, caloteiro, rato, trabalhar, esforçar, focar, labutar, limpar, lutar, obrigação, ocupação, rotina, serviço, ajudar/acudir/socorrer.

O campo semântico “As ocupações e os ofícios” obteve as seguintes lexias: acólito, ajudante do padre, carola, coroinha, diácono, leigo, ministra, sacerdote, sacristão, ajudante de igreja, anciã, barata de sacristia, beata/beato, cuidador, funcionário, obreiro, organizadores de limpeza, secretário/secretária, zeladora, tenente, cabo, coronel, delegado, major, sargento, soldado, vice, parteira, ajudante, mãe de parto, médico, doutor, enfermeiro/enfermeira, farmacêutico, curandeiro, benzedor, bucheiro, charlatão, curador, enfermeiro, gente espiritual, jesus, médium, pai de santo, raizeiro, capador, castrador, médico-veterinário, próprio nome, veterinário, boiadeiro, fazendeiro, produtor, capataz, administrador, chefe, comandante, empreiteiro, encarregado, feitor, gato, gerente, patrão, lavrador, agricultor, trabalhador rural, peão, ajudante de pedreiro, mestre de obra, servente, carpinteiro, madeireiro, marceneiro, serralheiro, Fiadeira, artesã, bordadeira, costureira, lavradora, rendeira, tecedeira, tecedora, tecelã, bordadeira, costureira, fazedora de crochê, rendeira, tricoteira, costureira, modista, sapateiro, cesteiro, ambulante, artesão, artista, fazedor de artesanato, palheiros, tecedeiro, teceiro, tecelão, vendedor, telheiro, oleiro, carreteiro, boiadeiro, caminhoneiro, cargueiro, carregador, carroiro, gaitero, gaitista, músico, tocador de gaita, ferreiro, metalúrgico, soldador, torneiro, ferrador de boi, marcador, vaqueiro, lenhador, cortador de lenha, cortador de pau, funcionário, lenheiro, machadeiro, machador, trabalhador, toneleiro, alambiqueiro, barrilheiro, marceneiro, serrareiro, afiador, amolador, chaveiro, pescador, beradeiro, pesqueiro, caçador.

Vale ressaltar que as lexias que compõem esse banco de dados - lexias comuns entre o Galego e o Português falado na rede de pontos selecionados e as variantes lexicais utilizadas para designar o mesmo referente – foram coletadas das respostas espontâneas dos participantes da pesquisa, o que constitui o primeiro passo da metodologia adotada para a coleta de dados, o perguntar. A análise estatística incidiu sobre as respostas espontâneas que constituem esse banco de dados. As lexias levantadas por meio dos passos insistir e sugerir estão descritas ao final da análise de cada uma das questões.

4.4 Análise do banco de dados semântico-lexicais do Português falado na região oeste da Bahia

As lexias comprovadamente comuns entre o Galego e o Português brasileiro e as variantes lexicais que compõem o Banco de dados constituído para esta tese, conforme descrição anterior, refletem muito mais as semelhanças entre as duas línguas, uma vez que permitem inferir que as diferentes formas de nomear um mesmo referente podem estar relacionadas às dimensões extralinguísticas que subjazem às escolhas lexicais dos falantes.

Esta constatação comprova as hipóteses levantadas no capítulo 1, Introdução, deste estudo acerca da influência das dimensões diageracional, diassexual, diastrática e diatópica nas escolhas lexicais dos informantes da pesquisa, o que a análise estatística dos dados buscou responder.

Conforme anunciado no início deste capítulo 4, após a transcrição e a tabulação dos dados e a construção das fichas lexicográficas para análise, foi conduzida uma análise estatística descritiva e inferencial com ênfase em testes de associação entre variáveis categóricas. O objetivo da análise estatística foi investigar a associação entre as dimensões propostas pela Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (diatópica, diastrática, diassexual e diageracional) e as escolhas lexicais de informantes para um conjunto de 74 questões que versaram sobre nomeação de pessoas, papéis familiares e atividades tradicionais nos campos semânticos “A família”, “A vida em sociedade” e “As ocupações e ofícios”.

Para a descrição e análise dos resultados do teste estatístico optou-se, nesta tese, pela apresentação tanto dos dados que se mostraram com significância para as dimensões diatópica, diastrática, diassexual e diageracional, quanto daqueles que não sofreram influência dessas dimensões.

Os resultados dessa análise apontaram que as dimensões diageracional, diassexual, diastrática e diatópica influenciaram, de maneira significativa, as escolhas lexicais dos falantes

para 30 questões do QSL, algumas delas bastante significativas para mais de uma dimensão.

A dimensão diageracional influenciou as escolhas lexicais esposa, filho mais velho, filho mais novo, filho de mãe solteira, tio-avô, primosegundo, mendigo, rico, parteira, vaqueiro, fiadeira, telheiro e gaiteiro. A dimensão diassexual condicionou as escolhas das variantes avô, carpinteiro e carreteiro. A dimensão diastrática incidiu sobre as lexias antepassados, esposo, filho mais velho, tataravô, enxoval, dote, trabalhar, curandeiro, capador, capataz e tecedeira. Já a dimensão diatópica influenciou as escolhas lexicais dos falantes para as variantes padrasto, avô, compadre/comadre, enxoval, casar, pobres, trabalhar e tecedeira.

Conforme informado anteriormente, algumas questões mostraram-se significativas para mais de uma dimensão, quais sejam: a questão 08 (lexia avô), sofreu influência tanto da dimensão diatópica, quanto da dimensão diassexual; a questão 33 (lexia enxoval), as questões 46 (lexia trabalhar) e 61 (lexia tecedeira) sofreram influência das dimensões diatópica e diastrática; a questão 09 (lexia filho mais velho) foi influenciada pelas dimensões diastrática e diageracional. A análise dessas questões aponta a influência das dimensões em cada uma dessas questões.

4.4.1 Dimensão diageracional

Antes de se iniciar a análise sob essa dimensão, vale apresentar as 13 lexias nas questões formuladas, que se mostraram estatisticamente significativas para a dimensão diageracional (esposa, filho mais velho, filho mais novo, filho de mãe de solteira, tio-avô, primo segundo, mendigo, rico, parteira, vaqueiro, Fiadeira, telheiro e gaiteiro).

Considerando o viés pluridimensional e relacional que fundamenta a escolha do aporte teórico-metodológico adotado para esta tese, a análise de cada uma das lexias contempla todas as dimensões selecionadas e apresenta as relações advindas das interações entre essas dimensões.

4.4.1.1 Questão 4 - Lexia ‘esposa’

Como respostas espontâneas para a questão 04 – como se denomina a pessoa do sexo feminino com quem o homem está casado? -, obtiveram-se as seguintes variantes lexicais: mulher, esposa, casada e dona de casa. A lexia com maior incidência de respostas foi esposa, com 78% de uso (31 ocorrências), seguida por “mulher” com 15% (06 ocorrências); “casada” com 5% (02 ocorrências) e “dona de casa” 3% (01 ocorrência), conforme o Gráfico 2 a seguir.

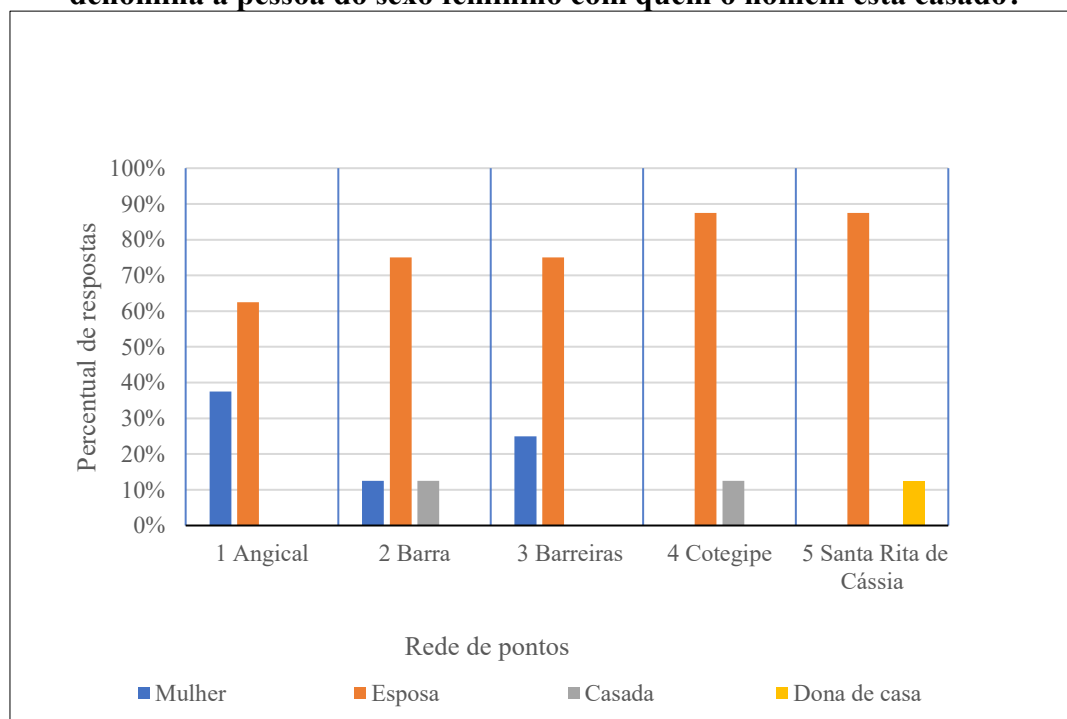
Gráfico 2 - Ocorrências das variantes para a Questão 4: Como se denomina a pessoa do sexo feminino com quem o homem está casado?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Considerando a dimensão diatópica, o Gráfico 3 contempla as variantes expressas como respostas espontâneas à questão 04 em cada ponto de rede pesquisado.

Gráfico 3 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 4: Como se denomina a pessoa do sexo feminino com quem o homem está casado?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em relação à dimensão diatópica, observou-se que a lexia esposa está em distribuição regular em toda a rede de pontos investigada, com uma frequência de 63% de uso no PR1 (05 ocorrências), atingindo 75% nos PRs 2 e 3 (06 ocorrências em cada) e com uma frequência

mais alta nos PRs 4 e 5 com 88% (07 ocorrências). Por essa frequência, pode-se inferir que essa forma lexical é a norma linguística da região oeste da Bahia, como se pode observar no Gráfico 38.

A segunda lexia mais produtiva foi mulher, só não registrada nos PRs 4 e 5. Já em Angical, PR1, observou-se que 38% dos informantes optaram por essa mesma lexia (03 ocorrências). No PR 2, com 13% (01 ocorrência) e no PR3, 25% (02 ocorrências). A lexia casada obteve o mesmo percentual 13% (01 ocorrência em cada) nos PRs 2 e 4, enquanto “dona de casa” somente foi registrada no PR5.

Em relação à dimensão diassexual, os dados da Tabela 2 permitem observar que tanto homens quanto mulheres responderam “mulher” com a mesma frequência de uso (15% para cada sexo). O mesmo ocorreu com a lexia esposa, também utilizada por homens e mulheres, porém, com percentuais diferentes, sendo 85% de uso pelos homens e 70% pelas mulheres. Somente as mulheres responderam com a lexia casada (10%) e com dona de casa (5%). O teste estatístico demonstrou que não houve influência diassexual na escolha das lexias. Assim, não se detectou diferença significativa envolvendo essa dimensão ($p=0,5$).

Tabela 2 - Questão 04 : Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Mulher	3(15%)	3 (15%)	5 (25%)	1 (5%)	5 (25%)	1 (5%)
Esposa	17 (85%)	14 (70%)	13(65%)	18 (90%)	12 (60%)	19 (95%)
Casada	0 (0%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)
Dona de casa	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	(20)100%	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Na comparação entre as classes Ca (alto nível de escolaridade) e Cb (baixo nível de escolaridade), os dados apresentaram os seguintes resultados: unanimemente, os informantes da classe alta optaram por casada (10%) e os da classe baixa, por dona de casa (5%). Ambas as classes selecionaram as lexias mulher (Ca 25%) e (Cb5%) e esposa (Ca 65%) e (Cb90%). Apesar das porcentagens elevadas, o teste qui-quadrado não apontou uma diferença

estatisticamente significativa ($p= 5.0$).

Considerando a dimensão diageracional, os dados da Tabela 2 mostraram que a geração I optou por mais variantes como: mulher (25%), esposa (60%), casada (10%) e dona de casa (5%), enquanto a geração II selecionou apenas duas: mulher (5%) e esposa (95%). A geração II priorizou o termo esposa, mais que a geração I, enquanto as lexias mulher e casada apareceram mais nas respostas da geração II. Os dados comprovaram que a dimensão diageracional se mostrou significativa estatisticamente na comparação entre os dados da GI com os da GII ($P=0,032$).

Vale ressaltar que a lexia esposa foi instituída na Língua Portuguesa como sinônimo de noiva, como mencionado na ficha lexicográfica 4, porém, o sentido dessa lexia evoluiu para um significado diferente do original que institucionalizou seu significado para mulher casada oficialmente. Observou-se, durante a pesquisa, que alguns dados permitem inferir que o uso da lexia esposa confere relevância e *status* à mulher casada, o que a resguarda de certas condutas matrimoniais machistas tradicionais, além de destacar a oficialidade do casamento, enquanto a lexia mulher, referindo-se à mulher casada, carrega um certo sentido pejorativo, especificamente na região pesquisada onde tal lexia parece ser utilizada, comumente, em situações conversacionais, como: *Mulher, cadê você que sumiu? Mulher de Deus, o que foi isso?* Tais expressões, ao que parece, são utilizadas por homens e mulheres que não possuem compromissos matrimoniais oficiais. Não se pode negar, no entanto, que, em determinadas situações, pode ser necessário apresentar a esposa como “minha mulher”, o que, de certa forma, valida os usos das lexias marido e mulher, o que também não impede os homens de apresentar como “mulher” qualquer pessoa com quem se relacione, independentemente do *status* dessa relação.

Os dados analisados conduziram a uma outra inferência: os informantes com baixa escolaridade foram os que mais mencionaram a lexia esposa, o que pode reforçar a ideia de que o compromisso oficial tenha importância na comunidade pesquisada.

Para facilitar a compreensão, apresentam-se as dimensões diageracionais, diassexual e diastráticas associadas aos dados (Tabela 3).

Tabela 3 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 04.

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Mulher	3(60%)	0(0%)	2 (40%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)
Esposa	2 (40%)	5(100)	1(20%)	4(80%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	4(80%)
Casada	0(0%)	0(0%)	2 (40%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Dona de casa	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Na geração I, os homens de nível escolar elevado optaram por mulher (60%) e esposa (40%); os de nível escolar mais baixo somente optaram por esposa (100%). As mulheres de classe alta selecionaram mulher (40%), esposa (20%) e casada (40%), já as de classe baixa optaram por esposa (80%) e dona de casa (20%).

Na geração II, os homens mais escolarizados optaram 100% por esposa tal como os menos escolarizados (100%). As mulheres com nível maior de escolaridade seguiram o mesmo raciocínio dos homens e optaram 100% pela lexia esposa. Já as mulheres de menor escolaridade selecionaram as duas variantes: mulher (20%) e esposa (80%).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se no Quadro 88, a seguir, as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª coluna as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão que foram aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 88 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 04

Questão 04 - Lexia esposa					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Mulher	Esposa		
	2	Mulher	Esposa		
	3	Esposa	Minha parceira		
	4	Esposa	Não sabe		
	5	Esposa	Mulher		
	6	Esposa	Mulher		
	7	Esposa	Mulher		
	8	Mulher	Esposa		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Mulher	Esposa		
	2	Casada	Mulher	Esposa	
	3	Esposa	Mulher		
	4	Esposa	Mulher		
	5	Esposa	Companheira		
	6	Esposa	Minha Mulher		
	7	Esposa	Companheira		
	8	Esposa	Mulher		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Mulher	Esposa		
	2	Mulher	Esposa		
	3	Esposa	Patroa		
	4	Esposa	Mulher		
	5	Esposa	Cônjuge, Mulher		

	6	Esposa	Mulher		
	7	Esposa	Mulher, companheira		
	8	Esposa	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Esposa	Mulher do lar		
	2	Casada	Esposa Mulher,		
	3	Esposa	Minha companheira,		
	4	Esposa	Minha Mulher		
	5	Esposa	Minha Mulher		
	6	Esposa	Mulher		
	7	Esposa	Mulher		
	8	Esposa	Companheira		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Esposa	Mulher		
	2	Esposa	Dona, patroa		
	3	Esposa	Mulher		
	4	Dona de casa	Não sabe	Esposa	
	5	Esposa	Patroa		
	6	Esposa	Minha Mulher		
	7	Esposa	Companheira		
	8	Esposa	Mulher		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo com o Quadro 88, no PR1, 38% dos informantes (03) não responderam com a lexia esposa quando feita a pergunta, porém, no momento da insistência pelo uso de outras formas de nomeação além das solicitadas, 38% dos informantes (03) responderam, prontamente, “esposa”.

No PR 2, apenas 25% dos informantes (07) responderam lexias diferentes de esposa no momento da pergunta, porém quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% dos informantes (01) responderam esposa e 13% deles (01) responderam por mulher. Diante disso, foi sugerida a lexia esposa e 13% dos informantes (01) aceitaram a sugestão.

No PR3, somente 25% dos informantes (02) responderam à questão 4 com outras lexias que não esposa. No momento em que se insistiu para dizerem outras formas de nomeação, 25% dos informantes (02) responderam, de imediato, esposa.

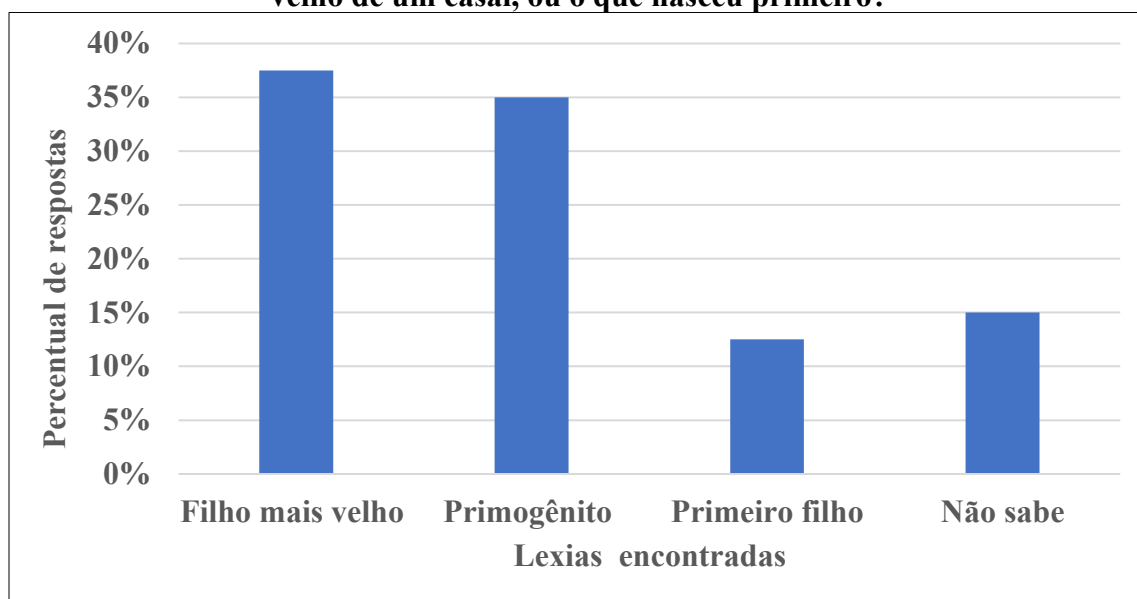
Dos informantes do PR4, apenas 13% (01) não responderam esposa à questão 4, mas com lexias diferentes. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 13% deles (01) responderam esposa.

Fato semelhante ocorreu no PR5: 13% dos informantes (01) responderam com lexias diferentes de esposa no momento da pergunta. Ao se insistir por outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) responderam, sem hesitação, esposa.

4.4.1.2 Questão 9 - Lexia complexa ‘filho mais velho’

Ao serem indagados sobre a pergunta 09 - Como se denomina o filho mais velho de um casal, ou o que nasceu primeiro? - os informantes apresentaram as seguintes denominações: filho mais velho, primogênito e primeiro filho. Dentre elas, (Gráfico 4), a variante mais recorrente foi filho mais velho, encontrada em 38% de uso (15 ocorrências), seguida de primogênito com 35% (14 ocorrências) e primeiro filho com 13% (05 ocorrências). Quinze por cento (15%) dos informantes não souberam responder.

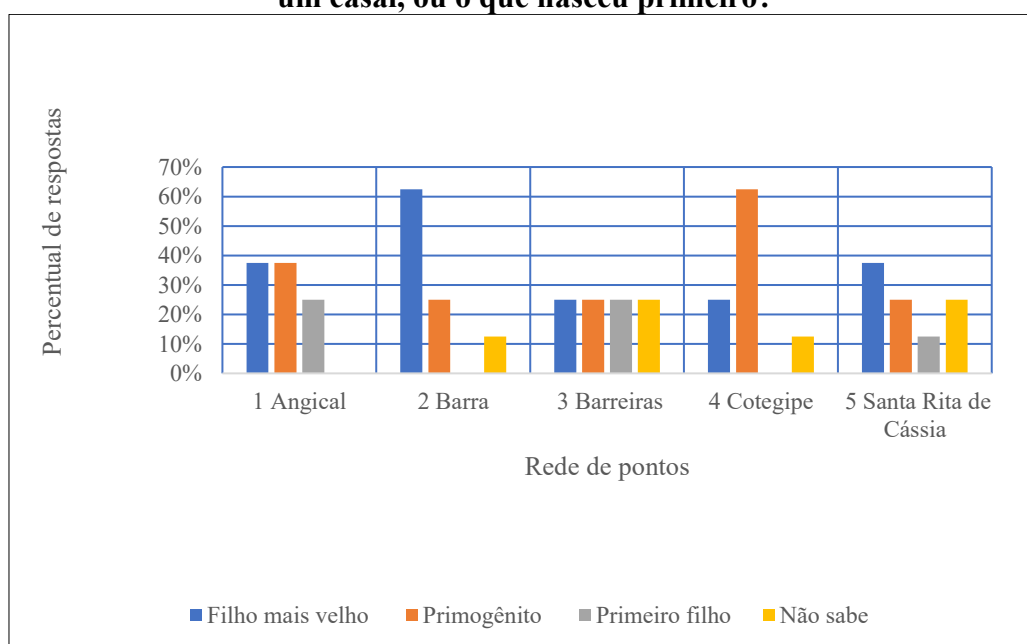
Gráfico 4 - Ocorrências das variantes para a Questão 9: Como se denomina o filho mais velho de um casal, ou o que nasceu primeiro?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que concerne à dimensão diatópica, os dados (Gráfico 5) registraram que houve uma distribuição da lexia complexa filho mais velho em toda rede de pontos investigada, porém, de forma irregular. O PR2 foi o local onde essa lexia foi mais utilizada como resposta, 63% (05 ocorrências), seguida dos PRs 1 e 5, com um percentual igual de 38% (03 ocorrências em cada) e, por fim, os PRs 3 e 4 também com um percentual igual de 25% cada um (02 ocorrências).

Gráfico 5 - Dimensão diatópica e a Questão 9: Como se denomina o filho mais velho de um casal, ou o que nasceu primeiro?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Entre os pontos de rede, onde mais se utilizou a lexia primogênito foi no PR4 com 63% (05 ocorrências); PR1 com 38% (03 ocorrências) e nos PRs 2, 3 e 5 também com o mesmo percentual de 25% cada (02 ocorrências). A lexia composta primeiro filho foi registrada nos PRs 1 e 3 com o mesmo percentual de 25% (02 ocorrências) e no PR 5, com 13% de frequência de uso (apenas 01 ocorrência). Vale ressaltar que, exceto o PR1, em todos os outros pontos de rede investigados houve registros de informantes que não souberam responder à questão 09. Nos PRs 2 e 4, observou-se 13% de frequência de uso em cada um (01 ocorrência) e nos PRs 3 e 5, 25% em cada um (02 ocorrências).

Destaca-se que, na região investigada, não houve uma forma linguística padronizada para responder à questão 09. Foi realizado o teste qui-quadrado para verificar se havia diferenças estatísticas significativas entre as respostas espontâneas dos informantes e os pontos de rede investigados, não tendo sido identificada diferença alguma, fato que se sustenta pelo valor de $p=0,6$.

Tabela 4 - Questão 09: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diasssexual, diastrática, diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Filho mais velho	7(35%)	8 (40%)	5 (25%)	10 (50%)	5 (25%)	10 (50%)
Primogênito	7(35%)	7(35%)	12 (60%)	2 (10%)	6 (30%)	8 (40%)
Primeiro filho	2(10%)	3 (15%)	1 (5%)	4 (20%)	3 (15%)	2 (10%)
Não sabe	4 (20%)	2 (10%)	2 (10%)	4 (20%)	6 (30%)	0 (0%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Os dados da Tabela 4 demonstram que a variável sexo parece não ter influenciado a seleção lexical dos informantes, uma vez que houve um equilíbrio entre a fala masculina com 35% (07 ocorrências) e a feminina com 40% (08 ocorrências), no que concerne à lexia complexa filho mais velho. Observou-se um percentual com frequência de uso de 35% (07 ocorrências) para cada sexo, em relação a lexia primogênito. A lexia composta primeiro filho também foi citada por informantes de ambos os sexos: 10% (02 ocorrências) na fala masculina e 15% (03 ocorrências) na da feminina. Outro dado interessante é que, em relação aos informantes que não souberam responder, o percentual superior ocorreu entre os homens, 20%, enquanto na fala

feminina foi a metade, 10%. O teste qui-quadrado indicou não haver diferenças estatísticas significativas entre o sexo dos informantes e as escolhas lexicais feitas para essa questão ($p=0.9$).

Os dados relacionados à dimensão diastrática (Tabela 4) indicaram que a lexia complexa filho mais velho foi mais citada pelos informantes de baixa escolaridade (50%) do que pelos de alta escolaridade (25%). Com a lexia primogênito ocorreu o inverso: os informantes que mais a citaram foram os de nível de escolaridade mais elevada, ou seja, os participantes da Ca (60%), contrapondo-se à fala dos informantes de nível de escolaridade mais baixa Cb (10%). Quanto à lexia composta primeiro filho, os informantes Cb foram os que mais a mencionaram, enquanto os informantes Ca apresentaram uma frequência de uso de 5%.

Foi também registrado o percentual de informantes que não souberam responder: Ca (10%) e Cb (20%). Os dados na tabela sugerem que, nesta questão, o nível de escolaridade dos informantes influenciou suas escolhas lexicais fato ratificado pelo teste qui-quadrado, quando evidenciou que houve diferenças estatísticas significativas entre as falas das duas classes sociais, conforme valor de $p=0,007$.

No que concerne à dimensão diageracional, os dados da Tabela 4 revelam que a lexia complexa filho mais velho foi citada com maior frequência pela geração II (50%), em comparação à geração I (25%). Tendência igual foi observada com a lexia primogênito, também citada com mais frequência pela geração II (40%), e 30% pela geração I. Já a lexia primeiro filho foi mais utilizada pela geração I (15%) do que pela geração II (10%). Apenas informantes da geração I (30%) não souberam responder à questão. Os dados da Tabela 4 comprovam que a faixa etária dos informantes influenciou a seleção lexical para as respostas espontâneas, conclusão ratificada pelo teste qui-quadrado ($p=0.036$).

Para complementar as informações, a Tabela 5 mostra que os homens da geração I, tanto do nível de escolaridade alto quanto do baixo, obtiveram o mesmo percentual de uso da lexia complexa filho mais velho (20%), o que revela a neutralidade da dimensão diastrática neste grupo. Entre as mulheres da classe alta da geração I, houve 40% de frequência de uso dessa mesma lexia, enquanto as informantes de classe baixa apresentaram apenas 20%. A unidade lexical primogênito foi mencionada somente por homens de alto nível de escolaridade (60%). Entre os que não souberam responder à pergunta, identificaram-se 20% de homens com alta escolaridade e 60% de baixa escolaridade.

Tabela 5 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 09

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Filho mais velho	1 (20%)	1 (20%)	2(40%)	1 (20%)	1(20%)	4 (80%)	1 (20%)	4 (80%)
Primogênito	3 (60%)	0 (0%)	1(20%)	2 (40%)	4(80%)	0 (0%)	4(80%)	0 (0%)
Primeiro filho	0 (0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0 (0%)	1(20%)	0 (0%)	1 (20%)
Não sabe	1 (20%)	3 (60%)	1 (20%)	1(20%)	0 (0%)	0 (0%)	0(0%)	0 (0%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As mulheres de alta escolaridade do GI optaram por “filho mais velho” (40%), enquanto os homens de baixa escolaridade apresentaram 20% de frequência de uso para a mesma lexia. Já com a lexia primogênito ocorreu o inverso: as mulheres de baixa escolaridade a citaram com maior frequência (40%) em comparação às mulheres de alta escolaridade (20%). Tanto as mulheres Ca como as mulheres Cb não souberam responder à questão, e apresentaram a mesma frequência de uso de 20%.

Vale ressaltar que, na geração II, em relação à lexia complexa filho mais velho, tanto os homens quanto as mulheres apresentaram a mesma frequência de uso: homens e mulheres de alta escolaridade (20%) e homens e mulheres com baixa escolaridade (80%). Algo semelhante ocorreu com homens e mulheres com alta escolaridade que optaram pela lexia primogênito com a mesma frequência de uso (80%). Apenas os homens e as mulheres de baixa escolaridade selecionaram “primeiro filho” com a mesma frequência de uso (20%).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, apresentam-se no Quadro 89, a seguir, as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e aquelas não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 89 - Respostas por insistência e por sugestão à questão 09

Questão 09 – Lexia filho mais velho					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Primogênito	Filho mais velho, herdeiro		
	2	Primeiro filho	Filho mais velho, herdeiro		
	3	Filho mais velho	Herdeiro		
	4	Primeiro filho	Filho mais velho		
	5	Primogênito	Filho mais velho		
	6	Primogênito	Filho mais velho		
	7	Filho mais velho	Herdeiro		
	8	Filho mais velho	Herdeiro		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Filho mais velho	Não sabe		
	2	Filho mais velho	Não sabe		
	3	Não sabe	Não sabe	Filho mais velho	
	4	Filho mais velho	Não sabe		
	5	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	6	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	7	Filho mais velho	Não sabe		
	8	Filho mais velho	Não sabe		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Não sabe	Não sabe	Filho mais velho	
	2	Não sabe	Não sabe	Filho mais velho	
	3	Primeiro filho	Não sabe	Filho mais velho	
	4	Primogênito	Filho mais velho		
	5	Filho mais velho	Meu primeiro Filho		

Barreiras	6	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	7	Filho mais velho	Não sabe		
	8	Primeiro filho	Não sabe	Filho mais velho	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	2	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	3	Não sabe	Não sabe	Filho mais velho	
	4	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	5	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	6	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	7	Filho mais velho	Não sabe		
	8	Filho mais velho	Não sabe		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	2	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	3	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	4	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	5	Primogênito	Filho mais velho		
	6	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	7	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	
	8	Primogênito	Não sabe	Filho mais velho	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No PR1, apenas 38% dos informantes (03) responderam à questão 5 com a lexia complexa filho mais velho e 63% utilizaram lexias diferentes no momento da pergunta. Porém, no momento da insistência por novas formas de nomeação do que foi solicitado, 63% dos informantes (05) mencionaram “filho mais velho”.

Nos PR 2, apenas 25% dos informantes (02) responderam lexias diferentes de filho mais velho e 13% (01) não souberam responder no momento da pergunta. Porém, quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 25% dos informantes (02) não souberam responder. Assim, foi instituída a lexia filho mais velho por sugestão e 38% dos informantes (03) ratificaram o conhecimento dessa lexia complexa.

Dos informantes do PR3, 40%, ou seja, quatro informantes, responderam com lexias diferentes de filho mais velho e dois não souberam responder. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) citaram filho mais velho e meu primeiro filho, enquanto 75% deles (06) não responderam. No momento em que houve a sugestão da lexia complexa filho mais velho, 63% dos informantes (05) aceitaram a sugestão.

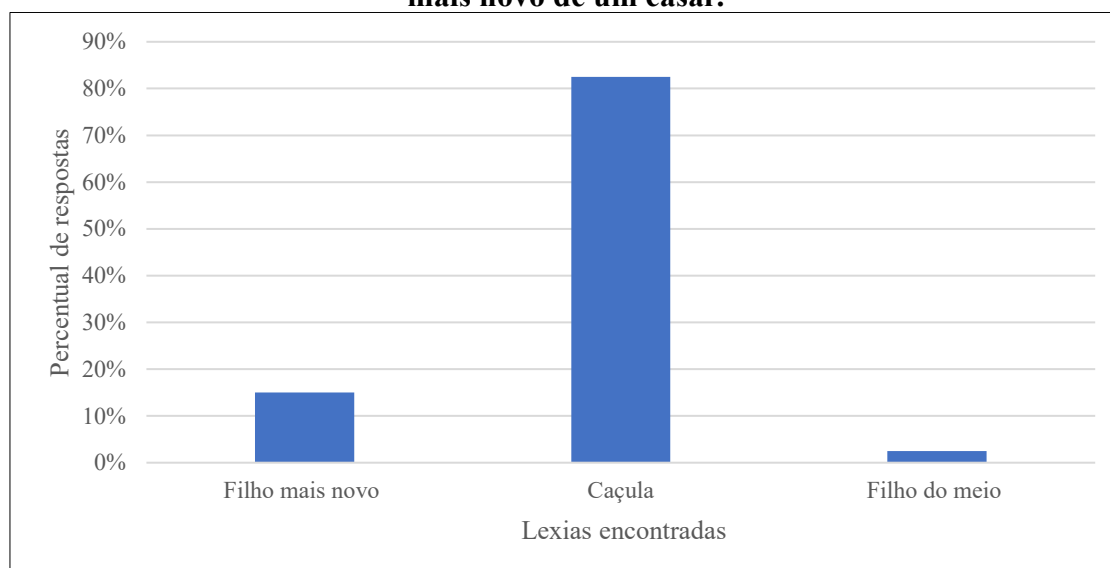
No PR4, 25% dos informantes (02) responderam filho mais velho, 63% escolheram primogênito e 13% (01) não souberam responder. No momento da insistência por outras formas de nomeação, 75% dos informantes (06) não souberam responder. Assim, foi sugerida a lexia filho mais velho e 75% dos informantes (06) aceitaram a sugestão e ratificaram que conheciam a lexia proposta. No PR5, 100% dos informantes (08) responderam primogênito. Ao insistir por outras formas de nomeação, apenas 13% dos informantes (01) responderam filho mais velho e 88% não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia complexa filho mais velho, tendo 88% dos informantes aceitado a sugestão.

4.4.1.3 Questão 10 – Lexia complexa ‘filho mais novo’

Como respostas espontâneas à questão 10, foram obtidas as seguintes variantes: filho mais novo, caçula e filho do meio (Gráfico 6). A lexia mais recorrente foi caçula com 83% de uso (33 ocorrências), seguida por “filho mais novo” (15%) com 06 ocorrências e filho do meio (3%), 01 ocorrência.

A lexia caçula é de origem Quimbundo, língua africana falada em Angola. Pode ser considerada um empréstimo lexical adquirido por meio dos escravizados angolanos, durante a colonização do Brasil, mas, que, hoje, faz parte do repertório linguístico, tendo sido estabelecida como norma linguística da região oeste da Bahia. Para Thun (2009), caçula é um caso de afrolusismo totalmente incorporado ao Português Brasileiro.

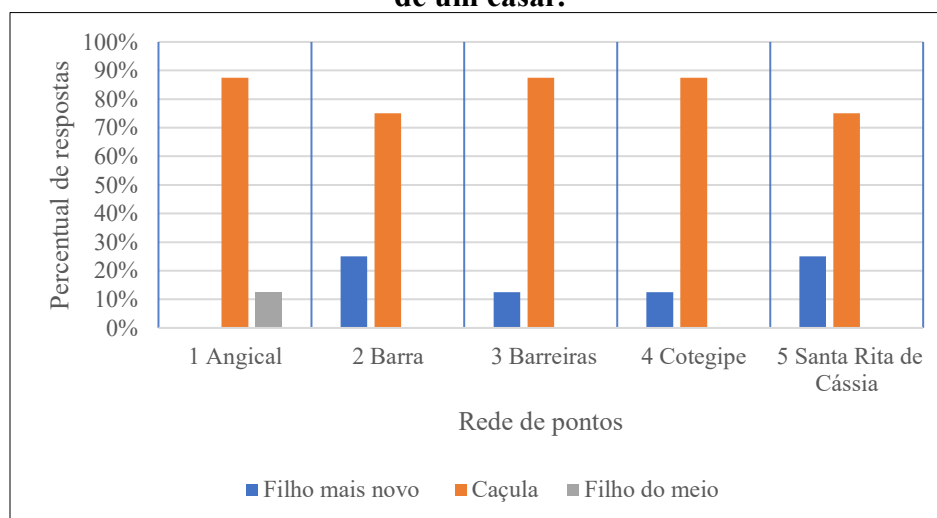
Gráfico 6 - Ocorrências das variantes para a Questão 10: Como se denomina o filho mais novo de um casal?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em relação à distribuição diatópica, o Gráfico 7, a seguir, aponta as variantes para a nomeação de “filho mais novo” em cada ponto de rede investigado, e, neles, foi registrada a lexia caçula em distribuição regular. No PR1, PR3 e PR4 foi observado o mesmo percentual de uso de 88% (07 ocorrências em cada local); já no PR2 e PR4, o percentual de uso foi o mesmo, 75% (06 ocorrências) em cada ponto. A lexia complexa filho mais novo foi registrada em 4 pontos de rede investigados: PR2 e PR5, com o mesmo percentual de 25% de frequência (02 ocorrências em cada ponto) e no PR3 e PR4, 13% (01 ocorrência em cada ponto). Apenas no PR1 foi registrada a lexia complexa filho do meio.

Gráfico 7 - A dimensão diatópica e a Questão 10: Como se denomina o filho mais novo de um casal?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados da Tabela 6, na sequência, demonstram que a lexia caçula foi citada tanto por homens (90%), quanto pelas mulheres (75%). Isso também ocorre com a lexia complexa filho mais novo: 10% dos homens e 20% das mulheres a mencionaram. A lexia complexa filho do meio foi usada exclusivamente por mulheres (5%). Ressalte-se que as mulheres apresentaram mais variantes. Apesar da porcentagem considerável de uso dessa lexia por ambos os sexos, especificamente em relação à lexia caçula, estatisticamente, fica comprovado que a dimensão diassexual não influenciou a escolha das variantes mencionadas anteriormente.

Tabela 6 - Questão 10: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia, conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Filho mais novo	2 (10%)	4 (20%)	3(15%)	3(15%)	0 (0%)	6 (30%)
Caçula	18(90%)	15(75%)	16(80%)	17(85%)	19(95%)	14(70%)
Filho do meio	0 (%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Tabela 7 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 10.

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Filho mais novo	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	2(40%)	2(40%)
Caçula	5(100%)	5(100%)	4(80%)	5(100%)	4(80%)	4(80%)	3(60%)	3(60%)
Filho do meio	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0 (0%)	0 (0%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados da Tabela 7 permitem observar que os informantes de alta escolaridade optaram por lexias complexas mais formais como filho mais novo (15%), filho do meio (5%), mas a preferência geral foi por uma lexia mais usual, no dizer de Thun (2009), ou mais acessível a todos: caçula.

Os informantes de baixa escolaridade optaram por duas variantes: filho do meio (5%) e caçula com um uso expressivo (95%). Esses percentuais permitem deduzir que a dimensão diastrática não influenciou a escolha das lexias dos informantes. A diferença das distribuições das ocorrências entre as classes sociais não foi estatisticamente significativa. Isso quer dizer que, em que pese a diferença numérica, não há diferença estatística ($p \geq 0.9$).

Na perspectiva diageracional, a maioria dos informantes das gerações I e II utilizaram caçula para se referir ao filho mais novo. No entanto, a geração II diversificou mais as variantes: 30% usaram a lexia complexa filho mais novo, mas, não usaram, de forma alguma, a lexia filho do meio. Já a geração I foi quase unânime no uso de “caçula” (95%), porque apenas 5% responderam “filho do meio”. O teste do qui-quadrado indicou diferença significativa entre os grupos Ca e Cb ($p=0,021$), sugerindo que mudanças geracionais influenciaram o vocabulário utilizado.

De forma pluridimensional, as dimensões diageracional, diassexual e diastrática foram cruzadas para propiciar um melhor entendimento (Tabela 40). Na geração I, tanto os homens mais jovens, com alta escolaridade, quanto os de baixa escolaridade optaram 100% pela lexia caçula, demonstrando que a dimensão diastrática não interferiu na escolha da lexia. As mulheres de classe alta desta mesma geração I optaram por duas variantes: caçula (80%) e filho do meio (20%), e as mulheres de classe baixa também foram unânimes em utilizar (100%) a lexia caçula. Vale ressaltar que nenhum informante da geração I utilizou a lexia complexa filho mais novo.

Na geração II, tanto os homens idosos de escolaridade alta, quanto os de escolaridade baixa, optaram por duas variantes: caçula (80%) e filho mais novo (20%). As mulheres de alta e baixa escolaridade (GII) também escolheram duas variantes com os mesmos percentuais cada uma: caçula (60%) e filho mais novo (40%).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, ilustram-se, no Quadro 90, a seguir, as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª coluna as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA).

Quadro 90 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 10

Questão 10 – filho mais novo					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Caçula	Rapa de tacho	Filho mais novo	
	2	Filho do meio	Caçula	Filho mais novo	
	3	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	4	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	5	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	6	Caçula	Caçulinha da Mãe	Filho mais novo	
	7	Caçula	Caçula da Família	Filho mais novo	
	8	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	2	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	3	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	4	Caçula	Filho mais novo		
	5	Filho mais novo	Não sabe		
	6	Caçula	Meu bebê	Filho mais novo	
	7	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	8	Filho mais novo	Não sabe		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	2	Caçula	Caçulinha	Filho mais novo	
	3	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	4	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	5	Caçula	Meu Filho mais novo		

Barreiras	6	Filho mais novo	Caçula		
	7	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	8	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	2	Caçula	Caçulinha	Filho mais novo	
	3	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	4	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	5	Caçula	Filho mais novo		
	6	Caçula	Caçula		
	7	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	8	Filho mais novo	Não sabe	Filho mais novo	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	2	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	3	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	4	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	
	5	Caçula	Filho mais novo		
	6	Filho mais novo	Não sabe		
	7	Filho mais novo	Não sabe		
	8	Caçula	Não sabe	Filho mais novo	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Consoante o Quadro 90, no PR1, 100% dos informantes (08) não responderam a lexia complexa filho mais novo no momento da pergunta, porém diante da insistência por novas formas de nomeação do que foi solicitado, 50% dos informantes (04) não souberam responder e os outros 50% responderam lexias diferentes de filho mais novo. Diante disso, foi sugerida a lexia complexa filho mais novo e 100% dos informantes (08) aceitaram a sugestão.

No PR 2, 75% dos informantes (06) responderam lexias diferentes de filho mais novo quando perguntados. Porém, quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% deles (01) responderam filho mais novo e 63% (05) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia complexa filho mais novo, e 63% dos informantes (05) aceitaram a sugestão.

No PR3, 88% dos informantes (07) responderam à questão 56, com uma lexia diferente de filho mais novo. No momento da insistência por outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) responderam filho mais novo e 13% (01) responderam Caçulinha, e 63% (5) não souberam responder. A seguir, sugeriu-se a lexia complexa filho mais novo; 75% dos informantes (06) aceitaram a sugestão.

Dos informantes do PR4, 88%, (07) responderam à questão 10 com uma lexia diferente de filho mais novo. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) responderam filho mais novo, 25% (02) com lexias diferentes e 50% (04) não souberam responder. No momento, em que se deu a sugestão da lexia complexa filho mais novo, 75% dos informantes (06) aceitaram a sugestão.

No PR5, 75% dos informantes (06) responderam com uma lexia diferente de filho mais novo no momento da pergunta. Ao se insistir por outras formas de nomeação, 63% (05) não souberam responder e 13%(01) disseram filho mais novo. Diante disso, foi sugerida a lexia complexa filho mais novo e 63% dos informantes (05) aceitaram a sugestão.

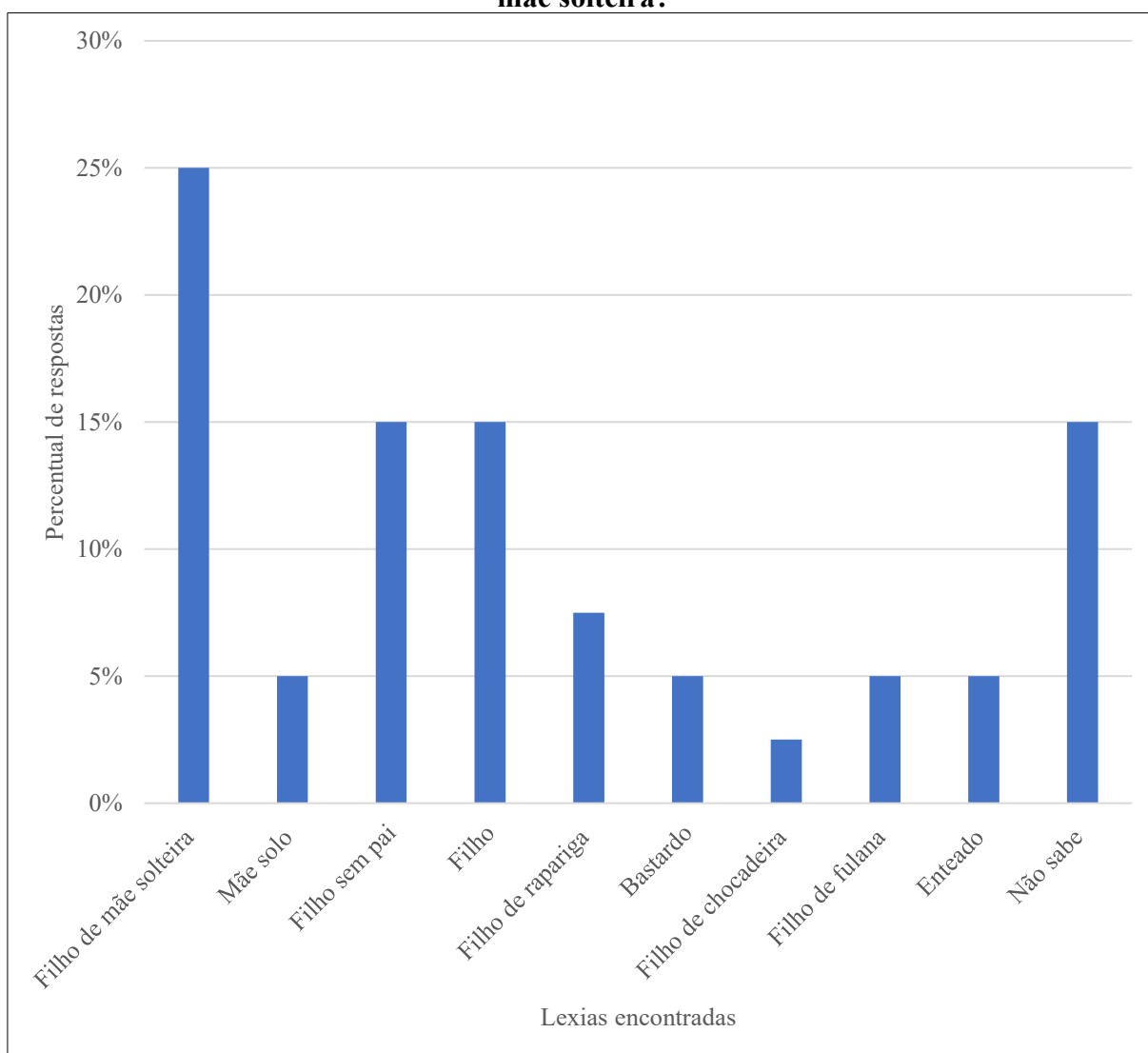
4.4.1.4 Questão 11 – Lexia complexa ‘filho de mãe solteira’

Como respostas espontâneas à questão 11 - Como se denomina o filho de mãe solteira? - foram obtidas as seguintes variantes: filho de mãe solteira, filho sem pai, filho, filho de rapariga, mãe solo, bastardo, filho de fulana, enteado (Gráfico 8). Dentre essas, a variante de maior ocorrência foi a lexia complexa filho de mãe solteira, identificada em 25 % das respostas (10 ocorrências), seguida de filho sem pai, filho. Não souberam responder 15%; filho de rapariga, com 8% (03 ocorrências); mãe solo, bastardo, filho de fulana e enteado com o mesmo percentual de 5% (02 ocorrências cada); e, por fim, filho de chocadeira com 3% (01 ocorrência).

Vale ressaltar que apenas no TLPGP encontrou-se o registro da lexia complexa *fillo de nai* como entrada. Nas abonações há a explicação de ser essa a expressão usada para *fillo de nai solteira*. No Português Brasileiro, filho de mãe solteira. Na região oeste da Bahia não foi registrada a lexia complexa filho de moça solteira e nem filho de solteira. Talvez, pelo fato de a lexia moça estar associada, ainda hoje, na região investigada, à mulher virgem, que não iniciou sua vida sexual. Sendo assim, ela não pode ser mãe.

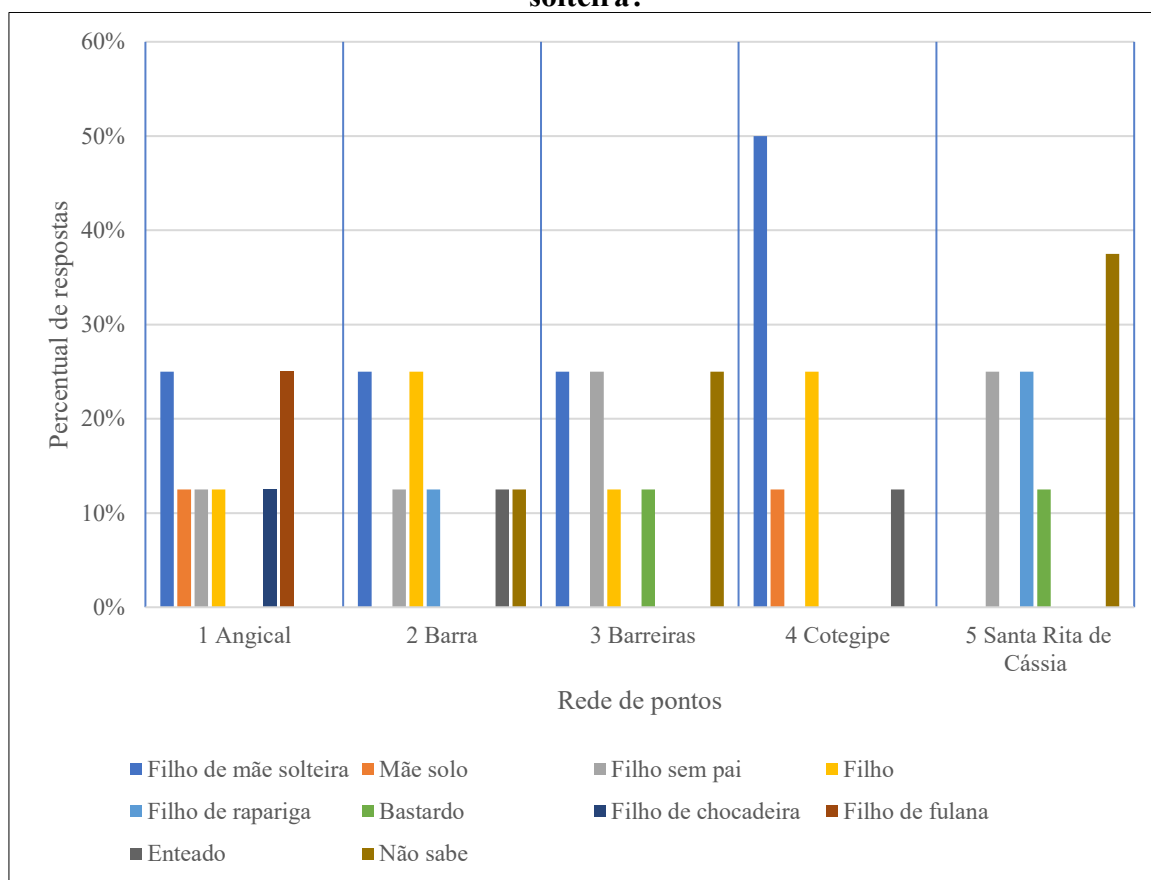
Com o registro de diversas variantes, observou-se que houve uma heterogeneidade lexical que pode estar apontando ou para um julgamento moral, ou a informalidade no uso do vocabulário.

Gráfico 8 - Ocorrências das variantes para a Questão 11: Como se denomina o filho de mãe solteira?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Gráfico 9 - A dimensão diatópica e a Questão 11: Como se denomina o filho de mãe solteira?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Considerando a dimensão diatópica, o Gráfico 9 contempla variantes expressas como respostas espontâneas à questão 11, em cada ponto de rede pesquisado. A variante de maior frequência, conforme revelam os dados, foi a lexia complexa filho de mãe solteira. Não houve uma distribuição regular dessa lexia complexa, visto que não foi registrada no PR5. Nos PR1, PR2, PR3, observou-se o mesmo percentual de 25% (02 ocorrências em cada); no PR4, o uso foi de 50% (04 ocorrências). Houve uma variedade considerável de variantes nos pontos de rede, tal como no PR1: além de filho de mãe solteira, foram observados mãe solo, filho sem pai, filho, filho de chocadeira, todas com a mesma frequência de uso 13% (01 ocorrência de cada) e filho de fulana, 25% (02 ocorrências).

Observou-se, ainda, no PR2 a lexia filho, com 25% de uso (02 ocorrências) e filho sem pai, filho de rapariga e enteado, com o mesmo percentual de 13% (01 ocorrência de cada). Também entre os informantes do PR2, registrou-se que 13% não souberam responder ou não se lembraram da resposta. Já no PR3 (Barreiras), foram registradas mais três variantes: além de filho de mãe solteira, filho sem pai, com 25% (02 ocorrências), filho e bastardo com o mesmo percentual, 13% (01 ocorrência de cada).

No PR4, filho com 25% (02 ocorrências), e mãe solo e enteado com 13% (01 ocorrência de cada). Entre os informantes do PR4, 25% não souberam responder. Por último, no PR5, foram registradas as lexias complexas filho sem pai e filho de rapariga, com percentual idêntico, 25% (02 ocorrências de cada), bastardo com 13% (01 ocorrência) e a maior porcentagem foi a de informantes que não souberam responder (38%). Conforme o teste qui-quadrado aplicado, não houve influência da dimensão diatópica na escolha lexical relacionada à questão 11 ($p=0.3$).

Durante as entrevistas, essa pergunta causou constrangimento a alguns participantes, possivelmente, pelo estigma que a lexia complexa filho de mãe solteira e suas variantes ainda carregam, o que pode justificar a ausência de respostas dos muitos participantes no primeiro momento de coleta de dados: o perguntar.

Tabela 8 - Questão 11: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Filho de mãe solteira	5 (25%)	5 (25%)	3 (15%)	7 (35%)	3 (15%)	7 (35%)
Mãe solo	0 (0%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0, %)	2 (10%)	0 (0%)
Filho sem pai	3 (15%)	3 (15%)	3 (15%)	3 (15%)	1 (5%)	5 (25%)
Filho	3 (15%)	3 (15%)	3 (15%)	3 (15%)	4 (20%)	2 (10%)
Filho de rapariga	1 (5%)	2 (10%)	2 (10%)	1 (5%)	2 (10%)	1 (5%)
Bastardo	0 (0%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)
Filho de chocadeira	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1(5%)	1 (5%)	0 (0%)
Filho de fulana	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)
Enteado	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0%)
Não sabe	4 (20%)	2(10%)	3 (15,0%)	3 (15%)	5 (25%)	1 (5%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Em relação à dimensão diassexual, os dados da Tabela anterior permitem deduzir que essa dimensão não influenciou o uso da lexia complexa filho de mãe solteira, uma vez que houve um equilíbrio de uso nas falas. Dos participantes do sexo masculino e do sexo feminino,

25% de ambos optaram por essa lexia. Filho de chocadeira (5%) e enteado (10%) foram lexias usadas especificamente pelos homens – sinal de preconceito, talvez. Já as mulheres utilizaram exclusivamente as lexias mãe solo (10%) e bastardo (10%) – talvez, desconhecimento da Lei – da Constituição do Brasil/1988 que extinguiu o termo bastardo.

As seguintes lexias foram proferidas por ambos os sexos: filho sem pai, homens e mulheres atingiram o mesmo percentual, 15%; filho de rapariga: homens (5%) e mulheres (10%); filho de fulana (5%) homens e mulheres. Alguns informantes não souberam responder: homens (20%) e mulheres (10%). Segundo o teste qui-quadrado, não houve diferenças estatisticamente significativas ($p=0,7$).

Os dados na Tabela 8 demonstram a relação entre os níveis alto e baixo de escolaridade (dimensão distrática) da seguinte forma: somente os informantes Ca utilizaram mãe solo, bastardo e filho de fulana (10% cada). Uma possível explicação para o uso de mãe solo pode ser a amenização do caráter pejorativo (Finamori; Batista, 2022), advindos das lexias bastardo e filho de fulana em função da recorrência da lexia mãe solo nas redes sociais em situações que demonstram empoderamento da mulher que cria sozinha os filhos. E, ainda, devido ao fato de que no Código Civil (Lei nº 10.406/2002 Art.1.596) não mais acata o antigo sentido da palavra bastardo.

Bastardo, lexia datada de 1383, que significa filho adulterino (Houaiss; Villar; Franco, 2025) leva a sociedade a condenar a mulher por violar a regra de ter um filho que não foi assumido, afetiva ou legalmente, pelo pai, como se a responsabilidade pela concepção fosse somente da mãe.

Utilizada a lexia composta mãe solo, podem-se inferir duas causas: ou que a mulher, fazendo jus à sua autonomia, tenha optado por uma produção independente, ou que a mulher, por sua livre escolha, decide criar o filho sozinha, sem a participação do pai, caso de separações e divórcios amigáveis nos quais acordos são firmados.

Já a lexia composta filho de fulana proferida por dois informantes, sugere que não se quer designar a mãe com com adjetivos pejorativos, mas nomear a mãe daquele filho como em filho de Maria, filho de Josefa para não se referir à mãe solteira.

De uso exclusivo da classe de baixa escolaridade, as lexias enteado (10%) e filho de chocadeira (5%) foram usadas. Infere-se não ter havido compreensão necessária da questão para a resposta enteado dada a significação que tal lexia encerra. Filho de chocadeira é uma lexia que sugere uma aceção pejorativa à mulher uma vez que ressalta somente a função de procriar.

As seguintes lexias foram ditas por ambas as classes:

- a) filho de mãe solteira, (35% Ca e (15%, Cb);
- b) filho sem pai (15% cada classe);
- c) filho (15% cada classe);
- d) filho de rapariga (10% Ca e 5% Cb); e os informantes que não responderam ou não souberam responder 15% para cada classe).

Vale ressaltar que essa questão foi uma das mais constrangedoras para os informantes. Uma informante (CaGI) fez o seguinte comentário metalinguístico: “Oxe! Filho de mãe solteira? Ele é filho, filho, filho. Pra mim que não tem que dar nome específico mesmo não. Ele é filho, ele tem uma mãe”. Neste contexto, observou-se uma filha fazendo jus ao fato de ter uma mãe que cuidou muito bem dela sem ter o pai presente.

A lexia composta filho de mãe solteira denota uma depreciação da mãe, uma vez que mãe não pode ser definida pelo estado civil (Mães, [...], 2016), e filho de rapariga pode ser observada como mais uma depreciação imposta à mulher. De acordo Houaiss, Villar e Franco, (2025) rapariga é a mulher que se prostitui para viver; meretriz, prostituta. Por esse raciocínio, filho de rapariga significa filho de prostituta, meretriz. Assim, palavras como

prostituta [...], meretriz, rapariga, puta, entre outras, acabam referenciando mulheres que fazem sexo por dinheiro, tornando-as erotizadas e sacrílegas, e por isso devem ser evitadas, mantidas longe, ou seja, passam à condição de tabus, tanto a pessoa quanto a sua referência nominal (Lavor; Viana; Araújo; 2023, p.3).

Vale lembrar que a lexia rapariga, no português de Portugal, não tem o sentido que tem no português brasileiro. Em terras lusas rapariga significa tão somente moça, jovem, menina.

A lexia complexa filho sem pai pode seguir este mesmo raciocínio: a mãe com dificuldades na identificação paterna, seja por desconhecimento, seja por manter sigilo relacionado a outras questões, silencia neste quesito e o filho passa a ser sem pai. E, por último, pode ser o constrangimento a causa de alguns informantes não responderem à questão proposta, totalizando 15% de cada classe social. O teste do qui-quadrado não indicou diferença significativa entre os grupos Ca e Cb ($p=0,4$), mostrando que as classes de alta e baixa escolaridade têm igualmente a lexia em seu vocabulário.

Ao comparar a geração I com a geração II, os dados (Tabela 8) permitiram as seguintes observações: as lexias mãe solo (10%), filho de chocadeira (5%) e enteado (10%) só foram

citadas pela geração I, além de essa geração ser responsável pela maior porcentagem de informantes que não souberam responder (25%). A geração II utilizou exclusivamente as lexias bastardo (10%) e filha de fulana (10%). As lexias comuns às duas gerações foram filho de mãe solteira, com 35% de uso pela geração II e 15% pela geração I; filho sem pai, 5% de uso pela G I e 25% pela GII; filho com 10% de uso pela GII e 20% pela GI; filho de rapariga, com 10% de uso pela GI e 5% pela GII. Aqueles que não souberam responder somaram 25% da GI e 5% da GII.

Foi possível observar que, excetuando a lexia filho, todas as outras utilizadas tanto pela geração I, quanto pela geração II podem ser enquadradas no disfemismo, ou seja, lexias “depreciativas, ridículas, sarcásticas ou chulas, em lugar de outra palavra ou expressão neutra ” (Houaiss; Villar; Franco, 2025). Foi possível também observar que a geração I não tende a valorizar denominação específica para filho de mãe solteira, pois 20% dessa geração responderam filho e 25% não souberam responder. A diferença na distribuição das lexias em gerações foi estatisticamente significativa ($p=0,048$), sugerindo que as representações linguísticas da filiação sem paternidade reconhecida variam conforme grupo geracional. Ressalte-se que a lexia mãe solo é contemporânea, mas a lexia complexa filho de chocadeira existe há décadas no português do Brasil (pelo menos desde meados do século XX). A ideia vem das aves de granja, que nascem de chocadeiras elétricas, sem o cuidado direto de uma mãe. No entanto, ainda é usada hoje, especialmente de forma popular, irônica ou humorística, e continua viva na linguagem coloquial.

A título de informação, as dimensões diageracional, diassexual e diastrática foram cruzadas pluridimensionalmente para uma melhor compreensão dos dados (Tabela 9). Na geração I, tanto os homens mais jovens de alta escolaridade como os de baixa escolaridade optaram pela lexia complexa filho de mãe solteira (20% cada). Nenhum dos informantes com as características supracitadas optaram pelas unidades lexicais mãe solo, filho sem pai, bastardo e filho de fulana. Somente os homens de alta escolaridade optaram por filho (20%) e não souberam responder (60%). Os homens de baixa escolaridade da geração I optaram por filho de rapariga (20%), filho de chocadeira (20%), e enteado (40%).

Tabela 9 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 11

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Filho de mãe solteira	1(20%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	2(40%)	1(20%)	3(60%)
Mãe solo	0(0%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Filho sem pai	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	2(40%)	1(20%)	0(0%)	2(40%)
Filho	1(20%)	0(0%)	1(20%)	2(40%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Filho de rapariga	0(0%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Bastardo	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)
Filho de chocadeira	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Filho de fulana	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Enteado	0(0%)	2(40%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Não sabe	3(60%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Em relação às mulheres da geração I de nível alto e baixo de escolaridade, foi observado que a única lexia selecionada por elas foi filho, CaGI (20%) e CbGI (40%). Somente as mulheres CaGI, escolheram mãe solo (40%), filho sem pai e filho de rapariga (20% cada), enquanto as mulheres CbGI, escolheram filho de mãe solteira (20%) e 40% não souberam responder.

As lexias comuns aos homens da CaGII e CbGII foram filho de mãe solteira (20%Ca e 40% Cb), filho sem pai (Ca 40% e Cb 20%) e filho, com o mesmo percentual para as duas classes (20%). Somente os homens CaGII citaram filho de fulana (20%) e 20% dos homens CbGII não souberam responder.

A única lexia comum às mulheres CaGII e CbGII foi filho de mãe solteira (Ca 20% e Cb60%). Apenas as mulheres CaGII disseram filho de rapariga (20%), bastardo (40%) e filho de fulana (20%), enquanto as mulheres CbGII optaram por filho sem pai (40%).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontânea, descreve-se a seguir, no Quadro 91, as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 91 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 11

Questão 11 – Lexia Filho de mãe solteira					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Filho de mãe solteira	Bastardo		
	2	Mãe solo	Filho sem Pai	Filho de Mãe solteira	
	3	Filho de chocadeira	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	4	Filho de mãe solteira	Não sabe		
	5	Filho de Fulana	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	6	Filho de Fulana	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	7	Filho	Só Filho	Filho de Mãe solteira	
	8	Filho sem pai	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Não sabe	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	2	Filho sem pai	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	3	Enteado	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	4	Filho	Filho de Mãe solteira		
	5	Filho	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	6	Filho de rapariga	Bastardo	Filho de Mãe solteira	
	7	Filho de mãe solteira	Não sabe		
	8	Filho de mãe solteira	Não sabe		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Não sabe	Não sabe	Filho de mãe solteira	
	2	Filho	Não sabe	Filho de mãe solteira	
	3	Filho de mãe solteira	Filho de puta		
	4	Não sabe	Filho	Filho de mãe solteira	
	5	Filho sem pai	Filho de Mãe solteira		
	6	Bastardo	Não sabe	Filho de mãe solteira	
	7	Filho sem pai	Não sabe	Filho de mãe solteira	
	8	Filho de mãe solteira	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Filho	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	2	Mãe solo	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	3	Enteado	Não sabe	Filho de Mãe solteira	

Cotegipe	4	Filho	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	5	Filho de mãe solteira	Bastardo		
	6	Filho de mãe solteira	Não sabe		
	7	Filho de mãe solteira	Não sabe		
	8	Filho de mãe solteira	Não sabe		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Não sabe	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	2	Filho de rapariga	Filho de Mãe solteira		
	3	Filho de rapariga	Filho de puta	Filho de Mãe solteira	
	4	Não sabe	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	5	Filho sem pai	Filho de Mãe solteira		
	6	Bastardo	Não sabe	Filho de mãe solteira	
	7	Não sabe	Não sabe	Filho de Mãe solteira	
	8				
		Filho sem pai	Não sabe	Filho de Mãe solteira	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme o Quadro 91, no PR1, 75% dos informantes (06) não responderam a lexia complexa filho de mãe solteira no momento da pergunta, porém quando da insistência por novas formas de nomeação do que foi solicitado, 25% (02) responderam com lexias diferentes de filho de mãe solteira e 50% não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia complexa filho de mãe solteira e 75% dos informantes (06) aceitaram a sugestão.

No PR 2, 63% dos informantes (05) responderam lexias diferentes de filho de mãe de solteira e 13% dos informantes (01) não souberam responder no momento da pergunta, porém quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% deles (01) responderam filho de mãe solteira, 13% (01) responderam bastardo e 50% dos informantes não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia complexa filho de mãe solteira e 63% dos informantes (05) aceitaram a sugestão.

No PR3, 50% dos informantes (04) responderam à questão 11 com lexias diferentes de filho de mãe solteira e 25% deles (02) não souberam responder, quando indagados. No momento da insistência por outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) responderam filho de mãe solteira, 13% (01) responderam filho e 50% deles (4) não souberam responder. Foi sugerida, então, a lexia complexa filho de mãe solteira, aceita por 40% dos informantes (04) e rejeitada por 13% (01)/ deles.

No PR4, 50%, dos informantes (04) responderam à questão 11 com lexias diferentes de filho de mãe solteira, quando perguntados. Quando foram instigados a indicar outras formas de nomeação, 50% dos informantes (04) não souberam responder. No momento em que se sugeriu a lexia complexa filho de mãe solteira, 50% dos informantes (04) aceitaram a sugestão.

No PR5, 63% dos informantes (05) responderam com lexias diferentes de filho de mãe solteira e 38% (03) não souberam responder no momento da pergunta. Ao se insistir para citarem outras formas de nomeação, 63% deles (05) não souberam responder, 25% (02) disseram filho de mãe solteira e 13% (01) responderam filho de puta. Diante disso, foi sugerida a lexia complexa filho de mãe solteira, aceita por 63% dos informantes (05) e rejeitada por 13% (01).

A esta altura, e diante das respostas obtidas nos dados coletados e analisadas, vale esclarecer que há base legal no Brasil proibindo a distinção entre tipos de filhos. É o que determina a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/1988), em seu Art. 227, § 6º, quando propugna: “Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação” (Brasil, [2025]).

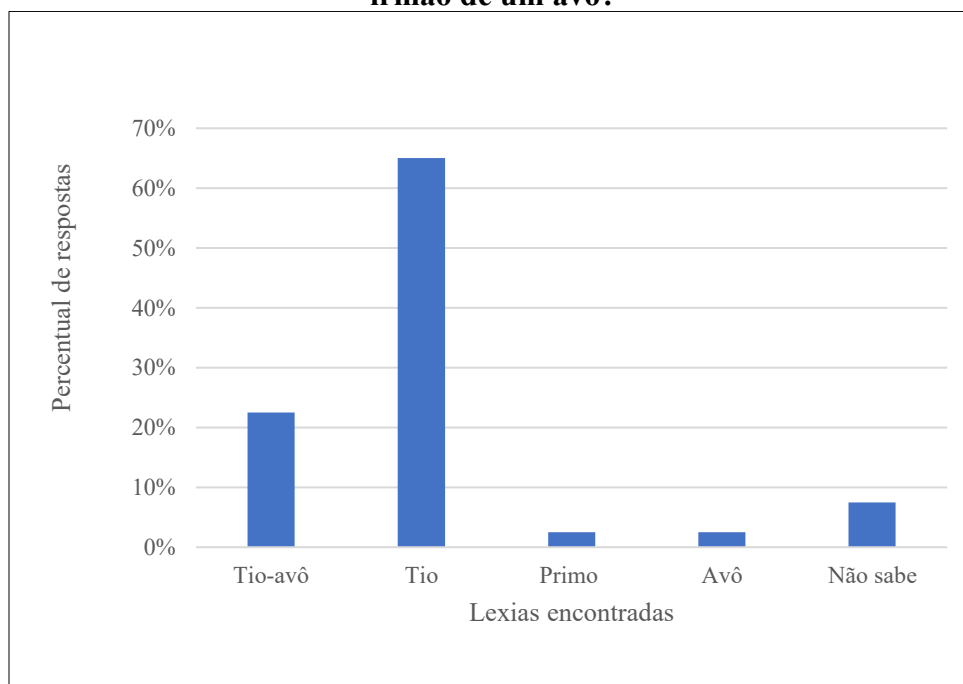
Esse artigo constitucional acabou com toda distinção entre as citadas lexias: filhos “legítimos” (de casamento), “ilegítimos” (fora do casamento), e os chamados “bastardos” (termo hoje considerado pejorativo). Isso também se confirma no Código Civil (Lei nº 10.406/2002), Art.1.596, que reitera os mesmos dizeres do princípio constitucional, reforçando que filho é filho, ponto final (Brasil, [2024]).

O assunto ficou selado desde 1988 (com a Constituição), quando o ordenamento jurídico brasileiro aboliu o sintagma “filho bastardo”, garantindo igualdade plena de direitos sucessórios, familiares e civis, proibindo qualquer discriminação em documentos ou tratamento jurídico. Por essas razões, sim: as respostas de alguns informantes carregam o peso do preconceito e o estigma da falta de informação sobre as leis vigentes no país.

4.4.1.5 Questão 19 – Lexia composta ‘tio-avô’

Como respostas espontâneas para a questão 19 - Como se denomina qualquer irmão de um avô? - foram registradas as seguintes variantes: tio-avô, tio, primo e avô. A variante tio foi a mais utilizada com 65% (26 ocorrências), seguida de tio-avô com 23% (09 ocorrências), primo e avô com a mesma frequência de uso 3% (01 ocorrência de cada). Oito por cento (8%) dos informantes não souberam responder. (Gráfico 10)

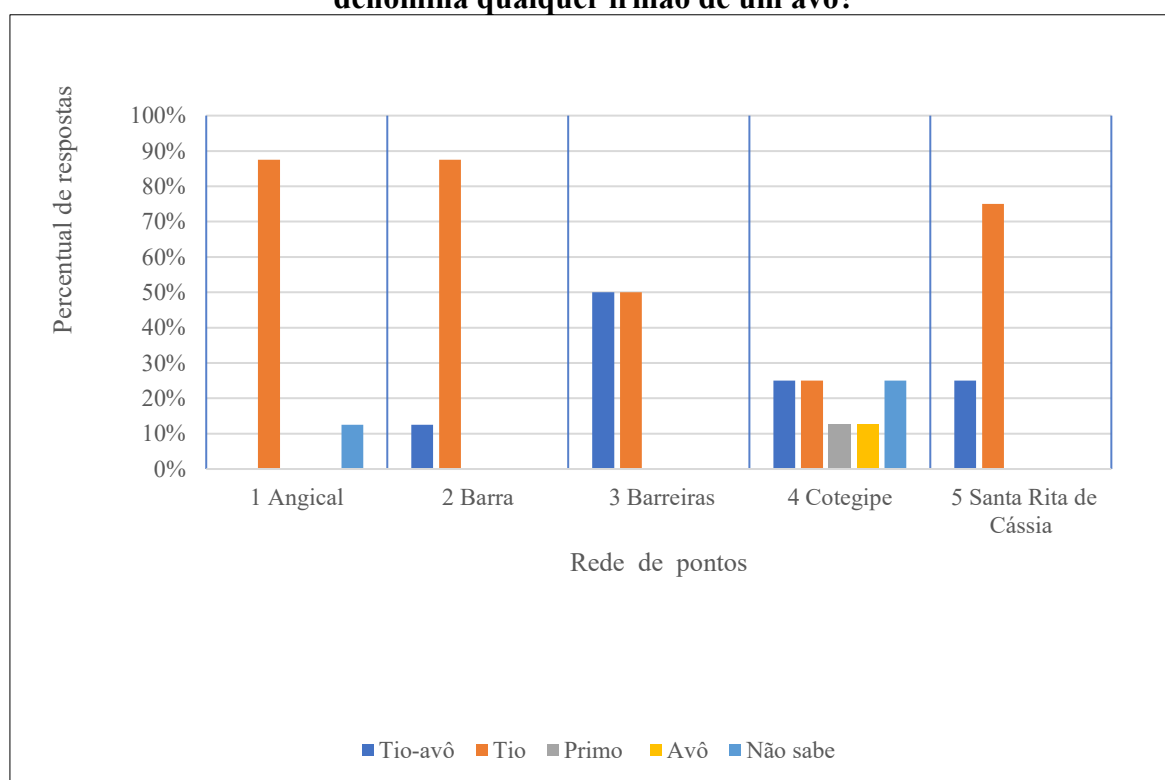
Gráfico 10 - Ocorrências das variantes para a questão 19: Como se denomina qualquer irmão de um avô?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em relação à dimensão diatópica (Gráfico 11), os dados apontam que houve registro da variante lexical tio em toda rede de pontos investigada. Esta variante apresentou-se como a mais presente nos PRs 1 e 2, com 88% de frequência de uso em cada ponto (07 ocorrências); no PR5, com 75% (06 ocorrências); no PR3, com 50% (04 ocorrências) e no PR4 com 25% (02 ocorrências). À exceção do PR 1, todos os outros pontos de rede registraram a variante tio-avô, sendo a maior ocorrência observada no PR3, 50% (04 ocorrências), seguida dos PRs 4 e 5 que apresentam o mesmo percentual 25% (02 ocorrências em cada), e do PR2 com 13% (01 ocorrência). Foram registradas outras variantes somente no PR4, tais como primo e avô, apresentando o mesmo percentual de 13% (01 ocorrência em cada) e ainda 25% daqueles que não souberam responder. No PR1, 13% dos informantes também não souberam responder.

Gráfico 11 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 19: Como se denomina qualquer irmão de um avô?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em relação às variantes e a dimensão diassexual, (Tabela 10), os dados apontam que o grupo feminino foi o que mais utilizou a variante tio-avô (30%), em comparação com o grupo masculino cuja utilização dessa lexia foi de 15%. Ambos os sexos mencionaram tio com percentual igual (65%). A variante primo foi citada somente pelos homens (5%), enquanto avô foi proferida apenas pelas mulheres (5%). Além disso, 15% dos homens não souberam responder à questão 19. O teste matemático utilizado qui-quadrado não indicou diferenças

estatisticamente significativas nas respostas entre os grupos feminino e masculino e as respostas à questão 19($p = >0.2$).

Na dimensão diastrática (Tabela 10) observa-se que os informantes Ca mencionaram mais a variante tio-avô (35%) do que os informantes Cb (10%). A outra variante comum às duas classes foi tio (Ca 55% e Cb 75%). Somente os informantes Ca citaram avô (5%) e somente os informantes Cb citaram primo (5%). Além disso, 5% dos informantes Ca e 10% dos informantes Cb não souberam responder à questão. Conforme o teste estatístico, não houve diferenças significativas entre o nível de escolaridade e as respostas da questão 19 ($p = 0,034$).

Tabela 10 - Questão 19: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Tio-avô	3 (15%)	6 (30%)	7(35%)	2(10%)	7(35%)	2(10%)
Tio	13 (65%)	13 (65%)	11(55%)	15(75%)	11(55%)	15(75%)
Primo	1 (5.0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5.0%)	1 (5.0%)	0 (0%)
Avô	0 (0%)	1 (5.0%)	1 (5.0%)	0 (0%)	1 (5.0%)	0 (0%)
Não sabe	3 (15%)	0 (0%)	1 (5.0%)	2 (10%)	0 (0%)	3 (15%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Para uma melhor compreensão das dimensões selecionadas nesta tese, os dados (Tabela 11) trazem uma correlação entre as dimensões diageracional, diassexual e diastrática e as respostas espontâneas da questão 19. A variante comum aos homens foi tio (Ca 40% e Cb 80%). Além disso, somente os homens Cb disseram primo (20%). As mulheres Ca e Cb, dessa mesma geração, optaram pela lexia tio-avô, com uma frequência de uso igual (40%). A variante também comum às mulheres Ca e Cb foi tio (Ca, 40% e Cb, 60%). Somente as mulheres Ca optaram por avô (20%).

Na geração II, os homens Ca e Cb não citaram a lexia tio-avô. A variante tio foi proferida pelos homens (Ca 80% e Cb 60%). Aqueles que não conseguiram responder à questão somaram 20% dos homens Ca e 40% dos homens Cb. As mulheres Ca da geração II, escolheram exclusivamente, a variante tio-avô (40%) e a lexia tio com uma frequência de uso de 60%. As mulheres Cb não optaram pela lexia tio-avô, mas unanimemente mencionaram tio (100%). Ficou evidente que o nível de escolaridade foi fator decisivo das escolhas lexicais.

Tabela 11 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 19

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Tio-avô	3(60%)	0(0%)	2(40)	2(40%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)
Tio	2(40%)	4(80%)	2(40%)	3(60%)	4(80%)	3(60%)	3(60%)	5(100%)
Primo	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Avô	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Não sabe	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	2(40%)	0(0%)	0(0%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se e analisam-se, a seguir, (Quadro 92), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 92 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 19

Questão 19 – lexia tio avô					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Tio	Tio-avô		
	2	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	3	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	4	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	5	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	6	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	7	Não sabe	Não sabe	Tio-avô	
	8	Tio	Não sabe	Tio-avô	
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	2	Tio	Titio		Tio-avô
	3	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	4	Tio	Tio - avô		
	5	Tio	Não sabe	Tio - avô	
	6	Tio-avô	Tio		
	7	Tio	Meu Tio	Tio-avô	
	8	Tio	Titio	Tio-avô	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Tio-avô	Não sabe		
	2	Tio-avô	Tio		
	3	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	4	Tio-avô	Não sabe		
	5	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	6	Tio-avô	Não sabe		
	7	Tio	Titio		Tio avô
	8	Tio	Não sabe	Tio-avô	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Tio-avô	Tio		
	2	Avô	Não sabe	Tio-avô	
	3	Primo	Não sabe	Tio-avô	
	4	Tio-avô	Não sabe		

	5	Não sabe	Não sabe	Tio-avô	
	6	Tio	Não sabe		Tio-avô
	7	Não sabe	Não sabe	Tio-avô	
	8	Tio	Não sabe	Tio-avô	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Tio-avô	Tio		
	2	Tio-avô	Não sabe		
	3	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	4	Tio	Não sabe		Tio-avô
	5	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	6	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	7	Tio	Não sabe	Tio-avô	
	8	Tio	Não sabe		Tio-avô

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo o Quadro 92, no PR1, 100% dos informantes (08) não responderam a lexia composta tio-avô no momento da pergunta, porém, quando da insistência por novas formas de nomeação do que foi solicitado, 13% dos informantes (01) responderam tio-avô e 88% (07) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia composta tio-avô e 88% dos informantes (07) aceitaram a sugestão.

No PR 2, somente 13% dos informantes (01) responderam tio-avô e 88% usaram (07) tio no momento da pergunta, porém quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 25% dos informantes (02) responderam tio-avô, 25% (02) citaram lexias diferentes de tio-avô, e 38% (03) não souberam responder. Diante disso, sugeriu-se a lexia composta tio-avô, aceita por 63% deles (05) e rejeitada por 13% dos informantes (01).

No PR3, 50% dos informantes (04) responderam à questão 19 com a lexia composta tio-avô e os outros 50% responderam tio, quando perguntados. Instigados a indicar outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) responderam titio e 38% (03) não souberam responder. Quando se sugeriu a lexia composta tio-avô, 38% dos informantes (03) aceitaram a sugestão e 13% (01) a rejeitaram.

No PR4, 25% dos informantes (02) responderam tio-avô, 50% (04) deram a resposta com lexias diferentes de tio-avô e 25% (02) não souberam responder, quando indagados. No momento da insistência por outras formas de nomeação, 75% dos informantes (06) não souberam responder. Assim, foi sugerida a lexia composta tio-avô, aceita por 63% dos informantes (05) e rejeitada por 13% deles (01).

No PR5, 25% dos informantes (02) responderam tio-avô e 75% (06) disseram tio no momento da pergunta. Ao se insistir por outras formas de nomeação, 75% deles (06) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia composta tio-avô, aceita por 50% deles (04) e rejeitada por 25% (02).

No Galego, na lexia composta tí-avó o “o” é pronunciado com o timbre aberto, diferente do avô no Português Brasileiro com o timbre fechado. De acordo com o RAG, avó/ avoa são substantivos e significam:

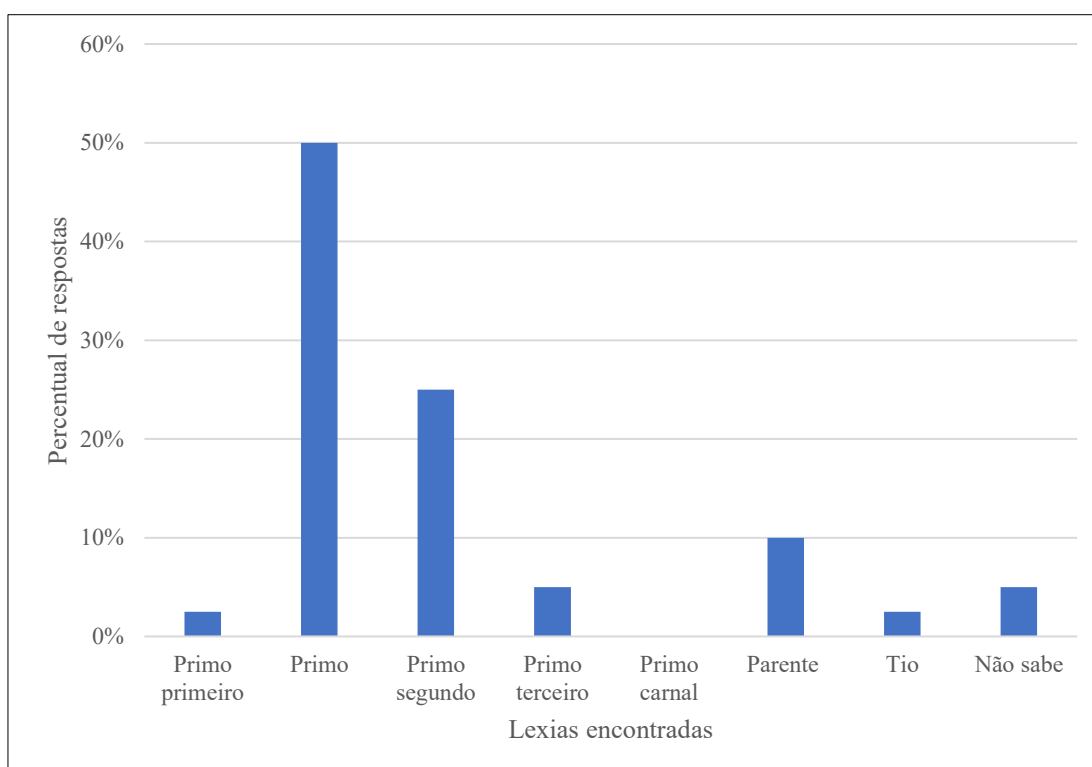
1. Pai ou nai dos pais dunha persoa. As histórias que contan os avós sempre resultan divertidas.
2. Substantivo masculino plural: A avó e mais a avoa. Seus avós levan sesenta anos casados.

No quesito 2, iguala-se ao Português Brasileiro cujo plural é avós. Essa constituição se deu por metáfora, processo que ocorre quando se pronuncia uma vogal /o/ com o timbre fechado no singular, como em avô, e um timbre aberto da mesma vogal, quando a lexia se encontra no plural, como em avós.

4.4.1.6 Questão 24 – Lexia composta ‘primo segundo’

A questão 24 - Como você denomina os filhos dos primos de um pai ou de uma mãe? Também se aplica aos filhos dos tios e tias da mãe ou do pai -, obteve como respostas espontâneas as seguintes variantes: parente, primo, primo primeiro, primo segundo, primo terceiro e tio (Gráfico 12). Dentre essas, a mais recorrente foi primo, com 50% de uso (20 ocorrências), seguida de primo segundo, com 25% (10 ocorrências); parente, com 10% (04 ocorrências); primo terceiro, 5% (02 ocorrências); primo primeiro, e tio também com o mesmo percentual de 3% (01 ocorrência de cada). Os informantes que não souberam responder totalizaram 5%. O considerável número de variantes revelou uma heterogeneidade lexical, mas com a predominância, em geral, da lexia primo.

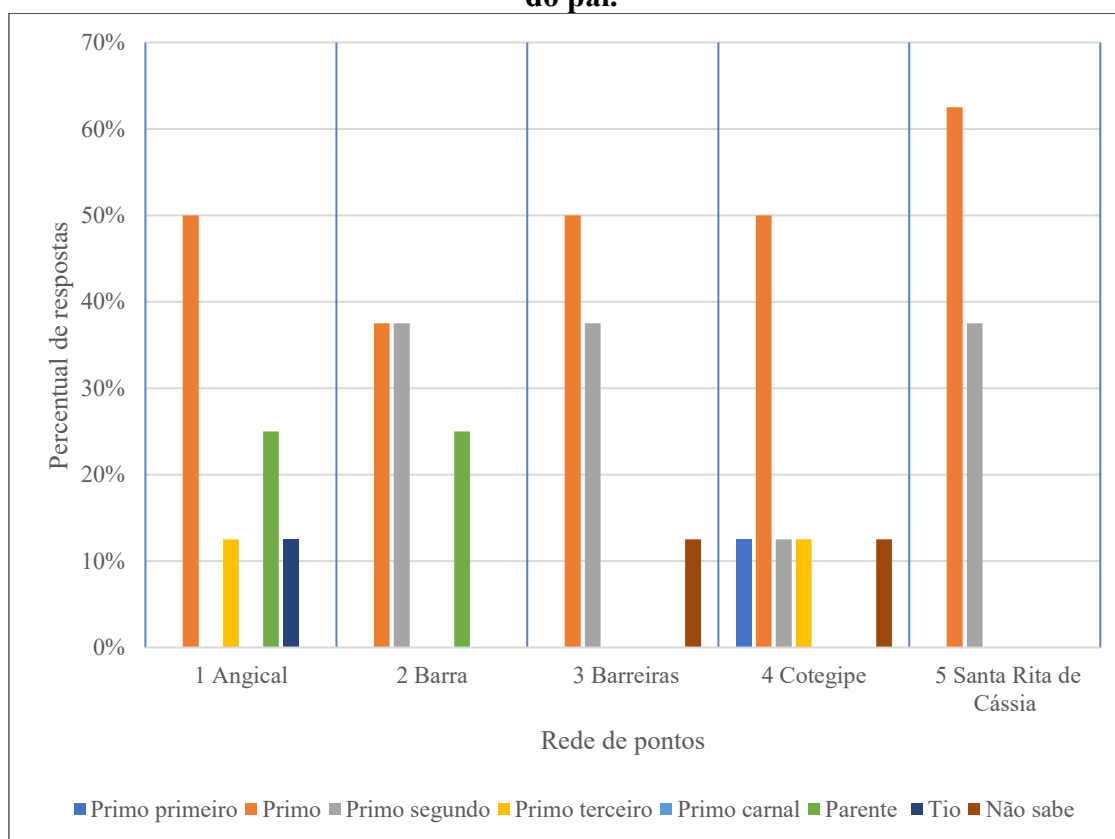
Gráfico 12 - Ocorrências das variantes para a Questão 24: Como você denomina os filhos dos primos de um pai ou de uma mãe? Também se aplica aos filhos dos tios e tias da mãe ou do pai.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados percentuais do Gráfico 13 demonstram a recorrência das variantes como respostas espontâneas na rede de pontos investigada. A lexia primo foi registrada em toda a rede de pontos. No PR2 apresentou um percentual de 38% de uso (03 ocorrências). Nos PR's 1, 3 e 4 observou-se o aumento dessa frequência com um percentual de 50% cada (04 ocorrências), e no PR5, 63% de uso (05 ocorrências). Apesar de não ser citada por nenhum informante do PR1, a lexia composta primo segundo ainda foi a segunda lexia mais registrada. Nos PR's 2,3 e 5, o mesmo percentual foi observado em cada um dos pontos: 38% de frequência de uso (03 ocorrências em cada); e no PR4, 13% (01 ocorrência).

Gráfico 13 - A dimensão diatópica e a Questão 24: Como você denomina os filhos dos primos de um pai ou de uma mãe? Também se aplica aos filhos dos tios e tias da mãe ou do pai.



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

A lexia parente foi citada apenas por moradores dos PR's 1 e 3, com o mesmo percentual, cada um com 25% (02 ocorrências). Apenas nos PR's 1 e 4, houve registro de primo terceiro com 13% (01- ocorrência em cada); no PR4, registraram-se primo primeiro e primo segundo com 13% (01 ocorrência de cada). Registrou-se, ainda, que 13% dos informantes não souberam responder. O mesmo percentual de informantes que não souberam responder (13%) ocorreu no PR3. No PR1, foi observada uma única ocorrência da lexia tio. Vale ressaltar que

em PR4 foram registradas todas as especificações da lexia primos, o que pode sugerir uma não padronização linguística para a resposta solicitada nesse local. Em relação à região pesquisada, o que prevaleceu foi a lexia primo sem especificações (50%).

Em relação à distribuição das variantes na dimensão diassexual (Tabela 13), foi observado que somente os homens optaram pelas lexias primo primeiro e tio, ambas com o mesmo percentual (5%), enquanto somente mulheres optaram por primo terceiro (10%). As lexias comuns aos dois sexos foram primo (55% homens e 45% mulheres); primo segundo (20% homens e 30% mulheres); parente (10% para cada um). Entre aqueles que não souberam responder estão 5% dos informantes de ambos os sexos. O teste qui-quadrado não mostrou diferenças estatisticamente significativas entre a seleção lexical da questão 24 e a dimensão diassexual ($p = 0.8$).

Tabela 12 - Questão 24: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Primo primeiro	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Primo	11(55%)	9 (45%)	12 (60%)	8 (40%)	14 (70%)	6 (30%)
Primo segundo	4 (20%)	6 (30%)	4 (20%)	6 (30%)	3 (15%)	7 (35%)
Primo terceiro	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0%)
Parente	2 (10%)	2 (10%)	3 (15%)	1 (5%)	0 (0%)	4 (20%)
Tio	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Não sabe	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	2 (10%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Não se detectou influência da dimensão diastrática, na categoria nível de escolaridade, na seleção das variantes ($p=0,5$). A classe social com baixa escolaridade usou exclusivamente as lexias primo segundo (5%), primo terceiro (10%) e tio (5%). As unidades lexicais comuns

entre as duas classes foram: primo (60% Ca, 40% Cb); primo segundo (Ca 20%, Cb 30%), parente (Ca 15%, Cb 5%). Em ambas as classes, 5% dos informantes não souberam responder.

Ao comparar as escolhas lexicais feitas pela geração I e as da geração II, obteve-se o seguinte resultado: somente a GI usou primo primeiro (5%) e primo terceiro (10%), enquanto só a GII escolheu parente (20%), tio (5%), e 10% não souberam responder. Vale ressaltar que apenas duas variantes foram comuns às duas gerações: primo GI (70%) e GII (30%) e primo segundo GI (15%) e GII (35%) (Tabela 28).

Na Geração I, observou-se predomínio do termo primo com 70% de uso mais geral e não especificador. Já na Geração II, há maior diversidade e especificidade, com destaque para primo segundo (35%) e com a inclusão de termos como parente e tio. Também na GII, surgiram os informantes que não souberam responder, ausentes na geração anterior. A diferença entre os grupos foi estatisticamente significativa ($p = 0.022$), sugerindo que o grau de detalhamento na referência a parentesco pode refletir mudanças culturais ou linguísticas associadas à geração.

A junção das dimensões diageracional, diassexual e diastrática (Tabela 13) gerou o seguinte resultado: na geração I, os homens de alta escolaridade escolheram unanimemente a lexia primo (100%), enquanto os de baixa escolaridade optaram por 3 variantes: primo primeiro (20%), primo (40%) e primo segundo (40%). As mulheres de nível escolar elevado GI selecionaram primo (80%) e primo segundo (20%) e as de baixa escolaridade primo (60%) e primo terceiro (40%).

Na geração II, os homens com maior escolaridade selecionaram 3 variantes: primo (40%), primo segundo (20%) e parente (40%). Já os homens de baixa escolaridade usaram 3 variantes: primo (40%), primo segundo (20%) e tio (20%). Entre esses foram registrados 20% que não souberam responder. As mulheres de alta e baixa escolaridade da GII escolheram as lexias primo (20% cada) e primo segundo (Ca 40%) e (Cb 60%). A lexia parente foi escolhida pelas mulheres Ca e Cb com um percentual de 20% cada.

Tabela 13 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 24

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Primo primeiro	0(0%)	1 (20%)	0(0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0(0%)	0 (0%)
Primo	5(100%)	2 (40%)	4 (80%)	3 (60%)	2 (40%)	2 (40%)	1 (20%)	1 (20%)
Primo segundo	0 (0%)	2 (40%)	1 (20%)	0 (0%)	1 (20%)	1 (20%)	2 (40%)	3 (60%)
Primo terceiro	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (40%)	0 (0%)	0 (0%)	0(0%)	0 (0%)
Parente	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (40%)	0 (0%)	1 (20%)	1 (20%)
Tio	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0(0%)	0 (0%)
Não sabe	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	1 (20%)	0 (0%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se no Quadro 93, a seguir, as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 93 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 24

Questão 24 – lexia primo-segundo

Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Primo	Primo Carnal	Primo Segundo	
	2	Primo	Não sabe		Primo Segundo
	3	Primo	Primo Segundo		
	4	Primo Terceiro	Primo Segundo		
	5	Parente	Não sabe	Primo Segundo	
	6	Parente	Não sabe	Primo Segundo	
	7	Tio	Não sabe	Primo Segundo	
	8	Primo	Não sabe	Primo Segundo	
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Primo	Não sabe	Primo segundo	
	2	Primo segundo	Primo carnal		
	3	Primo segundo	Não sabe		
	4	Primo	Não sabe	Primo segundo	
	5	Parente	Não sabe	Primo Segundo	
	6	Primo	Primo segundo		
	7	Primo segundo	Não sabe		
	8	Parente	Não sabe	Primo segundo	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Primo	Não sabe		Primo segundo
	2	Primo	Não sabe	Primo segundo	
	3	Primo segundo	Não sabe		
	4	Primo	Não sabe	Primo segundo	

Barreiras	5	Primo	Primo segundo		
	6	Primo segundo	Não sabe		
	7	Não sabe	Não sabe	Primo segundo	
	8	Primo segundo	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Primo	Não sabe	Primo segundo	
	2	Primo	Primo segundo		
	3	Primo primeiro	Não sabe	Primo segundo	
	4	Primo terceiro	Não sabe	Primo segundo	
	5	Primo	Não sabe	Primo segundo	
	6	Não sabe	Não sabe	Primo segundo	
	7	Primo	Não sabe	Primo segundo	
	8	Primo segundo	Não sabe		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Primo	Parentes	Primo segundo	
	2	Primo	Primo segundo		
	3	Primo	Primo carnal	Primo segundo	
	4	Primo	Parentes	Primo segundo	
	5	Primo segundo	Não sabe		
	6	Primo segundo	Não sabe		
	7	Primo	Não sabe	Primo segundo	
	8	Primo segundo	Primo	Primo segundo	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo com o Quadro 93, no PR1, 100% dos informantes (08) não responderam primo segundo no momento da pergunta, porém quando se insistiu por outras formas de nomeação do que foi solicitado, 25% dos informantes (02) responderam primo segundo e 13% (01) responderam primo carnal. Sessenta e três por cento (63%) dos informantes (05) não souberam responder. Diante disso, foi sugerido o uso de primo segundo: 63% dos informantes (05) aceitaram a sugestão e 13% (01) a rejeitaram.

No PR2, somente 38% dos informantes (03) responderam primo segundo e 63% (05) responderam outras lexias no momento da formulação da pergunta, porém, quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% (01) responderam primo segundo e 50% (04) não souberam responder. Diante disso, sugeriu-se a lexia composta tio-avô aceita por 50% (04).

Dos informantes do PR3, 38%, (03) responderam à questão 24 com a lexia composta primo segundo, 50% (04) responderam primo e 13% (01) não souberam responder, quando perguntados. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 13% deles (01) responderam primo segundo e 50% (04) não souberam responder. No momento em que se sugeriu usar a lexia composta primo segundo, 38% dos informantes (03) aceitaram a sugestão e 13% a rejeitaram.

No PR4, 13% dos informantes (01) responderam primo segundo, 75% (06) usaram lexias diferentes de primo segundo e 13% (01) não souberam responder, quando indagados. Após a insistência por outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) responderam primo segundo e 75% (06) não souberam responder. Assim, foi sugerida a lexia composta primo segundo e 75% deles (06) aceitaram a sugestão.

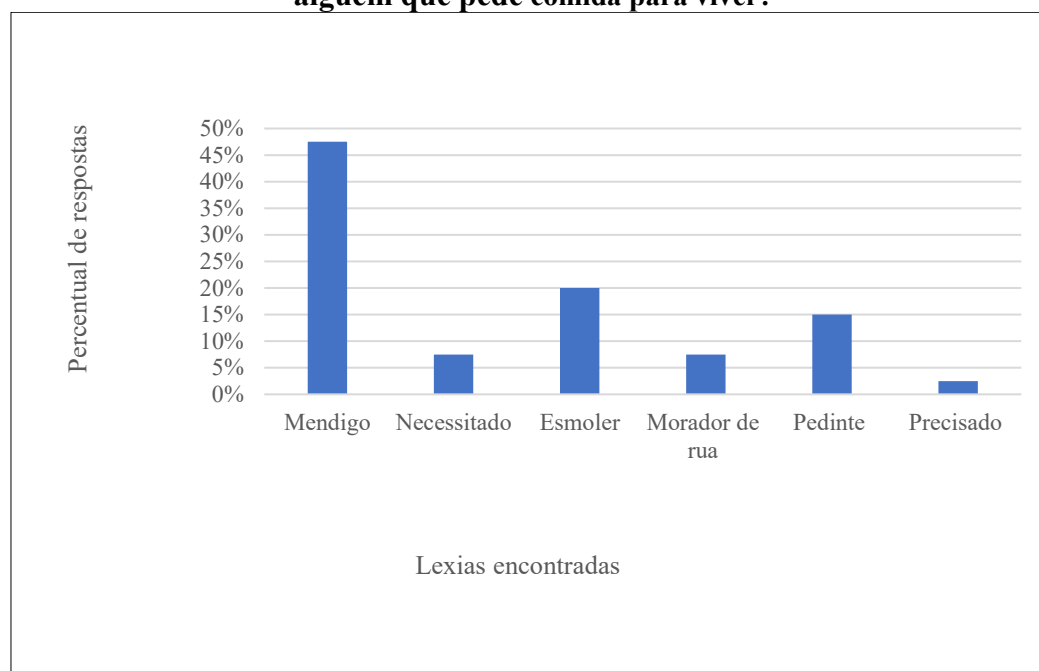
No PR5, 38% dos informantes (03) responderam primo segundo e 63% (05) primo, no momento da pergunta. Depois de se insistir por outras formas de nomeação, 13% (01) responderam primo segundo, 38% utilizaram lexias diferentes de primo segundo e 13% (01) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia composta primo segundo e 50% dos informantes (04) aceitaram a sugestão.

4.4.1.7 Questão 40 - Lexia ‘mendigo’

Para a questão 40 - Como é o nome que é dado a alguém que pede comida para viver? , foram obtidas as seguintes respostas espontâneas: mendigo, necessitado, esmoler, morador de rua, pedinte e precisado (Gráfico 14). Mendigo foi a lexia mais citada com 48% de frequência de uso (19 ocorrências), seguida de esmoler com 20% (08 ocorrências), pedinte com 15% (06 ocorrências). As lexias necessitado e morador de rua foram registradas com o mesmo percentual

8% (03 ocorrências de cada) e precisado com uma frequência de uso de 3% (01 -ocorrência). As seis variantes lexicais registradas na região pesquisada demonstraram que não foi observada uma norma linguística como resposta para a questão 40.

Gráfico 14 - Ocorrências das variantes para a questão 40: Como é o nome que é dado a alguém que pede comida para viver?



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Em relação à dimensão diatópica, os dados (Gráfico 15) indicam que a lexia mendigo foi registrada em toda a rede de pontos investigada. No PR1, detectou-se a maior frequência de uso (75% - 06 ocorrências), seguida pelo PR5, com 63% (05 ocorrências) e pelo PR4 com frequência de uso de 50% (04 ocorrências). Nos PRs 2 e 3, foi registrado o mesmo percentual 25% (02 ocorrências em cada local).

Fato semelhante ocorreu com a lexia esmoler que também foi registrada em todos os pontos de rede investigados. Nos PR's 2, 4 e 6, registrou-se a mesma frequência de uso em cada ponto, 25% - 02 ocorrências -; já nos PR's 1 e 3, o mesmo percentual 13% (01 ocorrência em cada) foi encontrado.

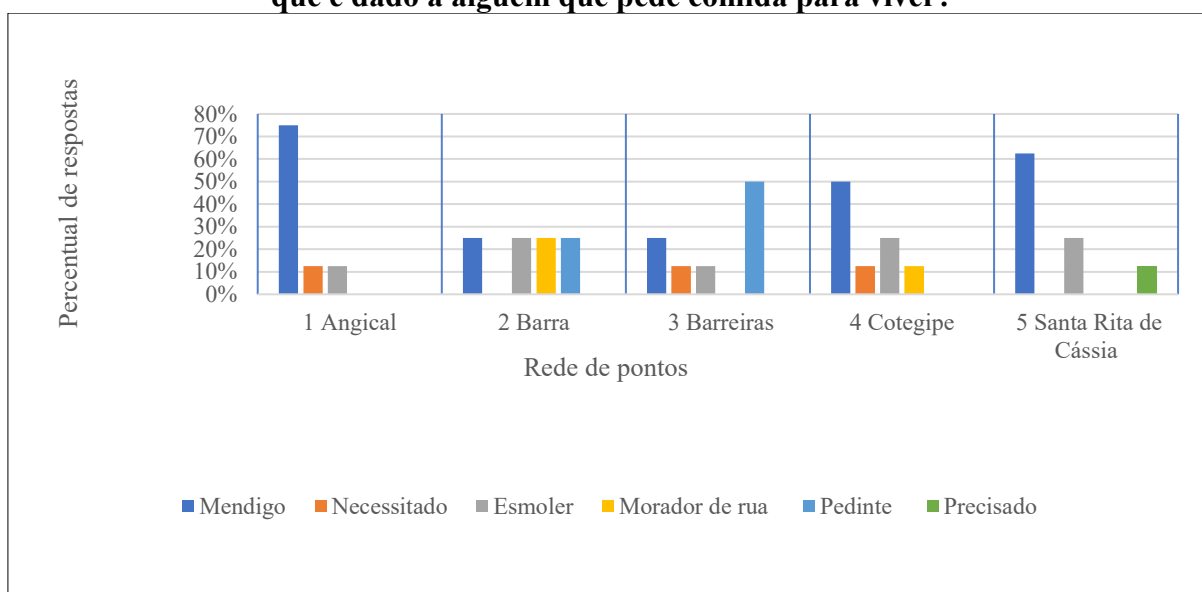
A lexia esmoler, registrada em toda a rede de pontos investigada, remete a uma pessoa que vive de esmola. Segundo Houaiss, Villar e Franco (2025) é um uso específico do Brasil e revela um certo grau de informalidade.

A lexia necessitado ocorreu nos PR's 1, 3 e 4 e apresentou a mesma frequência de uso em cada ponto: 13% (01- ocorrência). A lexia composta morador de rua foi registrada em 2 pontos: no PR 2, com 25% de frequência de uso (02 ocorrências) e no PR4, com 13% (01-

ocorrência), enquanto a *lexia* pedinte foi registrada no PR3, com 50% de frequência de uso (04 ocorrências) e no PR2, com 25% (02 ocorrências). A *lexia* precisado apareceu somente no PR5, com 13% (01 ocorrência).

Os dados no Gráfico 15 indicam que não houve influência diatópica na escolha lexical dos informantes, dado com o qual corroborou o teste qui-quadrado, que mostrou não ter havido diferenças estatisticamente significativas entre os pontos de rede investigados e as opções lexicais dos informantes ($p=0,15$).

Gráfico 15 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 40: Como é o nome que é dado a alguém que pede comida para viver?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que tange à dimensão diasssexual, os dados da Tabela 14 apontam que ambos os sexos disseram mendigo (masculino 40% e feminino 55%), necessitado (masculino 10% e feminino 5%). E com o mesmo percentual para as falas masculina e feminina, foram registradas as seguintes *lexias*: *esmoler* (40%) e *pedinte* (15%). Além disso, somente os homens citaram a *lexia* composta *morador de rua* e somente as mulheres responderam *precicado* (5%). Embora os dados numéricos tenham indicado que as mulheres tenham optado por citar a *lexia* mendigo mais vezes que os homens, e que eles tenham falado a *lexia* necessitado mais vezes do que as mulheres, para o teste qui-quadrado não houve diferenças estatisticamente significativas nem entre as falas dos dois sexos, nem nas escolhas lexicais das respostas espontâneas relacionadas à questão 40 ($p=0,6$).

No que concerne à dimensão diastrática, ou seja, ao nível alto (Ca) ou baixo (Cb) de escolaridade, os dados na Tabela 14 apontam que ambas as classes mencionaram as seguintes

lexias, nestas proporções: mendigo (Ca 45% e Cb 50%), necessitado (Ca 5% e Cb 10%), morador de rua (Ca 5% e Cb 10%), pedinte (Ca 25% e Cb 5%). A lexia esmoler foi registrada com o mesmo percentual para as falas masculina e femininas (40%). Somente a Cb citou a lexia precisado (5%). Ao ser aplicado o teste qui-quadrado, foi confirmado que não houve diferenças estatisticamente significativas entre o nível de escolaridade e as escolhas lexicais dos informantes para a questão 40 ($p=0,6$).

Considerando a dimensão diageracional, os dados da Tabela 14 indicam que a lexia mendigo teve um uso mais efetivo na GI (65%), em relação à GII (30%). Com a lexia esmoler, ocorreu o inverso: 35% dos informantes GII a escolheram, contrapondo os 5% dos informantes da GI. A lexia composta morador de rua foi mais citada pela GII (10%) do que pela GI (5%), o mesmo ocorrendo com a lexia pedinte em que o percentual de uso pela GII foi de 20% e a GI de 10%. Observou-se que somente a GI mencionou a lexia necessitado (15%) e a GII disse exclusivamente precisado (5%). O teste qui-quadrado demonstrou que a faixa etária influenciou as opções lexicais dos informantes ($p=0,016$).

Tabela 14 - Questão 40: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Mendigo	8 (40%)	11 (55%)	9 (45%)	10 (50%)	13 (65%)	6 (30%)
Necessitado	2 (10%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	3 (15%)	0 (0%)
Esmoler	4 (20%)	4 (20%)	4 (20%)	4 (20%)	1 (5%)	7 (35%)
Morador de rua	3(15%)	0(0%)	1 (5%)	2 (10%)	1 (5%)	2 (10%)
Pedinte	3 (15%)	3 (15%)	5 (25%)	1 (5%)	2 (10%)	4 (20%)
Precisado	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Da correlação entre as dimensões diageracional, diassexual e diastrática obtiveram-se as seguintes informações (Tabela 15): na GI, 60% dos homens Ca e 40% dos homens Cb utilizaram a lexia mendigo. Somente os homens Ca citaram as lexias esmoler e pedinte, com a mesma proporção de uso cada (20%), enquanto os homens Cb, exclusivamente, citaram as lexias necessitado (40%) e morador de rua (20%). Entre as mulheres, CbGI constatou-se unanimidade no uso da lexia mendigo (100%), contrapondo-se às mulheres CaGI com 60% de frequência de uso da mesma lexia. Essas informantes também foram responsáveis por trazer outras lexias, quais sejam: necessitado e pedinte, ambas com 20% de uso.

Na GII, mendigo foi a lexia proferida por ambos homens Ca (20%) e homens Cb (40%); já a lexia esmoler foi mencionada por homens Ca (20%) e por homens Cb (40%). A mesma proporção de uso foi observada para a lexia composta morador de rua entre os homens Ca e Cb (20%). O lexema mendigo também foi mencionado pelas mulheres CaGII (40%) e CbGII (20%). Tanto as mulheres Ca quanto as Cb disseram esmoler e pedinte com a mesma frequência de uso, respectivamente 40% e 20%. Somente as mulheres Cb citaram a lexia precisado (20%). A GI elegeu a lexia mendigo como norma linguística (65%), enquanto a GII diversificou, ao escolher mendigo (30%), esmoler (35%) e pedinte (20%) (Tabela 15). Esses dados demonstram que houve influência da dimensão diageracional nas escolhas lexicais dos informantes.

Tabela 15 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 40

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Mendigo	3/60%	2/40%	3/60%	5/100%	1/20%	2/40%	2/40%	1/20%
Necessitado	0/0%	2/40%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%
Esmoler	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	2/40%	2/40%	2/40%
Morador de rua	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	1/20%	1/20%	0/0%	0/0%
Pedinte	1/20%	0/0%	1/20%	0/0%	2/40%	0/0%	1/20%	1/20%
Precisado	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, apresentam-se, no Quadro 94 a seguir, as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª coluna as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão que foram aceitas (RSA) e aquelas não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 94 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 40

Questão 40 – Lexia mendigo					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Mendigo	Pedinte		
	2	Necessitados	Não sabe	Mendigo	
	3	Mendigo	Não sabe		
	4	Mendigo	Não sabe		
	5	Mendigo	Esmoler		
	6	Mendigo	Esmoler		
	7	Mendigo	Não sabe	Mendigo	
	8	Esmoler	Mendigo		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Esmoler	Mendigo		
	2	Mendigo	Não sabe		
	3	Morador de rua	Mendigo		
	4	Mendigo	Não sabe	Esmoler	
	5	Pedinte	Mendigo, esmoler		
	6	Pedinte	Mendigo	Esmoler	
	7	Morador de rua	Pedinte	Mendigo	
	8	Esmoler	Não sabe	Mendigo	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Pedinte	Mendigo		
	2	Pedinte	Mendigo		
	3	Necessitado	Não sabe	Mendigo	
	4	Mendigo	Pessoas em situação de rua		
	5	Pedinte	Mendigo		
	6	Mendigo	Não sabe		
	7	Esmoler	Não sabe	Mendigo	
	8	Pedinte	Não sabe	Mendigo	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Mendigo	Necessitado		
	2	Mendigo	Não sabe		
	3	Necessitado	Não sabe	Mendigo	
	4	Mendigo	Não sabe	Esmoler	

Cotegipe	5	Morador de rua	Peregrino	Mendigo	
	6	Esmoler	Mendigo		
	7	Esmoler	Não sabe	Mendigo	
	8	Mendigo	Não sabe		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Mendigo	Não sabe		
	2	Mendigo	Não sabe		
	3	Mendigo	Não sabe		
	4	Mendigo	Não sabe		
	5	Esmoler	Não sabe	Mendigo	
	6	Esmoler	Mendigo		
	7	Mendigo	Não sabe		
	8	Precisado	Não sabe	Mendigo	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme o Quadro 94, no PR1, apenas 25% dos informantes (02) não responderam a lexia mendigo no momento da pergunta. Ao se insistir por novas formas de nomeação do que foi solicitado, 13% dos informantes (01) responderam mendigo e 13% (01) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia mendigo e 13% dos informantes (01) aceitaram a sugestão.

No PR 2, somente 25% dos informantes (02) responderam mendigo e 75% (06) usaram lexias diferentes de mendigo no momento da pergunta. Porém, quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 50% dos informantes (04) responderam mendigo, 13% (01) disseram pedinte e 13% (01) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia mendigo e 25% dos informantes (02) aceitaram a sugestão.

No PR3, 75% dos informantes (06) responderam à questão 40 com lexias diferentes daquela esperada como resposta - mendigo. Estimulados a indicar outras formas de nomeação, 38% dos informantes (03) citaram mendigo e 38% (03) não souberam responder. No momento em que se sugeriu a lexia mendigo, 38% dos informantes (03) a aceitaram.

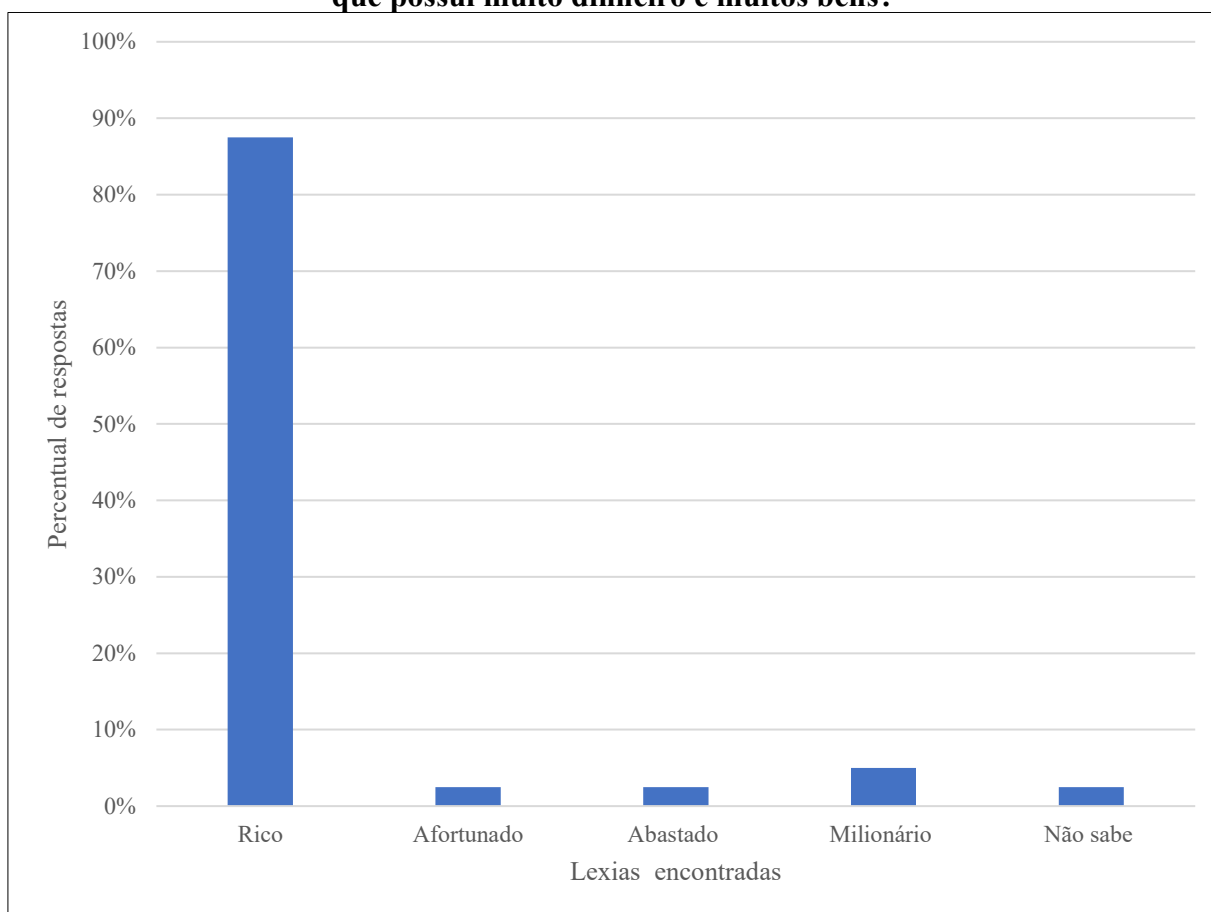
Assim como no PR3, no PR4, 50% dos informantes (04) responderam à questão 40 com lexias diferentes daquela esperada como resposta - mendigo. Diante da insistência de optarem por outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) responderam mendigo, 13% (01) citaram peregrino e 25% (02) não souberam responder. Por isto, foi sugerida a lexia mendigo e 38% deles (03) a acataram.

Como nos PR's 3 e 4, no PR5, 38% dos informantes (03) responderam lexias diferentes de mendigo no momento da pergunta. Ao se requisitarem outras formas de nomeação, 13 deles (01) disseram mendigo e 25% não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia mendigo e 25% dos informantes (02) a aceitaram.

4.4.1.8 Questão 42 - Lexia 'rico'

Para responder espontaneamente à questão 42 - Como se denomina a pessoa que possui muito dinheiro e muitos bens?- , foram registradas as lexias rico, afortunado, abastado e milionário. Rico foi a lexia registrada com uma frequência de 88%, (35 ocorrências), seguida de milionário com uma frequência de uso de 5% (02 ocorrências) e das lexias afortunado e abastado que apresentaram a mesma proporção de uso cada uma 3% (01- ocorrência). Três por cento (3%) dos informantes não souberam responder (Gráfico 16).

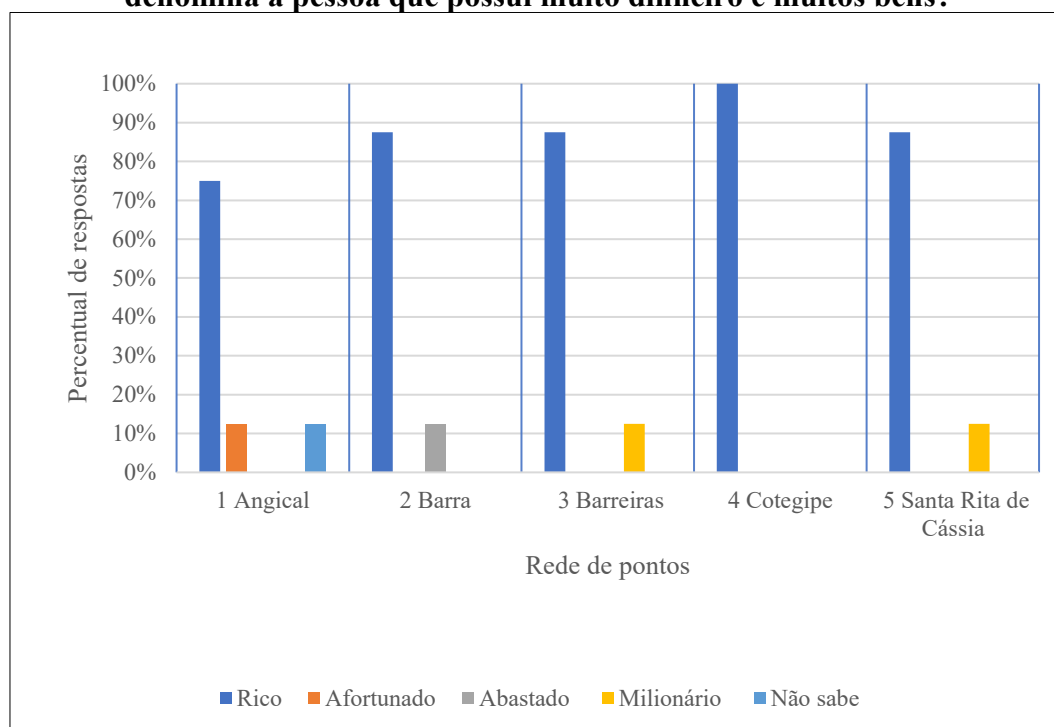
Gráfico 16 - Ocorrências das variantes para a questão 42: Como se denomina a pessoa que possui muito dinheiro e muitos bens?



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

No que concerne à dimensão diatópica (Gráfico 17), foi observado que houve uma distribuição regular da lexia rico em toda a rede de pontos investigada. No PR1, 75% de uso (06 ocorrências); nos PR's 2, 3 e 5, 88% de uso (07 ocorrências) e no PR4, no qual foi observado um índice total de uso com o percentual de 100% (08 ocorrências). A lexia afortunado foi registrado apenas no PR1, com 13% de frequência (01 - ocorrência). Além disso, 13% dos informantes do PR1 não souberam responder. Somente no PR 2, foi registrada a lexia abastado com 13% de uso (01 - ocorrência). Algo semelhante ocorreu nos PR's 3 e 5, quando foi registrada a lexia milionário com o percentual semelhante em ambos os pontos: 13% (01- ocorrência em cada). O teste estatístico qui-quadrado não indicou diferenças significativas entre as escolhas lexicais feitas pelos informantes e o ponto de rede investigado ($p \geq 0,9$).

Gráfico 17 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 42: Como se denomina a pessoa que possui muito dinheiro e muitos bens?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados da Tabela 16 mostram que a dimensão diassexual não influenciou a fala dos informantes, uma vez que a masculina apresentou uma frequência de uso de 85% e a feminina de 90% para a lexia rico. Somente os homens disseram a lexia milionário (10%), e 5% dos homens não souberam responder. As unidades lexicais afortunado e abastado foram proferidas exclusivamente pelas mulheres, apresentando o mesmo percentual de uso (5%). O teste qui-quadrado ratificou que não houve diferenças estatísticas significativas entre as falas de ambos os sexos e suas escolhas lexicais ($p=0,5$).

Em relação à dimensão diastrática (Tabela 16), foi observado que rico foi a lexia mais proferida por informantes de escolaridade baixa (Cb), com 95% de frequência de uso e 80% de escolaridade alta (Ca). As lexias afortunado e abastado foram selecionadas apenas pelos informantes Ca com um mesmo percentual (5%). Dentre os informantes Ca, 10% mencionaram a lexia milionário. Em relação aos informantes Cb, 5% deles não souberam responder à questão 42. O teste qui-quadrado demonstrou que não houve influência do nível de escolaridade dos informantes em suas escolhas lexicais ($p=0.2$).

Na dimensão diageracional, foi observado pelos dados da Tabela 16 que a GI usou exclusivamente a lexia rico, com 100% de frequência de uso, superando a GII cuja frequência de uso foi de 75%. A GII apresentou as lexias afortunado e abastado com o mesmo percentual de uso (5%) e milionário com 10%. Houve, ainda, 5% de informantes que não souberam

responder à questão proposta. Pelos dados, a faixa etária dos informantes influenciou a escolha lexical, conclusão corroborada pelo teste estatístico que indicou diferenças significativas nas falas das duas gerações ($p=0,047$).

Tabela 16 - Questão 42: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Rico	17 (85%)	18 (90%)	16 (80%)	19 (95%)	20 (100%)	15 (75%)
Afortunado	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Abastado	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Milionário	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)
Não sabe	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Na GI, a correlação da variante rico às dimensões diassexual e diastrática apresentada na Tabela 17 evidenciou que: (i) há simetria total entre o grupo masculino e o feminino, de alta e baixa escolaridade, todos com 100% de frequência de uso, demonstrando não haver influências do nível de escolaridade nas escolhas lexicais dos informantes; (ii) as falas masculinas e femininas são semelhantes, não havendo diferenças significativas entre elas na GI.

Na GII, a correlação entre as dimensões diastrática e diassexual, conforme os dados da Tabela 6 relacionada à variante rico, indicou que o grupo masculino com baixo nível de escolaridade (Cb) apresentou um percentual mais elevado (80%) em relação ao grupo masculino de alta escolaridade (Ca) cujo percentual foi de 60%. Somente os homens Ca citaram o termo milionário (40%), enquanto 20% dos homens Cb não souberam responder.

Na GII, os dados da Tabela 17 indicam que o grupo feminino Cb apresentou um percentual total de uso da variante rico (100%), em relação ao grupo de mulheres Ca (60%). O grupo de mulheres Ca foi o responsável por trazer, além do lexema rico, outras variantes, quais sejam: afortunado e abastado, ambas com a mesma frequência de uso (20%). Tais indicativos

demonstraram que a variante lexema rico foi utilizada pela geração 1 com 100% de frequência e pela geração II com 75%.

Tabela 17 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 42

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Rico	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	3(60%)	4(80%)	3(60%)	5(100%)
Afortunado	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Abastado	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Milionário	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Não sabe	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, apresentam-se-, a seguir, no Quadro 95, as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e aquelas não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 95 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 42

Questão 42 – Lexia rico					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Rico	Bem de vida		
	2	Rico	Não sabe		
	3	Rico	Não sabe		
	4	Rico	Não sabe		
	5	Rico	Bom de vida		
	6	Afortunado	Rico		
	7	Não sabe	Não sabe	Rico	
	8	Rico	Milionário		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Rico	Abastado		
	2	Rico	Barão		
	3	Rico	Bom de vida, milionário		
	4	Rico	Bem de vida		
	5	Rico	Abastado		
	6	Abastado	Rico		
	7	Rico	Milionário		
	8	Rico	Não sabe		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Rico	Milionário		
	2	Rico	Abonado Milionário		
	3	Rico	Milionário		
	4	Rico	Não sabe		
	5	Milionário	Rico		

	6	Rico	Abastardo		
	7	Rico	Milionário		
	8	Rico	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Rico	Abastado		
	2	Rico	Não sabe		
	3	Rico	Empresário		
	4	Rico	De boa condição financeira		
	5	Rico	Abastado		
	6	Rico	Milionário		
	7	Rico	Milionário		
	8	Rico	Milionário		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Rico	Pessoa abonada		
	2	Rico	Milionários, abonados, cheio de grana		
	3	Rico	Bem-sucedido		
	4	Rico	Milionário		
	5	Milionário	Rico		
	6	Rico	Ricaço		
	7	Rico	Ricaço, abastado		
	8	Rico	Bem de vida		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

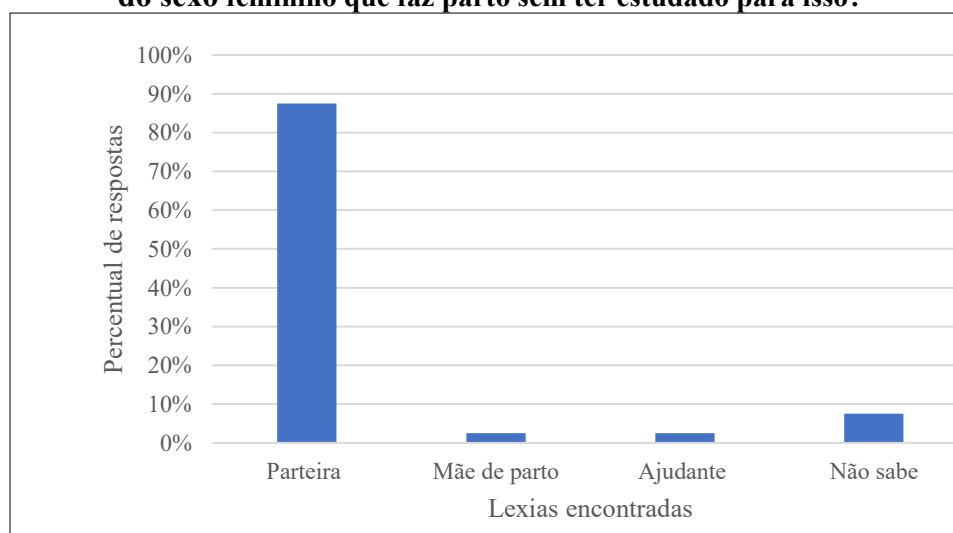
Conforme o Quadro 95, no PR1, apenas 13% dos informantes (01) responderam a *lexia* afortunado e outros 13% (01) não souberam responder no momento da pergunta, porém diante da insistência por usarem outras formas de nomeação além da que foi solicitada, 13% dos informantes (01) responderam rico e 13% (01) não souberam responder. Em face disso, foi sugerida a *lexia* mendigo e 13% dos informantes (01) aceitaram a sugestão.

No PR 2, somente 13% dos informantes (01) responderam abastado no momento da pergunta. Quando foram solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% deles (01) disseram rico. Fato semelhante ocorreu nos PR's 3 e 5: 13% dos informantes (01 em cada local) responderam à questão 40 com a *lexia* milionário, quando perguntados. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, o informante do PR3 e o do PR5 responderam rico, enquanto no PR4, 100% dos informantes (08) optaram por rico.

4.4.1.9 *Questão 51 - Lexia 'parteira'*

Como respostas espontâneas para a questão 51 - Como se denomina a pessoa do sexo feminino que faz parto sem ter estudado para isso? -, foram obtidas as seguintes *lexias*: *parteira*, *mãe de parto* e *ajudante*. A *lexia* com mais recorrência foi *parteira*, com uma frequência de uso de 88% (35 ocorrências), seguida de *mãe de parto* e *ajudante* com o mesmo percentual, 3% (01 - ocorrência), conforme o Gráfico 18. Os informantes que não souberam responder à questão somaram 8%. Tais dados permitiram a compreensão de que a variante *parteira* é a norma linguística da região investigada.

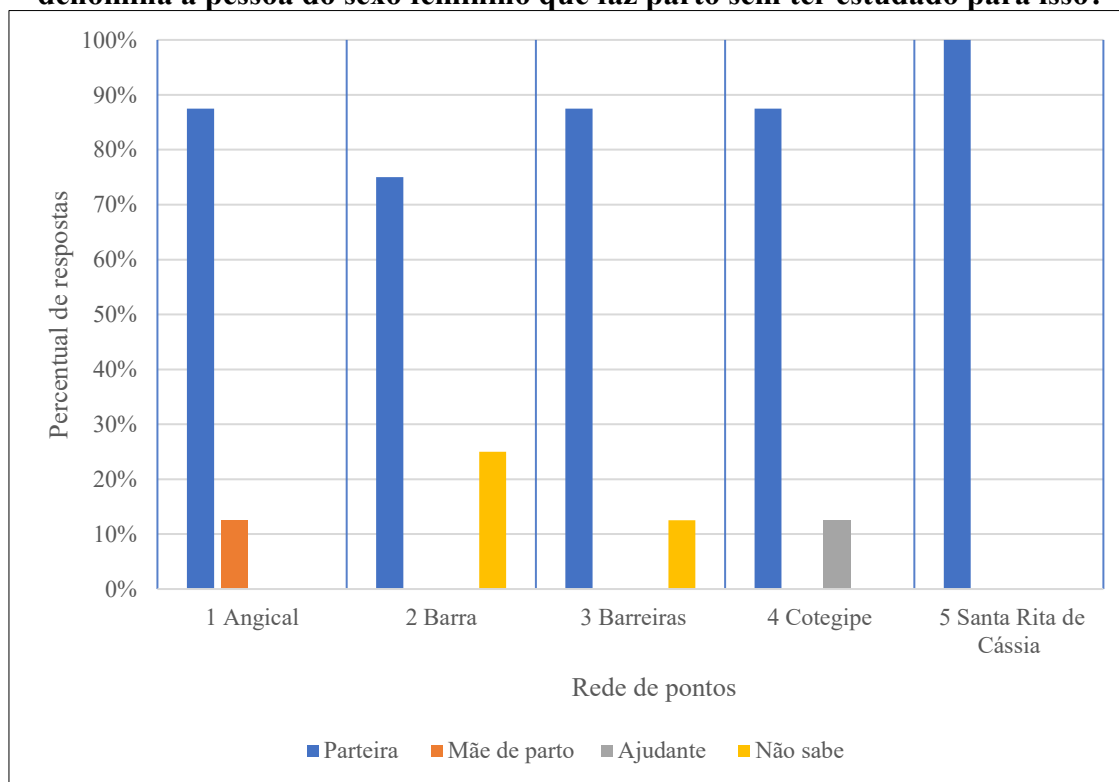
Gráfico 18 - Ocorrências das variantes para a questão 51: Como se denomina a pessoa do sexo feminino que faz parto sem ter estudado para isso?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Os dados do Gráfico 19, a seguir, relativos à dimensão diatópica, apontam que a lexia parteira obteve altos índices de frequência de uso em toda a rede de pontos investigada. Nos PR's 1, 3 e 4 foi registrada a mesma frequência em todos os pontos, qual seja, 88% (07 ocorrências); no PR2, 75% (06 ocorrências) e no PR 5, com a mais alta frequência, 100% (08 ocorrências). A variante mãe de parto foi registrada apenas no PR1 com 13% (01- ocorrência) e a lexia ajudante apenas no PR4, com 13% (01 - ocorrência). Os informantes que não souberam responder foram identificados no PR 2, com 25% (02 ocorrências) e no PR3, com 13% (01 - ocorrência). Percebeu-se que não houve influência dos pontos de rede investigados nas respostas espontâneas dos informantes, com o que corroborou o teste qui-quadrado ($p=0.5$).

Gráfico 19 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 51: Como se denomina a pessoa do sexo feminino que faz parto sem ter estudado para isso?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Ao se analisarem as repostas espontâneas dadas para a questão 51 (Tabela 18), foi constatado que em relação à lexia parteira, o grupo feminino apresentou um percentual mais elevado (90%) se comparado ao grupo masculino (85%). Foi o grupo masculino que diversificou as respostas espontâneas, apresentando as lexias mãe de parto e ajudante, ambas com a mesma frequência de uso (5%). Verificou-se, ainda, que 5% dos homens não souberam responder à questão 51. No que concerne às mulheres, houve um percentual maior relacionado àquelas que não souberam responder (10%). Mesmo que os números tenham sido equilibrados

na fala masculina e na feminina (85% e 90% respectivamente), em relação a variante parteira, o teste qui-quadrado ratificou que não houve diferenças estatísticas significativas nem no que se refere ao sexo dos informantes, nem na seleção lexical ($p=0.9$).

Quanto à comparação entre as falas dos informantes de alta escolaridade Ca e de baixa escolaridade Cb, os dados (Tabela 18) demonstram que a lexia parteira foi a mais mencionada, tanto pelos informantes Ca (90%), quanto pelos Cb (85%); mãe de parto somente foi utilizada pelos informantes Cb (5%) e Ca apenas (5%) deles disseram ajudante. Em ambos os níveis de escolaridade, observaram-se informantes que não souberam responder à questão: Ca (5%) e Cb (10%).

Os dados sugeriram que o nível de escolaridade não influenciou as respostas espontâneas da questão, o que foi confirmado pelo teste qui-quadrado, cujo resultado não evidenciou diferenças significativas entre os grupos Ca e Cb ($p=0.2$).

Os dados apontaram que em relação à dimensão digeracional, a lexia parteira foi mais utilizada pela GII (100%) do que pela GI (75%), enquanto mãe de parto e ajudante foram mencionadas somente pela GI com o mesmo percentual (5%). A GI foi a única que não soube responder à questão (15%). Os dados sugeriram que a faixa etária influenciou as escolhas lexicais dos informantes, o que o teste estatístico corroborou, ao mostrar haver diferenças significativas ($p=0.047$).

Tabela 18 - Questão 51: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Parteira	17 (85%)	18 (90%)	18 (90%)	17 (85%)	15 (75%)	20 (100%)
Mãe de parto	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Ajudante	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Não sabe	1 (5%)	2 (10%)	1 (5%)	2 (10%)	3 (15%)	0 (0%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Associando as dimensões diassexual, diastrática e diageracional (Tabela 19), foram obtidas as seguintes informações: na GI, a lexia parteira foi citada pelos homens Ca (80%) e pelos homens Cb (60%). Os informantes masculinos Ca ainda mencionaram a lexia ajudante (20%). Somente os informantes Cb disseram mãe de parto (20%). E 20% dos informantes Cb não souberam responder.

Ainda na GI, a lexia parteira foi dita pelas mulheres Ca e Cb, apresentando a mesma proporção de uso (80%). Também houve registros de informantes femininas Ca e Cb que não souberam responder à pergunta (20%).

Na GII, houve uma total simetria entre o grupo feminino e o masculino, relacionado com o alto e baixo nível de escolaridade. Todos apresentaram percentual total de frequência de uso, 100%.

Tabela 19 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 51

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Parteira	4/80%	3/60%	4/80%	4/80%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%
Mãe de parto	0/0%	1/20%	0/0%	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Ajudante	1/20%	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Não sabe	0/0%	1(20%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se, a seguir (Quadro 96), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 96 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 51

Questão 51 – Lexia parteira					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Parteira	Não sabe		
	2	Parteira	Não sabe		
	3	Mãe de parto	Não sabe	Parteira	
	4	Parteira	Não sabe		
	5	Parteira	Não sabe		
	6	Parteira	Não sabe		
	7	Parteira	Não sabe		
	8	Parteira	Não sabe		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Parteira	Não sabe		
	2	Não sabe	Não sabe	Parteira	
	3	Parteira	Não sabe		
	4	Não sabe	Não sabe	Parteira	
	5	Parteira	Não sabe		
	6	Parteira	Não sabe		
	7	Parteira	Não sabe		
	8	Parteira	Não sabe		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Parteira	Não sabe		
	2	Parteira	Prática		
	3	Não sabe	Não sabe	Parteira	

Barreiras	4	Parteira	Não sabe		
	5	Parteira	Mãe de parto		
	6	Parteira	Não sabe		
	7	Parteira	Não sabe		
	8	Parteira	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Ajudante	Não sabe	Parteira	
	2	Parteira	Não sabe		
	3	Parteira	Não sabe		
	4	Parteira	Não sabe		
	5	Parteira	Não sabe		
	6	Parteira	Não sabe		
	7	Parteira	Não sabe		
	8	Parteira	Não sabe		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Parteira	Não sabe		
	2	Parteira	Não sabe		
	3	Parteira	Mãe de parto		
	4	Parteira	Não sabe		
	5	Parteira	Mãe birroxa		
	6	Parteira	Enfermeira		
	7	Parteira	Não sabe		
	8	Parteira	Não sabe		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

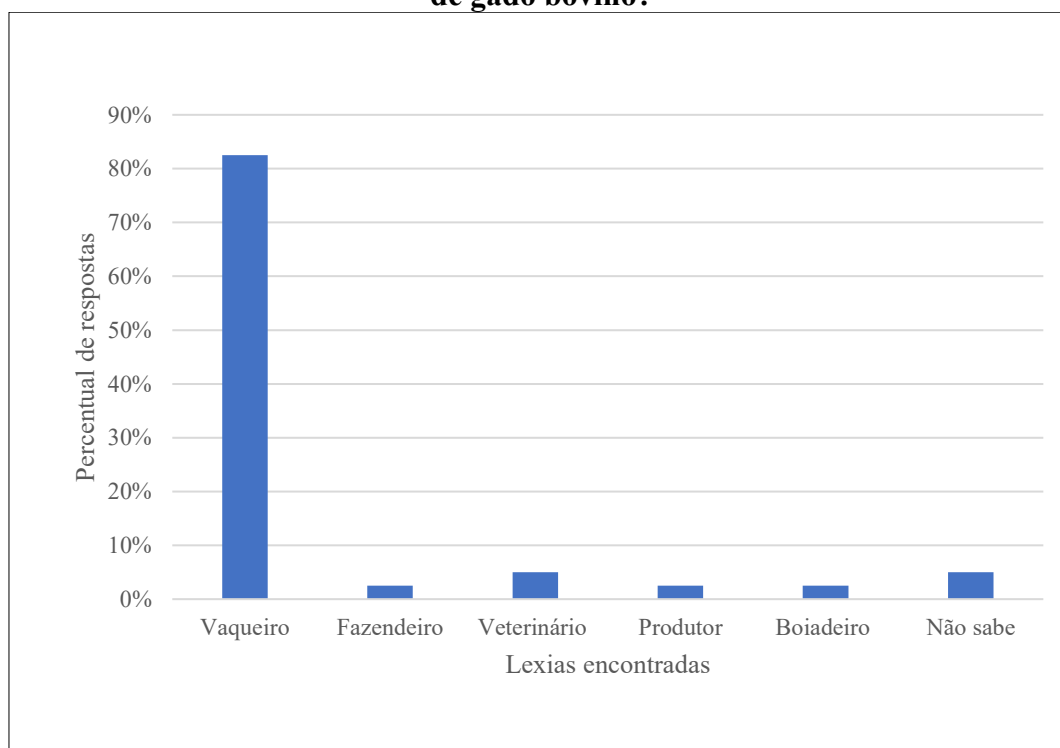
De acordo com o Quadro 96, nos PRs 1, 3, e 4, apenas 13% dos informantes (01 em cada ponto de rede) não utilizaram a lexia parteira para responder à questão 51. Ao serem instigados a mencionar outras formas de nomeação do que foi solicitado, eles não souberam responder. Diante disso, sugeriu-se a lexia parteira a qual todos acataram.

No PR 2, 25% dos informantes (02) não responderam à questão 51 no momento da pergunta, porém quando solicitados a usarem outras formas de nomear o que foi pedido, 25% deles (02) também não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia parteira que 25% dos informantes (02) aceitaram. No PR5, 100% dos informantes (08) responderam parteira.

4.4.1.10 Questão 55 - Lexia 'vaqueiro'

Para a questão 55 - Como se denomina o cuidador de gado bovino? -, obtiveram-se as seguintes respostas espontâneas: vaqueiro, fazendeiro, veterinário, produtor e boiadeiro. Dentre elas, a lexia mais citada foi vaqueiro, com uma frequência de 83% (33 ocorrências), seguida de veterinário com 5% (02 ocorrências) e fazendeiro, produtor e boiadeiro com o mesmo percentual de 3% (01 - ocorrência). Observou-se que 5% dos informantes não souberam responder à questão, o que o Gráfico 20, a seguir, comprova.

Gráfico 20 - Ocorrências das variantes para a questão 55: Como se denomina o cuidador de gado bovino?

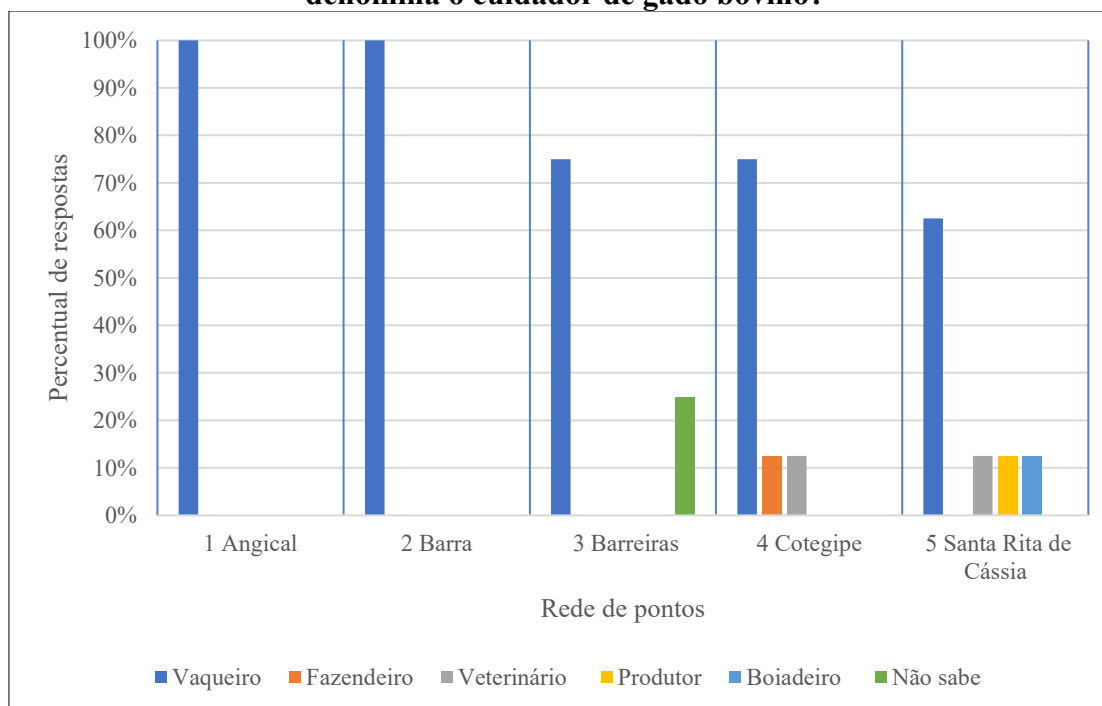


Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Nos dados apresentados no Gráfico 21, a seguir, apresenta-se a distribuição regular da lexia vaqueiro em todos os pontos de rede investigados. Em Angical e Barra (PRs 1 e 2), foi registrado o mesmo percentual total de frequência em cada ponto 100% (08 ocorrências). Em Barreiras e Cotegipe (PRs 3 e 4), houve a mesma frequência da lexia vaqueiro 75%, (03 ocorrências) e em Santa Rita de Cássia (PR5), a uma frequência mais baixa 63% (05 ocorrências). Esses dados mostram que a lexia vaqueiro se estruturou como a norma linguística da região investigada.

A lexia fazendeiro foi registrada apenas em um ponto de rede (PR 4) com um percentual de 13% (01 -ocorrência). A lexia veterinário foi utilizada nos PR's 4 e 5, apresentando o mesmo percentual (13%) em ambos os pontos (01 - ocorrência). No PR5 foram observadas as lexias boiadeiro e produtor, ambas com 13% (01 - ocorrência). No PR3, 13% dos informantes não souberam responder à questão. Mesmo sendo observadas cinco variantes lexicais como respostas espontâneas à questão 55, os dados sugerem que a lexia vaqueiro é predominante nos falares da região investigada, o que é justificável pelo fato de uma das bases da economia local ser a pecuária. O teste estatístico utilizado mostrou que a dimensão diatópica não interferiu nas escolhas lexicais dos informantes ($p=0,13$).

Gráfico 21 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 55: Como se denomina o cuidador de gado bovino?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Em relação à distribuição das lexias na dimensão diassexual (Tabela 20), houve uma simetria entre o grupo masculino (85%) e o feminino (80%), em relação à lexia vaqueiro. As lexias veterinário (10%) e boiadeiro (5%) foram observadas na fala das mulheres. Também entre as mulheres, 5% delas não souberam responder à questão proposta. Na fala dos homens, também foram observadas as lexias fazendeiro e produtor, ambas com o mesmo percentual 5%. Desses informantes, 5% não souberam responder à questão 55. O teste estatístico utilizado não indicou diferenças estatisticamente significativas, nas falas entre os grupos feminino e masculino, relacionadas às respostas da questão 55 ($p=0.7$).

Na dimensão diatrática, os dados da Tabela 20 demonstram que a lexia vaqueiro foi mais mencionada pelos informantes com escolaridade baixa (Cb), com uma frequência de uso de 90%, em comparação aos informantes de nível de escolaridade alta (Ca) com 75%. A Ca também foi quem mais diversificou as respostas, apresentando as lexias veterinário, produtor, boiadeiro, todas com o mesmo percentual de 5%. Dez por cento (10%) dos informantes Ca não responderam à questão proposta. Os informantes Cb elegeram as variantes fazendeiro e veterinário com o mesmo percentual (5%). Conforme mostrou o teste estatístico, não houve diferenças significativas entre o nível de escolaridade e as respostas da questão 55 ($p=0.5$).

Os registros dos dados observados na Tabela 20 demonstraram que, na dimensão diageracional, a preferência pela lexia vaqueiro, com 95% de frequência de uso, foi da GII enquanto a GI apresentou 70%. Em relação às outras lexias, observou-se que a GI utilizou as lexias fazendeiro (5%), veterinário (10%) e produtor (5%). Entre os informantes GI, 10% não responderam à questão. A GII, além da lexia vaqueiro, utilizou apenas a variante boiadeiro (5%). A submissão desses dados diageracionais ao teste estatístico indicou que houve diferenças estatísticas significativas entre as respostas das duas gerações ($p=0,044$), o que indica que a dimensão diageracional interferiu nas escolhas lexicais dos informantes.

Tabela 20 - Questão 55: Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Vaqueiro	17 (85%)	16 (80%)	15 (75%)	18 (90%)	14 (70%)	19 (95%)
Fazendeiro	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Veterinário	0 (0%)	2 (10%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)
Produtor	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Boiadeiro	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Não sabe	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

A correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática (Tabela 21) mostrou que, na GI, informantes entre 18 e 40 anos, os homens de baixo nível escolar (Cb) citaram a lexia vaqueiro com uma frequência de 80% e os homens de alto nível escolar Ca (60%). A outra lexia utilizada pelos homens Ca foi apenas produtor, com 20% de frequência de uso. Dos homens Ca, 20% não responderam à questão 55. Os homens Cb utilizaram a variante fazendeiro com frequência de uso de 20%. As mulheres Ca e Cb seguiram o mesmo padrão já mencionado pelos homens, com a frequência de uso de 60% e 80%, respectivamente, para a lexia vaqueiro. A lexia veterinário foi mencionada tanto pelas mulheres Ca, quanto pelas mulheres Cb, apresentando o mesmo percentual (20%). Entre as mulheres Ca, 20% não responderam à questão proposta.

Na GII, tanto os homens Ca quanto os Cb apresentaram o mesmo percentual de 100% para a lexia vaqueiro. Já as mulheres Ca citaram vaqueiro com uma frequência de uso de 80% e as mulheres Cb, 100%. A variante boiadeiro foi citada somente pelas mulheres Ca (20%).

Tabela 21 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 55

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Vaqueiro	3(60%)	4(80%)	3(60%)	4(80%)	5(100%)	5(100%)	4(80%)	5(100%)
Fazendeiro	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Veterinário	0(0%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Produtor	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Boiadeiro	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Não sabe	1(20%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se, a seguir (Quadro 97), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir) com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 97 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 55

Questão 55 – Lexia vaqueiro					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Vaqueiro	Não sabe		
	2	Vaqueiro	Fazendeiro		
	3	Vaqueiro	Não sabe		
	4	Vaqueiro	Não sabe		
	5	Vaqueiro	Não sabe		
	6	Vaqueiro	Não sabe		
	7	Vaqueiro	Não sabe		
	8	Vaqueiro	Não sabe		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Vaqueiro	Não sabe		
	2	Vaqueiro	Não sabe		
	3	Vaqueiro	Não sabe		
	4	Vaqueiro	Não sabe		
	5	Vaqueiro	Não sabe		
	6	Vaqueiro	Não sabe		
	7	Vaqueiro	Não sabe		
	8	Vaqueiro	Fazendeiro		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Não sabe	Não sabe	Vaqueiro	
	2	Não sabe	Não sabe	Vaqueiro	
	3	Vaqueiro	Veterinário		
	4	Vaqueiro	Não sabe		
	5	Vaqueiro	Não sabe		

	6	Vaqueiro	Boiadeiro		
	7	Vaqueiro	Não sabe		
	8	Vaqueiro	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Vaqueiro	Não sabe		
	2	Vaqueiro	Não sabe		
	3	Fazendeiro	Não sabe	Vaqueiro	
	4	Veterinário	Não sabe	Vaqueiro	
	5	Vaqueiro	Não sabe		
	6	Vaqueiro	Não sabe		
	7	Vaqueiro	Não sabe		
	8	Vaqueiro	Não sabe		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Produtor	Não sabe	Vaqueiro	
	2	Veterinário	Não sabe	Vaqueiro	
	3	Vaqueiro	Não sabe		
	4	Vaqueiro	Não sabe		
	5	Vaqueiro	Não sabe		
	6	Boiadeiro	Vaqueiro		
	7	Vaqueiro	Não sabe		
	8	Vaqueiro	Não sabe		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme o Quadro 97, nos PR's 1 e 2, 100% dos informantes responderam a lexia vaqueiro no momento da pergunta.

No PR 3, somente 25% dos informantes (02) não responderam à questão 55 no momento da pergunta. Quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 25% deles (02) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia vaqueiro e 25% dos informantes (02) aceitaram a sugestão.

Nos PR's 4 e 5, apenas 25% dos informantes (02 em cada ponto) responderam lexias diferentes de vaqueiro para a questão 55. Diante da insistência para usarem outras formas de nomear o que foi solicitado, 25% dos informantes (02 em cada ponto) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida e aceita a lexia vaqueiro.

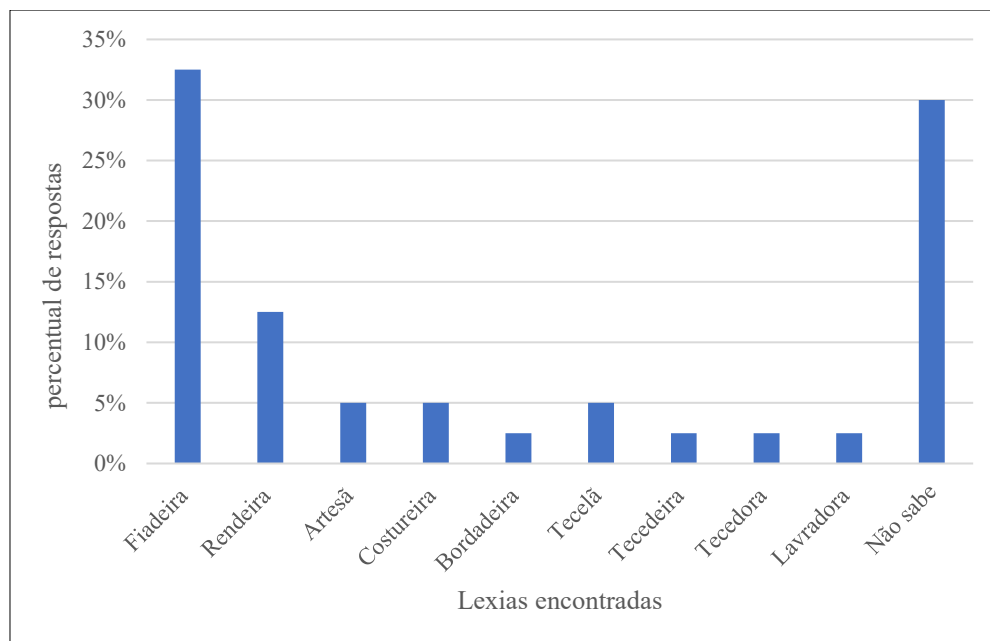
4.4.1.11 Questão 60 - Lexia 'fiadeira'

Como respostas espontâneas para a questão 60, - Como se denomina a mulher que se dedica a fiar? -, obtiveram-se as seguintes lexias: Fiadeira, rendeira, artesã, costureira, tecelã, tecedeira, tecedora, lavradora (Gráfico 22). A lexia mais recorrente foi Fiadeira, com 33% de uso (13 ocorrências). A lexia rendeira registrou 13 % de uso (05 ocorrências), seguida de artesã, costureira e tecelã com o mesmo percentual de uso cada uma: 5% (02 ocorrências). As lexias bordadeira, tecedeira, tecedora e lavradora foram registradas com o mesmo percentual de 3% (01 -ocorrência de cada).

Os informantes que não souberam responder somaram 30%. Esse número pode ser explicado por uma mudança cultural: o fato de não mais haver Fiadeiras de algodão na região.

Vale destacar a constância do uso do sufixo -eiro nas respostas espontâneas da questão 60, quais sejam, fiadeira, rendeira, costureira e tecedeira, e do sufixo -or em tecedora e lavradora. O morfema subtrativo -ã, usado para construir o gênero feminino de tecelã e artesã, também merece destaque. O uso dos sufixos -eira e -ora e o uso de morfemas subtrativos pode indicar competência linguística dos informantes.

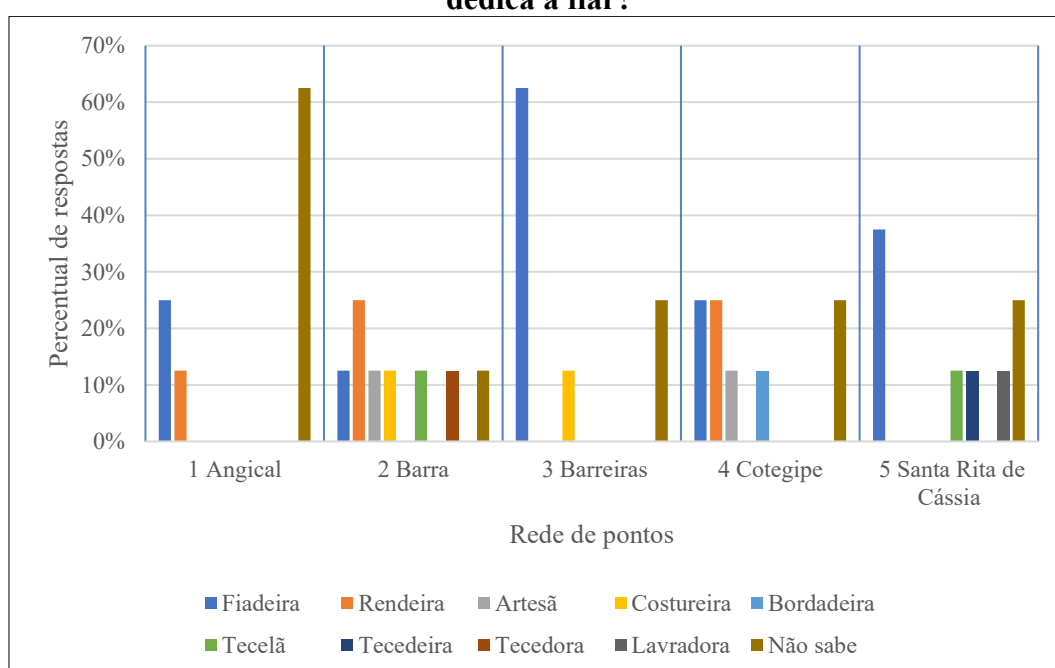
Gráfico 22 - Ocorrências das variantes para a Questão 60: Como se denomina a mulher que se dedica a fiar?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Em relação à dimensão diatópica (Gráfico 23), observou-se que a lexia Fiadeira foi registrada em toda rede de pontos investigada: 63% de uso no PR3 (05 ocorrências), 38% no PR 5 (03 ocorrências), 25% nos PRs1 e 4 (02 ocorrências em cada PR), 13% de de uso no PR1 (01- ocorrência).

Gráfico 23 - Dimensão diatópica e a Questão 60: Como se denomina a mulher que se dedica a fiar?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Além da lexia fiadeira registrada em toda a rede de pontos, no PR1, 63% dos informantes não souberam responder à questão, e 13% responderam rendeira (01 - ocorrência). Os informantes do PR2 utilizaram cinco lexias além de fiadeira: rendeira 25% (02 ocorrências); artesã, costureira, tecelã e tecedora com o mesmo percentual de 13 % (01 - ocorrência cada). Dos falantes do PR2, 13% não souberam responder. Durante a aplicação do questionário, percebeu-se que os falantes do PR3 tiveram contato com fiadeiras e suas rocas, como foi comentado por uma informante CbGII, ao mostrar uma roca, instrumento de trabalho de sua vó. Pode ser esta uma possível explicação para o maior uso dessa lexia ter sido registrada no PR3. Além de fiadeira, os informantes do PR3 também usaram a lexia costureira, 13% (01 - ocorrência). Dentre esses informantes, 25% não responderam à questão. No PR4, eles também elencaram rendeira 25% (02 ocorrências) e artesã e bordadeira, 13% cada (01 - ocorrência de cada). Aqueles que não souberam responder à questão correspondem a 25%.

No PR5, as lexias utilizadas além de fiadeira foram tecelã, tecedeira e lavradora com o mesmo percentual de 13% (01 - ocorrência cada). Nesse ponto de rede, 25% dos informantes não souberam responder, percentual que permite inferir que essa atividade não mais é desenvolvida e nem conhecida na região.

Tabela 22 - Questão 60: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Fiadeira	6 (30%)	7 (35%)	8 (40%)	5 (25%)	1 (5%)	12 (60%)
Rendeira	1 (5%)	4 (20%)	2 (10%)	3 (15%)	2 (10%)	3 (15%)
Artesã	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)
Costureira	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0%)
Bordadeira	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Tecelã	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)
Tecedeira	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Tecedora	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Lavradora	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0(0%)	1(5%)
Não sabe	7 (35%)	5 (25%)	4 (20%)	8 (40%)	9 (45%)	3 (15%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Os dados da Tabela 22 demonstram que tanto homens quanto mulheres trouxeram outras lexias como respostas à questão 60. De uso exclusivamente masculino foram artesã e costureira, com o percentual de 10% cada, e lavradora (5%). Já as variantes de uso exclusivamente feminino foram bordadeira, tecedeira e tecedora (5% de cada). As lexias comuns a ambos os sexos foram fiadeira (30%M e 35% F); rendeira (5% M e 20% F); tecelã (5% M e 5%F). Entre aqueles que não souberam responder registraram-se 35%M e 25% F. O teste estatístico não apresentou diferença significativa entre as falas masculinas e femininas ($p=0,4$).

No que concerne à dimensão diastrática, os dados demonstram que os informantes Ca usaram exclusivamente as lexias artesã e tecelã (10% cada uma) e bordadeira e tecedeira (5% cada uma). Já os informantes Cb utilizaram costureira (10%), tecedora e lavradora (5% cada). As lexias comuns às duas classes foram fiadeira (40% Ca e 25% Cb), rendeira (10% Ca e 15% Cb). Aqueles que não souberam responder somaram 20% Ca e 40% Cb. O nível de escolaridade não influenciou a escolha lexical dos informantes, conforme teste estatístico ($p=0,2$).

Considerando a dimensão geracional, pelos dados da Tabela 22 anterior, observou-se uma dispersão de lexias de uso exclusivo da GI: artesã, costureira (10% cada uma), bordadeira, tecedora e tecedeira (5% cada). Em ambas as gerações, observaram-se as seguintes lexias: fiadeira (5% GI e 60% GII), rendeira (10% GI e 15% GII), tecelã (5% GI e GII). Sobre os informantes que não souberam responder correspondem a 45% na GI e 13% na GII. Vale ressaltar que a lexia lavradora foi proferida apenas pela GII. Observou-se uma diferença estatisticamente significativa entre as gerações ($p = 0.015$). A Geração II apresentou maior concentração no termo fiadeira (60%), indicando uma preferência lexical mais específica e consolidada. Lexias como lavradora, rendeira e tecelã também apareceram nesse grupo, mas em menor proporção. A diferença de escolha entre as gerações pode sugerir que o vocabulário relativo às atividades femininas tradicionais deve estar passando por um processo de simplificação ou padronização nas gerações mais recentes, ao passo que os mais velhos mantêm uma variedade léxica mais ampla, possivelmente herdada dos usos orais regionais.

Tabela 23 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 60

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Fiadeira	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	4(80%)	2(40%)	3(60%)	3(60%)
Rendeira	0(0%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	1(20%)
Artesã	2(40%)	0 (0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Costureira	0(0%)	2 (40%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Bordadeira	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Tecelã	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Tecedeira	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Tecedora	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Lavradora	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Não sabe	2(40%)	3(60%)	1(20%)	3(60%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Ao se cruzarem as dimensões diageracional, diassexual e diastrática, obteve-se o resultado apresentado na Tabela 23. Na GI, os homens Ca usaram apenas as lexias artesã (40%) e tecelã (20%), e 40% não souberam responder. Os homens Cb usaram costureira (40%), e 60% não souberam responder.

As mulheres Ca da GI responderam fiadeira, tecedeira, bordadeira (20% cada uma) e 20% não souberam responder. As mulheres Cb responderam tecedora (20%), e 60% não souberam responder. Houve apenas uma lexia comum aos dois níveis de escolaridade: rendeira (20% cada).

Na GII, os homens Ca utilizaram fiadeira (80%) e 20% não responderam; já os homens Cb utilizaram três lexias: fiadeira (40%), rendeira e lavradora (20% cada). Entre os homens Cb, 20% não souberam responder. As mulheres Ca e Cb da GII usaram fiadeira com o mesmo percentual (60%) e rendeira também com o mesmo percentual (20%). Somente as mulheres Ca responderam tecelã (20%) e entre as mulheres Cb, 20% não souberam responder.

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, apresentam-se, no Quadro 98, a seguir, as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão que foram aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 98 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 60

Questão 60 – Lexia Fiadeira					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Não sabe	Não sabe	Fiadeira	
	2	Não sabe	Não sabe		Fiadeira
	3	Não sabe	Não sabe		Fiadeira
	4	Não sabe	Não sabe		Fiadeira
	5	Não sabe	Não sabe		Fiadeira
	6	Fiadeira	Não sabe		
	7	Rendeira	Não sabe	Fiadeira	
	8	Fiadeira	Não sabe		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Artesã	Não sabe		Fiadeira
	2	Rendeira	Não sabe	Fiadeira	
	3	Costureira	Não sabe	Fiadeira	
	4	Tecedora	Não sabe	Fiadeira	
	5	Fiadeira	Não sabe		
	6	Tecelã	Rendeira	Fiadeira	
	7	Não sabe	Não sabe	Fiadeira	
	8	Rendeira	Não sabe	Fiadeira	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Não sabe	Não sabe		Fiadeira
	2	Fiadeira	Não sabe		
	3	Costureira	Não sabe	Fiadeira	
	4	Não sabe	Não sabe		Fiadeira
	5	Fiadeira	Não sabe		

	6	Fiadeira	Não sabe		
	7	Fiadeira	Não sabe		
	8	Fiadeira	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Artesã	Não sabe		Fiadeira
	2	Bordadeira	Não sabe		Fiadeira
	3	Não sabe	Não sabe		Fiadeira
	4	Rendeira	Não sabe		Fiadeira
	5	Fiadeira	Não sabe		
	6	Rendeira	Não sabe		Fiadeira
	7	Fiadeira	Não sabe		
	8	Não sabe	Não sabe		Fiadeira
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Tecelã	Não sabe		Fiadeira
	2	Tecedeira	Fiadeira		
	3	Não sabe	Não sabe	Fiadeira	
	4	Não sabe	Não sabe		Fiadeira
	5	Fiadeira	Não sabe		
	6	Fiadeira	Não sabe		
	7	Lavradora	Não sabe	Fiadeira	
	8	Fiadeira	Não sabe		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo o Quadro 98, no PR1, 63% dos informantes (05) não souberam responder à questão 60 e 13% dos informantes (01) responderam rendeira no momento da pergunta. Porém, ao se insistir para que usassem outras formas de nomeação do que foi solicitado, 75% deles (06) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia fiadeira. Apenas 25% dos informantes (02) aceitaram a sugestão, enquanto 50% (04) a rejeitaram.

No PR 2, 75% dos informantes (06) responderam à questão 60 com lexias diferentes de fiadeira e 13% (01) não souberam responder no momento da pergunta. Quando foram solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% dos informantes (01) responderam rendeira e 75% (06) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia fiadeira aceita por 75% dos informantes (06) e rejeitada por 13% (01).

Dos informantes do PR3, 13% deles (01) responderam à questão 60 com a lexia costureira e outros 13% (01) não souberam responder, quando perguntados. Quando foram instigados a indicar outras formas de nomeação, 38% deles (03) não souberam responder. A sugestão da lexia Fiadeira foi aceita por 13% dos informantes (01) e rejeitada por 25% (02).

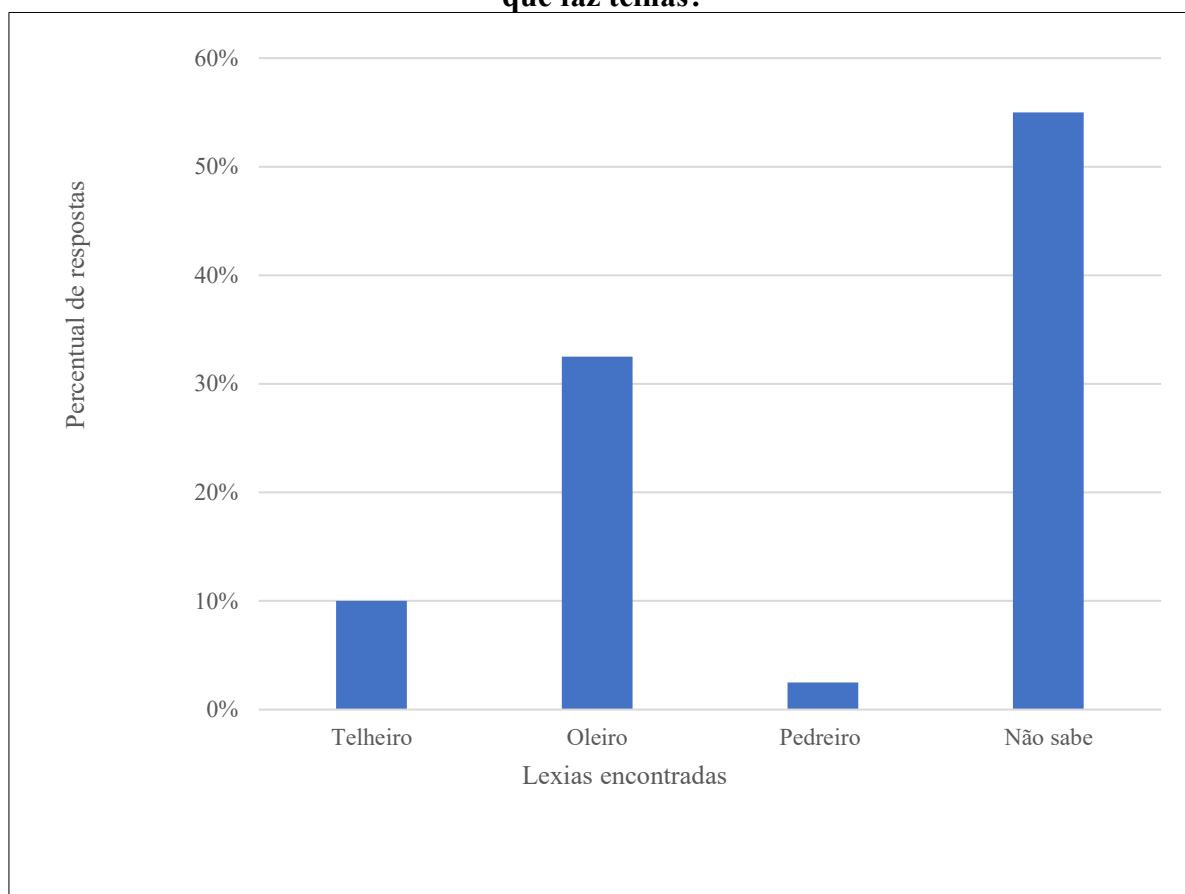
No PR4, 50% dos informantes (04) responderam outras lexias diferentes de Fiadeira e 25% não souberam responder, quando indagados. No momento da insistência por outras formas de nomeação, 75% dos informantes (06) não souberam responder. Assim, foi sugerida a lexia Fiadeira e 75% deles (06) rejeitaram a sugestão.

No PR5, 38% dos informantes (03) responderam lexias diferentes de Fiadeira e 25% (02) não souberam responder no momento da pergunta. Ao se insistir por outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) disseram Fiadeira e 50% (05) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia Fiadeira que foi aceita por 25% dos informantes (02) e rejeitada por 25%(02).

4.4.1.12 Questão 65 - Lexia ‘telheiro’

Como respostas espontâneas para a questão 65 - Como se denomina a pessoa que faz telhas? –, obtiveram-se as seguintes variantes lexicais: telheiro, oleiro e pedreiro. Dentre essas, a variante de maior ocorrência foi oleiro com 33% (13 ocorrências), telheiro com 10% (04 ocorrências) e pedreiro 3% (01 - ocorrência). Registrou-se um número alto de informantes que não souberam responder: 55% (22 ocorrências), como se pode observar no Gráfico 24, a seguir.

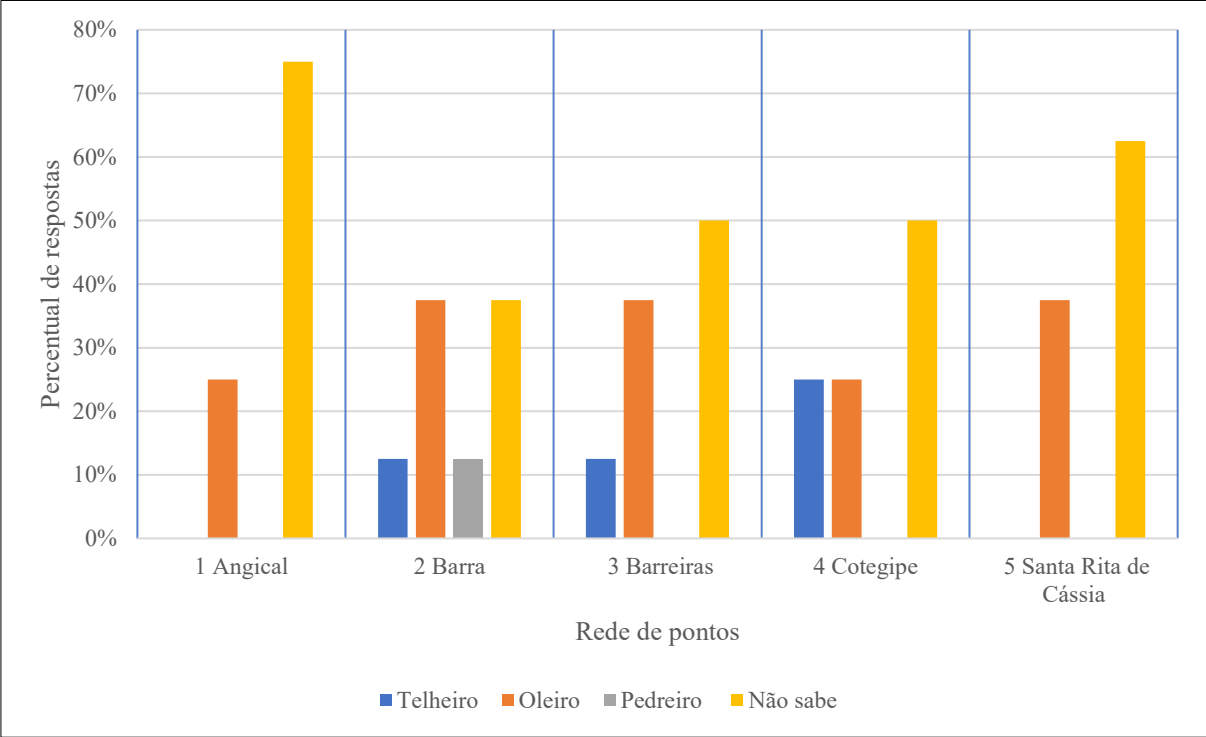
Gráfico 24 - Ocorrências das variantes para a Questão 65: Como se denomina a pessoa que faz telhas?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em relação à dimensão diatópica (Gráfico 25), observou-se que o desconhecimento sobre a resposta foi registrado em toda a rede de pontos investigada: 75% no PR1, 63% no PR 5, 50% nos PR's 3 e 4 e 38% no PR2. A lexia oleiro também aparece em toda a rede de pontos: 25% (02 ocorrências) nos PR's 1 e 4, 38% (03 ocorrências) nos PR's 2, 3 e 5. A lexia telheiro foi registrada nos PR's 2 e 3 com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência em cada) e no PR4, 25% (02 ocorrências). Somente o PR2 registrou pedreiro. A diferença das lexias escolhidas entre os municípios não foi estatisticamente significativa ($p = 0.9$).

Gráfico 25 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 65: Como se denomina a pessoa que faz telhas?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Tabela 24 - Questão 65: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Telheiro	1 (5%)	3 (15%)	1 (5.0%)	3 (15%)	3 (15%)	1 (5%)
Oleiro	9 (45%)	4 (20%)	8 (40%)	5 (25%)	1 (5.0%)	12 (60%)
Pedreiro	0 (0%)	1 (5%)	1 (5.0%)	0 (0%)	1 (5.0%)	0 (0%)
Não sabe	10 (50%)	12 (60%)	10 (50%)	12 (60%)	15 (75%)	7 (35%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados da Tabela 24 permitiram observar que tanto homens quanto mulheres optaram pelas variantes telheiro (5% M e 15% F), oleiro (45% M e 20% F). Houve informantes que não souberam responder (50% M e 60% F). Vale ressaltar que somente as mulheres responderam pedreiro (5%). Conforme o teste estatístico, não foi observada diferença estatisticamente significativa entre as falas masculinas e femininas ($p=0,3$).

Em relação à dimensão diastrática, os dados demonstram que os informantes Ca usaram exclusivamente a lexia pedreiro (5%). Lexias comuns às duas classes foram telheiro (5% Ca e 15% Cb), oleiro (40% Ca e 25% Cb), houve, ainda, aqueles que não souberam responder (50% Ca e 60%Cb). O nível de escolaridade não influenciou a escolha lexical dos informantes, conforme teste o estatístico ($p=0,4$).

Comparando dados da GI com os dados da GII (Tabela 24), observou-se que somente a GI utilizou a lexia pedreiro (5%), e que as outras lexias foram usadas por todas as gerações: telheiro (15% GI e 5% GII) e oleiro (55 GI e 60% GII). Também houve aqueles informantes que não responderam: 75% GI e 35% GII. O desconhecimento das respostas foi maior na GI (75%), contrapondo-se a GII com 35%. Na GII, prevaleceu a lexia oleiro (60%). As escolhas lexicais feitas nesta questão por gerações diferentes apresentaram uma diferença estatisticamente significativa ($p=0,001$).

O cruzamento das dimensões diageracional, diassexual e diastrática obteve o seguinte resultado (Tabela 25). Na GI, os homens Ca usaram apenas a lexia oleiro (20%); 80% não souberam responder. Os homens Cb usaram telheiro (20%), e 80% não responderam. As mulheres Ca e Cb da GI usaram telheiro (20% cada) e, dessa mesma geração, 60% das mulheres Ca e 80% das mulheres Cb não souberam responder. Destaca-se que somente as mulheres Ca usaram a lexia pedreiro 20%.

Tabela 25 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 65

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Telheiro	0 (0%)	1 (20%)	1 (20%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)
Oleiro	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (80%)	4 (80%)	3 (60%)	1 (20%)
Pedreiro	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Não sabe	4 (80%)	4 (80%)	3 (60%)	4 (80%)	1 (20%)	1 (20%)	2(40%)	3 (60%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se a seguir, no Quadro 91, as lexias registradas no

segundo e terceiro passos (insistir e sugerir) com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 99 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 65

Questão 65 – Lexia telheiro					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Oleiro	Não sabe		Telheiro
	2	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	3	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	4	Não sabe		Telheiro	
	5	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	6	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	7	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	8	Oleiro	Não sabe		Telheiro
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Não sabe	Não sabe	Telheiro	
	2	Pedreiro	Não sabe	Telheiro	
	3	Não sabe	Não sabe	Telheiro	
	4	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	5	Oleiro	Não sabe	Telheiro	
	6	Oleiro	Não sabe		Telheiro
	7	Oleiro	Não sabe	Telheiro	
	8	Telheiro	Não sabe	Oleiro	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	2	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	3	Telheiro	Não sabe		
	4	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	5	Oleiro	Não sabe	Telheiro	

	6	Oleiro	Não sabe		Telheiro
	7	Oleiro	Não sabe		Telheiro
	8	Não sabe	Não sabe	Telheiro	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	2	Telheiro	Não sabe		
	3	Não sabe	Não sabe	Telheiro	
	4	Telheiro	Não sabe		
	5	Oleiro	Não sabe		Telheiro
	6	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	7	Oleiro	Não sabe		Telheiro
	8	Não sabe	Não sabe		Telheiro
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	2	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	3	Não sabe	Não sabe		Telheiro
	4	Não sabe	Não sabe	Telheiro	
	5	Oleiro	Não sabe		Telheiro
	6	Oleiro	Não sabe		Telheiro
	7	Oleiro	Não sabe		Telheiro
	8	Não sabe	Oleiro		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo com o Quadro 99 anterior, no PR1, 75% dos informantes (06) não souberam responder à questão 65 e 25% utilizaram uma lexia diferente de telheiro no momento da pergunta. Em seguida, insistiu-se pelo uso de formas de nomeação diferentes da solicitada e 100% dos informantes (08) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia telheiro, aceita por 13% (01) e rejeitada por 88% deles.

No PR 2, 50% dos informantes (04) responderam à questão 65 com lexias diferentes de telheiro e 38% (03) não souberam responder no momento da pergunta. Quando foram solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 88% dos informantes (07) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia telheiro, aceita por 63% dos informantes (05) e rejeitada por 25% deles (02).

Dos informantes do PR3, 38%, (03) responderam à questão 65 com lexias diferentes de telheiro e 50% deles (04) não souberam responder, quando perguntados. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 88% (07) não souberam responder. Após sugerida a lexia telheiro, essa foi aceita por 25% dos informantes (02) e 63% (05) a rejeitaram.

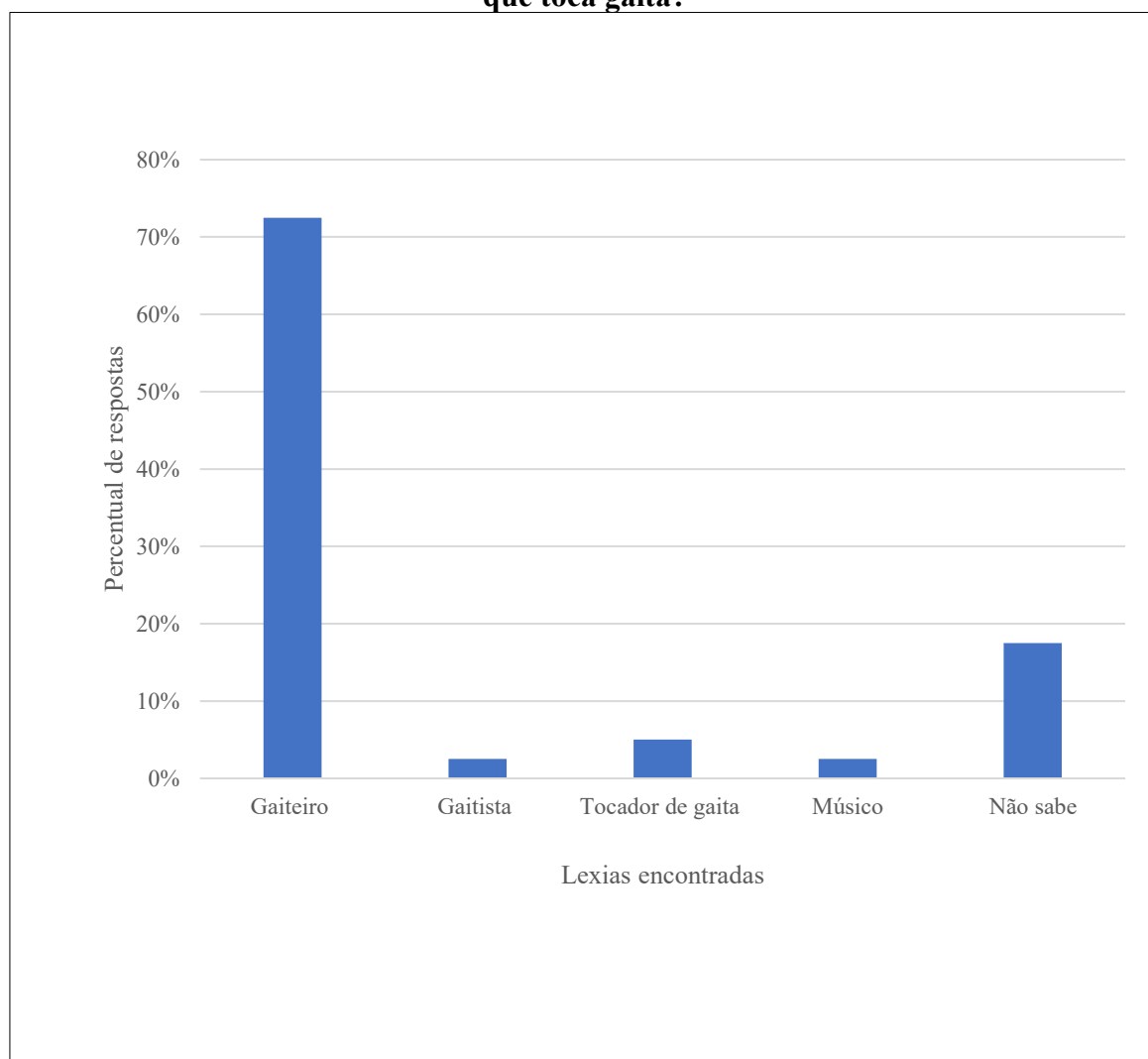
No PR4, 25% dos informantes (02) responderam outra lexia diferente de telheiro e 50% (04) não souberam responder, quando indagados. Após a insistência por usarem outras formas de nomeação, 75% deles (06) não souberam responder. Sugeriu-se, então, a lexia telheiro que foi aceita por 13% dos informantes (01) e rejeitada por 63% (05) deles.

No PR5, 38% dos informantes (03) responderam uma lexia diferente de telheiro e 63% (05) não souberam responder no momento da pergunta. Após se insistir por outras formas de nomeação, 13% deles (01) disseram oleiro, mas 88% (07) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia telheiro aceita por 13% dos informantes (01) e rejeitada por 88% deles (07).

4.4.1.13 Questão 67 - Lexia 'gaiteiro'

Como respostas espontâneas para a questão 67, - Como se denomina a pessoa que toca gaita? -, foram registradas as seguintes lexias: gaiteiro com 73% de frequência de uso (29 ocorrências), tocador de gaita com 5% (02 ocorrências), gaitista e músico, com o mesmo percentual de uso 3% (01 -ocorrência). Dezoito por cento (18%) dos informantes não souberam responder (Gráfico 26). Uma possível explicação para o alto índice da ausência de respostas o fato de poucas pessoas atualmente tocarem gaita.

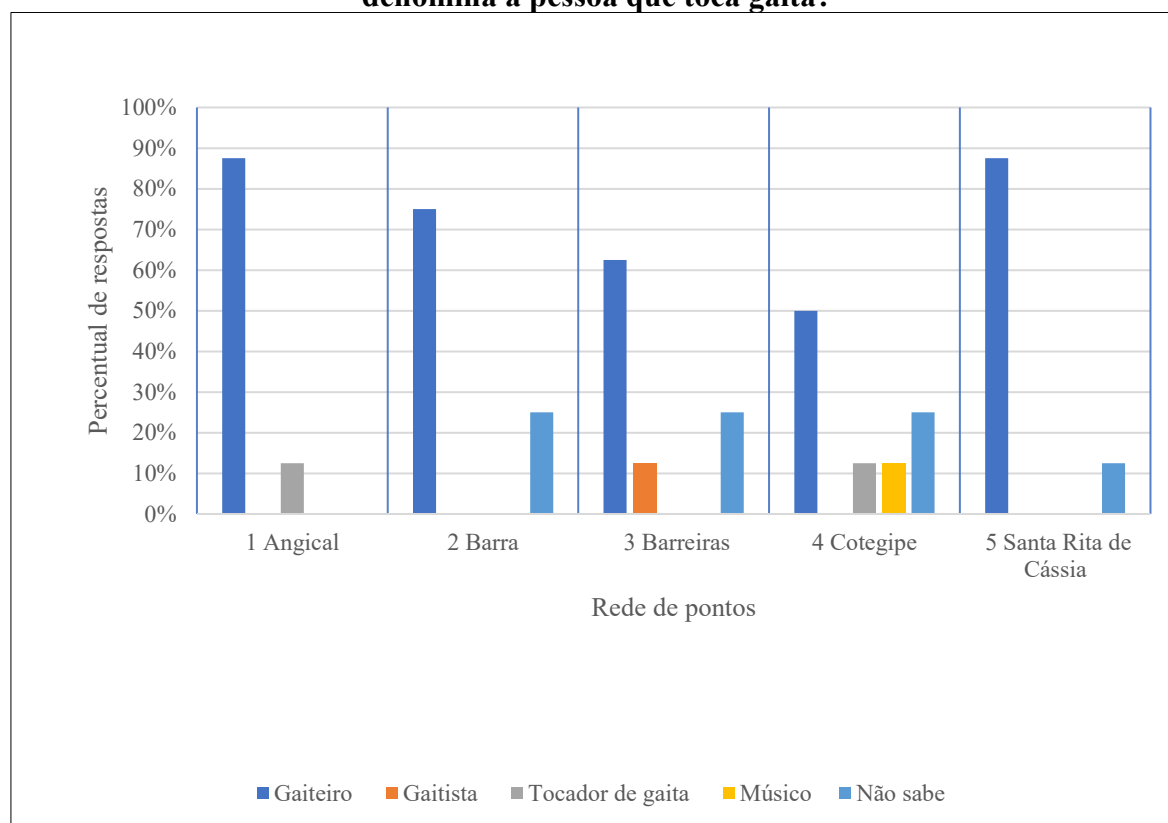
Gráfico 26 - Ocorrências das variantes para a questão 67: Como se denomina a pessoa que toca gaita?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que concerne à dimensão diatópica, os dados (Gráfico 27) mostram que a variante gaiteiro prevaleceu em toda a rede de pontos investigada. Nos PRs1 e 5, essa lexia ocorreu com o mesmo percentual 88% (07 ocorrências), no PR2, com 75% (06 ocorrências), no PR3, com um percentual de 63% (05 ocorrências) e no PR 4, com 50% (04 ocorrências). A lexia composta tocador de gaita foi registrada no PR1 com 13% de frequência de uso (01 - ocorrência) e no PR4 com o mesmo percentual (13%/ 01 - ocorrência). A lexia gaitista ocorreu no PR3 com 13% (01- ocorrência) e músico foi registrada no PR4 com 13% de uso (01 -ocorrência). À exceção do PR1, em todos os pontos de rede foram registrados índices de informantes que não souberam responder à questão proposta: PR2 (25%), PR3 (25%), PR4 (25%) e PR 5 (13%). Considerando as escolhas lexicais como respostas espontâneas à questão 67 e a rede de pontos investigada, o teste estatístico indicou não haver diferenças estatisticamente significativas entre elas ($p=0,6$).

Gráfico 27 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 67: Como se denomina a pessoa que toca gaita?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Para a dimensão diasssexual, os dados (Tabela 26) mostram que a frequência de uso da lexia gaiteiro foi muito próxima entre homens (75%) e mulheres (70%); as lexias gaitista (5%) e tocador de gaita (10%) foram mencionadas apenas por mulheres. Ainda em relação às mulheres, 15% delas não souberam responder à questão 67. Já a lexia músico foi escolhida somente por homens com 5% de frequência de uso; 20% deles não souberam responder à questão proposta. O teste estatístico realizado entre as respostas espontâneas da questão 67 e o sexo dos informantes indicou não haver diferenças significativas entre as falas masculinas e femininas ($p=0,6$).

Considerando a dimensão diastrática, os dados (Tabela 26) permitiram observar que os informantes da Ca citaram a variante gaiteiro com uma frequência de uso de 75%, enquanto os da Cb (70%). Ambas as classes citaram a lexia composta tocador de gaita, apresentando o mesmo percentual de frequência de uso (5%); não souberam responder à questão (Ca, 15% e Cb, 20%). Somente os informantes Ca falaram gaitista (5%); do mesmo modo, apenas os informantes Cb disseram músico (5%). O teste estatístico mostrou que a dimensão diastrática não influenciou as escolhas lexicais dos informantes, uma vez que não foram verificadas diferenças significativas entre as respostas dadas a essa questão ($p \geq 0,9$).

Os dados referentes à dimensão diageracional (Tabela 26) demonstram que a variante gaiteiro sobressaiu na GII com 90% de frequência de uso, enquanto a GI somou 55%. Em relação aos informantes que não souberam responder, 30% são da GI E 5% da GII. Vale destacar que somente as variantes gaitista (5%) e tocador de gaita (10%) foram selecionadas pela GI, enquanto os informantes GII, optaram pela variante músico (5%). O teste estatístico indicou haver diferenças significativas entre as duas gerações ($p=0,017$).

Tabela 26 - Questão 67 - Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Gaiteiro	15 (75%)	14 (70%)	15 (75%)	14 (70%)	11 (55%)	18 (90%)
Gaitista	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Tocador de gaita	0(0%)	2(10%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)
Músico	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Não sabe	4 (20%)	3 (15%)	3 (15%)	4 (20%)	6 (30%)	1 (5%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Correlacionando as dimensões selecionadas para esta tese (Tabela 27), observou-se que na geração I, tanto os homens Cb, quanto os homens Ca utilizaram gaitero com o mesmo percentual de frequência (60%). Observou-se que 40% dos informantes das duas classes não souberam responder à questão 67. As mulheres Ca da G1 utilizaram gaitero com frequência de 40%, contrapondo-se a 60% de uso das mulheres Cb. As lexias proferidas apenas pelas informantes Ca foram gaitista (20%) e tocador de gaita (20%). Além disso, 20% delas na Ca não souberam responder à questão. Os informantes Cb também citaram tocador de gaita (20%) e 20% deles também não conseguiram responder à questão 67.

Na GII, os homens Ca usaram a lexia gaitero com frequência de uso de 100%, enquanto os homens Cb tiveram uma frequência de uso de 80%. A outra lexia utilizada pelos informantes Cb foi músico com 20% de uso. As mulheres Ca da GII seguiram o mesmo padrão dos homens Ca e Cb em relação à variante gaitero. As mulheres Ca apresentaram uma frequência de uso de 100% e as Cb, 80%. Das mulheres Cb, 20% não souberam responder. Ficou evidente que o nível de escolaridade não influenciou as escolhas lexicais dos informantes. Não obstante a heterogeneidade lexical registrada, foi possível identificar que há uma norma linguística na região: gaitero.

Tabela 27 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 67

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Gaitero	3(60%)	3(60%)	2(40%)	3(60%)	5(100)	4(80%)	5(100)	4(80%)
Gaitista	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Tocador de gaita	0(0%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Músico	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Não sabe	2(40%)	2(40%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se a seguir (Quadro 100), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir) com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestões que foram aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 100 - Repostas por insistência e respostas por sugestão à questão 67

Questão 67 – Lexia gaiteiro					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Gaiteiro	Não sabe		
	2	Gaiteiro	Não sabe		
	3	Gaiteiro	Não sabe		
	4	Tocador de gaita	Não sabe	Gaiteiro	
	5	Gaiteiro	Não sabe		
	6	Gaiteiro	Não sabe		
	7	Gaiteiro	Não sabe		
	8	Gaiteiro	Não sabe		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Gaiteiro	Não sabe		
	2	Não sabe	Não sabe	Gaiteiro	
	3	Não sabe	Não sabe	Gaiteiro	
	4	Gaiteiro	Não sabe		
	5	Gaiteiro	Não sabe		
	6	Gaiteiro	Não sabe		
	7	Gaiteiro	Não sabe		
	8	Gaiteiro	Não sabe		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Não sabe	Não sabe	Gaiteiro	
	2	Gaitista	Gaiteiro		
	3	Gaiteiro	Não sabe		
	4	Não sabe	Não sabe		Gaiteiro
	5	Gaiteiro	Não sabe		

	6	Gaiteiro	Não sabe		
	7	Gaiteiro	Não sabe		
	8	Gaiteiro	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Gaiteiro	Não sabe		
	2	Tocador de gaita	Não sabe	Gaiteiro	
	3	Não sabe	Não sabe	Gaiteiro	
	4	Gaiteiro	Não sabe		
	5	Gaiteiro	Não sabe		
	6	Gaiteiro	Não sabe		
	7	Músico	Gaiteiro		
	8	Não sabe	Não sabe	Gaiteiro	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Não sabe	Não sabe	Gaiteiro	
	2	Gaiteiro	Não sabe		
	3	Gaiteiro	Não sabe		
	4	Gaiteiro	Não sabe		
	5	Gaiteiro	Não sabe		
	6	Gaiteiro	Não sabe		
	7	Gaiteiro	Não sabe		
	8	Gaiteiro	Não sabe		

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Conforme o Quadro 100, no PR1, apenas 13% dos informantes (01) responderam com uma lexia diferente de gaitero no momento da pergunta. Mas, após se insistir por formas diferentes da solicitada, 100% dos informantes (08) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia gaitero, tendo ela sido aceita por 13% dos informantes (01).

No PR 2, apenas 25% dos informantes (02) não souberam responder no momento da pergunta. Quando solicitadas formas diferentes de nomear o que foi pedido, 25% deles (02) não souberam responder. Diante disso, foi sugerida a lexia gaitero, aceita por 25% dos informantes (02).

No PR3, 13%, dos informantes (01) responderam à questão 67 com a lexia gaitista e 25% dos informantes (02) não souberam responder, quando perguntados. Quando foram instigados a indicar outras formas de nomeação, 13% deles (01) responderam gaitero e 25% (02) não souberam responder. Após a sugestão da lexia gaitero, 13% dos informantes (01) a aceitaram, e outros 13% (01) a rejeitaram.

No PR4, 25% dos informantes (02) responderam outra lexia diferente de gaitero e 25% (02) não souberam responder, quando indagados. Após insistência por outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) responderam gaitero e 38% (03) não souberam responder. Então, sugeriu-se a lexia gaitero e 38% deles (03) a acataram.

No PR5, 13% dos informantes (01) não souberam responder no momento da pergunta. Ao se insistir por outras formas de nomeação, 13% (01) não souberam responder. Diante disso, a lexia gaitero foi sugerida e 13% dos informantes (01) aceitaram a sugestão.

4.4.2 Dimensão diassexual

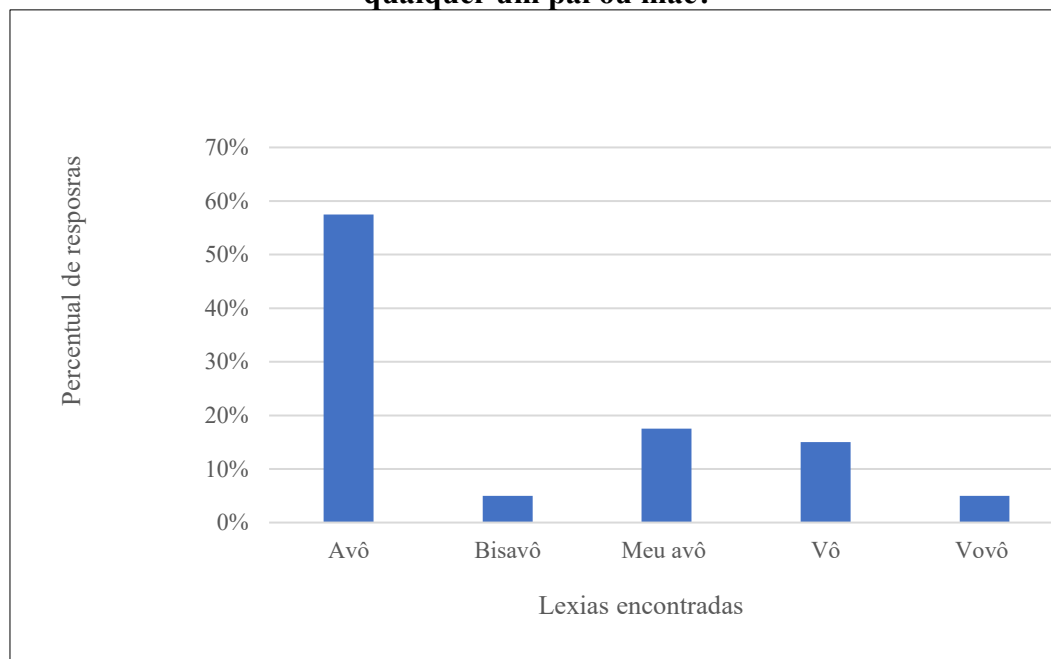
Analisa-se, a seguir, as lexias avô, carpinteiro e carreteiro que se mostraram estatisticamente significativas para a dimensão diassexual. Conforme descrito no início desta seção, a análise de cada uma das lexias traz todas as dimensões selecionadas e apresenta as relações estabelecidas dos cruzamentos entre elas.

4.4.2.1 Questão 18 - Lexia ‘avô’ (formas familiares)

Como respostas espontâneas para a questão 18 – Como você denomina o pai de qualquer um pai ou de uma mãe? -, cinco variantes lexicais foram registradas (Gráfico 28). A lexia avô foi observada como a mais recorrente, com 58% de uso (23 ocorrências). Em seguida, a unidade lexical meu avô com 18% (07 ocorrências), vô com 15%, (06 ocorrências) e as lexias bisavô e

vovô com 5% de uso cada uma (02 ocorrências).

Gráfico 28 - Ocorrências das variantes para a Questão 18: Como você denomina o pai de qualquer um pai ou mãe?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

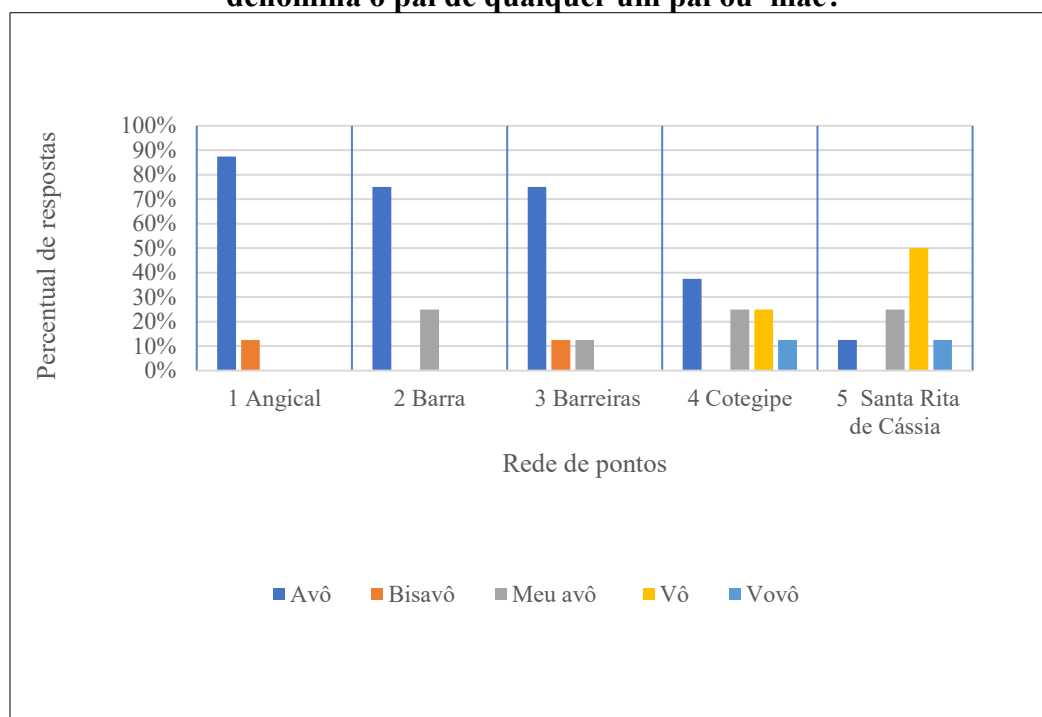
Considerando a dimensão diatópica, vale ressaltar que, em toda a rede de pontos investigada, foi registrada a lexia avô (Gráfico 29). A alta frequência dessa lexia - 88% (07 ocorrências) - foi verificada no PR1. Nos PR's 2 e 3, observou-se uma frequência de 75% de uso em cada local (06 ocorrências em cada). No PR4, 38% (03 ocorrências) e no PR5, 13% (01 - ocorrência). Outra constatação feita a partir dos dados (Gráfico 2) é que a lexia composta meu avô foi registrada em 4 pontos de rede com a seguinte frequência: nos PR's 2,4 e 5 com o mesmo percentual 25% (02 ocorrências em cada local) e no PR3, 13% (01 - ocorrência). Ainda foi observada a lexia bisavô nos PR's 1 e 3 com o mesmo percentual: 13% (01 - ocorrência em cada). As lexias vô e vovô foram registradas no PR 4: vô, 25% (02 ocorrências) e vovô, 13% (01 - ocorrência). No PR5, vô, 50% (04 ocorrências) e vovô, 13% (01 - ocorrência).

Os pontos de rede 4 e 5 investigados foram os que apresentaram mais variantes lexicais, demonstrando um expressivo grau de afetividade no tratamento dos avós como: vô e vovô, o que revela um aspecto cultural específico desses dois municípios.

Vale ressaltar o estranhamento causado com a resposta espontânea bisavô, uma vez que a resposta mais esperada seria vô, avô, vovô. Talvez, a estrutura frasal e a semântica da pergunta, com o uso do verbo denominar em vez do verbo chamar, possa justificar essas escolhas. Cumpre dizer que, ao se iniciarem as entrevistas, utilizou-se o verbo chamar, porém,

alguns informantes nomeavam as pessoas e não respondiam com sua denominação geral, como no exemplo: como se chama a pessoa que abre, fecha a igreja e ajuda o padre em suas tarefas? Um informante deu o nome de uma vizinha sua e ainda a chamou para a entrevistadora conhecê-la. Diante de situações como a descrita, a entrevistadora teve que encontrar outras estratégias para atingir o objetivo proposto.

Gráfico 29- Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 18: Como você denomina o pai de qualquer um pai ou mãe?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Verificou-se ser comum, na região pesquisada, as pessoas usarem os vocativos “meu avô” como também “meu pai”, minha mãe”, em uma conversa face a face e não apenas para fazer uma referência. As lexias vô, vovô e meu avô podem demonstrar uma diversidade regional com um vocabulário afetivo. O teste do qui-quadrado indicou diferença significativa entre as respostas dadas à questão 18 e os pontos de rede ($p = 0.015$).

Os dados da Tabela 28, a seguir, demonstram que em relação à dimensão díasssexual, houve um equilíbrio entre as falas dos homens e das mulheres. Ambos os sexos usaram a lexia avô com frequência semelhante: 60% masculino e 55% feminino; bisavô foi falado apenas uma única vez por cada um (5%); a lexia composta meu avô foi mais utilizada pelo grupo masculino (25%) do que pelo feminino (10%). A unidade lexical vô foi utilizada somente pelas mulheres, enquanto vovô só foi utilizado pelos homens (10%). O teste estatístico indicou diferenças significativas nas respostas dadas pelos grupos masculino e feminino para a questão 18

($p=0,031$).

Os dados apresentados (Tabela 28) indicam que, de acordo com a análise envolvendo a dimensão diastrática, não houve diferenças entre grupos Ca e Cb. A lexia avô foi citada 60% pelos informantes Ca e 55% Cb. As unidades lexicais bisavô e vovô foram selecionadas pelos dois grupos com o mesmo percentual cada um (5%). A unidade lexical meu avô foi mais citada pelo grupo Cb (25%) do que pelo grupo Ca (10%), enquanto vó foi mais citado pelo grupo Ca (20%) e 10% pelo Cb. O teste estatístico realizado não indicou diferenças significativas entre as respostas dadas e a classe social ($p=0.8$).

Tabela 28 - Questão 18: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Avô	12 (60%)	11 (55%)	12 (60%)	11 (55%)	14 (70%)	9 (45%)
Bisavô	1 (5%)	1 (5%)	1 (5.0%)	1 (5.0%)	0 (0%)	2 (10%)
Meu avô	5 (25%)	2 (10%)	2 (10%)	5 (25%)	2 (10%)	5 (25%)
Vô	0 (0%)	6 (30%)	4 (20%)	2 (10%)	3 (15%)	3 (15%)
Vovô	2 (10%)	0 (0%)	1 (5.0%)	1 (5.0%)	1 (5.0%)	1 (5.0%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Os dados da Tabela 28 anterior mostram que, consoante a dimensão diageracional, a forma lexical mais citada tanto na GI quanto na GII foi avô, respectivamente com 70% e 45% de frequência. Tiveram o mesmo percentual na GI e na GII as lexias vó (15%) e vovô (5%). Ressalte-se, ainda, a ocorrência apenas na GII da lexia bisavô (10%). A unidade lexical meu avô foi mais citada pela GII (25%) do que pela GI (10%). Não houve diferenças significativas entre as faixas etárias e as respostas dadas ($p=0.4$).

Os dados da Tabela 29 permitiram associar as dimensões diageracional, diassexual e diastrática. Na GI, a lexia avô foi citada tanto pelos homens Ca (80%) quanto pelos Cb (60%). O mesmo ocorreu com a unidade lexical meu avô (20%) para ambos GI e GII. Somente os homens Cb falaram vovô (20%). As mulheres Ca e Cb da GI utilizaram duas lexias: avô (Ca 60%) e (Cb 80%); vó (Ca 40%) e (Cb20%).

Tabela 29 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 18

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Avô	4 (80%)	3(60%)	3(60%)	4(80%)	3(60%)	2(40%)	2(40%)	2(40%)
Bisavô	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	1 (20%)	0 (0%)
Meu avô	1 (20%)	1 (20%)	0(0%)	0(0%)	1 (20%)	2(40%)	0 (0%)	2(40%)
Vô	0 (0%)	0 (0%)	2(40%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	2(40%)	1 (20%)
Vovô	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Na GII, a lexia avô foi utilizada pelos homens Ca (60%) e Cb (40%). Também na GII, homens Ca (20%) e Cb (40%) citaram meu avô. A lexia vovô foi utilizada por homens Cb da GI (20%) e Ca da GII (20%). As mulheres Ca e Cb da GII citaram avô com o mesmo percentual cada (40%). Ambas as classes fizeram outra escolha em comum, a lexia vó (Ca, 40%) e (Cb, 20%). De maneira individualizada, as informantes Ca utilizaram bisavô (20%) e as informantes Cb, a lexia vó (20%).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se a seguir (Quadro 101), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir) com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 101 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 18

Questão 18 – Lexia avô					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Avô	Ioiô, vozinho, voinho		
	2	Avô	Vozinho, Vovô		
	3	Avô	Vovô, Vozinho		
	4	Avô	Vozinho, Vovô		
	5	Avô	Dindinho, Vozinho		
	6	Avô	Voinho, Vozinho, Vovô, Savô		
	7	Bisavô	Avô, vovô		
	8	Avô	Vovô, Vózinho, Voinho		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Avô	Oiô, vovô, vô, voinho		
	2	Avô	Vovô,		
	3	Avô	Vozinho, Voinho, Meu avô		
	4	Avô	Meu Avô, vozinho, voinho		
	5	Avô	Vovô, Vozinho, Voinho		
	6	Avô	Vovô, Vozinho, Ioiô		
	7	Meu avô	Vovô, Vô		
	8	Meu avô	Avô, Vozinho,		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Avô	Voinho, Oiô, Vô, Vozinho		
	2	Avô	Vovô, Vozinho, Vô		
	3	Avô	Vovô, Vozinho, Vô		
	4	Avô	Vozinho, Voinho, Vovô, Vô		
	5	Avô	Vozinho, Meu avô, Vovô, Vô		
	6	Bisavô	Avô, Vozinho, Voinho		
	7	Meu avô	Não sabe		
	8	Avô	Vovô		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA

Cotegipe	1	Avô	Pai João, Vovô, Vozinho, Voinho			
	2	Vô	Vovô, Voinho			
	3	Meu avô	Oiô,vovô,			
	4	Avô	Vozinho, Dindinho, Vovô			
	5	Vovô	Dindinho. Avô, Vozinho ,Voinho			
	6	Vô	Vô, oiô, Pai Dindinho, Vovô, Voinho, Vozinho			
	7	Avô	Vovô, Vozinho, Voinho			
	8	Meu avô	Vovô, Vozinho, Voinho			
Ponto de rede 5		Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Meu avô	Vô, Ioiô, Vozinho			
	2	Vô	Voinho, Vozinho, Vovô, Dindinho			
	3	Vovô	Vozinho, Voinho, Vô			
	4	Vô	Vovô, Meu avô			
	5	Meu avô	Meu voim, Vovô, Vô			
	6	Vô	Vozinho,			
	7	Avô	Meu avô, Vovô			
	8	Vô	Dindo, Dindinho			
		Meu avô	Vô, Ioiô, Vozinho			

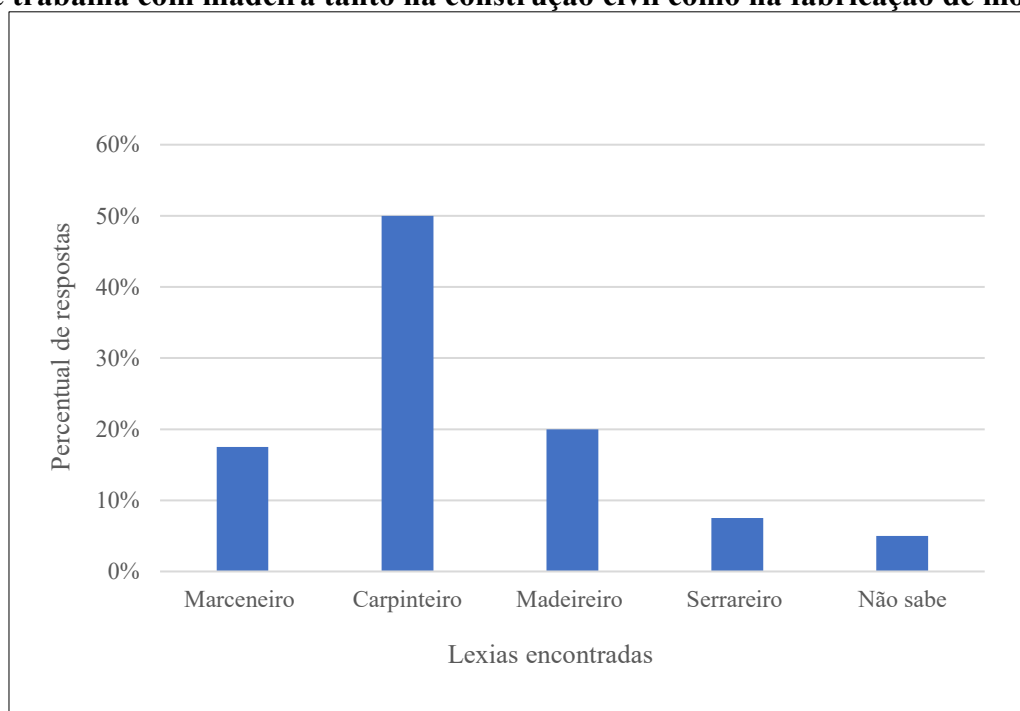
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Consoante o Quadro 101, nos PR's 1 e 3, apenas 13% dos informantes (01 em cada ponto) não responderam a *lexia* avô, quando solicitados, porém quando se insistiu pelo uso de outras formas de nomeação que não a solicitada, os informantes responderam avô e ratificaram que tal *lexia* fazia parte de seus vocabulários. Nos PR's 2, 4 e 5, 100% dos informantes disseram avô.

4.4.2.2 *Questão 59 - Lexia 'carpinteiro'*

Para a questão 59: - Como se denomina a pessoa que trabalha com madeira tanto na construção civil como na fabricação de móveis? -, obtiveram-se as seguintes respostas espontâneas: marceneiro, carpinteiro, madeireiro e serrareiro. Dentre elas, a *lexia* mais usada foi carpinteiro, identificada com uma frequência de 50% (20 ocorrências), seguida de madeireiro com 20% (08 ocorrências), marceneiro com 18% (07 ocorrências) e serrareiro, 8% (03 ocorrências). Cinco por cento (5%) dos informantes não souberam responder, como se pode constatar no Gráfico 30, na sequência do texto.

Gráfico 30 - Ocorrências das variantes para a Questão 59: Como se denomina a pessoa que trabalha com madeira tanto na construção civil como na fabricação de móveis?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

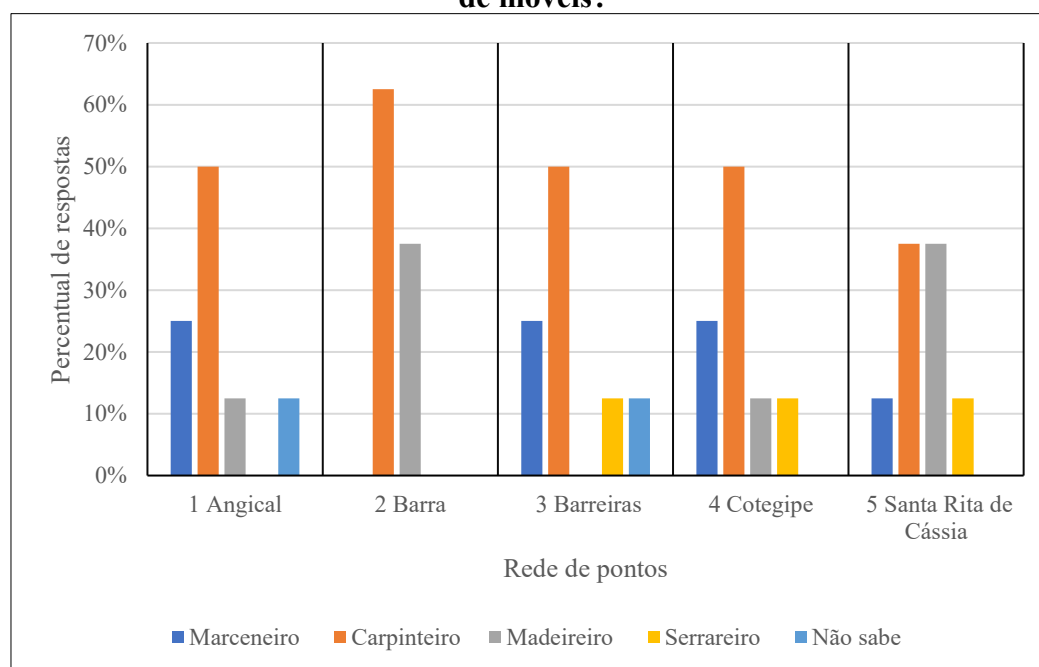
Nos dados apresentados no Gráfico 31, a seguir, foi destacada a distribuição regular e a frequência da *lexia* carpinteiro, em todos os pontos de rede investigados. Nos PR's 1, 3 e 4 foi

registrado o mesmo percentual de frequência em cada ponto: 50% (04 ocorrências). No PR2, houve a maior frequência de carpinteiro 63% (05 ocorrências) e no PR5, foi registrado uma frequência mais baixa: 38% (03 ocorrências).

A maior frequência de uso da lexia carpinteiro foi registrada no PR2. Possíveis explicações para tal fato é a distância que separa essas cidades e os centros mais desenvolvidos, a questão de ser o município mais velho, de possuir uma arquitetura mais clássica, e de grande parte dos móveis serem ainda feitos por carpinteiros, talhando madeiras, o que indica uma sociedade ainda mais artesanal.

A lexia marceneiro foi registrada em 4 pontos de rede: nos PR's 1 e 4, com o mesmo percentual: 13% (01 -ocorrência em cada local); e, nos PR's 2 e 5, também com um único percentual: 38% (03 ocorrências em cada local). A lexia madeireiro apresentou o mesmo percentual de ocorrência nos PRs1 e 4:13% (01 - ocorrência em cada); e nos PR's 2 e 5, 38% (03 ocorrências em cada). A lexia serrareiro foi identificada em 3 pontos investigados: PR's 3, 4 e 5 também com o mesmo percentual: 13% (01 ocorrência em cada). Nos PR's 1 e 3, 13% dos informantes (em cada ponto), não souberam responder à questão. Mesmo sendo observadas 4 lexias como respostas espontâneas, os dados (Gráfico 18) sugerem que a lexia carpinteiro predomina na região investigada.

Gráfico 31 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 59: Como se denomina a pessoa que trabalha com madeira tanto na construção como na fabricação de móveis?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em relação à distribuição das variantes na dimensão diassexual (Tabela 30), houve maior incidência da lexia carpinteiro na fala das mulheres com 55%, contrapondo-se a 45% na dos homens. Madeireiro e serrareiro foram as lexias identificadas na fala de ambos os sexos: madeireiro foi mais citada pelas mulheres (35%) do que pelos homens (5%); já serrareiro foi mais observado na fala de homens (10%) e menos na das mulheres (5%). O percentual (5%) dos que não souberam responder à pergunta foi o mesmo para as pessoas de ambos os sexos. Apenas os homens responderam marceneiro (35%). O teste estatístico utilizado indicou diferenças significativas nas respostas entre os grupos feminino e masculino para as respostas da questão 59($p=0,005$).

Tabela 30 - Questão 59: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Carpinteiro	9 (45%)	11 (55%)	10 (50%)	10 (50%)	8 (40%)	12 (60%)
Madeireiro	1 (5%)	7 (35%)	4 (20%)	4 (20%)	5 (25%)	3 (15%)
Marceneiro	7 (35%)	0 (0%)	4 (20%)	3 (15%)	4 (20%)	3 (15%)
Serrareiro	2 (10%)	1 (5%)	0 (0%)	3 (15%)	1 (5%)	2 (10%)
Não sabe	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Na dimensão diastrática, foi observado que o nível de escolaridade não foi significativo na escolha pela lexia carpinteiro, uma vez que a Ca e a Cb apresentaram a mesma frequência de uso (50%). O mesmo ocorreu com a lexia madeireiro, cujo percentual foi igual entre as duas classes (20%). A unidade lexical marceneiro foi um pouco mais citada pela Ca (20%), contrapondo-se a 15% pela Cb. A lexia serrareiro foi utilizada apenas pelos informantes Cb (15%) e somente os Ca (10%) não souberam responder à questão 59. O teste estatístico apontou que não houve diferenças significativas entre o nível de escolaridade e as respostas da questão 59 ($p=0,3$).

Os registros dos dados observados na Tabela 29, demonstram que, na dimensão diageracional, a preferência pela lexia carpinteiro, com 60% de frequência de uso, foi da GII,

enquanto a GI apresentou 40%. Em relação às outras lexias, observou-se que a GI citou mais as lexias madeireiro (25%) e marceneiro (20%). Já a GII utilizou as mesmas lexias, mas, com o mesmo percentual de 15%. Quanto à lexia serrareiro, a GII demonstrou uma frequência de uso de 10% e a GI, 5%. Somente na GI, houve informantes que não souberam responder à questão (10%). A submissão desses dados diageracionais ao teste estatístico indicou que não houve diferenças significativas entre as respostas das duas gerações ($p=0,5$).

A Tabela 31, a seguir, traz a correlação das dimensões diageracionais, diassexual e diastráticas associadas à questão 59.

Tabela 31 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 59

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Carpinteiro	2(40%)	2(40%)	1 (20%)	3 (60%)	3 (60%)	2(40%)	4 (80%)	3 (60%)
Madeireiro	0 (0%)	0 (0%)	3 (60%)	2(40%)	0 (0%)	1 (20%)	1 (20%)	1 (20%)
Marceneiro	2 (40%)	2(40%)	0 (0%)	0 (0%)	2(40%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)
Serrareiro	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	1 (20%)
Não sabe	1 (20%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Na GI, os homens Ca e Cb utilizaram as lexias carpinteiro e marceneiro com o mesmo percentual de 40% para cada lexia. Além disso, somente os informantes Cb escolheram serrareiro (20%) e apenas os informantes Ca não souberam responder à questão. As mulheres Ca da GI utilizaram carpinteiro (20%), madeireiro (40%); 20% delas não souberam responder. As mulheres Cb citaram mais carpinteiro (60%) e menos madeireiro (40%).

Na GII, os homens Ca falaram mais carpinteiro (60%) e marceneiro (40%) do que os homens Cb que utilizaram a lexia carpinteiro em 40% dos casos e marceneiro em 20%. Somente os informantes Cb citaram madeireiro e serrareiro com o mesmo percentual (20%). Com as mulheres Ca ocorreu a maior frequência da lexia carpinteiro (80%), contrapondo-se a 60% das mulheres Cb. A lexia madeireiro foi utilizada pelas mulheres Ca e Cb com a mesma frequência de 20%. Já a lexia serrareiro foi mencionada apenas pelas mulheres Cb (20%).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se a seguir (Quadro 102) as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir) com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não acatadas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 102 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 59

Questão 59 – Lexia carpinteiro					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Marcineiro	Carpinteiro		
	2	Não sabe	Não sabe	Carpinteiro	
	3	Marcineiro	Não sabe	Carpinteiro	
	4	Carpinteiro	Não sabe		
	5	Carpinteiro	Marcineiro		
	6	Carpinteiro	Marcineiro		
	7	Madeireiro	Carpinteiro		
	8	Carpinteiro	Não sabe		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Carpinteiro	Não sabe		
	2	Madeireiro	Carpinteiro		
	3	Carpinteiro	Não sabe		
	4	Madeireiro	Não sabe	Carpinteiro	
	5	Carpinteiro	Marceneiro		
	6	Carpinteiro	Marceneiro		
	7	Carpinteiro	Marceneiro		
	8	Madeireiro	Não sabe	Carpinteiro	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Não sabe	Não sabe		Carpinteiro
	2	Carpinteiro	Não sabe		
	3	Serrareiro	Marceneiro	Carpinteiro	
	4	Carpinteiro	Não sabe		
	5	Marceneiro	Não sabe	Carpinteiro	

Barreiras	6	Carpinteiro	Não sabe		
	7	Marceneiro	Não sabe	Carpinteiro	
	8	Carpinteiro	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Marceneiro	Madeireiro	Carpinteiro	
	2	Madeireiro	Não sabe	Carpinteiro	
	3	Marceneiro	Não sabe	Carpinteiro	
	4	Carpinteiro	Marceneiro		
	5	Carpinteiro	Não sabe		
	6	Carpinteiro	Não sabe		
	7	Carpinteiro	Não sabe		
	8	Serrareiro	Não sabe	Carpinteiro	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Carpinteiro	Não sabe		
	2	Madeireiro	Carpinteiro		
	3	Carpinteiro	Marceneiro		
	4	Madeireiro	Marceneiro	Carpinteiro	
	5	Marceneiro	Carpinteiro		
	6	Madeireiro	Artista	Carpinteiro	
	7	Serrareiro	Não sabe	Carpinteiro	
	8	Carpinteiro	Não sabe		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo o Quadro 102, no PR1, 38% dos informantes (03) responderam lexias diferentes de carpinteiro e 13% dos informantes (01) não responderam à questão 59 quando solicitados. Após insistência por formas de nomeação diferentes das solicitadas, 25% dos informantes (02) responderam carpinteiro e 25% não souberam responder (02). Sugeriu-se, a seguir, a lexia carpinteiro e 25% dos informantes (02) demonstraram ter conhecimento dessa lexia.

No PR2, somente 38% dos informantes (03) não responderam a lexia carpinteiro quando inquiridos no primeiro momento. Quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% dos informantes (01) responderam carpinteiro e 25% (02) não responderam à questão. Então, foi sugerida a lexia carpinteiro aceita pelos dois informantes que não haviam respondido anteriormente.

No PR3, 38% dos informantes (03) não responderam a lexia carpinteiro e 13% (01), não souberam responder no momento da pergunta, porém quando foi solicitada outra forma para nomear o que foi pedido, 38% dos informantes (03) não souberam responder e 13% (01) responderam marceneiro. A sugestão da lexia carpinteiro foi aceita por 38% dos informantes (03) e recusada por 13% deles (01).

Dos informantes do PR4, 50% dos informantes (04) responderam com lexias diferentes de carpinteiro no momento da pergunta. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 38% (03) não souberam responder e 13% (01) responderam madeireiro. A sugestão da lexia carpinteiro foi aceita por 50% deles.

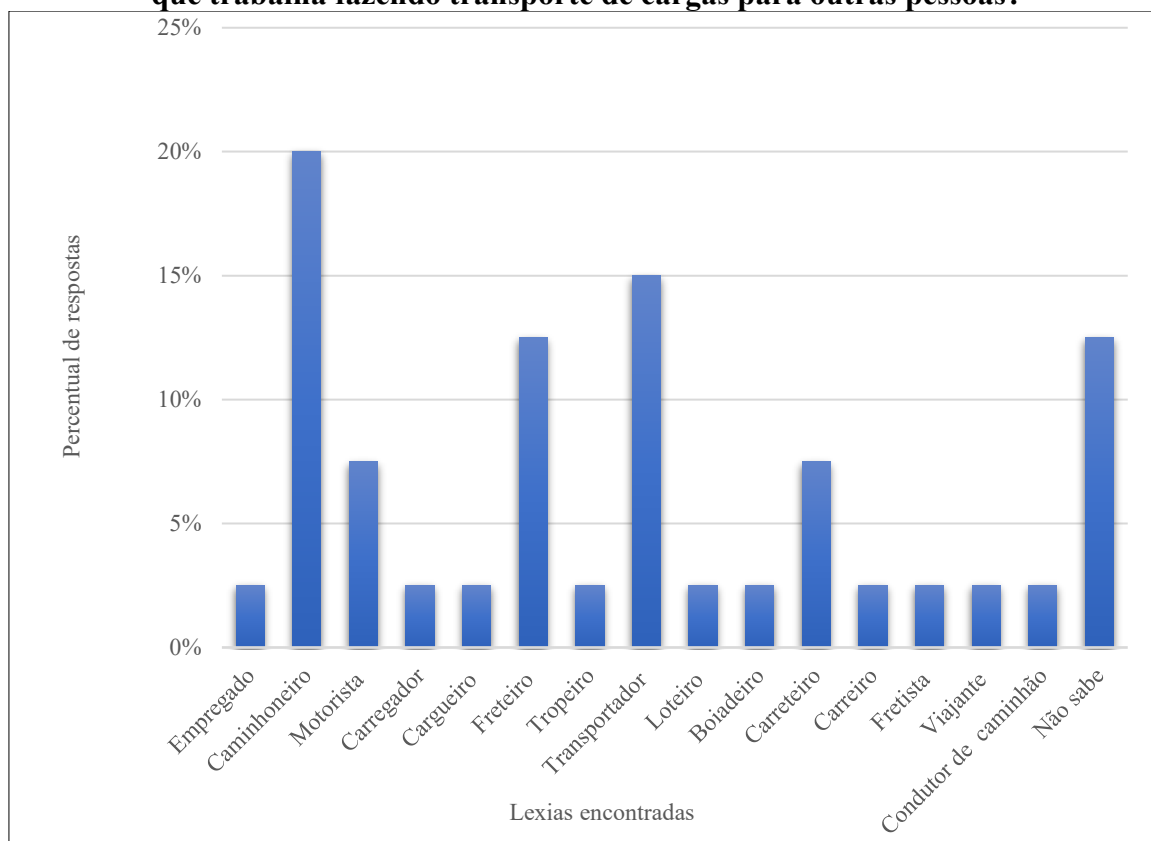
Dos informantes do PR5, 63% não responderam carpinteiro, quando indagados. No momento da insistência por outras formas de nomeação, 38% deles (01) não souberam responder, 25% (02) responderam carpinteiro e 38% responderam outras lexias. A sugestão da lexia carpinteiro foi aceita por 38% dos colaboradores da pesquisa.

4.4.2.3 Questão 66 - Lexia 'carreteiro'

Como respostas espontâneas para a questão 66 – Como se denomina a pessoa que trabalha fazendo transporte de carga para outras pessoas? As lexias obtidas foram: caminhoneiro, 20% (08 ocorrências); transportador, 15% (06 ocorrências); freteiro, 13% (05 ocorrências); motorista e carreteiro com o mesmo percentual de 8%; empregado, carregador, cargueiro, tropeiro, loteiro, boiadeiro, carreiro, frentista, viajante e condutor de caminhão com o mesmo percentual de 3% (01 ocorrência de cada). Entre os informantes, 13% não souberam responder. Não obstante a diversidade de lexias dadas como respostas à questão 66 (Gráfico

32), caminhoneiro e transportador são as que prevaleceram em relação aos demais registros, demonstrando uma relativa heterogeneidade lexical na rede de pontos investigada.

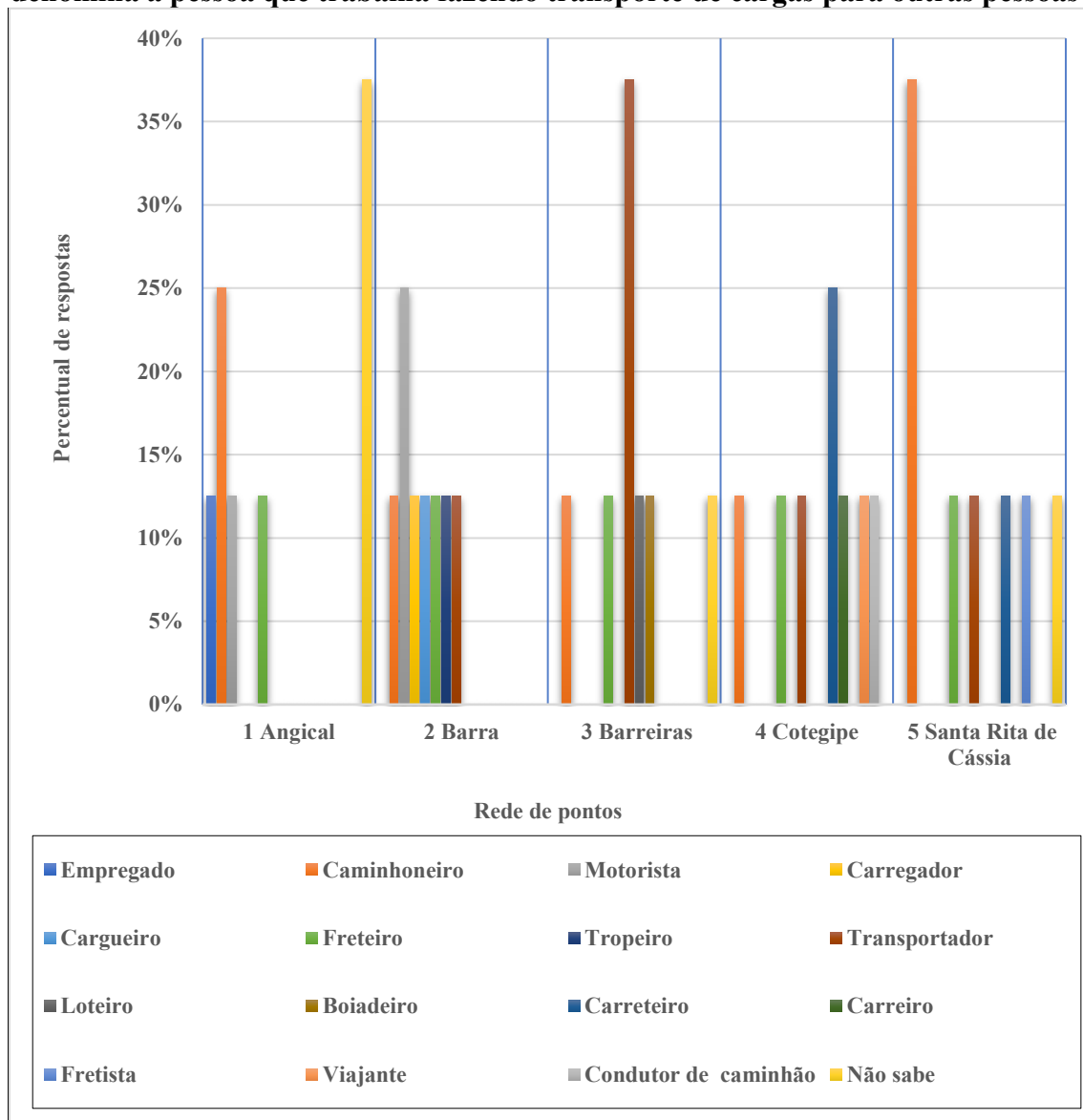
Gráfico 32 - Ocorrências das variantes para a Questão 66: Como se denomina a pessoa que trabalha fazendo transporte de cargas para outras pessoas?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em se tratando da dimensão diatópica, os dados do Gráfico 33, a seguir, demonstram uma distribuição regular da lexia caminhoneiro em toda a rede de pontos investigada: no PR5, com 38% (03 ocorrências), no PR1, com 25% (02 ocorrências) e nos PR's 2, 3 e 4, com um mesmo percentual de 13% (01- ocorrência em cada). Apesar de não haver registro no PR1, transportador foi a segunda variante mais citada. Ela ocorreu em 38% (03 ocorrências) de frequência no PR3, e nos demais pontos de rede (2,4, 5), apresentou-se com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência em cada).

Gráfico 33 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 66: Como se denomina a pessoa que trabalha fazendo transporte de cargas para outras pessoas?



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

No PR1, ainda foram registradas as lexias empregado, motorista e freteiro com 13% de frequência (01- ocorrência em cada). Nesse mesmo ponto de rede, 38% dos informantes não souberam responder. O PR2 apresentou uma frequência maior para a lexia motorista, 25% (02 ocorrências) e o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência de cada) para carregador, cargueiro, freteiro e tropeiro. No PR3, foram registradas as lexias freteiro, loteiro e boiadeiro com o mesmo percentual: 13% (01 -ocorrência de cada). E com esse mesmo percentual (13%), informantes desse ponto de rede não souberam responder à questão. No PR4, a maior frequência foi para a variante carreteiro com 25% (02 ocorrências), seguida de freteiro, carreiro, viajante e condutor de caminhão com o mesmo percentual de 13% (01 -ocorrência de cada). E por

último, o PR5, que também registrou com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência de cada) as variantes: freteiro, carreteiro, frentista. Somam-se a isso 13% de informantes do PR5 que não souberam responder à questão proposta. O teste estatístico indicou não haver diferenças significativas entre a dimensão diatópica e as escolhas lexicais dos falantes ($p=0,6$).

Para a dimensão pluridimensional diassexual, os dados na Tabela 32 mostram que a lexia caminhoneiro foi mais citada pelas mulheres (25%) do que pelos homens (15%); transportador foi mais citada pelos homens (20%) do que pelas mulheres (10%); freteiro foi citada somente pelos homens (25%), e carreteiro, somente por mulheres (15%). A lexia motorista foi mais citada pelos homens (10%) do que pelas mulheres (5%).

Outras lexias citadas somente pelas mulheres foram: empregado, carregador, tropeiro, boiadeiro e condutor de caminhão com o mesmo percentual (5%), enquanto estas lexias foram proferidas apenas pelos homens: cargueiro, loteiro, carreiro, fretista e viajante, todas também com o mesmo percentual (5%). Em relação aos informantes que não souberam responder à questão, 20% foram mulheres e 5% homens. O teste estatístico realizado entre as respostas espontâneas da questão 66 e o sexo dos informantes indicou haver diferenças significativas entre as falas masculinas e femininas ($p=0,045$).

Em relação à dimensão diastrática, os dados da Tabela 32 permitem inferir que os informantes Cb citaram mais a lexia caminhoneiro (35%) que os informantes Ca (5%). Já os informantes Ca falaram mais transportador (20%) do que os informantes Cb (10%). A lexia carreteiro foi utilizada pela Cb com o percentual 10% e pela Ca com 5%; a lexia freteiro foi mais utilizada pela Ca (20%) do que pela Cb (5%). Entre os informantes que não souberam responder, 10% são da Ca e 15% da Cb.

Tabela 32 - Questão 66: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Empregado	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Caminhoneiro	3 (15%)	5 (25%)	1 (5%)	7 (35%)	5 (25%)	3(15%)
Motorista	2 (10%)	1 (5%)	2(10%)	1 (5%)	2(10%)	1 (5%)
Carregador	0(0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Cargueiro	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Freteiro	5 (25%)	0 (0%)	4 (20%)	1 (5%)	2(10%)	3(15%)
Tropeiro	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Transportador	4 (20%)	2(10%)	4 (20%)	2(10%)	2(10%)	4 (20%)
Loteiro	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Boiadeiro	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Carreteiro	0 (0%)	3(15%)	1 (5%)	2(10%)	1 (5%)	2(10%)
Carreiro	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Fretista	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Viajante	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Condutor de caminhão	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Não sabe	1 (5%)	4 (20%)	2 (10%)	3 (15%)	1 (5%)	4 (20%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

As lexias proferidas somente pela Ca foram as seguintes: empregado, carregador, tropeiro, boiadeiro, frentista e condutor de caminhão, todas com o mesmo percentual (5%), enquanto as unidades lexicais citadas somente pelos informantes Cb foram: cargueiro, loteiro, carreiro e viajante, todas também com o mesmo percentual (5%). O teste estatístico indicou não haver diferença significativa, conforme o valor de $p=0,2$.

Os resultados referentes à dimensão diageracional mostraram que a lexia caminhoneiro foi utilizada pela GI com 25% de frequência, enquanto na GII o uso foi de 15%. A lexia transportador foi mais citada pela GII (20%) do que pela GI (10%); freteiro também foi mais selecionada pela GII (15%) do que pela GI (10%); carreteiro foi mais utilizada pela GII (10%) do que pela GI (5%); motorista foi mais utilizada pela GI (10%) do que pela GII (5%). Alguns informantes das duas gerações não souberam responder à questão, sendo 20% da GII e 5% da GI.

Algumas lexias foram proferidas por uma única geração, a G1: empregado, carregador, cargueiro, loteiro, frentista, viajante e condutor de caminhão, com um percentual igual de 5%. A GII citou exclusivamente as lexias tropeiro, boiadeiro, carreiro também com o mesmo percentual (5%). O teste estatístico indicou não haver diferenças significativas entre as duas gerações ($p=0,7$).

Os dados da Tabela 33, a seguir, fazem uma correlação entre as dimensões diageracional, diassexual e diastrática e as respostas espontâneas da questão 66.

Tabela 33 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 66

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Empregado	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Caminhoneiro	0 (0%)	2 (40%)	1 (20%)	2 (40%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	2 (40%)
Motorista	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Carregador	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Cargueiro	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Freteiro	2 (40%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (40%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)
Tropeiro	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)
Transportador	1 (20%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	2 (40%)	1 (20%)	0 (0%)	1 (20%)
Loteiro	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Boiadeiro	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)
Carreteiro	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	1 (20%)
Carreiro	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)
Fretista	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Viajante	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Condutor de caminhão	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Não sabe	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	1 (20%)	2 (40%)	1 (20%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Na GI, apenas os homens Cb utilizaram caminhoneiro (40%) e cargueiro, loteiro e viajante, e com o mesmo percentual (20%). Os homens Ca citaram motorista, transportador e frentista com o mesmo percentual (20%) e freteiro (40%). As mulheres Ca da GI utilizaram a lexia caminhoneiro (20%) e as mulheres Cb (40%). As variantes proferidas apenas pelas mulheres Ca foram empregado, carregador, transportador e condutor de caminhão, todas com o mesmo percentual, 20%. Já as mulheres Cb utilizaram duas variantes - motorista e carreteiro -, ambas com o mesmo percentual (20%). Entre as mulheres Cb, 20% não souberam responder.

Na GII, os homens Ca e Cb utilizaram as lexias freteiro (40%) e transportador (20%). A GI citou apenas motorista (20%) e a GII utilizou caminhoneiro, freteiro, carreiro com o mesmo percentual de 20%. Ainda na GII, 20% dos informantes não souberam responder.

As mulheres Ca e Cb da GII utilizaram apenas uma lexia em comum: carreteiro (20% para cada classe). As mulheres Ca utilizaram apenas as lexias tropeiro e boiadeiro com 20% cada uma e 40% das mulheres Ca não souberam responder. Já as mulheres Cb citaram somente as lexias caminhoneiro (40%) e transportador (20%). Entre as mulheres Cb, 20% não souberam responder. Ficou evidente que o nível de escolaridade não influenciou as escolhas lexicais dos informantes. Além disso, é possível inferir que não há uma norma linguística na região se se considerar a heterogeneidade das lexias dadas como respostas.

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se a seguir (Quadro 103), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir) com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão e aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 103 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 66

Questão 66 - Lexia carreteiro					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Freteiro	Não sabe	Carreteiro	
	2	Empregado	Encarregado		Carreteiro
	3	Caminhoneiro	Não sabe	Carreteiro	
	4	Caminhoneiro	Não sabe	Carreteiro	
	5	Motorista	Chofer	Carreteiro	
	6	Não sabe	Não sabe	Carreteiro	
	7	Não sabe	Não sabe	Carreteiro	
	8	Não sabe	Não sabe	Carreteiro	
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Motorista	Não sabe	Carreteiro	
	2	Carregador	Não sabe	Carreteiro	
	3	Cargueiro	Não sabe	Carreteiro	
	4	Motorista	Não sabe	Carreteiro	
	5	Freteiro	Não sabe	Carreteiro	
	6	Tropeiro	Não sabe	Carreteiro	
	7	Caminhoneiro	Não sabe	Carreteiro	
	8	Transportador	Não sabe	Carreteiro	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Transportador	Não sabe	Carreteiro	
	2	Transportador	Não sabe	Carreteiro	
	3	Loteiro	Não sabe	Carreteiro	
	4	Não sabe	Não sabe	Carreteiro	

	5	Transportador	Não sabe	Carreteiro	
	6	Boiadeiro	Não sabe	Carreteiro	
	7	Freteiro	Não sabe	Carreteiro	
	8	Caminhoneiro	Não sabe	Carreteiro	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Freteiro	Não sabe	Carreteiro	
	2	Condutor de caminhão	Não sabe	Carreteiro	
	3	Viajante	Não sabe	Carreteiro	
	4	Carreteiro	Não sabe		
	5	Transportador	Freteiro	Carreteiro	
	6	Carreteiro	Não sabe		
	7	Carreiro	Não sabe	Carreteiro	
	8	Caminhoneiro	Não sabe	Carreteiro	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Fretista	Não sabe	Carreteiro	
	2	Fretista	Carreteiro		
	3	Fretista	Não sabe	Carreteiro	
	4	Fretista	Não sabe	Carreteiro	
	5	Fretista	Carreteiro		
	6	Fretista	Não sabe	Carreteiro	
	7	Fretista	Motorista	Carreteiro	
	8	Fretista	Não sabe		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme o Quadro 103, no PR1, 63% dos informantes (05) responderam à questão 66 com lexias diferentes de carreteiro, e 38% não souberam responder à questão proposta no momento da pergunta. Após se insistir que usassem outras formas de nomeação do que foi solicitado, 75% dos informantes (06) não souberam responder, 13% dos informantes (01) citaram encarregado e outros 13% (01) chofer. A lexia carreteiro, apresentada como sugestão foi aceita por 88% dos informantes (07) e recusada por 13% dos informantes (01).

Nos PRs 2 e 3, 100% dos informantes (08) não responderam a lexia carreteiro quando inquiridos no primeiro momento. Quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 100% dos informantes (08) não souberam responder à questão. Assim, foi sugerida a lexia carreteiro e 100% dos informantes (08) a aceitaram.

Dos informantes do PR4, 75% deles (06) responderam com lexias diferentes de carreteiro no momento da pergunta. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 63% % deles (05) não souberam responder e 13% (01) responderam freteiro. A lexia carreteiro sugerida foi aceita por 75% dos informantes (06).

No PR5, 100% dos informantes não responderam carreteiro quando foram indagados. Quando instigados a usar outras formas de nomeação, 25% (02) responderam carreteiro, 13% dos informantes (01) responderam motorista e 63% dos informantes (05) não souberam responder. A lexia carreteiro foi aceita como sugestão por 75% dos informantes (06), assim como entre os informantes do PR4.

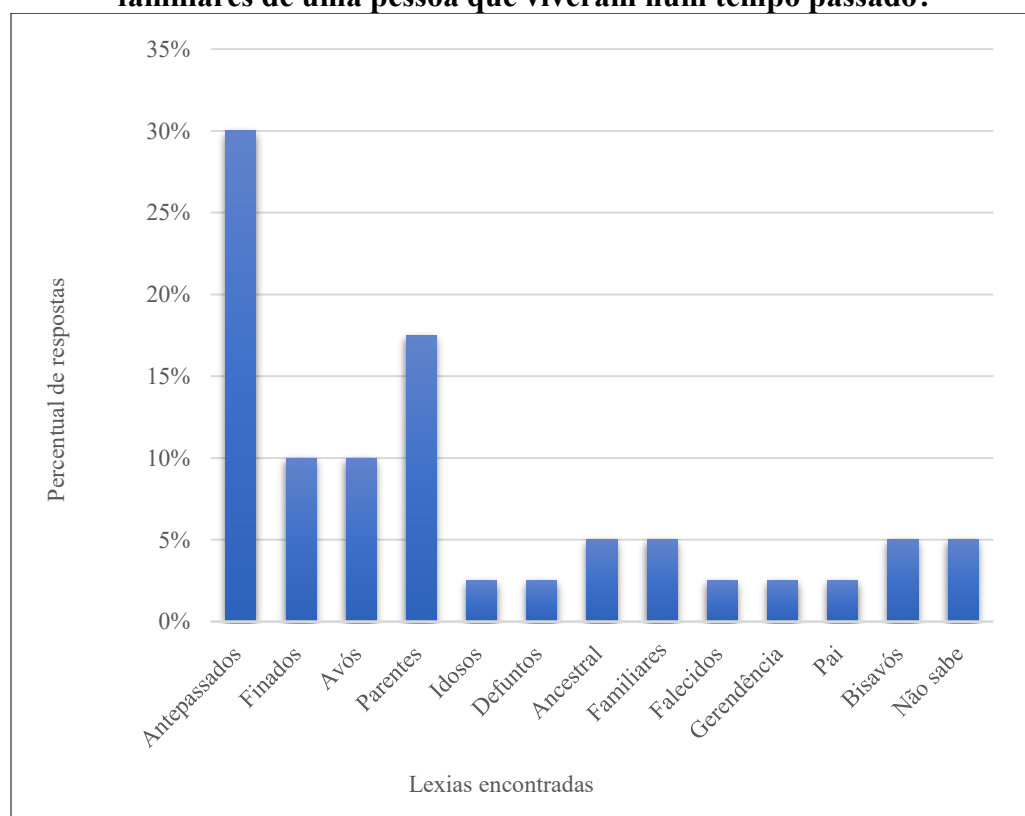
A análise estatística apontou que somente as escolhas lexicais dos informantes para as respostas espontâneas às questões 18, 59 e 66 foram influenciadas pela dimensão diasssexual. Assim sendo, pode-se afirmar o que contribuiu para a possível tendência à manutenção da lexia avô foram as falas masculinas (60%), e, para o possível desuso das lexias carreteiro e carpinteiro foram também os homens. No caso de carreteiro, não foi registrada ocorrência alguma na fala dos homens, e, no caso da lexia carpinteiro, as mulheres a mencionaram mais (55%) do que os homens (45%). Tais informações permitiram afirmar que a hipótese: considerando o papel que a dimensão diasssexual ocupa nos trabalhos de dialetologia, acredita-se que o sexo feminino, neste estudo, seja influenciador para a manutenção de lexias galegas no falar dos moradores da região oeste da Bahia - foi refutada, uma vez que o teste estatístico apontou que à exceção das questões 18,59 e 66, em todas as outras não houve diferença estatisticamente significativa entre as falas masculinas e femininas.

4.4.3 Dimensão diastrática

4.4.3.1 Questão 3 - Lexia ‘antepassados’

Como respostas espontâneas para a questão 03, - Como se denominam familiares de uma pessoa que viveram num tempo passado? As lexias obtidas em resposta a esta questão foram: antepassados com 30% de frequência de uso (12 ocorrências), parentes, 18% (7 ocorrências), finados e avós, com o mesmo percentual de 10% (4 ocorrências); ancestral, familiares, bisavós com o mesmo percentual de 5% (02 ocorrências). As lexias idosos, falecidos, defuntos, gerendência, e pai registraram o mesmo percentual de 2,5%, (01-ocorrência). Entre os informantes, 5% não souberam responder, como se pode observar no Gráfico 34.

Gráfico 34 - Ocorrências das variantes para a Questão 3: Como se denominam familiares de uma pessoa que viveram num tempo passado?

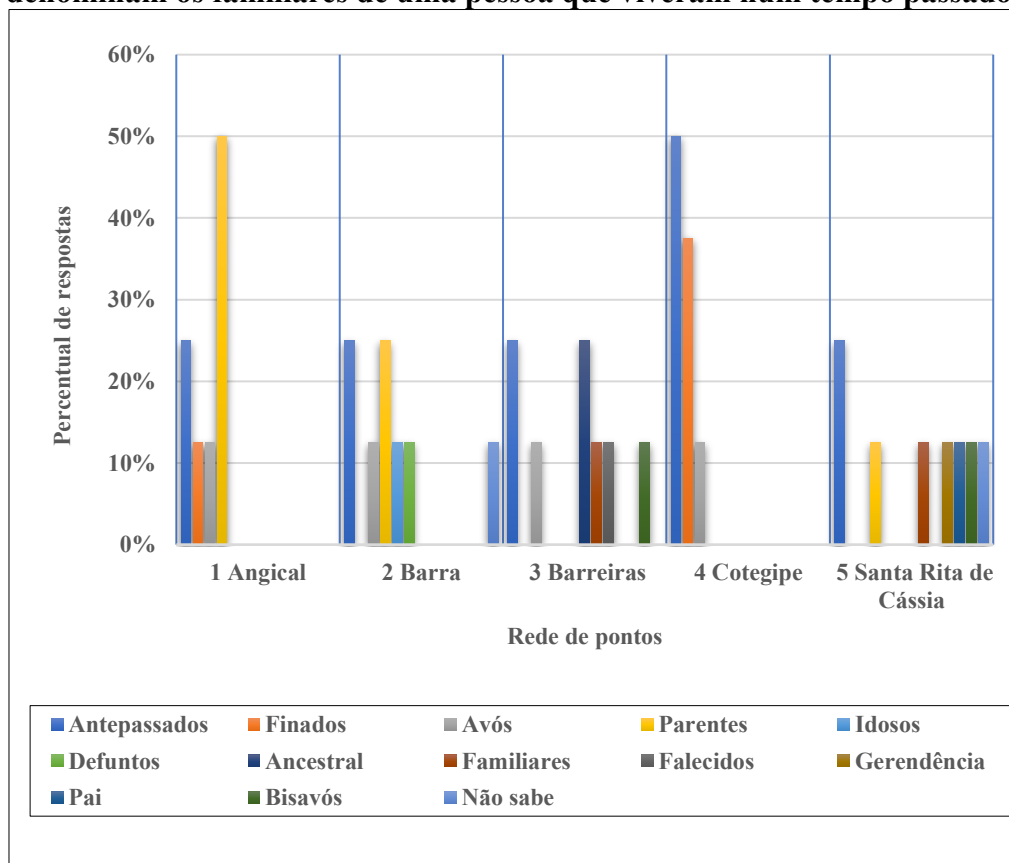


Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando a dimensão diatópica, os dados do Gráfico 35 demonstram que, em a toda rede de pontos investigada, foi registrada a lexia antepassados. No PR4, com 50% (04 ocorrências). Nos demais PR's 1, 2, 3 e 5, com um mesmo percentual de 25% (02 ocorrências).

em cada local). A lexia finados foi registrada no PR4, com 38% de frequência (03 ocorrências), no PR1 com 13% (01- ocorrência); no PR1, parentes com 50% (04 ocorrências), no PR2, com 25% (02 ocorrências) e no PR5, com 13% (01- ocorrência). A lexia ancestral somente foi registrada no PR3 com uma frequência de uso de 25% (02 ocorrências).

Gráfico 35 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 3: Como se denominam os familiares de uma pessoa que viveram num tempo passado?



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

As demais lexias tiveram uma frequência de uso de 13% (01 -ocorrência de cada por local). No PR1, avós; no PR2, avós, idosos e defuntos; no PR3, avós, falecidos, familiares e bisavós; no PR4, avós e no PR5, familiares, gerendência, pai e bisavós. Nos PR's 2 e 5, 13% dos informantes de cada ponto de rede não souberam responder à questão. Não houve diferenças estatisticamente significativas entre a escolha lexical e a rede de pontos investigada.

Os dados da Tabela 34 apontam que a dimensão diasssexual foi inexpressiva em relação à lexia antepassados, uma vez que a mesma frequência de uso (30%) foi registrada na fala de ambos os sexos. Fato semelhante ocorreu com as lexias finados, utilizada por homens e mulheres, com o mesmo percentual de 10% e ancestral, ambos os sexos com (5%). Somam-se também 5% dos informantes masculinos e femininos que não souberam responder à questão.

Tabela 34 - Questão 03: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classes sociais		Gerações	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Antepassados	6 (30%)	6(30%)	10 (50%)	2 (10%)	6 (30%)	6 (30%)
Finados	2 (10%)	2 (10%)	1 (5%)	3 (15%)	2 (10%)	2 (10%)
Avós	3 (15%)	1 (5%)	1 (5%)	3 (15%)	2 (10%)	2 (10%)
Parentes	1 (5%)	6 (30%)	2 (10%)	5 (25%)	2 (10%)	5 (25%)
Idosos	0(0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1(5%)	0 (0%)
Defuntos	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1(5%)
Ancestral	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)
Familiares	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)
Falecidos	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1(5%)
Gerendência	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1(5%)	0 (0%)
Pai	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1(5%)
Bisavós	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0%)
Não sabe	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborada pela autora.

A lexia avós foi mais citada pelos homens (15%) do que pelas mulheres (5%). Já, parentes foi mais expressiva entre as mulheres (30%) do que entre os homens (5%). As lexias familiares (10%), pai (5%) e bisavós (10%) foram utilizadas apenas por homens. Idosos, falecidos e gerendência foram as lexias mencionadas apenas por informantes do sexo feminino com (5%) de frequência de uso.

Quanto ao nível de escolaridade, foi a Ca que mais utilizou a lexia antepassados (50%) em oposição à Cb (10%), enquanto a lexia parentes foi mais citada por informantes Cb (25%) do que pelos informantes Ca (10%). As lexias finados e avós foram mencionadas pelos informantes Ca, com o mesmo percentual, 5%, e pelos informantes Cb com 15%; a lexia

ancestral foi utilizada pelos informantes Ca e Cb com o mesmo percentual (5%). Além disso, 5% dos informantes Ca e Cb não souberam responder à questão. As lexias idosos (5%), familiares (10%), gerendência (5%) foram proferidas somente por informantes Ca, enquanto defuntos (5%), falecidos (5%), pai (5%) e bisavós (10%) apenas pelos informantes Cb. O teste qui-quadrado realizado entre as respostas espontâneas da questão 04 e o nível de escolaridade dos informantes indicou haver diferenças estatisticamente significativas entre o nível de escolaridade dos informantes e suas opções lexicais ($p=0.044$)

Os dados da Tabela 34 mostram que, de acordo com a análise diageracional, a lexia antepassados, foi utilizada com o mesmo percentual (30%) pelas gerações I e II. Outras lexias também apresentaram o mesmo percentual de uso nas duas gerações, tais como finados e avós (10%). A lexia parentes foi mais utilizada pela G II (25%) em oposição à G I (10%). As lexias ancestral (10%), gerendência (5%), bisavós (10%) foram citadas apenas pela G I. Ainda 10% dos informantes da GI não souberam responder à questão. As lexias defuntos (55), familiares (10%), falecidos (5%) e pai (5%) foram utilizadas somente pela GII. O teste estatístico realizado demonstrou não haver influência da variável diageracional nas escolhas das respostas espontâneas da questão 04 ($p=0,3$).

Conforme dados da Tabela 35, na GI foram observadas as seguintes informações: os homens Ca foram os que mais citaram antepassados (60%), em oposição aos homens Cb (20%). Somente os homens Ca disseram a lexia ancestral (20%) e desses informantes 20% não souberam responder à questão. Por outro lado, os homens Cb utilizaram somente finados (20%), avós (20%) e bisavós (40%). As mulheres Ca e as Cb apresentaram o mesmo percentual (20%) para as lexias antepassados e parentes. Foram lexias usadas somente pelas mulheres Ca, idoso e gerendência (20% cada), enquanto as mulheres Cb citaram exclusivamente avós, ancestral (20% cada). Dessas informantes, 20% delas não souberam responder à pergunta. As lexias finados, parentes, defuntos e pai (20% cada) foram utilizadas pelos homens Cb.

Tabela 35 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 03

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Antepassados	3(60%)	1(20%)	1(20%)	1(20%)	2(40%)	0(0%)	4(80%)	0(0%)
Finados	0(0%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)
Avós	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Parentes	0(0%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	3(60%)
Idosos	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Defuntos	0(05)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Ancestral	1(20%)	0 (0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Familiares	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Falecidos	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)
Gerendência	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Pai	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Bisavós	0(0%)	2(40%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Não sabe	1(20%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em se falando de mulheres da GII, as Ca utilizaram as lexias antepassados (80%) e parentes (20%), enquanto as mulheres Cb mencionaram finados (20%), parentes (60%) e falecidos (20%). Neste contexto, observou-se que antepassados não fazia parte do repertório linguístico dos homens Cb e nem de mulheres Cb da GII.

A variante gerendência consta em Pereira (2023, p. 91) como “um neologismo local²¹ para definir ascendência e descendência; linhagem; família” e condiz com a escolha de apenas um informante do sexo feminino de CaGI.

²¹ O artigo trata de um estudo de caso: a gênese do quilombo Barra II e a existência de um escravizado chamado Laudelino. O quilombo Barra II, conhecido como Barra dos Negros, é um território a 12 km da sede de Morro do Chapéu, zona oriental da Chapada Diamantina, Bahia, onde vivem cerca de 76 famílias ocupando uma área de 174.9747 hectares.

O artigo que trouxe o registro da lexia gerendência mostrou as técnicas e metodologias utilizadas na pesquisa sobre a formação do Quilombo Barra II localizado no município de Morro do Chapéu, Chapada Diamantina, Bahia. O ponto central desse artigo foi a busca por um escravizado chamado Laudelino. Associando a História Oral, a Etnografia e a pesquisa em arquivos, foi possível recuperar a trajetória de vida de Laudelino e de outros cativos que se juntaram a negros livres para a formação de extensas famílias no sertão baiano. Essa metodologia de correlacionar fontes, por meio das memórias do cativo, revelou as singularidades da escravidão sertaneja, bem como as formas de sociabilidade e ocupação territorial dos lavradores negros, desde a segunda metade do século XIX (Pereira, 2023). A forma que a autora encontrou para melhor dialogar com as comunidades negras rurais e quilombolas foi desenvolvendo uma escuta ativa e validando a memória como ferramenta privilegiada para a reconstrução histórica. Foi nesta escuta, que se observou, de forma clara, a relevância do neologismo local gerendência, que se mostrou no enaltecimento da ascendência e descendência herdada dos escravizados antigos do Morro do Chapéu BA, como registrado por Pereira (2023):

Os quilombolas afirmam que “os mais velhos sabiam de tudo como afoi”, figurando como guardiões de memórias não plenamente transmitidas. São eles as verdadeiras testemunhas do que aconteceu “de primeiro”, portanto, os entrevistados reforçam suas narrativas com frases do tipo “nós não viu nada, eles que dizia” ou declaram não poder informar porque não “alcançaram” esse tempo. Isto é, os entrevistados fazem nítida distinção entre suas memórias pessoais e a tradição oral, que se expressa nas sutilezas da comunicação para além do gravador (Pereira, 2023, p. 91).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se a seguir (Quadro 104), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 104 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 03

Questão 3 – Lexia antepassados					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Antepassados	Raiz, Os troncos velhos		
	2	Parentes	Não sabe	Antepassados	
	3	Finados	Meu Tio	Antepassados	
	4	Avôs	Finados	Antepassados	
	5	Antepassados	Vó, bisavó		
	6	Parentes	Não sabe	Antepassados	
	7	Parentes	Antepassados		
	8	Parentes	Da Família	Antepassados	
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Não sabe	Não sabe	Antepassados	
	2	Idosos	Falecidos	Antepassados	
	3	Antepassados	Não sabe		
	4	Parentes	Finados	Antepassados	
	5	Avós	Bisavós	Antepassados	
	6	Antepassados	Ancestrais		
	7	Defuntos	Finados	Antepassados	
	8	Parentes	Não sabe	Antepassados	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Ancestral	Finados	Antepassados	
	2	Antepassados	Ascendentes		
	3	Bisavôs	Tataravô	Antepassados	
	4	Ancestrais	Parentes distantes	Antepassados	
	5	Família	Não sabe	Antepassados	

	6	Antepassados	Avós		
	7	Avós	Não sabe	Antepassados	
	8	Falecidos	Finado fulano	Antepassados	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Antepassados	Não sabe		
	2	Finados	Não sabe		Antepassados
	3	Avós	Minha avó		Antepassados
	4	Antepassados	Não sabe		
	5	Antepassados	Genitores		
	6	Antepassados	Não sabe		
	7	Finados	Não sabe	Antepassados	
	8	Finados	Não sabe	Antepassados	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Antepassados	Não sabe		
	2	Gerendência	Não sabe	Antepassados	
	3	Bisavô	Avós		Antepassados
	4	Não sabe	Não sabe	Antepassados	
	5	Familiares	Antepassados		
	6	Antepassados	Ascendentes		
	7	Pai	Minha Mãe	Antepassados	
	8	Parentes	Parentes	Antepassados	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo com o Quadro 104, no PR1, 75% dos informantes (06) responderam à questão 3 com lexias diferentes de antepassados no momento da pergunta. Após serem instigados a usar novas formas de nomeação do que foi solicitado, 63% dos informantes (05) mencionaram lexias diferenciadas, 25% (02) não souberam responder e 13% (01) citaram antepassados. A lexia antepassados, sugestão da pesquisadora, foi aceita por 63% dos informantes (05).

Nos PR 2, 63% dos informantes (05) responderam lexias diferentes de antepassados, 25% dos informantes (02) antepassados e 13% (01) não souberam responder, quando foram inquiridos no primeiro momento. Quando foram solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 63% dos informantes (05) optaram por outras lexias e 38% (03) não responderam à questão. A lexia antepassados, sugestão da pesquisadora, foi aceita por 63% dos informantes.

Dos informantes do PR3, 75% deles (06) responderam com lexias diferentes de antepassados e 25% (02) disseram antepassados no momento da pergunta. Quando foram instigados a indicar outras formas de nomeação, 63% % dos informantes (05) citaram formas diferenciadas de antepassados e 25% (02) não responderam. A lexia antepassados sugerida pela entrevistadora, foi aceita por 75% dos informantes (06).

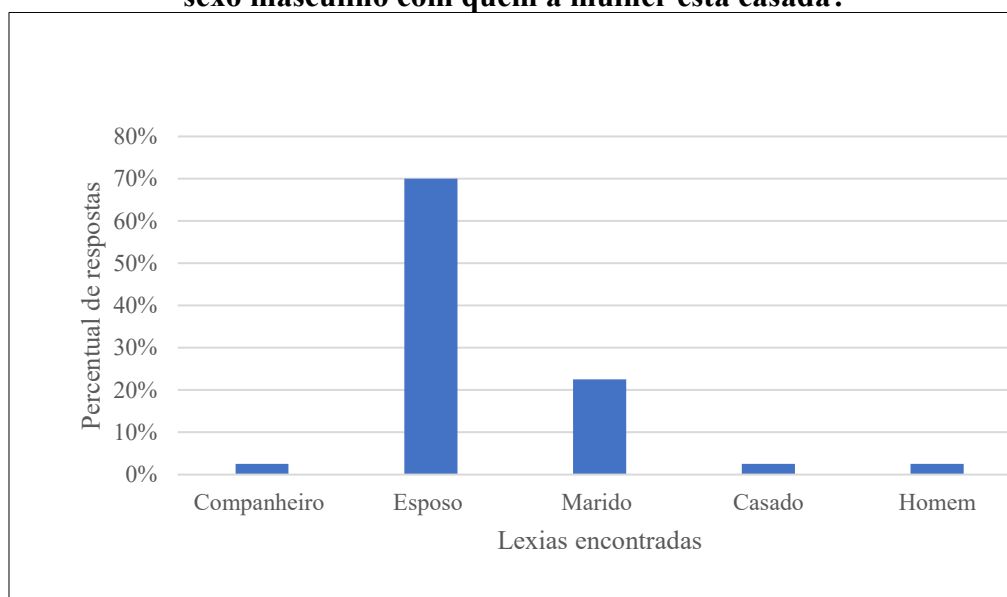
No PR4, 50% dos informantes (04) responderam antepassados e 50% escolheram formas lexicais diferentes, quando indagados. Quando a pesquisadora insistiu para darem outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) responderam com lexias diferentes de antepassados e 38% (03) não souberam responder. A lexia sugerida antepassados foi aceita por 25% dos informantes (02) e recusada por 25% (02).

No PR5, 63% dos informantes (05) responderam com lexias diferentes de antepassados, 13% (01) não souberam responder e 25% responderam antepassados, no momento da pergunta. Após a pesquisadora insistir para usarem outras formas de nomeação, 40% dos informantes (04) responderam com lexias diferentes de antepassados e 40% (04) não souberam responder. Antepassados, a lexia sugestão da pesquisadora, foi aceita por 40% dos informantes (04) e recusada por 13% (01).

4.4.3.2 Questão 5 Lexia ‘esposo’

As respostas espontâneas concernentes à questão 05, - Como se denomina a pessoa do sexo masculino com quem a mulher está casada? - foram as seguintes lexias: esposo com 70% (28 ocorrências), marido 23% (09 ocorrências) e companheiro, casado e homem com o mesmo percentual cada 3% (01- ocorrência), como se pode ver, no Gráfico 36.

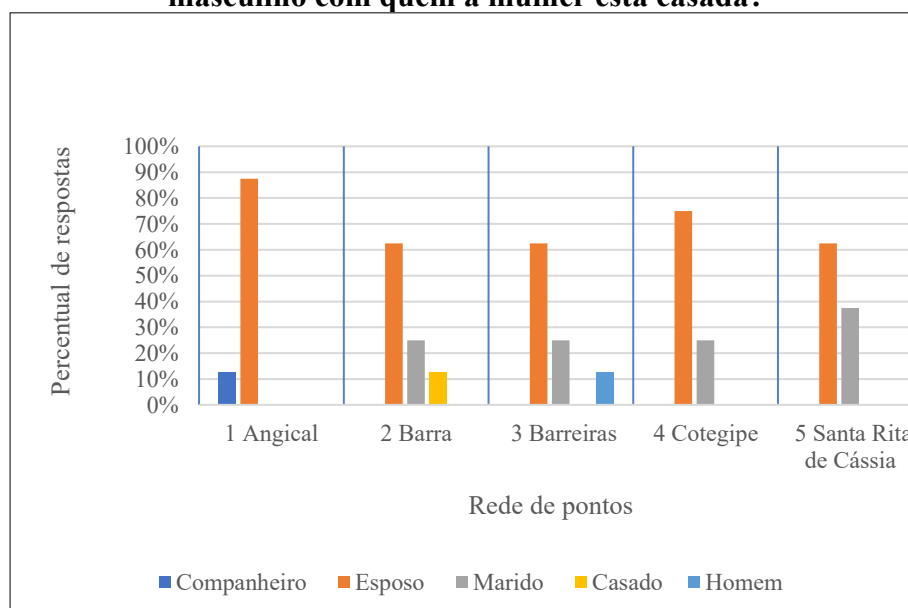
Gráfico 36 - Ocorrências das variantes para a Questão 5: Como se denomina a pessoa do sexo masculino com quem a mulher está casada?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em se tratando da dimensão diatópica, os dados do Gráfico 37 demonstram uma distribuição regular em toda a rede de pontos investigada para a lexia esposo. O PR1 com 88% (07 ocorrências). Em seguida, o PR4 com 75% (06 ocorrências) e os PR's 2, 3 e 5 com um percentual igual de 63% (05 ocorrências cada). Nos PR's 2, 3 e 4, a lexia marido ocorreu com um mesmo percentual de 25% (02 ocorrências) e no PR5, com 38% (03 ocorrências). Nos PR's 1,2 e 3, as lexias companheiro, casado e homem apresentaram um percentual igual a 13% (01 - ocorrência).

Gráfico 37 - A dimensão diatópica e Questão 05: Como se denomina a pessoa do sexo masculino com quem a mulher está casada?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A lexia esposo foi predominante em toda a rede de pontos investigada, apesar de ter sido considerada não estatisticamente significativa ($p=0,6$). Ressalte-se que a utilização dessa lexia pode estar relacionada ao fato de ser uma forma padronizada em todos os níveis de escolaridade.

Casado, companheiro, homem e marido foram outras lexias utilizadas pelos informantes Ca, e podem comprovar que a leitura favorece a ampliação do vocabulário, consequentemente trazendo outras novas formas de nomeação. Observa-se que a lexia companheiro, com essa acepção, é de uso recente e pode indicar que a relação estabelecida não passa pelos trâmites oficiais que o casamento requer. Já a lexia homem carrega o sentido de posse no contexto estudado.

Conforme os dados da Tabela 36, a dimensão diassexual se mostrou neutra, uma vez que a frequência de uso não foi estatisticamente significativa ($p=0,8$)²². A lexia esposo foi utilizada pelas mulheres com 75% e pelos homens com 65%. As lexias companheiro e homem com o mesmo percentual (5%) foram mencionadas apenas por homens e a lexia casada foi proferida apenas por mulheres (5%). A lexia marido foi utilizada por ambos os sexos: mulheres (20%) e homens (25%), o que permite inferir que somente esses informantes utilizaram a lexia adequada de acordo Houaiss, Villar e Franco (2025), que afirmam: “marido. S.m. Homem em relação à pessoa com quem se casou no civil e/ou no religioso, ou com quem convive como casado”. Salienta-se que o termo esposo inicialmente, reitere-se, esteve associado a noivo, mas com o tempo passou a designar homem casado.

Tabela 36 - Questão 05: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Companheiro	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1(5%)	0(0%)
Esposo	13 (65%)	15 (75%)	9 (45%)	19 (95%)	11(55%)	17(85%)
Marido	5 (25%)	4 (20%)	8 (40%)	1 (5%)	7(35%)	2(10%)
Casado	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1(5%)	0(0%)
Homem	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	0(0%)	1(5%)
Total	100%	100%	100,0%	100%	100%	100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

²² O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$).

No que concerne à dimensão diastrática, a distribuição das respostas apresentou diferença estatisticamente significativa entre os níveis de escolaridade e as escolhas lexicais da questão 05 ($p = 0.017$). Entre os informantes Cb, a lexia esposo foi predominante (95%), enquanto os participantes Ca mostraram maior diversidade lexical: esposo (45%), marido (40%), casado, companheiro e homem, cada um com o mesmo percentual, 5%. O uso majoritário de esposo entre os informantes Cb pode refletir uma internalização de lexias mais formais ou normativas do vocabulário afetivo, enquanto os informantes Ca parecem mais propensos à variação e aos termos mais informais ou alternativos.

Na dimensão diageracional, os informantes da GI utilizaram quatro lexias diferentes: esposo (55%), marido (35%), companheiro e casado (5%). A G II apresentou três lexias: esposo (85%), marido (10%) e homem (5%). A predominância na G II foi pela lexia esposo (85%), sendo também destaque na G I (55%), o que sugere que ambas as gerações utilizaram a lexia que se constitui como norma linguística da região. A análise estatística envolvendo todas as lexias e a faixa etária não apresentou diferença significativa ($p=0.060$).

Na Tabela 37, foram correlacionadas pluridimensionalmente as dimensões diageracional, diassexual e diastrática. Pela observação dos dados, percebeu-se que os homens da CaGI, utilizaram as lexias companheiro, esposo com o mesmo percentual (20%) e marido com 60%. Já os homens CbGI mencionaram duas lexias: esposo (80%) e marido (20%). As mulheres CaGI utilizaram três variantes: esposo e casado, com o mesmo percentual (20% cada), e marido (60%), enquanto as mulheres CbGI mencionaram a lexia esposo (100%).

Na GII, os homens Ca (Tabela37) citaram três lexias: esposo (60%); marido e homem com o mesmo percentual (20%), enquanto os homens Cb mencionaram a lexia esposo (100%). As mulheres CaGII utilizaram duas lexias: esposo (80%) e marido (20%). As mulheres Cb mencionaram apenas esposo (100%). A lexia homem foi a proferida por um único homem CaGII.

Tabela 37 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 05

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Companheiro	1(20%)	0 (0%)	0 (%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Esposo	1(20%)	4 (80%)	1 (20%)	5(100%)	3(60%)	5(100%)	4 (80%)	5(100%)
Marido	3(60%)	1 (20%)	3 (60%)	0 (0%)	1(20%)	0 (0%)	1 (20%)	0(0%)
Casado	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0(0%)	0 (0%)	0(0%)	0(0%)
Homem	0(0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se na sequência, (Quadro 105), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir) com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 105 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 05

Questão 05 – lexia esposo					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Companheiro	Marido	Esposo	
	2	Esposo	Marido		
	3	Esposo	Marido		
	4	Esposo	Marido		
	5	Esposo	Marido		
	6	Esposo	Marido		
	7	Esposo	Companheiro		
	8	Esposo	Marido		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Marido	Esposo		
	2	Casado	Esposo		
	3	Marido	Esposo		
	4	Esposo	Marido		
	5	Esposo	Marido		
	6	Esposo	Marido		
	7	Esposo	Marido		
	8	Esposo	Marido		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Marido	Homem	Esposo	
	2	Marido	Esposo		
	3	Esposo	Marido		
	4	Esposo	Marido		
	5	Homem	Esposo		

Barreiras	6	Esposo	Marido		
	7	Esposo	Marido		
	8	Esposo	Marido		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Esposo	Marido		
	2	Marido	Companheiro	Esposo	
	3	Esposo	Marido		
	4	Esposo	Marido		
	5	Marido	Companheiro	Esposo	
	6	Esposo	Marido		
	7	Esposo	Marido		
	8	Esposo	Marido		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Marido	Esposo		
	2	Marido	Esposo		
	3	Esposo	Marido		
	4	Esposo	Marido		
	5	Esposo	Marido		
	6	Marido	Esposo		
	7	Esposo	Companheiro		
	8	Esposo	Marido		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo o Quadro 105, no PR1, apenas 13% dos informantes (01) responderam à questão 5 com lexia diferente de esposo no momento da pergunta. No momento da insistência por novas formas de nomeação do que foi solicitado, 13% dos informantes (01) mencionaram marido. A lexia esposo apresentada como sugestão e foi aceita por 13% dos informantes.

No PR 2, 38% dos informantes (03) responderam lexias diferentes de esposo no momento da pergunta, porém quando foram solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, eles responderam de imediato a lexia esposo.

Dos informantes do PR3, 38% dos informantes (03) responderam com lexias diferentes de esposo. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 13% dos informantes (01) citaram forma diferenciadas de esposo e 25% (02) responderam esposo. A lexia esposo apresentada como sugestão foi aceita por 13% dos informantes.

No PR4, 25% mencionaram marido (02), quando foram indagados. Após a insistência por outras formas de nomeação, 25% dos informantes (02) responderam com lexias diferentes de esposo. A lexia esposo apresentada como sugestão foi aceita por 25% dos informantes (02).

No PR5, apenas 38% dos informantes (03) responderam marido no momento da pergunta. Ao se insistir por outras formas de nomeação, 38% (03) responderam esposo, o que indica que a lexia em estudo faz parte do repertório dos informantes da região pesquisada.

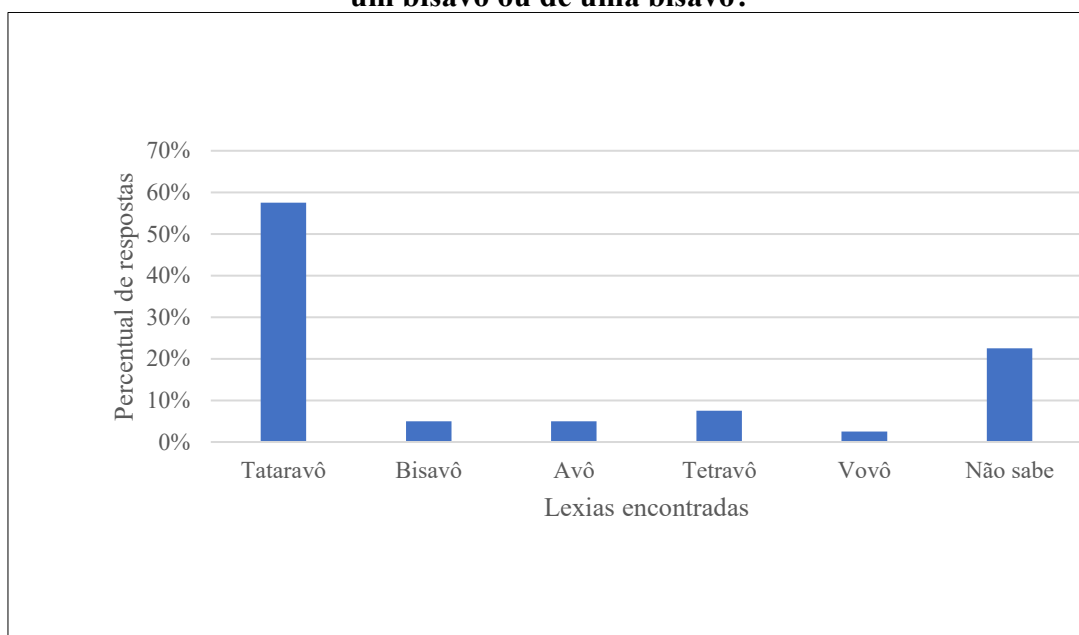
As variantes marido e homem verificadas na região oeste da Bahia também estão registradas no ALGa. Ressalte-se, ainda, que a denominação meu homem é bastante comum na região pesquisada, mas envolvendo adolescentes e jovens em fase de namoro. Eles falam muito assim: “Vou buscar minha mulher”, “Vou ver meu home lá na praça”. Observe-se que, já no namoro, parece se instituir a noção de posse.

A lexia complexa filho mais velho foi analisada na dimensão diageracional.

4.4.3.3 *Questão 17 - Lexia ‘tataravô’*

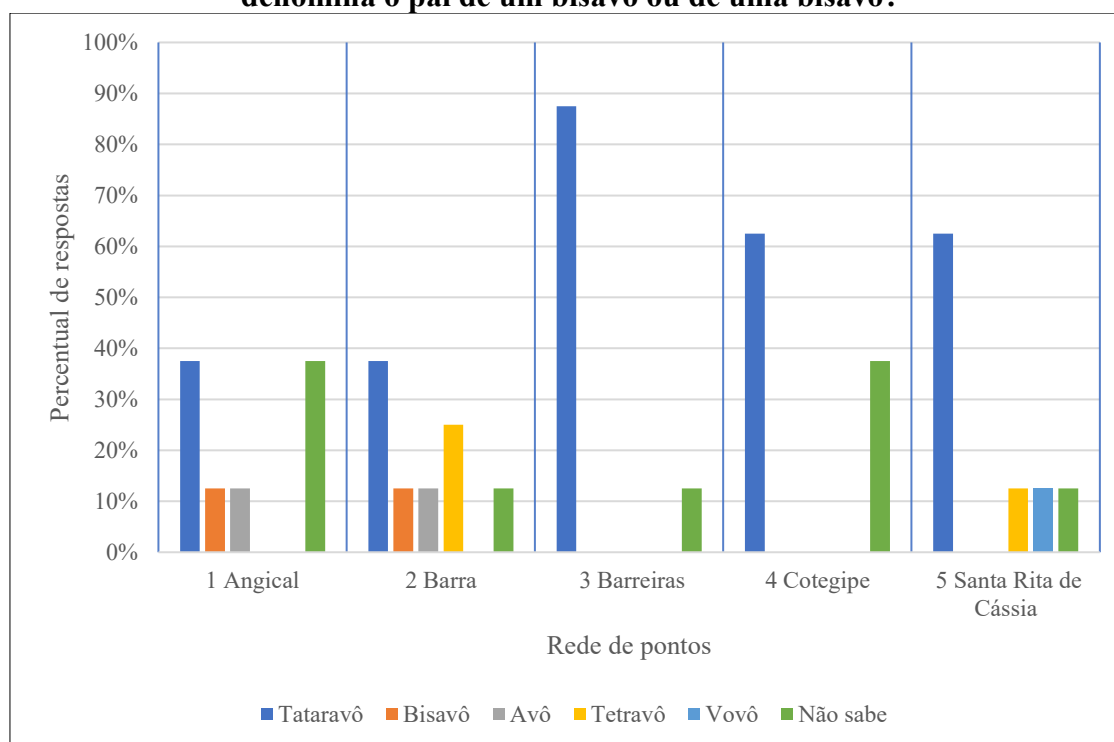
Como respostas espontâneas para a questão 17 - Como você denomina o pai de um bisavô ou de uma bisavó? - foram obtidas as seguintes lexias: tataravô com 58% (23 ocorrências), tetravô com 8% de uso, (03 ocorrências), bisavô e avô com 5% (02 ocorrências cada) e vovô com 3% (01 ocorrência). Entre os informantes, 23% não souberam responder à questão (Gráfico 38).

Gráfico 38 - Ocorrências das variantes para a Questão 17: Como você denomina o pai de um bisavô ou de uma bisavó?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Gráfico 39 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 17: Como você denomina o pai de um bisavô ou de uma bisavó?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que concerne à dimensão diatópica, os dados do Gráfico 39 indicam que houve registros da lexia tataravô em toda a rede de pontos investigada. Nos PR's 1 e 2, 38% de frequência uso (03 ocorrências em cada), nos PRs 4 e 5, com 63% (05 ocorrências em cada) e

no PR 3 com 88% (07 ocorrências). A lexia tetravô foi registrada somente nos PR's 2 com 25% (02 ocorrências) e 5 com 13% (01 - ocorrência). Nos PR's 1 e 2, bisavô e avô com o mesmo percentual, 13% (01 - ocorrência em cada); No PR5, vovô, com 13% (01 -ocorrência). Ressalte-se que em toda a rede de pontos investigada foi registrado um número de informantes que não souberam responder à questão: nos PR1 e 4, com o mesmo percentual de 38% e nos PR's 2, 3 e 5, também apresentando o mesmo percentual de 13%. O teste estatístico demonstrou que não houve influência dos pontos investigados com a escolha lexical dos informantes ($p=0.4$)

A dimensão diassexual mostrou que a lexia tataravô (Tabela 38) foi utilizada pelas mulheres (65%) e pelos homens (50%). A lexia tetravô foi citada pelos homens (10%), contrapondo-se a fala das mulheres (5%). As lexias bisavô (10%) e vovô (5%) foram citadas apenas pelos homens. Já a lexia avô (10%) foi falada somente pelas mulheres. Entre os informantes homens, 25%, não souberam responder à questão 17 e entre as mulheres (20%). De acordo, o teste estatístico qui-quadrado, não houve diferenças significativas entre o sexo e a escolha lexical dos informantes ($p=0.4$).

Tabela 38 - Questão 17: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Tataravó	10(50%)	13(65%)	14 (70%)	9 (45%)	14 (70%)	9 (45%)
Bisavó	2(10%)	0(0%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)
Avô	0(0%)	2(10%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)
Tetravô	2(10%)	1(5%)	3 (15%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (15%)
Vovô	1(5%)	0(0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Não sabe	5(25%)	4(20%)	3 (15%)	6 (30%)	5 (25%)	4 (20%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Em relação à dimensão diastrática, observou-se que a lexia tataravô foi a preferida por informantes Ca, com (70%), e Cb (45%). A lexia tetravô foi mencionada apenas pelos informantes Ca (15%). Entre eles, 15% não souberam responder. As lexias bisavô e avô (10%) e vovô (5%) foram citadas por informantes Cb. Entre os informantes Cb, 30% não souberam responder à questão 17. O teste qui-quadrado indicou que houve diferenças estatísticas significativas entre as respostas espontâneas registradas e o nível de escolaridade (0,045).

Os dados referentes à dimensão diageracional evidenciaram que a GI utilizou a lexia tataravô (70%), contrapondo-se a 45% da GII. Além de tataravô, a GI citou vovô (5%). Entre os informantes da GI, 25% não souberam responder à questão 17. As lexias avô e bisavô com o mesmo percentual (10%) e a lexia tetravô (15%) foram utilizadas pela GII. Entre os informantes da GII, 20% deles não souberam responder. Conforme o teste qui-quadrado, não houve diferenças estatísticas significativas entre as respostas e as gerações ($p=0.072$).

Tabela 39 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 17

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Tataravô	5(100%)	1(20%)	3(60%)	5(100%)	3(60%)	1(20%)	3(60%)	2(40%)
Bisavó	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)	0(0%)
Avô	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)
Tetravô	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Vovô	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Não sabe	0(0%)	3(60%)	2(40%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)	1(20%)	1(20%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Correlacionadas as dimensões diassexual, diastrática e diageracional, (Tabela 39), foram observados os seguintes aspectos: na G I, os homens Ca citaram tataravô (100%), opondo-se a 20% dos homens Cb. A lexia vovô (20%) somente foi utilizada pelos homens Cb. Entre esses informantes Cb, 60% deles não souberam responder. Já as mulheres CbGI mencionaram tataravô (100%) e as mulheres CaGI ,60%. Entre as informantes Ca, 40% não

souberam responder à questão 17.

Na GII, os homens Ca e as mulheres Ca apresentaram o mesmo percentual de uso (60%) para a lexia tataravô, e as mulheres Cb (40%) e homens Cb (20%). Os homens CaGII citaram tetravô (40%), contrapondo-se às mulheres CaGII (20%). Apenas os homens Cb mencionaram bisavô (40%). Entre esses informantes CbGII, 40% não responderam à questão. A lexia avô (40%) somente foi citada pelas mulheres Cb. Entre as informantes Ca e Cb da GII, 20% de cada classe não souberam responder à questão 17.

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se a seguir (Quadro 106), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 106 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 17

Questão 17 – Lexia tataravô					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Tataravô	Não sabe		
	2	Não sabe	Não sabe	Tataravô	
	3	Não sabe	Não sabe	Tataravô	
	4	Tataravô	Não sabe		
	5	Tataravô	Não sabe		
	6	Não sabe	Tataravô		
	7	Bisavô	Tataravô		
	8	Avô	Tataravô		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Tataravô	Não sabe		
	2	Tataravô	Não sabe		
	3	Não sabe	Não sabe	Tataravô	
	4	Tataravô	Não sabe		
	5	Tetravô	Não sabe	Tataravô	
	6	Tetravô	Tataravô		
	7	Bisavô	Não sabe	Tataravô	
	8	Avô	Não sabe	Tataravô	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Tataravô	Não sabe		
	2	Tataravô	Não sabe		
	3	Tataravô	Não sabe		
	4	Tataravô	Não sabe		

	5	Tataravô	Não sabe		
	6	Tataravô	Não sabe		
	7	Não sabe	Não sabe	Tataravô	
	8	Tataravô	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Tataravô	Vozinho		
	2	Não sabe	Voinho	Tataravô	
	3	Não sabe	Ioiô	Tataravô	
	4	Tataravô	Vozinho		
	5	Tataravô	Vozinho		
	6	Tataravô	Dindinho		
	7	Tataravô	Vozinho		
	8	Não sabe	Voinho	Tataravô	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Tataravô	Ioiô, Vozinho		
	2	Tataravô	Voinho		
	3	Vovô	vô	Tataravô	
	4	Tataravô	Vovô		
	5	Tetravô	Voinho	Tataravô	
	6	Tataravô	Vozinho		
	7	Não sabe	Vovô	Tataravô	
	8	Tataravô	Dindinho		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No PR1 (Quadro 106), apenas 25% dos informantes (02) responderam à questão 17 com lexias diferentes de tataravô; outros 38% (03) não souberam responder no momento da pergunta. No momento da insistência por outras formas de nomeação do que foi solicitado, somente 38% (03) mencionaram tataravô e 25% não souberam responder. A lexia tataravô apresentada como sugestão, foi aceita por 25% dos informantes.

Nos PR 2, apenas 40% dos informantes (04) responderam lexias diferentes de tataravô e 13% (01) não souberam responder no momento da pergunta. Quando foram solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% deles (01) responderam tataravô e 40% (04) não souberam responder. A lexia tataravô apresentada como sugestão, foi aceita por 40% dos informantes.

Dos informantes do PR3, apenas 13%, ou seja, um informante não soube responder à questão 17, quando perguntado. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 13% não souberam responder. A lexia tataravô sugerida foi aceita por 13% dos informantes.

No PR4, somente 38% dos informantes (03) não souberam responder à questão 17, quando indagados. No momento da insistência por outras formas de nomeação, 38% (03) responderam com lexias diferentes de tataravô. A lexia tataravô sugerida foi aceita por 38% dos informantes.

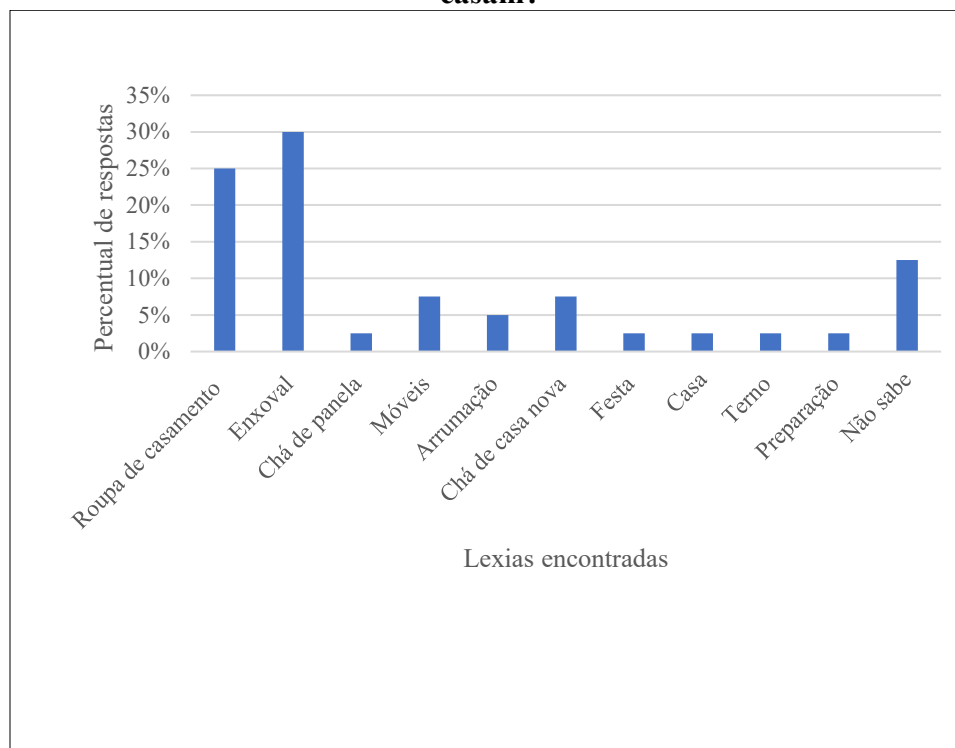
No PR5, 25% dos informantes (02) responderam lexias diferentes de tataravô e 13% (01) não souberam responder no momento da pergunta. Diante da insistência por outras formas de nomeação, 38% (03) responderam com lexias diferentes de tataravô. A sugestão da lexia tataravô foi aceita por 38% dos informantes.

4.4.3.4 Questão 33 - Lexia ‘enxoval’

Como respostas espontâneas para a questão 33: - Como se denomina o conjunto de roupas e complementos necessários que os noivos organizam quando se casam? -, obtiveram-se as seguintes respostas: enxoval, com 30% (12 ocorrências), roupa de casamento com 25% (10 ocorrências); as lexias móveis e chá de casa nova com um mesmo percentual 8% (03 ocorrências) e arrumação com 5% (02 ocorrências). Outras lexias como chá de panela, festa, casa, terno e preparação também apresentaram um mesmo percentual, 3% (01 -ocorrência). Entre os informantes, 5% não souberam responder à questão no momento da pergunta, como comprova o Gráfico 40.

Ressalte-se que, apesar das muitas lexias utilizadas, pode-se perceber que a lexia enxoval ainda faz parte da tradição cultural da região pesquisada.

Gráfico 40 - Ocorrências das variantes para a questão 33: Como você denomina o conjunto de roupas e complementos necessários que os noivos organizam quando se casam?

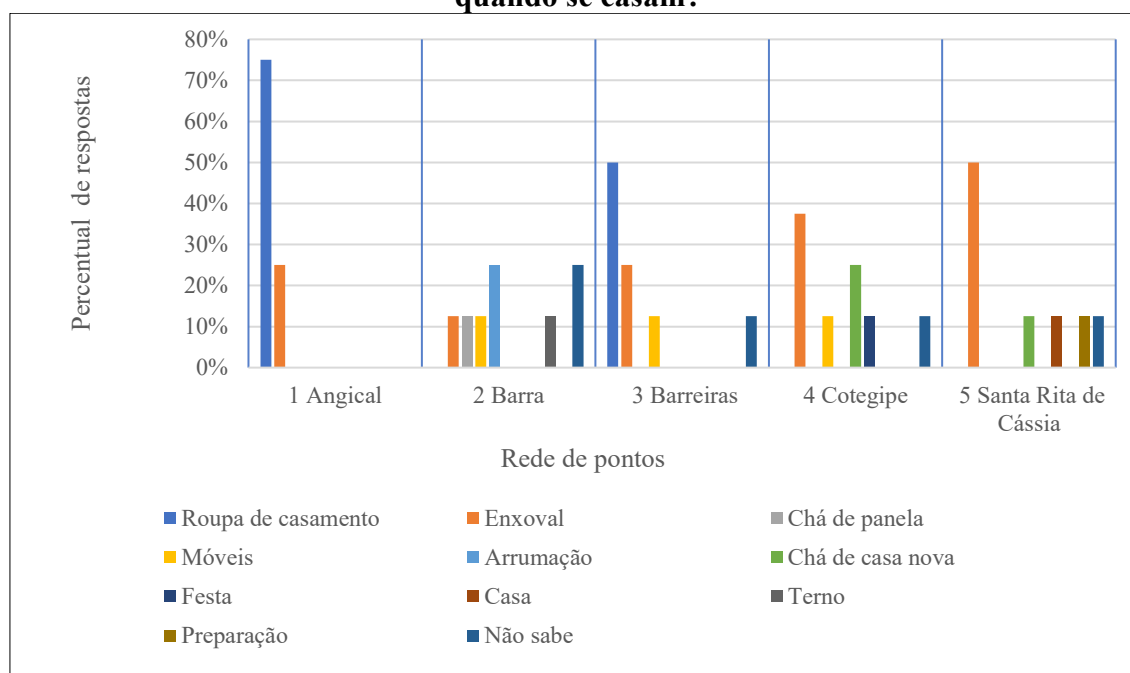


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que se refere à dimensão diatópica, os dados do Gráfico 41 mostram que a lexia enxoval foi registrada em toda a rede de pontos investigada. Nos PR's 1 e 3, essa lexia ocorreu com o mesmo percentual 25% (02 ocorrências), no PR2, com 13% (01- ocorrência), no PR4, com um percentual de 38% (03 ocorrências) e no PR 5, com 50% (04 ocorrências). A lexia composta roupa de casamento foi registrada no PR1, com 75% de frequência de uso (06 ocorrências) e no PR3 com 50% (04 ocorrências).

No PR1, foram proferidas as seguintes lexias: chá de panela, móveis, terno, com um percentual 3% (01 - ocorrência) e arrumação com 25% (02 ocorrências). Dos informantes do PR1, 25% não souberam responder à questão. A lexia móveis, com 13% (01 ocorrência) foi registrada no PR3. Dos informantes do PR3, 13% não souberam responder à questão. No PR 4, foram registradas as seguintes variantes: móveis e festa com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência), chá de casa nova, 25% (02 ocorrências). Dos informantes do PR4, 13% não souberam responder. E por fim, as lexias chá de casa nova, preparação e casa, com o mesmo percentual 13% (01- ocorrência) foram registradas no PR5. Dos informantes do PR5, 13% não souberam responder à questão. Considerando as escolhas lexicais como respostas espontâneas da questão 33 e a rede de pontos investigada, o teste qui-quadrado indicou haver diferenças estatisticamente significativas entre elas ($p= 0.007$).

Gráfico 41 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 33: Como você chama o conjunto de roupas e complementos necessários que os noivos organizam quando se casam?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em relação à dimensão diasssexual, (Tabela 39), o grupo feminino citou mais a lexia enxoval (40%) em comparação com o grupo masculino (20%). A lexia composta roupa de casamento foi mais citada pelos homens (30%), do que pelas mulheres (20%). Ambos os sexos citaram arrumação com o mesmo percentual (5%). Os homens e as mulheres mencionaram móveis (M 10% e F 5%), chá de casa (M 5% e F 10%).

Somente os homens citaram festa e casa, com o mesmo percentual (5%), enquanto somente as mulheres proferiram chá de panela, terno e preparação com o mesmo percentual (5%). Entre os informantes, 20% dos homens e 5% das mulheres não souberam responder ao questionamento proposto. O teste qui-quadrado não indicou diferenças estatisticamente significativas nas falas dos grupos feminino e masculino relacionadas às respostas da questão 33 ($p=0.6$).

Na dimensão diastrática, os dados (Tabela 40) demonstram que a lexia enxoval foi mencionada mais pelos informantes Ca (35%) do que pelos Cb (25%), enquanto os informantes Cb citaram mais a lexia roupa de casamento (30%), do que os participantes Ca (20%). A lexia complexa chá de casa nova foi proferida por ambos os informantes Ca (10%) e Cb (5%).

Os informantes Ca mencionaram chá de panela e preparação com um mesmo percentual (5%). Os Cb citaram: móveis (15%), arrumação (10%), festa, casa e terno, também com o mesmo percentual (5%). Dos informantes Ca, 25% não responderam à questão proposta.

Conforme o teste estatístico, houve diferenças significativas entre o nível de escolaridade e as respostas da questão 33 ($p=0.038$).

Os dados da Tabela 40, demonstram que, na dimensão diageracional, a lexia enxoval foi mais citada pela GII (40%) do que pela GI (20%). Também foram proferidas por ambas as gerações, as seguintes lexias: roupa de casamento (GI 30% e GII 20%); móveis (GI 5% e GII 10%); arrumação, com o mesmo percentual para a GI e GII (5%). Entre esses informantes, 10% da GI e 15% da GII não souberam responder a questão. A G I citou chá de panela, festa, casa, com o percentual (5%) e chá de casa nova com 15%. As lexias terno e preparação foram mencionadas somente pelos informantes GII com o mesmo percentual (5%). O teste estatístico indicou que não houve diferenças estatísticas significativas entre as respostas das GI e GII ($p=0,4$).

Tabela 40 - Questão 39: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Roupa de casamento	6 (30%)	4 (20%)	4 (20%)	6 (30%)	6 (30%)	4 (20%)
Enxoval	4 (20%)	8 (40%)	7 (35%)	5 (25%)	4 (20%)	8 (40%)
Chá de panela	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Móveis	2 (10%)	1 (5%)	0 (0%)	3 (15%)	1 (5%)	2 (10%)
Arrumação	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	2 (10%)	1 (5%)	1 (5%)
Chá de casa nova	1 (5%)	2 (10%)	2 (10%)	1 (5%)	3 (15%)	0 (0%)
Festa	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Casa	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Terno	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Preparação	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Não sabe	4 (20%)	1 (5%)	5 (25%)	0 (0%)	2 (10%)	3 (15%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Correlacionando as dimensões diageracional, diassexual e diastrática (Tabela 41), foi observado que na GI, os homens Ca citaram a lexia enxoval (20%) e os homens Cb não a mencionaram. A lexia comum aos homens Ca e Cb foi roupa de casamento (Ca, 20% e Cb, 40%). Somente os informantes Ca citaram a lexia chá de casa nova (20%). Entre eles, 40% não conseguiram responder à questão proposta. Os homens CbGI mencionaram móveis, festa e casa com o mesmo percentual (20%)

As mulheres CaGI e CbGI mencionaram roupa de casamento (Ca 20% e Cb 40%), enxoval (Ca 40% e Cb 20%) e chá de casa nova (Ca 20% e Cb 20%). Somente as mulheres CaGI disseram chá de panela (20%), enquanto apenas as mulheres CbGI citaram arrumação (20%).

Na GII, os homens Ca utilizaram a lexia composta roupa de casamento (40%), e os homens Cb (20%). A lexia enxoval foi utilizada pelos informantes Ca com 20% e pelos Cb (40%). Dentre os informantes Ca, 40% não souberam responder à questão 33. As lexias móveis e arrumação com o percentual (20%) foram mencionadas pelos homens Cb.

As mulheres CaGII citaram mais a lexia enxoval (60%) do que as mulheres CbGII (40%). Somente as mulheres Ca disseram preparação (20%). Desses informantes Ca, 20% não souberam responder à questão. As lexias roupa de casamento, móveis e termo, com o mesmo percentual (20%) foram mencionadas apenas pelas mulheres CbGII.

Tabela 41 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 33

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Roupa de casamento	1(20%)	2(40%)	1(20%)	2(40%)	2(40%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)
Enxoval	1(20%)	0(0%)	2(40%)	1(20%)	1(20%)	2(40%)	3(60%)	2(40%)
Chá de panela	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Móveis	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)
Arrumação	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Chá de casa nova	1(20%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Festa	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Casa	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Terno	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)
Preparação	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Não sabe	2(40%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se no Quadro 107, a seguir, as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 107 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 33

Questão 33- Lexia enxoval					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Roupa de casamento (vestido, paletó, véu, grinalda)	Vestuário de casamento		Enxoval
	2	Roupa de casamento (vestido, paletó, véu, grinalda)	Panos de bunda	Enxoval	
	3	Roupa de casamento (vestido, paletó, véu, grinalda)	Não sabe	Enxoval	
	4	Roupa de casamento (vestido, paletó, véu, grinalda)	Não sabe	Enxoval	
	5	Roupa de casamento (vestido, paletó, véu, grinalda)	Enxoval		
	6	Enxoval	Não sabe		
	7	Roupa de casamento (vestido, paletó, véu, grinalda)	Enxoval		
	8	Enxoval	Não sabe		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Não sabe	Não sabe	Enxoval	
	2	Chá de panela	Não sabe	Enxoval	
	3	Móveis	Roupas	Enxoval	
	4	Arrumação	Não sabe	Enxoval	
	5	Não sabe	Não sabe	Enxoval	
	6	Enxoval	Não sabe		
	7	Arrumação	Não sabe	Enxoval	
	8	Terno	Não sabe	Enxoval	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Não sabe	Não sabe	Enxoval	
	2	Enxoval	Não sabe		

Barreiras	3	Roupa de casamento (vestido, paletó, véu, grinalda)	Vestido de noiva	Enxoval	
	4	Roupa de casamento (vestido, paletó, véu, grinalda)	Enxoval		
	5	Roupa de casamento (vestido, paletó, véu, grinalda)	Lençol	Enxoval	
	6	Enxoval	Não sabe		
	7	Móveis	Não sabe	Enxoval	
	8	Roupa de casamento (vestido, paletó, véu, grinalda)	Enxoval		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Chá de casa nova	Chá de panela	Enxoval	
	2	Chá de casa nova	Não sabe	Enxoval	
	3	Festa	Não sabe	Enxoval	
	4	Enxoval	Não sabe		
	5	Enxoval	Não sabe		
	6	Não sabe	Não sabe	Enxoval	
	7	Enxoval	Não sabe		
	8	Móveis	Fogão	Enxoval	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Enxoval	Não sabe		
	2	Enxoval	Não sabe		
	3	Casa	Móveis	Enxoval	
	4	Chá de panela	Não sabe	Enxoval	
	5	Não sabe	Não sabe	Enxoval	
	6	Preparação	Não sabe	Enxoval	
	7	Enxoval	Não sabe		
	8	Enxoval	Não sabe		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No PR1 (Quadro 107), 75% dos informantes (06) não responderam a lexia enxoval. Por isto, foi preciso insistir para usarem outras formas linguísticas para nomear o solicitado. Vinte e cinco (25%) dos informantes (02) responderam enxoval. A sugestão da lexia enxoval foi aceita por 38% dos informantes (03) e recusada por 13% deles (01).

Já no PR2, 63% deram respostas diversas no momento da pergunta; 25% dos informantes (02) não souberam dar a resposta espontânea. Após a insistência da entrevistadora, 13% dos informantes responderam roupas, mas 50% também não souberam citar outras formas linguísticas para o que foi solicitado. A sugestão da lexia enxoval foi aceita por 88% dos informantes.

No PR3, 63% dos informantes responderam com lexias diferentes da lexia enxoval e 13% não souberam responder no primeiro momento. Ao se insistir por lexias diferentes para nomear o que foi solicitado, 25% deles (02) disseram enxoval, 25% trouxeram outras lexias e 50% não souberam responder. A lexia enxoval sugerida foi aceita por 50% dos informantes.

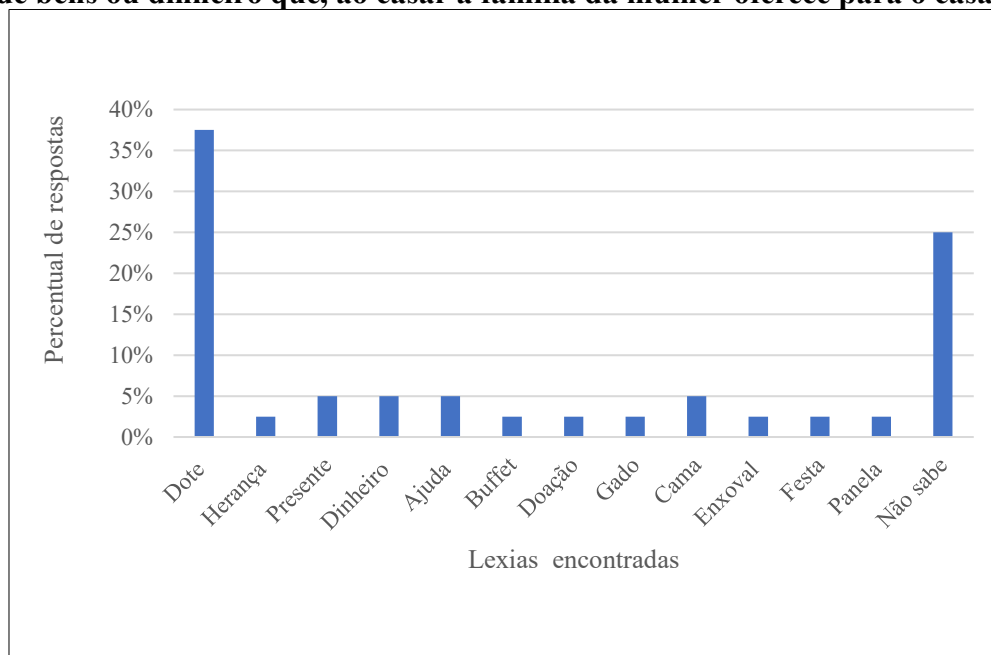
Já no PR4, 50% dos informantes (04) responderam lexias diferentes de enxoval, 13% (01) não souberam responder à questão 33. No momento das respostas por insistência, 25% deles (2) responderam formas linguísticas diferentes e 75% não souberam responder à questão. A lexia enxoval sugerida foi aceita por 63% dos informantes (05).

No PR 5, 38% dos informantes responderam unidades lexicais diferentes de enxoval e 13% (01) não souberam responder à questão no momento de pergunta. Após solicitar outras lexias para nomear o que foi solicitado, observou-se que 88% deles não souberam dar respostas por insistência e 13% (01) responderam móveis. A lexia enxoval sugerida foi aceita por 50% dos informantes.

4.4.3.5 Questão 34 - Lexia ‘dote’

Como respostas espontâneas para a questão 34: - Como você chama o conjunto de bens ou dinheiro que, ao casar, a família da mulher oferece para o casal? - obtiveram-se as seguintes lexias: dote, com 38% (15 ocorrências), presente, dinheiro, ajuda e cama, com um mesmo percentual de 5% (02 ocorrências cada); herança, buffet, doação, gado, enxoval, festa e panela com o mesmo percentual de 3% (01 ocorrência). Dentre esses informantes, 25% não souberam responder à questão proposta como pode ser visto no Gráfico 42.

Gráfico 42 - Ocorrências das variantes para a questão 34: Como você chama o conjunto de bens ou dinheiro que, ao casar a família da mulher oferece para o casal?



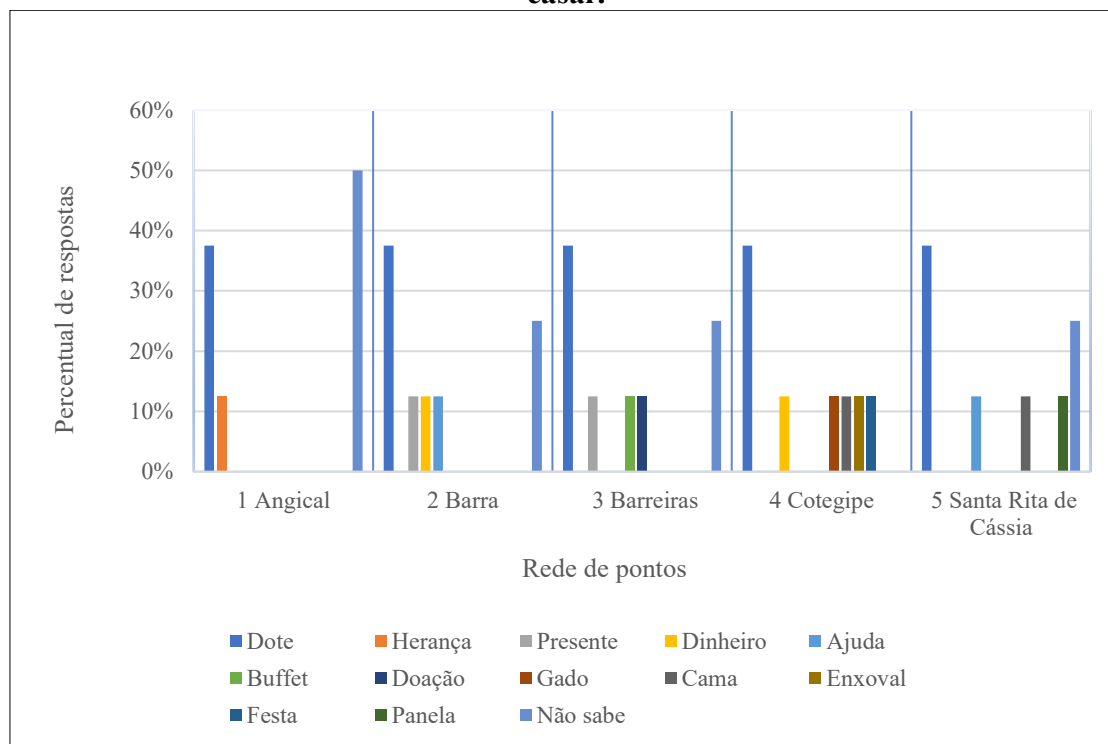
Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Nos dados do Gráfico 43, foi destacada a distribuição regular e frequência, em todos os pontos de rede investigados, da lexia dote. Nos PR's 1, 2, 3, 4 e 5 foi registrado o mesmo percentual de uso de 38% em cada um dos pontos (03 ocorrências). No PR1, 50% dos informantes não souberam responder à questão. Além disso, foi registrado neste ponto de rede 1, unicamente, a lexia herança com 13% (01 - ocorrência). No PR 2, foram registradas também as lexias presente, dinheiro e ajuda com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência de cada). Dentre os informantes do PR2, 25% não souberam responder à questão proposta. No PR 3, foram registradas as lexias presente, buffet e doação, com o mesmo percentual de 13% (01 - ocorrência). Dentre os informantes do PR3, 25% não conseguiram responder à questão 34.

As lexias dinheiro, enxoval, gado, cama e festa aparecem com o mesmo percentual de 13% (01- ocorrência de cada) no PR4. Já as lexias ajuda, cama e panela, com o mesmo percentual de 13% (01 - ocorrência), foram registradas no PR5. Dentre os informantes do PR5, 25% deles não souberam responder à questão.

Mesmo sendo observadas doze variantes como respostas espontâneas, os dados (Gráfico 30) indicam que a lexia dote, ainda que com baixa frequência, foi predominante na região investigada. O teste matemático utilizado qui-quadrado indicou não haver diferenças estatisticamente significativas nas respostas entre o ponto de rede pesquisado e as respostas da questão 34($p=0.8$).

Gráfico 43 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 34: Como você chama o conjunto de bens ou dinheiro que, ao casar a família da mulher oferece para o casal?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em relação às lexias na dimensão diassexual (Tabela 41), houve um equilíbrio entre a fala dos homens e a das mulheres em relação à lexia dote (M, 35% e F, 40%). As lexias citadas por homens e mulheres foram: dinheiro, ajuda, cama, com o mesmo percentual (5% cada). Dentre esses informantes, 25% dos homens e das mulheres não souberam responder à questão 34. As lexias herança, buffet, doação, gado e enxoval foram identificadas na fala de homens com a mesma proporção de uso, 5%. Apenas as mulheres citaram presente, festa e panela, apresentando o mesmo percentual de 5%. O teste qui-quadrado não indicou diferenças estatisticamente significativas nas respostas entre os grupos feminino e masculino e as respostas da questão 34 ($p = >0.9$).

Na dimensão diastrática, foi observado nos dados (Tabela 41) que os informantes Ca mencionaram mais a lexia dote (65%) do que os da Cb (10%). A outra lexia comum às duas classes e com o mesmo percentual de uso foi dinheiro (5%). Além disso, em ambas as classes, 25% dos participantes não souberam responder à questão.

De uso exclusivo somente na Ca, observou-se apenas a lexia doação com 5% de frequência de uso, ao passo que, somente na Cb, houve registros das lexias herança, buffet, gado, enxoval, festa, panela, com o mesmo percentual de uso (5%), e, ainda, presente, ajuda e

cama com o mesmo percentual (10%). Ressalte-se que os informantes Ca são mais objetivos ao responder à pergunta, enquanto os da Cb dão as respostas de forma bem específica.

A lexia dote foi mais contemplada na fala dos informantes Ca. Uma delas CaGI disse, no momento da entrevista, que o conhecimento da lexia dote se devia às leituras dos livros, o que apontou para a influência do nível de escolaridade na resposta da questão. Outro destaque observado foi que, mesmo a lexia dote sendo mais citada pelos informantes Ca, observou-se que, na região pesquisada, quando há casamento, a tradição de presentear os noivos ainda é bastante atual, seja com dinheiro, seja com objetos específicos necessários para o início de uma vida a dois. De acordo com o teste estatístico, houve diferenças significativas entre o nível de escolaridade e as respostas da questão 34 ($p=0,003$).

Os registros dos dados observados na Tabela 42 demonstraram a preferência da GII (45%) e da GII (30%) pelo uso da lexia dote. As lexias presente e dinheiro foram mencionadas por ambas as gerações com o mesmo percentual de uso (5%). Dentre esses informantes, 30% dos da GI e 20% dos da GII não souberam responder à pergunta 34.

Em relação às outras lexias, observou-se que a GI citou herança, buffet, gado, e panela, com o mesmo percentual, 5%, e cama com 10%. As lexias ajuda (10%), doação, enxoval, e festa apareceram todas com o mesmo percentual de 5%, e foram mencionadas apenas pela GII. O teste estatístico indicou que não houve diferenças estatísticas significativas entre as respostas espontâneas das duas gerações ($p=0,5$).

Tabela 42 - Questão 34 - lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Dote	7 (35%)	8 (40%)	13 (65%)	2 (10%)	6 (30%)	9 (45%)
Herança	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Presente	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)	1 (5%)	1 (5%)
Dinheiro	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)
Ajuda	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)
Buffet	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Doação	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Gado	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Cama	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	2 (10%)	2 (10%)	0 (0%)
Enxoval	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Festa	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Panela	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Não sabe	5 (25%)	5 (25%)	5 (25%)	5 (25%)	6 (30%)	4 (20%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados da Tabela 43 trazem uma correlação entre as dimensões diageracional, diassexual e diastrática e as respostas espontâneas para a questão 34.

Na GI, apenas os homens Ca utilizaram a lexia dote (60%) e 40% deles não souberam responder à questão. Os homens Cb não mencionaram dote, mas citaram herança, buffet, gado, cama, com o mesmo percentual de uso (20%). Além disso, 20% desses informantes não souberam responder ao questionamento feito.

As mulheres de alta escolaridade dessa mesma geração optaram pela lexia dote (40%) e as de baixa escolaridade (20%). A lexia dinheiro foi citada pelas mulheres Ca (20%). Dessas informantes, 40% não conseguiram responder à questão proposta. Já as mulheres Cb selecionaram as lexias presente, cama e panela com o mesmo percentual 20%, e 20% delas não souberam responder.

Na GII, os homens Ca citaram mais a lexia dote (60%) do que os homens Cb (20%). Dentre esses informantes, 20% dos homens Ca e 20% dos homens Cb não conseguiram responder à questão proposta. Os homens CaGII citaram apenas doação (20%) e os CbGII escolheram dinheiro, ajuda e enxoval com o mesmo percentual, 20%. Dentre esses informantes, 20% não souberam responder.

Todas as mulheres CaGII mencionaram a lexia dote (100%). As mulheres CbGII não citaram dote, mas mencionaram presente, ajuda e festa todas com o mesmo percentual, 20%, e dentre elas, 40% não souberam responder. Ficou evidente que o nível de escolaridade não influenciou as escolhas lexicais e que a heterogeneidade lexical permite afirmar que não há uma norma linguística na região.

Tabela 42 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 34

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Dote	3(60%)	0(0%)	2(40%)	1(20%)	3(60%)	1(20%)	5(100%)	0(0%)
Herança	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Presente	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)
Dinheiro	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Ajuda	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)
Buffet	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Doação	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Gado	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Cama	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Enxoval	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Festa	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)
Panela	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Não sabe	2(40%)	1(20%)	2(40%)	1(20%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	2(40%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, dicorrem-se, a seguir no Quadro 108, as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 108 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 34

Questão 34 – Lexia dote					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Dote	Não sabe		
	2	Não sabe	Não sabe	Dote	
	3	Herança	Não sabe		Dote
	4	Não sabe	Não sabe	Dote	
	5	Não sabe	Não sabe	Dote	
	6	Dote	Não sabe		
	7	Dote	Não sabe		
	8	Não sabe	Não sabe	Dote	
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Dote	Não sabe		
	2	Não sabe	Não sabe	Dote	
	3	Não sabe	Não sabe		Dote
	4	Presente	Não sabe	Dote	
	5	Dote	Não sabe		
	6	Dote	Não sabe		
	7	Dinheiro	Não sabe		Dote
	8	Ajuda	Não sabe		Dote
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Não sabe	Não sabe	Dote	
	2	Dote	Não sabe		
	3	Buffet	Não sabe	Dote	
	4	Dote	Não sabe		
	5	Doação	Ajuda	Dote	

	6	Dote	Não sabe		
	7	Não sabe	Não sabe	Dote	
	8	Presente	Não sabe	Dote	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Dote	Não sabe		
	2	Dinheiro	Não sabe	Dote	
	3	Gado	Casa	Dote	
	4	Cama	Fogão	Dote	
	5	Dote	Não sabe		
	6	Dote	Não sabe		
	7	Enxoval	Cama, casa	Dote	
	8	Festa	Roupa	Dinheiro	Dote
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Não sabe	Não sabe	Dote	
	2	Dote	Não sabe		
	3	Cama	Fogão	Dote	
	4	Panela	Jogo de copo		Dote
	5	Dote	Não sabe		
	6	Dote	Dinheiro		
	7	Ajuda	Não sabe	Dote	
	8	Não sabe	Não sabe	Dote	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No PR1 (Quadro 108), 50% dos informantes (04) não souberam responder à questão 34 e 13% (01) disseram herança no momento da pergunta. Após se insistir por novas formas de nomeação do que foi solicitado, 63% deles (05) não souberam responder. A lexia dote sugerida foi aceita por 40% dos informantes (04), e recusada por 13% deles.

Nos PR 2, apenas 38% dos informantes (03) responderam lexias diferentes de dote e 25% (02) não souberam responder no momento da pergunta. Quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 63% deles (05) não souberam responder. A lexia dote sugerida foi aceita por 25% dos informantes (04) e recusada por 38%.

Dos informantes do PR3, 38% (03) responderam à questão 34 com lexias diferentes de dote e 25% (02) não souberam responder, quando perguntados. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 50% deles (04) não souberam responder e 13% (01) responderam ajuda. A lexia dote sugerida e aceita por 63% dos informantes (05).

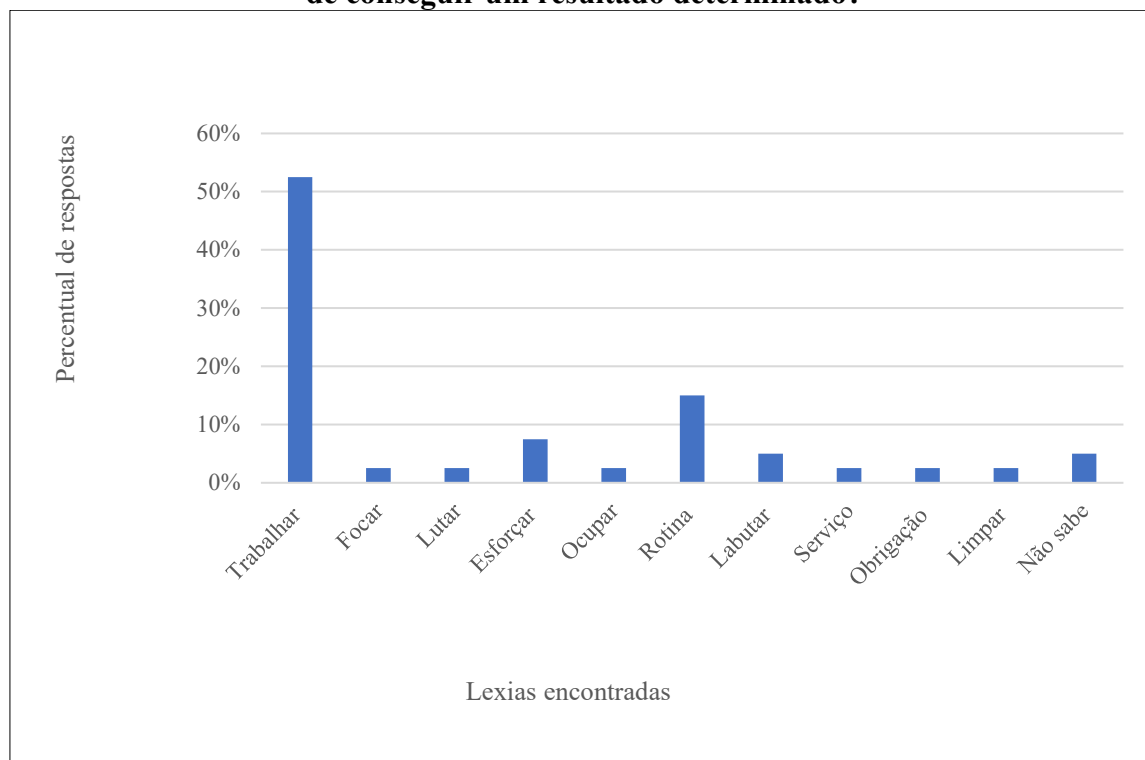
No PR4, 63% dos informantes (05) responderam à questão 17 citando lexias diferentes de dote, quando indagados. Após se insistir por outras formas de nomeação, 13% deles (01) não souberam responder e 50% (04) responderam com lexias diferentes de dote. A lexia dote sugerida foi aceita por 50% dos informantes (04) e recusada por 13% (01).

No PR5, 38% dos informantes (03) responderam lexias diferentes de dote e 25% (02) não souberam responder no momento da pergunta. Diante da insistência por outras formas de nomeação, 25% deles (02) responderam com lexias diferentes de dote e 38% (03) não souberam responder. A lexia dote sugerida foi aceita por 50% dos informantes (04) e recusada por 13% (01).

4.4.3.6 Questão 46 - Lexia ‘trabalhar’

Para a questão 46: - Como se denomina a ação de você desenvolver uma atividade que requer esforço com o objetivo de produzir algo ou de conseguir um resultado determinado? -, obtiveram-se as seguintes respostas espontâneas: trabalhar com 53% (21 ocorrências), rotina com 15% (06 ocorrências), esforçar com 8% (03 ocorrências) e labutar com 5% (02 ocorrências). Focar, lutar, ocupar, serviço, obrigação e limpar apresentaram o mesmo percentual, 3% (01 -ocorrência). Dentre os informantes, 5% não souberam responder (02 ocorrências) à questão no momento da pergunta, como se pode ver no Gráfico 44.

Gráfico 44 - Ocorrências das variantes para a questão 46: Como se denomina a ação de você desenvolver uma atividade que requer esforço com o objetivo de produzir algo ou de conseguir um resultado determinado?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

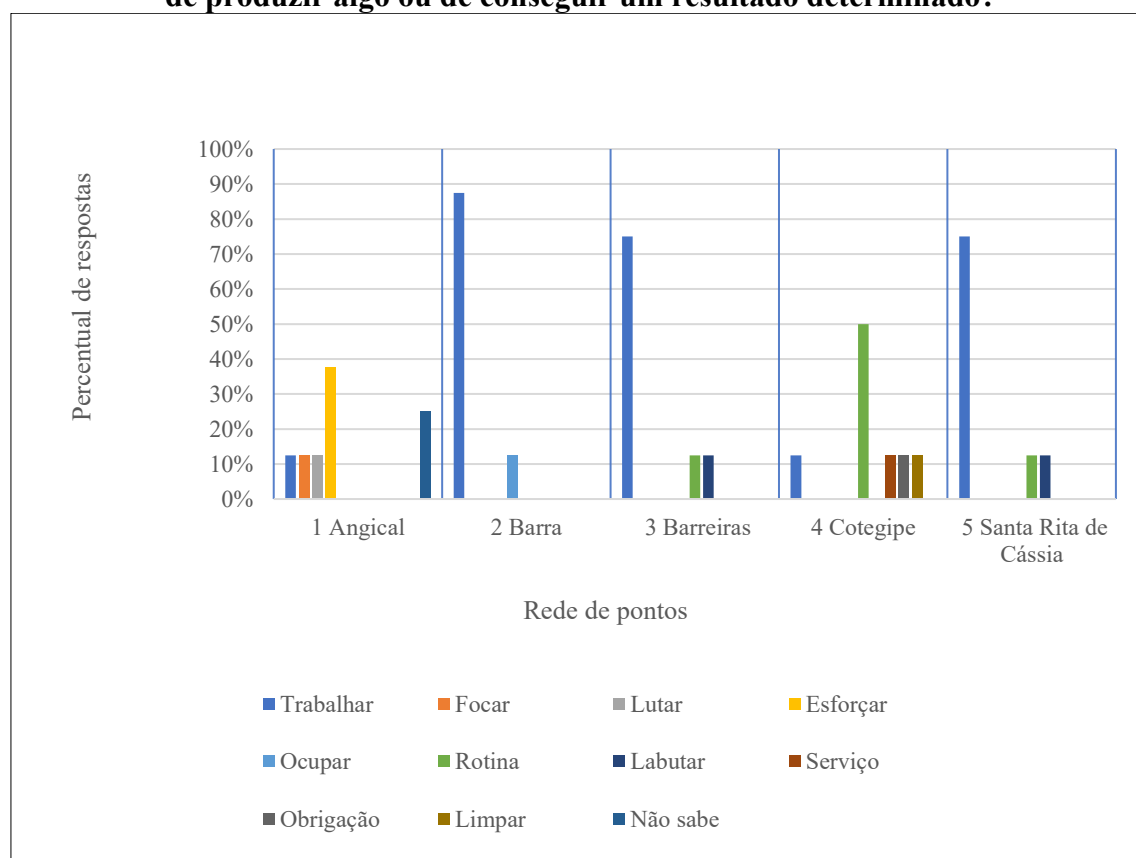
Considerando a dimensão diatópica, os dados (Gráfico 45) indicam a distribuição regular e a frequência da lexia trabalhar em todos os pontos de rede investigados. Nos PR's 1 e 4, foi registrado o mesmo percentual de frequência em cada ponto 13% (01 -ocorrência em cada). No PR2, houve a maior frequência da lexia trabalhar 88%, (07 ocorrências). Nos PR's 3 e 5, com o mesmo percentual 75% (06 ocorrências).

No PR1, registraram-se, além da unidade lexical trabalhar, esforçar com 38% (03 ocorrências), focar e lutar com o mesmo percentual de uso 13% (01- ocorrência de cada) e, ainda, 25% dos informantes não souberam responder à questão. Já no PR 4, foram registradas as lexias: rotina com 50% (04 ocorrências) e serviço, obrigação e limpar, com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência de cada).

No PR2, ocupar com 13% (01 - ocorrência), enquanto nos PR's 3 e 5, rotina e labutar, com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência em cada).

Mesmo sendo observadas dez lexias como respostas espontâneas, os dados (Gráfico 44) sugerem a predominância da lexia trabalhar, na região investigada. O teste qui-quadrado indicou diferenças estatisticamente significativas nas respostas entre o ponto de rede pesquisado e as respostas da questão 46($p < 0.001$).

Gráfico 45 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 46: Como se denomina a ação de você desenvolver uma atividade que requer esforço com o objetivo de produzir algo ou de conseguir um resultado determinado?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que se refere à distribuição das lexias na dimensão diasssexual (Tabela 43), ocorreu um número maior da lexia trabalhar na fala dos homens com 60%, contrapondo-se aos 45% das mulheres. Outras lexias mencionadas por ambos homens e mulheres foram: esforçar (M - 10%, F- 5%), rotina, com o percentual de 15% para ambos os sexos. Dentre esses informantes, 5% dos homens e 5% de mulheres não souberam responder à questão proposta. Somente os homens citaram lutar e obrigação com o mesmo percentual (5%), enquanto somente as mulheres disseram focar, ocupar, obrigação e limpar com o mesmo percentual, 5% cada e labutar, 10%. Para identificar uma possível influência entre as respostas espontâneas e o sexo dos falantes foi aplicado o teste matemático qui-quadrado que indicou não haver diferenças estatisticamente significativas nas respostas entre os grupos feminino e masculino para as respostas da questão 46 ($p=0,8$).

No que concerne à dimensão diastrática, foi observado nos dados (Tabela 43) um equilíbrio entre as falas de informantes da Ca (55%) e os da Cb (50%) no que tange à lexia

trabalhar. A lexia rotina também foi utilizada pelas duas classes, porém, os informantes Ca mencionaram-na mais vezes (25%) do que a classe Cb (5%).

Os informantes da Ca mencionaram as lexias focar (5%) e esforçar (15%), ao passo que os da Cb citaram lutar, ocupar, serviço, obrigação e limpar, com o mesmo percentual, 5% cada, e labutar com 10%. Dentre esses informantes Cb, 10% não responderam à questão. Consoante o teste estatístico, houve diferenças significativas entre o nível de escolaridade e as respostas da questão 46 ($p=0.038$).

Os registros dos dados observados na Tabela 43 demonstram que, na dimensão diageracional, a GI deu preferência à lexia trabalhar, com 65% de uso, enquanto a GII com 40%. Ainda de uso comum às duas gerações, foram registradas as lexias esforçar (GI, 5% e GII, 10%) e rotina (15% para ambos os grupos). Em relação às outras lexias, a G I citou focar, lutar, esforçar, serviço, com o mesmo percentual (5%) e rotina 15%. Na GII, ocupar, obrigação, limpar, com o mesmo percentual de uso (5%) e labutar (10%). Dentre os informantes da GII, 10% não souberam responder à questão. O teste estatístico indicou que, não houve diferenças estatísticas significativas entre as respostas das duas gerações ($p=0,3$).

Tabela 43 - Questão 46 - Tabela 42 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 46

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	II
Trabalhar	12 (60%)	9 (45%)	11 (55%)	10 (50%)	13 (65%)	8 (40%)
Focar	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Lutar	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Esforçar	2 (10%)	1 (5%)	3 (15%)	0 (0%)	1 (5%)	2 (10%)
Ocupar	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Rotina	3 (15%)	3 (15%)	5 (25%)	1 (5%)	3 (15%)	3 (15%)
Labutar	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)
Serviço	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Obrigação	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Limpar	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Não sabe	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados (Tabela 44) demonstram a correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática. Na G I, informantes masculinos da Ca e Cb utilizaram a lexia trabalhar (60%). A lexia rotina foi citada por homens Ca e Cb com o mesmo percentual de uso 20%. Os da Ca mencionaram esforçar (20%); apenas os informantes Cb citaram lutar (20%). Em relação às mulheres, as CaGI mencionaram trabalhar (60%) e as da Cb (80%). As mulheres Ca mencionaram focar e rotina com o mesmo percentual, 20%; já as mulheres Cb, utilizaram a lexia serviço (20%).

Na G II, ambos os homens Ca e Cb mencionaram trabalhar com o mesmo percentual 60%. Os homens Ca citaram esforçar e rotina com o mesmo percentual (20%). Somente os informantes masculinos Cb citaram a lexia obrigação (20%). Dentre os informantes Cb, 20% não souberam responder à questão.

Na fala das mulheres CaGII observa-se a lexia trabalhar com 40%. Ainda de uso das mulheres Ca, foram registradas as lexias esforçar (20%) e rotina (40%). A escolha pelas lexias ocupar e limpar com o mesmo percentual (20%) e labutar (40%) foi feita pelas mulheres Cb. Dentre as informantes Cb, 20% não responderam à questão proposta.

Tabela 44 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 46

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Trabalhar	3(60%)	3(60%)	3(60%)	4(80%)	3(60%)	3(60%)	2(40%)	0(0%)
Focar	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Lutar	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Esforçar	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Ocupar	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)
Rotina	1(20%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)
Labutar	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	2(40%)
Serviço	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Obrigação	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Limpar	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)
Não sabe	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se a seguir (Quadro 109), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 109 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 46

Questão 46 – Lexia Trabalhar					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Esforçar	Ralar	Trabalhar	
	2	Focar	Não sabe	Trabalhar	
	3	Lutar	Não sabe	Trabalhar	
	4	Trabalhar	Não sabe		
	5	Esforçar	Não sabe	Trabalhar	
	6	Esforçar	Não sabe	Trabalhar	
	7	Não sabe	Não sabe	Trabalhar	
	8	Não sabe	Não sabe	Trabalhar	
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Trabalhar	Não sabe		
	2	Trabalhar	Emprego		
	3	Trabalhar	Trampo		
	4	Trabalhar	Não sabe		
	5	Trabalhar	Briquitar		
	6	Trabalhar	Administrar		
	7	Trabalhar	Labutar		
	8	Ocupação	Não sabe	Trabalhar	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Rotina	Ganha pão	Trabalhar	
	2	Trabalhar	Labuta		
	3	Trabalhar	Labuta		
	4	Trabalhar	Trampar		
	5	Trabalhar	Luta		

	6	Trabalhar	Labor		
	7	Trabalhar	Labuta		
	8	Labutar	Não sabe	Trabalhar	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Trabalhar	Não sabe		
	2	Rotina	Não sabe	Trabalhar	
	3	Rotina	Trabalhar		
	4	Serviço	Trabalhar		
	5	Rotina	Cotidiano	Trabalhar	
	6	Rotina	Não sabe	Trabalhar	
	7	Obrigação	Não sabe	Trabalhar	
	8	Limpar	Obrigação	Trabalhar	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Trabalhar	Não sabe		
	2	Trabalhar	Não sabe		
	3	Trabalhar	Ralar		
	4	Trabalhar	Não sabe		
	5	Trabalhar	Não sabe		
	6	Rotina	Não sabe	Trabalhar	
	7	Trabalhar	Não sabe		
	8	Labutar	Não sabe	Trabalhar	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

De acordo com o Quadro 109, no PR1, 63% dos informantes (05) não responderam a lexia trabalhar e 25% (02) não souberam responder à questão proposta quando solicitados. Após se insistir por outras formas de nomeação do que foi solicitado, 88% dos informantes (07) não souberam responder e 13% (01) responderam ralar. A lexia trabalhar sugerida foi aceita por 88% dos informantes (07).

Apenas 13% dos informantes (01) não responderam a lexia trabalhar no momento da pergunta no PR2. Quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% deles (01) não souberam responder. A lexia trabalhar sugerida foi aceita por 13% dos informantes (01).

No PR3, somente 25% dos informantes (2) não responderam a lexia trabalhar no momento da pergunta, porém quando solicitadas outras formas linguísticas para nomear o que foi pedido, 13% dos informantes (01) responderam a lexia composta ganha pão; 13% deles não souberam responder. A lexia trabalhar sugerida foi aceita por 25% dos informantes (02).

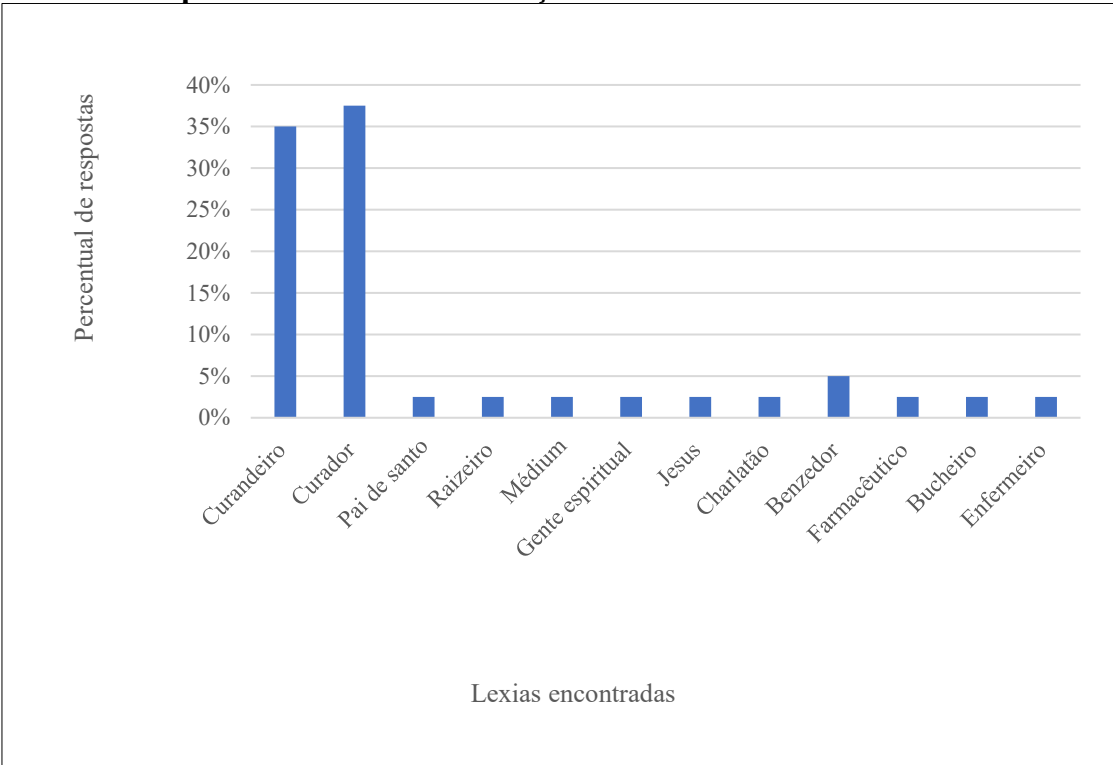
Dos informantes do PR4, 88% (07) não responderam a lexia trabalhar no momento da pergunta, mas quando instigados a sugerir novas formas de nomeação, 38 % (03) não souberam responder, 25% (02) responderam a lexia trabalhar e 25% (02) nomearam outras lexias. A lexia trabalhar sugerida foi aceita por 63% dos informantes (05).

Apenas 25% dos informantes (02) responderam lexias diferentes da lexia trabalhar no momento da pergunta no PR5. Ao serem estimulados a fornecer outras formas de nomeação, 25% dos informantes não souberam responder. A lexia dote sugerida foi aceita por 25% dos informantes (02).

4.4.3.7 Questão 53 - Lexia 'curandeiro'

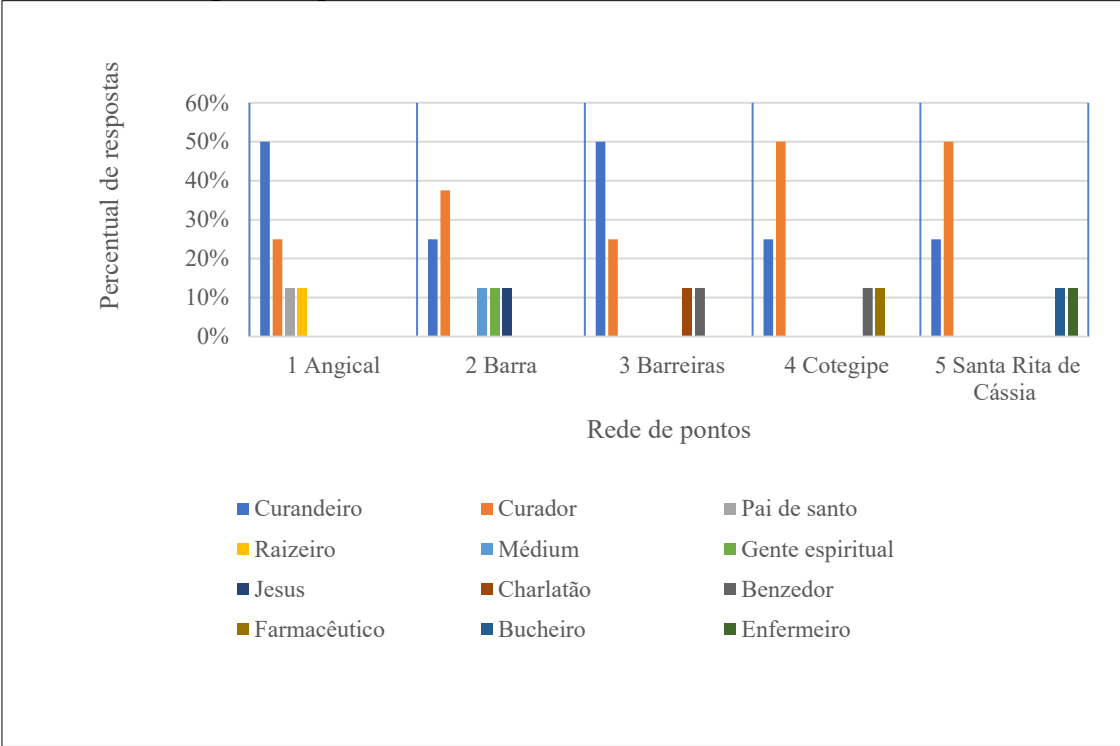
Como respostas espontâneas para a questão 53 - Como se denomina a pessoa que se dedica a curar doenças de outros sem ser médico? -, obtiveram-se as seguintes lexias: curandeiro 35% (14 ocorrências), curador com 38% (15 ocorrências), benzedor 5% (02 ocorrências). As outras lexias pai de santo, raizeiro, médium, gente espiritual, Jesus, charlatão, farmacêutico, bucheiro e enfermeiro apresentaram o mesmo percentual de uso, 3% (01 -ocorrência), conforme mostra Gráfico 46 a seguir.

Gráfico 46 - Ocorrências das variantes para a questão 53: Como se denomina a pessoa que se dedica a curar doenças de outros sem ser médico?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Gráfico 47 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 53: Como se denomina a pessoa que se dedica a curar doenças de outros sem ser médico?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Em relação à dimensão diatópica (Gráfico 47), observou-se que a lexia curandeiro mostrou-se em distribuição regular em toda a rede de pontos investigada. Nos PR's 1 e 3, com o mesmo percentual, 50%, 04 ocorrências e nos PR's 2, 4 e 5, 25% 02 ocorrências em cada. A lexia curador nos PR's 1 e 3, 25%, 02 ocorrências; no PR2, 38% (03 ocorrências) e nos PRs 4 e 5, uso 50% (04 ocorrências).

Outras lexias foram observadas, tais como; pai de santo e raizeiro, com o mesmo percentual (13% - 01 ocorrência) no PR1. Médiun, gente espiritual e Jesus surgem no PR2 com o mesmo percentual 13% (01 ocorrência); charlatão e benzedor com o mesmo percentual 13% (01 ocorrência); benzedor e farmacêutico aparecem no PR4 com o mesmo percentual 13% (01 ocorrência); bucheiro e enfermeiro também são observados no PR5, com o mesmo percentual 13%. O teste estatístico indicou que não houve diferenças estatísticas significativas entre as respostas espontâneas e o ponto de rede pesquisado ($p=0.8$).

No tocante à dimensão diasssexual, os dados (Tabela 45) permitem observar que /homens (30%) e mulheres (40%) disseram curandeiro, também curador (M, 45% e F, 30%) e benzedor (M e F, 5%). Somente registradas na fala masculina, as seguintes lexias: pai de santo, Jesus, charlatão e enfermeiro (5%), ao passo que na feminina, foram encontradas: raizeiro, médiun, gente espiritual, farmacêutico e bucheiro, com o mesmo percentual, 5%. O teste estatístico demonstrou que não houve influência diasssexual na escolha das lexias ($p=0.8$).

Na comparação feita entre as falas dos informantes Ca e Cb, os dados apontam para os seguintes resultados: os informantes Ca utilizaram curandeiro (55%) e os Cb, (15%). Ambas as classes mencionaram curador (Ca 35%) e (Cb 40%). Os informantes Ca citaram gente espiritual e Jesus com o mesmo percentual (5%), ao passo que os Cb disseram pai de santo, raizeiro, médiun, charlatão, farmacêutico, bucheiro, enfermeiro, com o mesmo percentual (5%) e benzedor (10%). O teste qui-quadrado demonstrou diferença significativa estatisticamente entre as respostas espontâneas e o nível de escolaridade ($p= 0.026$).

Considerando a dimensão diageracional, os dados da Tabela 45 mostram que a G I e G II utilizaram as lexias curandeiro (GI, 35% e GII, 35%), curador (GI, 35% e GII, 40%) e benzedor (GI, 5% e GII, 5%). As lexias apenas mencionadas pela GI foram: médiun, gente espiritual, Jesus, farmacêutico e bucheiro, com o mesmo percentual (5%), enquanto a GII mencionou pai de santo, raizeiro, charlatão e enfermeiro, todas com 5% de uso. Os dados demonstram que não houve diferenças estatisticamente significativas entre a faixa etária e as respostas espontâneas da questão 53 ($p= >0.9$).

Tabela 45 - Questão 53: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Curandeiro	6 (30%)	8 (40%)	11 (55%)	3 (15%)	7 (35%)	7 (35%)
Curador	9 (45%)	6 (30%)	7 (35%)	8 (40%)	7 (35%)	8 (40%)
Pai de santo	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Raizeiro	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Médium	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Gente espiritual	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Jesus	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Charlatão	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Benzedor	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	2 (10%)	1 (5%)	1 (5%)
Farmacêutico	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Bucheiro	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Enfermeiro	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A correlação das dimensões diageracionais, diassexual e diastráticas selecionadas para esta tese (Tabela 46) indicam que, na G I, os homens Ca citaram curandeiro (60%), curador (20%) e Jesus (20%), enquanto os homens Cb, disseram curador (80%) e benzedor (20%). As mulheres CaGI Ca selecionaram curandeiro e curador, com o mesmo percentual (40%), e gente espiritual (20%), ao passo que as mulheres CbGI indicaram curandeiro (40%), médium, farmacêutico e bucheiro (20% cada).

Na G II, os homens Ca mencionaram curandeiro (60%) e curador (40%); já os homens Cb curador (40%), pai de santo, charlatão e enfermeiro com o mesmo percentual de uso (20%). As mulheres Ca citaram curandeiro (60%) e curador (40%). Já as mulheres Cb disseram curandeiro, raizeiro, benzedor, todas com o mesmo percentual de uso (20%), e curador com 40%.

Ressalte -se que os informantes Ca utilizaram mais o sufixo -eiro e os Cb o sufixo – (a)dor²³, quando foi utilizado pelas duas classes o mesmo radical cur-. Uma possível explicação para isto pode ser o fato de a formação da lexia curador ser mais utilizada.

²³ Var. de [-or], conforme Monteiro (2002, p.178)

Tabela 46 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 53

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Curandeiro	3/60%	0/0%	2/40%	2/40%	3/60%	0/0%	3/60%	1/20%
Curador	1/20%	4/80%	2/40%	0/0%	2/40%	2/40%	2/40%	2/40%
Pai de santo	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%
Raizeiro	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%
Médium	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%
Gente espiritual	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%
Jesus	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%
Charlatão	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%
Benzedor	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%
Farmacêutico	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%
Bucheiro	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%
Enfermeiro	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, discorrem-se, a seguir (Quadro 110), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 110 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 53

Questão 53 – Lexia curandeiro					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Curandeiro	Raizeiro		
	2	Curandeiro	Não sabe		
	3	Curador	Não sabe	Curandeiro	
	4	Curandeiro	Não sabe		
	5	Curador	Raizeiro	Curandeiro	
	6	Curandeiro	Rezador		
	7	Pai de Santo	Raizeiro	Curandeiro	
	8	Raizeiro	Não sabe	Curandeiro	
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Jesus	Não sabe	Curandeiro	
	2	Gente espiritual	Curandeiro		
	3	Curador	Não sabe		Curandeiro
	4	Médium	Não sabe	Curandeiro	
	5	Curador	Curandeiro		
	6	Curandeiro	Prático		
	7	Curador	Não sabe	Curandeiro	
	8	Curandeiro	Feiticeiro		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Curandeiro	Não sabe		
	2	Curandeiro	Não sabe		

Barreiras	3	Curador	Rezador	Curandeiro	
	4	Curandeiro	Não sabe		
	5	Curandeiro	Não sabe		
	6	Curador	Curandeiro		
	7	Charlatão	Não sabe	Curandeiro	
	8	Benzedor	Não sabe	Curandeiro	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Curador	Curandeiro		
	2	Curador	Curandeiro		
	3	Benzedor	Não sabe		Curandeiro
	4	Farmacêuticos	Curandeiro		
	5	Curandeiro	Não sabe		
	6	Curandeiro	Não sabe		
	7	Curador	Não sabe		
	8	Curador	Não sabe	Curandeiro	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Curandeiro	Não sabe		
	2	Curador	Não sabe	Curandeiro	
	3	Curador	Não sabe	Curandeiro	
	4	Bucheiro	Não sabe	Curandeiro	
	5	Curandeiro	Não sabe		
	6	Curador	Não sabe	Curandeiro	
	7	Enfermeiro	Não sabe	Curandeiro	
	8	Curador	Não sabe	Curandeiro	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No PR1(Quadro 110), 50% dos informantes (04) responderam à questão 53 com lexias diferentes de curandeiro, no momento da pergunta. Após a insistência por novas formas de nomeação do que foi solicitado, 25% dos informantes (02) não souberam responder e 25% (02) responderam lexias diferentes de curandeiro. A lexia curandeiro sugerida foi aceita por 40% dos informantes (04).

No PR 2, 75% dos informantes (06) responderam lexias diferentes de curandeiro no momento da pergunta. Quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 25% deles (02) responderam curandeiro, e 50% (04) não souberam responder. A lexia curandeiro sugerida foi aceita por 38% dos informantes (03) e recusada por 13% (01).

Dos informantes do PR3, 50%, (04) responderam à questão 34 com lexias diferentes de curandeiro no momento da pergunta. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 13% deles (01) responderam curandeiro, 13% (01) citaram rezador e 25% (02) não souberam responder. A lexia curandeiro sugerida foi aceita por 38% dos informantes (03).

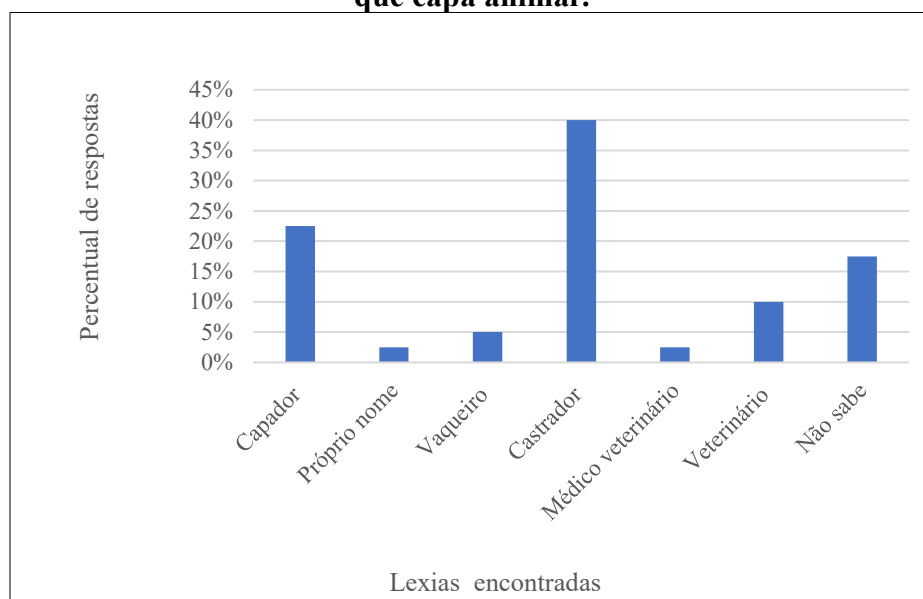
No PR4, 75% dos informantes (06) responderam à questão 17, com lexias diferentes de curandeiro no momento da pergunta. Após se insistir por outras formas de nomeação, 38% deles (03) não souberam responder e 38% (03) responderam curandeiro. A lexia curandeiro sugerida foi aceita por 25% (02) e recusada por 13% dos informantes.

No PR5, 75% dos informantes (06) responderam com lexias diferentes de curandeiro, no momento da pergunta. Instigados a citar outras formas de nomeação, 75% deles (06) não souberam responder. A lexia curandeiro sugerida foi aceita por 75% dos informantes (06).

4.4.3.8 Questão 54 – Lexia ‘capador’

Como respostas espontâneas para a questão 54 - Como se denomina a pessoa que capa animais? -, foram registradas as seguintes lexias (Gráfico 48): castrador com 40% de uso (16 ocorrências), capador com 23% (09 ocorrências), veterinário com 10%, (04 ocorrências), vaqueiro com 5% (02 ocorrências) e as lexias próprio nome e médico-veterinário, com 3% de uso cada uma (01 ocorrências).

Gráfico 48 - Ocorrências das variantes para a questão 54: Como se denomina a pessoa que capta animal?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Considerando a dimensão diatópica (Gráfico 49), ressaltase-se que, em toda rede de pontos investigada, foi registrada a lexia capador. Nos PR's 3 e 4, registrou-se o mesmo percentual 38% (03 ocorrências) e, também, nos PR's 1, 2 e 5, com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência em cada). Já a lexia Castrador, no PR1, foi registrada com 13% (01 - ocorrência), no PR2, 75% (06 ocorrências), no PR3, 38% (03 ocorrências), no PR4, 25% (02 ocorrências) e no PR5, 50% (04 ocorrências).

Ainda foram registradas no PR1, as lexias: próprio nome, vaqueiro, veterinário com o mesmo percentual de uso 13% (01 - ocorrência). Dentre os informantes do PR1, 38% não souberam responder à questão proposta. Nos PR'2 e 5, 13% deles, de cada ponto de rede, não souberam responder à questão, o mesmo ocorrendo com os 25% dos informantes no PR3.

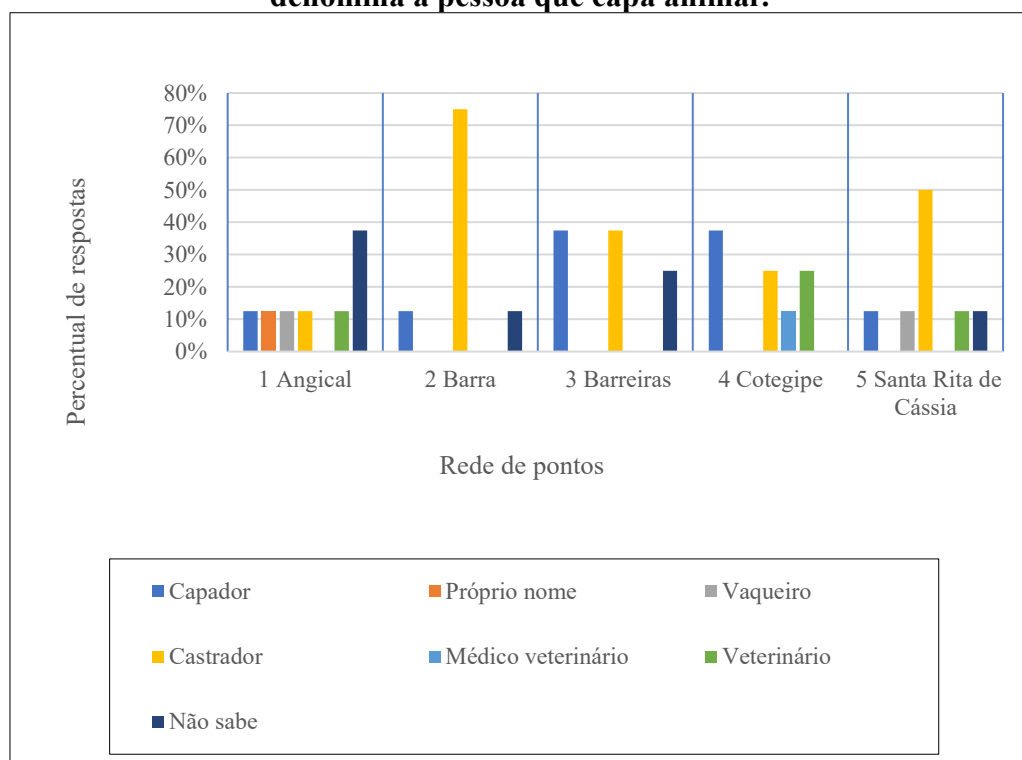
No PR4, foram registradas as seguintes lexias: médico-veterinário com 13% (01 - ocorrência) e veterinário com 25% (02 ocorrências) e no PR 5, vaqueiro e veterinário com o mesmo percentual de uso 13% (01 - ocorrência de cada).

Ressalte-se que o uso da lexia composta médico- veterinário foi citada apenas por 13% dos informantes CaGI (01), contrapondo-se a lexia veterinário citada por 50% dos informantes (04). Uma possível explicação para isto, pode ser o *status* associado à classe social, quando se adiciona a palavra médico à lexia veterinária. Isto, porque nesta região, é muito importante ser médico ou ser pai de médico, mesmo que exerça a medicina em animais. Outro destaque foi o uso da lexia próprio nome que, no entender da pesquisadora, demonstra um estranho

desconhecimento da profissão em tela. Talvez, o informante saiba que existe alguém que exerce esta profissão, mas, não vê importância em denominar quem desenvolve tal atividade.

Não houve influência da dimensão diatópica nas respostas espontâneas dos informantes, o que foi ratificado pelo teste qui-quadrado, que não indicou diferença significativa entre as respostas dadas à questão 54 e os pontos de rede investigada ($p = 0.3$).

Gráfico 49- Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 54: Como se denomina a pessoa que capa animal?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados da Tabela 47, a seguir, demonstram que, em relação à dimensão diasssexual, há, no tocante à lexia capador, um equilíbrio entre a fala dos homens e a das mulheres associado à lexia capador (M -20% e F-25%). Já a lexia castrador foi citada pelos homens (50%) e pelas mulheres (30%). Ambos os sexos também citaram as lexias vaqueiro com o mesmo percentual, 5%, e veterinário, 10%. Os dados apontam, também, que 10% dos homens e 25% das mulheres não souberam responder à questão proposta. A lexia próprio nome somente foi mencionada pelos homens (5%) e médico-veterinário apenas pelas mulheres (5%). O teste matemático não indicou diferenças estatisticamente significativas nas respostas dadas pelos grupos masculino e feminino para a questão 54 ($p=0,7$).

Os dados na Tabela 47 mostram, que, de acordo com a análise envolvendo a dimensão diastrática, a lexia capador foi mais mencionada por informantes Ca (30%) do que por

informantes Cb (15%). Algo semelhante ocorreu com a lexia castrador, pois, os informantes Ca citaram-na mais (45%) do que os informantes Cb (35%). Dos informantes Ca, apenas 5% não souberam responder à questão, mas os da Cb atomgiram 30%.

Somente os informantes Ca citaram as lexias próprio nome, médico-veterinário com o mesmo percentual de uso (5%) e vaqueiro com 10%. Os informantes Cb disseram veterinário (20%). Foi possível identificar a influência da escolaridade nas respostas espontâneas da questão 54, o que foi confirmado pelo teste matemático, ao indicar diferenças significativas entre as respostas dadas e a classe social dos envolvidos ($p=0.025$).

Os dados da Tabela 47 indicam que, de acordo com a dimensão diageracional, a lexia capador foi mais proferida pela GII (30%) do que pela GI (15%). A lexia castrador também foi mais citada pela GII (45%) do que pela GI (35%). Tiveram o mesmo percentual nos dois grupos, as lexias vaqueiro e veterinário (5% e 10% respectivamente). Ressalte –se, ainda, a ocorrência apenas na GI da lexia composta médico-veterinário (5%) e apenas na GII, a lexia próprio nome (5%). Os informantes na GI e na GII, com 5% e 30% respectivamente, não souberam responder à questão. Não houve diferenças significativas entre as faixas etárias e as respostas dadas ($p=0.3$).

Tabela 47 - Questão 54:lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Capador	4/20%	5 /25%	6 /30%	3 /15%	3 /15%	6 /30%
Próprio nome	1 /5%	0 /0%	1 /5%	0 /0%	0 /0%	1 /5%
Vaqueiro	1 /5%	1 /5%	2 /10%	0 /0%	1 /5%	1 /5%
Castrador	10/50%	6 /30%	9 /45%	7 /35%	7 /35%	9/ 45%
Médico-veterinário	0 /0%	1 /5%	1 /5%	0 /0%	1 /5%	0 /0%
Veterinário	2/10%	2 /10%	0 /0%	4 /20%	2 /10%	2 /10%
Não sabe	2/10%	5 /25%	1 /5%	6 /30%	6 /30%	1 /5%
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Na Tabela 48, correlacionaram-se as dimensões diageracional, diassexual e diastrática. Na G I, a lexia castrador foi mais citada pelos homens Ca (60%) do que pelos homens Cb (20%). Somente os homens Ca citaram capador e vaqueiro, com um mesmo percentual (20%), ao passo que os homens Cb disseram veterinário (40%) e ainda 40% deles não souberam responder à questão.

Em relação ao grupo feminino GI, as mulheres Ca e Cb citaram a lexia capador com percentual idêntico, 20%, e divergiram na frequência de uso da lexia castrador, quando as mulheres Ca apresentaram um percentual de 40% e as Cb de 20%. Além disso, 20% das mulheres Ca não responderam à questão, contrapondo-se aos 60% das mulheres Cb.

Na GII, os homens Cb falaram mais capador (40%) do que os homens Ca (20%). Ambos os homens na Ca e na Cb citaram castrador com o mesmo percentual de uso (60%). Somente os informantes Ca citaram próprio nome com 20%. As mulheres Ca citaram a lexia capador (60%) e vaqueiro (20%). Já a lexia veterinário foi mencionada pelas mulheres Cb (40%). Dentre essas informantes Cb, 20% não souberam responder à questão. Ambas as gerações falaram a lexia castrador, as mulheres Cb falaram mais (40%) do que as mulheres Ca (20%).

Tabela 48 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 54

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Capador	1/20%	0/0%	1/20%	1/20%	1/20%	2/40%	3/60%	0/0%
Próprio nome	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%
Vaqueiro	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%
Castrador	3/60%	1/20%	2/40%	1/20%	3/60%	3/60%	1/20%	2/40%
Médico-veterinário	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%
Veterinário	0/0%	2/40%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	2/40%
Não sabe	0/0%	2/40%	1/20%	3/60%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se, a seguir, as lexias registradas (Quadro 111), no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 111 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 54

Questão 54 – Lexia capador					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Capador	Não sabe		
	2	Não sabe	Não sabe		Capador
	3	Não sabe	Não sabe		Capador
	4	Não sabe	Não sabe		Capador
	5	Próprio nome	Não sabe		Capador
	6	Vaqueiro	Não sabe		Capador
	7	Castrador	Não sabe		Capador
	8	Veterinário	Não sabe		Capador
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Castrador	Não sabe	Capador	
	2	Castrador	Capador		
	3	Não sabe	Não sabe	Capador	
	4	Castrador	Não sabe	Capador	
	5	Castrador	Não sabe	Capador	
	6	Castrador	Não sabe	Capador	
	7	Capador	Não sabe		
	8	Castrador	Não sabe	Capador	
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Castrador	Não sabe	Capador	
	2	Capador	Não sabe		
	3	Castrador	Não sabe	Capador	
	4	Não sabe	Não sabe	Capador	
	5	Castrador	Não sabe	Capador	

Barreiras	6	Capador	Castrador		
	7	Capador	Castrador		
	8	Não sabe	Não sabe		Capador
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Castrador	Não sabe	Capador	
	2	Médico-veterinário	Capador		
	3	Veterinário	Não sabe	Capador	
	4	Capador	Não sabe		
	5	Capador	Não sabe		
	6	Capador	Não sabe		
	7	Castrador	Não sabe	Capador	
	8	Veterinário	Não sabe	Capador	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Vaqueiro	Não sabe		Capador
	2	Castrador	Não sabe	Capador	
	3	Veterinário	Não sabe	Capador	
	4	Não sabe	Não sabe	Capador	
	5	Castrador	Não sabe	Capador	
	6	Capador	Castrador		
	7	Castrador	Não sabe	Capador	
	8	Castrador	Não sabe	Capador	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme o Quadro 111, no PR1, 50% dos informantes (04) responderam à questão 54, citando lexias diferentes de capador e 38% (03) não souberam responder no momento da pergunta. Após se insistir por outras formas de nomeação para a lexia solicitada, 88% dos informantes (07) não souberam responder. A lexia capador sugerida foi rejeitada por 88% dos informantes (07).

No PR 2, 75% dos informantes (06) responderam lexias diferentes de capador, 13% (01) disseram capador e 13% (01) não souberam responder no momento da pergunta. Quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% dos informantes (01) responderam capador, e 75% deles (06) não souberam responder. A lexia curador sugerida foi aceita por 75% dos informantes (06).

Dos informantes do PR3, 38%, (03) responderam à questão 54 com lexias diferentes de capador e 25% dos informantes (02) não souberam responder, quando perguntados. Instigados a indicar outras formas de nomeação, 63% dos informantes (05) não souberam dar resposta. A lexia curador sugerida, foi aceita por 50% dos informantes (04) e recusada por 13% (01).

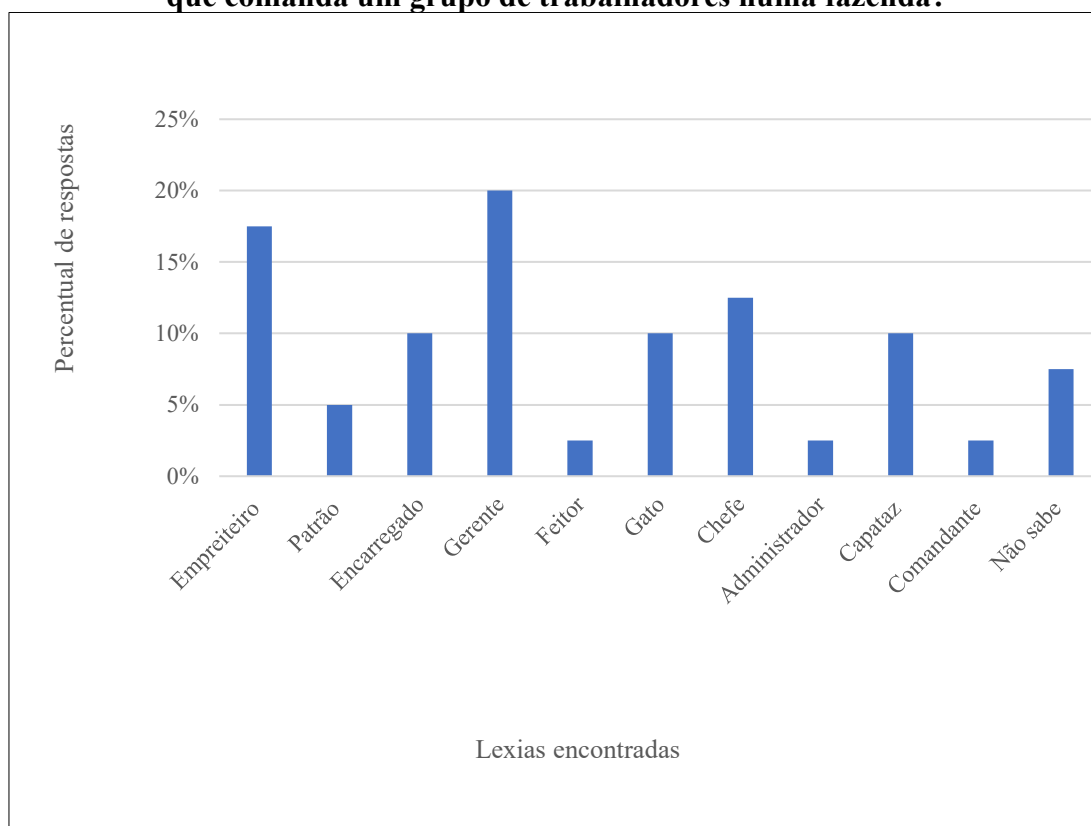
No PR4, 63% dos informantes (05) responderam à questão 54 com lexias diferentes de capador, quando indagados. Pressionados a dar outras formas de nomeação, 50% deles (04) não souberam responder e 13% (01) responderam capador. A lexia curador sugerida foi aceita por 50% dos informantes (03).

No PR5, 75% dos informantes (06) responderam com lexias diferentes de capador e 13% (01) não souberam responder no momento da pergunta. Após se insistir por outras formas de nomeação, 88% deles (07) não souberam responder. A lexia curador sugerida foi aceita por 75% dos informantes (06) e recusada por 13% (01).

4.4.3.9 Questão 56 – Lexia ‘capataz’

Como respostas espontâneas para a questão 56 - Como se denomina a pessoa que comanda um grupo de trabalhadores numa fazenda? –, foram obtidas as lexias: gerente - com uma frequência de uso de 20% (08 ocorrências), empreiteiro - com 18% (07 ocorrências), chefe - com 13% (05 ocorrências), empreiteiro, gato e capataz com o mesmo percentual de uso 10% (04 ocorrências), patrão com 5% (02 ocorrências) e, ainda, as lexias feitor, administrador e comandante com o mesmo percentual 3% (01 ocorrência) (Gráfico 50). Dentre os informantes, 8%, dos informantes não souberam responder à questão. Tais dados permitiram inferir que não foi observada a norma linguística da região investigada, uma vez que nenhuma variante atingiu 50% de frequência.

Gráfico 50 - Ocorrências das variantes para a questão 56: Como se denomina a pessoa que comanda um grupo de trabalhadores numa fazenda?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados do Gráfico 51, em relação à dimensão diatópica, apontam que a lexia gerente foi registrada em toda a rede de pontos investigada. Nos PR's 1, 2 e 3, com o mesmo percentual de uso 25% (02 ocorrências) e nos PR's 4 e 5, com 13% (01- ocorrência). A lexia empreiteiro foi registrada nos PR's 1 e 2 com 13% (01 ocorrência em cada), no PR4, com 25% (02 ocorrências) e no PR5, com 38% (03 ocorrências).

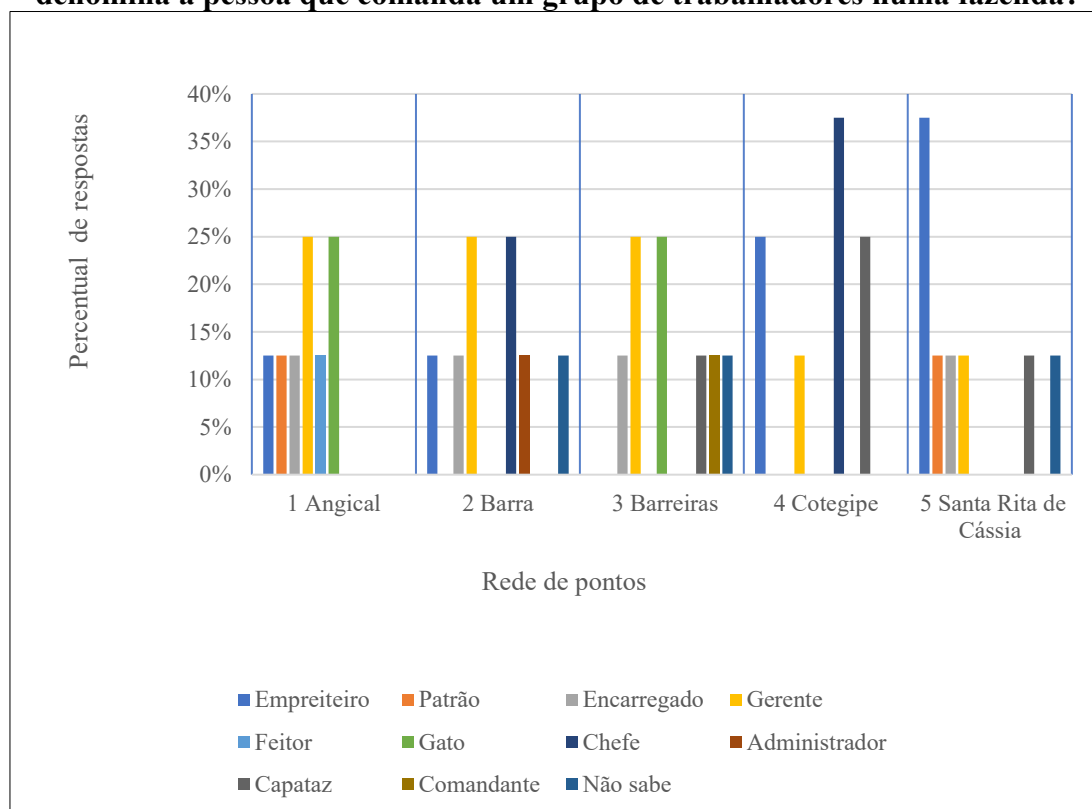
Além das variantes já mencionadas, outras foram identificadas, tais como: patrão, encarregado e feitor, com o mesmo percentual, 13% (01 - ocorrência) e gato com 25% (02 ocorrências) no PR1. Encarregado e administrador são variantes encontradas no PR2, com o mesmo percentual de uso, 13% (01- ocorrência de cada). Chefe também foi proferida com uma frequência de 25% (02 ocorrências). Dentre os informantes do PR2, 13% não souberam responder ao questionamento.

No PR 3, foram registradas as lexias encarregado, capataz, comandante, com o mesmo percentual de uso 13% (01- ocorrência) e gato com 25% (02 ocorrências). Dos informantes do PR3, 13% não souberam responder à questão. Foram registradas ainda, chefe com 38% (03 ocorrências) e capataz com 25% (02 ocorrências) no PR4. E no PR5, foram registradas as variantes patrão, encarregado e capataz com o mesmo percentual 13% (01- ocorrência de cada).

Dentre os informantes DO PR5, 13% não souberam responder à questão.

Percebeu-se, através da análise dos dados, que não houve influência dos pontos de rede investigados com as respostas espontâneas dos informantes, o que foi corroborado pelo teste qui-quadrado, que indicou que não ter havido diferenças estatísticas.

Gráfico 51- Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 56: Como se denomina a pessoa que comanda um grupo de trabalhadores numa fazenda?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Ao se analisarem as repostas espontâneas dadas para a questão 56, na região oeste da Bahia (Tabela 49), constatou-se que, em relação à lexia gerente, o grupo feminino apresentou um percentual mais elevado (30%) relacionado ao grupo masculino (10%). Ambos os sexos apresentaram o mesmo percentual de uso (10%) para as lexias encarregado e capataz. Com relação à lexia empreiteiro, os homens a citaram mais (25%) que as mulheres (10%). A lexia gato também foi proferida mais pelos homens (15%) do que pelas mulheres (5%). Já a lexia chefe foi dita por ambos os sexos (M -15%, F- 10%). Apenas o grupo masculino citou a lexia comandante (5%), e somente o feminino mencionou patrão (10%), feitor (5%) e administrador (5%). Desses informantes, 10% dos homens e 5% das mulheres não souberam responder à questão. O teste qui-quadrado ratificou que não houve diferenças estatísticas significativas entre o sexo dos informantes e a seleção lexical ($p \geq 0.5$).

Quanto à comparação entre as falas dos informantes Ca e a Cb, os dados (Tabela 49) demonstram que a *lexia* gerente foi mais mencionada pelos informantes Cb (25%), do que pelos informantes Ca (15%), e encarregado (Ca 5% e Cb 15%) e empreiteiro (Ca 10% e Cb 25%). Ambas as classes, apresentando o mesmo percentual de uso (5%), citaram patrão. A variante chefe também foi proferida pelas duas classes (Ca, 20% e Cb, 5%). Somente os informantes Ca disseram feitor e comandante com o mesmo percentual (5%), e capataz (20%). Desses informantes Ca 15% não souberam responder à questão.

Já as *lexias* gato (20%) e administrador (5%) foram utilizadas somente pelos informantes Cb. Os dados sugerem que o nível de escolaridade influenciou as respostas espontâneas da questão, constatação confirmada pelo teste qui-quadrado, ao evidenciar diferenças estatísticas significativas entre os grupos Ca e Cb ($p=0.02$).

Os dados apontam que, em relação à dimensão digeracional, a *lexia* gerente foi mais citada pela geração II (30%) do que pela geração I (10%), enquanto empreiteiro (25%) e capataz (15%) foram mais usadas pela GI do que pela GII, 10% e 5%, respectivamente. Ambas as gerações citaram patrão com o mesmo percentual de uso (5%). A variante gato foi mais citada pela GII (15%) do que pela GI (5%), bem como chefe, *lexia* também citada pela GII (15% de uso) e pela GI (10%). Desses informantes, 10% da GI e 5% da GII não souberam responder à questão. Somente a GII disse feitor, administrador e comandante com um mesmo percentual (5%), enquanto apenas a GI disse encarregado (40%). Os dados sugerem que a faixa etária não influenciou as escolhas lexicais dos informantes, conclusão corroborada pelo teste estatístico que mostrou não haver diferenças significativas ($p=0.2$).

Tabela 49 - Questão 56: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Empreiteiro	5 /25%	2 /10%	2 /10%	5 /25%	5 /25%	2 /10%
Patrão	0 /0%	2 /10%	1 /5%	1 /5%	1 /5%	1 /5%
Encarregado	2 /10%	2 /10%	1 /5%	3 /15%	4 /20%	0 /0%
Gerente	2 /10%	6 /30%	3 /15%	5 /25%	2 /10%	6 /30%
Feitor	0 /0%	1 /5%	1 /5%	0 /0%	0 /0%	1 /5%
Gato	3 /15%	1 /5%	0 /0%	4 /20%	1 /5%	3 /15%
Chefe	3 /15%	2 /10%	4 /20%	1 /5%	2 /10%	3 /15%
Administrador	0 /0%	1 /5%	0 /0%	1 /5%	0 /0%	1 /5%
Capataz	2 /10%	2 /10%	4 /20%	0 /0%	3 /15%	1 /5%
Comandante	1 /5%	0 /0%	1 /5%	0 /0%	0 /0%	1 /5%
Não sabe	2 /10%	1 /5%	3 /15%	0 /0%	2 /10%	1 /5%
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Na Tabela 50, procedeu-se à correlação entre as dimensões diageracional, diassexual e diastrática selecionadas para esta tese.

Na G I, os homens Ca optaram pelas seguintes lexias: empreiteiro (20%) e capataz (40%). Desses informantes GI, 40% não souberam responder. Os homens Cb citaram empreiteiro e encarregado com o mesmo percentual, 40%, e gato, 20%. As mulheres (GI) Ca mencionaram patrão, encarregado e capataz, com o mesmo percentual de uso (20%) e chefe (40%), ao passo que as mulheres Cb citaram empreiteiro, gerente e encarregado, os dois primeiros com o mesmo percentual de uso (40%) e encarregado com 20%.

Na G II, os homens Ca disseram empreiteiro, gerente, comandante com o mesmo percentual de uso (20%) e chefe (40%); já os homens Cb mencionaram empreiteiro, gerente, chefe como mesmo percentual (20%) e gato (40%). As mulheres CaGII citaram gerente (40%), feitor e capataz com o mesmo percentual (20%). Dentre as informantes CaGII, 20% dessas mulheres não souberam responder à questão. As mulheres CbGII disseram patrão, gato, administrador com percentual de uso igual (20%) e gerente (40%).

Ressalte-se, que, apesar de a região pesquisada ser constituída por várias fazendas de grande porte, seja de pecuária, seja de agricultura ou de agronegócios, e de seus donos, ainda hoje, precisarem de pessoas que comandem grupos de trabalhadores, não foi identificada a lexia que representasse a norma linguística que denominasse essa profissão.

Em meio a tantas variantes, algumas merecem destaque, como feitor, por exemplo, que significa um administrador de bens alheios (Houaiss; Villar; Franco, 2025), mas que rememora uma figura que “esteve sempre associada ao trato violento e à punição dos escravizados (Câmara, 2022). E, também, gato, lexia que significa “pessoa intermediária e estrategista que recruta obreiros para o trabalho escravo, por meio da sedução, com ilusórias condições vantajosas de laboro em locais longínquos de suas cidades de origem” (Costa; Pereira, 2022). Neste contexto, foi observada ainda, a lexia capataz, que apesar de significar o indivíduo que chefia grupo de trabalhadores, parece denotar uma ideia de bando, uma chefia mais rústica, menos civilizada. É lexia antiga, que pode estar sendo substituída por outras mais eufêmicas, como gerente, chefe e empreiteiro.

Tabela 50 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 56

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Empreiteiro	1/20%	2/40%	0/0%	2/40%	1/20%	1/20%	0/0%	0/0%
Patrão	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%
Encarregado	0/0%	2/40%	1/20%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%
Gerente	0/0%	0/0%	0/0%	2/40%	1/20%	1/20%	2/40%	2/40%
Feitor	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%
Gato	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	2/40%	0/0%	1/20%
Chefe	0/0%	0/0%	2/40%	0/0%	2/40%	1/20%	0/0%	0/0%
Administrador	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%
Capataz	2/40%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%
Comandante	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%	0/0%	0/0%
Não sabe	2/40%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	0/0%	1/20%	0/0%
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se, a seguir, as lexias registradas (Quadro 112), no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª, a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª, as respostas espontâneas (RE); na 4ª, as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes..

Quadro 112 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 56

Questão 56 – Lexia capataz					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Empreiteiro	Gato	Capataz	
	2	Patrão	Não sabe		Capataz
	3	Encarregado	Não sabe		Capataz
	4	Gerente	Cafetão		Capataz
	5	Gerente	Responsável	Capataz	
	6	Feitor	Mandachuva	Capataz	
	7	Gato	Não sabe	Capataz	
	8	Gato	Não sabe	Capataz	
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Não sabe	Não sabe	Capataz	
	2	Chefe	Operador		Capataz
	3	Encarregado	Não sabe	Capataz	
	4	Gerente	Não sabe		Capataz
	5	Chefe	Não sabe	Capataz	
	6	Gerente	Capataz		
	7	Empreiteiro	Gerente	Encarregado	Capataz
	8	Administrador	Patrão		Capataz
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
	1	Não sabe	Não sabe	Capataz,	
	2	Capataz	Não sabe		
	3	Gato	Não sabe	Capataz	
	4	Encarregado	Não sabe	Capataz	
	5	Comandante	Gerente	Capataz	

Barreiras	6	Gerente	Não sabe	Capataz	
	7	Gato	Não sabe	Capataz	
	8	Gerente	Não sabe		Capataz
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Capataz	Não sabe		
	2	Chefe	Diretor		Capataz
	3	Empreiteiro	Não sabe	Capataz	
	4	Empreiteiro	Não sabe		Capataz
	5	Chefe	Empreiteiro	Capataz	
	6	Capataz	Não sabe		
	7	Chefe	Não sabe	Capataz	
	8	Gerente	Não sabe		Capataz
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Capataz	Encarregado		
	2	Encarregado	Não sabe	Capataz	
	3	Empreiteiro	Não sabe		Capataz
	4	Empreiteiro	Não sabe		Capataz
	5	Empreiteiro	Não sabe		Capataz
	6	Não sabe	Não sabe	Capataz	
	7	Gerente	Não sabe	Capataz	
	8	Patrão	Não sabe	Capataz	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme o Quadro 112, no PR1, 100% dos informantes (08) não responderam capataz no momento da pergunta, porém após se insistir por formas de nomeação diferentes da que foi solicitado, 50% dos informantes (04) não souberam responder e os outros 50% responderam lexias diferentes de capataz. A lexia capataz sugerida foi aceita por 63% dos informantes (05) e recusada por 38% dos informantes (03).

No PR 2, 88% dos informantes (07) responderam lexias diferentes de capataz e 13% (01) não souberam responder no momento da pergunta, porém quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% deles (01) responderam capataz, 50% (04) não souberam responder e 38% (03) responderam com unidades lexicais diferentes de capataz. A lexia capataz sugerida foi aceita por 38% dos informantes (03) e recusada por 50% dos informantes (04).

No PR3, 75% dos informantes (06) responderam à questão 56 com lexias diferentes de capataz e 13% (01) não souberam responder, quando indagados, mas instigados a usar outras formas de nomeação, 75% deles (06) não souberam responder e 13% (01) citaram gerente. A lexia capataz sugerida foi aceita por 75% dos informantes (06) e recusada por 13% (01).

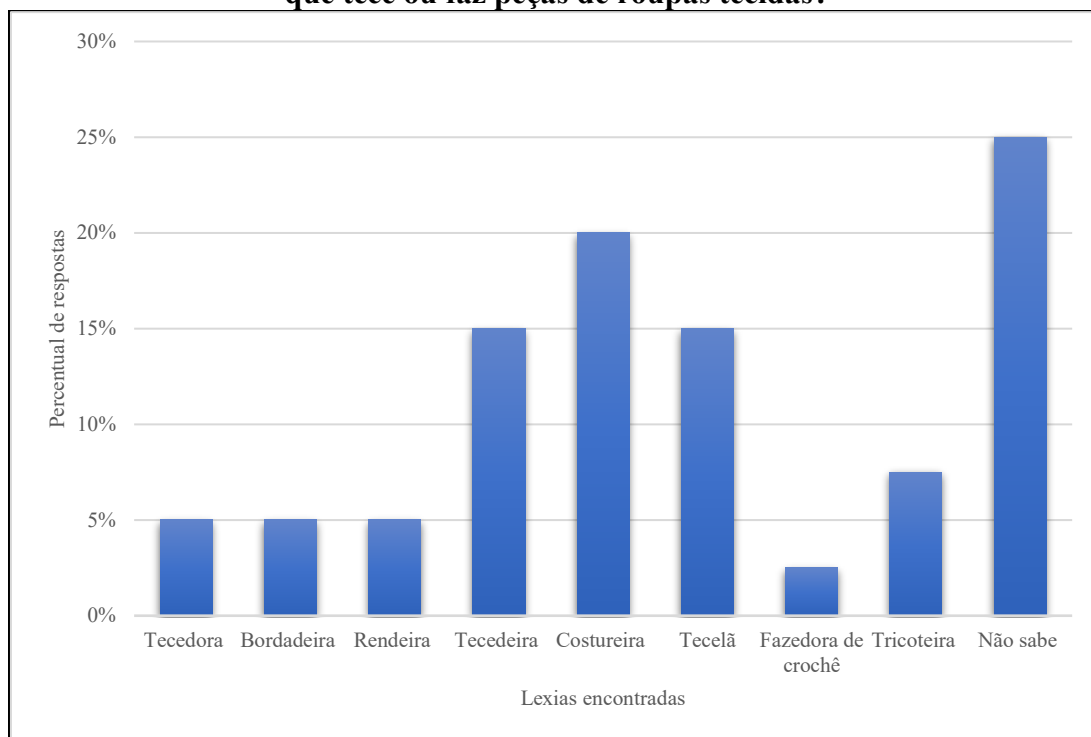
Dos informantes do PR4, 75%, (06) responderam à questão 56 com lexias diferentes de capataz, quando perguntados. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 50% deles (04) não souberam responder e 25% (02) responderam com lexias diferentes de capataz. A lexia capataz sugerida foi aceita por 38% dos informantes (03) e recusada por 38% (03). No momento, em que houve a sugestão da lexia capataz 38% dos informantes (03) aceitaram a sugestão e 38% (03) a rejeitaram.

No PR5, 75% dos informantes (06) responderam com lexias diferentes de capataz e 13% (01) não souberam responder no momento da pergunta. Ao se insistir por outras formas de nomeação, 88% deles (07) não souberam responder. A lexia capador sugerida foi aceita por 50% dos informantes (04) e recusada por 38% (03).

4.4.3.10 Questão 61 - Lexia 'tecedeira'

Como respostas espontâneas para a questão 61 - Como se denomina a pessoa que tece ou faz peças de roupas tecidas? -, obtiveram-se as seguintes lexias: costureira com 20% (08 ocorrências), tecedeira e tecelã com um mesmo percentual, 15% (06 ocorrências), tricoteira com 8% (03 ocorrências) e as lexias tecedora, bordadeira e rendeira com o mesmo percentual 5% (02 ocorrências de cada) e fazedora de crochê 3% (01 -ocorrência) (Gráfico 52). Dentre esses informantes, 25% não souberam responder à questão no primeiro momento da entrevista para a coleta de dados.

Gráfico 52 - Ocorrências das variantes para a Questão 61: Como se denomina a pessoa que tece ou faz peças de roupas tecidas?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

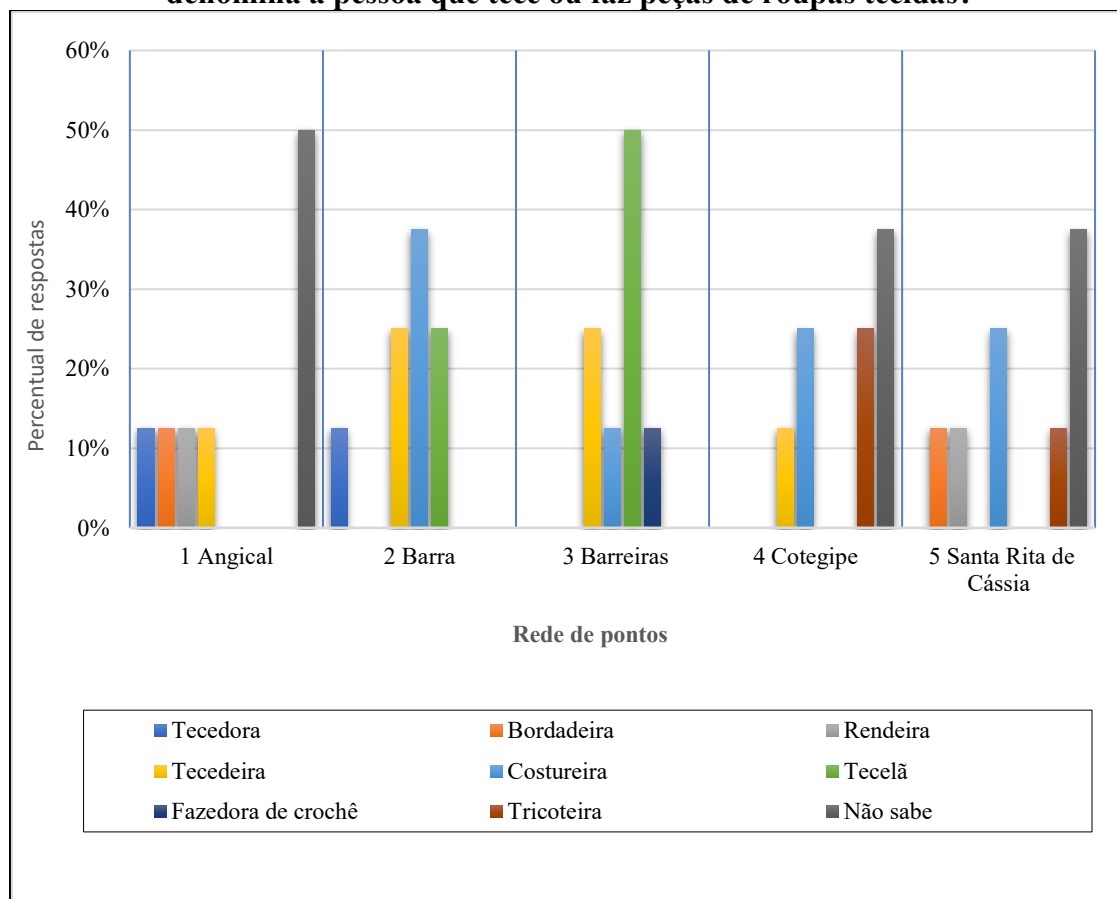
Destacou-se nessas respostas espontâneas, a derivação sufixal, o processo morfológico de formação de palavras, com realce efetivo para a produtividade do sufixo *-eira* (*tecedeira*, *bordadeira*, *costureira*, *tricoteira* e *rendeira*), já constatada em outros trabalhos acadêmicos (Viaro, 2007). Outro sufixo também importante foi *-(d)ora*, em *tecedora* e *fazedora de crochê*, ratificando a ideia de que “a formação em *-or*, na maioria dos casos, corresponde em português aos substantivos que caracterizam um ser pelo exercício ou prática de uma ação” (Árean-García, 2013, p.136).

Outra questão interessante foi a flexão de gênero que ocorreu na lexia *tecelã*, um processo morfológico diferente da afixação. Usar *tecelã* e não *tecelona*, que seria o mais comum por um processo de analogia morfológica popular e implica ter conhecimento sobre uma particularidade da estrutura do português brasileiro em que ocorre uma redução, ou melhor, uma subtração de parte da lexia masculina como *artesão*: *artes-* +adição do gênero feminino (*-ã*) =*artesã*, *cidadão/cidadã*. Assim pode-se inferir que os informantes que citaram *artesã*, ou possuem aquele conhecimento complexo sobre a língua, ou foram criados em um ambiente em que se faz muito artesanato com tecidos, e se tornou comum ouvirem e falarem a lexia *tecelã*, como é o caso dos informantes do PR 2 e 3, localidades onde residem muitas pessoas prendadas em bordados.

Os dados (Gráfico 53), em relação à dimensão diatópica, apontam que a lexia costureira, apesar de não ter sido registrada no PR1, ainda foi considerada a de maior recorrência. No PR2, 38% (03 ocorrências), 25%, (02 ocorrências em cada) nos PR's 4 e 5 e ainda 13% (01 - ocorrência) no PR3. A lexia tecedeira foi registrada: nos PR's 1 e 4, com o mesmo percentual, 13% (01- ocorrência em cada) e nos PR's 2 e 3, com o mesmo percentual 25% (02 ocorrências em cada), já tecelã foi registrada no PR2 com 25% (02 ocorrências em cada) e no PR 3 com 50% (04 ocorrências).

A maior ocorrência da lexia costureira no PR2 pode estar relacionada ao interessante fato de que os falantes mais idosos desse ponto de rede denominam costureira todas as mulheres que tecem (Gráfico 14).

Gráfico 53- Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 61: Como se denomina a pessoa que tece ou faz peças de roupas tecidas?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A lexia tecedora somente foi registrada nos PR's 1 e 2, apresentando a mesma frequência de uso, 13 % (01 - ocorrência em cada), enquanto bordadeira somente ocorreu nos PRs 1 e 5 com 13% (01 - ocorrência em cada). A lexia rendeira também só foi registrada no PR1 e no PR 2 com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência em cada). Já tricoteira foi observada no PR4

com 25% (02 ocorrências em cada) e fazedora de crochê com 13% (01 - ocorrência) no PR3.

Ressalte-se que, em três pontos de rede investigados, foram registrados altos índices de informantes que não souberam responder à questão: no PR1, 50% e nos PR's 4 e 5, com o mesmo percentual 38% cada. Isso, provavelmente, possa ser explicado pelo fato de que, nesses locais, o que mais se destaca em termos de artesanato são os bordados feitos em roupas de adultos e crianças (bordado cheio, ponto de cruz, crivo, rococó, bainha aberta). Os dados demonstram variações no vocabulário da rede de pontos investigada, apesar de todos os municípios selecionados fazerem parte da bacia do rio Grande. Observaram-se, ainda, respostas homogêneas e específicas, outras diversificadas e um possível desconhecimento sobre a língua, mas não da língua. Essas ocorrências revelaram nuances culturais, tradições locais que desencadearam formas diversificadas de nomeação. Percebeu-se que houve influência dos pontos investigados com as respostas espontâneas, com o que corroborou o teste qui-quadrado que apontou terem ocorrido diferenças estatísticas significativas entre as respostas e os pontos investigados ($p=0.024$)

Ao se analisarem as repostas espontâneas dadas para a questão 61 na região oeste da Bahia, foi possível observar que os homens foram os informantes que mais usaram a lexia costureira (25%), se contrapondo à fala das mulheres (15%) (Tabela 51). Homens e mulheres citaram a lexia tecedeira com o mesmo percentual (15%). Também ambos citaram a lexia tecelã: os homens com 10% e as mulheres 20% de uso. A lexia tricoteira foi mais falada pelas mulheres (10%) do que pelos homens (5%) e ambos os sexos disseram rendeira com o mesmo percentual (5% cada). Desses informantes, homens (30%) e mulheres (20%) não souberam responder à questão. Somente os homens citaram tecedora (10%) e apenas as mulheres mencionaram bordadeira (10%) e fazedora de crochê (5%). O teste qui-quadrado demonstrou que não houve diferenças estatísticas significativas entre eles ($p=0.7$)

Quanto à comparação entre as falas dos informantes Ca e Cb, os dados (Tabela 51) indicam que a lexia costureira foi citada mais pelos Ca (25%) do que pelos Cb (15%); tecelã também foi mais utilizada pelos informantes Ca (20%) e Cb (10%); já tecedeira foi mais mencionada pelos Cb (20%) e pelos Ca (10%).

Tabela 51 - Questão 61: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Tecedora	2(10%)	0(0%)	2 (10%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)
Bordadeira	0(0%)	2(10%)	2 (10%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)
Rendeira	1(5%)	1(5%)	0 (0%)	2 (10%)	0 (0%)	2 (10%)
Tecedeira	3(15%)	3(15%)	2 (10%)	4 (20%)	1 (5%)	5 (25%)
Costureira	5(25%)	3(15%)	5 (25%)	3 (15%)	6 (30%)	2 (10%)
Tecelã	2(10%)	4(20%)	4 (20%)	2 (10%)	3 (15%)	3 (15%)
Fazedora de crochê	0(0%)	1(5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Tricoteira	1(5%)	2(10%)	3 (15%)	0 (0%)	1 (5%)	2 (10%)
Não sabe	6(30%)	4(20%)	2 (10%)	8 (40%)	7 (35%)	3 (15%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

As lexias tecedora, bordadeira e tricoteira foram citadas somente pelos informantes Ca (10%), enquanto os informantes Cb mencionaram rendeira (10%) e fazedora de crochê (5%). Ressalte-se que entre os informantes, 10% Ca e 40% Cb não souberam responder à questão. Os dados sugerem que o nível de escolaridade influenciou nas respostas espontâneas da questão, conclusão confirmada pelo teste qui-quadrado, ao evidenciar diferenças significativas entre os grupos Ca e Cb ($p=0.038$). O grupo Ca apresentou mais especificidade nas variantes apresentadas, enquanto o Cb demonstrou maior diversidade de termos e de incidência de “não sabe”.

Os dados demonstram que, em relação à dimensão diageracional, a lexia costureira foi mais citada pela G I (30%) do que pela G II (10%), enquanto tecedeira foi mais utilizada pela G II (25%), do que pela G I (5%). A GI e a GII apresentaram a mesma frequência de uso, sendo para a lexia tecelã (15%) e para tecedora e bordadeira 5% cada. As duas gerações citaram tricoteira (GI, 5%) e (GII, 10%). Somente a G II citou rendeira (10%) e fazedora de crochê (5%). Os informantes da GI (35%) e da GII (15%) não souberam responder à questão. Os dados sugerem que a faixa etária não influenciou as escolhas lexicais dos informantes, constatação

corroborada pelo teste estatístico que mostrou não haver diferenças significativas ($p=0.3$).

Associadas-se as dimensões diassexual, diastrática e diageracional, (Tabela 52) obtiveram-se as seguintes informações: na G I, a lexia costureira foi citada por ambos os homens de Ca (60%) e de Cb (20%). Os informantes masculinos de Ca (20%) e de Cb (60%) não souberam responder à pergunta. Somente os homens de Ca citaram tecedora (20%), e apenas homens de Cb mencionaram tecelã (20%). As lexias costureira e tecelã foram ditas pelas mulheres tanto de Ca quanto de Cb, com o mesmo percentual (20% cada). De uso exclusivo pelas mulheres Ca, foram as lexias bordadeira e tricoteira com o mesmo percentual (20%), enquanto as mulheres Cb citaram tecedeira (20%). Também houve registros de informantes femininas que não souberam responder à pergunta: Ca (20%) e Cb (40%).

Tabela 52 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 61

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Tecedora	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Bordadeira	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Rendeira	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)
Tecedeira	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	2(40%)	1(20%)	0(0%)	2(40%)
Costureira	3(60%)	1(20%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)
Tecelã	0(0%)	1(20%)	1(20%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)
Fazedora de crochê	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)
Tricoteira	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Não sabe	1(20%)	3(60%)	1(20%)	2(40%)	0(0%)	2(40%)	0(0%)	1(20%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Na G II, a lexia tecedeira foi a única a ser citada por homens de Ca (40%) e de Cb (20%). Os homens Ca citaram exclusivamente tecedora, tecelã e tricoteira com o mesmo percentual (20%), e os homens Cb disseram rendeira e costureira com o mesmo percentual cada (20%). Quarenta por cento (40%) desse grupo não souberam responder à questão. Ainda na G II, as mulheres Ca responderam as seguintes lexias bordadeira, costureira, tricoteira com o mesmo percentual cada (20%) e tecelã com 40%, enquanto as mulheres Cb citaram as lexias rendeira e fazedora de crochê com o mesmo percentual (20%) tecedeira (40%) e 20% delas não souberam responder à questão.

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, discorrem-se, na sequência, as lexias registradas (Quadro 113) no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 113 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 61

Questão 61 – tecedeira					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Não sabe	Não sabe		Tecedeira
	2	Não sabe	Não sabe		Tecedeira
	3	Não sabe	Não sabe		Tecedeira
	4	Não sabe	Não sabe		Tecedeira
	5	Tecedora	Não sabe	Tecelã	Tecedeira
	6	Bordadeira	Não sabe		Tecedeira
	7	Rendeira	Não sabe	Tecedeira	
	8	Tecedeira	Não sabe		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Tecedora	Não sabe		Tecedeira
	2	Costureira	Tecedeira		
	3	Costureira	Não sabe		Tecedeira
	4	Tecedeira	Não sabe		
	5	Tecelã	Não sabe	Tecedeira	
	6	Tecelã	Não sabe		Tecedeira
	7	Costureira	Não sabe	Tecedeira	
	8	Tecedeira	Não sabe		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Costureira	Não sabe		Tecedeira
	2	Tecelã	Não sabe		Tecedeira
	3	Tecelã	Não sabe		Tecedeira
	4	Tecelã	Não sabe		Tecedeira
	5	Tecedeira	Não sabe		

	6	Tecelã	Não sabe	Tecedeira	
	7	Tecedeira	Não sabe		
	8	Fazedora de crochê	Não sabe	Tecedeira	
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Costureira	Não sabe	Tecedeira	
	2	Tricoteira	Não sabe		Tecedeira
	3	Não sabe	Não sabe	Tecedeira	
	4	Costureira	Não sabe	Tecedeira	
	5	Tecedeira	Não sabe		
	6	Tricoteira	Não sabe		Tecedeira
	7	Não sabe	Não sabe	Tecedeira	
	8	Não sabe	Não sabe	Tecedeira	
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Costureira	Não sabe		Tecedeira
	2	Bordadeira	Não sabe	Tecedeira	
	3	Não sabe	Não sabe		Tecedeira
	4	Não sabe	Não sabe		Tecedeira
	5	Tricoteira	Não sabe	Tecedeira	
	6	Costureira	Não sabe		Tecedeira
	7	Não sabe	Não sabe	Tecedeira	
	8	Rendeira	Não sabe	Tecedeira	

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

No PR1 (Quadro 113), 50% dos informantes (03) não responderam a lexia tecedeira e 50% dos informantes (04) não souberam responder à questão proposta. Diante da insistência para se usarem outras formas de nomeação do que foi solicitado, 88% dos informantes (07) não souberam responder. A lexia tecedeira sugerida foi aceita por 13% dos informantes (01) e recusada por 75% deles (06).

No PR2, 75% dos informantes (06) não responderam a lexia tecedeira, quando inquiridos no primeiro momento. Quando solicitadas outras formas de nomear o que foi pedido, 13% dos informantes (01) responderam a lexia tecedeira e 63% (05) não responderam à questão. A lexia tecedeira sugerida foi aceita por 25% dos informantes (02) e 38% deles (03) a recusaram.

No PR3, 75% dos informantes (06) não responderam a lexia tecedeira no momento da pergunta, porém quando solicitados a usar outra forma linguística para nomear o que foi pedido, 75% deles não souberam responder. A lexia tecedeira sugerida foi aceita por 25% dos informantes (02) e 50% deles (04) a recusaram.

Dos informantes do PR4, 50% (04) responderam lexias diferentes da lexia tecedeira e 38% (03) não souberam responder no momento da pergunta. Quando instigados a indicar outras formas de nomeação, 88% % deles (07) não souberam responder. A lexia tecedeira sugerida foi aceita por 63% dos informantes (05) e recusada por 25% (02).

Dos informantes do PR5, 63% deles responderam outras lexias diferentes de tecedeira e 38% (03) não souberam responder a questão quando foram indagados. Quando se insistiu por outras formas de nomeação, 100% dos informantes (08) não souberam responder. A lexia tecedeira sugerida foi aceita por 50% dos informantes (04) e recusada por 50% (04). Tais dados demonstram que a lexia tecedeira talvez não seja do conhecimento de grande parte dos informantes.

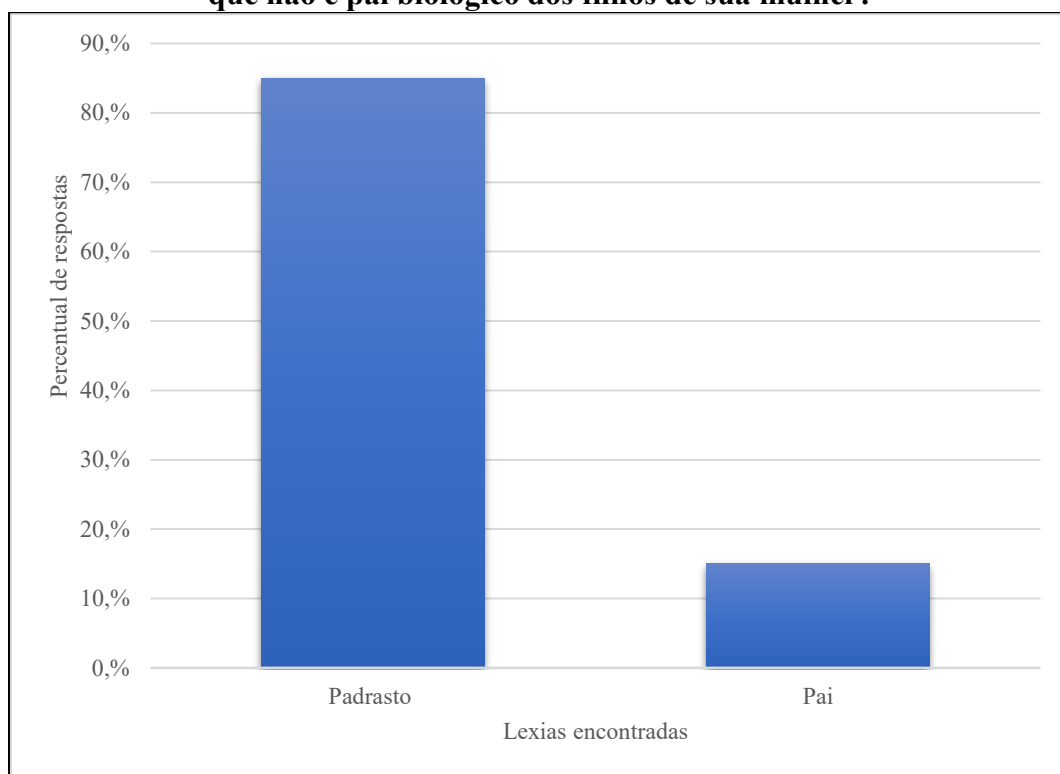
4.4.4 Dimensão diatópica

4.4.4.1 Questão 8 - Lexia 'padrasto'

Como respostas espontâneas para a questão 08 - Como se denomina o homem que não é pai biológico dos filhos de sua mulher? -, observaram-se apenas duas variantes como respostas espontâneas: padrasto com 85% (34 ocorrências) e pai com 15% (06 ocorrências), como se pode ver no Gráfico 54.

Uma possível inferência sobre 50% dos informantes do PR1 terem respondido pai e os outros 50% deles terem dito padrasto, talvez se deva ao fato de se tratar de um município pequeno, onde as pessoas são aparentadas, podendo, por isto, ocorrerem casamentos entre esses cidadãos em uma sociedade possivelmente mais fechada.

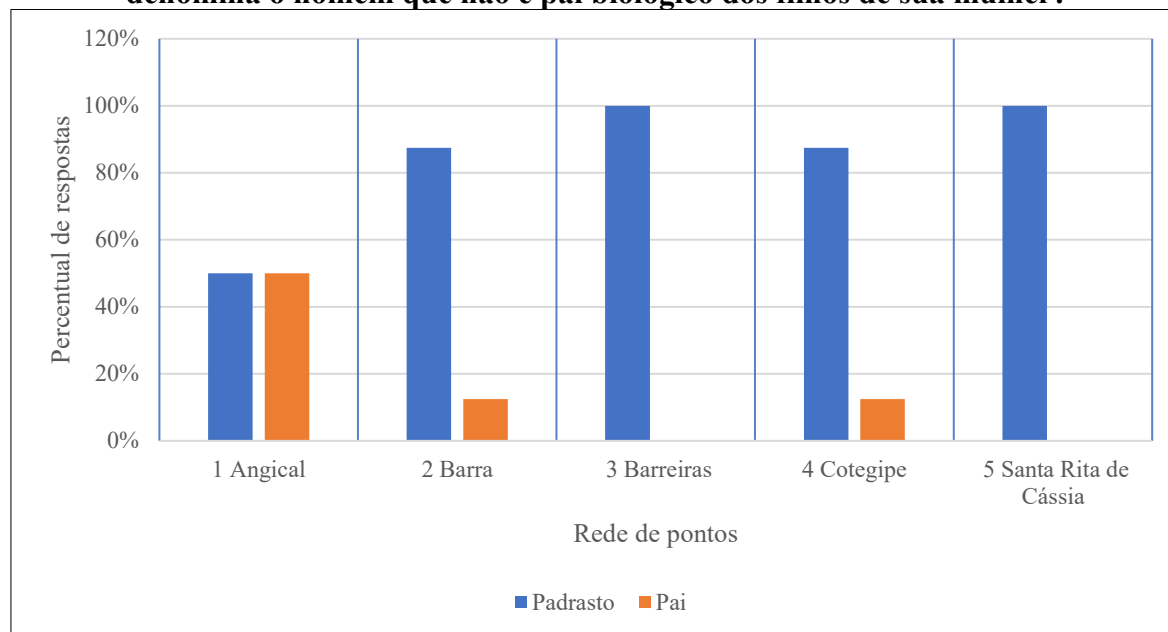
Gráfico 54 - Ocorrências das variantes para a Questão 8: Como se denomina o homem que não é pai biológico dos filhos de sua mulher?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A lexia padrasto está amplamente distribuída por toda a rede de pontos investigada (Gráfico 55), com diferentes índices de ocorrência, sendo possível observar a intensidade no PR3 e no PR5, com percentual igual de 100% (08 ocorrências cada). Os PR' 2 e 4 apresentaram 88% (07 ocorrências), seguidos do PR 1 com 50% (04 ocorrências). A lexia pai ocorreu no PR 1 com 50% (04 ocorrências) e nos PR's 2 e 4 com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência). A distribuição regular em toda área investigada demonstrou uma padronização linguística, o que possibilitou identificar padrasto como norma linguística. De acordo com o teste qui-quadrado, houve diferenças estatisticamente significativas ($p=0,032$) que apontaram a influência do ponto de rede investigado e as escolhas lexicais dos informantes que refletiram em sua fala.

Gráfico 55 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 8: Como se denomina o homem que não é pai biológico dos filhos de sua mulher?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que concerne à dimensão diassexual (Tabela 53), não foi possível identificar uma preferência lexical associada ao sexo, uma vez que as falas masculinas e femininas apresentaram o mesmo percentual nas lexias dadas como respostas espontâneas: padraсто com 85% e pai com 15% para ambos os sexos. O teste estatístico não indicou diferenças significativas entre as falas masculina e feminina ($p \geq 0.9$).

Quanto à dimensão diastrática que indica diferenças e semelhanças entre falas de pessoas Ca e Cb, os dados da Tabela 53 demonstram que os informantes Cb citaram mais a lexia padraсто (90%) do que os deCa (80%). Em relação à lexia pai, ocorreu o inverso, os informantes Ca mencionaram pai (20%), contrapondo-se a 10% dos informantes Cb. O teste qui-quadrado que indicou não haver diferença estatística significativa nas falas das classes sociais ($p = 0.7$).

Tabela 53 - Questão 08: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Padraсто	17 (85%)	17 (85%)	16 (80%)	18 (90%)	17 (85%)	17 (85%)
Pai	3 (15%)	3 (15%)	4 (20%)	2 (10%)	3 (15%)	3 (15%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

A variável diageracional não exerceu influência entre as GI e II, uma vez que ambas apresentaram o mesmo percentual de frequência para a lexia padrasto (85%) e para a lexia pai (15%). Portanto, não houve diferenças estatísticas significativas entre as falas da G I e da G II, como indicou o teste qui-quadrado ($p > 0.9$).

A correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática selecionadas para esta tese, pode ser observada na Tabela 54.

Na G I, os homens Cb citaram a lexia padrasto com 100% de frequência, contrapondo-se a 80% dos informantes Ca. A lexia pai foi proferida apenas pelos homens Ca (20%). As mulheres CaGI e CbGI apresentaram o mesmo percentual para as lexias padrasto (80%) e pai (20%).

Tabela 54 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 8

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Padrasto	4(80%)	5(100)	4 (80%)	4 (80%)	4 (80%)	4 (80%)	4 (80%)	5(100)
Pai	1(20%)	0 (0%)	1 (20%)	1 (20%)	1 (20%)	1 (20%)	1 (20%)	0 (0%)
Total	5(10%)	5(100)	5(100)	5(100)	5(100)	5(100)	5(100)	5(100)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Na G II, os homens Ca e Cb também apresentaram o mesmo percentual para as lexias padrasto (80%) e pai (20%), enquanto as mulheres Cb mencionaram mais padrasto (100%) do que as mulheres Ca (80%). A lexia pai foi usada exclusivamente pelas mulheres Ca (20%).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se, a seguir, as lexias registradas (Quadro 114), no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 114 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 08

Questão 08 - Lexia Padrasto					
Ponto de rede 1	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Pai	Padrasto		
	2	Padrasto	Tio		
	3	Padrasto	Tio		
	4	Padrasto	Tio		
	5	Pai	Padrasto		
	6	Pai	Padrasto		
	7	Pai	Padrasto		
	8	Padrasto	Tio		
Ponto de rede 2	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Padrasto	Não sabe		
	2	Padrasto	Não sabe		
	3	Pai	Não sabe	Padrasto	
	4	Padrasto	Não sabe		
	5	Padrasto	Pai de criação		
	6	Padrasto	Pai		
	7	Padrasto	Não sabe		
	8	Padrasto	Não sabe		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Padrasto	Tio		
	2	Padrasto	Pai de criação		
	3	Padrasto	Não sabe		
	4	Padrasto	Tio		
	5	Padrasto	Pai de criação		

	6	Padrasto	Não sabe		
	7	Padrasto	Não sabe		
	8	Padrasto	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Padrasto	Segundo Pai		
	2	Pai	Não sabe	Padrasto	
	3	Padrasto	Companheiro		
	4	Padrasto	Tio		
	5	Padrasto	Não sabe		
	6	Padrasto	Não sabe		
	7	Padrasto	Não sabe		
	8	Padrasto	Tio		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Padrasto	Não sabe		
	2	Padrasto	Não sabe		
	3	Padrasto	Não sabe		
	4	Padrasto	Não sabe		
	5	Padrasto	Não sabe		
	6	Padrasto	Não sabe		
	7	Padrasto	Não sabe		
	8	Padrasto	Segundo Pai		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

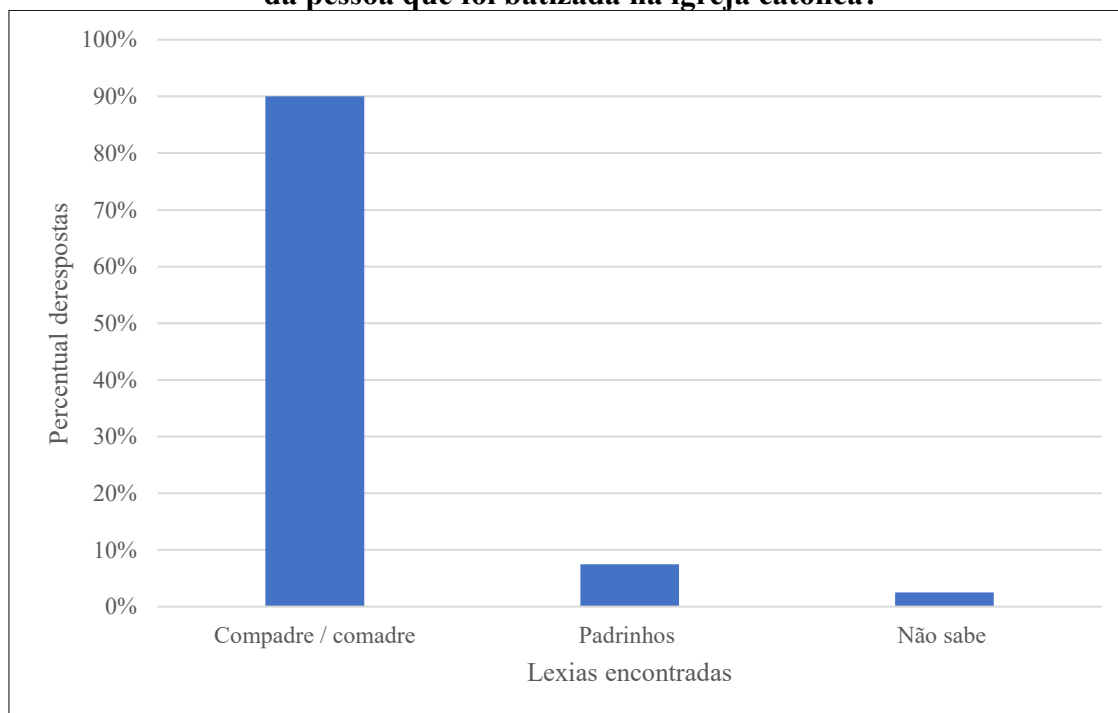
No PR1(Quadro 114), metade dos informantes (04) responderam padrasto e os 50% (04) restantes citaram pai. Após se insistir por outras formas de nomear o que foi solicitado, 50% deles (04) responderam padrasto.

Já nos PR's 2 e 4, 13% dos informantes (01 em cada) não souberam responder e nem sugeriram outras formas de nomear o que foi solicitado. A lexia padrasto sugerida foi aceita por 13% dos informantes (01 em cada). Nos PR's 3 e 6, a lexia padrasto foi unânime.

4.4.4.2 Questão 28 - Lexia 'compadre/comadre'

Como respostas espontâneas para a questão 28 - Como você denomina os pais da pessoa que foi batizada na igreja católica? –, foram obtidas as lexias compadre/comadre com 90%, (36 ocorrências) e padrinhos 8% (03 ocorrências). Dentre os informantes, 3% não souberam responder (Gráfico 56).

Gráfico 56 - Ocorrências das variantes para a Questão 28: Como você denomina os pais da pessoa que foi batizada na igreja católica?

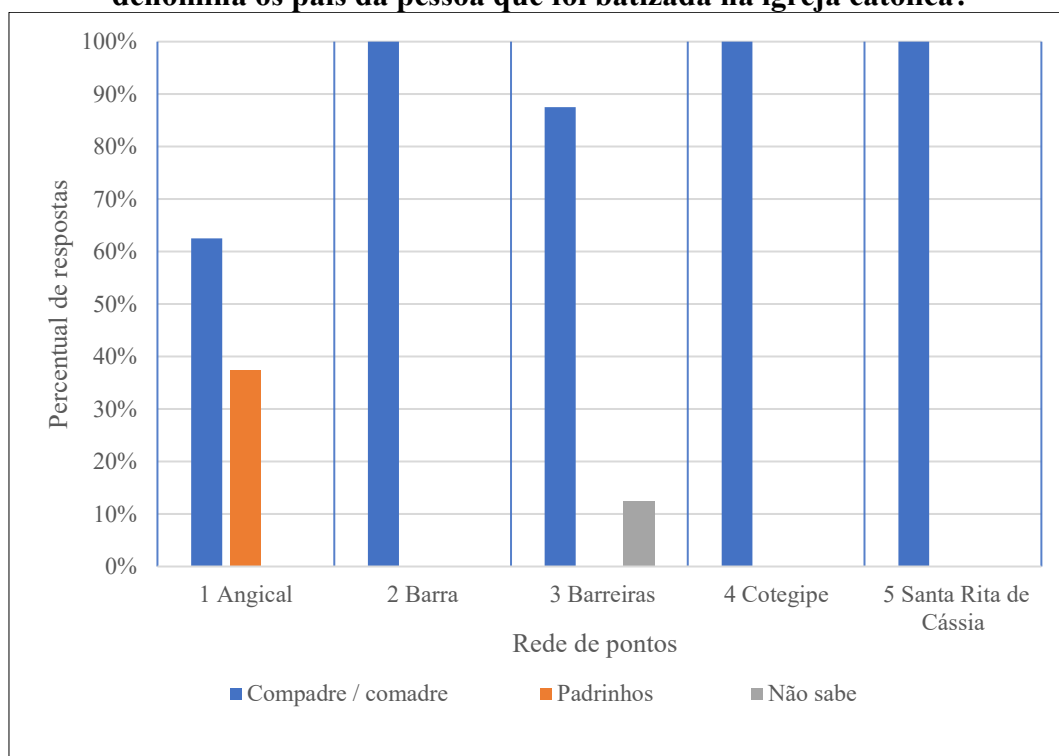


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

No que concerne à dimensão diatópica (Gráfico 57), os dados indicam registros da lexia compadre/comadre em toda a rede de pontos investigada: no PR1, 63% de uso (05 ocorrências) e no PR's 2, 4 e 5 com 100% (08 ocorrências) e no PR3, 88% (07 ocorrências). A lexia padrinhos ocorreu apenas no PR1, com 38% de frequência (03 ocorrências). Dos informantes

do PR3, 13% não souberam a resposta. O teste estatístico qui-quadrado indicou diferenças significativas entre as escolhas lexicais feitas pelos informantes e o ponto de rede investigado ($p=0,031$).

Gráfico 57 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 28: Como você denomina os pais da pessoa que foi batizada na igreja católica?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados (Tabela 55) indicam que a dimensão diasssexual não influenciou a fala dos informantes, uma vez que ambas a fala masculina e a feminina apresentaram o mesmo percentual de frequência (90%) para a lexia compadre/comadre. A lexia padrinhos também foi falada por ambos os gêneros/sexos, porém foi mais mencionada pelas mulheres (10%) que pelos homens (5%). Somente informantes femininas (5%) não souberam responder à questão. O teste qui-quadrado ratificou que não houve diferenças estatísticas significativas entre os sexos e suas escolhas lexicais ($p=0.513$).

Tabela 55 - Questão 28: lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática, diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GII
Compadre / comadre	18 (90%)	18 (90%)	17 (85%)	19 (95%)	18 (90%)	18 (90%)
Padrinhos	2 (10%)	1 (5%)	2 (10%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)
Não sabe	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Total	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)	20(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Em relação à dimensão diastrática, observou-se que a lexia compadre/comadre foi mais proferida por informantes de Cb com 95% e de Ca, com 85%. A lexia padrinhos foi citada por informantes de Ca (10%) e de Cb (5%). Dentre esses informantes Ca, 5% não souberam responder a questão. O teste qui-quadrado demonstrou não terem sido detectadas diferenças significativas entre o nível de escolaridade e as escolhas lexicais dos informantes ($p=0.486$).

Na dimensão diageracional, os dados (Tabela 55) evidenciam que a incidência das falas da G I e da G II foram iguais (90%) para a lexia compadre/comadre. A lexia padrinhos foi mais utilizada pela G II (10%) do que pela G I (5%). Dentre os informantes GII, 5% não souberam responder à questão. A análise dos dados aponta que a faixa etária dos informantes não influenciou a escolha lexical, assertiva com qual o teste estatístico corroborou, ao não indicar diferenças significativas nas falas das duas gerações ($p=0.513$).

A correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática selecionadas para esta tese pode ser observada na Tabela 56, a seguir.

Na GI, houve o mesmo percentual de uso da lexia compadre/comadre entre a fala de homens e mulheres, Ca (80%) e percentual total idêntico da mesma lexia para homens e mulheres Cb (100%). O uso exclusivo da lexia padrinhos foi feito por mulheres Ca (20%). Dentre os informantes CaGI, 20% não souberam responder.

Tabela 56 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a Questão 28

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Compadre / comadre	4 (80%)	5(100%)	4 (80%)	5(100%)	5(100%)	4 (80%)	4 (80%)	5(100%)
Padrinhos	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (20%)	1 (20%)	0 (0%)
Não sabe	1 (20%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Total	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)	5(100%)

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Na G II, os homens Ca e as mulheres Cb citaram total e unanimemente a lexia compadre/comadre (100%). Por seu lado, os homens Cb e as mulheres Ca apresentaram também o mesmo percentual (80%) para a lexia compadre/comadre e um mesmo percentual de uso (20%) para a lexia padrinhos.

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se, a seguir as lexias registradas (Quadro 115), no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a numeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 115 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 28

Questão 28- Lexia compadre/comadre					
Ponto de rede	Inf	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	2	Padrinhos	Compadre/ Comadre		
	3	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	4	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	5	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	6	Padrinhos	Não sabe	Compadre/ Comadre	
	7	Padrinhos	Compadre/ Comadre		
	8	Compadre/ Comadre	Não sabe		
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	2	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	3	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	4	Compadre/ comadre	Não sabe		
	5	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	6	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	7	Compadre/ Comadre	Não sabe		

	8	Compadre/ Comadre	Não sabe		
Ponto de rede 3	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Não sabe	Não sabe	Compadre/ Comadre	
	2	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	3	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	4	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	5	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	6	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	7	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	8	Compadre/ Comadre	Não sabe		
Ponto de rede 4	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	2	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	3	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	4	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	5	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	6	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	7	Compadre/ Comadre	Não sabe		

	8	Compadre/ Comadre	Não sabe		
Ponto de rede 5	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	2	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	3	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	4	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	5	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	6	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	7	Compadre/ Comadre	Não sabe		
	8	Compadre/ Comadre	Não sabe		

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

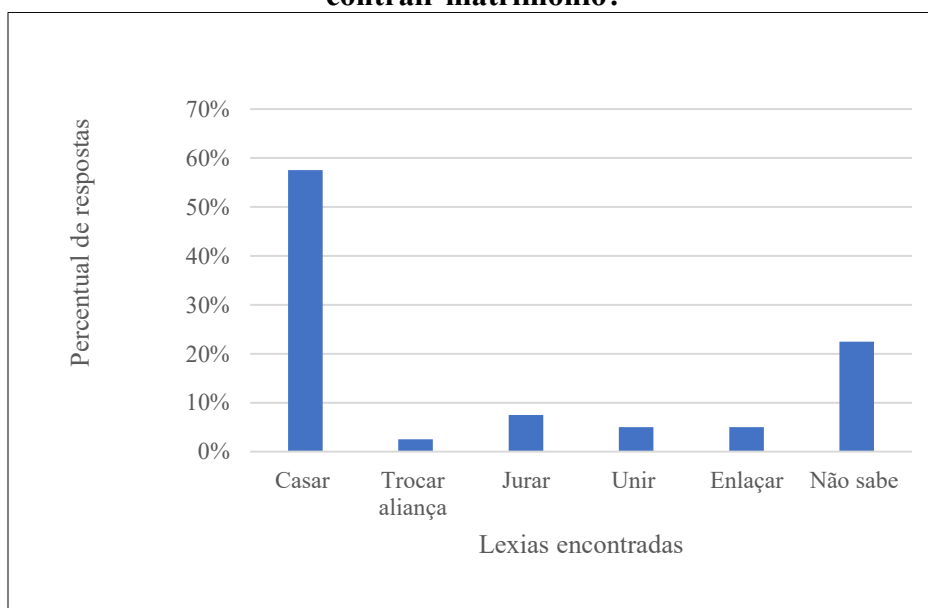
Foi observado que, no PR1(Quadro 115), 38% dos informantes (03) não responderam a lexia compadre/comadre de forma espontânea. Somente após se insistir por outras formas linguísticas para nomear o solicitado, 25% deles (02) responderam Compadre/comadre e 13% dos informantes (01) não souberam responder. A lexia compadre/comadre sugerida foi aceita por 13% dos informantes (01). Nos PR's 2, 4 e 5, 100% dos informantes (08) responderam compadre/comadre no momento da pergunta.

No PR3, apenas 13% dos informantes (01) não souberam responder nem espontaneamente, nem por insistência. A lexia compadre/comadre sugerida foi aceita por 13% dos informantes (01).

4.4.4.3 Questão 35 – Lexia ‘casar’

Como respostas espontâneas para a questão 35 - Como se denomina a ação de contrair matrimônio? -, obtiveram-se as seguintes lexias: casar - com 58% (23 ocorrências), jurar - com 8% (03 ocorrências), unir e enlaçar - com o mesmo percentual, 5% cada (02 ocorrências) e trocar aliança - com 3% (01 ocorrência). Dentre os informantes, 23% não souberam responder à questão35 conforme mostra o Gráfico 58. Uma possível explicação para muitos informantes não responderem à questão, pode estar relacionada à estrutura da pergunta montada com lexias que, talvez, não fizessem parte do vocabulário dos informantes, como, por exemplo contrair matrimônio no qual o verbo contrair pode não ser conhecido dos participantes da pesquisa.

Gráfico 58 - Ocorrências das variantes para a questão 35: Como se denomina a ação de contrair matrimônio?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

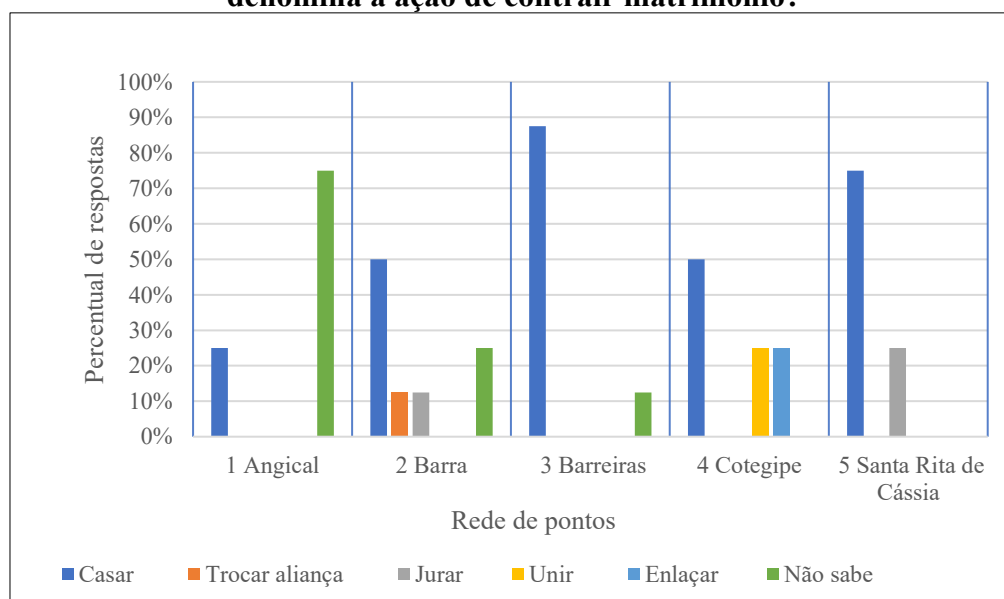
Em relação à dimensão diatópica, observou-se que a lexia casar se apresenta em distribuição em toda a rede de pontos investigada (Gráfico 59). No PR1, 25% (02 ocorrências), nos PR's 2 e 4, 50% (04 ocorrências em cada), No PR3, 88% (07 ocorrências) e no PR5, 75% (06 ocorrências).

Ressalte-se que no PR1, foi registrado o maior percentual dos informantes (75%) que não souberam responder. As duas ocorrências da lexia casar, no PR1, podem indicar: (i) uma limitação no vocabulário da maioria dos informantes, (ii) o não entendimento da pergunta, talvez, causado pela complexidade de algumas palavras para alguns informantes, ou ainda, (iii) esses informantes talvez não mais atribuam tanta importância ao sacramento do casamento, como no passado, para coabitarem maritalmente, o que requereria, certamente, uma pesquisa específica sobre o assunto.

No PR2, observou-se que 13% dos informantes mencionaram trocar aliança e jurar (01-ocorrência de cada) e 25% dos informantes não souberam responder à questão. No PR 3, apenas 13% dos informantes não souberam responder à questão. No PR 4, as lexias unir e enlaçar foram registradas com o mesmo percentual 25% (02 ocorrências), enquanto a lexia jurar encontrada apenas no PR5 com 25% (02 ocorrências). Considerando as opções lexicais dos informantes e a rede de pontos investigada, o teste qui-quadrado indicou haver diferenças estatisticamente significativas entre elas ($p=0,001$).

Pela frequência de uso observada no PRs, à exceção do PR1, pode-se inferir que a lexia casar se constitui como a norma linguística dos PR's 2, 3, 4 e 5.

Gráfico 59 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 35: Como se denomina a ação de contrair matrimônio?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Para identificar se houve influência da categoria sexo na escolha lexical dos informantes, buscou-se analisar os dados da Tabela 57. Foi observada uma aproximação numérica entre as falas femininas (60%) e masculinas (55%), em relação à variante casar. Outras lexias utilizadas por pessoas de ambos os sexos foram jurar (M 10% e F 5%), unir e entrelaçar tiveram o mesmo percentual entre homens e mulheres (5%). Somente as mulheres utilizaram trocar aliança (5%). Não souberam responder à questão proposta, 25% dos homens e 20% das mulheres. Para ratificar se a dimensão diassexual exerceu influência nas lexias usadas, foi aplicado o teste qui-quadrado que demonstrou não haver diferenças estatisticamente significativas entre o sexo dos falantes e suas respostas ($p = >0.9$).

Considerando a dimensão diastrática, os dados (Tabela 57) permitiram observar que os informantes Ca citaram a variante casar (55%) e os Cb, (60%). Ambas as classes citaram as variantes jurar (Ca, 5% e Cb, 10%) e unir, apresentando o mesmo percentual (5%). Dentre os informantes que não souberam responder à questão estão Ca, 25% e Cb, 20%. Somente os informantes Ca falaram enlaçar (10%); do mesmo modo, apenas os Cb disseram trocar aliança (5%). Para verificar se a dimensão diastrática influenciou as respostas espontâneas a essa questão, foi feito o teste estatístico qui-quadrado que indicou não haver nenhuma diferença significativa ($p=0.8$).

Os dados referentes à dimensão diageracional (Tabela 57) indicam que a variante casar teve destaque na fala da G II com 65%, enquanto a GI obteve 50%. As duas gerações citaram a variante jurar: GI (10%) e GII (5%). Somente a GI falou trocar aliança (5%) e unir (10%), do mesmo modo que apenas a GII mencionou enlaçar (10%). Dentre os informantes dessas gerações, 25% da GI e 20% da GII não souberam responder à questão.

Para identificar influência da dimensão diageracional nas respostas espontâneas da questão 35, foi feito o teste qui-quadrado que indicou não haver diferenças significativas entre as duas gerações ($p=0,4$), o que indica que as gerações falam de forma semelhante.

Tabela 57 - Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme a dimensão diassexual (M – F), a dimensão diastrática (Ca - Cb) e a dimensão diageracional (GI - GII) e a questão 35

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	GI
Casar	11 (55%)	12 (60%)	11 (55%)	12 (60%)	10 (50%)	13 (65%)
Trocar aliança	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Jurar	2 (10%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	2 (10%)	1 (5%)
Unir	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)
Enlaçar	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (10%)
Não sabe	5 (25%)	4 (20%)	5 (25%)	4 (20%)	5 (25%)	4 (20%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Correlacionando-se as dimensões diageracional, diassexual e diastrática (Tabela 58), foi observado que na G I, os homens Cb citaram mais a variante casar (60%) do que os homens Ca (20%). Somente homens Cb citaram jurar (20%) e homens Ca mencionaram unir (20%). Em ambas as classes, houve informantes que não souberam responder à questão: Ca (60%) e Cb (20%). As mulheres Ca e Cb GI apresentaram a mesma frequência de uso para a lexia casar (60%). A lexia jurar foi proferida apenas pelas mulheres Ca (20%). Entre as informantes CaGI, 20% não souberam responder à questão. Trocar aliança e unir foram lexias somente ditas pelas mulheres Cb, com o mesmo percentual (20%).

Na G II, os homens Ca mencionaram a lexia casar (80%), e os homens Cb (60%). Os informantes CaGII utilizaram enlaçar (20%). Somente os homens Cb citaram a lexia jurar (20%). Dentre os informantes CbGII, 20% não souberam responder à questão 35.

As mulheres CaG II e CaGII utilizaram a lexia casar com o mesmo percentual (60%). Somente as mulheres CaGII disseram enlaçar (20%). Dentre as informantes, 20% CaGII 20% e 40% CbGII não souberam responder à questão. A lexia enlaçar foi utilizada por informantes Ca (20%). A lexia casar se fez presente em todas as gerações seja Ca ou Cb.

Tabela 58 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 35

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Casar	1(20%)	3(60%)	3(60%)	3(60%)	4(80%)	3(60%)	3(60%)	3(60%)
Trocar aliança	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Jurar	0(0%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Unir	1(20%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Enlaçar	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Não sabe	3(60%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	2(40%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se a seguir (Quadro 116), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª coluna as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Quadro 116 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 35

Questão 35 - Lexia casar					
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Não sabe	Não sabe	Casar	
	2	Não sabe	Não sabe	Casar	
	3	Não sabe	Não sabe	Casar	
	4	Casar	Não sabe		
	5	Casar	Não sabe		
	6	Não sabe	Não sabe	Casar	
	7	Não sabe	Não sabe	Casar	
	8	Não sabe	Não sabe	Casar	
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Não sabe	Não sabe	Casar	
	2	Casar	Não sabe		
	3	Jurar	Casar		
	4	Trocar aliança	Casar		
	5	Casar	Não sabe		
	6	Casar	Não sabe		
	7	Casar	Não sabe		
	8	Não sabe	Não sabe	Casar	
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Não sabe	Não sabe	Casar	
	2	Casar	Não sabe		
	3	Casar	Não sabe	Casar	
	4	Casar	Não sabe		

	5	Casar	Unir		
	6	Casar	Não sabe		
	7	Casar	Não sabe		
	8	Casar	Não sabe		
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Unir	Casar		
	2	Casar	Não sabe		
	3	Casar	Não sabe		
	4	Unir	Casar		
	5	Enlaçar	Casar		
	6	Enlaçar	Casar		
	7	Casar	Não sabe		
	8	Casar	Não sabe		
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Casar	Não sabe		
	2	Jurar	Casar		
	3	Casar	Não sabe		
	4	Casar	Não sabe		
	5	Casar	Contrair matrimônio		
	6	Casar	Não sabe		
	7	Jurar	Casar		
	8	Casar	Não sabe		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

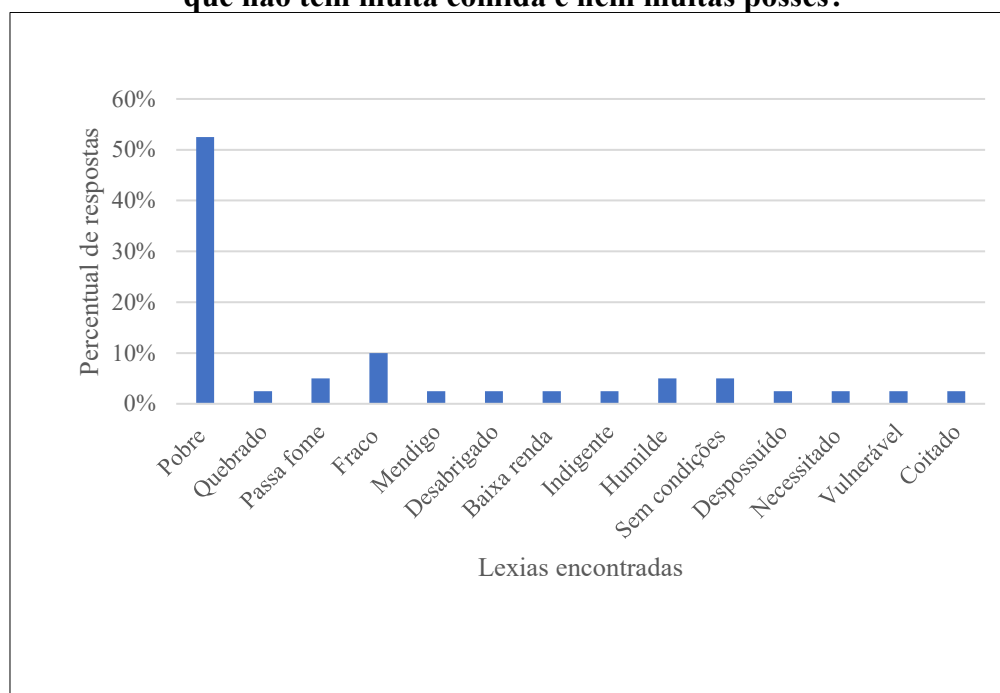
No que concerne à questão 35 relacionada aos outros passos da coleta de dados, no PR1 (Quadro 116), 75% dos informantes (06) não souberam responder à pergunta espontaneamente. Após se insistir por outras formas de nomeação para a pergunta feita, 100% dos informantes não souberam respondê-la, porém, ao se sugerir a lexia casar, 63% confirmaram conhecê-la. No PR2, 25% dos informantes (02) no momento da pergunta disseram não saber a resposta e esse mesmo percentual (25%) respondeu lexias diferentes de casar. Instigados a citar outras formas lexicais para nomear o solicitado, 25% dos informantes (02) continuaram afirmando não saber a resposta e outros 25% responderam a lexia casar. Foi dada a sugestão da lexia casar para os dois informantes que, nem no momento da pergunta nem no que se insistiu, não souberam responder, todos eles confirmaram conhecer a lexia em questão.

Em Barreiras (PR3), apenas 13% dos informantes (01) não conseguiram responder a pergunta nem espontaneamente, nem diante da insistência por outras unidades lexicais que respondessem à pergunta 35, porém, quando se sugeriu a lexia casar feita, o informante a reconheceu imediatamente. No PR4, os 50% dos informantes (04) que não responderam casar no momento da pergunta, responderam de forma unânime no momento da insistência. Fato semelhante ocorreu no PR5, os 25% dos informantes (02) que não responderam casar no momento da pergunta, responderam casar no momento da insistência. Isso demonstrou que a lexia casar fazia parte do repertório da maior parte dos informantes, o que pode ter ocorrido pelo fato de a pergunta estar mal estruturada, como já mencionado.

4.4.4.4 Questão 39 - Lexia ‘pobres’

Como respostas espontâneas para a questão 39- Que nome é dado a alguém que não tem muita comida e nem muitas posses? -, foram registradas as seguintes lexias: pobre com 53% (21 ocorrências), fraco com 10% (04 ocorrências), passa fome, humilde e sem condições, com o mesmo percentual 5%, (02 ocorrências cada). As outras nove lexias, quais sejam: quebrado, mendigo, desabrigado, baixa renda, indigente, despossuído, necessitado, vulnerável e coitado com o mesmo percentual, 3% (01 -ocorrência de cada), conforme o Gráfico 60 .

Gráfico 60 - Ocorrências das variantes para a questão 39: Que nome é dado a alguém que não tem muita comida e nem muitas posses?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Considerando a dimensão diatópica (Gráfico 61), ressaltase-se que, em toda rede de pontos investigada, foi registrada a lexia pobre: no PR1, 38% (03 ocorrências), nos PR's 2 e 5, 75% (06 ocorrências), no PR 3, 63% (06 ocorrências em cada) e no PR4, 13% (01- ocorrência).

Nos PR 1, foram registradas as seguintes lexias: quebrado, passa fome e mendigo com o mesmo percentual 13% (01 -ocorrência) e fraco com 25% (02 ocorrências). No PR2, baixa renda e desabrigado foram as lexias citadas e com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência). No PR3, fraco com 25% (02 ocorrências) e indigente 13% (01 - ocorrência). No PR4, as lexias sem condições e humilde, com o mesmo percentual 25% de uso (02 ocorrências de cada) e passa fome, despossuído e necessitado, com o mesmo percentual 13% (01 -ocorrência de cada). Já as lexias coitado e vulnerável com o mesmo percentual 13% (01 - ocorrência de cada) foram citadas por informantes do PR5.

Ressalte-se que, a lexia pobre foi a resposta espontânea predominante em PR's 2 e 5 (75% cada) e no PR3 (63%), podendo, portanto, ser considerada a norma linguística desses locais.

A resposta espontânea “pobre” traduziu de forma direta a pessoa que não tem o necessário à vida (Ferreira, 2010), porém houve registros de outras lexias com sentidos diferenciadas. Exemplo disso pode-se observar na lexia quebrado. Ela foi tomada de

empréstimo da área financeira com o sentido de falência. No contexto desta tese, foi usada para indicar a pessoa que não pode comprar alimentos, ou não tem posses.

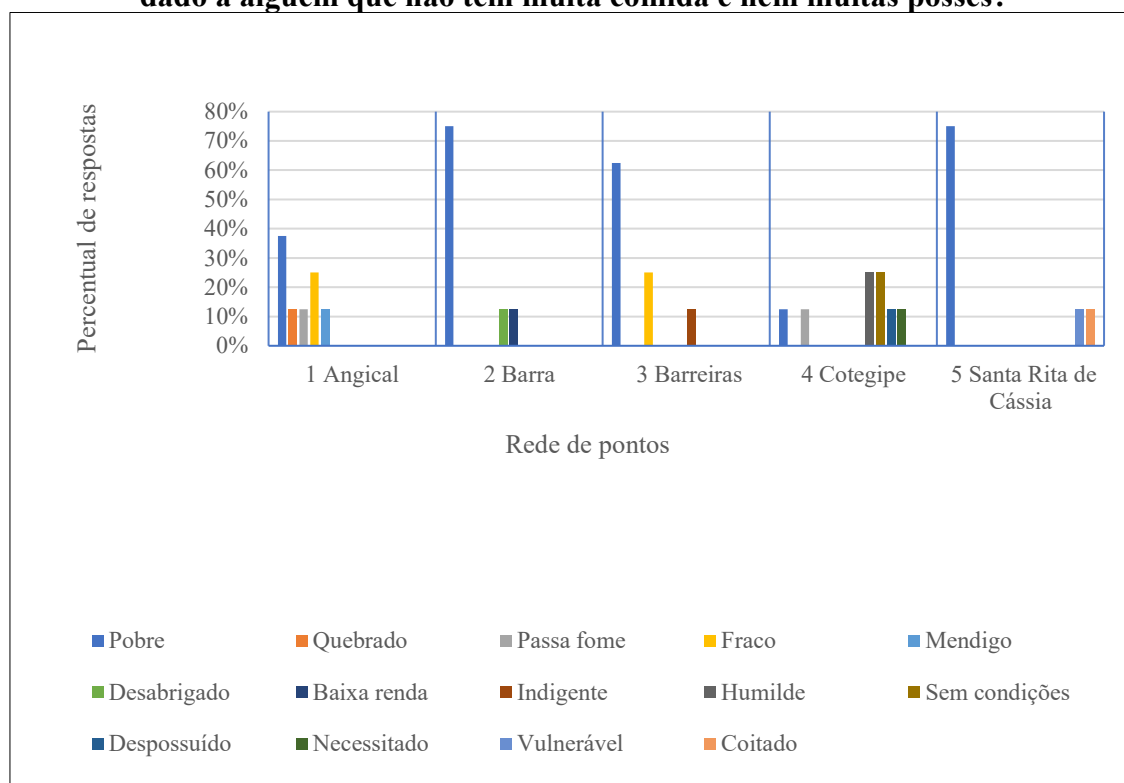
Passa fome foi a lexia composta usada para descrever a falta de acesso à comida, e a lexia fraco, para se referir à pessoa com pouco ou nenhum recurso financeiro. De acordo Houaiss, Villar e Franco (2025), a lexia fraco faz parte da fala popular da Bahia e significa o indivíduo muito pobre, miserável. Ao responder mendigo, indivíduo que pede esmolas, que vive da caridade alheia (Houaiss; Villar e Franco, 2025), pode-se inferir que o informante se remeteu à ideia de caridade, esmola, pedinte, e, neste caso, pode ter vindo à tona a dimensão religiosa e salvacionista da Igreja Católica (Priori, 2019), uma vez que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2025a) em Angical (PR1) a maioria da população professa esta fé.

A lexia humilde parece ser utilizada com uma semântica mais associada à questão moral, ou mesmo cultural, do que propriamente à escassez de comida ou bens materiais. A lexia composta sem condições indica, neste contexto, a ausência de alimentação, moradia, ou seja, não possui meios para obter e garantir suas necessidades básicas. Na lexia despossuído, o prefixo negativo des-, significa que a pessoa não tem acesso à alimentação, não possui casa, nem necessidades básicas. Por fim, a lexia necessitado que quer dizer pessoa que precisa do básico para viver.

Ressalte-se que as lexias mencionadas foram registradas nos municípios com menor índice populacional. Sendo assim, todas as pessoas são aparentadas ou muito próximas umas das outras, de acordo com o comentário de um informante GII, que não respondeu a lexia pobre, mas afirmou que a conhecia. Complementou, dizendo que a palavra pobre é muito pesada, que faz mal dizê-la, pois traz “mau agouro”. Portanto, pode-se inferir que essa heterogeneidade lexical tenha a ver com uma forma de eufemizar, suavizar uma denominação “pesada” e não provocar agouro algum às pessoas conhecidas ou aos parentes, mesmo que as outras lexias usadas também traduzam certo grau de negatividade.

Para identificar a influência no ponto de rede pesquisado com as escolhas lexicais dos informantes, foi aplicado o teste do qui-quadrado, que indicou haver diferença significativa entre as respostas dadas à questão 18 e os pontos de rede ($p = 0.009$).

Gráfico 61 - Dimensão diatópica e respostas espontâneas da Questão 39: Que nome é dado a alguém que não tem muita comida e nem muitas posses?



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados da Tabela 59 demonstram que, em relação à dimensão diassexual, tanto as mulheres quanto os homens citaram pobre, porém, com percentuais diferentes, 60% e 40% respectivamente. Foram os homens, os responsáveis pela nomeação do maior número de lexias, além de pobre. Foram nove lexias, quais sejam: quebrado, passa fome, mendigo, humilde, sem condições, despossuído, necessitado, vulnerável, coitado com o mesmo percentual de uso 5%, e fraco com 10%. Em relação à fala feminina, foram observadas sete variantes, quais sejam: passa fome, desabrigado, baixa renda, indigente, humilde sem condições, com uma frequência de uso igual a 5% e fraco 10%. O teste estatístico realizado não indicou diferenças significativas entre as respostas dadas pelos grupos masculino e feminino na questão 39 ($p = >0.9$).

Os dados na Tabela 59 apontam que, de acordo com a dimensão diastrática, a lexia pobre foi citada 60% pelos informantes Cb e 45% pelos Ca. Os informantes Ca foram responsáveis por citarem: quebrado, passa fome, fraco, mendigo, desabrigado, baixa renda, indigente, humilde, sem condições, despossuído, vulnerável, com o mesmo percentual (5%). Os informantes Cb proferiram passa fome, humilde, sem condições, necessitado e coitado, com o mesmo percentual 5% e fraco, com 15%. O teste matemático realizado não indicou diferenças significativas entre as respostas dadas e a classe social dos informantes ($p = >0.9$).

Os dados da Tabela 59 apontam que, de acordo com a dimensão diageracional, a lexia pobre foi citada 55% pela GII e a GI, 50%. As lexias ditas pelas GI e GII foram: passa fome com o mesmo percentual de 5% e fraco com uma frequência de 5% de uso na GI e 15% n GII. As variantes somente mencionadas pela GI foram: quebrado, desabrigado, vulnerável, coitado, com o mesmo percentual, 5%, e humilde e sem condições, também com o mesmo percentual 10%. Na GII, foram observadas, exclusivamente, as seguintes lexias: mendigo, baixa renda, indigente, despossuído e necessitado com o mesmo percentual (5%). O teste qui-quadrado aplicado para identificar influência da faixa etária nas opções lexicais dos informantes ratificou que não houve diferenças significativas entre as faixas etárias e as respostas dadas para a questão 39.

Tabela 59 - Questão 39 – Lexias encontradas na Região Oeste da Bahia conforme as dimensões diassexual, diastrática e diageracional

Lexias	Sexo		Classe social		Geração	
	M	F	Ca	Cb	GI	II
Pobre	9 (45%)	12 (60%)	9 (45%)	12 (60%)	10 (50%)	11 (55%)
Quebrado	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Passa fome	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)
Fraco	2 (10%)	2 (10%)	1 (5%)	3 (15%)	1 (5%)	3 (15%)
Mendigo	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Desabrigado	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Baixa renda	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Indigente	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Humilde	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)
Sem condições	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	1 (5%)	2 (10%)	0 (0%)
Despossuído	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)
Necessitado	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)
Vulnerável	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)	1 (5%)	0 (0%)
Coitado	1 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (5%)	1 (5%)	0 (0%)
Total	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%	20/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Os dados da Tabela 60 permitiram correlacionar as dimensões diageracional, diassexual e diastrática. Na geração I, a lexia pobre foi citada tanto pelos homens Ca quanto pelos Cb, com o mesmo percentual (40%). Somente os homens Ca disseram as lexias quebrado, humilde

e vulnerável, apresentando o mesmo percentual (20%), já os homens Cb, citaram unicamente passa fome, sem condições e coitado com um mesmo percentual (20%).

As mulheres CaGe CbGI citaram a lexia pobre, com o mesmo percentual (60%). As lexias mencionadas pelas mulheres Ca foram desabrigado e sem condições, com um mesmo percentual de uso (20%), enquanto as mulheres Cb citaram fraco e humilde, também apresentando o mesmo percentual (20%).

Na G II, tanto os homens Ca (40%), quanto os Cb (60%) mencionaram a lexia pobre. Ambos os homens Ca e os Cb disseram fraco, mendigo e despossuído com um mesmo percentual de uso (20%).

As mulheres Cb citaram a lexia pobre (80%), contrapondo-se ao uso das mulheres Ca que foi de 40%. Passa fome, baixa renda e indigente foram as lexias mencionadas exclusivamente pelas mulheres Ca com o mesmo percentual (20%), e somente a lexia fraca foi proferida pelas mulheres Cb (20%).

Apresentados os resultados da análise estatística que incidiu sobre as lexias levantadas nas respostas espontâneas, descrevem-se a seguir (Quadro 118), as lexias registradas no segundo e terceiro passos (insistir e sugerir), com a seguinte descrição: na 1ª coluna tem-se o ponto de rede (PR); na 2ª a enumeração do informante da pesquisa (Inf.); na 3ª as respostas espontâneas (RE); na 4ª as respostas por insistência (RI); na 5ª e 6ª colunas as respostas por sugestão aceitas (RSA) e as não aceitas (RSNA) pelos informantes.

Tabela 60 - Correlação das dimensões diageracional, diassexual e diastrática e a questão 39

Lexias	GI				GII			
	M		F		M		F	
	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb	Ca	Cb
Pobre	2(40%)	2(40%)	3(60%)	3(60%)	2(40%)	3(60%)	2(40%)	4(80%)
Quebrado	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Passa fome	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Fraco	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	1(20%)
Mendigo	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Desabrigado	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Baixa renda	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Indigente	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)
Humilde	1(20%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Sem condições	0(0%)	1(20%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Despossuído	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Necessitado	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)
Vulnerável	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Coitado	0(0%)	1(20%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)	0(0%)
Total	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%	5/100%

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Além das lexias coletadas nas respostas espontâneas, apresentam-se a seguir, as lexias registradas no segundo e terceiro passos: insistir e sugerir.

Quadro 117 - Repostas por insistência e por sugestão à questão 39

Questão 39 – Pobres					
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Angical	1	Quebrado	Liso	Pobres	
	2	Pobres	Não sabe		
	3	Passa fome	Não sabe	Pobres	
	4	Fraco	Não sabe	Pobres	
	5	Mendigo	Esmoler	Pobres	
	6	Pobres	Não sabe		
	7	Pobres	Não sabe		
	8	Fraco	Não sabe	Pobres	
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barra	1	Pobres	Passando necessidade		
	2	Desabrigados	Sem teto	Pobres	
	3	Pobres	Mais fraco		
	4	Pobres	Pessoa fraca		
	5	Pobres	Desprovido		
	6	Baixa renda	Pobres		
	7	Pobres	Fraquinho		
	8	Pobres	Fraco de condições		
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Barreiras	1	Pobres	Não sabe		
	2	Pobres	Não sabe		
	3	Pobres	Sem condições		
	4	Pobres	Fraco de condições		
	5	Fraco	Pobres		

	6	Indigente	Pobres		
	7	Fraco	Pobres		
	8	Pobres	Não sabe		
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Cotegipe	1	Humilde	Pobres		
	2	Sem condições	Pobres		
	3	Sem condições	Necessitados	Pobres	
	4	Humilde	Pobres		
	5	Despossuído	Pobres		
	6	Passa fome	Pobres		
	7	Necessitado	Pobres		
	8	Pobres	Não sabe		
Ponto de rede	Inf.	RE	RI	RSA	RSNA
Santa Rita de Cássia	1	Vulnerável	Pobres		
	2	Pobres	Lascado		
	3	Coitado	Não sabe	Pobres	
	4	Pobres	Não sabe		
	5	Pobres	Miserável		
	6	Pobres	Paupérrimo		
	7	Pobres	Não sabe		
	8	Pobres	Fulano é morto de fome		

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme o Quadro 117, no PR1, 63% dos informantes (05) não responderam a lexia pobres, quando perguntados. Mediante a insistência da entrevistadora por outras formas de nomeação ao que foi solicitado, 38% dos informantes (03) não souberam responder e 25% (02) responderam outras lexias. Pobres foi a lexia sugerida e aceita por 63% informantes (5).

Apenas 25% dos informantes (02) não responderam “pobres” no momento da pergunta no PR2. Quando solicitadas novas formas de nomear o que foi pedido, 13% deles (01) responderam com a lexia pobres e 13% (01) disseram “sem teto”. A lexia pobres sugerida foi aceita por 13% informantes (01).

No PR3, somente 38% dos informantes (03) não responderam “pobres” no momento da pergunta. Quando solicitadas outras formas linguísticas para nomear o que foi pedido, 38% deles responderam a lexia pobres.

Dos informantes do PR4, 88% (07) não responderam a lexia pobres no momento da pergunta. Quando foram instigados a sugerir outras formas de nomeação, 63% deles (06) responderam pobres, apenas 13% (01) responderam necessitados. A lexia pobres sugerida foi aceita por 13% informantes (01).

Já no PR5, apenas 25% dos informantes (02) não responderam a lexia pobres quando questionados. Após insistir por outras formas de nomeação para o que foi solicitado, 13% responderam pobres e 13% deles (01) não souberam responder. A sugestão da lexia pobres foi aceita por 13% informantes (01). a dia.

Em relação à terceira hipótese: considerando a rede de pontos investigada, a expectativa deste estudo é que a utilização de lexias do Galego seja maior no ponto de rede 2 (PR2Barra), não foi confirmada, uma vez que somente as lexias fiadeira e carpinteiro com o mesmo percentual (63%), trabalhar (88%), casar (50%) e pescador (100%) foram mencionadas com índice mais elevado do que em outros pontos de rede.

4.5 Considerações sobre as questões sem significância estatística

O teste estatístico utilizado para verificar a influência das dimensões diageracional, diassexual, diastrática e diageracional foi aplicado sobre o Banco de Dados Semântico-Lexicais do Português Falado na região oeste da Bahia, constituído pelas lexias comuns entre o Galego e o Português Brasileiro falado na rede de pontos selecionados e as variantes lexicais utilizadas pelos participantes para designar o mesmo referente. Os dados que constituem esse banco de dados foram coletados por meio das respostas espontâneas dos informantes selecionados, mediante entrevista.

Assim, foram identificadas 30 questões com diferenças significativas, ou seja, cujas respostas foram influenciadas por uma ou mais dimensões pluridimensionais (diageracional, diassexual, diastrática e diageracional) selecionadas para esta tese e já analisadas na seção anterior, e 44 questões que não sofreram influência dessas dimensões, sendo consideradas, portanto, sem significância estatística. A subseção, a seguir, descreve essas 44 questões.

4.5.1 Lexias de uso categórico na região oeste da Bahia

Das 44 questões consideradas sem significância estatística, 11 apresentaram uso categórico de 100% nos falares da região oeste da Bahia, o que significa que, para essas questões não foi apresentada variante lexical alguma para denominar o mesmo referente, além daquelas lexias encontradas no Galego, conforme Quadro 118, a seguir.

Quadro 118 - Distribuição de respostas espontâneas iguais ao ALGa

Questões	Respostas espontâneas
Questão 06: Como se denomina o homem que gera filhos biológicos?	Pai
Questão 22: Como você denomina o filho de um irmão ou de uma irmã?	Sobrinho
Questão 23: Como você denomina o filho de um irmão ou de uma irmã?	Sobrinho
Questão 25: Como você denomina a mulher que se casou com seu filho?	Nora
Questão 26: Como você denomina o homem que se casou com sua filha?	Genro
Questão 27: Como você denomina o pai e a mãe de uma esposa/o?	Sogra /sogra
Questão 30: Como você denomina o homem, na religião católica, que batiza alguém?	Padrinho
Questão 31: Como uma madrinha e um padrinho chamam a pessoa que foi batizada por eles?	Afilhado
Questão 38: Como se denomina a pessoa que mora próxima à sua casa?	Vizinho/vizinha
Questão 63: Como se denomina a pessoa que faz ou conserta sapatos?	Sapateiro
Questão 74: Como se denomina a pessoa que sai a procura de animais à noite ou de dia por prazer ou para a sobrevivência?	Caçador

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

As lexias - pai, sobrinho, sobrinha, nora, genro, sogra/sogro, padrinho, afilhado, vizinho/vizinha, sapateiro e caçador - foram utilizadas por informantes masculinos e femininos, das gerações GI e GII e das classes Ca e Cb de forma categórica, o que permite inferir que tais lexias constituem uma norma linguística da região oeste da Bahia.

4.5.2 Outras variantes lexicais

Após a análise das 11 questões de uso categórico, as 33 questões que não apresentaram diferenças estatisticamente significativas foram divididas em dois grupos: 1 - composto por respostas espontâneas com alta frequência de uso e grupo 2, com respostas espontâneas com baixa frequência de uso.

Conforme mencionado no capítulo 2, Referencial Teórico, seção 2.2 Fundamentação Conceitual, considera-se como norma linguística nesta tese uma realização coletiva, estabelecida em modelos concretos e fixados na fala da comunidade, mas também pela sua condição de se manifestar pela alta frequência e distribuição regular (Augusto, 2012; Cristianini, 2007).

4.5.2.1 Variantes lexicais com alta frequência de uso

Conforme os dados da Tabela 61, a seguir, todas as respostas espontâneas registradas se mostraram distribuídas em toda a rede de pontos investigada e com o percentual de frequência elevado, o que indica que todas essas lexias fazem parte da norma linguística da região.

Tabela 61 - Distribuição Percentual das Respostas Espontâneas com alta frequência de uso

Questão	Resposta espontânea	Porcentagem
Questão 1	Família	83%
Questão 2	Parente	73%
Questão 7	Madrasta	73%
Questão 12	Órfão	55%
Questão 13	Irmã	95%
Questão 14	Irmão	98%
Questão 20	Neto	98%
Questão 21	Tio	98%
Questão 29	Madrinha	98%
Questão 32	Noivo/noiva	90%
Questão 43	Roubo	83%
Questão 45	Ladrão	95%
Questão 47	Ajudar, acudir e socorrer	86%
Questão 52	Médico	75%
Questão 57	Lavrador	63%
Questão 62	Costureira	98%
Questão 73	Pescador	93%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Ao se compararem os dados coletados na região oeste da Bahia com os do ALGa (Blanco; Garcia; Fernández, 2020), percebeu-se que todas as lexias de entrada do atlas correspondentes às questões anteriores são iguais às respostas espontâneas dadas pelos informantes da região oeste da Bahia.

Cumpre ainda destacar que, para a coleta de dados, foi empreendida a técnica de 3 passos proposta por Thun (2010): perguntar, insistir e sugerir. O primeiro passo – perguntar –, já foi descrito na primeira seção deste capítulo 4. Seguem as informações sobre o segundo passo: insistir. Todo o questionário aplicado contou com a insistência da entrevistadora em arguir outras formas de nomear o que os informantes já haviam conceituado, como consta no início desta análise. Neste grupo 1, o que vale salientar é que, mesmo o informante não sabendo responder à questão no momento do primeiro ou do segundo passo, quando a entrevistadora sugeriu a lexia, todos foram unânimes em aceitá-la, o que demonstrou um conhecimento das lexias em questão, conforme o Quadro 119.

4.5.2.2 Variantes lexicais com baixa frequência de uso

Amigados foi a lexia mais utilizada (45%) neste grupo. Além dela, foram registradas algumas variantes com o mesmo significado ou com sentido aproximado, o que demonstrou a criatividade dos informantes para um mesmo referente (acasalados, ajuntados, amasiados, convivem maritalmente, namorados, união estável e unidos).

Tabela 62 - Distribuição Percentual das Respostas Espontâneas com baixa frequência de uso

Questão	Resposta espontânea	Porcentagem
Questão 15	Meia irmã	15%
Questão 16	Meio irmão	15%
Questão 36	Amigados	45%
Questão 37	Pessoas	35%
Questão 41	Esmola	35%
Questão 44	Ladroa	3%
Questão 48	Acólito	3%
Questão 49	Sacristão	13%
Questão 50	Tenente	23%
Questão 58	Peão	3%
Questão 64	Cesteiro	5%
Questão 69	Ferrador	28%
Questão 70	Lenhador	38%
Questão 71	Toneleiro	3%
Questão 72	Afiador	13%

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Amigados foi a lexia observada em distribuição regular em toda a rede de pontos investigada. Faltam-lhe apenas 5 pontos percentuais para se tornar a norma linguística da região, mas tem uma frequência de uso interessante (45%), o que demonstra que os informantes a utilizaram, e isto permitiu inferir sua tendência à manutenção. Cumpre salientar que todos os informantes que não responderam espontaneamente a lexia amigados, quando foram questionados e nem quando a entrevistadora insistiu que usassem outras nomes para conceituar o que foi solicitado, aceitaram a sugestão e afirmaram conhecer a lexia amigados e usá-la em suas conversas (Quadro 119).

Outro destaque é a lexia esmola (35%). Todos os informantes a conheciam, mas não se sentiam confortáveis ao dizê-la. Quando questionados sobre o motivo, responderam que essa lexia era muito forte e atraia azar para quem a dava e quem a recebia. Daí o possível motivo de diversas variantes serem utilizadas para amenizar a complexidade semântica da lexia esmola. Tal fato somente foi conhecido depois de feita a sugestão, o terceiro passo da coleta de dados.

O baixo percentual de uso da lexia lenhador (38%) pode ser atribuído ao fato de que a atividade de cortar madeira para colocar nos fogões a lenha está cada vez mais em extinção, dado que os novos fogões são elétricos ou a gás. Outras formas lexicais ambientadas neste contexto foram mencionadas como lenheiro, cortador de lenha, machadeiro, machador. Outras lexias também registradas pareceram mais associadas a uma realidade mais atual, como funcionário, madeireiro, trabalhador, que podem estar relacionadas, não mais ao fogão de lenha para cozinhar, mas ao desmatamento, às carvoarias. Cabe ainda salientar que 18 informantes aceitaram a sugestão da lexia lenhador, mas 5 não a aceitaram, demonstrando desconhecer essa unidade lexical (Quadro 119).

A lexia pessoas, com apenas 35% de frequência, um baixo percentual que, talvez, possa ser atribuído à semântica usada na questão. No início da aplicação do questionário, usou-se a lexia chamar ao invés de denominar, porém alguns informantes, de maneira geral, confundiam “chamar” com “nomear a pessoa”, como por exemplo Maria, João. Devido a isso, optou-se pela lexia “denominar” e, essa troca de palavras, talvez, tenha dificultado o entendimento da questão, e gerado diversas variantes como respostas. Mesmo após alguns informantes não responderem espontaneamente à questão e ter-se insistido por outras formas de nomear, alguns informantes responderam pessoas e todos que não haviam respondido nem espontaneamente, nem por insistência, aceitaram prontamente a sugestão. Ficaram admirados e interrogaram a entrevistadora se a lexia pessoas era a resposta, indagação que comprovou o conhecimento da lexia em questão.

As lexias compostas meia irmã e meio irmão apresentaram o mesmo percentual de uso (15%). Dos informantes entrevistados, 38% aceitaram a sugestão daquelas lexias compostas, 33% não a aceitaram, ou seja, desconheciam as lexias em questão.

Para a questão 69: Como se chama a pessoa que ferra animais? - foram registradas duas lexias com o mesmo percentual de uso (28%) ferrador e vaqueiro. Além dessas, foi observada ferreiro (20%); outros 20% não souberam responder. Tal questão causou uma certa dubiedade nas respostas, talvez isso tenha ocorrido pelo uso do verbo ferrar, que pode significar: **3 t.d.** colocar ferradura em *⟨tornou a **ferrar** seu cavalo de estimação⟩* **4 t.d.bit.** (*prep.:em*) marcar com ferro quente (esp. animal); ferretear *⟨ferrou o gado com a sua marca⟩* *⟨ferrar com ferr*

o em brasa sua marca (no gado) (Houaiss; Villar; Franco, 2025). Ao responderem ferrador, os informantes poderiam estar associando tanto ao fato de colocar ferraduras em cavalos ou marcar os animais com ferro em brasa. Porém diante do contexto da região, em que não há costume de se colocar ferradura em cavalos, pode-se compreender que a resposta esteja associada à marcação dos animais que, hoje, é mais feita pelos vaqueiros. Quando foi aplicado o segundo passo da técnica de coleta de dados, o insistir, apenas um informante falou ferrador e, no terceiro passo, a sugestão, 40% dos informantes disseram que conheciam a lexia em estudo, mas não a usavam no dia a dia, e 30% disseram desconhecer-la completamente.

Quanto ao uso da variante ferreiro, uma possível explicação pode ser o fato de o instrumento usado para ferrar seja o ferro e quem manuseia ferro é chamado de ferreiro.

As lexias tenente e sargento apresentaram o mesmo percentual (23%), porém o que chamou a atenção foi que o índice referente aos informantes que não souberam responder à questão, quando inquiridos no primeiro momento (25%). Ao serem instigados a fornecer outras formas de nomeação ao que foi solicitado, apenas 10% responderam tenente, porém quando a entrevistadora sugeriu a lexia tenente, 65% deles aceitaram a sugestão e apenas 13% não a conhecia. Isso demonstra que os informantes sabem da existência da unidade lexical, associam-na a oficiais comandantes do exército ou da polícia, mas não sabem identificar sua patente.

A lexia sacristão obteve apenas 13% de frequência de uso, enquanto 38% dos informantes não souberam responder à questão 49. Muitas variantes foram acionadas como respostas espontâneas (Quadro 119), o que indicou que não há uma norma linguística que designa a pessoa que abre e fecha a igreja e ainda ajuda o padre em suas tarefas. É interessante relatar que quando se insistiu para se darem novas formas de nomeação do que foi solicitado, nenhum dos informantes conseguiu citar alguma, porém ao ouvir a sugestão da lexia sacristão, 80% dos informantes disseram conhecer, mas não sabia a função dele.

A lexia afiador que é igual à da entrada do ALGa (Blanco; Garcia; Fernández, 2020) obteve 13% de frequência de uso, mas a norma linguística instituída pelos informantes para a questão 72 foi amolador, com 60% de uso. Apenas um deles mencionou afiador, após se insistir por outras formas para nomear o que foi solicitado. Ao ouvirem como sugestão a lexia afiador 80% disseram conhecê-la, porém não a utilizavam.

A lexia telheiro obteve um percentual de 10% de frequência de uso, enquanto a lexia oleiro obteve 33%. O índice de 55% dos informantes que não souberam responder à questão chamou a atenção. Tal fato demonstrou que a maioria deles desconhece a designação para quem faz telhas. Uma possível explicação para isso, talvez, seja o fato de que, atualmente, as telhas são produzidas industrialmente. A frequência de uso de oleiro remete ao fato de que, em outros

tempos, na região oeste existiam as olarias, também conhecidas por cerâmicas, onde os oleiros faziam as telhas. Os informantes que responderam telheiro, provavelmente assim o fizeram por analogia a outras profissões como pedreiro, borracheiro e, por isso, usaram o radical da lexia telha - telh-, e acrescentaram o sufixo -eiro. Em relação à coleta de dados, no segundo passo: insistir, todos os informantes, quando foi sugerida a lexia telheiro, responderam não a conhecer. Ela foi aceita por 25% deles, mas rejeitada por 60%.

A lexia cesteiro obteve um percentual de 5%, enquanto a lexia que mais foi citada pelos informantes foi artesão (30%). Porém o que se destacou foi o fato de 43% deles não conseguirem responder à questão. Apesar de na região investigada haver pessoas que fazem artesanato utilizando palha de buriti, capim dourado e outros elementos da natureza, não foi registrada uma norma linguística para designar esses profissionais. Ainda, sobre a lexia cesteiro, foi observado que, mesmo após se insistir por novas formas de nomear, nenhum informante mencionou essa lexia. Já, quando ela foi sugerida, a aceitação foi de 48% dos informantes e a rejeição de 20%.

As lexias ladroa, acólito, peão e toneleiro apresentaram o mesmo percentual de uso: 3%. Apenas uma informante disse ladroa, enquanto a variante mais citada foi ladrona (63%), operando como norma linguística da região pesquisada. A maioria dos informantes (85%) disseram desconhecer totalmente a lexia ladroa. Em relação a acólito, houve apenas um registro nas respostas espontâneas e nenhuma ocorrência, quando se insistiu por novas formas. Dada a sugestão, apenas 9% (03) dos informantes da GII a aceitaram e 85% a rejeitaram. De acordo Houaiss, Villar e Franco (2025), essa lexia é provavelmente de 1448 (século XV). Cunha (2010) ratifica essa informação e ainda acrescenta que acólito vem do lat. *ecles./accursāre* (de *cūrsus -ūs*) ou, talvez, do a. port. *acolyt(h)us*, deriv. do gr. *akólouthos* || acolitar. Vale ressaltar que é um termo de uso religioso, cujo significado é ministro que acompanha e auxilia o celebrante e conduz os atos litúrgicos na igreja católica (Houaiss, Villar e Franco (2025)).

Apesar de a maioria dos informantes desconhecer essa lexia, no dia 19/10/25, houve várias reportagens trazendo à tona a lexia acólita, até então desconhecida por muitas pessoas: *Jovem flagrada com padre 'talarico' era acólita na paróquia*; jovem de 21 anos atuava como acólita e foi encontrada escondida após grupo invadir a residência do religioso (Mello, 2025); Caso '*Mulher do Padre*': *jovem flagrada era acólita na paróquia* (Nascimento, 2025).

Em Januária (MG), circulou, nas redes sociais, no início do mês 09/2025, um *card* com informações sobre os festejos em honra de Nossa Senhora das Dores que trazia também a lexia acólito.

Imagem 10 - Card

**FESTEJOS EM HONRA
NOSSA SENHORA DAS
DORES**

Programação
Dia 05/09 - Quinta-Feira

17:30h
Procissão com a bandeira da Padroeira saindo da casa do casal Antônio e Cida com todos os coroinhas, acólitos e seus familiares.
Rua Gualberto de Carvalho n° 301 Centro (rua da CDL)

19:00h
Santa Missa de abertura dos Festejos com todas equipes, pastorais e movimentos. Ao final levantamento do Mastro.

Apresentações culturais, barraquinhas com comidas típicas e bingo todos os dias!

@catedraldejanuaria Catedral Diocesana de Januária Catedral de Januária

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Diante dessas informações, a lexia acólito/acólita, que parecia não ser mais corrente no Português da região oeste da Bahia, ressurge em outras regiões do país.

Em relação à lexia peão, sua baixa frequência de uso (3%), talvez possa ser explicada pela própria estrutura da questão que envolveu somente a construção civil, uma vez que o objetivo era saber a denominação da pessoa que, na construção civil, realizava trabalhos braçais, não especializados. Na região pesquisada, para a denominação principal dessa função, foram registradas duas lexias - servente e ajudante de pedreiro - com o mesmo percentual (30%). A lexia peão, na rede de pontos investigada está mais associada à área de pecuária. São peões as pessoas que manejam, conduzem e cuidam do gado. Isso ficou evidente, quando não houve nenhum registro dessa lexia no momento em que se pediu por outras formas de denominar a pessoa que realizava trabalhos não especializados na construção civil. Quando foi sugerida a lexia peão, 60% dos informantes disseram conhecer essa unidade lexical, porém com outro significado (no cuidado com os animais) e 35% rejeitaram a lexia.

A baixa frequência de uso da lexia toneleiro (3%), talvez, possa ser explicada pelo fato de não haver, nos pontos de rede pesquisados, a cultura de fabricar cachaça. Isso pode ser comprovado pelo alto índice de informantes (65%) que não souberam responder à questão 71.

Carpinteiro foi a lexia que sobressaiu com 13% de frequência de uso. É possível que, no momento da pergunta - Como se denomina a pessoa que faz barril de madeira para se guardar, por exemplo, cachaça? -, os informantes tenham apreendido a palavra madeira e, por analogia, responderam carpinteiro. Fato semelhante também ocorreu com a lexia barril que já constava na pergunta. Ao acrescentar o sufixo -eiro ao radical barril, a lexia formada foi barrileiro; outra possibilidade de formação da palavra é usar barril +consoante de ligação /h /+ sufixo -eiro, para criar barrilheiro. Essas duas formas apareceram como respostas. Pode-se inferir que o informante que respondeu alambiqueiro, trouxe como resposta a pessoa que fabrica a cachaça, e não o recipiente onde ela é guardada. Quando se fez a solicitação por outras formas de nomear, nenhum informante conseguiu responder. A sugestão de toneleiro foi aceita por 13% dos informantes e rejeitada por 85% deles.

Uma lexia interessante registrada na região pesquisada foi beiradeiro. De acordo Houaiss, Villar e Franco (2025), o termo designa habitantes das margens dos rios, especialmente do rio São Francisco. O lexicógrafo ratifica que essa lexia possui um uso específico na Bahia. Os informantes desta região chamam os moradores da margem do Rio Grande - afluente do Rio São Francisco – de beiradeiros, que se alimentam do que pescam.

O Quadro 119, a seguir, traz informações generalizadas sobre as lexias descritas anteriormente: o número da questão, a resposta espontânea (RE) semelhante à lexia galega, as variantes da resposta espontânea (RE), as respostas por insistência (RI), respostas por sugestão aceitas (RSA) e as por sugestão, mas não aceitas (RSNA).

Quadro 119 - Respostas espontâneas, por insistência e por sugestão

Campo semântico 1: A família					
Questão	RE (igual ao ALGa)	RE (variantes)	RI	RSA	RSNA
1	Família	Parente Primos União Não sabe	União Família Grupo Parente Não sabe	Família	
2	Parente	Irmão Pai Parente Primo Sobrinhos Tio	Não sabe Pessoa da família Irmão AvôPrimos Sobrinho	Parente	
7	Madrasta	Companheira Enteada Madrasta Mãe Não sabe Próprio nome Tia	Madrasta Tia Babá Não sabe	Madrasta	
12	Órfão	Adotados Filhos sem pai Guri Sem pai e sem mãe Só no mundo	Não sabe Pequeno, De menor Órfão	Órfão	

13	Irmã	Filha só de mãe ou filha só do pai; Irmã da mesma mãe e do mesmo pai	Irmã da mesma mãe ou do mesmo pai		
14	Irmão	Irmão da mesma mãe e do mesmo pai	Irmão da mesma mãe e do mesmo pai		
15	Meia Irmã	Irmã Irmã materna ou paterna Irmã paterna Irmã por parte de mãe ou de pai Irmã postiça Irmã de criação	Irmã Meia irmã Amiga Não sabe		Meia irmã
16	Meio Irmão	Irmão Irmão de criação Irmão materno ou paterno Irmão postiço	Meio irmão Irmão Não sabe	Meio irmão	Meio irmão
20	Neto	Bisneto	Bisneto	Neto	
21	Tio	Não sabe	Não sabe	Tio	
Campo semântico II: A vida em sociedade					
32	Noivo, noiva	Cônjuge Esposa Marido e mulher Namoro de compromisso	Noivo/noiva Namorada Não sabe	Noivo/noiva	
36	Amigados	Acasalados Ajuntados Amancebados Amasiados	Amancebado Amigado Não sabe	Amigados	

		Convivem maritalmente Namorados União estável Unidos Não sabe	Juntos		
37	Pessoas	Amigos Casal Família Fuleiros Gente Homens e mulheres Quengas e raparigas Seres humanos	Pessoas Gente Trabalhadores Não sabe	Pessoas	
4 1	Esmola	Ajuda Alimento Almoço Caridade Comida Doação Lanche Migalhas Presente	Doação Ajuda Alimento Caridade Esmola Favor Contribuição Dinheiro Não sabe	Esmola	
43	Roubo	Furto Pegar sem autorização Precisão Usurpar	Roubo Não sabe	Roubo	
44	Ladroa	Caloteira Ladra Ladroneira Rata	Mão ligeira Malina Ladroneira Robona Ladra Larápia	Ladroa	Ladroa

			Rata Não sabe		
45	Ladrão	Caloteiro Rato	Ladrão		
47	Ajudar Acudir Socorrer	Atender Colaborar Dar suporte Suprir a necessidade	Ajudar Dar suporte Não sabe	Ajudar Acudir Socorrer	
Campo semântico III: As ocupações e os ofícios					
48	Acólito	Ajudante de padre Carola Coroinha Diácono Leigo Ministras Sacerdote Sacristão Não sabe	Ministro Diácono Coroinha Não sabe	Acólito	Acólito
49	Sacristão	Ajudante de igreja Anciã Barata de sacristia Beata/beato Carola Coroinha Cuidador Diácono Funcionário Obreiro Organizadores da limpeza Secretário/secretária	Freira Não sabe	Sacristão	Sacristão
50	Tenente	Cabo Coronel	Capitão Tenente	Tenente	

		Delegado Major Sargento Soldado Vice Não sabe	Sargento Delegado Não sabe		
52	Médico	Doutor Enfermeiro/enfermeira Farmacêutico Não sabe	Auxiliar Médico Não sabe	Médico	
57	Lavrador	Agricultor Trabalhador rural Não sabe	Lavrador Não sabe	Lavrador	
58	Peão	Ajudante de pedreiro Gato Mestre de obra Pedreiro Servente Não sabe	Ajudante de pedreiro Auxiliar Servente Orelha Não sabe	Peão	Peão
62	Costureira	Modista	Costureira		
64	Cesteiro	Ambulante Artesão Artista Fazedor de artesanato Palheiros Tecedeiro Teceiro Tecerã Tecerão Vendedor Não sabe	Feirante Não sabe	Cesteiro	Cesteiro
65	Telheiro	Oleiro Pedreiro	Oleiro Não sabe	Telheiro	Telheiro

		Não sabe			
67	Gaiteiro	Gaitista Músico Tocador de gaita Não sabe	Gaiteiro Não sabe	Gaiteiro	Gaiteiro
69	Ferrador	Ajudante Ferreiro Marcador Vaqueiro Não sabe	Dono do gado Ferrador Não sabe	Ferrador	Ferrador
70	Lenhador	Cortador de lenha Funcionário Lenheiro Machadeiro Machador Madeireiro Trabalhador Não sabe	Lenhador Machadeiro Cortador de lenha Caçador	Lenhador	Lenhador
71	Toneleiro	Alambiqueiro Barrilheiro Carpinteiro Madeireiro Marceneiro Serrareiro Não sabe	Não sabe	Toneleiro	Toneleiro
72	Afiador	Amolador Chaveiro Ferreiro Não sabe	Afiador Relojeiro Não sabe	Afiador	Afiador
73	Pescador	Beradeiro Pesqueiro	Pescador Não sabe	Pescador	

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.6 Tendência de uso das lexias pesquisadas

Considerando que os dados demonstraram que 74 lexias são comuns às lexias de entrada do ALGa, ou seja, os falantes da região oeste da Bahia trazem em seus falares lexias galegas, é importante vislumbrar o que pode acontecer com essas lexias em um processo de variação contínua. É importante compreender se essas lexias brasileiras estão em tendência à manutenção ou ao desuso, em relação às lexias de entrada registradas no ALGa. Nesta perspectiva, foram instituídos 5 critérios para a identificação do comportamento das lexias em estudo. Assim, será considerada:

- a) tendência à manutenção, quando a maior recorrência da lexia for verificada na geração I;
- b) tendência ao desuso, quando a maior recorrência da lexia for verificada na geração II;
- c) tendência à estabilidade, quando nas gerações I e II, a frequência de uso for a partir de 50%;
- d) estável, quando a frequência de uso nas gerações I e II forem iguais;
- e) de baixa ocorrência, quando a soma das frequências de uso nas duas gerações for abaixo de 25%.

Segue a Tabela 63, a seguir, com as 74 lexias e a frequência de uso das gerações I e II

Tabela 63 - As lexias pesquisadas, a frequência de uso da GI e GII e tendência
Campo semântico I: A Família

Questões	Lexias	Geração I	Geração II	Tendência
1	Família	19(95%)	14 (70%)	Tendência à estabilidade
2	Parente	18 (90%)	11 (55%)	Tendência à estabilidade
3	Antepassados	6 (30%)	6 (30%)	Estabilidade
4	Esposa	12 (60%)	19 (95%)	Tendência à estabilidade
5	Esposo	11 (55%)	17 (85%)	Tendência à estabilidade
6	Pai	20 (100%)	20 (100%)	Estabilidade
7	Madrasta	16 (80%)	12 (60%)	Tendência à estabilidade
8	Padrasto	17 (85%)	17 (85%)	Estabilidade

9	Filho mais velho	5 (25%)	10 (50%)	Tendência ao desuso
10	Filho mais novo	0 (0%)	6 (30%)	Tendência ao desuso
11	Filho de mãe solteira	3 (15%)	7 (35%)	Tendência ao desuso
12	Órfão	13 (65%)	9 (45%)	Tendência à manutenção
13	Irmã	19 (95%)	20 (95%)	Estabilidade
14	Irmão	20 (100%)	19 (95%)	Tendência à estabilidade
15	Meia irmã	2 (10%)	4 (20%)	Tendência ao desuso
16	Meio irmão	2 (10%)	4 (20%)	Tendência ao desuso
17	Tataravô	14 (70%)	9 (45%)	Tendência à manutenção
18	Avô	14 (70%)	9 (45%)	Tendência à manutenção
19	Tio-avô	7 (35%)	8 (35%)	Estabilidade
20	Neto	20(100%)	19(95%)	Estabilidade
21	Tio	20(100%)	19 (95%)	Tendência à estabilidade
22	Sobrinho	20(100%)	20 (100%)	Estabilidade
23	Sobrinha	20(100%)	20 (100%)	Estabilidade
24	Primo segundo	3 (15%)	7 (35%)	Tendência ao desuso
25	Nora	20(100%)	20(100%)	Estabilidade
26	Genro	20(100%)	20(100%)	Estabilidade
27	Sogro/sogra	20(100%)	20(100%)	Estabilidade
28	Compadre /comadre	18 (90%)	18 (90%)	Tendência à estabilidade
29	Madrinha	20 (100%)	19 (95%)	Tendência à estabilidade
Campo semântico II: A vida em sociedade				
30	Padrinho	20 (100%)	20(100%)	Estabilidade
31	Afilhado	20 (100%)	20(100%)	Estabilidade
32	Noivo/noiva	17 (85%)	19 (95%)	Tendência à estabilidade
33	Enxoval	4 (20%)	8 (40%)	Tendência ao desuso

34	Dote	6 (30%)	9 (45%)	Tendência ao desuso
35	Casar	10 (50%)	13 (65%)	Tendência à estabilidade
36	Amigados	10 (50%)	8 (40%)	Tendência à manutenção
37	Pessoas	8 (40%)	6 (30%)	Tendência à manutenção
38	Vizinho/vizinha	20(100%)	20 (100%)	Estabilidade
39	Pobre	10 (50%)	11 (55%)	Tendência à estabilidade
40	Mendigo	13 (65%)	6 (30%)	Tendência à manutenção
41	Esmola	5 (25%)	9 (45%)	Tendência ao desuso
42	Rico	20(100%)	15 (75%)	Tendência à estabilidade
43	Roubo	18(90%)	15(75%)	Tendência à estabilidade
44	Ladroa	1 (5%)	0 (0%)	Baixa frequência de uso
45	Ladrão	18 (90%)	20(100%)	Tendência à estabilidade
46	Trabalhar	13 (65%)	8 (40%)	Tendência à manutenção
47	Ajudar, socorrer, acudir	17(85%)	17(85%)	Estabilidade
Campo semântico III: As ocupações e os ofícios				
48	Acólito	0 (0%)	1 (5%)	Tendência ao desuso
49	Sacristão	0 (0%)	5 (25%)	Tendência ao desuso
50	Tenente	4 (20%)	5 (25%)	Tendência ao desuso
51	Parteira	15 (75%)	20(100%)	Tendência à estabilidade
52	Médico	17 (85%)	13 (65%)	Tendência à estabilidade
53	Curandeiro	7 (35%)	7 (35%)	Estabilidade
54	Capador	3(15%)	6(30%)	Tendência ao desuso
55	Vaqueiro	14 (70%)	19 (95%)	Tendência à estabilidade
56	Capataz	3(15%)	1(5%)	Baixa frequência de uso
57	Lavrador	11 (55%)	14 (70%)	Tendência à estabilidade

58	Peão	1(5%)	0(0%)	Baixa frequência de uso
59	Carpinteiro	8 (40%)	12 (60%)	Tendência ao desuso
60	Fiadeira	1 (5%)	12 (60%)	Tendência ao desuso
61	Tecedeira	1 (5%)	5 (25%)	Tendência ao desuso
62	Costureira	20(100%)	19 (95%)	Tendência à estabilidade
63	Sapateiro	20 (100%)	20(100%)	Estabilidade
64	Cesteiro	0 (0%)	2 (10%)	Tendência ao desuso
65	Telheiro	3(15%)	1(5%)	Baixa frequência de uso
66	Carreteiro	1 (5%)	2 (10%)	Tendência ao desuso
67	Gaiteiro	11 (55%)	18 (90%)	Tendência à estabilidade
68	Ferreiro	13 (65%)	16 (80%)	Tendência à estabilidade
69	Ferrador	4 (20%)	7 (35%)	Tendência ao desuso
70	Lenhador	6 (30%)	9 (45%)	Tendência ao desuso
71	Toneleiro	0 (0%)	1 (5%)	Tendência ao desuso
72	Afiador	2 (10%)	3 (15%)	Tendência ao desuso
73	Pescador	19 (95%)	18 (90%)	Tendência à estabilidade
74	Caçador	20(100%)	20(100%)	Estabilidade

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito de se proceder a um estudo semântico-lexical, focalizando a região oeste da Bahia, mais especificamente os municípios Angical (PR1), Barra (PR2), Barreiras (PR3), Cotegipe (PR4) e Santa Rita de Cássia (PR5), originou-se da constatação da ausência de trabalhos acadêmicos comparativos entre a Língua Portuguesa e a Língua Galega, especialmente envolvendo o léxico comum a essas duas línguas. Diante disso, e objetivando contribuir para os estudos do Português Brasileiro, é que foi desenvolvida a presente tese.

A proposta desta tese se ancorou na busca de aspectos semântico-lexicais comuns entre as lexias registradas no ALGa, volume VII *O ser humano II* e as lexias encontradas no Português falado na região oeste da Bahia.

A pesquisa partiu do pressuposto de que os falantes da região oeste da Bahia traziam em seu linguajar lexias registradas no Galego. Essa assertiva foi se tornando evidente ainda na fase inicial da investigação, durante as entrevistas nas quais foi aplicado o Questionário semântico-lexical do ALGa e na obtenção das respostas espontâneas. Naquele primeiro instante, já foi possível visualizar um léxico com características comuns ao Galego, o que pôde ser confirmado durante a etapa de análise do *corpus* selecionado.

Após a comprovação de que havia lexias comuns às do Galego na região, foi possível classificar as lexias (respostas espontâneas) em 3 campos semânticos, quais sejam família: vida em sociedade e ocupações e ofícios, destacando a lexia de entrada no ALGa e a resposta espontânea dos informantes do oeste baiano.

Para responder ao segundo questionamento - as lexias do Galego utilizadas nesta região estavam dicionarizadas ou poderiam ser consideradas neologismos -, foram construídas 74 fichas lexicográficas, nas quais se evidenciou a resposta espontânea dos falantes, e o registro em obras lexicográficas galegas, brasileiras e portuguesas. Chegou-se à conclusão de que todas as 74 lexias encontradas nas respostas espontâneas estavam dicionarizadas.

A análise das lexias em cada uma das fichas - resultado da comparação entre as lexias do Galego e aquelas coletadas na região oeste da Bahia - comprovaram a primeira hipótese levantada para este estudo: “considerando o parentesco entre o Galego e Português Brasileiro, pode-se inferir que os falantes dessa região trazem em seu vocabulário lexias registradas no ALGa.

Com o cômputo geral das 122 questões selecionadas para a análise, comprovou-se por meio da análise dos dados que 74 (61%) das respostas espontâneas foram consideradas comuns às de entrada no ALGa. Constatou-se, então, que existem nos dados do Português Brasileiro

lexias iguais às do Galego, no que se refere ao volume VII: O Ser humano II.

Tal constatação permitiu também identificar diferentes formas para se responder às questões. Essas formas denominadas variantes lexicais constituíram o Banco de Dados Semântico-Lexicais do Português Falado na região oeste da Bahia, cuja elaboração foi um dos objetivos desta tese. Esse banco de dados é composto pelas lexias comuns ao Galego e ao Português Brasileiro falado na rede de pontos selecionada, e às variantes lexicais utilizadas pelos participantes para designar o mesmo referente.

Ainda, em relação aos questionamentos, objetivava-se saber também acerca da influência das dimensões diatópica, diageracional, diastrática e diassexual nas escolhas lexicais dos informantes da pesquisa, o que a análise estatística dos dados comprovou.

Assim, foi conduzida uma análise estatística descritiva e inferencial com ênfase em testes de associação entre variáveis categóricas. O objetivo da análise estatística foi investigar a associação entre as dimensões propostas pela Dialectologia Pluridimensional e Relacional (diatópica, diastrática, diassexual e diageracional) e as escolhas lexicais de informantes a um conjunto de 74 questões que versaram sobre nomeação de pessoas, papéis familiares e atividades tradicionais nos campos semânticos “A família”, “A vida em sociedade” e “As ocupações e ofícios”.

Isso posto, ao final desta pesquisa, e resumidamente, podem-se ser apontados alguns resultados.

Houve diferenças estatisticamente significativas nas respostas dadas pelos informantes, considerando a relação entre as dimensões diatópica, diastrática, diassexual e diageracional e as escolhas lexicais dos informantes da região oeste da Bahia, em um total de 30 lexias (41%).

Na dimensão diatópica, as diferenças estatisticamente significativas, envolvendo a seleção lexical dos informantes e o ponto de rede investigado apontaram as unidades lexicais: padraço, avô, compadre/comadre, enxoval, casar, pobre, trabalhar e tecedeira.

Já na dimensão diassexual, apenas as lexias avô, carpinteiro e carreteiro foram influenciadas pelo sexo dos informantes. Por sua vez, na dimensão diastrática, em que o nível de escolaridade exerceu influência sobre as escolhas lexicais, foram identificadas as lexias antepassados, esposo, filho mais velho, tataravô, enxoval, dote, trabalhar, curandeiro, capador, capataz e tecedeira.

No que concerne à dimensão diageracional, a fala dos informantes de gerações diferenciadas também exerceu influência sobre as seguintes escolhas lexicais: esposa, filho mais velho, filho mais novo, filho de mãe solteira, tio-avô, primo segundo mendigo, rico, parteira, vaqueiro, fiadeira, telheiro e gaiteiro.

Considerando o papel que a dimensão diassexual desempenha nos trabalhos de Dialetoлогия, acreditou-se, inicialmente, que o sexo feminino, neste estudo, fosse o influenciador para a manutenção de lexias galegas no falar dos moradores da região oeste da Bahia. Essa hipótese não foi confirmada, uma vez que o teste qui-quadrado somente identificou três lexias influenciadas pela dimensão diassexual. Prova disso é que com a lexia avô, observou-se ter sido o grupo masculino aquele que mais a mencionou (66%), contrapondo -se ao grupo feminino (55%). A lexia carpinteiro foi mais citada por mulheres (55%) do que por homens (45%), e, por fim, a lexia carreteiro citada somente e mais usada pelas mulheres (15%), o que não significa que o grupo feminino foi aquele que influenciou a tendência à manutenção dessa lexia, porque, como ela foi mais utilizada pela geração II, consoante os dados, a referida lexia – carpinteiro - se encontra em tendência ao desuso. Ainda vale notar que, em apenas 03 questões houve influência da dimensão diassexual. Isso permite concluir que o teste qui-quadrado ratificou que os falares tanto de homens quanto de mulheres se assemelham. Por isso, não se pode concluir que as mulheres são as responsáveis pela tendência à manutenção das lexias analisadas, que representam as respostas espontâneas das questões aplicadas no Questionário Semântico Lexical.

Quanto às questões que não se mostraram significativas, o teste qui-quadrado ratificou que 11 questões com as seguintes lexias como respostas espontâneas: pai, sobrinho, sobrinha, nora, genro, sogro/sogra, padrinho, afilhado, vizinho/vizinha, sapateiro e caçador são exatamente iguais às lexias galegas, pois foram mencionadas unanimemente por todos os informantes, não tendo sido registrada variante alguma, além dessas. Não é mera coincidência os nomes brasileiros serem idênticos aos do Galego, porquanto isso tem a ver com outras questões.

Essa coincidência, historicamente, não é puramente superficial, mas resultado de uma matriz linguística comum, já que o galego tem sua raiz no sistema medieval “galego-português”, existindo, por isso, uma filiação direta entre o galego e o português, ou suas variedades, como já discutido neste texto.

É isso que permite compreender porque o galego e o português brasileiro compartilham palavras muito semelhantes, ou mesmo idênticas, em sua forma, e com significados muito próximos. Tal “coincidência” entre essas línguas, no entanto, não deve levar à conclusão nem de que galego e português brasileiro sejam exatamente a mesma variedade, porque há diferenças marcantes entre eles, nem que as similaridades anulam diferenças normativas, fonéticas, históricas e sociolinguísticas entre essas línguas/variedades.

Em relação às outras 33 questões que também não mostraram diferenças estatisticamente significativas, foi feita uma subdivisão para apontar as questões que obtiveram respostas espontâneas com alta e baixa frequência de uso.

As lexias com alta frequência de uso foram 17: família, parente, madrasta, órfão, irmã, irmão, neto, tio, madrinha, noivo/noiva, roubo, ajudar,/ acudir/socorrer, médico, lavrador, costureira, gaiteiro e pescador. Cumpre destacar que todas essas lexias podem ser consideradas como a norma linguística da rede de pontos investigada, por estar em distribuição regular e pela frequência de uso com porcentagem a partir dos 50%, enquanto as lexias de baixa frequência de uso foram 15: meia irmã, meio irmão, amigados, pessoas, esmola ladroa, acólito, sacristão, tenente, peão, cesteiro, ferrador, lenhador, toneleiro e afiador.

A técnica dos três passos - perguntar, insistir e sugerir - possibilitou o registro das respostas espontâneas, por insistência e as por sugestão, o que tornou possível justificar as lexias mais desconhecidas entre os informantes: fiadeira (38%), telheiro (65%), capataz e peão (35% cada), tecedeira (48%), meia irmã (35%), meio irmão (30%), ladroa (80%), acólito (90%), cesteiro (48%), ferrador (30%), toneleiro (68%).

Em relação à hipótese: considerando a rede de pontos investigada, a expectativa deste estudo é que a utilização de lexias do Galego seja maior no ponto de rede 2 (PR2Barra), não foi confirmada, uma vez que somente as lexias fiadeira, carpinteiro, trabalhar, casar e pescador foram mais mencionadas no PR2 do que nos outros pontos de rede.

Foram alcançados os objetivos de identificar a tendência de uso das lexias comuns entre o Português e o Galego, se essas lexias se encontravam estabilizadas, em tendências à estabilidade, à manutenção, ao desuso, ou se havia uma baixa frequência de uso que impossibilitava a análise,

Para se observar as situações de uso das lexias pesquisadas, considerou-se a frequência de uso em cada uma das gerações analisadas.

Para esse fim, estabeleceram-se alguns critérios. Foi considerada:

- a) tendência à manutenção, quando a maior recorrência da lexia foi verificada na geração I - 9,5% de lexias nesta condição foram identificadas;
- b) tendência ao desuso, quando a maior recorrência da lexia foi verificada na geração II - foram identificadas 30% lexias;
- c) tendência à estabilidade, quando nas gerações I e II, a frequência de uso for a partir de 50% - foram identificadas 32% de lexias, conforme esse critério;
- d) estável, quando a frequência de uso nas gerações I e II forem iguais - identificaram-se

23% de lexias de acordo esse critério;

- e) baixa ocorrência, quando a soma das frequências de uso nas duas gerações for abaixo de 25% - foram identificadas 5,5 % de lexias com essa característica. A baixa frequência detectada nas ocorrências inviabilizou o entendimento claro de sua tendência.

O resultado indicou maior frequência de uso na associação feita entre as lexias estáveis, as com tendência à estabilidade e as com tendência à manutenção (64,5%), contrapondo-se à frequência de uso das lexias com tendência ao desuso e com baixa frequência de uso (35,5%), reiterando que há uma relação histórica e cultural entre as línguas pesquisadas. Foi confirmado um léxico patrimonial comum de 61% entre o galego e o português brasileiro.

Acredita-se que esta pesquisa, além de contribuir para o estudo comparativo descritivo do Português Brasileiro e do Galego, pode colaborar para o resgate do vínculo entre essas duas línguas nos aspectos históricos e contemporâneos.

No entanto, esta pesquisa não é exaustiva. Há que se admitir que a descrição e a classificação das ocorrências de uso das lexias pesquisadas e as análises feitas neste estudo encerram em si mesmas somente uma parte de conhecimento que a língua proporciona.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. *In*: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p.213 225.
- AGRESTI, Alan. **An introduction to categorical data analysis**. 2nd ed. Hoboken: John Wiley & Sons, 2007.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélien Cristina da. Convergências lexicais: a área dos olhos no atlas lingüístico galego e no atlas lingüístico do Paraná. **Estudos de Lingüística Galega**, v. 7, mar. 2015. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/2333> Acesso em: 10 maio 2025.
- AGUSTI, Lluís. El diccionario etimológico Castellano e hispánico de Corominas / Pascual: veinte años Después. **Métodos de informação**, Enero/mar. 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/11876967.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Interfaces entre dialetologia e história. *In*: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). **Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Plurilinguismo na escola e na sociedade em uma perspectiva macrolingüística**. Porto Alegre: UFRGS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165010/001026506.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 7 set. 2024.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; THUN, Harald. As migrações e os contatos lingüísticos na Geografia Lingüística do Sul do Brasil - Bacia do Prata. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (org.) **A geolingüística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Eduel, 2016.
- ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas lingüístico do Paraná - ALPR II**. 2005. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/980159?mode=full> Acesso em: 24 jul. 2025.
- ÁLVAREZ, Rosario (coord.). **Tesouro do léxico patrimonial galego e português**. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega, 2025. Disponível em: <https://ilg.usc.gal/tesouro> Acesso em: 14 jul. 2025.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 2004.
- ARAÚJO, Karina de Jesus. **Atlas semântico-lexical de Formoso do Araguaia - Tocantins: a dialetologia pluridimensional e relacional na Amazônia legal**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1unAhIHWmeYn34MDOUCLLO2b0-TwQWP_a/view

Acesso em: 14 jul. 2024.

ÁREAN-GARCÍA, Nilsa. A divisão do galelo-português em português e galego, duas línguas com a mesma origem. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, Ano 17, n. 49, p.7-14, jan./abr. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/11087796/A_DIVIS%C3%83O_DO_GALEGO_PORTUGU%C3%84S Acesso em: 12 fev. 2025.

AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos. **Atlas semântico do Estado de Goiás**. 2012. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09012013-114759/publico/2012_VeraLuciaDiasDosSantosAugusto_VCorr_Parte1.pdf Acesso em: 14 jul. 2024

BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos da produção de vocabulários técnico-científicos. Estudos lingüísticos. **Anais de Seminários do GEL**. São Paulo: GEL/USP, p.105-112, 1989.

BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos da produção de vocabulários técnico-científicos. **Belas Infieis**, v. 2, n. 2, p. 7-15, 2013.

BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Revista Brasileira de Lingüística**, v. 24, n. 3, 1995.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I.M. (org.) **A constituição da normalização terminological no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

BARBOSA, Maria Aparecida **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Editora Plêiade, 1996.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2., ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TECNO-CIENTÍFICA, 1., 1990. Brasília. **Anais [...]**. Brasília: IBICT, 1992. p. 152-158.

BARIZON, Livia Carolina Baenas. **O léxico caipira: tesouro da língua às margens do Anhembi**. 2021. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BARROS, Francisco Borges de. **Bandeirantes e sertanistas bahianos**. Bahia: Imprensa oficial do estado, 1920.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Petrópolis RJ: Vozes. 2014.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, 40; p.27-46. 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994/3664>. Acesso em: 14 jul. 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O léxico. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a. p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística**: lingüística quantitativa e computacional. São Paulo: Martins Fonte, 2001b.

BLANCO, Rosario Álvarez; GARCIA, Francisco Dubert; FERNÁNDEZ, Xulio César Sousa. **Atlas Lingüístico Galego**: Instituto da Língua Galega: léxico - o ser humano (II). Santiago de Compostela: Fundación Barrié / Universidade de Santiago de Compostela, 2020. v. 7.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português e latino**: aulico, anatomico, architectonico, bellico: autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. v. 8. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

BORELLA, S. G. **Tu dampém fala assim?**: Macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano - português. 2014. Tese. (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgletras/tesesedissertacoes.html>. Acesso em: 14 ago. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, [...]. Brasília, DF: Presidência da República, [2025]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 10 nov. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002**. Institui o Código Civil. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm. Acesso em: 4 ago. 2025.

BRITO, Danilo da Silva Santos; CANGIARANA, Juscimaura Lima; ASSIS, Lécio Barbosa de. Os povo fabrica os remédio: padrões de concordância verbal e nominal no português popular de rio das rãs. *In*: BARROS, Isis Juliana Figueiredo de *et al.* (org.) **Português baiano**: de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Salvador: Edufba 2022.

CALLOU, Dinah. Quando dialectologia e sociolinguística se encontram. **Estudos linguísticos e Literários**. Salvador, n. 41, p. 29-48, jan./jun. 2010.

CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. Um ofício da escravidão: o trabalho dos feitores no Brasil oitocentista. **Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 14, p. 1-25, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/86798/51772> Acesso em: 14 de out. de 2025.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CANGIRANA, Juscimaura Lima; GONÇALVES, Elisângela. “Eles viu” x “eles viram”: a relação entre as redes sociais e a marcação de concordância em p6 em rio das rãs. *In*:

BARROS, Isis Juliana Figueiredo de *et al.* (org.) **Português baiano**: de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Salvador: Edufba 2022.

CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a língua do português**. Lisboa: Editorial caminho, 2006.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* (org.). **Atlas linguístico do Brasil**. Introdução. Londrina: EDUEL, 2014. v. 1.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a seguir. **Revista Delta**, v. 17, n. esp., p.25-44, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/F9qxnq4DV6XTVMYdXJB89Sd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2024.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Editora Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice; FERREIRA, Carlota. **A dialetologia no Brasil**: metodologia do trabalho dialetal, inquérito linguístico e atlas dialetológico; regionalismos léxicos. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. **Estilística e gramática histórica**: português através de textos. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1978.

CASTELEIRO, João Malaca *et al.* **Dicionário da língua portuguesa contemporânea**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa; Editorial Verbo, 2001.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A hora e a vez do português brasileiro**. [Lisboa]: Museu da Língua Portuguesa, 2017. Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas.php>. Acesso em: 17 fev. 2025.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2nd. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. Disponível em: <https://kostaskonstantinou.com/wp-content/uploads/2015/05/DIALECTOLOGY-J.-K.-CHAMBERS-AND-PETER-TRUDGILL.pdf>. Acesso em: 2024.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. **Os gurutubanos**: língua, história e cultura. 2010. Tese (outorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Minas Gerais. 2010. Disponível em: <https://bib.pucminas.br/pergamumweb/vinculos/000011/0000110b.pdf> Acesso em: 20 jul. 2024.

COELHO, Maria do Socorro Vieira. Um estudo semântico sobre o léxico do português falado pelos gurutubanos. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 225-247, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/article/view/163769> Acesso em: 14 jul. 2025.

COROMINAS, Joan; PASCUAL José A. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. Madrid. España: Editorial Gredos, 1984. Disponível em: Joan Corominas José A. Pascual. Diccionario Crítico E <https://archive.org/details/joanco-2/JO1540~1/page/n5/mode/2up> Acesso em: 10 abr. 2025.

COSERIU, Eugenio. **Lições de linguística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980a.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral**: cinco estudos. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSERIU, Eugenio. **Tradição e novidade na ciência da linguagem**: estudos de história da linguística. Rio de Janeiro: Presença, 1980b.

COSTA, Beatriz Costa.; PEREIRA, Camila de Freitas. O trabalho escravo contemporâneo na Região Amazônica brasileira. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 12, n. 2, p.16-34, 2022. Disponível em: <https://www.jus.uniceub.br/RBPP/article/viewFile/7731/pdf> Acesso em: 14 out. 2025.

COSTA, Daniela de Souza Silva; ISQUERDO, Aparecida Negri. Espanholismos no léxico do Brasil central: contribuições do projeto ALIB. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 133-145, abr./jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2013v14n2p133/26386>. Acesso em: 10 abr. 2025.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas semântico-lexical da região do grande ABC**. 2007. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28012008-115533/publico/TESE_ADRIANA_CRISTINA_CRISTIANINI.pdf Acesso em: 10 jul. 2024.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos de mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Nuances**: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2698/2362>. Acesso em: 10 jul. 2024.

DIALETOLOGIA. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [São Paulo]: UOL, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/dialetologia/>. Acesso em: 4 nov. 2024.

DIVISIÓN territorial de Hispania. [S. l.]: Museu de Historia Local, 2025. Disponível em: <https://museovillanuevadecordoba.com/division-territorial-de-hispania/>. Acesso em: 30 maio

2025.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2007.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Sobre o matopiba**. Brasília: EMBRAPA, 2025. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-matopiba/sobre-o-tema>. Acesso em: 30 maio 2025.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. cap. 1. p. 27-51. v. 3.

FARACO, Carlos Alberto. **História do português**. São Paulo: Parábola, 2019.

FARACO, Carlos Alberto.. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FELÍCIO, Ros'elles Magalhães. **Estórias de um rio, falares de um povo**: uma descrição sociolinguística do linguajar dos pescadores de Januária, MG. 2021. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/Letras_RosellesMagalhaesFelicio_19377_Textocompleto.pdf. Acesso em: 2 ago. 2024.

FELÍCIO, Zoraide Magalhães. Processos metodológicos para a construção do atlas linguístico semântico-lexical da região oeste da Bahia. **Revista Missangas**: Estudos em Literatura e Linguística, Teixeira de Freitas, v. 3, n. 7, p. 165-180, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/missangas/issue/view/769/691>. Acesso em: 2 ago. 2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958a. v. XX. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=227295>. Acesso em: 23 fev. 2025.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958b. v. XXI. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=227295>. Acesso em: 23 fev. 2025.

FIGUEIREDO JUNIOR, Selmo Ribeiro. **Atlas linguístico pluridimensional do português paulista**: níveis semântico-lexical e fonético-fonológico do vernáculo da região do Médio Tietê. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-12072019-155328/>. Acesso em: 19 jul. 2025.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Selmo Ribeiro. Como se chama um rio pequeno, estreito, de uns dois metros de largura no interior paulista? **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 23, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article>

/view/78008/51614. Acesso em: 30 out. 2025.

FINAMORI, Sabrina; BATISTA, Maria Alice Magalhães. Categorias empíricas e analíticas: mães-solo e monoparental feminina. **Mediações**, Londrina, v. 27, n. 3, p.1-19, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/46283/48184>. Acesso em: 23 fev. 2025.

FRANÇA, Luiz Henrique de Oliveira; BARRETO, Josenilce Rodrigues de Oliveira. Enveredando pelo léxico: algumas incursões sobre as causa mortis presentes em um livro de óbitos novecentista do oeste baiano. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 74, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1089/1159>. Acesso em: 20 fev. 2025.

GARCÍA, Constantino *et al.* **Atlas lingüístico galego V: Léxico. O ser humano (I):** 5. Coruña, Espanha: Fundación Barrié, 2005. v. 5.

GARCÍA, Constantino *et al.* O Atlas lingüístico galego. **Verba**, v. 4, p. 5-17, 1977. Disponível em: <https://minerva.usc.es/rest/api/core/bitstreams/67d7a240-d51d-4f62-96cd-d28f0da32975/content>. Acesso em: 13 fev. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GONZÁLEZ González, M. (dir.). **Dicionario da Real Academia Galega**. A Coruña: Real Academia Galega, 2025. Disponível em: <https://academia.gal/dicionário>. Acesso em: 14 jul. 2025.

HAUY, Amini Boainain. **História da língua portuguesa: séculos XII, XIII e XIV**. São Paulo: Ática, 1989.

HORST, A. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102193/00921516.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 12 set. 2024

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2025. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/259382:cbd/ Acesso em: 14 jul. 2025.

IBERIAN Peninsula. In: BRITANNICA Editors. [S. l.]: Britannica, 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Iberian-Peninsula>. Acesso em: 1 nov. 2025.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ILARI, Rodolfo; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados do Brasil**: Angical-BA: história e fotos. Rio de Janeiro: IBGE, 2024a. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/angical/historico>. Acesso em: 12 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados do Brasil**: Barra-BA: história e fotos. Rio de Janeiro: IBGE, 2024b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/barra/historico>. Acesso em: 11 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados do Brasil**: Barreiras-BA: história e fotos. Rio de Janeiro: IBGE, 2024c. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/barreiras/historico>. Acesso em: 12 mar. 2024

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil 500 anos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025a. Disponível em <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/portugueses/imigracao-restrita-1500-1700.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados do Brasil**: Cotegipe-BA: história e fotos. Rio de Janeiro: IBGE, 2024d. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cotegipe/historico>. Acesso em: 11 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados do Brasil**: Santa Rita de Cássia-BA: história e fotos. IBGE, 2024e. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santa-rita-de-cassia/historico>. Acesso em: 12 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Território brasileiro e povoamento**: portugueses - imigração restrita (1500-1700). Brasil 500 anos. Rio de Janeiro: IBGE, 2025b. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/portugueses/imigracao-restrita-1500-1700.html>. Acesso em: 24 jul. 2025.

IORDAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS; São Paulo, Humanitas, 2007. p. 193-207. v. 3.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. v. 2.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/LVLTytspwrDR3pym6Zhkxnd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 ago. 2024.

KRIEGER, Maria da Graça. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. **Revista Confluência**, Rio de Janeiro, n. 46, 1.º sem. 2014. Disponível em: [Downloads/22-Texto%20do%20Artigo-47-64-10-20150127%20\(1\).pdf](#). Acesso em: 10 ago. 2024.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras

da UFMG, 2006.

KIM, Hae-Young. Statistical notes for clinical researchers: chi-squared test and Fisher's exact test. **Restorative Dentistry & Endodontics**, v. 42, n. 2, p. 152-155, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5395/rde.2017.42.2.152>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LACERDA, Marcela Langa. Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista. **Revista do GEL**, v. 18, n. 1, p. 68-100, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br>. Acesso em: 14 jul. 2025.

LAGARES, Xoám Carlos. Ser e não ser na fronteira. **Revista UFG**, Ano XIII, n. 10, jul. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48365/23703>. Acesso em: 2 out. 2025.

LAGARES, Xoám Carlos. **Galego e português brasileiro: o passado e o presente**. [S. l.]: ABRALIN, 18 set. 2021. 1 vídeo (1:47 min). Disponível em: [https://www.google.com/search?q=live+de+lagares+na+abralin&rlz=1C1UEAD_ptBRBR1157BR1157&oq=live+de+lagares+na+abralin&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigAdIBCjEyNjU4ajBqMTWoAgiwAgHxBbDQp028viZh&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:ea524c3a,vid:_AyO3oBqvIE,st:0](https://www.google.com/search?q=live+de+lagares+na+abralin&rlz=1C1UEAD_ptBRBR1157BR1157&oq=live+de+lagares+na+abralin&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRigATIHCAIQIRigAdIBCjEyNjU4ajBqMTWoAgiwAgHxBbDQp028viZh&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:ea524c3a,vid:_AyO3oBqvIE,st:0) Acesso em: 25 out. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. ver. e amp. Campinas: Pontes 2002

LAVOR, Cassio Murilio Aves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Os tabus de decência “rapariga” e “prostituta”, eufemizados e disfemizados na fala cearense, a partir de dados do ALiB. **Domínios da Linguagem**, v. 17, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DLv17a2023-10e1710>. Acesso em: 1 jul. 2025

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1993.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MÃES solo: o que são o que comem onde vivem. Hel Mother. [São Paulo]: Hel, 2016. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IeCFUYGpt8s>. Acesso em: 1 jul. 2025.

MANGIAFICO, Salvatore S. **Summary and analysis of extension program evaluation in R**. New Brunswick: Rutgers Cooperative Extension, 2016. Disponível em: <https://rcompanion.org>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação

em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3911/000450591.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 13 jul. 2025.

MARQUES, Maria José Basso. **Microatlas linguístico contatual das variedades do português falado no Norte de Mato Grosso**. 2022. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2022. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/5464>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MARQUES, Maria José Basso; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivado. Metodologia de estudos do contato linguístico no norte de Mato Grosso. **Porto das Letras**, v. 6, n. 3, p. 172-193, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9892/17559>. Acesso em: 15 maio 2024.

MACEDO, Napoleão de Mattos. **[Rio Grande]: porto de Barreiras: vapor São Francisco: Barreiras, BA. [S. l.]: IBGE, 1949**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=427868>. Acesso em: 15 maio. 2024.

MCHUGH, Mary L. The chi-square test of Independence. **Biochemia Medica**, v. 23, n. 2, p. 143-149, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11613/BM.2013.018>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MELO, Glasdtone Chaves de. **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1981.

MELLO, Luiza. Ajudava na missa: jovem flagrada com padre 'talarico' era acólita na paróquia. **Diário do Pará**, 19 out. 2025. Disponível em: <https://diariodopara.com.br/noticias/brasil/jovem-flagrada-com-padre-talarico-era-acolita-na-paroquia/>. Acesso em: 2 nov. 2024.

NASCIMENTO, Alexandre. Caso 'Mulher do Padre': jovem flagrada era acólita na paróquia Vídeo sobre o caso viralizou e virou caso de polícia e assunto da igreja. **Diário do Pará**, 19 out. 2025. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/brasil/926405/caso-mulher-do-padre-jovem-flagrada-era-acolita-na-paroquia?d=1#>. Acesso em: 2 nov. 2024.

MELO, Pedro Antonio Gomes de. A história externa da língua portuguesa: do latim ao português. **Revista do DLCV/UFPB**, João Pessoa, PB, v. 16, n. 1, p. e020007, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/58052/33599>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTEAGUDO, Henrique. Presentación. *In*: MONTEAGUDO, Henrique; BOUZADA FERNANDEZ, Xam M. (coord.) O processo de normalización do idioma galego (1980-2000). **Política lingüística: análise e perspectivas**: Santiago de Compostela; Consello da Cultura Galega, Sección de Lingua, 2002. v. 1.

MORAES, Milena Borges de. **Estudo semântico Memória sobre o Plano de Guerra Offensiva e Defensiva da Capitania de Mato Grosso lexical do código oitocentista**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MORALEZ, Humberto López. **Sociolingüística**. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del language**. 4. ed. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 2009.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz. **Terminologia: uma ciência interdisciplinar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

NASCIMENTO, Luiz, Clebert. **Aluados e ensolarados**. Barreiras, [2022?]. No prelo.

OLIVEIRA, Marilza de. Para a história social da língua portuguesa em São Paulo: séculos XVI- XVIII. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (org.). **História do português paulista**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2009. (Série Estudos; 1).

PEREIRA, Carolina Pazos. A busca por um escravo de nome Laudelino: possibilidades de fazer história entre a oralidade, o arquivo e a etnografia. **Afro-Ásia**, n. 68, p. 81-132, 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/PC/Downloads/53197-Artigo-231263-2-10-20240218%20\(9\).pdf](file:///C:/Users/PC/Downloads/53197-Artigo-231263-2-10-20240218%20(9).pdf) Acesso em: 30 maio 2025.

PIZZANI, Luciana *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v. 10, n. 1, p.53-66, jul./dez. 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896/pdf_28 Acesso em: 14 jul. 2025.

POMPONET, André; BATISTA, Robson. Território de Identidade - Bacia do Rio Grande: Perfil Sintético. **Perfil sintético dos territórios de identidade da Bahia**. Salvador/BA: Portal, 2015. Disponível em: <http://www.portalsdr.ba.gov.br>. Acesso em: 19 mar. 2024.

POP, Sever. **La dialectologie**: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques. Louvain: Chez l'auteur: J. Duculot Gembloux, 1950.

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. **Estruturas linguísticas do português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1975.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral**: teoria e descrição. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

PÓVOA, Liberato. **Dicionário tocantinense de termos e expressões afins**. Goiânia: Kelps, 2002. Disponível em: https://www.sopapo.com.br/JornalDoDuroDownloads/Livro_DicionarioTocantinense_LiberatoPovoa.pdf Acesso em: 3 maio 2025.

PRIORI, Josimar. De mendigos a população: transformações nos modos de compreender a vida nas ruas. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 19, n. 219, p. 109-118, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/50996> Acesso em: 14 out. 2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Novos caminhos da geolinguística românica**: um balanço. Tradução de Minka B. Pichbrenner e Rita Dolores Wof. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl, 1996.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. Preliminares de um estudo lingüístico e histórico da toponímia baiana o caso da região econômica oeste. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 8.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, 1., 2004. Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: UERJ, 2004. Disponível em: <https://www.filologia.org.br/revista/30/09.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2025.

ROBINS, Robert Henry. **Pequena história da lingüística**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S/A, 1979.

ROCHA, Saulo Rogério Pacheco; BACK, Angela Cristina Di Palma. Pistas da resistência da língua galega: da origem à redemocratização para o ensino. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 66, p.1-19, 2024.

ROMANO, Valter Pereira. Percurso historiográfico e metodológico da geolinguística. **Revista Papéis**, v. 18, n.35, p. 135-153, 2014. Disponível em; <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3017>. Acesso em: 4 ago. 2024.

SANTOS, Cezar Alexandre Neri; PAIM, Marcela Moura Torres. Uma análise lexical na Galícia e na Bahia: denominações para calvo. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 284-309, 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/24462/20164>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Sintra: Europa-América, 1999.

SILVA, Jéssica Carneiro da *et al.* O português do Oeste baiano: constituição de corpus em Santa Maria da Vitória. **Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS**, Feira de Santana, v. 22, p. 70-87, set. 2021 Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/7472/6142> Acesso em: 21 fev. 2025.

SILVA, Rosa Virgínia de Mattos e. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

SOUZA, Marcelo da Silva. Quer que eu falo/fale”: variáveis sociais e o uso do subjuntivo no português em comunidades quilombolas do oeste da Bahia. In: BARROS, Isis Juliana Figueiredo de *et al.* (org.). **Português baiano**: de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Salvador: Edufba, 2022.

SOUZA, Melina Célia e. **A e para**: uso e desuso. uma comparação entre o galego e o português popular brasileiro. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras Mestrado Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense,

Niterói, 2012 Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/10080/dissertacao_melina_souza.pdf;jsessionid=D5E3B6BEDDA3813A33163A7D4186024B?sequence=1
Acesso em: 12 fev. 2025.

SOUZA, Vander Lúcio. **Nas cacimbas do Rio Pardo: um estudo léxico-cultural**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/3b3e6e74-54d2-4dcc-b85b-f810fe6f264f>. Acesso em: 30 out. 2025.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.

TAVARES DE BARROS, Fernando Hélio . **Topodinâmica del Hunsrückisch: cartografía y ejemplos del proceso de cambio y manutención del léxico em contexto de migración**. 2021. Tese. (Doutorado em Romanística) – Departamento de Linguística e Literatura, Universidade de Bremen, 2019. Disponível em: <https://media.suub.uni-bremen.de/handle/elib/4267>. Acesso em: 2 ago. 2024.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no rio da Prata. In: Zilles, Ana Maria Stahl. (org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de. (org.). **Para a história do português brasileiro: vozes, veredas, voragens**. Londrina: EDUEL, 2009. p. 531- 558. v. 2.

THUN, Harald. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático do Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY., 21. 1995, Palermo. **A cura di Giovanni Ruffino**. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729, 787-789. v.5

THUN, Harald. Movilidade demográfica y dimensión topodinâmica: los montevidéanos em Rivera. In: RADTKE, E. ;TUN, H. (org). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verl, 1996. p. 210-237.

THUN, Harald. O português americano fora do Brasil. In: GARTNER, Eberhard; HUNDUT, Christine; SCHONBERGER, Axel. (org.) **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt am Main, TFM, 2000. p.185-227

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística. In: ALTENHOFEN, Cléo Vilson; PAVAN, Cláudia Fernanda (org.). **Percursos teóricos e metodológicos da dialetologia**. Porto Alegre, 2017. (Cadernos de tradução, n. 40.)Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87208/50004>. Acesso em: 15 fev. 2025.

THUN. Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, A; KEHREIN, R.; RABANUS, S. (ed.). **Language and space: language mapping: an international handbook of linguistic variation**. Berlin/New York: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2010. p. 506-524

TRUDGILL, Peter. **On dialect**: social and geographical perspectives. Blacwell: Oxford, 1983.

VIARO, Mário Eduardo. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos-eiro/-eira na língua portuguesa. In: MASSINICAGLIARI, Gladis *et al.* (org.). **Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas**: fonologia, morfologia, sintaxe. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 45-84.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VILELA, Mário. O léxico do português: perspetivação geral. **Filologia e linguística portuguesa**, nº 1, p.31-50, 1997.

VILLAR Rosa Mouzo; RAÑA, Irene Santos; AMADO Raquel Vila. **Atlas Lingüístico Galego (ALGa)**. Gallécia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, 3., 2015. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 27-30 xullo 2015. Disponível em: <https://minerva.usc.es/rest/api/core/bitstreams/d9f65e51-c4a6-4302-b12d-10537e39b50d/content>. Acesso em: 15 fev. 2025.

WEHRMANN, Clarí. **A situação do alemão em Tunápolis e em Cunhaporã, Santa Catarina**: dimensão diarreligiosa. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul – Chapecó, 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/755/1/WEHRMANN.pdf> Acesso em: setembro de 2024.

WELKER, Herbert Andréas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

WILLIAMS, Edwin Bucher. **Do latim ao português**: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. Os falares mineiros: esboços de um atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2013.

APÊNDICE A -Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, a PESQUISADORA adiante identificada (bem como seu ORIENTADOR) - doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, na Universidade Federal do Mato Grosso, *campus* de cuiabá - explicita condições e informações a regerem a relação entre ela e o PARTICIPANTE (abaixo identificado) a propósito da pesquisa referida na cláusula 1ª, a fim de que o PARTICIPANTE, uma vez inteirado acerca delas, dê sua anuência de participação, de maneira livre, autônoma, esclarecida e voluntária.

PESQUISADORA Zoraide Magalhães Felício feliciozoraide@gmail.com / (77) 99973-5866	ORIENTADOR Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida msantiago@usp.br / (11) 3091 4294, R4294
PARTICIPANTE	
Nome: _____ Telefone: (____) _____ E-mail: _____ CPF: _____ RG: _____ _____	

CLÁUSULA 1ª – DA PESQUISA

1.1 Dos objetivos. Coletar dados orais do PARTICIPANTE, em um local que lhe seja confortável (preferencialmente, sua casa). Tais dados, juntamente com os de outros participantes do lugar, servirão de amostra para a investigação sobre a fala praticada na localidade do PARTICIPANTE, que posteriormente subsidiarão a elaboração do Léxico dos falantes às margens do Rio Grande, envolvendo algumas localidades da região oeste da Bahia.

1.2 Dos procedimentos. Para a coleta referida em 1.1, a PESQUISADORA e o/a PARTICIPANTE, prevendo-se a participação simultânea de mais participantes, farão interações a partir da aplicação de um questionário, cabendo a PESQUISADORA procurar estabelecer, antes e durante o processo, um ambiente de tranquilidade e espontaneidade.

1.3 Da justificativa. A elaboração da tese mencionada em 1.1 pressupõe análises de todo o material coletado e a apresentação de conclusões. Os resultados, baseados nas amostras, trarão conhecimento cientificamente norteado acerca da realidade linguística das localidades investigadas, do qual vários nichos da sociedade poderão se beneficiar, como, por exemplo, o âmbito das políticas públicas cujo tema tenha a ver com didáticas de língua materna no sistema municipal e/ou estadual de educação, entre outros, como o registro histórico patrimonial em si do estado de língua contemporâneo.

CLÁUSULA 2ª – DAS GARANTIAS AO PARTICIPANTE

2.1 Das informações complementares. Ao PARTICIPANTE, fica garantido o atendimento as solicitações de mais informações ou de respostas a dúvidas acerca de sua participação e da pesquisa, a serem dirimidas pela PESQUISADORA.

2.2 Da liberdade de participação. O/a PARTICIPANTE pode, em qualquer estágio de sua participação, recusar-se a continuar colaborando, seja momentânea ou permanentemente, podendo ainda retirar seu consentimento de participação, sem qualquer penalização.

2.3 Da proteção de informações pessoais. O sigilo, a privacidade e a confidencialidade acerca da participação e das informações pessoais do/a PARTICIPANTE serão garantidos, salvo manifestação em contrário, firmada em termo(s) aditivo(s) ao presente instrumento.

CLÁUSULA 3ª – DOS DADOS COLETADOS. O/a PARTICIPANTE concorda plenamente que os dados por ele produzidos podem ser utilizados e publicizados livremente pela PESQUISADORA, a qualquer tempo, segundo o interesse expresso na cláusula 1ª.

CLÁUSULA 4ª – DO FORO. Fica eleito, para solucionar eventuais conflitos, o foro competente cuja jurisdição abarca Instituto de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso, instituição sede da pesquisa da qual aqui se trata.

Este documento segue em duas vias, uma para guarda do/a PARTICIPANTE, outra para a PESQUISADORA.

Barreiras, ____ / 2024

Participante

Pesquisadora

Orientador

APÊNDICE B - Questionário semântico-lexical

Atlas Linguístico Galego. vol. VII. Léxico. O ser humano (II)

1- A família (questão 01 a 40) (40 questões)

- 1) **Questão 01:** Como se denomina um conjunto de pessoas reunidas por laços de sangue, que pode ser constituído por pai, mãe e os filhos? Ou filhos e pais? Ou mãe e filhos? (Família)
 - a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em:
- 2) **Questão 02:** Como se denomina a pessoa do sexo feminino que é ligada a outras pessoas por laços de sangue (Parenta (feminino))
 - a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *parenta, parienta*?
- 3) **Questão 03:** Como se denomina a pessoa do sexo masculino que é ligada a outra pessoa por laços de sangue? (Parente (masculino))
 - a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *pariente*?
- 4) **Questão 04:** Como se denominam familiares de uma pessoa que viveram num tempo passado? (Antepasados)
 - a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *antepassados, Ascendentes, mais velhos*?
- 5) **Questão 05:** Como se denomina a pessoa do sexo feminino com quem o homem está casado? (Esposa)
 - a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *companheira, mulher, dona, marida*?
- 6) **Questão 06:** Como se denomina a pessoa do sexo masculino com quem a mulher está casada? (Esposo)
 - a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *companheiro, homem, marido*?
- 7) **Questão 07:** Como se denomina a mulher que gera filhos biológicos? (Nai)
 - a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *madre, mamãe, ?*
- 8) **Questão 08:** Como se denomina o homem que gera filhos biológicos? (Pai)
 - a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *padre, papai*?

- 9) **Questão 09:** Como um filho ou filha se dirige a sua mãe? Qual é a forma de tratamento? (Mamá)
- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *mamãe mainha, minha mãe* ?
- 10) **Questão 10:** Como um filho ou filha se dirige a seu pai? Qual é a forma de tratamento? (Papá)
- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *papai, pai. Painho. Meu pai* ?
- 11) **Questão 11:** Como se denomina a mulher que não é mãe biológica dos filhos de seu marido? (Madrasta)
- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *tia, bonastra* ?
- 12) **Questão 12:** Como se denomina o homem que não é pai biológico dos filhos de sua mulher? (Padrasto)
- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *tio, paidrasto* ?
- 13) **Questão 13:** Como se denomina o filho mais velho de um casal, ou o que nasceu primeiro? (Filo máis vello)
- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *herdeiro, filho mais velho* , maior de todos ?
- 14) **Questão 14:** Como se denomina o filho mais novo de um casal? (Fillo máis novo)
- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *filho mais novo, caçula, menor* ?
- 15) **Questão 15:** Como se denomina o filho de mãe solteira? (Fillo de solteira)
- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *filho de puta* ?
- 16) **Questão 16:** Como se denomina o filho que a mãe tem quando está próxima à menopausa ou bem mais velha? (Fillo serôdio)
- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *serôdio, rapa de tacho, filho tardio* ?
- 17) **Questão 17:** Como se denomina o filho não registrado pelo pai ou que se tem fora do casamento? (Fillo ilexítimo)
- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *filho ilegítimo, filho de puta, filho de solteira* ?
- 18) **Questão 18:** Como se denomina o filho do pai ou da mãe, normalmente fruto de um casamento ou de um relacionamento anterior ao atual? (Fillastro)
- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
 - b) Você já ouviu falar em: *enteado, filho de criação* ?

- 19) **Questão 19:** Como se denomina a pessoa de menor idade que os seus pais faleceram?
Ou só o pai, ou só a mãe faleceu. (Orfo)
- Você conhece outra forma para nomear isso?
 - Você já ouviu falar em: *desamparado. Filho sem pai e sem mãe, sem pais* ?
- 20) **Questão 20:** Em relação aos filhos, Como se denomina a filha dos mesmos pais que tem mais filhos ou é só filha do mesmo pai ou da mesma mãe? (Irmá)
- Você conhece outra forma para nomear isso?
 - Você já ouviu falar em: *mana, maninha, hermana* ?
- 21) **Questão 21:** Em relação aos filhos, Como se denomina o filho dos mesmos pais que tem mais filhos, ou é só filho do mesmo pai ou da mesma mãe? (Irmán)
- Você conhece outra forma para nomear isso?
 - Você já ouviu falar em: *mano, maninho, hermano?*
- 22) **Questão 22:** Como se denomina uma menina que possui somente o mesmo pai ou a mesma mãe que outra pessoa? (Media irmá)
- Você conhece outra forma para nomear isso?
 - Você já ouviu falar em: *meia irmã, ?*
- 23) **Questão 23:** Como se denomina um menino que possui somente o mesmo pai ou a mesma mãe que outra pessoa? (Medio irmán)
- Você conhece outra forma para nomear isso?
 - Você já ouviu falar em: *meio irmão ?*
- 24) **Questão 24:** Como você denomina o pai de um bisavô ou de uma bisavó? (Tataravô)
- Você conhece outra forma para nomear isso?
 - Você já ouviu falar em: *tretavô ?*
- 25) **Questão 25:** Como você denomina o pai de qualquer um pai ou mãe? (avô) formas afetivas.
- Você conhece outra forma para nomear isso?
 - Você já ouviu falar em: *vozinho, vovô, voinho* ?
- 26) **Questão 26:** Como você chama qualquer irmão de um avô? (Tio avô)
- Você conhece outra forma para nomear isso?
 - Você já ouviu falar em: *tio-avô, titio, tio segundo?*
- 27) **Questão 27:** Em relação aos avós, Como se denomina o filho do seu filho ou da sua filha? (Neto)
- Você conhece outra forma para nomear isso?
 - Você já ouviu falar em: *?*
- 28) **Questão 28:** Como você chama o irmão do pai ou da mãe de uma pessoa? (Tio)
- Você conhece outra forma para nomear isso?
 - Você já ouviu falar em: *titio?*

29) **Questão 29:** Como você chama o primo dos pais de uma pessoa? (Tio segundo)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em: *tio segundo, titio* ?

30) **Questão 30:** Como você chama o filho de um irmão ou de uma irmã? (Sobrinho)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em: ?

31) **Questão 31:** Como você chama a filha de seu irmão ou de sua irmã? (Sobrinha)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em: ?

32) **Questão 32:** Como você chama os filhos de um tio ou de uma tia, que são irmãos de seu pai ou de sua mãe? (Curmán)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em: *primo, primo carnal, curmán* ?

33) **Questão 33:** Como você denomina os filhos dos primos de um pai ou de uma mãe? Também se aplica aos filhos dos tios e tias da mãe ou do pai. (Primo segundo)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em: *primo segundo, primo* ?

34) **Questão 34:** Como você denomina a mulher que se casou com seu filho? (Nora)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em: ?

35) **Questão 35:** Como você denomina o homem que se casou com sua filha? (Xenro)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em: ?

36) **Questão 36:** Como você denomina o pai e a mãe de uma esposa/o? (Sogro/sogra)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em: ?

37) **Questão 37:** Como você denomina os pais da pessoa que foi batizada na igreja católica? (Compadre/ Comadre)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em: ?

38) **Questão 38:** Como você denomina a mulher que na religião católica, batiza alguém? (Madrinha)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em:

39) **Questão 39:** Como você denomina o homem, na religião católica, que batiza alguém? (Padrinho)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em:

40) **Questão 40:** Como uma madrinha e um padrinho denominam a pessoa que foi batizada por eles? (Afillado)

- a) Você conhece outra forma para nomear isso?
- b) Você já ouviu falar em: ?

2: A vida em sociedade (questão 41 a 72) (31 questões)

2.1 Relacionamento (questão 41 a 56 = 16 questões)

1) **Questão 41:** Como você denomina o homem e a mulher que namoram, usam aliança na mão direita e têm a intenção de se casarem? (Noivo, noiva)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: ?

2) **Questão 42:** Como você denomina a mulher que mantém relações fora do casamento ou com alguém diferente de seu parceiro/a? (querida)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *querida, amante* ?

3) **Questão 43:** Como você denomina o homem que mantém relações fora do casamento ou com alguém diferente de sua parceira? (querido)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *querido, amante, mancebo* ?

4) **Questão 44:** Como você denomina a fase que se dá no início de envolvimento amoroso entre duas pessoas? (Cortexar)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *cortejar, namorar* ?

5) **Questão 45:** Como você denomina a ação de uma pessoa que está sentindo muita paixão ou uma forte atração amorosa por outra pessoa? (Estar tolo por alguém)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *louco por alguém; cego por alguém* ?

6) **Questão 46:** Como você denomina a ação quando uma pessoa tenta conseguir o amor de outra pessoa falando diretamente com ela e se interessando por ela? (Mocear)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *mocear, enamorar* ?

- 7) **Questão 47:** Como você denomina a pessoa do sexo feminino que gosta muito ajudar as pessoas a se tornarem namorados ou casados? (Casamenteira)
 Você conhece outra forma para nomear isso?
 Você já ouviu falar em: *casamenteira, Alcoviteira, leva e traz* ?
- 8) **Questão 48:** Como você denomina o conjunto de roupas e complementos necessários que os noivos organizam quando se casam? (Enxoval)
 Você conhece outra forma para nomear isso?
 Você já ouviu falar em: *equipo, enxoval, jogo de roupa?*
- 9) **Questão 49:** Como você denomina o conjunto de bens ou dinheiro que, ao casar a família da mulher oferece para o casal? (Dote)
 Você conhece outra forma para nomear isso?
 Você já ouviu falar em: *dinheiro, herança* ?
- 10) **Questão 50:** Para o casamento **nos ritos católicos**, Como se denomina a notificação pública que se faz na igreja sobre as pessoas que querem se casar? (Amoestaciós)
 Você conhece outra forma para nomear isso?
 Você já ouviu falar em: *amoestaciós, proclamas* ?
- 11) **Questão 51:** Como se denomina a cerimônia em que duas pessoas contraem matrimônio religioso? (Voda)
 Você conhece outra forma para nomear isso?
 Você já ouviu falar em: *voda, casamento* ?
- 12) **Questão 52:** Como se denomina um alimento feito à base de farinha, ovos, leite, açúcar, manteiga e fermento, geralmente arredondado, assado ao forno e que é comum servir aos convidados em festa de casamento? (Regueifa)
 Você conhece outra forma para nomear isso?
 Você já ouviu falar em: *regueifa, bolo* ?
- 13) **Questão 53:** Como se denomina a ação de contrair matrimônio? (casar)
 Você conhece outra forma para nomear isso?
 Você já ouviu falar em: *casar-se* ?
- 14) **Questão 54:** Como é denominado quando duas pessoas moram e convivem juntas como marido e esposa e não oficializaram a união? (Viver amigos)
 Você conhece outra forma para nomear isso?
 Você já ouviu falar em: *viver amigos, amancebados* ?
- 15) **Questão 55:** Como se denomina o conjunto de roupas e objetos necessários que são preparados para a chegada de bebês? (Equipo do neno.)
 Você conhece outra forma para nomear isso?
 Você já ouviu falar em: *equipo do neno, ?*
- 16) **Questão 56:** O que parentes e amigos costumam fazer depois que uma mulher parida vai para sua casa? (Regalo para as paridas)
 Você conhece outra forma para nomear isso?
 Você já ouviu falar em: *regalo, presente, visita?*

2.2 Pessoas e ações (questão 57 a 71 = 15 questões)

1) **Questão 57:** Como se denomina um conjunto de homens e mulheres? (Persoa)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *gente* ?

2) **Questão 58:** Como se denomina a pessoa que mora próxima a sua casa? (Veciño)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *vizinho* ?

3) **Questão 59:** Como se denomina a pessoa que possui o mesmo nome que você tem?
(Persoa com mesmo nome)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *tocaio, xará* ?

4) **Questão 60:** Como é o nome que é dado a alguém a partir de um dos seus defeitos ou de uma de suas qualidades? (Alcume)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *alcume, alcunha, apodo, apelido* ?

5) **Questão 61:** Como é o nome que é dado a alguém que não tem muita comida e nem muitas posses? (Pobres)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *pobres*?

6) **Questão 62:** Como é o nome que é dado a alguém que pede comida para viver?
(Mendigo)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *mendigo, pobre, esmoleiro*?

7) **Questão 63:** Como se denomina o que é dado a alguém que não tem meios próprios para viver? (Esmola)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *esmola*?

8) **Questão 64:** Como se denomina a pessoa que possui muito dinheiro e muitos bens?
(Rico)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *rico*?

9) **Questão 65:** Como se denomina o ato de alguém pegar algo de outra pessoa que não é seu? (Roubo)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *roubo*?

10) **Questão 66:** Como se denomina a mulher que retira algo de outra pessoa sem a devida permissão? (Ladroa)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *ladroa, ladra, ladrona, larapia* ?

11) **Questão 67:** Como se denomina a pessoa do sexo masculino que retira algo de outra pessoa sem a devida permissão? (Ladrón)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *ladron, rato, larapio* ?

12) **Questão 68:** Como se denomina a ação de você desenvolver uma atividade que requer esforço com o objetivo de produzir algo ou de conseguir um resultado determinado. (Traballar)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *traballar*?

13) **Questão 69:** Quando o/a vizinho /a pede socorro, o que você faz? (Axudar, acudir, socorrer)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *socorre, atende, ajuda* ?

14) **Questão 70:** Como é uma expressão popular que diz que você não tem nenhuma quantidade de alguma coisa? (Non teño nin pisca.)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *Non teño nin pisca, não tenho nada*?

15) **Questão 71:** Como é uma expressão popular que diz que não se importa com o que dizem de você? (Non me importa un pito)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *Non me importa un pito, não me importa nada* ?

3: As ocupações e os ofícios (questão 72 a 122 = 51 questões)

1) **Questão 72:** Como se denomina a pessoa que é responsável de uma paróquia? (Cura)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *cura, sacerdote, padre* ?

2) **Questão 73:** Como se denomina a pessoa que não é padre, habitualmente um rapaz que ajuda o sacerdote nos ofícios religiosos? (Acólito)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *acólito, coroinha* ?

3) **Questão 74:** Como se denomina a pessoa adulta que limpa, abre e fecha a igreja e ajuda o sacerdote em suas tarefas? (sancristán)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *sacristão, diácono* ?

4) **Questão 75:** Como se denomina a pessoa do sexo feminino que segue a vida religiosa sem poder se casar? (Monxa)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *monja, freira*?

5) **Questão 76:** Como se denomina a pessoa do sexo masculino que segue a vida religiosa sem poder se casar? homem que pertence a uma ordem religiosa. (Frade)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *frade, padre*?

6) **Questão 77:** Como se denomina a pessoa que reúne e preside assembleias de moradores de um bairro, de um sindicato e que os representa em algumas ocasiões.? (Pedáneo)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *pedáneo, presidente de associação* ?

7) **Questão 78:** Como se denomina o oficial abaixo do capitão? (tenente)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *tenente*, ?

8) **Questão 79:** Como se denomina a pessoa que tem por ofício medir terras e fazer partilhas de herança?(Perito)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *perito, partidor* ?

9) **Questão 80:** Como se denomina a pessoa que ensina qualquer tipo de matéria no ensino fundamental, ensino médio ou ensino superior na escola? (mestre)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *mestre, professor* ?

10) **Questão 81:** Como se denomina a pessoa do sexo feminino que faz parto sem ter estudado para isso? (parteira)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *parteira, prática*?

11) **Questão 82:** Como se denomina a pessoa que estudou para tratar as pessoas doentes? (médico)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *médico, doutor* ?

12) **Questão 83:** Como se denomina a pessoa que se dedica a curar doenças de outros sem ser médico? (curandeiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *curandeiro, medicineiro* ?

13) **Questão 84:** Como se denomina a pessoa que cura doenças de animais sem ter estudado para isso? (Albeite)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *albeite, curandeiro* ?

14) **Questão 85:** Como se denomina a pessoa que capta animal? (capador)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *capador, castrador* ?

15) **Questão 86:** Como se denomina a pessoa que cuida de animais? (Pastor)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *pastor*?

16) **Questão 87:** Como se denomina a pessoa que cuida de cabras? (Cabreiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *cabreiro, pastor* ?

17) **Questão 88:** Como se denomina o cuidador de gado bovino? (vaqueiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *vaqueiro, pastor de vacas* ?

18) **Questão 89:** Como se denomina a pessoa que mata porcos em casa? (Matachin)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *matachin, matador, mataporcos* ?

19) **Questão 90:** Como se denomina a pessoa que comercializa, compra e vende gado? (tratante)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *tratante, atravessador*?

20) **Questão 91:** Como se denomina a pessoa que comanda um grupo de pessoas para colher frutas, maracujá, mamão, banana? (maioral)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *maioral, encarregado, capataz*?

21) **Questão 92:** Como se denomina a pessoa que comanda um grupo de trabalhadores numa fazenda? (capataz)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *capataz, chefe* ?

22) **Questão 93:** Como se denomina a pessoa do sexo masculino que trabalha em distintos trabalhos e ganha o dia trabalhado? (xornaleiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *xornaleiro, obreiro, diarista* ?

23) **Questão 94:** Como se denomina a pessoa que trabalha na lavoura? (labrador)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *labrador, agricultor* ?

24) **Questão 95:** Como se denomina a pessoa que não tem gado nem terra e ganha a vida trabalhando para os outros? (Caseteiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *caseteiro, caseiro*?

25) **Questão 96:** Como se denomina a pessoa que trabalha de forma manual ou mecânica em troca de um salário? (Obreiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *obreiro, operário*?

26) **Questão 97:** Como se denomina a pessoa que na construção civil realiza trabalhos não especializados? (peón)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *pião, servente, ajudante* ?

27) **Questão 98:** Como se denomina a pessoa que trabalha em construção de edifícios, casas, em qualquer obra em que se usam pedras, ladrilhos, cimento? (Albanel)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *albanel, pedreiro*?

28) **Questão 99:** Como se denomina a pessoa que trabalha com madeira tanto na construção como na fabricação de móveis? (Carpinteiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *carpinteiro, marceneiro* ?

29) **Questão 100:** Como se denomina a pessoa não especializada que faz reparos diversos, nem sempre de boa qualidade? (Chapuceiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *chapuceiro, remendão, armengueiro* ?

30) **Questão 101:** Como se denomina a mulher que se dedica a fiar? (fiadeira)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *fiadeira* ?

31) **Questão 102:** Como se denomina a pessoa que tece ou faz peças de roupas tecidas? (tecedeira)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *tecedeira, tecelã* ?

32) **Questão 103:** Como se denomina a pessoa do sexo feminino que faz ou conserta roupas? (costureira)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *costureira, modista* ?

33) **Questão 104:** Como se denomina a pessoa do sexo masculino que faz roupa para homens?
(xastre)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *xastre, alfaiate* ?

34) **Questão 105:** Como se denomina a pessoa faz ou conserta sapatos? (zapateiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *sapateiro*?

35) **Questão 106:** Como se denomina a pessoa que percorre feiras, festas vendendo ou oferecendo diversões ambulantes, mas que engana os outros com uma aparência humilde para obter benefícios? (Moinante)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *moinante, ambulante* ?

36) **Questão 107:** Como se denomina a pessoa que faz e vende cestos ou cestas, objetos feitos com o mesmo material, como por exemplo palha de buriti, capim dourado etc. (Cesteiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *cesteiro* ?

37) **Questão 108:** Como se denomina a pessoa que faz telhas? (telleiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *telheiro, oleiro*?

38) **Questão 109:** Como se denomina a pessoa que trabalha consertando sombrinhas, guarda-chuva e amolando facas e tesouras? (Paragueiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *paragueiro, ?*

39) **Questão 110:** Como se denomina aquela pessoa que faz ou conserta utensílios de lata?
(Latoeiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *latoeiro, lateiro*?

40) **Questão 111:** Como se denomina a pessoa que, de maneira ambulante, conserta panela, balde e bacia de metal? (Cerralleiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *cerralleiro, ferreiro* ?

41) **Questão 112:** Como se denomina a pessoa que trabalha fazendo transporte de cargas para outras pessoas? (Carreteiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *carreteiro* ?

42) **Questão 113:** Como se denomina a pessoa que compra e vende coisas de pouco valor e especialmente de metal? (Quincalleiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *quincalleiro, ?*

43) **Questão 114:** Como se denomina a pessoa que toca gaita? (gaiteiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *gaiteiro* ?

44) **Questão 115:** Como se denomina a pessoa que trabalha com ferro e outros metais?

(Ferreiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *ferreiro* ?

45) **Questão 116:** Como se denomina a pessoa que ferra animais? (ferrador)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *ferrador*?

46) **Questão 117:** Como se denomina a pessoa que corta a lenha? (Leñador)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *lenhador, cortador*?

47) **Questão 118:** Como se denomina a pessoa que faz selas de cavalo ou outros objetos de couro? (Albardeiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *albardeiro, seleiro*?

48) **Questão 119:** Como se denomina a pessoa que faz barril de madeira para se guardar por exemplo cachaça? (toneleiro)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *toneleiro, carpinteiro* ?

49) **Questão 120:** Como se denomina a pessoa que amola instrumentos que cortam? (afiador)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *afiador, amolador* ?

50) **Questão 121:** Como se denomina a pessoa que pesca por prazer? (pescador)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *pescador, ?*

51) **Questão 122:** Como se denomina a pessoa que sai a procura de animais à noite ou de dia por prazer ou para a sobrevivência? (cazador)

Você conhece outra forma para nomear isso?

Você já ouviu falar em: *caçador* ?

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA		
26. Características psicológicas do informante: A. () tímido B. () vivo C. () perspicaz D. () sarcástico		
27. Espontaneidade da Elocução: A. () total B. () grande C. () média D. () fraca		
28. Postura do informante durante o inquérito: A. () cooperativa B. () não cooperativa C. () agressiva D. () indiferente		
29. Interferência ocasional de circunstâncias: A. () sim B. () não		
30. Caracterização sumária do(s) circunstante(s):		
31. Ambiente do inquérito:		
32. Observações:		
33. Nome dos inquiridores: INQ.: Aux 1: Aux 2:	34. Local da entrevista: Cidade:	35. Data da entrevista: 36: Duração da entrevista: